

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**FERNANDA MELLO DEMAI**

**Processos de terminologização:**  
descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo

São Paulo  
2014

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOLOGIA E LÍNGUA PORTUGUESA**

**FERNANDA MELLO DEMAI**

**Processos de terminologização:**  
descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa.

Área de Concentração: Lexicologia e Terminologia do Português

**Orientadora: Profa. Dra. Ieda Maria Alves**

São Paulo  
2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

#### Catálogo-na-Publicação

Demai, Fernanda Mello

Processos de terminologização: descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo / Fernanda Mello Demai ; orientadora Ieda Maria Alves. - São Paulo, 2014.

417 f. , il .

Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas. Área de Concentração: Filologia e Língua Portuguesa, 2014.

1. Terminologia. 2. Neologia. 3. Educação do Campo. 4. Análise Conceitual. 5. Descrição Terminológica. I. Título. II. Alves, Ieda Maria.

Nome: DEMAI, Fernanda Mello

Título: **Processos de terminologização:** descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo.

Tese apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Doutora em Letras: Filologia e Língua Portuguesa.

**Aprovada em:** \_\_\_\_\_

### Banca Examinadora

<b>Prof.(a) Dr.(a)</b>	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
<b>Prof.(a) Dr.(a)</b>	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
<b>Prof.(a) Dr.(a)</b>	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
<b>Prof.(a) Dr.(a)</b>	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	
<b>Prof.(a) Dr.(a)</b>	
Instituição:	
Julgamento:	
Assinatura	

*Dedico este trabalho  
às minhas PROFESSORAS  
Ieda Maria Alves e  
Maria Aparecida Barbosa;  
à minha amiga-irmã, Renata Lanuez;  
ao meu noivo, Rogério Faria Martins e  
à minha avó, Josephina Silva de Mello (in memoriam).*

## AGRADECIMENTOS

### **Aos caros amigos, familiares e apoiadores**

*Muito especialmente, ao meu noivo, Rogério Faria Martins, que ficou comigo enquanto eu terminava o Mestrado e tentava ingressar no Doutorado, nestes 8 últimos anos, com todos meus projetos, pesquisas e assuntos malucos, tudo que uma mulher normal não deveria apresentar. Obrigada por me apoiar em todo o percurso de elaboração desta tese, pelas milhares de páginas impressas em SUA impressora, na sua casa, no seu estúdio. Obrigada por me levar (e me esperar) em todos os lugares que eu precisava ir para pesquisar, para estudar, para apresentar trabalho, para fazer contatos. Obrigada por aturar todas as minhas neuras em relação a 99,99% dos assuntos que existem sobre a face da Terra, minha "certa" mania de limpeza, mas também minha mania de acumular livros, papéis, calendários, canetas, sacos plásticos, produtos em geral, na SUA casa. Obrigada por aguentar minha obnubilação musical, minhas opiniões muito radicais e minhas atitudes, muitas vezes, exageradas e injustas. Desculpe por minha falta de paciência congênita e crônica e por achar que "só as minhas coisas são importantes". Esta fase do Doutorado foi uma das mais importantes da minha vida e, por boa sorte minha, você esteve e está ao meu lado. Tomara que esteja na defesa, pois, já que é maestro e músico, pode estar em show, mas daí eu vou ter que entender, não é? Depois de tudo que você passou. Obrigada mesmo. Você sabe da extrema importância que o estudo tem para mim e sempre me ajudou. Sei que não foi fácil seu lado, mas você tornou o MEU lado muito melhor.*

*Em especial aos Segatto-Lanuez, por me acolherem como filha nestes muitos anos.*

### *Alguns nomes*

Carolina Campos Penteado

Ecila Cianni Costa

Edvaneide Barbosa da Silva

Família Lanuez

Família Martins

Família Segatto

Família Silva

Família Sinckevicius

João Gilberto Mendes dos Reis

Renata Lanuez

Luiz Carlos Lanuez

Sonia Maria Segatto Lanuez

José Carlos Mendes Manzano - SENAI

Mário Biral – SENAR

Zildinete Silva - ANCA

Prof. Odimar João Peripolli – Universidade do Estado de Mato Grosso

Meus primos - Salvador, Rose, Rodrigo, Camila, Maria do Carmo, Janete, Yolanda, todos os primos, os filhos dos primos e os netos dos primos.

Meus sobrinhos "Martins"- Caio, Carolina, Gabriela, Natália, Pedro, Rafael, Rodrigo

Minha avó - Josephina Silva de Mello (*in memoriam*)

Minhas tias Elvira (*in memoriam*), Dalva e Tereza e meu tio Paulo.

Minhas amigas Leda, Edna - Rosália e Jane.

**Aos caros colegas e amigos do Centro Paula Souza  
Administração Central, Etecs e Fatecs**

*Em especial ao Prof. Almério Melquíades de Araújo, Coordenador do Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza, pelo incentivo e apoio quanto ao trabalho e aos estudos, por mostrar que o Currículo é realmente o Caminho e por me dar aulas de Física, 20 anos atrás, na Escola Técnica Estadual Prof. Camargo Aranha, na turma M do curso Técnico em Processamento de Dados (eu me lembro, mesmo tendo preferido as Letras posteriormente).*

*À minha amiga Renata Lanuez agradeço, dentre todo seu apoio, tanto na vida pessoal como na vida profissional, acadêmica, sentimental, psicológica, social, incluindo a elaboração do banco de dados terminológicos desta tese, corrigindo todos os meus muitos erros informáticos e meus milhões de linhas de dados, todos terrivelmente desformatados. Em uma pesquisa de terminológica, essa organização de dados é determinante. Agradeço a paciência em meus momentos de estresse, de fadiga, de "tempestades em copo d' água", de perguntas sem respostas, de respostas sem perguntas, obrigada por me ouvir, mesmo eu não falando "coisa com coisa" nos momentos mais críticos da elaboração da pesquisa. Obrigada por me ensinar a fazer gráficos, mas os seus são melhores. Eu tentei. Obrigada também por compartilhar seus conhecimentos pedagógicos, provindos de sua mais nova graduação.*

*Em especial também a todos os colegas professores e funcionários administrativos do Grupo de Formulação e Análises Curriculares da Unidade de Ensino Médio e Técnico do Centro Paula Souza; agradeço especialmente ao amigo e colega Marcio Prata, por todas as infinitas dicas e auxílio em formatações, figuras, apresentações, downloads, uploads, e por "segurar a barra do setor" em muitas e muitas ocasiões, com eficiência e competência.*

*Também em especial às Profas. que muito me auxiliaram na escolha do tema desta pesquisa, que me forneceram materiais e ensinamentos sobre Educação do Campo: Maria Dalva Oliveira Soares, Eva Chow Belezia e Solange Tóla, além da minha amiga e pesquisadora Maria Lúcia Mendes de Carvalho, que adora ler e procurar coisas antigas e coisas novas, de buscar "até o fundo do poço" ou do "baú", uma informação que valha a pena.*

*Prof. Divanil Antunes Urbano, obrigada, mais uma vez, por me acompanhar por estradas de terra infundáveis, em seu carro até então branco e novo, para me auxiliar a conhecer "de verdade" uma escola no campo e me ajudar nesse registro fotográfico.*

*Profa. Esmeralda Macedo Serpa, agradeço também todo o empenho e auxílio em conseguir visitas técnicas que me "abriram as portas" para um estudo de campo realmente necessário para esta pesquisa.*

*Agradeço ao Ilustrador Prof. João Batista de Macedo Júnior a cessão da ilustração de epígrafe.*

*Alguns nomes - se houve algum esquecimento, peço desculpas...*

Adelaide Maria da Silva  
Adriano Paulo Sasaki  
Andréa Marquezini  
Antônio Luís Risso  
Aparecido de Souza da Cruz  
Arlene Iacovone  
Carolina Marielli Barreto  
Cecília Canalle Fornazieri  
Cristina Maria Casaes  
Divanil Antunes Urbano  
Doroti Quiomi Kanashiro Toyohara (*in memoriam*)  
Esmeralda Macedo Serpa  
Eva Chow Belezia  
Hebe Mary Varejão  
João Batista de Macedo Júnior  
Joyce Maria de Sylva Tavares Bartelega  
José Antônio Castro Bartelega  
Josiane Freire  
Judith RachmuthTerreiro  
Júlia Maria Falivene Roberto Alves  
Lucília dos Anjos Felgueiras Guerra  
Lucimeire Gonzaga  
Luís Carlos Zanirato Maia  
Marcio Prata  
Margarete dos Santos  
Maria Dalva Oliveira Soares  
Maria José Grando Rovai  
Maria Lúcia Mendes de Carvalho  
Marilda Simoni Britto  
Mariluci Alves Martino  
Marisa Aparecida de Souza  
Michel Garcia Will  
Noel João Mendes Cossa  
Oswaldo Camillo Giorgi  
Raquel Fabbri Ramos  
Renata Lanuez  
Rosana Mariano  
Sebastião Mário dos Santos  
Soely Faria Martins  
Solange Tóla  
Sonia Morandi (*in memoriam*)  
Tatiane Massucato Arias

**Aos caros colegas e amigos pós-graduandos, graduados e pós-graduados da Universidade de São Paulo**

*Em especial à Profa. Dra. Rosiane Cristina Gonçalves Braga e ao Prof. Bruno Oliveira Maroneze, por me apoiarem, incentivarem, fornecerem materiais, conselhos e perspectivas no difícil percurso da pós-graduação e nos percalços da transição entre graduação, mestrado e doutorado, perfazendo 15 anos.*

*O mais precioso é o modelo - e vocês me deram um.*

*Alguns nomes*

Albelita Lourdes Monteiro Cardoso  
Alessandra Martins Antunes  
Benilde Socreppa Schultz  
Carlos José Carota  
Conceição Aparecida Barbosa  
Danilo Tovo Ortigoso  
Fábio Rogério Nepomuceno  
Ivan Martucci Forneron  
Lívia Rosa Rodrigues de Souza Barros  
Márcia Bronsert  
Vânia Calderoni Silva  
Vilma Soares  
Marcia Regina Pavoni de Oliveira  
Nilsa Aréan-Garcia  
Érica Freitas  
Bruno Oliveira Maroneze  
Ana Maria Ribeiro de Jesus  
Luciana Pissolato de Oliveira  
Eliane Simões Pereira Bulhões  
Cláudia Maria Astorino  
Huélinton Cassiano Riva  
Maritana Luiza Onzi  
Vanice Ribeiro Dias Latorre  
Marieta Prata de Lima Dias  
Jéssica Câmara Siqueira

**Aos meus caros alunos da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos e da Escola Técnica Estadual Maria Augusta Saraiva - todos - Ensino Médio e Cursos Técnicos - Edificações, Órteses e Próteses, Nutrição e Dietética, Serviços Jurídicos**

**Aos caros docentes da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo**

*Muito especialmente, Profa. Dra. Ieda Maria Alves, agradeço a "oportunidade da minha vida". Realmente foi e é.*

*Em especial às minhas orientadoras, não me canso de citar e de agradecer, do Mestrado, Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa e do Doutorado, Profa. Dra. Ieda Maria Alves.*

*Em especial também às Profas. Marli Quadros Leite e Mariângela de Araújo, que ministraram disciplinas de pós-graduação que cursei nesta etapa do Doutorado. Foram ensinamentos apreendidos de extrema valia para a consecução dos resultados.*

*Profa. Dra. Ieda Maria Alves, Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa e Profa. Dra. Mariângela de Araújo, agradeço imensamente a participação em minha banca de Qualificação de Doutorado. Os apontamentos foram importantíssimos e incorporados neste produto final.*

*Alguns nomes*

Prof. Dr. Francis Henrik Aubert  
Profª Drª Ieda Maria Alves  
Prof. Dr. João Adolfo Hansen  
Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa  
Prof. Dr. Cidmar Teodoro Pais (*in memoriam*)  
Profa. Dra. Mariângela de Araújo  
Profa. Dra. Marli Quadros Leite  
Prof. Dr. Mário Eduardo Viaro  
Profª Drª Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick  
Profª Drª Márcia Valéria Martinez de Aguiar  
Prof. Dr. Oswaldo Humberto Leonardi Ceschin

A todos os integrantes do Projeto TermNeo.

A todos os funcionários do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo e da Administração da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.

Aos proprietários do Bom Retiro Cópias, Fátima e Paulo.

e um agradecimento atemporal ao General Bonaparte e ao Comandante Guevara.



As verdadeiras conquistas, as únicas de que nunca nos arrependemos, são aquelas que fazemos contra a ignorância<sup>1</sup>.

**(Napoleão Bonaparte)**

---

<sup>1</sup> *Les réalisations réelles, celles que nous ne le regretterez pas, sont ceux que nous faisons contre l'ignorance.*  
[Discurso de Napoleão I aceitando a condição de membro do Instituto Nacional das Ciências e das Artes, 26 de dezembro de 1797.]



(Ilustração: JB Macedo)

## RESUMO

DEMAI, Fernanda Mello. **Processos de terminologização:** descrição e análise da neologia da área de Educação do Campo. 2014. 417 f. Tese (Doutorado em Letras: Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2014.

Nossa tese apresenta a aplicação de um modelo de análise conceitual e de descrição terminológica da área de Educação do Campo, com foco nos processos de neologia, sob uma abordagem lexicológico-terminológica. Educação do Campo é a expressão atribuída aos conceitos referentes ao ensino, à aprendizagem e à educação nas regiões rurais, notadamente as figurativizadas por movimentos sociais com objetivos libertários em relação à política e à cultura dominantes. Esses conceitos abrangem os princípios, a metodologia e os fins e ideais da Educação, bem como a organização da estrutura de ensino e seus atores sociais. Logo, estão profundamente marcados por uma ideologia e por uma contraideologia. Os termos refletem esses aspectos ideológicos. Nosso *corpus* de análise é de aproximadamente 700 termos. Além deste *corpus*, foram constituídos, para a pesquisa, outros cinco, que classificamos nos tipos: documental, referencial, de exclusão geral, de exclusão específico e parâmetro. O levantamento, a análise, a sistematização e a apresentação dos termos seguiram modelos da Lexicologia e da Terminologia (Teoria Comunicativa da Terminologia, Socioterminologia, Teoria Sociocognitiva da Terminologia, Sociossemiótica, Terminologia Técnico-Científica e Terminologia Aplicada), com o auxílio de ferramentas informatizadas. O estudo conceitual-terminológico foi organizado em categorias temáticas pertinentes à Educação do Campo. Nossa pesquisa também apresenta análises qualitativas e análises quantitativas de natureza morfossintática, semântica e pragmática dos termos do universo neológico, em abordagem sincrônica e em abordagem diacrônica, tendo em vista os processos de terminologização da área em estudo (ênfase no processo sintagmático). Objetivamos que a realização deste trabalho possa contribuir para o esclarecimento de alguns fundamentos das escolas do campo e dos assentamentos e dos acampamentos rurais instituídos a partir dos princípios e das práticas da luta pela reforma agrária no Brasil, bem como para a diminuição do preconceito social que há em nosso país em relação à temática. É nosso intuito também demonstrar algumas das relações entre Terminologia, História, Cultura e Sociedade.

**Palavras-chave:** Terminologia. Neologia. Educação do Campo. Análise Conceitual. Descrição Terminológica.

## ABSTRACT

DEMAI, Fernanda Mello. **Processes terminologization: description and analysis of Field Education Neology**. 2014. 417 f. Thesis (Doctorate in Humanities: Philology and Portuguese) - Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences, University of São Paulo, 2014.

Our thesis presents the application of a model of conceptual analysis and terminological description of Field Education area, with a focus on neology processes under a lexical-terminological approach. Field Education is the term given to concepts related to teaching, learning and education in rural areas, especially the figurative social movements with libertarian goals in relation to politics and the dominant culture. These concepts encompass the principles, methodology and the aims and ideals of Education, as well as the organization of educational structure and its social actors. So, they are deeply marked by an ideology and a contrary ideology. The terms reflect these ideological aspects. Our analysis corpus is approximately 700 terms. Besides, this corpus we have organized to research, another five corpus, we classify as: documents, references, general exclusion, specific exclusion and parameter. The survey, analysis, systematization and presentation of terms followed models of Lexicology and Terminology (Terminology Communicative Theory, Socioterminology, Terminology Socio-cognitive Theory, "Sociossemiotics", Scientific and Technical Terminology, Applied Terminology), with the aid of computerized tools. The terminological-conceptual study was organized into thematic categories relevant to the Field Education. Our research also presents qualitative and quantitative analyzes of either morphosyntactic, semantic and pragmatic from the universe neological terms, in synchronic and diachronic approaches, in view of the processes terminologization study area (emphasis on the syntagmatic process). We aim that this work will contribute to the clarification of some fundamentals of field schools and rural settlements and rural camps established on the basis of the principles and practices of the struggle for agrarian reform in Brazil, as well as to reduce the social prejudice that there is in our country in relation to the theme. We also aim to demonstrate some of the relationships between Terminology, History, Culture and Society.

**Keywords:** Terminology. Neology. Field Education. Conceptual Analysis. Terminological Description.

## RÉSUMÉ

DEMAI, Fernanda Mello. Processus de terminologisation: description et analyse de la néologie du domaine « Education des Campagnes ». 2014. 417 f. Thèse (Doctorat en Lettres: Philologie et Langue Portugaise) - Faculté de Philosophie, Lettres et Sciences Humaines, Université de São Paulo, 2014.

Notre thèse présente l'application d'un modèle d'analyse conceptuelle et de description terminologique du domaine « Education des Campagnes », centrée sur les processus de néologie à partir d'une approche lexico-terminologique. « Education des Campagnes » est une expression qui renvoie aux concepts d'enseignement, d'apprentissage et d'éducation dans les régions rurales, notamment dans celles où se développent des mouvements sociaux ayant pour objectif de se libérer de la politique et de la culture dominantes. Ces concepts comprennent les principes, la méthodologie, les finalités et les idéaux de l'Éducation aussi bien que l'organisation de la structure d'enseignement et ses acteurs sociaux. Ils sont ainsi profondément marqués par une idéologie et par une contre-idéologie. Les termes employés reflètent ces aspects idéologiques. Notre corpus regroupe près de 700 termes. Hormis ce corpus, pour les besoins de la recherche, cinq autres corpus ont été constitués. Ils ont été classés ainsi : documentaire, référentiel, d'exclusion générale, d'exclusion spécifique et paramètre. La collecte, l'analyse, la systématisation et la présentation des termes suivent les modèles de la Lexicologie et de la Terminologie (Théorie Communicative de la Terminologie, Socioterminologie, Théorie Sociocognitive de la Terminologie, Sociosémiotique, Terminologie Technico-Scientifique et Terminologie Appliquée), et font appel aux outils informatiques. L'étude conceptuelle-terminologique est organisée selon des catégories thématiques appropriées à l'Éducation des Campagnes. Notre recherche analyse également sous l'angle morphosyntaxique, sémantique et pragmatique les termes de l'univers néologique, dans une approche synchronique et diachronique, considérant les processus de terminologisation du domaine étudié (mis en relief du processus syntagmatique). Notre objectif est de contribuer à éclairer les fondements des écoles des campagnes, des écoles des occupations et des campements des paysans sans terre, institués à partir des principes et des pratiques de lutte pour la réforme agraire au Brésil et d'aider à réduire le préjugé social qui règne sur ce thème dans notre pays. Nous voulons également montrer quelques-unes des relations qui peuvent s'établir entre Terminologie, Histoire, Culture et Société.

**Mots-clé:** Terminologie. Néologie. Education des Campagnes. Analyse Conceptuelle. Description Terminologique.

## NOTAS INTRODUTÓRIAS

1.
  - a. As *Listas de Ilustrações* compreendem: 1. *Lista de figuras*; 2. *Lista de Gráficos*; 3. *Lista de Mapas Conceituais - Corpus de Análise - termos preferenciais*.
  - b. A prioridade para a organização das listas foi dada à demonstração do percurso epistemológico da pesquisa, com o agrupamento de ilustrações afins e o destaque para ilustrações mais relevantes e mais numerosas, como os mapas conceituais do *corpus* de análise - termos preferenciais - (2) - e os gráficos (3). Não elaboramos listas específicas para os demais subtipos de ilustrações (quadros, submapas, fichas, planilhas, visualizações de telas de computador) e sim os agrupamos na categoria generalizante 'Figuras', a fim de não sobrecarregar graficamente a tese.
  - c. As fotografias constam dos apêndices e dos anexos.
  - d. Todas as ilustrações de autoria própria são inéditas. São indicadas a fonte (a autora) e o ano de sua criação, 2010, 2011, 2012, 2013 para que os consulentes tenham condições de refazer o percurso metodológico.
2. Os itens da *Lista de siglas, acrônimos e formas abreviadas* estão organizados alfabeticamente e compreendem: expressões metalinguísticas canônicas (áreas da Lexicografia, da Lexicologia e da Linguística), termos dos *corpora* apresentados em forma siglada, acronímica ou abreviada, termos que representam conhecimento enciclopédico, códigos criados para as fichas de fontes desta pesquisa.
3.
  - a. Nesta tese é utilizada, predominantemente, a primeira pessoa da plural, como escolha linguística e estilística.
  - b. A escolha pelas formas do masculino genérico deve-se ao nosso intuito de preservar a fluidez da leitura e evitar a sobrecarga gráfica, não obstante o fato de sermos favoráveis a uma linguagem inclusiva, que contemple tanto o gênero feminino como o masculino.
4.
  - a. As *Referências* foram organizadas sistematicamente, ao final da tese, em categorias, a fim de que a separação por assunto possa facilitar a leitura e a consulta. São as categorias: 1. *Ciências da Linguagem e do Léxico e Língua Portuguesa*; 2. *Dicionários de língua geral*; 3. *Programas de computador*; 4. *Educação do Campo, Educação Geral e legislação*; 5. *Páginas da Internet*; 6. *Ciências Sociais e Políticas e Filosofia*; 7. *Metodologia e Normas Técnicas*.
  - b. Algumas referências aparecem com duas datas (ano), nos casos em que foram utilizadas edições muito posteriores à original. Utilizamos parênteses para a data da edição mais atual e colchetes para a data da primeira edição ou da edição mais antiga encontrada, como em (FREIRE, 2009 [1996]) ou em (SAUSSURE, 1969 [1916]).
  - c. Muitas obras foram consultadas e estudadas, além das que constam das *Referências* e das Amostras dos *Corpora*.
  - d. Da listagem final de *Referências*, só constam obras citadas.
  - e. As obras dos *Corpora* só constam das *Referências* se citadas no corpo da tese; para a listagem dos *corpora*, vide capítulo 4.
  - f. Por motivos de economia de espaço, foram utilizadas amostragens para a demonstração do tratamento dos *corpora* e da coleta/ extração de termos. Pelos mesmos motivos, não elencamos a "Bibliografia Consultada" nem "Sugestões de Leitura".

## LISTAS DE ILUSTRAÇÕES

### LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Representação da área de conhecimento - Educação do Campo. Fonte: a autora, 2011.....	33
Figura 2 – Árvore conceitual da Educação do Campo – Categorias temáticas. Fonte: a autora, 2011.....	34
Figura 3 - Octógono semiótico - Educação Rural e Educação do Campo na sociedade brasileira - contrários e contraditórios. Fonte: a autora, 2013.....	55
Figura 4 – Correlação entre os eixos metodológicos e as etapas de uma pesquisa de análise conceitual e de descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico. Fonte: a autora, 2011.....	90
Figura 5 – Modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico. Fonte: a autora, 2011.....	91
Figura 6 – Legenda do modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico – os eixos metodológicos. Fonte: a autora, 2011.....	92
Figura 7 – Mapa conceitual – metodologia de análise conceitual e de descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico. Fonte: a autora, 2011.....	94
Figura 8 – Ficha de fontes – <i>corpus</i> de partida ou parâmetro (amostragem). Fonte: a autora, 2010.....	113
Figura 9 – Ficha de fontes – <i>corpus</i> documental (2000 a 2010). Fonte: a autora, 2010.....	117
Figura 10 - Ficha de fontes – <i>corpus</i> referencial. Fonte: a autora, 2010.....	120
Figura 11 – Ficha de fontes – <i>corpus</i> de exclusão específico (1990-1999). Fonte: a autora, 2010.....	123
Figura 12 – Tela do Cmap Tools. Fonte: a autora, 2010, com base na visualização do programa Cmap Tools – IHMC – Knowledge Modeling Kit Version 5.04.....	130
Figura 13 – Mapa conceitual esquemático da Educação do Campo: as categorias temáticas. Fonte: a autora, 2010.....	131
Figura 14 – Submapa: Princípios da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2010.....	132
Figura 15 – Submapa: Metodologia da Educação do Campo. Fonte: autora, 2010.....	133
Figura 16 – Submapa: Organização estrutural da Educação do Campo. Fonte: autora, 2010.....	134

Figura 17 – Submapa: Atores sociais da Educação do Campo. Fonte: autora, 2010.....	136
Figura 18 – Submapa: Fins e ideais da Educação do Campo. Fonte: autora, 2010.....	137
Figura 19 – Mapa circular da Educação do Campo e suas relações entre as categorias temáticas. Fonte: autora, 2010.....	138
Figura 20 – Demonstração da metodologia dos mapas conceituais hierárquicos. Fonte: autora, 2011.....	146
Figura 21 – Demonstração da metodologia dos mapas conceituais relacionais. Fonte: autora, 2011.....	147
Figura 22 - Correlação entre as categorias temáticas e as classes conceituais nos mapas da área de Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	165
Figura 23 – Tela inicial do WordSmith Tools. Fonte: a autora, 2011, com base na visualização do programa.....	172
Figura 24 – WordList – Amostra da análise lexical do <i>corpus</i> da Educação do Campo. Fonte: autora, 2011.....	175
Figura 25 - KeyWords – Amostra da análise lexical do <i>corpus</i> da Educação do Campo. Fonte: autora, 2011.....	179
Figura 26 - Concord – Amostra da análise lexical do <i>corpus</i> da Educação do Campo. Fonte: autora, 2011.....	182
Figura 27 – A ficha de fontes individual. Fonte: autora, 2010.....	197
Figura 28 – Ficha de validação de termos – amostra. Fonte: autora, 2010.....	198
Figura 29 – Ficha terminológica institucional 1: CPS – Centro Paula Souza. Fonte: a autora, 2010.....	199
Figura 30 – Ficha terminológica institucional 2: MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Fonte: autora, 2010.....	200
Figura 31 – Ficha terminológica institucional 3: Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural. Fonte: autora, 2010.....	201
Figura 32 – Planilha unificada 1 – análise morfosintática e temática (categorias temáticas, categorias gramaticais e tipos de composição morfosintática). Fonte: autora, 2010.....	204
Figura 33 – Planilha unificada 2 – tipologia dos neologismos (processo principal, processo complementar, tipos e subtipos). Fonte: autora, 2011.....	206

Figura 34 - Planilha unificada 3 – análise quantitativa e qualitativa (número de ocorrências e classificação em termos preferenciais, sinônimos e quase-sinônimos, antônimos e variantes). Fonte: autora, 2011.....	208
Figura 35 – Subtipos da combinatória dos neologismos morfossintagmáticos e semânticos (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	223
Figura 36 – Subtipos da combinatória dos neologismos morfossintagmáticos, semânticos e empréstimo interno (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	224
Figura 37 – Subtipos da combinatória dos neologismos morfossintagmáticos e empréstimo interno (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	225
Figura 38 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	230
Figura 39 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	234
Figura 40 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	237
Figura 41 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo + adjetivo. Fonte: autora, 2011.....	239
Figura 42 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo. Fonte: autora, 2011.....	240
Figura 43 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + sigla. Fonte: autora, 2011.....	242
Figura 44 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla. Fonte: autora, 2011.....	243
Figura 45 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + sigla (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	244
Figura 46 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + adjetivo. Fonte: autora, 2011.....	245
Figura 47 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	246
Figura 48 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo (amostragem). Fonte: autora, 2011.....	248
Figura 49: Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas.	

Categoria temática 1 - Princípios da Educação do Campo (amostragem). Fonte: a autora, 2013.....	284
Figura 50: Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática 2 - Metodologia da Educação do Campo (amostragem). Fonte: a autora, 2013.....	293
Figura 51: Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática 3 - Organização estrutural da Educação do Campo (amostragem). Fonte: a autora, 2013.....	301
Figura 52: Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática 4 - Atores sociais da Educação do Campo (amostragem). Fonte: a autora, 2013.....	311
Figura 53: Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática 5 - Fins e ideais da Educação do Campo (amostragem). Fonte: a autora, 2013.....	322
Figura 54 – Níveis de atualização, unidades-padrão e tipologia de obras dicionarísticas. Fonte: Barbosa, 1995.....	336
Figura 55 – Isolamentos morfossintagmáticos recorrentes na terminologia da Educação do Campo – distribuição de ocorrências. Fonte: autora, 2011.....	339
Figura 56 – Isolamentos morfossintagmáticos recorrentes com sentidos metafóricos ou metonímicos. Fonte: autora, 2011.....	353
Figura 57 – Resultados e graus de dificuldade/execução de passos de uma pesquisa de análise conceitual e de descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico. Fonte: autora, 2013.....	384

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Percentuais: a classificação do <i>corpus</i> da Educação do Campo em categorias temáticas. Fonte: a autora, 2011.....	211
Gráfico 2 - Distribuição entre os tipos de neologia: fonológica/ gráfica, morfossintática/ sintagmática, semântica e por empréstimo - como processo principal e isolado. Fonte: autora, 2011.....	219
Gráfico 3 - Combinações entre os tipos de neologia: 1. fonológica/ gráfica, 2. morfossintática/ sintagmática, 3. semântica e 4. por empréstimo - como processo principal, em combinatória. Fonte: autora, 2011.....	222
Gráfico 4 - Estrutura morfossintática das formas mais representativas (que possuem mais de 15 ocorrências)/ Total de termos: 670. Fonte: a autora, 2011.....	229
Gráfico 5 - Termos simples, compostos, complexos e siglas/ acrônimos. Fonte: a autora, 2011.....	253
Gráfico 6 - Elementos recorrentes em composições sintagmáticas. Fonte: a autora, 2011.....	344
Gráfico 7 - Siglas e acrônimos em função de termo preferencial e em função de sinônimos. Fonte: a autora, 2011.....	349
Gráfico 8 - Distribuição entre siglas e acrônimos. Fonte: a autora, 2011.....	349
Gráfico 9- Termos excluídos – <i>Corpus</i> mais antigo – 20 anos - estruturas morfossintáticas mais representativas - (que possuem 5 ou mais ocorrências) – total – 216 termos. Fonte: a autora, 2011.....	365
Gráfico 10 - <i>Corpus</i> de estudo - neológico - Estrutura morfossintática das formas mais representativas (que possuem mais de 15 ocorrências). Total de termos: 670. Fonte: a autora, 2011.....	366
Gráfico 11 - Combinações entre os tipos de neologia: 2. morfossintática/ sintagmática, 3. semântica e 4. por empréstimo interno- como processo principal, em combinatória - <i>Corpus</i> de análise - 670 termos. Fonte: a autora, 2011.....	370
Gráfico 12 - Combinações entre os tipos de neologia: 2. morfossintática/ sintagmática, 3. semântica e 4. por empréstimo interno - como processo principal, em combinatória - <i>Corpus</i> excluído - 216 termos. Fonte: a autora, 2011.....	370

**LISTA DE MAPAS CONCEITUAIS - *CORPUS* DE ANÁLISE -  
TERMOS PREFERENCIAIS**

Mapa 1 - Princípios, conceptualização, cultura e símbolos da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	149
Mapa 2 - Direitos, historização, filosofias e trabalho na Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	150
Mapa 3 - Princípios, problemas, realidades e paradigmas da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	151
Mapa 4 - Ações, estratégias e materiais da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	152
Mapa 5 - Currículos, pedagogias, metodologias e propostas de ensino do campo. Fonte: a autora, 2012.....	153
Mapa 6 - Experiências, programas, projetos e sistemas de ensino do campo. Fonte: a autora, 2012.....	154
Mapa 7 - Estruturação física e cotidiano da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	155
Mapa 8 - Tipos e níveis de ensino e escolas do campo. Fonte: a autora, 2012.....	156
Mapa 9 - Eventos e encontros da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	157
Mapa 10 - Políticas, diretrizes, instituições, órgãos e programas da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	158
Mapa 11 - Lutas e movimentos sociais em prol da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	159
Mapa 12 - Alunos adultos, jovens e crianças da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.....	160
Mapa 13 - Coletividades da Educação do Campo: comunidades e famílias. Fonte: a autora, 2012.....	161
Mapa 14 - Liderança e militância, sujeitos e populações do campo: comunidades e famílias. Fonte: a autora, 2012.....	162
Mapa 15 - Fins, ideais e perspectivas da Educação do Campo: Educação e Desenvolvimento. Fonte: a autora, 2012.....	163

## LISTA DE SIGLAS, ACRÔNIMOS E FORMAS ABREVIADAS

### A

a.C. - antes de Cristo  
adj. - adjetivo  
adj. 2g. - adjetivo de 2 gêneros  
adv. - advérbio  
ANCA - Associação Nacional de Cooperação Agrícola  
ant. - antônimo  
art. - artigo  
ANX - anexo(s)  
AP - apêndice(s)

### B

BE - Boletim de Educação

### C

cap. - capítulo  
CDU - Classificação Decimal Universal  
CE - Caderno de Educação  
Ceeteps - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
CETEC - Coordenadoria de Ensino Técnico/ Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico  
CF - Caderno de Formação  
cf. - conferir/ conforme  
CFE - Coleção Fazendo Escola  
CFR - Casas Familiares Rurais  
Condraf - Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável  
CPS - Centro Paula Souza  
CS - composição sintagmática

### D

D. - documento  
d. C. - depois de Cristo  
DM - dissertação de mestrado

### E

EAF - escola agrotécnica federal  
EC - Educação do Campo  
EJA - Educação de Jovens e Adultos  
ENEFA - Encontro Nacional de Educadores do Ensino Fundamental  
ENEJA - Encontro Nacional de Educadores de Educação de Jovens e Adultos  
ENERA - Encontro Nacional de Educadores de Reforma Agrária  
EP<sup>1</sup> - Educação Profissional  
EP<sup>2</sup> - Educação Popular  
ETA - Escola Técnica Agrícola  
ETAE - Escola Técnica Agrícola Estadual  
ETE - Escola Técnica Estadual

## **F**

Feagri - Faculdade de Engenharia Agrícola - Unicamp

FFLCH - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas - USP

## **G**

GEAGRI - Grupo Executivo de Ensino Agrícola

GETEP - Grupo Especial de Trabalho do Ensino Profissionalizante

GPET - Grupo Permanente de Trabalho para a Educação do Campo

GT - Grupo de Trabalho

## **I**

ICA - Instituto de Cooperativismo e Associativismo

IHMC - Institute for Human and Machine Cognition

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária

interno - empréstimo interno

ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária

## **M**

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MDA - Ministério do Desenvolvimento Agrário

MEC - Ministério da Educação

MMC - Movimento das Mulheres Camponesas

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

## **P**

p. - página

PC - plano de curso

PDA - Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos

PEC - Programa de Educação Continuada

pej. - termo ou expressão pejorativa

PNERA - Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária

Pref. - preferencial (forma preferencial)

prep. - preposição

PROCERA - Programa Especial de Crédito para a Reforma Agrária

PROJOVEM - Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais

PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária

## **Q**

quase-sin. - quase-sinônimo

## **S**

s.f. - substantivo feminino

s.f. pl. - substantivo feminino plural

s.f. sing. - substantivo feminino singular

s.m. - substantivo masculino

s.m. pl. - substantivo masculino plural

s.m. sing. - substantivo masculino singular

Senar - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

Sin. – sinônimo

SM - Série Metodológica

SP - sintagma preposicionado  
ST - Sem Terra  
subs. - substantivo  
subs. 2g. - substantivo de 2 gêneros

## **T**

t. - texto  
TAC - curso Técnico em Administração de Cooperativas do MST  
TC - termo composto  
TCT - Teoria Comunicativa da Terminologia  
TCX - termo complexo  
TD - tese de doutorado  
TGT - Teoria Geral da Terminologia  
TS - termo simples  
TST - Teoria Sociocognitiva da Terminologia

## **U**

UDR - União Democrática Ruralista  
Unicamp - Universidade Estadual de Campinas  
USP - Universidade de São Paulo

## **V**

v. - verbo  
Var. variante

## SUMÁRIO

<b>1. PROLEGÔMENOS.....</b>	<b>29</b>
<b>1.1 Apresentação.....</b>	<b>30</b>
<b>1.2 Tema.....</b>	<b>33</b>
<b>1.3 Objeto de estudo: delimitação.....</b>	<b>33</b>
<b>1.4 O público-alvo: definição.....</b>	<b>34</b>
<b>1.5 Justificativa.....</b>	<b>35</b>
1.5.1 A demanda sociopolítica e cultural por pesquisas em Educação do Campo.....	35
1.5.2 A Educação do Campo e a neologia: aspectos da configuração de uma nova terminologia.....	43
<b>1.6 Objetivos.....</b>	<b>44</b>
<b>1.6.1 Objetivos de uma pesquisa terminológica temática.....</b>	<b>44</b>
1.6.2 Objetivos gerais.....	45
1.6.3 Objetivos específicos.....	45
1.6.4 A linha condutora da pesquisa: o que se quer provar?.....	46
<b>1.7 Estrutura da tese.....</b>	<b>47</b>
<b>2. A EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA.....</b>	<b>49</b>
<b>2.1 A área da Educação do Campo: principais conceitos, definições e aspectos de suas origens, ideologias, axiologias, setores de atuação, agentes e ações.....</b>	<b>50</b>
<b>3. FUNDAMENTAÇÃO, ESCOLHAS E PROPOSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS.....</b>	<b>59</b>
<b>3.1 A ciência Linguística: aspectos epistemológicos e históricos.....</b>	<b>60</b>
3.1.1 O estabelecimento histórico da ciência Linguística.....	60
3.1.2 Linguística e Filologia: aspectos de uma ruptura e de um reencontro pragmático e ideológico.....	66
<b>3.2 As ciências do léxico em função da comunicação profissional e cultural: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia.....</b>	<b>67</b>
<b>3.3 Questões de Neologia e de Terminologia: a tensão entre tradição, diversidade e renovação nas denominações técnico-científicas.....</b>	<b>71</b>
3.3.1 Aspectos históricos da Terminologia.....	71
3.3.2 Linguagens de especialidade <i>versus</i> língua geral: consequências teóricas e	

práticas para a Terminologia.....	71
3.3.3 Teoria Geral da Terminologia <i>versus</i> Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Teoria Sociocognitiva da Terminologia: aspectos epistemológicos e práticos.....	74
3.3.4 Algumas considerações sobre Terminologia, terminologização e neologia.....	74
3.3.4.1 A normalização em Terminologia.....	81
<b>3.4 Escolhas e proposições teórico-metodológicas: um modelo de análise conceitual e descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico.....</b>	<b>84</b>
<b>3.5 A Neologia e a Terminologia: tipologia e configuração de termos.....</b>	<b>95</b>
3.5.1 Neologismos terminológicos fonológicos e gráficos.....	95
3.5.2 Neologismos terminológicos semânticos.....	96
3.5.3 Neologismos terminológicos sintagmáticos.....	96
3.5.4 Neologismos terminológicos por empréstimo.....	96
<b>4. OS <i>CORPORA</i>: COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS TERMINOLÓGICOS.....</b>	<b>98</b>
<b>4.1 O <i>corpus</i> de partida ou <i>corpus</i> parâmetro.....</b>	<b>99</b>
<b>4.2 O <i>corpus</i> de exclusão.....</b>	<b>100</b>
4.2.1 O <i>corpus</i> de exclusão geral.....	100
4.2.2 O <i>corpus</i> de exclusão específico.....	101
<b>4.3 O <i>corpus</i> documental.....</b>	<b>103</b>
<b>4.4 O <i>corpus</i> referencial.....</b>	<b>107</b>
<b>4.5 O <i>corpus</i> de análise.....</b>	<b>109</b>
<b>4.6 A ficha de fontes relativa aos <i>corpora</i>.....</b>	<b>109</b>
<b>5. APLICAÇÃO DA METODOLOGIA: ETAPAS, PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE E DESCRIÇÃO.....</b>	<b>127</b>
<b>5.1 Identificação, seleção e apresentação de conceitos e termos: amplitude e abrangência da pesquisa.....</b>	<b>128</b>
5.1.1 O mapa conceitual relacional: metodologia, ferramenta informatizada e elaboração.....	128
5.1.2 O mapa conceitual esquemático.....	131
5.1.3 As categorias temáticas: definição, caracterização e representação em submapas	132
5.1.3.1 Princípios da Educação do Campo.....	132
5.1.3.2 Metodologia da Educação do Campo.....	133
5.1.3.3 Organização Estrutural da Educação do Campo.....	134

5.1.3.4 Atores Sociais da Educação do Campo.....	135
5.1.3.5 Fins e ideais da Educação do Campo.....	136
5.1.4 Os mapas conceituais expandidos por categorias temáticas.....	138
5.1.5 O mapa conceitual relacional e o mapa conceitual hierárquico: convergências e discrepâncias.....	145
5.1.6 Critérios e procedimentos de extração, de seleção e de inclusão de termos neológicos: tratamento qualitativo e tratamento quantitativo das unidades terminológicas.....	170
5.1.6.1 Ferramenta <i>WordList</i> .....	175
5.1.6.2 Ferramenta <i>KeyWords</i> .....	179
5.1.6.3 Ferramenta <i>Concord</i> .....	182
5.1.7 Critérios de seleção e de exclusão de termos e de textos do <i>corpus</i> de análise.....	188
5.1.8 Consultoria com especialistas da área: escolha final dos termos.....	189
5.1.9 Pesquisa comparativa para detecção de falhas e confirmação de resultados.....	190
5.1.9.1 O Dicionário da Educação do Campo de Caldart et al. (2012).....	191
5.1.9.2 O Estudo da produção de conhecimento referente à Educação e Movimentos Sociais do Campo de 1987 a 2007 - Souza (2010).....	195
<b>5.2 Organização dos termos.....</b>	<b>196</b>
5.2.1 As fichas terminológicas.....	196
5.2.2 Ficha terminológica individual.....	197
5.2.3 Ficha de validação de termos (entrevista com especialista e/ ou pesquisa bibliográfica).....	197
5.2.4 Fichas terminológicas institucionais: termos, número de ocorrências e localização no <i>corpus</i> .....	198
5.2.5 Ficha terminológica institucional 1: CPS - Centro Paula Souza.....	198
5.2.6 Ficha terminológica institucional 2: MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.....	200
5.2.7 Ficha terminológica institucional 3: Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.....	201
5.2.8 Ficha terminológica – <i>corpus</i> de análise final.....	203
5.2.9 Planilha unificada 1 - análise morfossintática e temática (categorias temáticas, categorias gramaticais e tipos de composição morfossintática).....	204
5.2.10 Planilha unificada 2 - tipologia de neologismos (processo principal, processo complementar - tipos e subtipos).....	206
5.2.11 Planilha unificada 3 – Análise quantitativa e qualitativa (número de ocorrências e classificação em termos preferenciais, sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes).....	208

<b>6. ANÁLISE DA NEOLOGIA E DE RELAÇÕES INTRALINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS QUE CARACTERIZAM A TERMINOLOGIZAÇÃO E OS TERMOS DA ÁREA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.....</b>	<b>210</b>
<b>6.1 Apresentação de resultados relativos a dados quantitativos, absolutos e percentuais das categorias temáticas.....</b>	<b>211</b>
<b>6.2 Descrição e análise da neologia.....</b>	<b>215</b>
6.2.1 Neologia como processo principal.....	215
6.2.2 Neologia como processo complementar.....	217
6.2.2.1 Neologismos fonológicos e gráficos.....	220
6.2.2.1.1 Neologismos fonológicos decorrentes de processos de siglação.....	220
6.2.3 Neologia em combinatória.....	221
6.2.3.1 Tensão entre língua falada e língua escrita: a neologia decorrente de alterações gráficas.....	226
6.2.4 Neologismos morfossintáticos/ sintagmáticos: a proposição da neologia morfossintagmática.....	228
6.2.4.1 Análise morfossintática das principais formações.....	229
6.2.4.1.1 Termos: simples, compostos, complexos e siglas.....	250
6.2.4.2 Derivação prefixal.....	255
6.2.4.3 Derivação sufixal.....	256
6.2.4.4 Composição propriamente dita e composição sintagmática.....	256
6.2.4.4.1 Funções dos termos sintagmáticos na terminologia da área de Educação do Campo.....	268
6.2.4.4.2 Tipologia dos termos sintagmáticos da área de Educação do Campo.....	272
6.2.4.4.3 Síntese e aplicação dos principais critérios de identificação do grau de lexicalização e da delimitação de termos sintagmáticos.....	281
6.2.4.5 Recorrência de elementos em posição final: isolamento morfossintagmático.....	328
6.2.4.6 Composição acronímica e siglação.....	345
6.2.4.7 Composição sintagmática e isolamento semântico.....	352
6.2.5 Motivação na terminologia da Educação do Campo:.....	356
6.2.6 Ideologia nas denominações da área de Educação do Campo – criação e transformação dos termos no eixo histórico.....	357
6.2.7 Processos de terminologização e relações com a neologia.....	359
6.2.8 Os subprocessos de desneologização: incorporação, aceitação e difusão de termos neológicos em uma perspectiva diacrônica.....	362
<b>7. A FIM DE CONCLUIR O CICLO.....</b>	<b>372</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>388</b>

## APÊNDICES

<b>APÊNDICE A - Proposta de redação de verbetes para uma futura obra terminográfica relativa à área de Educação do Campo.....</b>	<b>400</b>
<b>AP.A.1. Estruturação e organização do glossário.....</b>	<b>400</b>
AP.A.1.1 Macroestrutura.....	400
AP.A.1.2 Microestrutura: os paradigmas informacional, definicional, pragmático e relacional.....	400
AP.A.1.3 Amostra de um glossário de termos neológicos da área de Educação do Campo: apresentação de alguns verbetes.....	402
<b>APÊNDICE B - Comentário analítico de verbete do Dicionário da Educação do Campo de Caldart et al. (2012).....</b>	<b>406</b>
<b>APÊNDICE C - Fotografias - Escola Fazenda Ipanema - Iperó - SP. Créditos: Fernanda Mello Demai e Divanil Antunes Urbano.....</b>	<b>409</b>
Fotografia 1 - Entrada da escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013. Crédito: Fernanda Mello Demai.....	409
Fotografia 2 - A pesquisadora - Fernanda Mello Demai - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013. Crédito: Divanil Antunes Urbano.....	410
Fotografia 3 - Uma sala de aula - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013. Crédito: Fernanda Mello Demai.....	410
Fotografia 4 - Mural dos alunos - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013. Crédito: Fernanda Mello Demai.....	411
Fotografia 5 - Carteiras e cadernos dos Alunos. - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013. Crédito: Fernanda Mello Demai.....	411

## ANEXOS

<b>ANEXO 1 - Fotografias - Escolas do MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Fonte: MST.....</b>	<b>414</b>
Fotografias de escolas e estudantes de assentamentos e de acampamentos rurais pelo Brasil, extraídas do website do MST quando do início da pesquisa, o que corroborou o interesse pelo tema. ....	414
<b>ANEXO 2 - Entrega de escolas em assentamentos rurais em áreas indígenas - Mato Grosso. Fonte: Secretaria de Estado da Educação de Mato Grosso.....</b>	<b>416</b>
<b>ANEXO 3 - Imagens de escolas rurais na Amazônia. Fonte: Amazônia em dados.</b>	<b>416</b>

## 1. PROLEGÔMENOS

O acervo lexical de todas as línguas vivas se renova. Enquanto algumas palavras deixam de ser utilizadas e tornam-se arcaicas, uma grande quantidade de unidades léxicas é criada pelos falantes de uma comunidade linguística.

[...]

Sendo a língua um patrimônio de toda a comunidade linguística, a todos os membros dessa sociedade é facultado o direito de criatividade léxica.<sup>1</sup>

**(Ieda Maria Alves)**

---

<sup>1</sup> Neologismo: criação lexical. 2007, p. 5-6

Nesta seção introdutória, procurarei explicitar alguns aspectos de meu percurso acadêmico e profissional, bem como os objetivos, a linha condutora do tese (o que se quer provar) e a estrutura formal do trabalho.

Em relação aos eixos metodológicos estabelecidos para este trabalho (Ver capítulo 3), o presente capítulo enquadra-se no Eixo metodológico 1 - Metodologia geral - manipulação teórica (Passos: 1 - Proposição de justificativa e objetivos; 4 - Determinação do público-alvo e 22 - Replanejamento a qualquer momento) e no Eixo metodológico 2 - Metodologia específica (Passo: 2 - Escolha da área-tema).

## **1.1 Apresentação**

Sou Bacharel e Licenciada em Letras (Linguística e Português) pela Universidade de São Paulo. Em 2006, concluí o Mestrado em Linguística (Semiótica e Linguística Geral – Lexicologia, Terminologia, Terminografia), na mesma Universidade, sob orientação da Profa. Dra. Maria Aparecida Barbosa.

Iniciei meus estudos em nível de doutorado, na área de Filologia e Língua Portuguesa (Lexicologia, Terminologia, Neologia), em 2010, também pela Universidade de São Paulo, sob orientação da Profa. Dra. Ieda Maria Alves.

Sou pesquisadora e participo de publicações científicas pertinentes às áreas de: Linguística, Linguística Aplicada, Estudos da Língua Portuguesa e Educação Profissional e Tecnológica.

Tenho experiência profissional de mais de 17 anos na área de currículos específicos para os níveis de educação técnica e tecnológica (no Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza) e também em docência (área de Linguagens, Comunicação Especializada, Terminologia, Lexicologia).

Em suma, meu foco de trabalho é a produção científica aliada ao ensino de Terminologia e de Lexicologia.

Neste percurso profissional e acadêmico, conheci muitos especialistas, professores e alunos, das mais diversas áreas. Assim, pude ter acesso a várias questões sociais, as quais demandam soluções políticas, culturais, econômicas – e também intelectuais, acadêmicas e científicas.

Costumo buscar uma aplicabilidade social em meus trabalhos; assim foi com a dissertação de mestrado, que versou sobre a terminologia da área de Ortopedia Técnica, que visa à reabilitação física de pessoas com deficiência. Foi um desafio, pois precisei

desenvolver um conhecimento conceitual das áreas da Medicina – Fisiatria –, da Bioengenharia, da Biologia, da Anatomia Humana, da Reabilitação, da Inclusão de Pessoas com Deficiência, entre outras. Logicamente o terminólogo sempre passa por esses caminhos inovadores, pois cada área do saber tem suas especificidades, seus objetivos, seus conceitos – e seu conjunto de termos.

Minha experiência nessa pesquisa de Mestrado aguçou meu interesse em trabalhar de acordo com princípios socioterminológicos, com temas de alta relevância social e com a aceitação da diversidade e da variação.

Assim, me interessei pela área de Educação do Campo, também porque trabalho com Educação e com Educação Profissional e Tecnológica, que inclui Educação Rural, em certa medida, quando se trata de cursos técnicos e tecnológicos da área de Agropecuária – eixo tecnológico de Recursos Naturais.

A Educação do Campo constitui-se em um novo paradigma e busca atender a demandas sociais bem específicas, bem delimitadas e prementes. Há uma população do campo que busca marcar-se e construir-se – inclusive com sua terminologia –, a qual pode ser considerada neológica, tendo em vista que as denominações ou não estão dicionarizadas ou então trazem acepções equivocadas ou em desajuste com os ideais da Educação do Campo. Some-se a isso o fato de que a instituição mais representativa, que mais se evidencia da Educação do Campo no Brasil é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, o MST, de atuação polêmica – junto às autoridades, às forças, políticas, econômicas, policiais, até – e também à população em geral, que vê o mundo por meio das concepções da mídia brasileira.

A Educação do Campo é uma das iniciativas de um objetivo maior, que se constitui na concretização da reforma agrária no Brasil. Logo, está profundamente marcada por uma ideologia e por uma contraideologia. Os termos refletem esses aspectos ideológicos – assim, as relações entre Terminologia e Sociedade não podem e não devem ser renegadas pelo terminólogo.

Busquei orientação, com especialistas da área, acerca das bibliografias mais importantes. Visitei organizações, escolas, autoridades e fiz contato com teóricos da área. Li e analisei todo o *corpus* selecionado, para não cair em armadilhas terminológicas (imprecisão e erros conceituais e linguísticos).

Passei por dificuldades em distinguir os conceitos e respectivos termos da Educação do Campo e das antagônicas Educação Rural e Educação *no* Campo. De modo análogo, foi dificultoso selecionar as obras e as instituições que realmente atuam de acordo com os princípios da Educação do Campo. Precisei realizar uma análise intrainstitucional, pois

algumas instituições podem estar em transição entre os conceitos e práticas da Educação Rural e os da Educação do Campo. Foi necessário refazer leituras e análises, a fim de descrever os conceitos e os termos da área de forma mais precisa – e clara.

No corpo da tese, escrevi um capítulo que caracteriza e contextualiza a Educação do Campo, para situar melhor o leitor a respeito dessas discrepâncias, que se constituem em dificuldades terminológicas. Uma das dificuldades é justamente o constructo "do campo", visto que, no Brasil, o conceito "campo" foi importado da Europa e apropriado pelos atores sociais das zonas rurais, adquirindo significado eufórico em relação aos termos disfóricos "roça", "caipira" e, até mesmo, "rural". Alcançar um patamar cognitivo razoável acerca desses conceitos já foi um dos primeiros desafios desta pesquisa.

No percurso deste trabalho, a constituição e o significado dos termos me causaram surpresa e precisei replanejar meus objetivos iniciais. Especialmente as conceptualizações metafóricas e as metonímicas, bem como dos processos de sino-antonímia, mostraram-se inegáveis e muito relevantes para uma análise conceitual e para uma descrição terminológica da área da Educação do Campo, nosso intuito nesta tese.

Gostaria de ressaltar que toda escolha é marcada ideologicamente, mas esclareço que não tenho objetivos, nem condições formativas para fazer juízos de valor acerca das questões sociais depreensíveis deste estudo. Todas as análises conceituais, as justificativas por escolhas linguístico-terminológicas e as explicações extralinguísticas que se fizeram necessárias tiveram base na metalinguagem presente nos *corpora*, bem como nos depoimentos e nas indicações dos especialistas consultados.

O trabalho terminológico é rico por essa interdisciplinaridade e é recompensador, pois atuar – e aceitar - a diversidade é o que nos motiva e nos impulsiona a crescer intelectualmente.

Busco um percurso epistemológico, o qual impulsiona a pensar a respeito dos constructos teóricos e práticos das ciências e de suas aplicações, não sem um constrangimento em relação aos próprios postulados, que podem ser derrubados em uma jornada em busca científica, permeada por tensões dialéticas.

Esta apresentação destinou-se a explicitar o percurso da autora desta tese de modo bem pessoal, por isso foi utilizada a primeira pessoa do singular.

Para o restante do trabalho, foi feita a opção de se utilizar a primeira pessoa do plural.

## 1.2 Tema

O tema de nossa pesquisa é a terminologia da área de Educação do Campo. Propusemos a descrever e a analisar o vocabulário desta área sob uma abordagem terminológica, de acordo com a seguinte caracterização:

<b>Grande área do conhecimento</b>	<b>Ciências Sociais</b>
<b>áreas de conhecimento</b>	Educação
<b>subárea:</b>	Educação do Campo
<b>organização dos conceitos e dos termos:</b>	sistemática
<b>tratamento:</b>	monolíngue
<b>idioma:</b>	português
<b>amplitude:</b>	média - 700 termos
<b>destinatários:</b>	educadores do campo; educadores em geral; pesquisadores; jornalistas; cientistas sociais.
<b>função:</b>	sistematização, descrição e difusão dos termos
<b>produto da tese:</b>	estudo descritivista dos conceitos e dos termos

Figura 1 – Representação da área de conhecimento – Educação do Campo

Fonte: a autora, 2011

## 1.3 Objeto de estudo: delimitação

O tema de um trabalho terminológico deve ser atual, pertinente e útil aos domínios técnicos, científicos e tecnológicos. Julgamos ser a área da Educação do Campo um universo de pesquisa que atenda a esses requisitos, tendo em conta as necessidades facilmente aferíveis do conjunto das populações camponesas, as discussões nos centros de pesquisa da área e a preocupação governamental explicitada em nossa legislação.

Nossa área de pesquisa está inserida na área maior das Ciências Sociais e em sua subárea Educação/ Ensino/ Instrução, tomando-se como base a categorização estipulada pela Classificação Decimal Universal (CDU, 1987, categoria 37, p. 130-136), conforme a figura 1. A seguir, apresentamos, esquematicamente, as divisões auxiliares especiais relacionadas à Educação do Campo, agrupadas e adaptadas de acordo com a configuração conceitual dessa área de estudo:

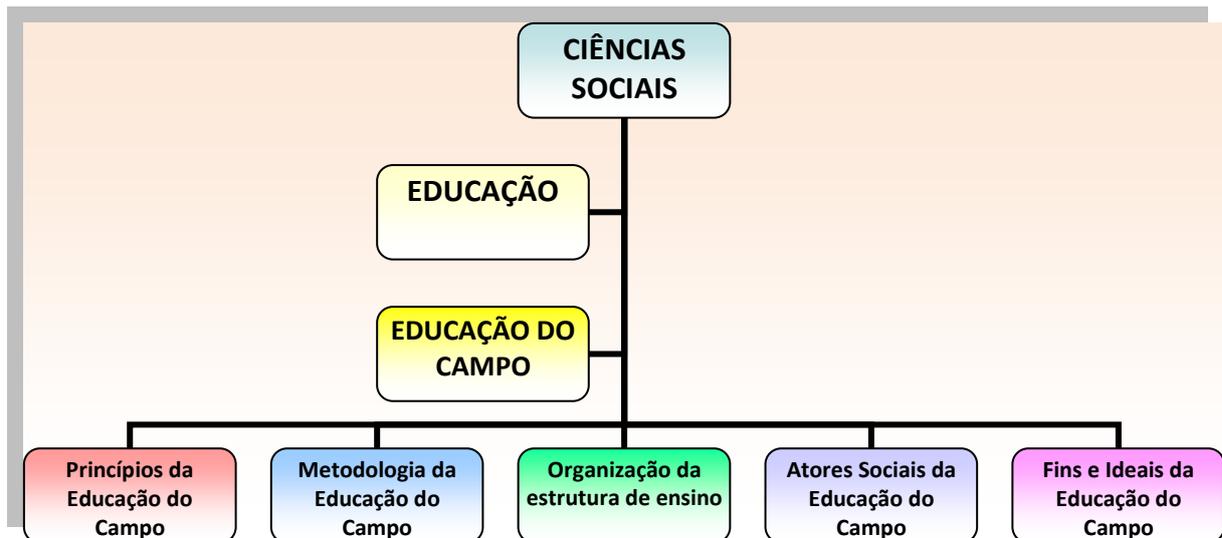


Figura 2 – Árvore conceitual da Educação do Campo – categorias temáticas  
Fonte: a autora, 2011

#### 1.4 O público-alvo: definição

Considerando ser utópica a possibilidade de um grupo linguístico uniforme e homogêneo, torna-se difícil estabelecer os limites da comunidade receptora de um trabalho terminológico, seu público-alvo.

Segundo Aubert, o público-alvo será caracterizado como “mais ou menos restrito, mais ou menos ampliado, conforme as circunstâncias e as necessidades percebidas como motivadoras da pesquisa em questão” (AUBERT, 2001, p. 60).

Para nossa pesquisa, o perfil deste público foi estabelecido como medianamente especializado, ou seja, é mais ampliado e menos restrito: educadores do campo; educadores em geral; pesquisadores; jornalistas; cientistas sociais.

## 1.5 Justificativa

### 1.5.1 A demanda sociopolítica e cultural por pesquisas em Educação do Campo

Considerando o discurso ideal da *Constituição da República Federativa do Brasil*, em seu Título VIII, “Da Ordem Social”, capítulo IV, “Da Ciência e Tecnologia”

*Art. 218 – o Estado promoverá e incentivará o desenvolvimento científico, a pesquisa e a capacitação tecnológicas.*

Parágrafo 1º - A pesquisa científica básica receberá tratamento prioritário do Estado, tendo em vista o bem público e o progresso das ciências.

Parágrafo 2º - **A pesquisa tecnológica voltará-se a preponderantemente para a solução dos problemas dos brasileiros e para o desenvolvimento do sistema produtivo nacional e regional.**

Parágrafo 3º - O Estado apoiará a formação de recursos humanos nas áreas de ciência, pesquisa e tecnologia e concederá aos que delas se ocupem meios e condições especiais de trabalho (CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, [1988], Título VIII, Capítulo IV, Artigo 218, Parágrafos 1º, 2º e 3º, grifos nossos)

a pesquisa e a produção técnico-científica devem direcionar-se para a resolução de problemas, de necessidades sociais - e pessoais, circunscritos no âmbito social.

Uma necessidade que se constitui em um *problema* social é a grande quantidade de crianças residentes em acampamentos e em assentamentos rurais, devido a programas de reforma agrária em nosso país – “nos assentamentos de reforma agrária espalhados por todo o Brasil vivem hoje mais de quinhentas mil famílias que demandam a efetivação do direito constitucional a uma educação básica que atenda suas necessidades para alcançar o desenvolvimento socioeconômico e cultural das comunidades, de modo sustentável”. (CONSCIÊNCIA.NET/ EDUCAÇÃO NO CAMPO. Disponível em <<http://www.consciencia.net/arquivo/agraria-edu.html>> Acesso em: 8 jan. 2010).

Logo no início desta tese, o Brasil era apontado como um país com **13 milhões de analfabetos**, segundo *Relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios*, organizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) com base em dados de 2011, considerando-se analfabetas as pessoas com mais de 15 anos que não sabem ler e escrever, nem mesmo da forma mais básica (IBGE-2011). Outros dados apontavam números como 16 milhões de analfabetos, ou seja: estatísticas alarmantes, preocupantes e tristes.

Considerando o analfabetismo funcional (falta de habilidades de leitura, de escrita e de cálculo que capacitem o indivíduo a participar da cultura, da política e da sociedade, no que

concerne à interpretação e à produção de informações), na década de 2001 a 2011, segundo os dados do *INAF Brasil 2011/ Indicador de alfabetismo funcional/ principais resultados* do Instituto Paulo Montenegro:

**Na década, se reduz à metade o percentual de pessoas de 15 e 64 anos classificadas como analfabetas**, indo de 12% em 2001-02 para 6% em 2011. A quantidade de pessoas no nível rudimentar também diminuiu, de 27% para 21%. Isso resulta numa redução do analfabetismo funcional de 12 pontos percentuais: 39% em 2001-02 e 27% em 2011. **O grupo que atinge o nível básico de habilidades foi o que mais cresceu**, passando de 34% para 47% da população nessa faixa etária. **O percentual dos que atingem o nível pleno, entretanto, pouco variou ao longo dos 10 anos.** (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2011, p. 6, grifos nossos)

[...]

**Os dados do Inaf relativos à última década demonstram que o Brasil já avançou principalmente nos níveis iniciais da alfabetização, mas não conseguiu progressos visíveis no alcance de níveis mais altos**, que são hoje condição para inserção plena na cultura letrada e direito de todos os cidadãos, a quem se assegura o acesso pelo menos ao ensino fundamental completo. Isto reforça a posição de que é necessário fortalecer a dimensão do alfabetismo – considerando o desenvolvimento das habilidades de leitura/escrita e de matemática – não apenas em processos de alfabetização inicial, mas sim ao longo de todo o ensino básico e na educação de jovens e adultos. **Apesar dos avanços, tornam-se cada vez mais agudas as dificuldades para fazer com que os brasileiros atinjam patamares superiores de alfabetismo.** Este parece um dos grandes desafios brasileiros para a próxima década). (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2011, p. 17, grifos nossos)

Em relação ao analfabetismo funcional, não se verifica a melhoria na aquisição das habilidades "superiores", que compreendem o poder e a capacidade não somente de ler, mas de ler em grande quantidade e em variedade e com criticidade e o poder de interpretação e de exposição organizada de sua análise - esse "nível pleno" é o necessário para um contato com o saber produzido pela humanidade, principalmente nos ensinos fundamental e médio, mas não é isso que se verifica. Muitos que chegam a esse patamar "pleno" de alfabetização são os que concluem o ensino superior, quando ocorre. Novamente recorrendo ao INAF Brasil 2011:

Os progressos localizam-se principalmente na transição do analfabetismo absoluto ou da alfabetização rudimentar para um nível básico de habilidades de leitura e matemática.

Por outro lado, **durante todo o período, mantém-se em torno de pouco mais de ¼ da população a fração dos que atingem um nível pleno de habilidades, aquele que seria, em princípio, esperado ao completar os 9 anos do ensino fundamental** (INSTITUTO PAULO MONTENEGRO, 2011, grifos nossos)

ou seja: **o nível de proficiência em sua língua materna, que permite a interpretação e a produção de textos, é alcançado muito posteriormente ao previsto e apenas por 1/4**

**da população brasileira**, o que, inegavelmente, é um dos fatores de exclusão da cultura escrita e do afastamento dos cidadãos da Ciência, da Tecnologia e da Economia.

Em relação à América Latina e Caribe, o Brasil destaca-se negativamente em termos de analfabetismo. Não obstante algumas diferenças de números e estatísticas, além das margens de erro, as informações a seguir, baseadas em 2010, evidenciam o descompasso do Brasil em relação aos países "vizinhos":

**A proporção de pessoas que não sabem ler ou escrever no Brasil é maior que a média registrada na América Latina e no Caribe.** Ao todo, 9,6% dos brasileiros com mais de 15 anos são analfabetos contra 8,3% dos moradores da região, revela o Anuário Estatístico de 2010 da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (Cepal), agência das Nações Unidas (**ONU**). No ranking de 2010, o Brasil apresenta a sétima maior taxa de analfabetismo entre os 28 países da região. Está à frente, apenas, da Jamaica (9,8%), da República Dominicana (12,9%) e de El Salvador (16,6%), Honduras (19,4%), Guatemala (25,2%), Nicarágua (30,3%) e Haiti (41,1%). **O Brasil ainda está muito atrás de países como Uruguai (1,7%), Argentina (2,4%), Chile (2,95%), Paraguai (4,7%) e Colômbia (5,9%).** A proporção de analfabetos é maior entre os brasileiros (10%) do que entre as brasileiras (7,6%). (PORTAL ODM. Acompanhamento Municipal dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Disponível em: <<http://www.portalodm.com.br/analfabetismo-no-brasil-supera-media-da-america-latina--n--496.html>>. Acesso em: 3 ago. 2013, grifos nossos)

Há uma distância entre a capacidade de utilizar os recursos naturais e inatos da comunicação com a língua materna e as prescrições das regras da língua padrão, principalmente na modalidade escrita. A capacidade de utilizar a língua materna é inata, mas as regras gramaticais são construídas pelo ser humano, por um determinado e exclusivo grupo de seres humanos e, muitas vezes, destoam da diversidade sociocultural de um país de dimensões continentais como o Brasil.

A falta de proficiência na língua padrão é um empecilho ao indivíduo, enquanto pessoa e enquanto cidadão, tanto na escola, como no trabalho, como em seu convívio na sociedade e na cultura. Ao lado da alfabetização, todo o oferecimento público dos anos dos ensinos fundamental e médio no Brasil é bastante precário e defasado, sendo os habitantes do campo, da zona rural, os mais prejudicados e "esquecidos" pelas instâncias governamentais, ficando a responsabilidade a cargo de instituições não governamentais e movimentos sociais, juntamente com algumas organizações sociais, religiosas, de trabalhadores e de classes.

**Dessa forma, consideramos que teses que falam em Educação no Brasil, principalmente em regiões mais carentes de escolas e de ensino, são plenamente justificáveis** e desejáveis nesse contexto, que não está mudando para melhor, segundo as pesquisas e segundo a experiência dos que trabalham com Educação.

**A reforma agrária e a Educação do Campo são temas muito em voga no Brasil desde os anos da década de 1980.** Diversos programas governamentais e movimentos de trabalhadores ocupam-se do tema, a fim de buscar soluções para o problema maior, que se constitui na impetração da pobreza generalizada em nosso país, notadamente nas áreas rurais.

Acompanhando a exclusão socioeconômica, é nítida a realidade da exclusão cultural, que se manifesta concretamente pela falta de escolaridade básica. Nos assentamentos rurais, há iniciativas, por parte de seus idealizadores e organizadores, para dirimir os problemas de falta de alfabetização e de ensino regular.

Um dos principais objetivos da Educação do Campo é a constituição de uma consciência e de uma identidade da cidadania das populações camponesas, por meio dos principais instrumentos políticos de um povo: a ideologia, a axiologia, o ensino e, com o papel unificador de todos esses fatores, a própria educação.

Assim, as pesquisas técnicas, tecnológicas e científicas de nosso país – e os pesquisadores que as desenvolvem – não podem e não devem apartar-se dessa esfera tão determinante dos rumos de nossa nacionalidade, que é a estruturação da vida nos meios rurais.

O interesse e o dever dos pesquisadores quanto ao tema da Educação do Campo são, inclusive, ressaltados pelo Condraf – Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável – “(...) as iniciativas e experiências governamentais e não governamentais que têm fomentado um movimento pedagógico do campo, que começa a ocupar o espaço da pesquisa do país”, pesquisas essas que teriam como algumas das principais metas “a promoção de estudos de educação e cultura para o fortalecimento do desenvolvimento rural e sustentável”, a “proposição de estratégias de articulação dos projetos e dos programas de educação implementados pelas Secretarias do MDA – Ministério do Desenvolvimento Agrário –, por outros ministérios, e pelo INCRA” e a “elaboração de mapeamento das propostas alternativas de educação do campo, com a finalidade de mostrar o volume de ações desenvolvidas, os resultados alcançados e as demandas existentes.” (BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário/ Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável – CONDRAF, 2004, p. 106-107,) - **nossa proposta de pesquisa pauta-se justamente nesta última meta, a qual pode ser parafraseada como a sistematização e a síntese dos princípios, da metodologia, da organização da estrutura de ensino e dos fins e ideais da Educação do Campo.**

Justificamos a **abordagem terminológica e terminográfica** por considerarmos os estudos conceituais/ terminológicos um dos principais recursos de estudo, de descrição, de análise e de divulgação dos saberes de uma área profissional, ao lado do fato de que **esse tipo**

**de abordagem ainda é incipiente, quase inédita, em relação ao tema da Educação do Campo no Brasil.**

Quando do primeiro ano regular de estudos de pós-graduação em nível de doutorado, ou seja, no início da elaboração da pesquisa e da tese resultante, o ano de 2010, foi lançado o livro de Maria Antônia de Souza, acerca da produção do conhecimento sobre Educação e Movimentos Sociais do Campo, relativo ao período de 1987 a 2007. É uma obra de cunho epistemológico, de grande valia aos estudiosos da relação entre Educação e Movimentos Sociais do Campo.

Esclarecemos que nenhuma dessas pesquisas teve o mesmo enfoque que temos nesta tese - descrição conceitual-terminológica dos neologismos da área de Educação do Campo, no recorte de tempo de 2000 a 2010.

Souza (2010) aponta a produção de 196 trabalhos acadêmicos sobre Educação do Campo e movimentos sociais do Brasil até 2007 (sendo 150 dissertações de mestrado e 46 teses de doutorado, e mais 33 de 2008 a 2010. **Ou seja: quando iniciamos os estudos com vistas ao doutorado, já havia 229 estudos sobre o tema**, sob diversas abordagens, com ênfase principalmente nos princípios pedagógicos (e respectivas práticas) dos movimentos sociais do campo, primordialmente o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). São 8 eixos temáticos dessas pesquisas:

- 1) Organização do trabalho pedagógico e projeto político pedagógico
  - 2) Formação de Professores
  - 3) Prática Educativa - Pronera - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária - e Educação de Jovens e Adultos
  - 4) Educação e Escola no contexto do MST
  - 5) Consciência de classe
  - 6) Identidade
  - 7) Trabalho e Educação
  - 8) Educação do Campo como política pública
- (SOUZA, 2010, p. 66-69)

Os estados do Brasil mais representados nos estudos acadêmicos em Educação do Campo são: São Paulo, Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Santa Catarina e Paraná.

Segundo Souza (2010),

as Universidades classificadas nos primeiros 6 lugares em número de pesquisas sobre Educação e/ no MST são: UFRGS [Universidade Federal do Rio Grande do Sul]; UFSC [Universidade Federal de Santa Catarina]; UNICAMP [Universidade Estadual de Campinas]; UFPB [Universidade Federal da Paraíba]; UFC [Universidade Federal do Ceará]; UFPR [Universidade Federal do Paraná] , [além

de outras universidades: UFSCar [Universidade Federal de São Carlos], USP [Universidade de São Paulo], UFF [Universidade Federal Fluminense], UFGO [Universidade Federal de Goiás], UnB [Universidade de Brasília], UFMG [Universidade de Minas Gerais], UFBA [Universidade Federal da Bahia] [e outras] (SOUZA, 2010, p. 65).

Justificamos então nossa tese de doutorado também pela ausência de estudo relativo à terminologia da área de Educação do Campo - ainda mais no que diz respeito a um estudo de cunho lexicológico-terminológico de *corpus* neológico. Além do fato de que nossa própria universidade, a Universidade de São Paulo, ainda não demonstra, em números de dissertações e teses, amplo interesse por um tema de pesquisa que está crescendo no Brasil, em vários estados. Esse tema seria recomendado para estudos na área de Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado), conforme proposições de Souza (2010), além de marcada importância nas áreas de Ciências Sociais, História, Filosofia e Letras.

Somente em 2012, após o início desta pesquisa, foi lançado o *Dicionário da Educação do Campo*, conforme o item 5.1.9.1. Essa obra ainda não parte dos princípios e métodos da Terminologia e da Terminografia, conforme os concebemos.

Esperamos que a efetivação desse projeto possa contribuir para a sistematização dos conhecimentos, das metodologias e dos ideais desse campo de atuação, cujos interessados são **os atores sociais envolvidos** (assentados rurais e respectivos professores, organizadores e idealizadores, além da população não assentada); de igual forma, objetivamos que a realização deste trabalho, a que nos propomos, possa colaborar com o esclarecimento de alguns fundamentos dos assentamentos e dos acampamentos rurais instituídos a partir dos princípios e das práticas da reforma agrária no Brasil, bem como para a **diminuição do preconceito social** que há em nosso país em relação à temática.

Quanto ao **estudo da neologia morfossintática/ sintagmática, que será nosso foco de descrição e de análise**, justificamos esta escolha tendo em vista a preponderância de fenômenos morfossintáticos regendo a criação de termos na área de Educação do Campo.

Existem outros tipos de neologia em nosso *corpus*, como a semântica (atribuição de novos significados a expressões já existentes), ou ainda o empréstimo de termos originários de outras áreas do conhecimento, como História, Sociologia e Educação Geral. **(Distinguimos os neologismos semânticos e neologismos por empréstimo interno a fim de ressaltar a importância do segundo, marcando a interdisciplinaridade da área de Educação do Campo, bem como seu caráter altamente ideológico em relação aos fatos extralinguísticos).**

Entretanto, não pudemos ignorar a riqueza das novas combinações frasais, em diversos graus de lexicalização.

Todo pesquisador deve, certamente, passar por esse momento crítico de escolha do fenômeno a ser estudado.

É uma difícil e perigosa tarefa eleger o foco da pesquisa, o fenômeno primordial, entre outros, provavelmente produtivos e instigantes.

No entanto, temos certeza de que é o *corpus*, de acordo com o ponto de vista do pesquisador, que "demonstra" suas próprias possibilidades. O papel do pesquisador, nessa tarefa, principalmente, é tentar admitir vários pontos de vista, além das hipóteses iniciais do trabalho. Se é o ponto de vista que cria o objeto, não podemos ignorar várias possibilidades, nem seguir por caminhos talvez mais confortáveis e menos ricos em diversidade a ser estudada e descrita.

O *corpus* de nossa pesquisa (sua natureza e constituição), ao lado de nossas concepções de mundo, com base em nossas fundamentações teóricas, abriram caminho para a delimitação de nossa análise.

Na verdade, nenhum *corpus* é autônomo e existe por si: ele é parte do trabalho do pesquisador, não podendo ser considerado item isolado, com existência positivista. É o próprio pesquisador que constitui seu *corpus* e que o manipula para atingir seus objetivos e colher resultados. Disso não podemos escapar. Tivemos o firme propósito, todavia, de fazermos as escolhas que mais se aproximassem de uma análise coerente, e não as escolhas mais confortáveis, de acordo com nossa experiência, ou com eventuais facilidades.

Nosso *corpus* de análise, os termos escolhidos para representar os principais conceitos da área em estudo, é composto por 100% de termos sintagmáticos - ou seja: a importância da frase é explícita.

Encontramos importantíssimo arcabouço teórico que apoiou esta escolha e nos reconfortou, de uma certa maneira: a obra-marco do próprio Guilbert (1973), pesquisador que não pode deixar de ser referência em estudos da neologia:

Du point de vue de l'acte linguistique, le mot, si important qu'apparaisse sa fonction lexicale, n'est rien sans la phrase. La création linguistique ne peut se réaliser, en effect, que dans et par la phrase. Le lexique n'est pas une partie autonome de la langue. Les différentes formes du néologisme, à l'exception de la forme onomatopéique, apparaissent dans un processus de caractère phrastique, si bien que le mot, malgré le rôle privilégié qu'on lui a reconnu, n'est en définitive qu'un élément de phrase, tant du point de vue du fonctionnement que de la création linguistique (GUILBERT, 1973, p. 17)

No início de nosso percurso, considerávamos vital a importância da palavra, ou do termo em nosso estudo e em nossa análise. Essa importância não deixou de existir, mas pudemos verificar, em nosso próprio *corpus*, e em outros estudos terminológicos, que a combinação de palavras, no eixo sintagmático, é uma das formas de criação de novas unidades lexicais, nas linguagens de especialidade, e também na língua comum, e que os neologismos resultantes são plenamente suficientes para a representação de um dado conceito.

Dessa forma, deixamos de tentar moldar o *corpus* às nossas expectativas e sim começamos a retratar as unidades sintagmáticas, cristalizações de forma e de significado, provindas do discurso. Esses termos sintagmáticos mostraram-se profícuos e produtivos, evidenciando a necessidade de especificação do léxico especializado.

A unidade linguística simples, a palavra, conforme a citação imediatamente anterior, deve ser estudada em seu macrocontexto (o parágrafo, o texto, o universo de discurso) e em seu microcontexto (o sintagma a que pertence, que, sendo recorrente em forma e em significado, passa a exercer o papel de signo linguístico, no caso, em uma língua de especialidade, mas também na língua geral).

Como exemplo, podemos citar *Pedagogia da Alternância*, um dos quase 700 termos sintagmáticos de nosso *corpus*. Não é possível estudar isoladamente as unidades "Pedagogia" ou "Alternância", pois o sentido das partes não é o mesmo do sentido da composição. *Pedagogia da Alternância* é um tipo muito particular de Pedagogia, cujos momentos de ensino e de aprendizagem alternam-se, do campo para a sala de aula, da sala de aula para a fazenda, ou para a escola-fazenda. O determinante sintagma preposicionado "da Alternância" não foi acoplado aleatoriamente ao determinado "Pedagogia": essa nova expressão foi criada para um novo conceito, sendo engendrado um novo termo, *Pedagogia da Alternância*, para representar um novo conceito, no processo de terminologização, ou seja, na passagem do nível conceitual para o linguístico. Como, para representar linguisticamente esse conceito não havia ainda um signo, foi criado um neologismo, com a utilização de todos os recursos existentes no sistema da língua. **Esse será nosso recorte: a criação desses termos sintagmáticos, necessários à representação de novos conceitos.**

Para estudar fatores morfossintáticos ou semântico-pragmáticos, ou para realizar qualquer abordagem, a unidade não poderia ser a palavra, ou a unidade simples e sim o sintagma. Isso, para nós, justifica nosso foco nesse tipo de neologia sintagmática, a despeito dos outros, não menos importantes, mas com ocorrência menos evidente em nosso *corpus*. Tratando-se de uma terminologia em constituição, com graus de lexicalização diferenciados dos sintagmas, esse estudo, para nós, foi bastante instigador e desafiador.

### 1.5.2 A Educação do Campo e a neologia: aspectos da configuração de uma nova terminologia

O surgimento de novas ciências, técnicas e tecnologias, além de transformações nos paradigmas social, político, econômico e cultural, demanda a criação de itens lexicais que abarquem sua complexidade de significação e que possam precisá-los de forma eficaz.

O neologismo pode ou não ter base em um signo já existente na língua; pode decorrer de uma mudança no plano do significante e/ ou de uma mudança no plano do significado, bem como pode decorrer de combinatórias inéditas no eixo sintagmático. Há também os casos em que os neologismos provêm de empréstimos de uma língua a outra ou de um universo de discurso a outro.

Alves (2006) enfatiza as principais concepções de neologismo no Projeto TermNeo da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo:

Conceitua-se o neologismo, no Projeto TermNeo, como uma nova forma, uma nova acepção atribuída a uma unidade lexical ou um estrangeirismo recebido de uma outra língua. O neologismo, fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fato social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical. (ALVES, 2006, p. 132).

A neologia, segundo Alves (2000), citando Boulanger, a partir da década de 1970, passa a ser um “conceito polissêmico”, pois, além de se referir “aos aspectos linguísticos da formação de novas unidades lexicais”, passa a “estabelecer relações mais estreitas com a Terminologia, já que o ato de nomear começa também a ser focado no âmbito de uma perspectiva de planejamento e de intervenção linguísticas” (ALVES, 2000, p.122).

A neonímia, ou “neologia característica das línguas de especialidade” (*apud* ALVES, 2000, p. 111), é evidente na Educação do Campo, visto que houve a necessidade de construção de novos conceitos de educação que, por conseguinte, demandaram a criação de novas expressões. O modelo de educação tradicional, da cidade, urbano, não atende aos propósitos dos camponeses que lutam pela terra; logo os termos dessa educação tradicional não condizem com os conceitos da Educação do Campo. Termos como “currículo escolar do campo”, “criança sem terra”, “professor militante”, entre outros, demonstram essa oposição “educação da cidade” e “Educação do Campo”.

Nesta tese, utilizaremos o termo *neologismo* para o produto da criação nas línguas de especialidade e também para o produto da neologia na língua geral.

Sablayrolles (2007) destaca, entre os principais objetivos dos estudos neológicos, a possibilidade de descobrir aspectos da "evolução das sociedades que os criaram [os neologismos] e os colocaram em circulação" (SABLAYROLLES, 2007, p. 18).

Os outros objetos dos estudos da neologia, como a "identificação e avaliação da produtividade de diferentes matrizes lexicais disponíveis para os locutores criarem de acordo com as necessidades de seus enunciados", considerando também "fatores sociolinguísticos, situações de enunciação etc.", bem como "o estudo da evolução do léxico da língua" são comentados pelo autor (SABLAYROLLES, 2007, p. 18). Nesta tese, as condicionantes sociais, históricas e ideológicas da criação lexical serão determinantes e ponto de partida do estudo.

Consideramos que as novas ideologias condicionam e apoiam as novas terminologias – dessa forma, estão relacionadas intrinsecamente neologia e ideologia, relação a qual não pode ser apagada, nem esquecida, muito menos ignorada pelo terminólogo/ pesquisador dos conceitos e da terminologia de uma área.

## 1.6 . Objetivos

### 1.6.1 Objetivos de uma pesquisa terminológica temática

A vertente metodológica por nós adotada é a da pesquisa terminológica temática ou sistemática, que, segundo Aubert,

propõe-se a empreender o levantamento do vocabulário pertinente a uma determinada atividade ou técnica [...] e apresenta, como principal vantagem, a amplitude das informações coligidas, na sua aplicabilidade não apenas à solução de problemas isolados de designação ou de equivalência, mas de todo tipo de problema que possa ocorrer dentro de determinada área ou subárea. (AUBERT, 2001, p. 59).

Optamos pela **pesquisa terminológica temática ou sistemática** em detrimento da vertente da pesquisa terminológica pontual por considerarmos ser aquela mais adequada ao nossos objetivos, principalmente a estruturação do mapa conceitual da área de Educação do Campo, a identificação e a seleção de termos pertinentes e representativos, a difusão da terminologia e de aspectos da axiologia e da ideologia da área, tendo em vista que a pesquisa pontual visa à solução de problemas isolados de designação e/ ou de equivalência, tendo uma

utilização mais imediata e restrita, constituindo-se, em grande parte dos casos, como complemento ou ponto de partida de pesquisas sistemáticas. (ARNTZ; PICHT, 1995, p. 253).

### 1.6.2 Objetivos gerais

Nosso objetivo geral é sistematizar e aplicar procedimentos de análise conceitual e de descrição terminológica da área de Educação do Campo, com foco nos processos de neologia, primordialmente a neologia morfossintática/ sintagmática e respectivos produtos, os neologismos, que se destacam nos processos de terminologização da área em estudo.

Cada pesquisa e cada pesquisador devem seguir por caminhos próprios, certamente embasados nos referenciais teóricos preexistentes, pois a ciência terminológica não está começando agora, nem a maioria das ciências estão em fase inicial; precisamos sempre ter em vista que estamos em um *continuum* científico e que selecionamos o que nos interessa, o que nos interessa falar e como nos interessa falar, assim como o que nos interessa desprezar.

### 1.6.3 Objetivos específicos

São nossos objetivos específicos nesta tese:

1. representação conceitual da área de Educação do Campo, de acordo com as categorias temáticas, demonstrando as relações entre os conceitos e características dos processos de terminologização;
2. identificação, seleção e descrição de termos neológicos;
3. análise morfossintática dos termos neológicos;
4. análise semântico-pragmática diretamente relacionada ao plano morfossintático;
5. análise e sistematização dos processos de neologia, primordialmente a morfossintática/ sintagmática.
6. difusão dos conhecimentos e da axiologia da área, amenizando a discrepância pragmática entre os textos metalinguísticos da EC e a escolaridade de seus atores.

#### 1.6.4 A linha condutora da pesquisa: o que se quer provar?

Para os propósitos desta tese, estabelecemos uma “**linha condutora**”, que serve também como **hipóteses**, a serem provadas. Julgamos que essas questões devem ficar claras e bem delimitadas:

1. que as ciências do léxico, uma delas a Terminologia (a ciência das línguas de especialidade), devem priorizar em seus estudos princípios da Sociolinguística e da Socioterminologia;
2. que os fenômenos morfossintáticos devem ser analisados juntamente com aspectos semânticos e pragmáticos;
3. que a motivação é característica de muitas terminologias, entre elas a da Educação do Campo – siglas, acrônimos, metáforas, metonímias, composições, entre outros;
4. que a neologia está intrinsecamente ligada aos processos socioculturais e políticos, interligados pela ideologia das sociedades;
5. que a Educação do Campo é uma área cuja terminologia está em constituição, assim como a difusão de seus conhecimentos na sociedade, pois os conceitos estão restritos aos meios de produção acadêmica e aos movimentos sociais do campo – os conceitos são difundidos por meios de comunicação de uma forma “marcada negativamente”, preconceituosa –, logo os verdadeiros valores da Educação do Campo, e respectivos termos, ainda são novidade para o público em geral;
6. que a frequência é um critério que deve ser adotado como referência, ao lado da análise conceitual. Os dois critérios devem ser levados em conta: o quantitativo e o qualitativo;
7. que elementos "tecnológicos", como a Informática, ao lado das Ciências ditas Exatas, como a Estatística, contribuem e muito para o trabalho das ciências ditas Humanas, como a Linguística e a Terminologia, mas que são ferramentas auxiliares da análise humana, sempre passíveis de relativizações e sempre em construção, como a própria língua e as linguagens humanas, incluindo os discursos de especialidade.

## 1.7 Estrutura da tese

Estruturamos esta tese nos seguintes capítulos-partes:

1. **Prolegômenos** - em que são apresentados a pesquisadora, o tema, o objeto de estudo, o público-alvo, a justificativa, os objetivos, a linha condutora da tese (o que se quer provar) e a estrutura formal do trabalho.
2. **A Educação do Campo: histórico e caracterização da área** – em que são apresentados os principais conceitos, definições e aspectos de suas origens, ideologias, axiologias, campos de atuação, agentes e ações.
3. **Fundamentação, escolhas e proposições teórico-metodológicas** - em que são apresentados os principais recortes teóricos relativos à Linguística, à Terminologia, à Lexicologia, à Semântica, aos Estudos da Neologia, bem como o modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico, proposto com base nesses recortes. Em outras partes da tese o arcabouço teórico será resgatado, ampliado e discutido de modo mais geral ou mais específico, de acordo com os objetivos de cada item/ subitem.
4. **Os corpora: coleta e sistematização de dados terminológicos** – em que são apresentados os *corpora*: de partida ou parâmetro; de exclusão; documental; referencial; de análise e a ficha de fontes relativa aos *corpora*.
5. **Aplicação da metodologia: etapas, procedimentos e instrumentos de análise e descrição** – em que são apresentados a abrangência da pesquisa, os critérios e instrumentos de identificação, de seleção e de organização de termos neológicos, bem como os mapas que demonstram as relações entre os conceitos.
6. **Análise da neologia e de relações intralinguísticas e extralinguísticas que caracterizam a terminologização e os termos da área de Educação do Campo** – em que são apresentados: resultados relativos a dados quantitativos, absolutos e percentuais das categorias temáticas; análise da neologia e sua relação com as ideologias subjacentes à Educação do Campo, bem como a motivação terminológica no processo de criação dos termos, tendo em vista os processos de terminologização da área em estudo. A fundamentação teórica será resgatada e aprofundada.
7. **A fim de concluir o ciclo** – apanhado dos principais aspectos da análise e avaliação do percurso em relação à aplicação do modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico.

**Referências** – lista das obras utilizadas como referência, citadas direta ou indiretamente. As obras consultadas, mas não referenciadas, não constam desta listagem.

**Apêndices/ anexos** – fotografias, que ilustram o percurso efetivado na pesquisa, bem como documentos e propostas de cunho terminológico/ terminográfico.

**Ressaltamos que as partes da tese não são estanques;** Fundamentação Teórica, Metodologia, Aplicação da Metodologia, Análise dos Resultados, Conclusões, a nosso ver, devem aparecer interligadas, em uma tentativa de coesão epistemológica, como objetivamos neste trabalho.

As separações em capítulos e outras distinções são metodológicas, como em geral verificamos em trabalhos científicos.

Partimos então, imediatamente, à caracterização da área cuja terminologia é o tema desta pesquisa: a Educação do Campo.

## 2. A EDUCAÇÃO DO CAMPO: HISTÓRICO E CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA

O que há de novo nessa realidade de lutas dos povos do campo? O novo está na estratégia de luta dos movimentos sociais. Ao mesmo tempo em que enfrentam a classe latifundiária e o próprio Estado, os movimentos sociais de trabalhadores do campo fazem articulações com outras entidades da sociedade civil e com o próprio Estado, para discutir e promover experiências educativas nos acampamentos e assentamentos de reforma agrária. Uma das experiências educativas é a produção de conhecimento no movimento social, inclusive com a definição de uma agenda de pesquisa. O novo é a organização política e a expressividade do educativo **no** e **do** movimento.<sup>2</sup>

(Maria Antônia de Souza)

Quem é que tem interesse em  
participar,  
quem é que se prontifica para  
ensinar  
está lançado o desafio e o refrão,  
vamos cantar: sempre é tempo de aprender, sempre é tempo de ensinar.  
Quando criança nos negaram  
esse saber, depois de grande  
vamos pôr os pés no chão;  
há quem não sabe o dever de  
repartir, todos na luta pela  
alfabetização.  
Jovens e adultos lápis e papel  
Na mão, unificando educação e  
Produção, num gesto lindo de  
Aprender e ensinar, se  
Educando com a palavra e com a ação.  
Na nossa conta um mais um  
Tem que crescer, a liberdade vai  
Além do ABC, um conteúdo  
Dentro da realidade, vai  
Despertando o interesse de  
Saber.<sup>3</sup>

(Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST)

---

<sup>2</sup> Educação e Movimentos Sociais do Campo...2010, p. 21, grifos da autora

<sup>3</sup> Hino da Educação de Jovens e Adultos. 2004a, p. 15

Neste capítulo são apresentados alguns dos principais conceitos e definições acerca da constituição da Educação do Campo no Brasil. Este capítulo enquadra-se no Eixo metodológico 5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico (Passo: 19 - Contextualização do trabalho terminológico em relação a fatores históricos, sociais, culturais - identificação de relações entre ideologia e Terminologia) - , conforme os eixos metodológicos propostos no Capítulo 3 desta tese.

## **2.1 A área da Educação do Campo: principais conceitos, definições e aspectos de suas origens, ideologias, axiologias, setores de atuação, agentes e ações**

**Educação do Campo** é a expressão atribuída aos conceitos referentes ao ensino, à aprendizagem e à educação nas regiões rurais, notadamente as que figurativizam movimentos sociais com objetivos libertários em relação à política e à cultura dominantes. Esses conceitos abrangem os princípios, a metodologia e os fins e ideais da Educação do Campo, bem como a organização da estrutura de ensino e os atores sociais envolvidos.

Essa Educação origina-se justamente nos movimentos sociais do campo – tais movimentos reconheceram e priorizaram a necessidade de haver uma educação tão revolucionária que acompanhasse as ideologias e a axiologia subjacentes: a justiça social por meio da distribuição correta das terras no Brasil.

Assim, a escola do campo, face concreta da Educação do Campo, deveria ser diferente da escola “comum”, fundada pelos valores “comuns” das elites socioeconômicas, as quais buscam impetrar suas “verdades” ideológicas pelo instrumento ensino. Metaforicamente, a Educação do Campo deveria semear com bons grãos o terreno fértil que se constitui das crianças, dos jovens e dos adultos participantes do processo revolucionário de (re)conquista da terra.

Como nosso foco documental refere-se em grande parte à produção literária especializada do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, doravante MST, abordaremos alguns aspectos da organização desse Movimento, no que concerne à estruturação do ensino no campo, bem como seus valores sociais e individuais subjacentes. Nossa proposta é descrever e analisar, lexicológica e terminograficamente, os conceitos de Educação do Campo sob o prisma desse Movimento, tendo em vista a diversidade de teorias e de abordagens filosóficas e sociológicas do assunto.

Seguiremos, para essa reconstrução explanativa sobre a estruturação da educação pautada pelo MST, as proposições de Paludo (2006).

O **primeiro momento (1979-1984)** caracteriza-se por ser o período de constituição do MST, sendo que a preocupação com a educação nos assentamentos já nasceu nesse marco, em que houve discussões, proposições e práticas de alfabetização e de ensaios de uma sistematização político-pedagógica (PALUDO, 2006). O lema desse período pode ser sintetizado pelos conceitos: “terra para quem trabalha! A educação é necessária! Uma escola alternativa! Tempo das experiências”. (PALUDO, 2006).

A síntese conceitual do **segundo momento (1984-1994)** pode ser apreendida pelas ideias “tempo de consolidação – ocupar, resistir e produzir. Escola do MST: qual escola? Como se faz?” (PALUDO, 2006). Foi caracterizado pela “luta pelo direito à educação escolar” (PALUDO, 2006) propriamente dita, com a construção das primeiras escolas nos assentamentos. Além dos objetivos de educação em nível de alfabetização, passam a ser os objetivos da educação do campo os níveis fundamental, médio e de terceiro grau, bem como iniciativas de cursos de formação de professores. Nessa fase, **o objetivo da militância atrelada à educação do campo** foi consolidado – militância que objetivava (e, ainda hoje objetiva) a mudança da sociedade. Também foram reafirmados os objetivos da divulgação e das práticas de reforma agrária.

As diretrizes educacionais do MST foram largamente difundidas com as publicações de seus *Cadernos de Educação – 1992 a 2005* - os quais constituem nossos *corpora* documental (conforme o subitem 4.3) e também com a publicação do *Documento Básico, em 1991*, no qual, na parte concernente à Educação do Campo, há uma exaltação do caráter de formação de militantes, que as escolas do campo deveriam, então, buscar. Assim, alunos e professores dessas escolas deveriam ser pessoas ligadas ao MST, sem dúvida, e que deveriam avançar em suas formações acadêmicas a fim de que os conhecimentos que adquirissem pudessem fundamentar a luta, o trabalho e a manutenção dos assentamentos rurais. Conforme Paludo (2006), a educação, nas diretrizes do MST, deve

ter o trabalho e a organização coletiva como valores fundamentais; integrar a escola na organização do assentamento; propiciar a formação integral e sadia da personalidade da criança, valorizar a prática da democracia como parte essencial do processo educativo. Nesse contexto, o professor deve ser sujeito integrado na organização e nos interesses do assentamento; a escola e a educação devem construir **um projeto alternativo de vida social, uma metodologia baseada na concepção dialética do conhecimento**, produzir coletivamente a base de conhecimentos científicos mínimos necessários para o avanço da produção e da organização nos assentamentos (...)” (PALUDO, 2006, grifos nossos).

Dessa forma, são nítidas as intenções do MST de formar, além de militantes, os futuros dirigentes do Movimento – e, além disso: re(formar) um ideário e os itinerários formativos de cursos de níveis fundamental, médio e superior.

Conforme dito anteriormente, os conceitos que são expressados pelo termo ‘Educação do Campo’ referem-se às categorias/ campos temáticos ou conceituais:

- I. princípios da Educação do Campo;**
- II. metodologia da Educação do Campo;**
- III. organização da estrutura de ensino no campo;**
- IV. atores sociais da Educação do Campo e**
- V. fins e ideais da Educação do Campo.**

Pautando-nos nos fins e nos ideais apresentados (como a formação de docentes, o aumento da escolaridade dos assentados de movimentos sociais do campo, a diminuição/ extinção do analfabetismo, o acesso aos padrões culturais e uma proposta de reformulação político-pedagógica), podemos apontar um aspecto fundamental que representa os princípios dessa Educação, o que determina, por sua vez, sua metodologia e os modos de organização da estrutura de ensino: **o aprendizado pela prática.**

Realmente, um dos preceitos da Educação do Campo é seu caráter de antialienação em relação aos meios que produziram seu conhecimento – assim, o ensino que parte das práticas do entorno rural é uma lei a ser seguida nas escolas dos assentamentos.

A seguir, elencamos as *Propostas de Educação do MST*, resumidas em sua publicação *Boletim de Educação nº 1*, de 1992, que esclarecem os campos temáticos/ conceituais anteriormente listados:

- I. a escola de assentamento deve preparar crianças para o trabalho no meio rural;
- II. a escola deve capacitar para a cooperação;
- III. a direção da escola deve ser coletiva e democrática;
- IV. a escola deve refletir e qualificar as experiências de trabalho produtivo das crianças no assentamento;
- V. a escola deve ajudar no desenvolvimento cultural dos assentados;
- VI. o ensino deve partir da prática e levar ao conhecimento científico da realidade;
- VII. o coletivo da escola deve se preocupar com o desenvolvimento pessoal de cada aluno;
- VIII. o professor tem que ser militante;
- IX. a escola deve ajudar a formar militantes e a exercitar a mística da luta popular;
- X. a escola é lugar de refletir e de viver uma nova ética (MST, 1992)

O **currículo escolar**, no âmbito da Pedagogia, é a sistematização dos conteúdos e itinerários educativos e metodológicos, planejados para um curso ou disciplina (também denominados matéria ou componente curricular), de acordo com as filosofias subjacentes à escola e aos responsáveis pela programação e de acordo com as diretrizes legais, estaduais e federais.

O **terceiro momento (1995-2005)** foi caracterizado pelo lema do MST para a escola do campo: “tempo da ampliação – reforma agrária, uma luta de todos”. Foi um período de grande preocupação em relação à escola do campo, que levou à articulação de vários segmentos sociais. Ainda conforme Paludo (2006), os aspectos positivos desse terceiro momento foram:

- a. a estruturação do ENERA – Encontro Nacional dos Educadores da Reforma Agrária;
- b. a implantação do PRONERA – Programa de Educação na Reforma Agrária, em 1998, que viabilizou ações educativas em parcerias entre os movimentos sociais, as universidades e o governo. Há um aumento considerável da produção acadêmica relativa à educação do campo;
- c. a estruturação da educação de jovens e adultos – EJA;
- d. houve um movimento de formalização das escolas itinerantes;
- e. houve uma estruturação ideológica dos princípios pedagógicos e dos princípios filosóficos da educação do campo.

A **definição de educação do campo** por nós construída em decorrência da leitura dos *corpora* é: **processo direcionado por práticas e por princípios sócio-históricos relacionados ao ensino e à aprendizagem nas zonas rurais, protagonizado por sujeitos políticos inseridos em movimentos sociais em prol das classes trabalhadoras.**

A educação do campo articula-se com a Educação Popular (EP), a qual, por sua vez, está vinculada à atuação dos movimentos sociais populares na América Latina. O foco de nosso trabalho é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), por ser o maior representante, no Brasil, qualitativa e quantitativamente, de experiências em educação no espaço rural alternativa ao domínio cultural, bem como responsável pela sistematização acadêmica de seus princípios, de suas práticas e de seus objetivos.

Existem outros diversos movimentos e mobilizações sociais que seguem os princípios da Educação do Campo, mas nem todos tiveram condições e/ ou preocupação de publicar suas teorias, princípios, práticas e metodologias.

O MST e as outras instituições estudadas nesta tese tiveram essa preocupação documental, diretamente ligada à cultura escrita, que é a base de nossa pesquisa - o registro escrito, não obstante reconhecermos a importância de outras fontes e respectivos instrumentos, como as fontes orais, depoimentos, relatos, entrevistas, questionários e outros.

Para Caldart et al. (2012), não há consenso em relação a muitos conceitos e práticas da Educação do Campo, o que, sem dúvida, é refletido em sua terminologia neológica, em construção, a qual iremos retratar nesta tese.

O domínio cultural, como é sabido, é proveniente do domínio socioeconômico; em nosso país, de economia liberal, como muitos outros, prevalecem os conceitos que concernem à ideologia das classes privilegiadas monetariamente, os quais se pautam na “exploração da força de trabalho” e no já citado “domínio cultural” (PALUDO, 2006, p. 2).

Como forma de resistência, os protagonistas dos muitos movimentos sociais (sendo que o MST é apenas um exemplo) buscam uma educação que visa à transformação social, circunscrita ao contexto do trabalho e da sociedade rural – assim, esta educação teria que ser (e deve ser) bastante diferente da educação formal das escolas “comuns”, em termos de princípios e também em termos das práticas relacionadas.

A **escola dos movimentos sociais do campo** é então vinculada à chamada “educação do campo”, cujos protagonistas, alunos e professores, são membros das próprias comunidades e atuam de forma contextualizada à luta por terras e por condições dignas de trabalho e de existência: “a escola passa a ser compreendida como um campo de luta que pode contribuir para a superação das contradições sociais e para a emancipação das classes populares” (PALUDO, 2006, p. 6).

**Metodologicamente**, a concepção de **pedagogia da educação popular e da educação do campo** tem as seguintes bases: os pressupostos da teoria de Paulo Freire e a da Teologia da Libertação, as elaborações do Novo Sindicalismo e dos Centros de Educação e de Promoção Popular, o Pensamento Pedagógico Socialista, as múltiplas experiências concretas ocorridas no continente latinoamericano, bem como as experiências socialistas do leste europeu. Também podem ser apontados os autores Pistrak e Makarenko, além do referencial que se apoia no Materialismo Histórico e no Materialismo Dialético (PALUDO, 2006, p. 6).

De acordo com esse referencial teórico é que houve o engendramento do conceito “do campo”, o qual não é originalmente brasileiro e sim europeu.

O conceito “campo” foi criado como contrário aos termos “roça”, “caipira”, “do mato”, os quais adquiriram uma conotação altamente (e parece que irreversivelmente) pejorativa com os processos de industrialização no Brasil. Logo, “do campo”, “camponês”, são conceitos importados, apropriados de outras culturas europeias (tendo em vista as bases filosóficas da Educação do Campo), a fim de construir um conceito eufórico, positivo, ativo, ao contrário do “rural tradicional”, do “caipira”, da “roça”, que são conceitos disfóricos, negativos, passivos na ideologia dominante do Brasil.

Elaboramos um octógono semiótico, a fim de representar o engendramento do conceito "do campo", em oposição ao conceito "rural", tendo em vista a oposição primordial *Educação nas áreas rurais* no contexto da *Sociedade Brasileira Urbana*:

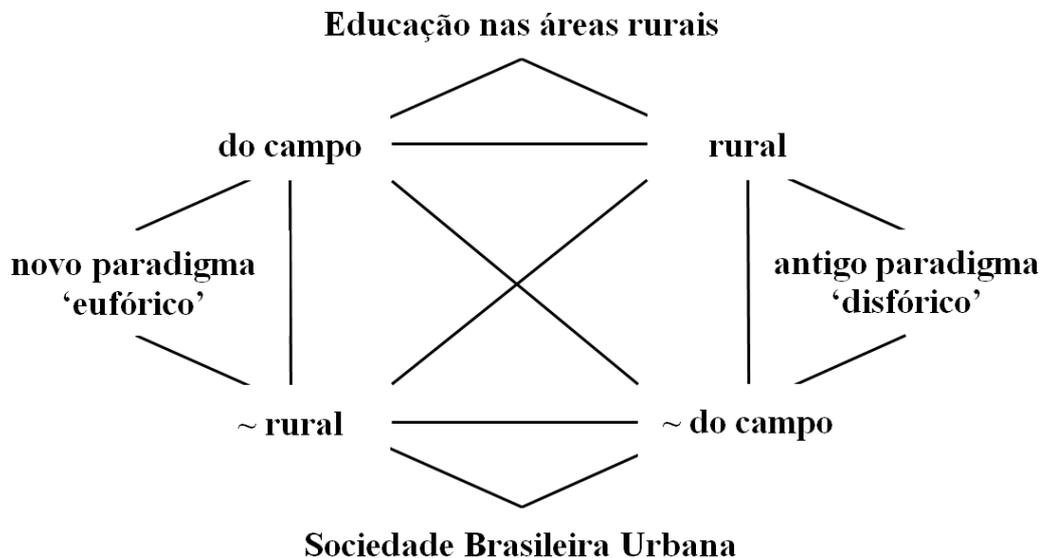


Figura 3 - Octógono semiótico - Educação Rural e Educação do Campo na sociedade brasileira - contrários e contraditórios. Fonte: a autora, 2013.

O conceito "do campo" foi criado como termo contrário de "rural" para manifestar um novo paradigma de escola e de Educação nas regiões rurais.

A sociedade brasileira urbana, como outras sociedades, desconhece e, muitas vezes, desmerece as regiões rurais, às quais são atribuídos "atraso", "falta de tecnologia", "falta de novidade", "falta de opção".

Dessa forma, tradicionalmente, a Educação nas regiões rurais também é desmerecida e tratada apenas como uma continuação da Educação ministrada nas regiões urbanas, para a qual sobras de materiais didáticos "da cidade", totalmente descontextualizados, seriam "suficientes".

Para substituir esse paradigma disfórico da Educação Rural ou Educação *no* Campo, houve o engendramento do conceito de "Educação do Campo", representando um novo paradigma, eufórico, dotado dos traços de "progresso", "nova identidade", "inovação", "perspectiva de futuro no campo".

Segundo HEBETTE (2004):

O modo de vida que, neste ensaio, será chamado camponês, e as populações que dele vivem, também chamadas camponesas, se oferecem ao nosso olhar mediante algumas características fundamentais. **Os camponeses são produtores livres de dependência pessoal direta – são “autônomos”**; sua sobrevivência de homens

livres lhes impõe *laços de solidariedade* cuja quebra ou enfraquecimento ameaçam seu modo de vida; esses laços mais primários são os de parentesco e de vizinhança que os levam a procurar se agrupar em “*comunidade*”; **a busca de sua permanência e reprodução numa mesma “terra”** (ou no mesmo “*terroir*”, como se diz em francês), traduzidas como apego à terra, é a marca do sucesso de seu modo de vida e a fonte de seu *cuidado com seu ambiente*: **A migração para ele é uma fatalidade, a expulsão, uma degradação inaceitável.**

**No Brasil, a palavra camponês desapareceu do léxico oficial; cheira o atraso do homem do campo.** Desapareceu também do dicionário de muitos cientistas da agronomia e até das ciências sociais, pois o conhecimento do homem do campo postula do estudioso um trabalho persistente de campo. **Lhe é preferida a expressão vaga e homogeneizadora de “agricultor familiar”** cuja fácil identificação se reduz a algumas variáveis quantitativas de números de trabalhadores, familiares e exteriores à ela, e de quantidade de meses de trabalho externos ao grupo doméstico (ver a brilhante crítica de Delma Passanha). **Esta opção metodológica adotada nas esferas oficiais facilita, evidentemente, a utilização da estatística graças a seu poder de homogeneização redutora de uma categoria social muito complexa e diversificada.** (HEBETTE, 2004, p. 25, grifos nossos)

ou seja: em Terminologia, e na Onomástica em geral, uma padronização denominativa ou, simplesmente, uma "facilitação" da denominação pode carregar traços ideológicos de desvalorização, de diminuição e, até mesmo, de erro ou falta de precisão conceitual; com o apagamento do termo e, por conseguinte, do respectivo conceito, apagam-se os ideais, as ideologias e colocam-se no lugar termos e conceitos simulacros, para o bem de uma política e de uma economia que, nitidamente, favorece muito poucos.

**A preocupação denominativo-terminológica dos estudiosos e dos engendrados da terminologia e da conceptualização da Educação do Campo é um dos fascínios da área e um dos principais motivos do interesse pelo tema para uma tese da área de Letras - Filologia e Língua Portuguesa, linha de pesquisa Lexicologia e Terminologia do Português.**

Todo o *corpus* terminológico estudado e analisado nesta tese decorre dessa oposição primordial "do campo" x "rural", como será demonstrado nos demais capítulos.

Quanto ao **currículo escolar**, tem base na prática da comunidade rural e não em teorias alienadas do contexto em que está inserido o aluno e seu meio: “o trabalho educa porque forma a consciência das pessoas, produz conhecimento e cria habilidades e porque provoca necessidades humanas superiores” (PALUDO, 2006, p. 20).

**Ideologicamente**, a educação do campo visa à “emancipação das classes populares e sua entrada no cenário político”, bem como objetiva a “construção do poder popular”, a “formação política” e a “conscientização para a ação” (PALUDO, 2006, p. 6). Esse projeto de educação se opõe radicalmente à educação capitalista, que visa a apenas aumentar a produtividade dos indivíduos e a obnubilação em relação aos desajustes e injustiças sociais:

“na perspectiva ideológica da classe trabalhadora de hoje, a escola tem como objetivo educar sujeitos para a transformação da realidade atual” (MST, 2005, p. 40).

A **efetivação da educação** do campo passa por diversos **problemas**, conforme Fernandes (2004):

- a. falta de escolas para atender a todas as crianças e jovens;
- b. muitas crianças e jovens ainda não frequentam a escola;
- c. as escolas que existem não contam com infraestrutura necessária para atender seus objetivos;
- d. muitos dos professores não possuem a formação necessária;
- e. não há políticas de valorização e de renovação do magistério;
- f. há carência de financiamento;
- g. os maiores índices de analfabetismo estão no campo;
- h. os currículos escolares estão deslocados das necessidades e das questões do campo e dos interesses de seus sujeitos.

Os movimentos sociais populares se rebelam quanto à exclusão em todos os âmbitos: social, econômico, político, cultural, educacional. Assim, a educação é notadamente voltada a valores “socialistas”, bem como para a formação político-ideológica, organizativa e técnico-profissional, além da de caráter moral, cultural, estética, afetiva e religiosa, o que é conhecido na literatura sobre o assunto como “valores humanos e socialistas”, que exaltam o indivíduo e sua liberdade, “mas não como indivíduo isolado e sim como ser de relações sociais que visem à produção e à apropriação de bens materiais e espirituais da humanidade”. (MST, 1996, p. 22).

Em nossos *corpora* estão incluídos textos produzidos por outras instituições - e que falam a respeito de outras instituições - que não o MST.

Em menor número, estão no *corpus* de análise termos pertinentes às práticas do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza - Ceeteps - e, no *corpus* de exclusão, os termos pertinentes ao Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), conforme capítulo 4 - Os *corpora* - coleta e sistematização de dados.

Conforme já mencionado no capítulo introdutório, houve dificuldades em discernir instituições que realmente lidam com Educação *do* Campo de instituições que praticam a Educação *no* Campo (oposto de Educação do Campo). Constatamos que a instituição Ceeteps está em um processo de transição para modelos de Educação do Campo em alguns de seus cursos, como os de Agroecologia, ou de Agropecuária na modalidade Alternância, ou de Agricultura Familiar, mas que ainda mantém ligação ao modelo diametralmente oposto da Educação Rural, em cursos como Agronegócio. Assim, os textos pertinentes/ relativos a essa

instituição foram selecionados de maneira mais parcimoniosa do que os textos que partem (ou tratam) do MST.

Já os textos (e respectivos termos) da instituição Senar entraram para o *corpus* de exclusão, por critérios cronológicos (mais antigos que o estabelecido para o *corpus* neológico) e também por critérios qualitativos (o Senar pratica a Educação Rural nos moldes a que se opõem o ideário e os militantes da Educação do Campo).

Não obstante essas discrepâncias, estudamos essas três instituições que estão envolvidas com Educação nas áreas campestres do Brasil.

Em suma, para finalizar o capítulo, a Educação do Campo teve origem em movimentos sociais que lutam contra a opressão e contra a exclusão; por conseguinte, essa facção da área de Educação tem como lema a resistência aos valores dominantes, impetrados em nossa cultura liberal, destinados a alienar a maioria da população – que é excluída – dos reais interesses dos responsáveis pelos currículos escolares vigentes.

Será nosso objeto, neste trabalho, investigar e sistematizar o vocabulário técnico da Educação do Campo e, como não poderia deixar de ser, as ideologias e axiologia subjacentes, pois cremos que a representação desses valores individuais e coletivos seja o fim mais nobre das Ciências do Léxico.

Assim finalizamos este capítulo de apresentação dos principais conceitos e definições acerca da Educação do Campo, contextualizando-a em alguns processos socio-históricos do Brasil.

Seguiremos com a fundamentação e com nossas proposições e escolhas teórico-metodológicas, visando ao desenvolvimento desta tese.

### 3. FUNDAMENTAÇÃO, ESCOLHAS E PROPOSIÇÕES TEÓRICO-METODOLÓGICAS

Os processos possíveis de *terminologização* e de *vocabularização*, na dinâmica da relação inter-universos de discurso, caracterizam-se como semiose ilimitada. No dinamismo da linguagem, mesmo na linguagem técnico-científica, as constantes de realizações possibilitam a delimitação de uma *tipologia de processos*.<sup>4</sup>

(**Maria Aparecida Barbosa**)

---

<sup>4</sup> Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. 2007, p. 436-437, grifos da autora.

Neste capítulo é apresentado o arcabouço teórico que fundamenta esta pesquisa e que será retomado e aprofundado em outras partes da tese.

Este capítulo 3 está enquadrado no Eixo metodológico 1 – Metodologia geral – manipulação teórica (Passos: 5 – Escolha do referencial teórico; 6 – Critérios e tipologias de classificação e análise e 13 – Sistematização dos fenômenos linguístico-terminológicos) –, conforme a explanação dos Eixos metodológicos e Passos da pesquisa estabelecidos no presente capítulo.

### 3.1 A ciência Linguística: aspectos epistemológicos e históricos

#### 3.1.1 O estabelecimento histórico da ciência Linguística

A Linguística é a ciência metalinguística da linguagem verbal humana.

Esse estudo é fundado em bases teórico-abstratas e em bases empíricas, visto que a Linguística trata de um objeto observável pelos sentidos: a linguagem falada e a linguagem escrita dos seres humanos (ROBINS, 1977, p. 7).

A Linguística é uma ciência quase que totalmente desconhecida fora dos meios acadêmicos mais restritos das faculdades de Letras; seu objeto de estudo, suas metodologias e seus resultados são igualmente incógnitas, tanto para o público geral, como para o específico, em muitos casos.

Não se trata de um estudo que se ocupe de dogmatismos relativos às formas do “bem falar” e do “bem escrever”: a Linguística tem suas bases na descrição e na sistematização de fenômenos relativos às línguas e não em atividades prescritivas e normatizadoras.

A Linguística é uma ciência social, visto que seu objeto de estudo é o recurso das sociedades para fundarem seus valores, suas práticas, sua cultura: seu mundo, enfim.

Essa ciência social é praticada há vários séculos, tanto no ocidente como no oriente, segundo classificações atuais.

De acordo com Leroy (1971) e de acordo com Mounin (1967), os hindus foram os primeiros linguistas da humanidade de que temos registros. Suas motivações para o estudo de sua língua, o sânscrito, era social, no campo da religiosidade: esta língua era o veículo das escrituras sagradas e interessava-lhes estudar meios de garantir sua integridade e sua conservação através dos tempos.

A maior expressão entre os estudiosos da linguagem dos hindus é **Panini**, que viveu no século VI ou no século V antes da era cristã, aproximadamente, e a maior expressão do

alcance de seus estudos deu-se no âmbito da Fonética, da Fonologia e dos estudos relativos ao significante e ao significado. Os textos hindus mais antigos datam de 1500 a 1300 a.C., aproximadamente.

Os fenícios, de acordo com Mounin (1967), têm importância fundamental na história dos estudos linguísticos e na história da humanidade, já que inventaram e aperfeiçoaram nosso alfabeto, não obstante o fato de a história da escrita não se confundir com a história dos estudos sobre as línguas.

Sem nos aprofundarmos aqui em questões como a origem da linguagem fenícia (se é derivada de outras escritas) ou em seu modo de estruturação, se fonético ou silábico, ressaltamos que, ainda segundo Mounin, os fenícios evoluíram no sentido do estudo da dupla articulação da linguagem humana.

Mounin aponta os hebreus, dentre os povos antigos, como também detentores de “curiosidade pré-científica” no âmbito da Toponímia e da Antroponímia: em muitos trechos da Bíblia há, para o autor, reflexão – e até especulação – sobre o significado e sobre a motivação de nomes de lugar e de nomes de pessoas (Mounin, 1967).

Quanto à curiosidade, entre os antigos, sobre a estrutura e sobre a origem da linguagem, este autor aponta os gregos como os maiores representantes desses estudos.

Por motivos axiológicos e ideológicos, esse povo não teria se projetado em direção da constituição de uma gramática comparativa ou de uma Linguística Histórica, nem teria se ocupado da descrição das línguas de outros povos, mas sim teria revolucionado o sistema de descrição de sua própria língua, dando-lhe uma nova notação, a alfabética, simplificando, em tese, o sistema linguístico silábico dos fenícios.

Leroy (1971) ressalta a importância dos estudos linguísticos gregos no que concerne às relações entre conceito e denominação. A filosofia aristotélica nos deixou também diretrizes fundamentais, conceitos e terminologias para a constituição da gramática e dos estudos de análise do discurso.

Os romanos muito se ativeram ao estudo da língua grega: estudaram grego, ensinaram grego e descreveram sua língua à base das descrições linguísticas do grego (os estudos sobre a primeira articulação da linguagem tiveram como base as teorias gregas).

Os latinos foram herdeiros da ideologia xenófoba dos gregos em relação às línguas estrangeiras. No entanto, a maior expressão dos estudos latinos da língua, **Varrão** (século primeiro a. C), é apontado pelos estudiosos da história das ciências da linguagem como um gramático “original”, de reflexão própria sobre os sistemas gregos e sobre a própria realidade linguística, principalmente no que se refere aos sistemas de declinações verbais.

Os romanos se inspiraram nos gregos e, por sua vez, foram a inspiração das descrições gramaticais europeias na Idade Média e nos períodos posteriores. Houve algumas expressões de estudos de variação linguística, como é o caso dos dialetos italianos. A Idade Média foi um período caracterizado por reflexões linguísticas no campo da lógica, no que concerne às relações entre pensamento e linguagem.

A partir do século XVI, houve um grande desenvolvimento de descrições gramaticais das línguas europeias e também o desenvolvimento de estudos comparados entre línguas. Segundo Leroy, “o desprezo por longo tempo testemunhado no tocante às línguas ‘vulgares’ atenua-se e desaparece diante do desenvolvimento de ricas e vigorosas literaturas nacionais” (LEROY, 1971, p. 20).

Não cessou, entretanto, a continuidade dos estudos de línguas antigas como o latim e o hebraico, principalmente por motivos de ordem religiosa, motivação esta que, muitas vezes, trouxe equívocos por classificar, aprioristicamente, as línguas como pertencentes a uma ou a outra família de acordo com as origens dos fundadores das religiões. Um exemplo disso pode ser dado pelas tentativas de se classificar todas as línguas como provindas do hebraico, a língua do Velho Testamento da Bíblia.

A partir do século XIX, a concepção de parentesco entre línguas ganhou destaque nos estudos da linguagem, na vertente da gramática comparada, cujos principais expoentes foram **Franz Bopp**, **Rasmus Rask** e **Jacob Grimm**. Este último, segundo Leroy (1971, p. 31), introduziu nos estudos linguísticos a “perspectiva histórica” e o estudo fonético diacrônico sistematizado, por modelos específicos, uma das principais bases da Linguística Histórica.

Já o final do século XIX assistiu à queda da concepção de uma gramática comparada em relação a um sistema ideal e ao surgimento de uma gramática histórica, cujo objetivo seria o de traçar, em uma dada diacronia, a história de línguas pertencentes a uma mesma família. (LEROY, 1971, p. 51).

Também nesse período surgiu, na Universidade de Leipzig, o grupo dos neogramáticos, que revolucionaram os estudos linguísticos com a concepção de linguagem como um produto social das coletividades humanas e não como um organismo “natural”, engendrado pela natureza, tal qual era a fundamentação da teoria de **Augusto Schleicher**. Os neogramáticos aprofundaram-se sobremaneira nos estudos das leis fonéticas e seus resultados ecoam até os dias de hoje, no século XXI, no âmbito das ciências da linguagem, apesar de haver restrições quanto a seus conceitos de universalidade e de imutação das leis fonéticas.

A Linguística como ciência, tal como a concebemos atualmente, foi fundada por **Ferdinand de Saussure**, nascido em Genebra, considerado o precursor da chamada

Linguística Moderna, por meio de uma coletânea póstuma de seus pensamentos publicada por seus alunos **Charles Bally** e **Albert Sechehaye**, em 1916, com base em anotações de aulas de cursos ministrados pelo mestre genebrino de 1907 a 1911.

Uma das principais - e fundamentais – contribuições de Saussure à Linguística foi em relação à concepção do signo linguístico, considerado por este como arbitrário, imotivado em relação à realidade denominada e constituído por um conceito (que denominou *significado*) e por uma imagem acústica (que denominou *significante*).

A distinção entre língua e fala também é um dos fundamentos deste autor: a primeira é o conjunto de signos estabelecidos e compreendidos por uma comunidade linguística convencionados e disponíveis para sua comunicação; a segunda é a forma efetiva, o uso que cada membro dessa comunidade linguística faz da língua, para comunicar e para convencer seus interlocutores de suas ideias. A língua teria, então, dimensão abstrata e coletiva, enquanto que a fala, dimensão concreta e individual.

Saussure, apesar de ter se formado e de ter atuado na vertente dos estudos de gramática comparativa do século XIX, mostra-se na obra citada favorável não aos estudos diacrônicos sobre as histórias e a evolução das línguas, mas sim a favor de uma Linguística sincrônica (também denominada estática ou descritiva), que estuda a organização do sistema de uma língua em uma determinada periodização.

Ainda para Saussure, “A Linguística tem por único e verdadeiro objeto a língua considerada em si mesma e por si mesma” (SAUSSURE, 1969 [1916], p. 317) – proposição essa que gerou uma ruptura nos estudos da linguagem, conforme o próximo item, 3.1.2.

Robins assim complementa a formalização do objeto da Linguística: “o linguista contemporâneo tem a obrigação de estudar todos os aspectos e tipos de línguas, sem considerar os interesses particulares na língua que outras disciplinas podem ter” (ROBINS, 1977, p. 384) – assim, marca os limites linguísticos da ciência da linguagem verbal humana, descartando eventuais especulações sociológicas, antropológicas, literárias etc.

A Linguística deve estudar e descrever as regras e a utilização das línguas, o que implica em relações semânticas e pragmáticas, relativas às culturas-fontes, mas cada ciência deve ter seu objeto de estudo para sustentar sua autonomia, não obstante a existência de intersecções de objetos, de práticas e até de produtos.

Sucintamente, tendo em vista os limites deste trabalho, podemos mencionar outras abordagens e correntes linguísticas, como a Escola Sociológica, que surgiu na França, a qual propõe a explicação dos dados linguísticos por fatores extralinguísticos, que tem como expoentes **Joseph Vendryes**, **Eugene Dupréel** e outros; a Dialectologia indoeuropeia ou

Geografia Linguística, cujo objetivo é o de descrever comparativamente os diferentes sistemas ou dialetos de uma língua em determinada localização geográfica, representada, entre outros, por **Antoine Meillet**; a Fonologia, que estuda os sons da língua em relação à sua função de comunicação linguística, em oposição à Fonética, que estuda os elementos fônicos independentemente de sua função na comunicação, sendo que os principais expoentes dessa ciência são **Trubetzkoy, Jakobson e Hjelmslev**.

Destacamos ainda a importância da Semântica, que estuda a natureza e a transformação das significações, como uma das principais direções a que levou a escola de **Saussure**, representada principalmente pelos estudos e proposições de **Michel Bréal, Stephen Ullmann e Pierre Guiraud**; também é de extrema importância a Pragmática, que tem por objeto de estudo a utilização da linguagem em seus contextos reais, fundamentada principalmente nas proposições de **Austin** e de **Searle**.

Para Robins, os nomes – diríamos paradigmas - de Saussure, Trubetzkoy e Meillet, na Europa, Sapir e Bloomfield na América, e Firth, na Inglaterra, fizeram com que a Linguística adquirisse

pela primeira vez em sua história, a posição de autonomia acadêmica, posição não atingida na Antiguidade ocidental, nem na Idade Média, nem entre os estudiosos linguísticos da Índia de Panini, a despeito da excelência de seus trabalhos (ROBINS, 1977, p. 384).

No Brasil, a “profissionalização” da carreira na área de Letras deu-se a partir de 1930, com a criação das primeiras faculdades de Filosofia, como em São Paulo e no Rio de Janeiro; até então, os estudiosos da área tinham formação em outras áreas, sendo necessária a contratação de professores estrangeiros (notadamente da França) para ministrar aulas nessas faculdades (ALTMAN, 1998, p. 68).

A vertente de pesquisa e de publicações era a filológica, em Filologia Românica ou em Filologia Portuguesa – a Filologia era a área de *status* científico, até então. Igualmente os currículos dos cursos superiores em Letras não contemplavam componentes relacionados à Linguística.

Ainda de acordo com Altman, os principais nomes do que podemos chamar de fase filológica pré-linguística, que ficaram na historiografia específica, no Brasil, são: **Manuel Said Ali; Antenor Nascentes; Silvio Edmundo Elia; Serafim da Silva Neto; Gladstone Chaves de Melo; Theodoro Henrique Maurer Jr; Isaac Nicolau Salum; Francisco da Silveira Bueno; Celso Ferreira da Cunha; Antonio Houaiss**, entre outros.

O primeiro curso de Linguística do Brasil teria sido ministrado por **Mattoso Câmara** em 1938, na então chamada Faculdade de Filosofia e Letras da Universidade do Distrito Federal, no Rio de Janeiro.

Ao lado de Mattoso Câmara, as personalidades responsáveis por uma ruptura de valores e de práticas entre a Filologia, vertente clássica, e a Linguística, vertente então ascendente, foram **Cidmar Teodoro Pais** e **Izidoro Blikstein**, na Universidade de São Paulo; conforme as palavras de Altman (1998),

Foi Pais, sem dúvida, quem exerceu as funções intelectuais e, principalmente, organizacionais necessárias para a solidificação institucional da Linguística – e, mais tarde, da Semiótica, na Universidade de São Paulo, como campos autônomos de estudos. (ALTMAN, 1998, p. 113).

Somente a partir de 1963, por determinação do Conselho Federal de Educação, que a disciplina de Linguística foi implantada como formante dos conteúdos mínimos (currículos escolares padronizados) para a formação superior em Letras.

Em nível de pós-graduação, somente após 1970 a Linguística entrou, por força de lei, nos programas regulamentados. Entre os componentes curriculares do curso de pós-graduação em Linguística da Universidade de São Paulo de 1972, idealizados e dirigidos por Pais, destacamos: “Algumas Grandes Tendências da Linguística Contemporânea”; “Aspectos da Etnolinguística”; “Fonética e Fonologia”; “Lexicologia Estrutural”; “Problemas e Métodos da Sociolinguística”; “Problemas de Lexicologia”; “Problemática das Línguas Indígenas Brasileiras”, entre outros. Aqui vemos já sistematizada a área de Lexicologia nos estudos de pós-graduação em Linguística, nessa Universidade, área atualmente bastante difundida, ao lado da Terminologia, da Lexicografia e da Terminografia, por mérito daquele precursor e dos que deram continuidade a seu trabalho.

Segundo Altman (1998), outros pesquisadores tiveram importância fundamental na historiografia da Linguística brasileira, principalmente nos cursos de pós-graduação em São Paulo e em outros estados, na vertente da pesquisa e respectivas publicações científicas, bem como do ensino. Dentre eles, destacamos as seguintes personalidades: Maria Aparecida Barbosa; Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick; Maria Tereza Camargo Biderman; Mônica Rector; Eunice Souza Lima Pontes; Dinah Maria Montenegro Insensee (Callou); Margarida Basílio; Carlos Franchi; Rodolfo Ilari, Eni Orlandi, entre outros.

### 3.1.2 Linguística e Filologia: aspectos de uma ruptura e de um reencontro pragmático e ideológico

A proposição de Saussure quanto ao objeto da Linguística ser o sistema da língua, independentemente de fatores exteriores, como a história e a cultura que a originou, foi um dos fatores de contestação, por parte dos filólogos, da “nova ciência”.

Na verdade, o fundamento de se estudar somente as “regras do jogo” sem relacioná-las ao seu contexto de produção, não era uma novidade, pois já Franz Bopp e os primeiros comparatistas tinham como um de seus objetivos o estudo da gramática “por si mesma”, sem uma finalidade exterior; no entanto, para a Filologia, a linguagem é um meio para o exterior, para os textos de que se ocupa. (LEROY, 1971, p. 83).

A Filologia instalou-se no século XVIII e se sobrepôs à gramática lógica adotada na Idade Moderna na Europa embasada nas gramáticas greco-romanas, principalmente na França, nos séculos XVI e XVII e teve como um de seus principais mentores Frédéric-Auguste Wolff, criador da crítica comparativa de textos antigos. O objetivo da Filologia é a reconstrução e a interpretação dos textos originais (WARTBURG; ULMANN; 1975, p. 2-3).

Dubois *et al.* (1997-1998 [1973], p. 273) fazem a distinção entre Filologia e Linguística ressaltando que aquela seria uma ciência auxiliar da História, assim como também o é a Epigrafia, a Numismática e a Papirologia, por estudar os textos das civilizações antigas e, por meio destes, suas culturas e suas sociedades. A Filologia edita, critica e interpreta textos recuperados no tempo, utilizando métodos próprios de comparação e de análise e se ocupa somente da língua em sua modalidade escrita. Já a Linguística, como o estudo científico da linguagem, assim estabelecida em 1916, com a publicação da obra-marco que sistematizou o pensamento de Ferdinand de Saussure, se ocupa da análise e da descrição do funcionamento das línguas – não de imposições sociais e/ ou culturais – e trata tanto da linguagem escrita como da linguagem oral.

A Linguística, dentro de suas proposições, também analisa textos escritos, notadamente no âmbito da Sintaxe, da Semântica e da Pragmática e, na medida em que aprofunda seus estudos sobre o “significado” dos textos, apresenta intersecção com o campo de atuação da Filologia (ROBINS, 1977, p. 6-7).

Não obstante essa ruptura de valores e de práticas entre a Linguística e a Filologia, no início do século XX, essencial para um momento histórico de estabelecimento, essas duas ciências da linguagem são complementares, podendo haver rica interdisciplinaridade, respeitando-se os limites de seus campos de atuação.

**Nesta tese, escolhemos apoiar o estudo linguístico em bases da Semântica e da Pragmática, procurando não a separação, mas a junção de seus campos de atuação,** visto que "uma concepção de semântica das línguas naturais não pode ser dissociada de um estudo pragmático" (VOGT, 1980, p. VIII).

Nossa concepção de Pragmática, sucintamente, pode ser representada pela citação que segue:

[...] A pragmática deverá ser entendida como o estudo da atividade interindividual realizada no diálogo e este, por sua vez, como uma unidade fundamental da significação das línguas naturais. Deste ponto de vista ainda, a estrutura da significação em língua natural, seria entendida como o conjunto de relações que se instituem na atividade entre os indivíduos que a utilizam (VOGT, 1980, p. 135)

Logo, com Vogt e outros autores, valorizamos o estudo da Pragmática na análise semântico-linguística, pois as situações de utilização da língua (e das terminologias), bem como os indivíduos envolvidos na comunicação, são partes da constituição da significação e não podem ser esquecidos.

Nesta tese, pretendemos utilizar (mesmo que não explicitamente em todos os casos) os constructos teórico-práticos atribuídos à Linguística e à Filologia, tanto dos campos da Morfologia, da Morfossintaxe, da Semântica, da Pragmática e do Discurso, buscando nos apropriar das importantes teorias, métodos e aplicações de uma e de outra, tendo em vista a interdisciplinaridade inerente às Ciências do Léxico e as relações entre Léxico, Cultura, História e Ideologia.

### **3.2 As ciências do léxico em função da comunicação profissional e cultural: a Lexicologia, a Lexicografia, a Terminologia e a Terminografia**

A Lexicologia é um domínio da Linguística que estuda cientificamente o léxico, compreendido neste trabalho como o conjunto de lexias de uma língua.

A Lexicologia, a nosso ver, é uma ciência que, no cerne de suas práticas, permite estabelecer relações entre os fundamentos e as práticas da Fonética, da Fonologia, da Morfologia, da Sintaxe, da Semântica e da Pragmática, sempre observando a intersecção entre estas disciplinas.

Barbosa (1990) sistematizou as **principais tarefas da Lexicologia** no tratamento das unidades lexicais, levando em consideração sua complexidade como articulação morfo-

sintático-semântico-pragmática, nas perspectivas sincrônica e diacrônica, visando inclusive a estudos da neologia, de análise contextual - linguística e ideológico-sociocultural:

**definir conjuntos e subconjuntos lexicais** – universo léxico; conjunto vocabulário; léxico efetivo e virtual; vocabulário ativo e passivo; **conceituar e delimitar a unidade lexical de base - a lexia-**, bem como **elaborar os modelos teóricos subjacentes às suas diferentes denominações; analisar e descrever as estruturas morfo-sintático-semânticas de tais unidades, sua estruturação, tipologia e possibilidades combinatórias**; examiná-las em sua **carga ideológica**, força persuasiva, natureza modelizante; examinar as relações de léxico de uma língua com o universo natural, social e cultural, a transposição de uma "realidade" infinita e contínua a um número limitado de lexias, o recorte do "real" operado pelo léxico das diferentes línguas; abordar a palavra como um instrumento de construção e detecção de uma **“visão de mundo”, de uma ideologia, de um sistemas de valores, como geradora e reflexo de recortes culturais**; analisar a influência do contexto em cada palavra e, reciprocamente, a determinação e a atuação de cada palavra em seus diferentes contextos possíveis; analisar e descrever as relações a expressão e o conteúdo das palavras e os fenômenos daí decorrentes: polissemia, homonímia, homossemia total (sinonímia), homossemia parcial (parassinonímia), hiperonímia, hiponímia, co-hiponímia, antonímia e paronímia e, com a ajuda de certos métodos, como a análise distribucional e a análise sêmica, examinar a questão dos campos semânticos e dos domínios de experiência e trazer novas respostas a essa problemática; estabelecer a rede de relações das palavras de um sistema linguístico; procurar circunscrever **a aptidão das palavras, para se interligarem, nos planos morfossintático, sintático e semântico, nos eixos paradigmático e sintagmático**; estudar o conjunto de palavras de determinado sistema, ou de um grupo de indivíduos, como universo léxico ou conjunto vocabulário, analisar o léxico efetivo - ativo e passivo - e fazer estimativas sobre o léxico virtual, numa perspectiva diatópica, diacrônica, diastrática e diafásica; **procurar sistematizar os processos fundamentais de criação e renovação lexicais - neologia fonológica, semântica, sintática e alo gênica - , as relações da neologia com o contexto de enunciação**, os mecanismos de autoalimentação e autorregulagem do léxico; **formalizar a dinâmica do léxico e do processo neológico, observadas as fases de criação da palavra, sua aceitabilidade no meio social, sua desneologização e possível reneologização**. Por outro lado, tais questões podem ser consideradas do ponto de vista diacrônico, sincrônico, pancrônico, podem sofrer um tratamento quantitativo ou qualitativo, ter uma abordagem descritiva ou aplicada. (BARBOSA, 1990, p. 153-154, grifos nossos)

Greimas e Courtès, em seu “Dicionário de Semiótica”, ressaltam que a Lexicologia, antes do advento da Semântica como estudo científico autônomo, era a única ciência linguística a se ocupar dos problemas da significação, tendo se desenvolvido em duas vertentes: a primeira, de uma lexicologia estatística e a segunda, de uma lexicologia semântica, por meio da metodologia dos campos semânticos e das abordagens semasiológica (procedimento de análise das significações que parte dos signos mínimos ou lexemas para o nível conceptual) e onomasiológica (procedimento de análise das significações que parte do conceito para o estudo de suas manifestações no plano dos signos) (GREIMAS; COURTÈS, 2008 [1979], p. 256; 316; 402).

A Lexicologia também abrange o objetivo de elaborar reflexões teóricas sobre a Lexicografia, prática que lhe é muito anterior: o interesse dos seres humanos pelo estudo do

léxico remonta a três milênios a. C, quando apareceram as primeiras listas de palavras na Babilônia, segundo Nunes e Petter, citando Aurox (NUNES; PETTER, 2002, p. 7).

Em relação à ciência-base Lexicologia, a Lexicografia define-se como ciência aplicada, cujo objetivo é a produção de dicionários; em relação à prática lexicográfica, a Lexicografia se define como pesquisa fundamental, cujo objeto são as teorias e os modelos de confecção de dicionários (BARBOSA, 1990, p. 154).

Já a Terminologia é o estudo científico do léxico de natureza técnica e/ ou científica, as linguagens de especialidade, um conjunto da língua geral, sendo que este tipo de léxico é também denominado léxico temático ou léxico especializado.

A Terminologia, idealmente, antes de proceder à descrição dos termos, explicitando-lhes significados e sentidos, realiza um estudo conceitual da área de especialidade – seu percurso primordial seria o onomasiológico, partindo do nível conceptual para, então, atingir o nível linguístico; entretanto, o trabalho terminológico pode também ter como ponto de partida o termo, para daí buscar-se a descrição do nível conceptual – percurso semasiológico – partindo do signo linguístico para o conceito.

A prática terminológica recolhe, descreve, processa e apresenta os conceitos da área de especialidade por meio de pesquisa bibliográfica no *corpus*, o conjunto de textos sob análise, que fornecerão, além dos conceitos, os termos da área e, em muitos casos – diríamos na maioria deles – o conceito dessas áreas e os termos já estão delimitados, definidos e em uso, tanto pela comunidade de especialistas como para os leigos, não tendo assim o lexicólogo ou terminólogo poder real de nomear os objetos da realidade em questão. Os trabalhos terminológicos têm, em alguns casos, o poder de normalização e de descrição dos termos, mas, na maioria das vezes, não o de sua criação.

Já a Terminografia é o estudo fundamental dos modelos e das teorias da confecção de dicionários terminológicos, de vocabulários técnicos e científicos e de glossários; é comumente definida como a “prática de elaboração de vocabulários”, mas, como no caso da Lexicografia, constitui-se também como ciência básica em relação a essas práticas. Em decorrência de recortes epistemológicos diversos, esses aspectos da Terminografia são atribuídos, por alguns estudiosos, a uma área denominada Terminologia Aplicada, que se sustentaria em relação a uma Terminologia Teórica.

Em trabalho posterior, Barbosa (2007) propõe subáreas para o amplo domínio da Terminologia, destacando-se: a Etno-Terminologia e a Terminologia Aplicada ou Terminografia. De acordo com a tipologia criada pela autora, são as seguintes as "tarefas de análise" das disciplinas:

- **Semiótica literária:** estudo dos discursos literários;
- **Sociossemiótica** - estudo dos discursos sociais não literários;
- **Terminologia técnico-científica** - estudos dos discursos das línguas de especialidade;
- **Etno-semiótica** - estudo dos discursos etno-literários;
- **Etno-terminologia** - estudo das unidades multifuncionais;
- **Terminologia aplicada** - estudo dos processos de circulação e de difusão do conhecimento (BARBOSA, 2007, p. 442)

Para esta tese, selecionamos as tarefas concernentes à Sociossemiótica, à Terminologia técnico-científica e à Terminologia Aplicada. Destacamos a relevância da última, pois a difusão dos conceitos, dos termos e conhecimentos/ ideologias/ axiologia subjacentes a uma área do saber deve ser uma das principais diretrizes do pesquisador-terminólogo, ao lado do estudo dos movimentos de banalização/ vulgarização/ popularização (BARBOSA, 2007, p. 437).

Para os ideólogos-terminólogos da Educação do Campo, a difusão dos termos da área é um objetivo primordial, a fim de obter-se esclarecimento do público em geral em relação aos princípios, às práticas e aos objetivos dessa modalidade de Educação - e, com isso, tentar reduzir ou extinguir o preconceito social que afeta negativamente esse campo do saber e respectivos atores sociais.

Desse modo, nos apropriaremos também dos objetivos da Terminologia Aplicada propostos por Barbosa (2007), pois nossa tese em si já se pretende um instrumento de divulgação dos conceitos e termos da Educação do Campo.

A necessidade de se adotar um conjunto de termos, uma *terminologia*, para as práticas pertinentes ao *universo* do discurso técnico-científico é enfatizada por J. Dubois: “qualquer disciplina e, com maior razão, qualquer ciência, tem necessidade de um conjunto de termos, definidos rigorosamente, pelos quais ela designa as noções que lhe são úteis (...) não há ciência sem terminologia” (DUBOIS, J. 1997/1998 [1973], p. 586).

### 3.3 Questões de Neologia e de Terminologia: a tensão entre tradição, diversidade e renovação nas denominações técnico-científicas

#### 3.3.1 Aspectos históricos da Terminologia

Neste tópico faremos algumas considerações a respeito da tensão entre Terminologia e língua geral e seu tratamento por algumas correntes de pesquisadores atuantes na ciência da denominação técnica e científica. Nossa análise estará voltada à Terminologia e à rede conceitual da Educação do Campo, mas traçaremos algumas considerações mais generalistas, a fim de pontuar nossas referências e fontes bibliográficas.

#### 3.3.2 Linguagens de especialidade *versus* língua geral: consequências teóricas e práticas para a Terminologia

As linguagens de especialidade são conjuntos do Universo da linguagem geral, são normas de um sistema superordenado; sendo assim, são passíveis das mesmas coerções linguísticas e sociais por que passa esse sistema linguístico, o que traz consequências fundamentais para os estudos e para as práticas terminológicas. Nas palavras de Aubert:

As línguas de especialidade não usufruem de qualquer privilégio em relação à linguagem dita “comum”, em termos de biunivocidade, quer na relação noção-termo (ou seja, significado-significante), quer na relação *termo da língua x - termo da língua y*: em primeiro lugar, porque o conceito de *línguas de especialidade* refere-se não apenas ao léxico específico das tecnologias ditas “de ponta”, mas a todo domínio do fazer humano, englobando, portanto, atividades domésticas como artesanato, culinária [...] cada qual, a seu modo, portadores de fortes marcadores culturais, individualizadores inter – e intralingualmente. (AUBERT, 2001, p. 14).

As linguagens de especialidade, como a língua geral, são culturalmente determinadas – e as culturas não são simples e objetivas como querem muitas teorias neutralizantes: as culturas e as linguagens são organismos complexos e geram produtos igualmente complexos.

As linguagens de especialidade utilizam-se do mesmo sistema linguístico que a língua geral; os termos, as unidades-padrão dessas linguagens, são formados pelos mesmos processos que as palavras da língua comum.

Por vezes, os termos configuram-se de modo diverso, visando ao alcance de um nível de especificidade maior, como é o caso, por exemplo, das composições sintagmáticas, muitas vezes formadas por um grande número de unidades vocabulares – quatro, cinco, seis – mas

não fogem dos processos de formação de palavras: derivação (prefixal e sufixal), derivação imprópria, composição, siglação; os termos, de modo análogo às palavras da língua dita comum, não estão isentos dos processos de empréstimos, de variação linguística, de sinonímia, de polissemia e de homonímia.

Alves (2001b, p. 54) relaciona, de forma precisa, neologia e Terminologia, em seus primórdios: "As relações entre terminologia e neologia podem ser encontradas desde que os primeiros homens começaram a denominar conceitos e elementos de seu ambiente".

Logo, quando da necessidade de transposição do nível conceitual para o linguístico, há a necessidade de criação de novos signos, tanto para as terminologias, como para a língua geral.

Dessa forma, a neologia é criação de termos (em linguagens de especialidade) ou de palavras (na língua geral), e os neologismos são os produtos dessa criação, ou seja, as novas unidades linguísticas. Com Guilbert, não apartamos o neologismo de seu caráter de signo linguístico, tanto na língua geral, como nas linguagens de especialidade:

Le néologisme est un signe linguistique comportant une face "signifiant" et une face "signifié". Ces deux composantes sont modifiées conjointement dans la création néologique, même si la mutation semble porter sur la seule morphologique du terme ou sur sa seule signification" (GUILBERT, 1973, p. 18).

Consideramos então o neologismo um signo linguístico, que se caracteriza pelo seu aspecto inovador, em forma, ou em conteúdo, nunca nos esquecendo de que qualquer transformação na forma gera transformações no significado, e vice-versa.

Em Terminologia, o processo da neologia acompanha as transformações técnicas, tecnológicas e científicas, pois novas realidades, novos produtos e novas tecnologias (novos conceitos) precisam de novos termos.

Os neologismos terminológicos podem estar isentos, em alguns contextos, de um certo estigma, a que algumas novas denominações estão sujeitas. Nas palavras de Vilela:

Os lexicógrafos e os técnicos e profissionais das ciências ditas puras têm atitudes diferentes relativamente aos fenômenos linguísticos: os primeiros, por exemplo, aceitam com maior relutância do que os segundos os neologismos. Os técnicos das ciências naturais não procuram, por via de regra, a contenção do vocabulário: aceitam, sem mais, os termos novos para designar coisas novas, ao contrário do que acontece com os cientistas das ciências humanas (onde se integram os lexicógrafos), que procuram servir-se dos velhos vocábulos para designarem os conceitos novos. Os primeiros atingem muito facilmente a univocidade dos termos, o que não se verifica com os segundos. (VILELA, 1995, p. 95).

Em relação aos empréstimos, os especialistas de uma área utilizam termos estrangeiros independentemente de eventuais protestos puristas e seguem, no máximo, as regras dos órgãos normalizadores, como é o caso da ISO – International Organization for Standardization ou Organização Internacional para Padronização. Isso se deve ao fato de que, nos meios científicos, técnicos e tecnológicos, as novas teorias e as novas práticas carregam a terminologia (aqui entendida como conjunto de termos) na língua de origem dos países produtores. O que deve ser lamentado, dessa forma, é o fato de o Brasil importar e se subjugar, política e economicamente, à ciência e à tecnologia estrangeiras, e não o fato de utilizar as decorrentes terminologias estrangeiras - o que é apenas uma consequência das relações internacionais.

A ciência terminológica, assim, deve adotar e padronizar os neologismos, inclusive os estrangeirismos, adequados ou não ao sistema linguístico da língua de chegada, o português, na variedade brasileira, pois é sua tarefa a descrição completa, atual e consistente da realidade linguística das linguagens de especialidade, reflexos da organização socioeconômica e política, em contexto global e em contextos particulares.

Quanto à variação linguística, a resistência e a repressão teórica partem, na maioria das vezes, das próprias esferas normalizadoras, que detêm o poder de padronização.

Obviamente a normalização conta com traços de normatização, mas a tarefa descritiva deve prevalecer sempre, na tentativa de se evitar a imposição de normas totalmente alheias à realidade linguística. Novamente recorremos às palavras de Aubert como fulcro para estas asserções:

As línguas de especialidade, como qualquer outro registro de qualquer idioma, compartilham da natureza multifacetada e permanentemente variável das línguas, no tempo e no espaço [...] a comunidade de usuários dos jargões não é monoliticamente constituída, não é social e culturalmente uniforme. Pelo contrário, constituem esses participantes sociais e linguísticos subgrupos com pressupostos, intenções e motivações bastante distintas, o que, cedo ou tarde, acaba por conduzir a expressões linguísticas diversificadas que retratam tal diferenciação. (AUBERT, 2001, p. 17)

e às de Cabré:

os termos não formam parte de um sistema independente de palavras, mas que conformam com elas o léxico do falante, mas, ao mesmo tempo, pelo fato de serem multidimensionais, podem ser analisados de outras perspectivas e compartilham com outros signos, de sistemas não linguísticos, o espaço da comunicação especializada. (CABRÉ, 1993, p. 119)

No entanto, o trabalho terminológico não deve dar margem a ambiguidades: os sistemas e os usos linguísticos são rica fonte de uma descrição que deve privilegiar a abordagem contextual bem definida.

As situações de uso dos termos devem estar estabelecidas de forma satisfatória e adequada, a fim de evitar a imprecisão de termos e consequentes erros práticos, que podem destruir processos produtivos inteiros, em alguns casos, e, em ocorrências mais graves, vidas humanas, que dependem da eficiência da ciência e da tecnologia para sua manutenção.

### 3.3.3 Teoria Geral da Terminologia *versus* Socioterminologia, Teoria Comunicativa da Terminologia e Teoria Sociocognitiva da Terminologia: aspectos epistemológicos e práticos

Neste tópico faremos algumas considerações a respeito das principais correntes de estudiosos da Terminologia, a fim de pontuar alguns pressupostos e objetivos da área, objetivando estabelecer um modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico.

### 3.3.4 Algumas considerações sobre Terminologia, terminologização e neologia

A Terminologia moderna ganhou vulto a partir dos anos de 1930, com as proposições de Eugen Wüster. Convencionou-se chamar a teoria de Wüster e de seus seguidores de *Teoria Geral da Terminologia*, doravante TGT.

A TGT é caracterizada por uma natureza prescritiva e normativista e não por uma natureza descritiva, o que torna incoerente sua inclusão no âmbito dos estudos linguísticos. O próprio Wüster reconhece a dissonância epistemológica entre a Linguística e a Terminologia proposta pela TGT:

Em primeiro lugar, todo trabalho terminológico utiliza como ponto de partida os “conceitos” com o objetivo de esclarecer delimitações claras entre eles. A terminologia considera que o âmbito dos conceitos e o das denominações (= os termos) são independentes. Por essa razão, os terminólogos falam de “conceitos”, ao passo que os linguistas falam de “conteúdos de palavras”, referindo-se à língua geral. Para os terminólogos, uma unidade terminológica consiste em uma “palavra” à qual se atribui um conceito como seu significado, enquanto que para a maioria dos linguistas atuais, a palavra é uma unidade inseparável composta de forma e conteúdo. (WÜSTER, 1998[1979], p. 21)<sup>5</sup>

Realmente, no que concerne à Linguística pós-Saussure e pós-Hjelmslev, as proposições de Wüster a esse respeito são controversas, em relação ao estudo do signo, tanto do signo terminológico como do signo de língua comum, pois, na concepção pós-estruturalista, o signo é uma unidade de conteúdo e expressão, de significado e de significante e só tem existência em relação a essa função de dependência e complementaridade.

Wüster negou teórica e metodologicamente a esfera do significado em relação a seu significante e, em decorrência disto, negou a influência discursiva na utilização das linguagens, incluindo as de especialidade. Numa situação ideal, utópica, o termo, para Wüster, seria uma “unidade de conhecimento” (KRIEGER, 2001, p. 53) e não uma unidade linguística à mercê das coerções sociolinguísticas inerentes ao estabelecimento e à utilização da linguagem humana. Dessa forma, o termo seria monorreferencial, invariável e absoluto – o que não se sustenta fora de construções teóricas positivistas e descontextualizadas.

A **Socioterminologia**, fruto de uma aproximação com a Sociolinguística, é mais um manifesto do que em uma teoria postulada por meio de fundamentos metodológicos. **Boulanger**, um de seus expoentes, enfatiza que a Terminologia tem estreita ligação com os "complexos sociais de ordem profissional" (BOULANGER, 1991, p. 14). O autor comenta que, somente após os anos da década de 1990, houve uma maior aceitação da Socioterminologia, ao passo que a Terminologia tradicional (TGT) fez discípulos, de maneira sistemática, desde os anos de 1970. Em relação à prática terminográfica, Boulanger nos lembra que esta acompanha o ser humano desde registros muito antigos – o ser humano sempre se valeu de listas de palavras como instrumental de seu mundo.

Boulanger (1991) distingue as funções da Socioterminologia, em relação aos princípios da TGT, principalmente no que diz respeito ao âmbito discursivo, definindo alguns princípios, dos quais destacamos:

- a Terminologia é uma ciência social;
- a variação é a essência da Socioterminologia - variantes diacrônicas, diatópicas e diastráticas existem e devem ser consideradas nos estudos terminológicos;
- a Socioterminologia é prospectiva e não retrospectiva;
- a Socioterminologia valoriza a recuperação da história das ciências e das técnicas;
- a Socioterminologia considera de extrema importância os estudos da sinonímia, da polissemia e da homonímia, tradicionalmente rejeitados pelos estudos da TGT.

---

<sup>5</sup> Tradução: Maria da Graça Krieger in KRIEGER; MACIEL (org.), 2001, p. 23.

Yves Gambier, também à guisa de estabelecer os princípios da Socioterminologia, questiona a história do tratamento epistemológico da Terminologia, afirmando que, em sua concepção tradicional, esta ciência tratava os termos e os conceitos de forma alienada da realidade.

Gambier atribui a Wüster uma concepção idealista e positivista da Terminologia, com sua tão comentada preocupação em "eliminar ambiguidades das comunicações científicas e técnicas", bem como sua intenção de separar conteúdo e expressão, considerando a possibilidade de uma realidade alheia aos ditames sociopolíticos e culturais, além do nível discursivo. (GAMBIER, 1991, p. 33-51).

Em relação à Educação do Campo, consideramos que os princípios da Socioterminologia têm muito a contribuir em relação ao estudo da constituição de sua terminologia, tendo em vista que essa área é construída historicamente (conscientemente e manifestadamente) com o auxílio dos discursos da Sociologia e da História, com clareza em relação às diferenças sociais, individuais e coletivas, sem nunca hipotetizar uma terminologia "neutra", translinguística e transcultural como a de Wüster.

Assim a Socioterminologia tem função de estudar e classificar os usos e as respectivas variantes terminológicas, sinônimos, homônimos e termos polissêmicos, considerando a língua como fato histórico-social e, dessa forma, determinado pelas variáveis tempo e sociedade; logo, a análise terminológica das variações deve ser pautada no eixo temporal, na origem social e geográfica dos usuários das línguas de especialidade, além do uso estilístico destes usuários.

A partir dos anos de 1990, outros estudiosos da Terminologia também buscaram a sistematização de novos pressupostos teóricos e práticos, com a finalidade de adequar a Terminologia às realidades social, linguística, cultural e comunicativa.

Maria Teresa Cabré e colaboradores fundaram a chamada *Teoria Comunicativa da Terminologia* – TCT –, que, como a própria denominação sinaliza, assume o estudo terminológico de um ponto de vista comunicativo, o que pressupõe a análise das variáveis pragmáticas que direcionam a formação e a utilização das terminologias. Sucintamente, citamos os aspectos básicos da TCT:

- a TCT, em seu arcabouço teórico-prático propõe, além de uma “teoria da língua”, uma “teoria do conhecimento” e uma “teoria da comunicação”;
- a TCT considera os aspectos linguísticos relacionados à semântica e à pragmática, bem como os fonológicos e os morfossintáticos;

- a TCT considera as linguagens de especialidade como partes da língua geral, que estão submetidas às mesmas coerções sistêmicas e pragmáticas desta – assim, as linguagens de especialidade não são sistemas artificiais e sim sistemas naturais de comunicação, devendo, de tal modo, serem descritas como unidades de significação socioculturais e históricas, passíveis, assim, de manipulações e de mutações, de acordo com as situações e com os agentes discursivos;

- a TCT admite e estuda as variações conceptuais e denominativas das unidades terminológicas, registrando as diversidades e não as encobrindo ou “pasteurizando”, em termos de forma e conteúdo.

Em seu livro de 1999, Cabré analisa as "insuficiências da TGT", a qual se restringe a uma perspectiva estritamente sincrônica e estática, que se firma na eliminação sistemática da sinonímia, da polissemia e dos aspectos gramaticais e discursivos das unidades terminológicas, além de uma concepção unilateral de ciência, conforme já comentado (CABRÉ, 1999).

A Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST) foi proposta por Temmerman já no final da década de 1990 e início dos anos 2000, em Bruxelas.

Como a Socioterminologia e a TCT, a TST traz diversas críticas à TGT de Wüster e seus seguidores.

A TST propõe ir além dos parâmetros atuais (tradicionais) de Semasiologia/ Onomasiologia: propõe um papel comunicativo e cognitivo para a Terminologia, considerando o conhecimento linguístico em seu âmbito pré-linguístico e mental.

A seguir, resumimos alguns aspectos da TST (TEMMERMAN, 2001, p. 74-91):

- a TST parte de unidades de conhecimento, de acordo com a concepção de que as pessoas entendem o mundo por meio de *frames* cognitivos ou modelos;

- a TST propõe-se a dar um suporte científico às disciplinas;

- a TST busca melhores métodos e diretrizes para a Terminografia;

- os conceitos são tidos como categorias mais abrangentes, que possuem estruturas prototípicas;

- os conceitos, ou as categorias, não são considerados como estáveis e universais, como na TGT: o que é considerado mais ou menos importante em uma unidade de conhecimento pode variar;

- o conhecimento é estruturado nos níveis: intracategorial e intercategorial;

- a sinonímia e a polissemia são funcionais na TST, considerando o processo de construção do conhecimento;
- a Terminologia somente pode ser estudada em nível de discurso;
- a TST considera que a lexicalização é motivada;
- a TST considera o termo como signo linguístico, com suas duas faces indissociáveis: significado e significante;
- os sentidos metafóricos devem ser estudados;
- a TST utiliza como metodologia: análise das estruturas prototípicas; análise de modelos cognitivos e análise diacrônica;
- na TST, a análise e a produção terminográfica também partem das unidades de conhecimento;
- na TST há análise de *corpus* textual e consultoria com especialistas, além de análise de domínio.

No Brasil, destacamos o Projeto TermNeo - Observatório de Neologismos do Português Contemporâneo –, que teve origem em 1988, então denominado Observatório de Neologismos Científicos e Técnicos do Português Contemporâneo. É coordenado pela Profa. Dra. **Ieda Maria Alves** - Professora Titular – FFLCH - Universidade de São Paulo - e dele também participam outros professores: **Mariângela de Araujo**, Professora Assistente-Doutora – FFLCH –, Universidade de São Paulo; **Manoel Messias Alves da Silva**, Professor Adjunto – Universidade Estadual de Maringá; **Adriano Biava** Professor Assistente-Doutor – FEA - Universidade de São Paulo; **Bruno Oliveira Maroneze**, Professor Adjunto – Universidade Federal da Grande Dourados; **Ana Maria Ribeiro de Jesus** – Professora Doutora – Faculdades Metropolitanas Unidas. Também há pesquisadores do exterior ligados ao Projeto: **Maria Teresa Lino** Professora Catedrática- Universidade Nova de Lisboa – Portugal; **Isabelle Oliveira** Maître de Conférence - Université Paris 3 - Sorbonne Nouvelle – França, além de vários pós-graduandos da área de Filologia e Língua Portuguesa (linhas de pesquisa Lexicologia e Terminologia do Português e Neologia do Português Brasileiro) – **Eliane Simões Pereira**, **Fernanda Mello Demai**, **Jéssica Câmara Siqueira**, **Márcia Regina Pavoni de Oliveira**, **Maritana Luiza Onzi**, **Vilma de Fátima Soares**, dentre outros.

Segundo o site oficial, o Projeto TermNeo “tem a finalidade de coletar, analisar e difundir aspectos da neologia geral e da neologia científica e técnica do português contemporâneo do Brasil. Cumpre ainda o objetivo de elaborar glossários e dicionários

terminológicos em algumas das áreas estudadas”. (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlc/neo>> Acesso em 2011-2014).

As concepções do Projeto TermNeo pautam-se em bases socioterminológicas e também em princípios de Linguística Cognitiva, levando em conta fenômenos como: variação, sinonímia, polissemia, lexicalização, conceptualizações metafóricas e conceptualizações metonímicas e todos os subprocessos do fenômeno maior, a neologia das línguas de especialidade.

Neste item, escolhemos tratar do conceito de **terminologização**, pois todas as teorias e práticas terminológicas existem em função da terminologização, ou seja, da necessidade de transposição do nível conceptual para o nível linguístico.

A Terminologia pode ser encarada como o estudo dos conceitos, ou como o estudo dos termos, ou como o **estudo do signo terminológico, com suas faces significante e significado indissociáveis, concepção esta última que adotamos.**

Não podemos separar significado e significante, conteúdo e expressão, conceito e termo, pois precisamos materializar o conceito, de forma que possamos utilizá-lo na comunicação, fazer referência a ele, questioná-lo, refutá-lo, valorizá-lo. Da forma como nos organizamos, não haveria ciência nem tecnologia sem a terminologização, pois a comunicação, oral, escrita, e até mesmo em nossos pensamentos, dá-se por meio dos elementos linguísticos:

A metalinguagem técnica e científica de qualquer área do saber e/ ou de suas aplicações constrói a 'visão de mundo' específica, de tal forma que só é possível aprender uma ciência quando se adquire a competência semiótico-linguística do seu universo de discurso (BARBOSA, 2007, p. 442)

Em relação à **terminologização**, buscamos esse referencial pois esta é uma tese sobre neologia, e a criação de termos e de palavras nasce da necessidade de "colocação" do conceito em termo ou em palavra, ou seja: **a terminologização é a justificativa da neologia nas linguagens de especialidade, assim como a lexemização é a justificativa da neologia na língua geral.** Criamos novas expressões para novos conceitos, pois o termo é a matéria pela qual podemos utilizar e comunicar os conceitos. Sem o nível linguístico, não poderíamos nos valer dos conceitos em nossas práticas sociais.

Dessa forma, utilizaremos as proposições de Barbosa (2007), em uma das acepções de terminologização, a terminologização *lato sensu*, que nos interessa diretamente:

[terminologização]. processo que converte conceito em termo, *la mise en terme*, expressão esta comparável à *la mise en lexème*, do processo de lexemização de Pottier.

Nesse sentido, terminologização refere-se à relação entre o nível conceptual e o metalinguístico [...]. **Ora, sabe-se que, dependendo da área técnica ou científica, os processos de terminologização *lato sensu* são muito mais amplos: o fonológico, o sintagmático, o semântico.** O empréstimo (de uma língua para outra ou de uma área para outra) é apenas um dentre os vários processos de terminologização.

[...]

No processo de passagem do conceptual para o terminológico, [há] a criação *ex-nihilo*, que terá graus diferentes de motivação, **instauração de uma nova grandeza sígnica, numa combinatória inédita, no caso do processo fonológico e sintagmático [neológico]**. O ponto de partida é o conceptual. [...] (BARBOSA, 2007, p. 435-439, grifos nossos).

Não temos condições de transcrever todas as páginas, mas recortamos os trechos que fundamentam algumas de nossas escolhas neste trabalho.

Para a autora, a terminologização *stricto sensu* faz referência somente a um tipo de terminologização, caracterizado pela "transposição de uma unidade lexical da língua geral para uma linguagem de especialidade" – transformação de vocábulo em termo e transformação do termo em vocábulo (empréstimo), única acepção de terminologização abordada pela Norma ISO 1087 (BARBOSA, 2007, p. 438-439); (ISO, 1989, p. 11).

Certamente essa acepção, denominada pela autora de *stricto sensu*, não é a única, considerando que existem outros processos de terminologização, com a criação de novos signos a partir de vários subprocessos de criação lexical, como o sintagmático, alvo de nosso estudo.

Os empréstimos da língua geral para as terminologias e vice-versa são uma dentre várias possibilidades de criação lexical que, inclusive, não representa a maior produtividade em nosso *corpus*.

Como o foco da tese é a neologia, decidimos buscar representar alguns pontos do patamar conceptual, que dá origem ao aparato linguístico. Só temos novas palavras e novos termos porque temos novos conceitos, de acordo com as transformações históricas, sociais, científicas, técnicas e tecnológicas.

Assim, com a necessidade de **instauração de uma nova grandeza sígnica, uma nova palavra, ou um novo termo**, dá-se a neologia, tanto na língua geral, como nas linguagens de especialidade.

Particularmente em relação à Educação do Campo, nem o próprio termo que denomina a área existiria, se não existisse primordialmente um novo conceito de Educação, com motivação bem determinada.

Se não existissem acampamentos e assentamentos de reforma agrária, se não houvesse interesse de alguns grupos sociais em modificar aspectos sociais e políticos da história do mundo e da história do nosso país, não haveria a necessidade de elaboração dos textos, dos quais retiramos os termos que formam o *corpus* de análise dessa pesquisa - e esta tese teria outro tema.

Neste trabalho, procuramos dar ênfase, igualmente, aos conceitos (eixo paradigmático) e aos termos (eixo sintagmático). Logo, nesta tese serão verificados dois percursos, o semasiológico (a partir das unidades em presença, manifestadas linguisticamente, numa análise do termo para o conceito), e também o percurso onomasiológico (a partir das unidades em ausência, as possibilidades, numa análise do conceito para o termo).

Fazemos nossas as palavras de Maroneze (2011): “a distinção entre onomasiologia e semasiologia coloca-se como de natureza teórico-metodológica; empregamo-la aqui para efeitos de clareza da exposição, reforçando que, no ato da criação lexical, ambos os tipos de questões apresentam-se simultaneamente [...]” (MARONEZE, 2011, p. 46-47)

Consideramos que a neologia tem papel inquestionável na sociedade e na vida humana, pois não nos comunicamos sem os termos, nem exercemos manipulação social sem os termos, ou sem as palavras da língua comum.

Os termos e as palavras, em profunda interação e ligação semiótica com os conceitos, configuram o que conhecemos por *mundo* e por *vida*, e **a neologia é a concretização do poder de criação não só de signos, mas de significados e da própria experiência humana.**

#### 3.3.4.1 A normalização em Terminologia

A normalização é um método e um processo contínuo e controverso em Terminologia.

De acordo com Barros (2004), as origens dessa discussão é antiga:

A história da normalização não é recente. A necessidade de comunicação em ciência e tecnologia levou os especialistas de muitas áreas a adotar como base de criação de novos termos o latim e o grego, línguas universais da ciência. Um esforço nesse sentido se observou a partir do século XV, quando pesquisadores, eruditos e engenheiros passaram a fazer propostas de homogeneização terminológica em seus campos de atuação (BARROS, 2004, p. 85-86)

A normalização constitui-se também em uma ideologia, ou no domínio ou defesa de uma ideologia.

Nas pesquisas terminológicas faz-se necessário diferenciar os termos **normalização** e **normativização**; no sentido socioterminológico, a normalização é entendida como descrição

do uso terminológico por integrantes de grupos de profissionais e também pelo público medianamente especializado e pelo público leigo, cuja participação nos contextos linguísticos também influenciam decisivamente o estabelecimento de normas-padrão dentro das comunidades sócio-linguístico-culturais; já a **normativização** terá o sentido de prescrição e de imposição de formas, de acordo com o critério flutuante do “bom-uso”, impetrado pelas autoridades organizacionais que tratam de Terminologia em seus documentos de caráter prescritivo. Muitas vezes há a confusão entre esses dois termos e respectivos conceitos, frequentemente utilizados como sinônimos e, em outras, as práticas da normalização também tomam rumos prescritivistas, embora haja a distinção exposta (com base nas proposições de Faulstich, 1999, e autores citados pela autora).

Uma das tarefas básicas da Terminologia, de acordo com Cabré (1993, p. 53) é a normalização dos termos: o estabelecimento das normas e das respectivas formas consideradas padrão. Assim, de acordo com esta autora, a normalização seria o processo de redução a uma ‘norma’ considerada mais adequada, em detrimento de todas suas concorrentes.

Para Depecker, citado por Faulstich (1999, p. 171), a normalização tem dois sentidos principais:

- **a normalização técnica:** normalização dos objetos industriais cuja intervenção se dá nos procedimentos de fabricação ou de utilização dos produtos. São feitas normas, principalmente, para assegurar a confiabilidade dos produtos, para permitir sua troca e sua comercialização no mundo.
- **a normalização terminológica:** se ocupa da descrição de regras de fabricação desses produtos, uma vez que [...] é necessário construir terminologias que designem exatamente os objetos em causa [...] E é preciso que o mesmo termo seja empregado para o mesmo conceito ao longo de toda a norma e de uma norma a outra.

A normalização teria, ainda para Depecker (apud Faulstich, 1999), relação com a **harmonização**, ou seja: o processo de colocarem-se os termos e seus usos em correspondência, inter e intralingualmente.

Em relação à normalização terminológica, Auger (apud Faulstich, 1999, p. 171) não deixa, no entanto, de citar seus traços de prescrição e de normativização, ao propor que este tipo de normalização, ao lado de sua função de designar a fixação de variedades por meio de autorregulação, também carrega a função interventiva de uma organização para estabelecer a forma considerada preferencial, diante de todas as outras.

Adotaremos, neste trabalho, o termo **normalização** no sentido socioterminológico, ou seja, no sentido de descrição do uso terminológico no âmbito social dos grupos de profissionais e também do público medianamente especializado, cuja participação nos

contextos linguísticos influem decisivamente para o estabelecimento de normas-padrão dentro das comunidades sócio-linguístico-culturais.

A **Socioterminologia** teria, assim, a função de estudar e classificar os usos e as respectivas variantes terminológicas, considerando a língua como fato histórico-social e, dessa forma, determinado pelas variáveis tempo e sociedade; logo, a análise terminológica das variações deve ser pautada no eixo temporal, na origem social e geográfica dos usuários das línguas de especialidade, além do uso estilístico destes usuários.

Já o termo **normativização** será por nós adotado no sentido de prescrição e de imposição de formas, de acordo com o critério flutuante do “bom uso”, impetrado pelas autoridades organizacionais que tratam de terminologia em seus documentos de caráter prescritivo.

Segundo Faulstich, “um dos parâmetros para a normalização é a variação, pois esta última atua com variáveis diretamente dentro dos formantes do termo, provocando mudança quer na forma, quer no significado terminológico” (FAULSTICH, 1999, p. 172).

**Nesta tese, adotamos um procedimento normalizador, tendo em vista que estamos sistematizando e divulgando uma norma linguística, a da Educação do Campo, até então pouco conhecida do público em geral.** Dessa forma, pretendemos contribuir para que esta terminologia torne-se *conhecida* no universo linguístico e cultural da língua portuguesa do Brasil.

Com a normalização, a terminologia da Educação do Campo será, além de instrumento, uma justificativa das práticas socioculturais dos movimentos sociais do campo em prol de seus objetivos.

Não adotamos a normativização como metodologia de trabalho: não é nosso intuito fazer escolhas prescritivistas nem tomar certas formas como “corretas” ou “bonitas” ou “melhores”.

Fizemos uma escolha por uma pesquisa descritivista, prioritariamente qualitativa. Nosso *corpus* foi estabelecido dentro do universo discursivo da Educação do Campo, **tomando-se como representativos apenas os textos que tratam com propriedade conceitual a Educação do Campo.** Logo, os termos extraídos desse *corpus* são totalmente fidedignos aos princípios e às práticas da Educação do Campo e não julgamos apropriado ou justificável “maquiar” esses termos, alterando-os, manipulando sua forma de uma maneira normativista - se esses procedimentos ocorressem, não seria possível nem mesmo descrever ou valorizar positivamente os fenômenos da variação, da sinonímia, da polissemia, da antonímia, o que

afetaria e prejudicaria também a descrição dos processos da neologia, visto que estão intimamente ligados à variação, tanto de forma, como de conteúdo.

Assim, como método, elegemos o descritivo, pois o conjunto terminológico da Educação do Campo será apresentado de acordo com sua real configuração nos textos que compõem nosso *corpus*.

Quanto à normalização, adotaremos o sentido de "tornar normal um conjunto de termos", ou seja, descrever uma norma e quase que apresentá-la à sociedade brasileira, pois a maioria dos cidadãos a conhece de uma forma equivocada ou pouco precisa, a despeito de outras acepções do termo *normalização*.

### **3.4 Escolhas e proposições teórico-metodológicas nesta tese: um modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico**

Como convergência entre as propostas da Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT), da Socioterminologia e da Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST), salientamos as proposições de que **o termo é um signo linguístico, que representa um conhecimento especializado com as faces significado e significante intimamente ligadas**, em uma relação de interdependência e complementaridade.

Além disso, destaca-se a **relevância da aceitação da variação (polissemia, sinonímia, variação linguística, variação extralinguística)** e da importância dada às propriedades discursivas e comunicativas das terminologias.

Particularmente salientamos a importância da análise **dos contextos sociais, políticos e históricos** como fatores determinantes da Terminologia (como também o são em relação à língua geral).

Realmente as terminologias não têm existência autônoma em uma cultura, como queriam algumas teorias positivistas - a de Wüster é apenas mais uma, pois há muitas correntes científicas que desprezam os valores extralinguísticos que permeiam toda a produção de conhecimento humano (e nele, a linguagem).

Consideramos que a ciência é um processo e não um conjunto de produtos acabados, logo à epistemologia da Terminologia serão acrescentadas muitas outras contribuições.

Dentre os pressupostos analisados, pertinentes aos estudos que se enquadram na Socioterminologia, na Teoria Comunicativa da Terminologia e na Teoria Sociocognitiva da Terminologia, sistematizamos as diretrizes que compõem o **modelo e a respectiva**

**metodologia** propostos por nós nesta tese, para **uma análise conceitual e uma descrição terminológica de um corpus neológico.**

Criamos cinco eixos metodológicos, a fim de direcionar a natureza e os objetivos dos passos que compõem o modelo:

- **Eixo Metodológico 1: Metodologia geral** - Manipulação teórica relativa aos domínios: Linguística; Filologia; Terminologia; Lexicologia; Semântica; Morfologia; Morfossintaxe; Neologia. Em nossa tese, este eixo é trabalhado no Capítulo 1 (Prolegômenos), no Capítulo 3 (Fundamentação, escolhas e proposições teórico-metodológicas) e no Capítulo 7 (A Fim de concluir o ciclo).
- **Eixo Metodológico 2: Metodologia Específica** - Manipulação teórica relativa aos domínios: *corpus* especializado; área-tema; áreas afins. Em nossa tese, este eixo é trabalhado no Capítulo 1 (Prolegômenos), no Capítulo 4 (Os *Corpora*) e no Capítulo 5 (Aplicação da metodologia).
- **Eixo Metodológico 3 - Tecnologias de apoio à análise humana** - Informática e outras. Em nossa tese, este eixo é trabalhado no Capítulo 5 (Aplicação da metodologia: etapas, procedimentos e instrumentos de análise e descrição).
- **Eixo Metodológico 4 - Aplicação da Metodologia** - Manipulação prática - coleta, organização, classificação, análise, apresentação checagem de dados linguístico-terminológicos. Em nossa tese, este eixo é trabalhado no Capítulo 5 (Aplicação da metodologia), no Capítulo 6 (Análise da neologia e de relações intralinguísticas e extralinguísticas que caracterizam a terminologização e os termos da área de Educação do Campo) e no Capítulo 7 (A Fim de concluir o ciclo).
- **Eixo Metodológico 5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico** - análise do grau de aceitação e de difusão dos termos do *corpus* neológico em estudo, considerando aspectos históricos, sociais e ideológicos. Em nossa tese, este eixo é trabalhado no Capítulo 2 (A Educação do Campo: histórico e caracterização da área), no Capítulo 6 (Análise da neologia e de relações intralinguísticas e extralinguísticas que caracterizam a terminologização e os termos da área de Educação do Campo) e no Capítulo 7 (A Fim de concluir o ciclo).

A seguir, propomos os passos que compõem nosso modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpora* neológicos:

1) Decisão do objetivo geral da pesquisa e elaboração da justificativa para o projeto de pesquisa terminológica (**eixo metodológico 1**).

2) Estabelecimento da área profissional cujos conceitos e termos serão descritos, bem como das áreas afins, que podem emprestar conceitos e termos para a área-alvo do trabalho terminológico (**eixo metodológico 2**).

3) Organização e representação dos conceitos da área escolhida, em estrutura gráfica que permita a apreensão das relações entre os conceitos e dos graus de hierarquização. É recomendado que o pesquisador estabeleça categorias temáticas ou campos conceituais, a fim de agrupar os conceitos de uma maneira sistemática, que priorize o patamar cognitivo e não necessariamente o sistema linguístico, como ocorre com a ordenação simplesmente alfabética (**eixo metodológico 2**).

4) Estabelecimento do público-alvo e dos objetivos específicos da análise conceitual e da descrição terminológica (**eixo metodológico 1**).

5) Escolha e análise do referencial teórico que servirá como parâmetro para cada pesquisa, de acordo com os objetivos estabelecidos, neste caso, o referencial teórico é pertinente aos domínios: Linguística; Filologia; Terminologia; Lexicologia; Semântica; Morfologia; Morfossintaxe; Neologia; *corpus* especializado (específico da área-alvo) (**eixo metodológico 1**).

6) Estabelecimento de critérios e tipologias de classificação e de análise, de acordo com um recorte do referencial teórico, como, por exemplo, tipologia de neologismos. Recomenda-se analisar a possibilidade de combinação entre critérios (como o quantitativo e o qualitativo) e a combinação entre os tipos de fenômenos estudados (como análise morfossintática, ou sintático-semântica, ou ainda semântico-pragmática) (**eixo metodológico 1**).

7) Pesquisa, análise e sistematização dos textos que comporão os *corpora* da pesquisa, de acordo com uma tipologia de *corpus* a ser definida, também relacionada ao público-alvo e aos objetivos da pesquisa. Recomenda-se análises interinstitucionais e intrainstitucionais, além de trabalhos de pesquisadores não vinculados a organizações predefinidas (**eixo metodológico 2**).

O *corpus* pode ser subdividido da seguinte forma:

a) textos que servem à extração de termos e de conceitos, com datação não determinada, que tratam com propriedade da área-alvo, por serem textos de autores e instituições representativos. Esse conjunto de textos mais geral deve ser o primeiro a ser recolhido e, depois, organizado, filtrado, acrescido, subtraído e é por nós chamado de ***corpus de partida*** ou ***corpus parâmetro***, pois serve de ponto inicial da pesquisa, em seu estado bruto; este

*corpus* certamente é bastante alterado ao longo da pesquisa e não equivale necessariamente ao *corpus* documental ou ao *corpus* referencial, mas deve ser mantido como parâmetro para comparações, para que, com os procedimentos incessantes de recortes e delimitações dos termos, tenhamos um comparativo, em estado bruto (não tratado na extração de termos), para evitar ao máximo falhas na segmentação de termos e até mesmo na depreensão de conceitos.

Posteriormente, esse *corpus in natura* deve ser submetido ao mesmo procedimento de extração de termos, para a confirmação das hipóteses. Com a finalização da leitura dos *corpora* e da extração de termos, esse *corpus* de partida ou parâmetro é de extrema importância, pois valida resultados, além da consulta com especialistas, que pode ser um procedimento sistêmico ou pontual - todavia válido e indispensável a uma correta descrição terminológica de uma área cujas denominações estão restritas ao público em geral.

b) textos que servem à extração de termos, datados de, no máximo, uma década, ou conforme outros critérios que o pesquisador julgar pertinentes a seu estudo. Esse tipo de *corpus* pode ser denominado ***documental***.

c) textos que servem à extração de conceitos, destinados a uma estruturação cognitiva dos conceitos da área, que o pesquisador deve alcançar antes ou durante o trabalho terminológico. Esse tipo de *corpus* pode ser denominado *referencial*.

d) textos que servem à determinação do caráter de neologicidade dos termos extraídos. Esse tipo de *corpus* pode ser denominado *de exclusão*. É tradicionalmente composto por obras dicionarísticas, como dicionários de língua geral, mas também recomenda-se que se utilizem os textos mais antigos da área de especialidade, que não entraram na periodicidade estabelecida pelo *corpus* documental neológico. Os termos que constam do *corpus* de exclusão não entram para a listagem de termos neológicos a serem descritos.

e) listagem de termos a serem descritos: pode ser chamada de *corpus de análise*. Deve ser organizada de alguma forma coerente, de preferência sistemática, ou seja, por campo conceitual, e não somente por ordenação alfabética.

8) Elaboração de fichas terminológicas, planilhas e outros instrumentos que servirão à coleta e à sistematização de dados (**eixo metodológico 4**).

9) Escolha e estudo da viabilidade de utilização de ferramentas informatizadas e de outras tecnologias que, se consideradas necessárias pelo pesquisador, auxiliarão o trabalho humano com a agilização dos processos de coleta, de sistematização e de apresentação de dados (**eixo metodológico 3**).

10) Coleta das unidades linguísticas consideradas termos, de acordo com o recorte teórico adotado (**eixo metodológico 4**).

11) Seleção dos termos considerados neológicos, de acordo com o recorte teórico adotado (**eixo metodológico 4**).

12) Classificação dos termos em categorias temáticas ou campos conceituais definidos pelo pesquisador, de acordo com sua apreensão dos conceitos da área (**eixo metodológico 4**).

13) Sistematização dos fenômenos linguístico-terminológicos a serem descritos, relacionados com os critérios e com as tipologias determinados pelo pesquisador (**eixo metodológico 1**).

14) Análise e descrição dos termos, de acordo com os fenômenos linguístico-terminológicos escolhidos para análise, como os processos e subprocessos de neologia e respectivos aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos, pragmático-ideológicos (**eixo metodológico 4**).

Exemplos:

a. estrutura morfossintática dos termos (relações de determinação envolvendo substantivos, adjetivos, advérbios, verbos, preposições, conjunções);

b. processos de derivação (derivação prefixal e derivação sufixal) e composição (composição propriamente dita e composição sintagmática);

c. configurações semânticas, metafóricas e/ ou metonímicas;

d. relações pertinentes aos planos do conteúdo e da expressão, como sinonímia, antonímia, variação e polissemia;

e. lexicalização de itens gramaticais;

f. neologia como processo principal;

g. neologia como processo complementar;

h. neologia em combinatória (combinação de subprocessos de neologia, como, por exemplo, composições sintagmáticas e configurações metafóricas ou metonímicas, entre outras possibilidades).

15) Correlação dos resultados da análise com propostas de outros autores (**eixo metodológico 4**).

16) Entrevistas e checagem de resultados com especialistas da área (**eixo metodológico 4**).

17) Checagem da neologicidade dos termos em *corpora* informatizados ou não, eventualmente elaborados por outros pesquisadores para estudos a respeito da mesma área (**eixo metodológico 4**).

18) Checagem das definições propostas para os conceitos da área, se, entre os objetivos do trabalho estiver a elaboração de dicionário terminológico, vocabulário técnico-científico ou glossário (**eixo metodológico 4**).

19) Contextualização do trabalho terminológico em relação aos fatores históricos, sociais, culturais, econômicos que unem a terminologia à ideologia, dentro dos limites propostos, com base nas informações metalinguísticas e epistemológicas extraídas dos *corpora* (**eixo metodológico 5**).

20) Análise do grau de aceitação e de difusão dos conceitos e dos termos da área estudada, por parte da comunidade linguístico-cultural a que se destinam os *corpora* e o trabalho terminológico, com vistas à determinação do percurso da neologia para a desneologização. Com isso, o pesquisador pode proceder a uma análise diacrônica da transformação dos termos – para isso, deve recorrer aos textos mais antigos da área, que não entraram para seu *corpus* documental (**eixo metodológico 5**).

21) Organização final das descrições e análises propostas, na forma adequada ao gênero textual a que o trabalho se destina (tese, dissertação, monografia, artigo científico, obra dicionarística, catálogo, entre outros.) (**eixo metodológico 4**).

22) Replanejamento das atividades, da metodologia e dos objetos da análise, a qualquer momento, sempre que o pesquisador considerar necessário (**eixos metodológicos 1,2, 3 e 4**).

Esses passos foram numerados, mas, certamente, podem ser desenvolvidos concomitantemente, de acordo com a natureza da pesquisa.

Pretendemos utilizar as proposições desse modelo na estruturação dos capítulos-partes que seguem, já como aplicação da metodologia.

A seguir apresentamos um quadro que estabelece relações entre os eixos metodológicos e os passos de uma pesquisa de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico:

<b>Eixo metodológico</b>	Etapas da pesquisa de análise conceitual e descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico (resumo)
<b>1 - Metodologia geral - Manipulação teórica</b>	1 - proposição de justificativa e objetivos; 4 - determinação do público-alvo; 5 - escolha do referencial teórico; 6 - critérios e tipologias de classificação e análise; 13 - sistematização dos fenômenos linguístico-terminológicos; 22 - replanejamento a qualquer momento.
<b>2 - Metodologia específica - Manipulação teórica</b>	2 - escolha da área-tema; 3 - organização e representação dos conceitos da área-tema; 7 - composição dos <i>corpora</i> ; 22 - replanejamento a qualquer momento.
<b>3 - Tecnologias de apoio à análise humana</b>	9 - Estudo da viabilidade de utilização de tecnologias; 22 - replanejamento a qualquer momento.
<b>4 - Aplicação da Metodologia - Manipulação prática</b>	8 - Elaboração de fichas terminológicas, planilhas e outros; 10 - coleta dos termos; 11 - seleção dos termos considerados neológicos; 12 - classificação dos termos em categorias temáticas; 14 - análise e descrição linguístico-terminológica; 15 - correlação dos resultados com outras pesquisas; 16 - checagem de resultados - entrevistas; 17 - checagem da neologicidade dos termos; 18 - checagem das definições propostas para os conceitos; 21 - organização final da apresentação da pesquisa; 22 - replanejamento a qualquer momento.
<b>5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico</b>	19 - contextualização do trabalho terminológico em relação a fatores históricos, sociais, culturais - identificação de relações entre ideologia e Terminologia; 20 - análise do grau de aceitação e de difusão dos termos da área estudada - percurso da neologia à desneologização.

Figura 4 - Correlação entre os eixos metodológicos e as etapas de uma pesquisa de análise conceitual e descrição terminológica de *corpus* neológico.

Fonte: a autora, 2011.

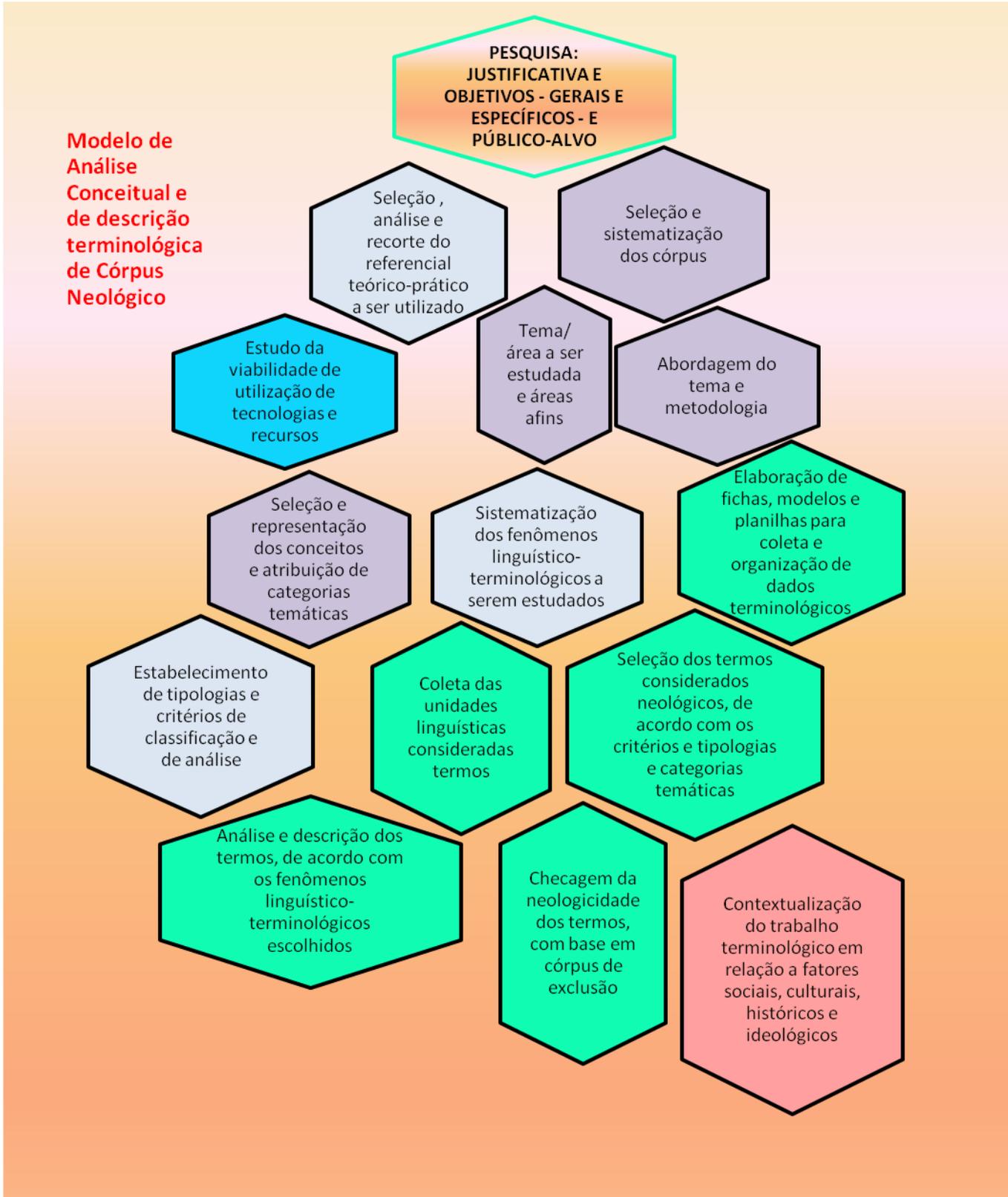


Figura 5 – Modelo de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico  
 Fonte: autora, 2011.

Os dados do gráfico do Modelo de análise conceitual e de descrição terminológica estão separados didaticamente nos eixos temáticos expostos a seguir, marcados por cores diferentes, conforme a legenda da Figura 6.

Chamamos a atenção para o fato de que todos os passos desse Modelo são interligados e inseparáveis. A divisão em eixos metodológicos que propomos nesta tese tem fins metalinguísticos.

Na verdade, todos os hexágonos que representam as etapas elaboradas em nosso Modelo são fundidos em um único plano quando da efetivação da proposta.

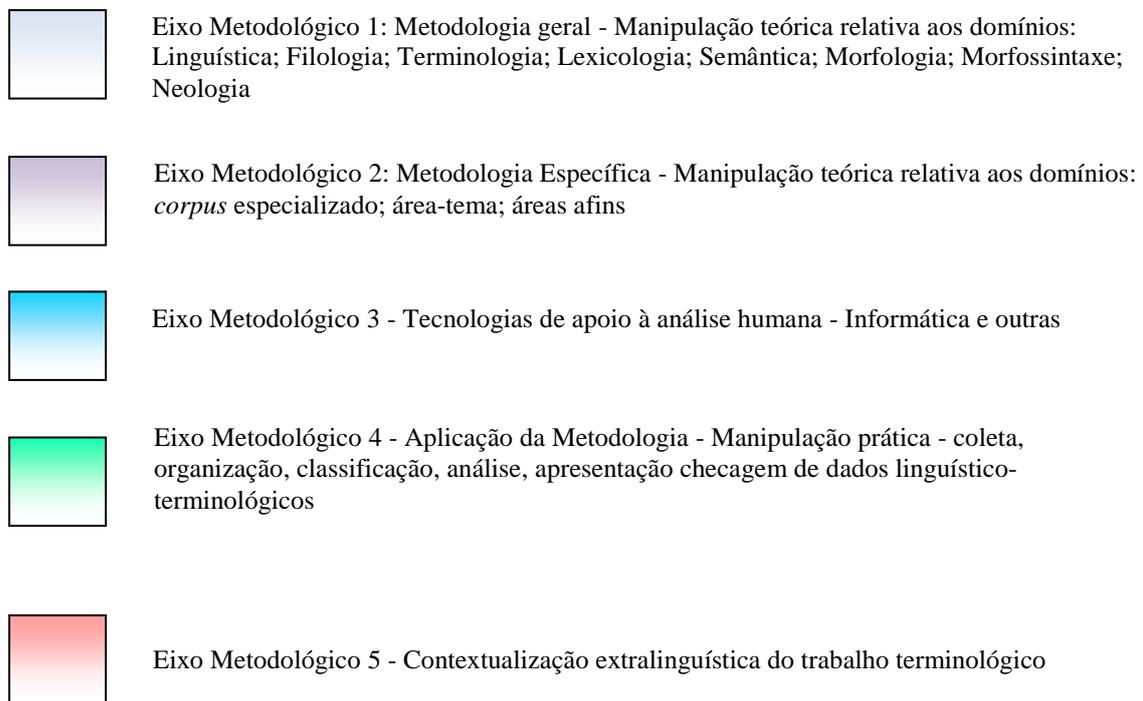


Figura 6 - Legenda do Modelo de análise conceitual e descrição terminológica de *corpus* neológico - os eixos metodológicos. Fonte: a autora, 2011.

Assim, propomos uma metodologia de pesquisa, de acordo com os objetivos desta tese.

Elaboramos também um mapa conceitual (figura 7), que apresenta uma visão mais generalizante desse nosso modelo de pesquisa.

Desse mapa, destacamos como itens de maior relevância: "replanejamento a qualquer momento" e "checagem de dados", pois são procedimentos dos quais muitas vezes nos esquecemos no furor da consecução de um trabalho de pesquisa. Devemos ter em mente, inclusive, que podemos nos deparar com mudanças drásticas de nosso percurso inicial, traçado em condições pré-pesquisa, na fase de projeto. Logo, temos que proceder sim a uma checagem sistemática das informações e dos resultados e replanejar ações de acordo com as autoavaliações que temos de realizar a respeito da concretização de nossos objetivos. Dessa forma, é bem possível que tenhamos de selecionar outros materiais para os *corpora*, ou então buscar mais referências teóricas para dirimir as dúvidas que naturalmente surgem em "espíritos abertos à ciência". Bem como nossos objetivos podem mudar e, com eles, as justificativas e a metodologia...

Também temos que ter em conta que precisamos apresentar um produto, não podemos pesquisar para sempre, em algum momento temos que fazer escolhas e partir delas para a efetivação dos objetivos.

Ressaltamos a importância e a necessidade de divulgação dos resultados das pesquisas, mesmo que sempre passíveis de críticas.

A ciência não pode ser engavetada, omitida ou dissimulada. Estejamos corajosos em relação às críticas e que possamos crescer intelectualmente com elas. E que possamos estar sempre em um posicionamento coerente e profícuo.

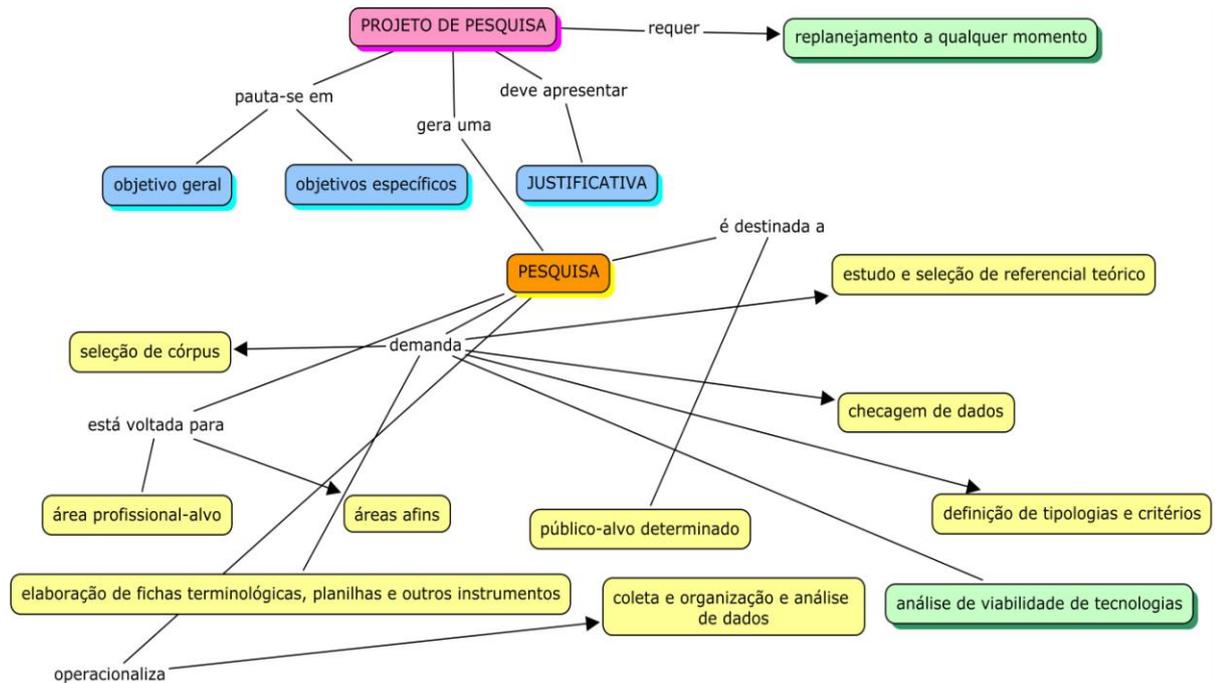


Figura 7 – Mapa conceitual: metodologia de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico  
 Fonte: autora, 2011.

Toda pesquisa deve gerar um produto, seja qual for o gênero a que se destina - dissertação, tese, artigo científico, relatório técnico.

Em suma, procuramos extrair de nosso referencial teórico uma metodologia mais voltada ao tratamento de *corpora* terminológicos neológicos, principalmente daqueles altamente marcados por fatores ideológicos.

Ressaltamos o caráter social do tipo de pesquisa que procuramos atingir e esperamos que as proposições teórico-práticas desta tese sejam úteis.

### 3.5 A Neologia e a Terminologia: tipologia e configuração de termos

Neste subitem apresentamos uma breve caracterização da tipologia de neologismos utilizada como referencial nesta tese.

No capítulo 6, destinado à análise propriamente dita dos termos neológicos da Educação do Campo, abordaremos com mais detalhamento os tipos de neologismos, bem como as relações e as combinatórias entre eles.

#### 3.5.1 Neologismos terminológicos fonológicos e gráficos

Os neologismos fonológicos e gráficos são decorrentes da variação de significantes (forma) e da variação gerada pela oposição entre língua falada e língua escrita.

A neologia fonológica, no *corpus* deste trabalho, manifesta-se exclusivamente como processo complementar de outras formas de criação, "é uma criação fonológica decorrente de um outro tipo de neologismo. Ele não é causa e, sim, consequência de outro modo de criação" (BARBOSA, 1981, p. 185).

Como exemplos de nosso *corpus*, podemos citar os acrônimos: *ANCA, ETE, ICA, ITERRA, PROCERA, CETEC, ENEFA, ENEJA, GEAGRI, GETEP, PROJOVEM, PRONERA, TAC*.

Segundo Barbosa (1981):

Ocorre um [...] tipo de neologismo fonológico complementar quando uma sigla passa de sequência gráfica a sequência fonológica coesa, sentida como uma lexia pelo falante. É o caso, por exemplo, de USP, que é realizada como /uspi/, e, raramente, como /U.S.P/.

Ocorre todo um complexo processo de criações neológicas até chegar-se ao fonológico:

- a) há primeiramente uma combinatória livre - a Universidade de São Paulo;
  - b) dá-se, em seguida, uma criação neológica por composição - Universidade de São Paulo -, que se torna, então, lexia fixa;
  - c) a partir desse momento, cria-se uma lexia simples - USP;
  - d) finalmente, sucede a transformação fonológica neológica - /uspi/.
- (BARBOSA, 1981, p. 188).

Todos os acrônimos citados, bem como os outros encontrados mas não mencionados neste item, passaram por essas etapas, elencadas de "a" a "d" por Barbosa, na citação imediatamente anterior.

Por exemplo: *Escola Técnica Estadual* (combinatória livre) → *Escola Técnica Estadual* (lexia fixa) → ETE (lexia simples) → /eti/ (transformação neológica em

caráter complementar do processo principal de composição sintagmática - neologia sintagmática).

Diacronicamente, apenas para continuar neste exemplo, a *lexia* simples *ETE* transformou-se, por razões político-ideológicas, em *ETEC*, que realizou o mesmo percurso, originando-se de "Escola Técnica", por sua vez.

### 3.5.2 Neologismos terminológicos semânticos

No plano do significado, temos o processo de formação de neologismo semântico.

Os neologismos semânticos são formados por significados inéditos, pela mudança de classe gramatical (conversão), pelo desenfoque semântico (substituição indevida de um parassinônimo por outro), por sentidos metafóricos ou sentidos metonímicos.

Exemplos de neologismos semânticos no *corpus* da Educação do Campo: *Marcha dos Sem Terra; memória da educação do campo; Mística dos educadores; brigada; mística da luta.*

### 3.5.3 Neologismos terminológicos sintagmáticos

No plano da organização horizontal dos elementos na frase, temos a **neologia sintagmática**, cujo princípio é a formação de um novo signo a partir da combinação de vários signos distintos já existentes na língua (GUILBERT, 1975, p. 101).

São alguns exemplos de neologia sintagmática do *corpus* da Educação do Campo: *CPS; desenvolvimento cultural dos assentados; direito à educação dos povos que vivem e trabalham no campo; direitos dos povos do campo ao conhecimento; educação no campo.*

### 3.5.4 Neologismos terminológicos por empréstimo

Neologismos terminológicos por empréstimo, também denominados alogenéticos, são geralmente classificados em dois tipos:

a) empréstimo externo: caracteriza-se pela utilização de termos de outros sistemas linguísticos;

b) empréstimo interno: caracteriza-se pela utilização de elementos de uma área de especialidade por outra - ou ainda pela passagem de termos das línguas de especialidade para a língua geral e vice-versa.

Do *corpus* de análise da Educação do Campo não constam empréstimos externos, mas sim há empréstimos de outras áreas de conhecimento: *ANCA*; *aniversário do assentamento*; *campo da agricultura camponesa*; *concepção de campo*.

Este capítulo foi destinado a expor, a comentar e a propor o recorte e a reorganização teórica que serão adotados nesta tese.

O aprofundamento da análise desses tipos de neologismos será feito no Capítulo 6.

Nos capítulos seguintes, partiremos desses pressupostos e de nossa proposta de modelo de análise conceitual e de descrição terminológica a fim de tratar o *corpus* neológico representante da terminologia da Educação do Campo.

O capítulo seguinte é dedicado aos *corpora* da pesquisa.

#### **4. OS *CORPORA*:**

### **COLETA E SISTEMATIZAÇÃO DE DADOS TERMINOLÓGICOS**

A ciência básica, com o saber-fazer acadêmico, alia-se à ciência aplicada, com o fazer-fazer institucional, para formar trabalhos conjuntos que possuam ambas as características e, assim, é possível que a universidade cumpra seu papel social de aplicar o conhecimento gerado na sociedade, contribuindo para seu progresso.<sup>6</sup>

**(Rosiane Cristina Gonçalves Braga)**

---

<sup>6</sup> Vocabulário sistemático do subprojeto Ecovale. 2005, p. 353.

Este capítulo destina-se a apresentar os *corpora* da pesquisa e os procedimentos e critérios que levaram à sua constituição, bem como suas finalidades neste trabalho.

O presente capítulo enquadra-se no Eixo metodológico 3 - Tecnologias de apoio à análise humana (Passos: 9 - Estudo de viabilidade de utilização de tecnologias e 22 - Replanejamento a qualquer momento) (vide capítulo 3 sobre os eixos metodológicos).

#### **4.1 O *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro**

O *corpus* de partida ou parâmetro, como o concebemos nesta tese, é o conjunto de textos que servem à extração de termos e de conceitos, com datação não predefinida, que tratam com propriedade da Educação do Campo, por serem textos de autores e instituições representativos.

Esse conjunto de textos mais geral, que foi o primeiro a ser recolhido e, depois, organizado, filtrado, acrescido, subtraído, serviu de ponto inicial da pesquisa, em seu estado bruto; este *corpus* foi bastante alterado e não equivale necessariamente ao *corpus* documental ou ao *corpus* referencial, mas foi mantido como parâmetro para comparações, para que, com nossos procedimentos incessantes de recortes e delimitações dos termos, tivéssemos um comparativo, em estado bruto (não tratado na extração de termos), para evitar ao máximo falhas na segmentação de termos e até mesmo na depreensão de conceitos.

Posteriormente, esse *corpora in natura* foi submetido ao mesmo procedimento de extração de termos, para a confirmação das hipóteses.

Com a finalização da leitura dos *corpora* e da extração de termos, esse *corpus* de partida ou parâmetro foi de extrema importância, pois nossos resultados foram validados por ele, além da consulta com especialistas, que não foi um procedimento sistêmico, e sim pontual - todavia válido e indispensável a uma correta descrição terminológica de uma área cujas denominações estão restritas ao público em geral.

Recorremos a dissertações de mestrado, teses de doutorado, artigos científicos e de divulgação, reportagens e legislações para a composição desse *corpus* inicial. Não elencamos dicionários terminológicos, pois essa prática ainda é incipiente em relação à Educação do Campo e, somente após iniciada a pesquisa, foi lançada uma obra enciclopédica relacionada à EC.

Nosso *corpus* é constituído por aproximadamente 500.000 palavras "corridas" ou "tokens", que é o número total de itens encontrados, com repetições, e aproximadamente 200.000 palavras distintas, ou 'types', tipos distintos.

## 4.2 O *corpus* de exclusão

Os dicionários de língua geral e a literatura científica e filosófica das áreas de Educação e de Educação do Campo foram utilizados como fonte de informações de caráter semântico e também para a seleção de contextos de utilização dos termos.

Para a verificação dos processos de neologia, foram criados dois subtipos de *corpus* de exclusão (conceito e denominação expressos por Boulanger, 1979 [a], *apud* Alves (2000, p. 105)).

Não nos fixamos somente no *corpus* de exclusão lexicográfico e sim ampliamos essa metodologia, formando um segundo *corpus* de exclusão, constituído por textos técnicos. Assim, temos os *corpora*:

- *corpus* de exclusão geral: dicionários de língua geral (língua portuguesa);
- *corpus* de exclusão específico: textos técnicos e/ ou científicos da área de Educação do Campo.

A seguir caracterizamos esses dois subtipos do *corpus* de exclusão.

### 4.2.1 O *corpus* de exclusão geral

Alves (2001a) define *corpus* de exclusão como "o conjunto de dicionários que serve como referência para o estabelecimento do caráter neológico de um termo" (ALVES, 2001a, p. 10). Assim, os termos que constam de dicionários de língua não são considerados neológicos, pois já entraram para o acervo do léxico de uma língua - que deve conter também os conjuntos terminológicos.

Para a validação dos neologismos, foram escolhidos 3 dicionários de sistema ou de língua geral, em algumas versões.

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. *Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. São Paulo: Global, 2009.

- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário Aurélio da língua portuguesa*. Curitiba: Positivo, 2004.

- \_\_\_\_\_. Dicionário Aurélio Eletrônico Nova Ortografia. Versão 7.0. 2011. 1 CD ROM.

- HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

- \_\_\_\_\_. Dicionário Eletrônico Houaiss. Versão 3.0. 2009.

Esses dicionários de língua geral são monolíngues, apenas em língua portuguesa, e tratam de todas as palavras comuns (não técnicas, não científicas) e também das palavras técnicas e científicas (termos) de algumas terminologias atuais, de acordo com os critérios estabelecidos para a constituição de cada uma das nomenclaturas, de cada uma das obras, pelas respectivas equipes de lexicógrafos/ dicionaristas.

#### 4.2.2 O *corpus* de exclusão específico

Juntamente com o *corpus* de exclusão geral, que é tradicional nos estudos de Neologia, criamos um *corpus* de exclusão específico, como recurso auxiliar para o estabelecimento de termos considerados neológicos.

Sablayrolles (2007) chama nossa atenção para as falhas que os *corpora* de exclusão unicamente lexicográficos podem apresentar na detecção de novas unidades linguísticas, como problemas na busca por neologismos semânticos e sintáticos, como combinatórias lexicais inéditas, ou significados homonímicos. (SABLAYROLLES, 2007, p. 17).

No procedimento mais tradicional, ou seja, da verificação da existência de neologismos na nomenclatura de dicionários, podemos deixar de verificar neologismos semânticos, ou seja: novas acepções para formas já existentes, pois os dicionários podem demorar muito ou não incluir essas novas acepções em dado período. Além de haver dificuldades de identificação de casos de polissemia propriamente dita, os problemas aumentam na identificação de casos de homonímia.

Quanto às novas combinatórias no eixo sintagmático, dificilmente dicionários de língua elencarão esses compostos, ainda em vias de lexicalização, que podem nem mesmo serem considerados termos ou expressões que significam um bloco de sentido (justamente por serem inovações, existe muita dificuldade em sua detecção). O próprio caráter gradual do conceito de neologia Sablayrolles (2007, p. 17) nos remete à dificuldade de identificação dos neologismos.

Nesta tese, tendo em vista essas dificuldades de identificação de neologismos pelo critério unicamente lexicográfico, utilizamos uma metodologia híbrida.

Os termos do *corpus* de análise foram submetidos à verificação nos dois subtipos de *corpus* de exclusão. Se o termo não constava (forma e/ ou significado) desse referencial, era considerado neologismo e, então, registrado no rol de termos passíveis da análise.

O *corpus* de exclusão específico é uma nova proposta de *corpus* de exclusão. É composto pelos textos mais antigos de uma área, em relação ao *corpus* de análise definido como neológico (últimos dez anos, aproximadamente).

A seguir elencamos nossos critérios para a estruturação do *corpus* de exclusão específico:

- **Critério 1** - historicidade/ diacronia - para a determinação de um *corpus* neológico: OBRAS no intervalo de 1990-1999 referentes à Educação do Campo;
- **Critério 2** - representatividade na área - os termos e os textos de instituições antagônicas, que têm foco na Educação Rural e não na Educação do Campo, não entraram para o *corpus* documental, por isso também servem de *corpus* de exclusão.

Apresentamos o resumo dos *subcorpora* de exclusão:

- **Subcorpus Senar:** exclusivamente impresso, domínio restrito – foi obtida cessão por parte do presidente da instituição no estado de SP.  
Obras de referência – série compilada em 1995: Série Metodológica – volumes 1 a 10. São 10 obras, compiladas em uma coleção. A instituição-fonte é inquestionavelmente representativa e conhecida no cenário da educação nacional, por isso foi selecionada, não obstante o fato de que sua atuação ainda se prende aos moldes da educação rural tradicional, o que fornece um importante contraponto ideológico e terminológico à Educação do Campo. Por isso as obras do Senar estão no *corpus* de exclusão: ou seja: não entram para o *corpus* documental da Educação do Campo.
- **Subcorpus Centro Paula Souza:** Planos de curso – área Agropecuária – 1995-1999.
- **Subcorpus do MST:** 15 obras, de 1990 a 1999.
- Resultados do refinamento propiciado pela utilização do *corpus* de exclusão específico: foram excluídos 216 termos com base no *corpus* de exclusão específico; o *corpus* de análise final conta com 670 termos.

Comentaremos os textos e os termos excluídos, elaborando uma análise diacrônica sobre a transformação e a incorporação dos termos da área – processo de desneologização, no Capítulo 6.

Consideramos que os subprocessos de desneologização em Terminologia são: a incorporação, a aceitação e a difusão dos termos de uma determinada área de conhecimento.

Apresentamos algumas questões que podem surgir em relação à metodologia do *corpus* de exclusão específico e fornecemos respostas para elas. Na verdade, essas questões podem ser de interesse de estudiosos de Neologia, de Terminologia ou de Lexicologia.

• **Questão 1:** O que o *corpus* de exclusão específico pode acrescentar ao *corpus* de exclusão tradicional, formado por dicionários de língua geral e por dicionários especializados?

Resposta: *O corpus de exclusão específico é vantajoso, pois acarreta uma atualização dos sentidos e uma possibilidade de variação formal e de variação conceitual dos termos.*

• **Questão 2:** Por que o critério de análise textual e discursiva é mais completo que o critério lexicográfico?

Resposta: *Porque no discurso se dão as novas combinatórias e as novas significações, o que acarreta mudanças no plano do significante e no plano do significado – nosso foco de análise. Os textos mais recentes de uma área técnica tendem a estar mais atualizados que obras lexicográficas, pois neles há maior probabilidade de ocorrência de termos considerados neológicos. Nas obras lexicográficas (língua geral), existe a abordagem da polissemia, pois é função dessas obras retratar os vários significados de uma palavra/ termo. Muitas vezes essa abordagem polissêmica não retrata precisamente alguns significados muito técnicos ou determinados mais ideologicamente que linguisticamente, como é o caso da terminologia da área de Educação do Campo. Deve ser levado em conta que cada instituição, cada autor, cada grupo carrega uma ideologia, a qual, obviamente, influencia a configuração dos conceitos e dos termos de cada área.*

### 4.3 O *corpus* documental

O *corpus* documental serve à identificação e à extração de termos, conforme Cabré (1997) *apud* Braga (2005, p. 84). É o conjunto de documentos que evidenciam o discurso de uma área. Deve ser escolhido criteriosamente, de acordo com os objetivos da pesquisa. Segundo Cabré (1993), podemos chamar esse conjunto de documentos de "documentação propriamente terminológica", que se constitui em uma das fases do trabalho terminológico (CABRÉ, 1993, p. 227).

Barros (2005), por exemplo, em uma pesquisa em que estudou o discurso terminográfico da área médica em obras brasileiras que vão do período colonial até o final do século XIX, teve que "alargar horizontes" em sua pesquisa documental, adotando a metodologia de incluir *corpus* de natureza textual-discursiva para análises terminológicas e terminográficas.

A autora salienta que os documentos recolhidos não têm natureza terminográfica, mas que:

1. são documentos técnicos ou científicos;
2. abordam temas de domínios especializados;
3. têm como objetivos registrar um conhecimento especializado e transmiti-lo;
4. para tanto, empregam conjuntos vocabulares que assumem o estatuto de conjuntos terminológicos, na medida em que representam e transmitem conhecimento especializado [...]" (BARROS, 2005, p. 256)

Logo, de acordo com a natureza da pesquisa, seu mentor, o terminólogo-pesquisador, deve ater-se aos fatores que realmente condicionaram a produção dos textos que tomará como *corpus* e procurará adequar-se e tratar suas especificidades, e não o contrário - tentar forçar os textos a encaixarem-se em postulados predefinidos.

Gambier (1991) chama a atenção para o fato de que o terminólogo deve se interrogar mais a respeito das condições de constituição de seu *corpus*, sua extensão e sua confiabilidade, tendo em vista as diferenças e os conflitos entre o saber científico (*discours savant*), difundido em congressos, em revistas especializadas, ou técnico (*réclames de procédé, exposés d'application* - manuais de procedimentos, exposições de aplicação) e o pedagógico (*discours mixte d'enseignement* - discurso misto de ensino - cursos de iniciação, de formação, revistas de vulgarização, enciclopédias) (GAMBIER, 1991, p. 39).

**O *corpus* documental por nós reunido pode ser enquadrado na tipologia de obra técnica-científica/ pedagógica/ de divulgação.**

**Na verdade, os próprios textos técnico-científicos da área de Educação do Campo prestam-se aos propósitos de:**

- 1. divulgar os conhecimentos de uma área;**
- 2. servir como referencial de ensino;**
- 3. divulgar e difundir os conceitos, as práticas e os objetivos de seus atores sociais.**

Nem todas as áreas, passíveis de estudo terminológico, contam com um *corpus* multitarefa como ocorre com o *corpus* da Educação do Campo. Pode haver textos (e respectivos termos) mais voltados ao pensamento científico (e que não são selecionados pelos discursos pedagógico e de divulgação, por serem considerados muito complexos para o público em geral).

Esses textos da Educação do Campo, que compõem os nossos *corpora*, não são complexos considerando-se um público-alvo medianamente escolarizado e já inserido no discurso da Educação Geral ou de práticas de Movimentos Sociais do Campo. No entanto, uma boa parcela dos atores sociais do Campo não possuem escolaridade, ou possuem pouca escolaridade. Assim, qualquer tipo de texto escrito, fruto de bases científicas, torna-se inacessível.

Existe assim uma discrepância entre a natureza do texto escrito e o poder de apreensão cognitiva de postulados do texto escrito por parte dos atores sociais do campo. Esse problema somente pode ser sanado com a universalização da alfabetização (e de outros níveis de escolarização e de ensino) às populações camponesas.

Entende-se assim que o discurso da Educação do Campo é elaborado por uma minoria intelectualizada, inclusive de professores e pesquisadores universitários, com o auxílio e com base nas necessidades, nos objetivos e nas concepções de mundo de uma maioria excluída do conhecimento escolar/ acadêmico.

Pode parecer um paradoxo, talvez seja, mas nossa interpretação é de que todo conhecimento intelectualizado parte de uma minoria, considerando-se as peculiaridades de nosso país (e da maioria dos países do mundo). O que diferencia a Educação do Campo positivamente, ainda de acordo com nossa interpretação, é o fato de que a área busca uma real universalização, com o alcance propiciado por um ensino adequado às classes mais pobres da população de uma cidade, ou de um estado ou de um país.

Como política pública de educação, os objetivos da Educação do Campo estão perfeitamente de acordo com a democratização do ensino. Como segundo ponto positivo em relação à Educação do Campo, apontamos que seus objetivos de universalização do ensino e de educação apresentam ideais contextualizadores, pois buscam uma Educação feita no campo, com os objetivos do Campo e pelos atores sociais do campo.

Como pontos negativos, apontamos que a Educação do Campo instaura-se em uma ambientalização hostil, de conflitos, manipulações e de violência, de disputa com autoridades, o que é prejudicial aos seus atores sociais como seres humanos, principalmente para com as crianças e idosos.

Fizemos esses comentários a fim de situar os leitores desta tese no contexto em que são produzidos, por quem, e para quem os textos que compõem o *corpus* da Educação do Campo.

Nossa avaliação final é de que estes textos são profícuos em relação aos seus objetivos, não obstante as dificuldades extralinguísticas que caracterizam sua produção. Por isso mesmo, já na seleção dos *corpora*, os pesquisadores devem analisar as condições de impetração dos textos, levando em conta os fatores que condicionam sua criação e sua manipulação.

Apresentamos um resumo de cada *subcorpus* que compõe o *corpus* documental, esclarecendo que as obras listadas são as que efetivamente forneceram termos que entraram para o *corpus* de análise, de acordo com os critérios estabelecidos.

Muitas outras obras foram consultadas, mas, como não se enquadravam nos princípios ou na ideologia da EC, foram descartadas e delas não foram extraídos termos para nosso

*corpus* de análise. **Logo este *corpus* documental já é uma seleção, não se constituindo (e não podendo ser confundido) com o *corpus* total da pesquisa, que é muito mais extenso.**

Esta listagem resumida do *corpus* documental é um núcleo conceitual e terminológico, como uma intersecção dos conjuntos das principais obras, que representam os principais conceitos (e respectivas denominações) da Educação do Campo.

Para utilizarmos a metáfora da "peneira", esta relação de obras é o que restou de mais denso e selecionado na triagem da análise conceitual e da descrição terminológica.

É a seguinte a seleção do *corpus* documental:

• **Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra**

*Subcorpus* MST: obras impressas e textos disponibilizados no site da instituição, domínio público – material obtido por meio de compra e de cessões da ANCA – Associação Nacional de Cooperação Agrícola. São obras de referência (2000-2010): 10 anos. É composto por Cadernos de Educação; Cadernos de Formação; Boletins de Educação; relatórios, dossiês e legislações de grupos de trabalho, de universidades e de órgãos oficiais (MEC); obras e teses de especialistas e teóricos da EC.

São 15 obras, entre publicações do MST, de especialistas e órgãos oficiais, que formam uma unidade sob os aspectos conceitual e terminológico-neológico e o site da instituição.

• **Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza**

*Subcorpus* Ceeteps: digitalizado, domínio público (2006; 2008). São 2 dissertações de mestrado, em Educação e em Engenharia Agrícola, que versam a respeito de perspectivas sociais de educação técnica e tecnológica na instituição, a qual passou a se enquadrar em alguns princípios da EC, a partir dos anos 2000. Essas duas obras foram as únicas a fornecer um conjunto coerente de termos neológicos e pertinentes à EC, tendo como base a instituição-fonte.

• **Resumo quantitativo** - total de fontes: 18 (15 originalmente impressas, 2 originalmente digitalizadas e 1 site)

**subcorpus MST – 15 obras + site da instituição**

- autoria do MST: 6
- especialistas e teóricos da EC: 6
- órgãos oficiais e GT: 3
- site: 1 (todo o conteúdo do site, na íntegra - artigos, notícias, materiais didáticos, legislação)

**subcorpus Ceeteps -2 obras**

**2 dissertações de mestrado**

• **Resumo qualitativo**

- homogêneo no sentido de que é constituído por obras de carácter técnico-científico, didático e de divulgação;
- de abrangência nacional;
- atual - recorte dos últimos 10 anos, que retrata a constituição e o estabelecimento da EC no Brasil;
- crítico – representa a tensão dialética entre a complexidade dos gêneros textuais referidos e a baixa escolaridade dos povos do campo, inclusive dos professores.

#### **4.4 O *corpus* referencial**

É o *corpus* com que se identificam e se extraem conceitos, além das obras do *corpus* documental (BRAGA, 2005, p. 84). É um complemento ao patamar cognitivo alcançado no estudo do *corpus* documental. Cabré (1993) diz que esses documentos de referência são fontes de informação para que os terminólogos ou os especialistas adquiram conhecimentos sobre a teoria e os métodos de trabalho da Terminologia ou sobre a estruturação de determinado campo de especialidade. É, para a autora, um complemento da documentação propriamente dita do trabalho terminológico. (CABRÉ, 1993, p. 227).

Os termos e respectivos conceitos podem ou não entrar para o *corpus* de análise, mas o pesquisador deve entrar em contato com uma quantidade maior e mais diferenciada qualitativamente de textos, além dos que foram eleitos para compor o *corpus* documental propriamente dito.

O *corpus* referencial, assim, presta-se a auxiliar o pesquisador na apreensão dos conceitos da área estudada.

Defendemos que o trabalho terminológico deve ser feito por profissionais que, mesmo não sendo especialistas na área, buscam entender os conceitos e as práticas estudadas, não obstante o fato de se caracterizarem por um ponto de vista pouco ou medianamente especializado. Assim o terminólogo não é apenas uma pessoa que coleta unidades terminológicas, de acordo com critérios morfossintáticos, semânticos e de frequência.

Aubert (2001) comenta a respeito, em seu manual de terminologia intitulado "Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue":

Na perspectiva metodológica adotada neste trabalho, o terminólogo é, antes de tudo, um praticante de uma metodologia linguística, desempenhando um papel de assessoria aos usuários dos diversos vocabulários de especialidade. Seu papel não se confunde com o do especialista [...] A experiência tende a mostrar que basta, inicialmente, adquirir como que um certo "verniz", isto é, um conhecimento básico, introdutório [...] para poder dar ponto de partida à pesquisa específica. (AUBERT, 2001, p. 38-39)

O nível pragmático também deve ser levado em conta, pois, caso contrário, muitos equívocos podem ocorrer, como, por exemplo, na seleção de termos, na determinação das formas preferenciais, sinônimas e variantes (para não falar nos quase-sinônimos, nos antônimos e nas relações sinoantonímicas). Dessa forma, sabemos que o terminólogo não se tornará um Engenheiro Naval ao analisar a terminologia da área naval, nem se tornará um Médico Fisiatra ou um Técnico em Órteses e Próteses ao estudar a terminologia da Ortopedia Técnica (exemplo dado a partir de experiência própria, a partir de nossa dissertação de mestrado), tampouco será um Educador do Campo ao estudar a respectiva terminologia, mas esse profissional deve, sim, aprofundar-se em um nível considerável nos conceitos e em algumas ideologias subjacentes, sem contudo perder-se em relação aos prazos que deve cumprir e sem deixar de executar as análises terminológico-linguísticas, conceituais e semânticas, frutos primordiais de seu trabalho. Essas incursões extralinguísticas devem ser um referencial, para validar, facilitar e propiciar um trabalho terminológico o mais correto e eficaz que for possível.

Após toda essa metalinguagem, que se justifica nos objetivos desse trabalho de sistematizar e aplicar procedimentos de análise conceitual e de descrição terminológica de *corpus* neológico, apresentamos um resumo de nosso *corpus* referencial.

Esse resumo é uma síntese das obras mais fidedignas e representativas para uma análise conceitual da área de Educação do Campo.

Muitas outras obras foram consultadas, mas, por apresentarem muita semelhança (ou muita discrepância) em relação às obras selecionadas não constam da listagem apresentada, que pensamos também como sugestões de leitura para interessados na apreensão conceitual da área de Educação do Campo.

Devido aos limites (inclusive físicos) desta tese - número de páginas -, optamos por não gerar listas muito extensas, com repetições de ideias, que nada acrescentariam aos leitores, à banca e ao público-alvo deste estudo, quando vier a ser divulgado.

São **22 obras originalmente impressas e 4 sites**. Apresentamos um resumo de cada *subcorpus* que compõe o *corpus* referencial:

- *Subcorpus* MST: 7 obras, de 2003 a 2008: 3 livros, 3 artigos técnico-científicos; 1 tese de doutorado em Educação/ Educação do Campo; 1 site institucional: <<http://www.mst.org.br>>;
- *Subcorpus* Ceeteps: 10 obras, 2000-2010: 8 planos de curso de habilitações técnicas da área de Agropecuária; 1 livro e 1 tese de doutorado em Educação/ Educação do Campo; site institucional: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br>>
- *Subcorpus* Senar: site institucional: <<http://www.faespsenar.com.br>>
- *Subcorpus* legal: legislações e textos de referência sobre Educação do Campo e 2 sites institucionais: <<http://www.incra.gov.br>>; <<http://www.mec.gov.br>>

Enfatizamos que todos os artigos científicos, reportagens, legislações, notícias, materiais didáticos, manuais técnicos, notas etc., de cada site, de todas as instituições estudadas, foram transformados em textos analisáveis para a extração de termos e de conceitos.

As listagens que aqui apresentamos são amostragens da coletânea de textos utilizados para a constituição dos *corpora*.

#### **4.5 O *corpus* de análise**

O *corpus* de análise é o conjunto dos termos que serão submetidos à análise conceitual e à descrição terminológica.

Constituem este *corpus* os hiperônimos e os principais hipônimos da Educação do Campo, os considerados representativos e de conteúdo informacional discreto, nas formas preferenciais, nas sinonímicas e nas variantes.

São 670 termos, os quais serão apresentados nos mapas que elaboramos a fim de demonstrar a relação entre os respectivos conceitos, conforme capítulo 5.

#### **4.6 A ficha de fontes relativa aos *corpora***

A ficha de fontes é o instrumento de registro e de controle das obras que servirão como fonte do trabalho de análise conceitual e descrição terminológica

De acordo com as proposições de Aubert (2001), podemos depreender que o principal em um trabalho terminológico não é o grande volume das fontes e sim sua natureza, devendo

ser "asseguradas adequação, confiabilidade e representatividade dos materiais" (AUBERT, 2001, p. 61-62).

A respeito dessas dificuldades do terminólogo, destacamos a rica citação de Aubert:

Ressalve-se que podem ocorrer situações em que a inexistência ou a inacessibilidade de obras introdutórias, fundamentais e/ ou características das revistas especializadas da área em questão [...], a repartição de determinada área do conhecimento em abordagens, "filosofias", escolas de pensamento conflitantes, ou, inversamente, a consolidação de uma determinada área de conhecimento em uma grande obra de cunho enciclopédico podem exigir um volume maior ou, ao contrário, podem facultar o uso de um volume menor de fontes do que o aqui proposto [3 a 4 obras básicas de iniciação e 10 a 12 artigos de revistas especializadas e/ ou entrevistas com especialistas - para um levantamento monolíngue]. Entenda-se pois as indicações contidas nesse item como caracterizando uma média, e não uma norma rígida. (AUBERT, 2001, p. 62)

Assim fica evidente que o trabalho do terminólogo não deve ser o puramente mecânico, de selecionar determinado número de fontes, apenas para "fazer volume" - seu trabalho analítico, sua inserção na área de especialidade já deve começar nessa fase inicial. Se a fase de seleção das fontes não for executada de maneira criteriosa, toda a pesquisa pode estar seriamente comprometida.

Tomamos como base as proposições de Aubert (2001) para a elaboração de nossa ficha de fontes.

A ficha de fontes é um documento que pode ser elaborado com a utilização de um editor de textos, ou em uma planilha eletrônica, ou ainda em um software gerenciador de banco de dados. É uma forma de sistematização dos dados utilizados como fontes do trabalho terminológico. No interior das obras dicionarísticas, ou em um trabalho descritivo de outra natureza, por economia linguística, costuma-se utilizar siglas para abreviar referências. Logo, a ficha de fontes deve existir como um sistema de remissivas paralelo, para que não se perca o controle das fontes utilizadas. Por isso mesmo Aubert denomina esse documento de "ficha de controle de fontes (referências bibliográficas)" (AUBERT, 2001, p. 83-84).

A ficha de fontes não se confunde com a **bibliografia geral** utilizada para a elaboração da tese, a qual é composta pelos *corpora* documental, referencial e de exclusão, bem como das publicações que embasam teoricamente os princípios e as práticas de descrição e de análise terminológicas.

Explicitamos a seguir os campos de nossa ficha de fontes:

- **autor:** este campo apresenta o nome do autor/ instituição a quem a autoria da obra é atribuída.

- **ano:** este campo contém o ano da publicação.
- **obra:** este campo especifica o título da obra-fonte.
- **Editora/cidade/ site:** este campo indica a editora responsável pela publicação da obra consultada.
- **sigla/ código:** este campo atribui, a cada obra-fonte, uma sigla por nós convencionada, a qual aparecerá ao final de cada paradigma pragmático. Neste campo também serão apresentados os significados atribuídos a cada uma dessas siglas. Como exemplo, citamos a sigla: “PALUDO A1”, cujo significado é “artigo 1 da autora Paludo”, conforme ficha de fontes.
- À ficha de fontes podem ser acrescentados alguns campos, como método de organização da pesquisa e checagem dos passos já executados:
  - Lido/ Analisado/ Digitalizado/ Coleta/triagem de termos em... (data);
  - Inclusão na ficha de catalogação geral em: (data);
  - Termo excluído de acordo...
  - Texto descartado devido aos critérios do *corpus* de exclusão.

Nossa ficha de fontes é dividida em quatro partes: uma destinada ao *corpus* inicial ou parâmetro; outra ao *corpus* documental; outra ao *corpus* referencial e a quarta ao *corpus* de exclusão específico.

O produto a ser gerado por esta tese não é um dicionário terminológico, nem um glossário ou vocabulário, com abonações e contextos de utilização dos termos, mas a ficha de fontes é útil e válida em vários tipos de trabalhos de descrição terminológica, pois as siglas podem ser utilizadas na descrição de exemplos, bem como os leitores podem consultar a ficha de fontes para observar a natureza das obras utilizadas para compor os *corpora*, de modo mais prático e fácil do que recorrer à listagem final em forma de bibliografia ou referências bibliográficas, as quais podem trazer dificuldades para uma consulta mais imediata, por serem geralmente muito extensas e ordenadas alfabeticamente, misturando-se obras de natureza diversa, autores, organizações, assuntos diferentes.

Realmente a metodologia de organização e de utilização de uma ficha de fontes muito auxiliou a estruturação desta tese, pois esse instrumento foi utilizado para controlar os passos de leitura, digitalização, identificação de termos e retomada de textos dos quais foram extraídos os termos e respectivos conceitos.

Recomendamos, assim, a utilização de fichas de fontes, ou ficha de controle de fontes em trabalhos de cunho linguístico-terminológico.

Passamos agora para a transposição dos *corpora* para as fichas de fontes, de modo a sistematizá-los e organizá-los.

O *corpus* de partida, ou *corpus* parâmetro, foi composto por obras de caráter técnico-científico/ pedagógico e de divulgação.

O *corpus* de partida foi composto por todas as obras dos *corpora* documental, referencial e de exclusão específico. É a totalidade das obras que coletamos e sistematizamos no início da pesquisa.

Esse *corpus* prestou-se a duas funções:

1. iniciar a pesquisa e adquirir um entendimento conceptual-terminológico da área em estudo. Nesta função, denominamos *corpus de partida*. É um *corpus* bruto, pois nele estão incluídas obras que entraram e que não entraram para o processo de extração de termos propriamente dito.

2. encontrar as palavras ou termos-chave. Nesta função, denominamos *corpus parâmetro*. Para o processo de detecção de palavras-chave, do *corpus* parâmetro teve de ser suprimido o *corpus* documental, ou *corpus* de estudo, pois justamente a função do *corpus* parâmetro é servir de um comparativo para detectarmos quais palavras se destacam, são sobressalentes na função de palavras ou termos-chave dentro do *corpus* documental. O *corpus* parâmetro não pode oferecer um comparativo do *corpus* de análise consigo mesmo, por isso ele deve ser diferenciado do *corpus* de estudo, nesta função. Para outras funções, aproveitamos o *corpus* parâmetro, tendo em vista outras finalidades, como a apreensão conceitual (*corpus* referencial) e a detecção de neologismos (*corpus* de exclusão).

3. verificar pontualmente e validar termos, principalmente levando-se em conta a difícil tarefa de segmentação de termos sintagmáticos pouco conhecidos do senso comum e não dicionarizados.

Apresentamos a seguir um recorte de nossa ficha de fontes - *corpus* de partida ou parâmetro:

<b>Autor</b>	<b>ano</b>	<b>obra</b>	<b>editora/ cidade/ site</b>	<b>Sigla/ código</b>
BELEZIA, Eva Chow.	2006	<i>Cooperativa-Escola: metodologia para a construção de uma cultura escolar cooperativa</i>	São Paulo - SP Centro Universitário 9 de Julho Disponível em: < <a href="http://www4.uninove.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90">http://www4.uninove.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90</a> >	Dissertação - Mestrado em Educação
BENJAMIN, César; CALDART, Roseli Saete.	2000	<i>Por uma Educação Básica do Campo - número 3.</i>	Brasília - DF Articulação Nacional Por Uma Educação Básica do Campo, Coleção Por Uma Educação Básica do Campo, n.º 3.	Benjamin/ Caldart-livro1
BRASIL. MDA/ Ministério do Desenvolvimento Agrário. CONDRAF/ CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR.	2006	<i>Texto Síntese do Grupo Temático de Educação do Campo</i>	Disponível em: < <a href="http://www.condraf.org.br/Grupos_Tematicos/Educacao_Campo/Documents/texto_sintese.pdf">http://www.condraf.org.br/Grupos_Tematicos/Educacao_Campo/Documents/texto_sintese.pdf</a> >.	CONDRAF-texto1
BRASIL. MDA/ Ministério do Desenvolvimento Agrário. CONDRAF/ CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL E AGRICULTURA FAMILIAR	2004	<i>Resolução n.º 41, de 05 de abril de 2004 Cria o Grupo Temático de Educação do Campo, do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável - CONDRAF</i>	Disponível em: < <a href="http://www.mda.gov.br/portal/condraf/arquivos/view/resolu-es-condraf/41">http://www.mda.gov.br/portal/condraf/arquivos/view/resolu-es-condraf/41</a> >	Condraf-leg1
BRASIL. MEC/ MINISTERIO DA EDUCAÇÃO. GPT/ GRUPO PERMANENTE DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO	2005	<i>Proposta do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPT/MEC) para o Plano Nacional de Educação/ PNE Educação do Campo</i>	Disponível em: < <a href="http://www.portalmec.gov.br">http://www.portalmec.gov.br</a> >	PNE-1
BUAINAIN, Antônio Márcio; PIRES, Daniela.	2003	<i>Reflexões sobre Reforma Agrária e Questão Social no Brasil.</i>	NEAD. Reforma Agrária, v. 1. Disponível em: < <a href="http://www.abda.com.br/texto/AntonioBuainain.pdf">http://www.abda.com.br/texto/AntonioBuainain.pdf</a> >	Buainain, Pires-artigo1
CALDART, Roseli Saete.	2009	<i>Educação do Campo: notas para uma análise de percurso.</i>	Disponível em: < <a href="http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r235.pdf">http://www.revista.epsjv.fiocruz.br/upload/revistas/r235.pdf</a> >	Caldart-artigo1

CALDART, Roseli Salete.	2003	<i>Movimento Sem Terra/ Lições de Pedagogia</i>	Disponível em: < <a href="http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli1.pdf">http://www.curriculosemfronteiras.org/vol3iss1articles/roseli1.pdf</a> >	Caldart-artigo2
DALTO, CLAUDIR JOSÉ; DUDA, Diego; KNOPIK, Marco Aurélio; HORST Filho, João Carlos dos Santos	maio 2005 a dezembro 2007.	<i>Agroecologia e Desenvolvimento Integral do Campo/ Área Temática: Trabalho</i> <i>Instituições envolvidas: UFPR, MST e INCRA. PROGRAMA nº 062/05- PROEC</i>	Disponível em: < <a href="http://www.proec.ufpr.br/">http://www.proec.ufpr.br/</a> >	Proec/UFPR –texto1
DELFINI, Solange Tóla.	2008	<i>Avaliação de um programa de formação de jovens da agricultura familiar: o caso Projovem</i>	Campinas - SP Universidade Estadual de Campinas  Disponível em: < <a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/</a> >	Dissertação - Mestrado em Engenharia Agrícola
MORHY, Lauro; MOLINA, Mônica	2000	<i>Universidade e Reforma Agrária A UnB no campo</i>	Universidade de Brasília  Disponível em: < <a href="http://www.unb.br/administracao/reitoria/artigos/20000902.pp">http://www.unb.br/administracao/reitoria/artigos/20000902.pp</a> >	UNB-artigo1
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2006	<i>Educar para formar sujeitos históricos/ Educação do Campo x Educação no Campo</i>	Disponível em: < <a href="http://portal.mec.gov.br/secad">http://portal.mec.gov.br/secad</a> >	MST-artigo1
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2011	<i>30 anos do Jornal Sem Terra - Número 49</i>	Disponível em: < <a href="http://www.mst.org.br/mst/pagina.php">http://www.mst.org.br/mst/pagina.php</a> >	Jornal ST-1
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2011	Nossa Produção - MST	Disponível em: < <a href="http://www.mst.org.br">http://www.mst.org.br</a> >	MST – artigo3
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2011	Quem Somos - MST	Disponível em: < <a href="http://www.mst.org.br">http://www.mst.org.br</a> >	MST – artigo4
MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2011	<i>Projeto Escola do Campo - Feira de Ciências e de Tecnologia</i>	Disponível em: < <a href="http://www.mst.org.br">http://www.mst.org.br</a> >	MST – artigo5

PINHEIRO, Maria do Socorro Dias.	2011	<i>A concepção de Educação do Campo no cenário das políticas públicas da sociedade brasileira</i>	Disponível em: < <a href="http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml">http://br.monografias.com/trabalhos915/educacao-campo-politicas/educacao-campo-politicas.shtml</a> >	MSocorro-artigo1
RAMOS, Vanessa.	2011	<i>Crianças Sem Terrinhas brincam e lutam por escolas</i>	Disponível em: < <a href="http://www.mst.org.br/mst/pagina.php">http://www.mst.org.br/mst/pagina.php</a> >	MST – artigo2
SECAD- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE	2007.	<i>SECAD - Educação do Campo</i>	Disponível em: < <a href="http://www.mst.org.br/mst/pagina.php">http://www.mst.org.br/mst/pagina.php</a> >	Secad-artigo1
SECAD- SECRETARIA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA, ALFABETIZAÇÃO E DIVERSIDADE	2007	<i>Educação do Campo: diferenças mudando paradigmas. Caderno 2.</i>	Disponível em: < <a href="http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf">http://portal.mec.gov.br/secad/arquivos/pdf/educacaocampo.pdf</a> > Distrito Federal SECAD	Secad-Caderno
SILVA, Edvaneide Barbosa.	2001	<i>Práticas Educativas dos Assentados no Sudoeste Paulista: um olhar sobre o Pronera – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária</i>	Campinas Universidade Estadual de Campinas  Disponível em: < <a href="http://www.fe.unicamp.br/gemdec/silva.html">http://www.fe.unicamp.br/gemdec/silva.html</a> >	Dissertação – Mestrado
SOUZA, Maria Antônia de.	2000	<i>Formas cooperativas de produção em assentamentos rurais do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra): dimensões educativas</i>	Rev. online Bibl. Prof. Joel Martins - v.1., n.2, fev.2000 ISSN: 1517-3992  Disponível em: < <a href="http://www.bibli.fae.unicamp.br/revcms/msouza.html">http://www.bibli.fae.unicamp.br/revcms/msouza.html</a> >	UNICAMP – revista 1
TAFFAREL, Celi Zulke; PERIN, Teresinha de Fátima	2009	<i>Educação do Campo: o desenvolvimento da teoria como categorias da prática - a organização do trabalho pedagógico - Relatório de Atividades - Pedagogia da Terra - Licenciatura em Educação do Campo</i>	Disponível em: < <a href="http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=672">http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=672</a> >	Taffarel-Perin-artigo1

UNB - UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. I ENCONTRO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO DO CAMPO	2010	<i>A formação de educadores do campo como marcas de resistência</i>	Universidade de Brasília. Disponível em: < <a href="http://www.unb.br">http://www.unb.br</a> >	UNB-artigo2
----------------------------------------------------------------------------------------	------	-------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------

Figura 8 - Ficha de fontes: *corpus* de partida ou parâmetro (amostragem). Fonte: a autora, 2010.

A seguir, nossa ficha de fontes - *corpus* documental:

<b>Autor</b>	<b>ano</b>	<b>obra</b>	<b>editora/ cidade</b>	<b>sigla</b>
1. ARROYO, Miguel G.	2005	<i>Que educação básica para os povos do campo?</i> Palestra proferida no Seminário Nacional “Educação Básica nas áreas de Reforma Agrária do MST”	Luziânia / GO, 12 a 16-9-2005 Disponível em: < <a href="http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Que_e_educacao_basica_para_os_povos_do_campo.pdf">http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Que_e_educacao_basica_para_os_povos_do_campo.pdf</a> >	ARROYO-T1
2. BELEZIA, Eva Chow.	2006	<i>Cooperativa-Escola: metodologia para a construção de uma cultura escolar cooperativa.</i> Centro Universitário Nove de Julho – Dissertação de Mestrado (Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação. 172p.	São Paulo Centro Universitário 9 de Julho Disponível em: < <a href="http://www4.uninove.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90">http://www4.uninove.br/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=90</a> >	BELEZIA-DM
3. BRASIL. MEC-MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ GRUPO PERMANENTE DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.	2004	<i>Referências para uma política nacional de Educação do campo.</i> Caderno de Subsídios.	Brasília. MEC Disponível em: < <a href="http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/educacao-do-campo-e-pesquisa-questoes-para-reflexao/view">http://www.gepec.ufscar.br/textos-1/textos-educacao-do-campo/educacao-do-campo-e-pesquisa-questoes-para-reflexao/view</a> >	GPET-DS
4. BRASIL. MEC - MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. GRUPO PERMANENTE DE TRABALHO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO.	2005	<i>Proposta do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPT/MEC) para o Plano Nacional de Educação.</i>	Brasília. MEC Disponível em: < <a href="http://www.contag.org.br/imagens/f304Plano_Nacional_%20de_Educacao_%20do_%20Campo.pdf">http://www.contag.org.br/imagens/f304Plano_Nacional_%20de_Educacao_%20do_%20Campo.pdf</a> >	GPET1
5. CALDART, Roseli Saleté.	2003	<i>Teses sobre a pedagogia do Movimento.</i>	Texto elaborado a partir de notas e diálogos com estudantes dos cursos de Pedagogia da Terra da Via Campesina e de Especialização em Educação do Campo. Iterra-UnB.	CALDART T-5
6. CALDART, Roseli Saleté.	2004	<i>Pedagogia do Movimento Sem Terra.</i> Cap. 3 “O Mst e a ocupação da escola”.	São Paulo Expressão Popular	CALDART T-3
7. CASTRO, Elisa Guaraná.	2006	<i>Os jovens estão indo embora? Juventude Rural e Reforma Agrária</i>	Rio de Janeiro FASE (Revista Proposta - Revista Trimestral de Debate da Fase nº 107/108.)	CASTRO-T2

8. DELFINI, Solange Tóla.	2008	<i>Avaliação de um programa de formação de jovens da agricultura familiar – o caso do Projovem.</i>	Campinas Universidade Estadual de Campinas Disponível em: < <a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/</a> >	DELFINI-DM
9. GRUPO DE TRABALHO: EDUCAÇÃO MÉDIA E PROFISSIONAL	2005	<i>Educação Básica nas áreas de Reforma Agrária do MST. Anais do Seminário Nacional do GT de Educação Média e Profissional.</i>	Luziânia	SNGT
10. MARTINS, Adalberto.	2006	<i>Um novo impulso para a organização dos assentamentos e da cooperação. Parte II: “O contexto do debate”. Boletim de Educação nº 11.</i>	São Paulo Iterra	MARTINS T-1
11. MOLINA, Mônica Castagna/ JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de.	2005	<i>Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo. (Coleção: Por uma educação do campo – nº5)</i>	Articulação Nacional por uma Educação do Campo	PEC 5
12. MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2001	<i>Boletim de Educação nº 8</i>	São Paulo Iterra	MST – BE8
13. MST-MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2004	<i>Educação de jovens e adultos: sempre é tempo de aprender. Caderno de Educação n ° 11.</i>	São Paulo Iterra	MST-CE11
14. MST-MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2004	<i>Educação Infantil: movimento da vida, dança do aprender. Caderno de Educação n ° 12.</i>	São Paulo Iterra	MST-CE12
15. MST-MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2005	<i>Dossiê escola: documentos de estudos 1990-2001. Caderno de Educação n ° 13.</i>	São Paulo Iterra	MST-CE13
16. MST -MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2006	<i>Caminhos da educação básica de nível médio para a juventude das áreas de Reforma Agrária.</i>	Documento final do 1º Seminário Nacional sobre Educação de Nível Médio nas áreas de Reforma Agrária	MST-SNERF1

17. MST -MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA	2008	<i>Escola Itinerante do MST: história, projeto e experiências. Cadernos da Escola Itinerante – ano VIII – nº 1.</i>	Curitiba	MST-CEI-1
<b>Website</b>				
18. MST - MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA/ MST		< <a href="http://www.mst.org.br">http://www.mst.org.br</a> >		

Figura 9 - Ficha de fontes: *corpus* documental (2000 a 2010). Fonte: a autora, 2010.

A seguir, inserimos nossa ficha de fontes - *corpus* referencial:

<b>Autor</b>	<b>ano</b>	<b>obra</b>	<b>editora/ cidade</b>	<b>sigla</b>
1. BERGAMASCO, Sônia Maria Pessoa Pereira; AUBRÉE, Marion; FERRANTE, Vera Lúcia Silveira Botta.	2003	<i>Dinâmicas familiar, produtiva e cultural nos assentamentos rurais de São Paulo.</i>	Campinas, SP: FEAGRI/ UNICAMP; Araraquara, SP: UNIARA; São Paulo, SP: Incra	BERGAMASCO/ AUBRÉE/ FERRANTE-1
2. BRASIL. GOVERNO DO ESTADO DO PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Superintendência da Educação.	2006	<i>Diretrizes Curriculares da Educação do Campo.</i>	Curitiba	DCE
3. BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO/ CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA.	2010	<i>Resolução nº 4, de 13 de julho de 2010. “Define Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica”.</i>	Brasília MEC	MEC-R1
4. BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO/ CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO.	2010	<i>Diretrizes curriculares nacionais gerais para a Educação Básica. Parecer CNE-CEB nº 7/ 2010. Aprovado em 7.4.2010.</i>	Brasília MEC	MEC-DCNEB1
5. CALDART, Roseli Salete.	2004	<i>Pedagogia do Movimento Sem Terra. Cap. 1: “Um olhar sobre os Sem Terra e o MST”</i>	São Paulo Expressão Popular	CALDART T-1
6. CALDART, Roseli Salete.	2004	<i>Pedagogia do Movimento Sem Terra. Cap. 2: “A formação dos Sem Terra e o movimento sociocultural”</i>	São Paulo Expressão Popular	CALDART T-2

7. CALDART, Roseli Salete.	2004	<i>Pedagogia do Movimento Sem Terra. Cap. 4: “O movimento social como sujeito pedagógico”</i>	São Paulo Expressão Popular	CALDART T-4
8. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agricultura</i>	São Paulo Centro Paula Souza.	CPC-PC1
9. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agricultura Familiar</i>	São Paulo Centro Paula Souza.	CPC-PC2
10. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agroecologia</i>	São Paulo Centro Paula Souza	CPC-PC3
11. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agroindústria.</i>	São Paulo Centro Paula Souza	CPC-PC4
12. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agronegócio.</i>	São Paulo Centro Paula Souza.	CPC-PC5
13. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Agropecuária.</i>	São Paulo Centro Paula Souza	CPC-PC6
14. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Gestão da Empresa Rural.</i>	São Paulo Centro Paula Souza	CPC-PC10
15. CENTRO PAULA SOUZA.	2009-2010	<i>Plano de Curso. Habilitação Profissional Técnica de Nível Médio de Técnico em Zootecnia.</i>	São Paulo Centro Paula Souza.	CPC-PC12
16. DEMAI, Fernanda Mello.	2009	<i>Livro das competências profissionais: a síntese dos 90 cursos técnicos e das 115 qualificações oferecidas pelo Centro Paula Souza. n° 2. 280p.</i>	São Paulo Centro Paula Souza/ editora i9	DEMAI-LCP2
17. MST	2006	<i>Boletim de Educação – Edição Especial n° 11 – Parte I – O debate teórico específico.</i>	São Paulo	MST- BE-11
18. MST	2007	<i>Como fazer a escola transformando a escola? (Cadernos dos núcleos base). 6° concurso nacional de Arte. Educação do Mst.</i>	São Paulo	CNB-1

19. MORISSAWA, Mitsue.	2001	<i>A história da luta pela terra e o MST.</i>	São Paulo Expressão Popular	MORIS SAWA-T1
20. PALUDO, Conceição	2006	<i>Da raiz/ herança da educação popular à pedagogia do movimento e a educação no e do campo: um olhar para a trajetória da educação do MST.</i> In: 29 Reuniao Anual da Anped, 2006, Caxambú. Educação, Cultura e Conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos.	Disponível em: < <a href="http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT06/Texto-Concei%C3%A7%C3%A3o%20Paludo.pdf">http://www.anped.org.br/reunioes/29ra/trabalhos/trabalhos_encomendados/GT06/Texto-Concei%C3%A7%C3%A3o%20Paludo.pdf</a> >	PALUDO-A1
21. PERIPOLLI, Odimar José	2008	<i>Expansão do Capitalismo na Amazônia Norte Mato-Grossense: a mercantilização da terra e da escola.</i> UFRGS –Tese de Doutorado (Educação) – Faculdade de Educação.	Disponível em: < <a href="http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16171/000694499.pdf?sequence=1">http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/16171/000694499.pdf?sequence=1</a> >	PERIPOLLI-TD
22. SOARES, Maria Dalva.	2007	<i>As contradições do Turismo no espaço rural: vida, trabalho, renda e exclusão.</i> Unicamp –Tese de Doutorado (Engenharia Agrícola) – Faculdade de Engenharia Agrícola.	Disponível em: < <a href="http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/">http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/</a> >	SOARES-TD
<b>Websites</b>				
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC.		< <a href="http://www.mec.gov.br">http://www.mec.gov.br</a> >		
INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA - INCRA		< <a href="http://www.incra.gov.br/portal/">http://www.incra.gov.br/portal/</a> >		
CENTRO PAULA SOUZA - CEETEPS		< <a href="http://www.centropaulasouza.sp.gov.br">http://www.centropaulasouza.sp.gov.br</a> > < <a href="http://www.cpsctec.com.br">http://www.cpsctec.com.br</a> >		
SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL - SENAR.		< <a href="http://www.faespsemar.com.br">http://www.faespsemar.com.br</a> >		

Figura 10 - Ficha de fontes: *corpus* referencial. Fonte: a autora, 2010.

A seguir, explicitamos nossa ficha de fontes - *corpus* de exclusão específico:

<b>Autor</b>	<b>ano</b>	<b>obra</b>	<b>editora/ cidade</b>	<b>sigla</b>
1.MST/ CALDART Roseli S; SCHWAAB	1990	<i>Cartilha Fundep.</i>	DER/MST/RS	MST-Cartilha1
2. MST	1991	<i>Documento Básico do MST.</i>	Piracicaba	MST-D1
3. MST	1991	<i>Caderno de Formação nº 18.</i>	Setores de Educação e Formação do MST	MST-CF18
4. MST	1992	<i>Como fazer a escola que queremos?</i>	São Paulo Itterra	MST-CE1
5. MST	1992	<i>Boletim de Educação nº 1.</i>	Setores de Educação e Formação do MST	MST-BE1
6. MST	1992	<i>Alfabetização.Caderno de Educação nº 2.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE2
7. MST	1994	<i>Alfabetização de jovens e adultos: como organizar. Caderno de Educação nº 3.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE3
8. MST	1994	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos: didática da linguagem. Caderno de Educação nº 4.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE4
9. MST/ CALDART Roseli S.	1994	<i>Escola, trabalho e cooperação. Boletim de Educação nº 4.</i>	São Paulo Itterra	MST-BE4
10. MST	1994	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos: educação matemática. Boletim de Educação nº 5.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE5
11. MST	1995	<i>Como fazer a escola que queremos: o planejamento. Boletim de Educação nº 6.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE6
12. MST	1996	<i>Princípios da educação no MST. Boletim de Educação nº 8.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE8

13. MST	1998	<i>Escola itinerante em acampamentos do MST. Coleção Fazendo Escola nº 1.</i>	São Paulo MST	MST-CFE1
14. MST	1999	<i>Como fazemos a escola de educação fundamental? Caderno de Educação nº 9.</i>	São Paulo Itterra	MST-CE9
15. SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR)	1995	<i>Princípios e diretrizes da formação profissional e rural e da promoção social. Série Metodológica 1.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM1
16. SENAR	1995	<i>Estrutura Ocupacional do Meio Rural. Série Metodológica 2.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM2
17. SENAR	1995	<i>Descrição das ocupações do meio rural. Série Metodológica 3.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM3
18. SENAR	1995	<i>Processo de Formação Profissional Rural e de Promoção Social. Série Metodológica 4.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM4
19. SENAR	1995	<i>Programação das Ações da Formação Profissional Rural. Série Metodológica 5.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM5
20. SENAR	1995	<i>Terminologia da Formação Profissional Rural e da Promoção Social. Série Metodológica 6</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM6
21. SENAR	1995	<i>Metodologia do Ensino de Formação Profissional Rural. Série Metodológica 7.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM7
22. SENAR	1995	<i>Processo de Supervisão. Série Metodológica 8.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM8
23. SENAR	1995	<i>Orientação para produção de recursos instrucionais impressos. Série Metodológica 9.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM9
24. SENAR	1995	<i>Normas para a certificação no Senar. Série Metodológica 10.</i>	Brasília SENAR	SENAR-SM10
25. MINISTÉRIO EXTRAORDINÁRIO DE POLÍTICA FUNDIÁRIA –	1998	<i>Projeto de Educação e Capacitação de Jovens e Adultos nas áreas de Reforma Agrária.</i>	Brasília MEPF/PRONERA/ INCRA	PRONERA/INCRA-1

MEPF/ PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA – PRONERA/ INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA – INCRA				
26. Centro Paula Souza	1995- 1999	<i>Planos de curso da área de Agropecuária: Agricultura, Pecuária, Agropecuária</i>		

Figura 11 - Ficha de fontes: *corpus* de exclusão específico (1990-1999). Fonte: a autora, 2010.

Assim finalizamos a explanação dos *corpora* desta pesquisa, bem como das respectivas fichas de fontes.

Partimos então para a aplicação da metodologia proposta, nos próximos capítulos.

## 5. APLICAÇÃO DA METODOLOGIA: ETAPAS, PROCEDIMENTOS E INSTRUMENTOS DE ANÁLISE E DESCRIÇÃO

Assim, o meu desígnio não é ensinar aqui o método que cada qual deve seguir para bem  
conduzir sua razão,  
mas apenas mostrar de que maneira me esforcei por conduzir a minha.  
Os que se metem a dar preceitos devem considerar-se mais hábeis do que aqueles a quem os  
dão; e, se falham na menor coisa, são por isso censuráveis.  
Mas, não propondo este escrito senão como uma história,  
ou, se o preferirdes, como uma fábula,  
na qual, entre alguns exemplos que se podem imitar,  
se encontrarão talvez também muitos outros que se terá razão de não seguir,  
espero que ele será útil a alguns,  
sem ser nocivo a ninguém,  
e que todos me serão gratos por minha franqueza.

**(René Descartes)<sup>7</sup>**

---

<sup>7</sup> DESCARTES, René. Discurso do Método, Primeira Parte. In: *Obra Escolhida*. Tradução de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1973, p. 43.

Este capítulo destina-se a apresentar a manipulação da metodologia proposta, contemplando etapas, procedimentos e instrumentos, incluindo os mapas conceituais relacionais.

O presente capítulo enquadra-se no Eixo metodológico 2 - Metodologia específica – Manipulação Teórica (Passo 3 - Organização e representação dos conceitos da área-tema), no Eixo metodológico 3 - Tecnologias de Apoio à Análise Humana (Passo: 9 - Estudo da viabilidade de utilização de tecnologias) e no Eixo metodológico 4 - Aplicação da metodologia - manipulação prática (Passos: 8 - Elaboração de fichas terminológicas, planilhas e outros; 10 - Coleta de termos; 11 - Seleção de termos considerados neológicos; 12 - Classificação dos termos em categorias temáticas; 15 - Correlação dos resultados com outras pesquisas; 16 - checagem de resultados - entrevistas; 17 - checagem da neologicidade dos termos; 18 - checagem das definições propostas para os conceitos; 21 - organização final da apresentação da pesquisa; 22 - replanejamento a qualquer momento. Para verificação dos eixos metodológicos, vide Capítulo 3 desta tese.

### **5.1 Identificação, seleção e apresentação de conceitos e termos: amplitude e abrangência da pesquisa**

Neste item, discutimos a difícil tarefa de identificar, selecionar, analisar e apresentar conceitos e termos.

Em relação à identificação e extração de termos, utilizamos uma metodologia híbrida, na qual foram aliadas a análise humana e ferramentas informatizadas.

Para a apresentação dos conceitos e dos termos, procuramos estruturas gráficas e representacionais que dessem conta de autoexplicar a rede conceitual-terminológica da área de Educação do Campo.

Como quase que inexistente público especializado para a terminologia da Educação do Campo, foi nossa intenção que a apresentação ficasse de maneira mais didática possível.

#### **5.1.1 O mapa conceitual relacional: metodologia, ferramenta informatizada e elaboração**

Propomos nesta tese a estruturação de mapas conceituais relacionais, pelos quais se cria a possibilidade de demonstrar as relações entre os conceitos.

Para isso, utilizamos a ferramenta informatizada Cmap Tools – IHMC – Institute for Human and Machine Cognition – Knowledge Modeling Kit – version 5.04 -, gratuita e disponível na internet.

O CmapTools permite a inserção de conceitos em um sistema de programação estruturada.

O programa representa graficamente os conceitos, de acordo com as relações estabelecidas previamente pelo usuário.

O CmapTools apresenta acesso, via internet, a uma coleção de trabalhos que podem ser utilizados como referência para você começar a elaborar seus projetos.

Todos os trabalhos desenvolvidos podem ser convertidos em formatos para apresentação na web. Desta forma, fica mais fácil a publicação e difusão do seu projeto em um ambiente virtual.

Fonte: <<http://www.baixaki.com.br/download/cmaptools.htm>> Acesso em: 6 maio de 2010.

Com o Cmap Tools, é possível estabelecer relações entre os conceitos.

Um conceito pode aparecer mais de uma vez na estrutura, ao contrário do que ocorre com os mapas conceituais tradicionais.

É possível exibir todas as funções que um conceito desempenha na estrutura conceitual: um mesmo conceito pode estar em função de hiperônimo, de hipônimo ou de co-hipônimo, dependendo da categoria temática (recorte dentro da estrutura geral).

As “frases de ligação” permitem ao leitor leigo ou ao semileigo identificar as relações entre os conceitos, atingindo um patamar cognitivo acerca da área.

Para os leitores especializados ou de conhecimento intermediário, as “frases de ligação” possibilitam esclarecer dúvidas e identificar relações mais refinadas, além de subsidiarem releituras e novas pesquisas.

As “frases de ligação” podem ser repetidas como um padrão; recuperam os conceitos já mobilizados, não sendo necessário digitá-los a cada vez.

As “frases de ligação” podem ter como “saída” mais de um conceito, o que dispensa o formato monovalente: <conceito1→ conceito2>.

Um conceito “saída” pode estar também em função de “partida” – ou seja: a direção das setas pode ser estabelecida de diferentes formas, em direções diversas, ou ainda as setas podem ser curvas, de pequena ou longa extensão.

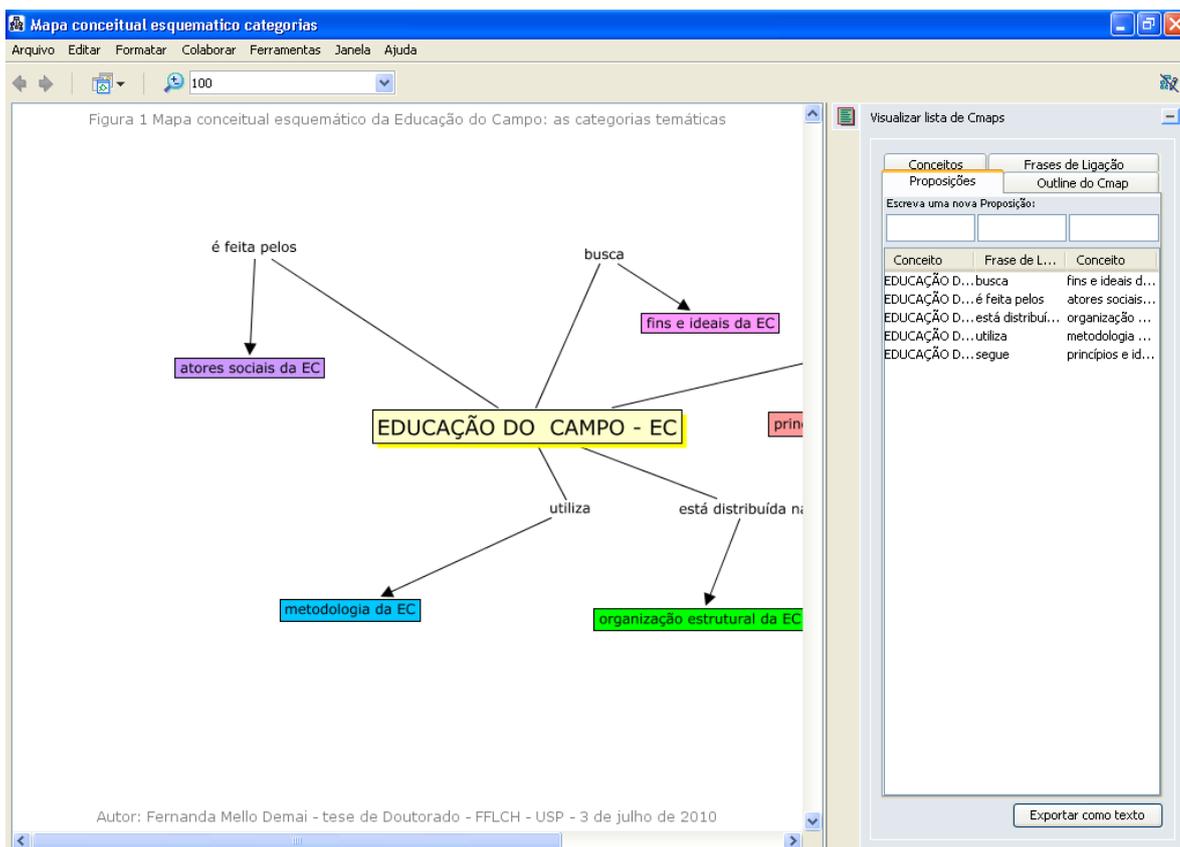


Figura 12 – Tela do Cmap Tools.

Fonte: A autora, 2010, com base na visualização de tela do programa Cmap Tools – IHMC – Institute for Human and Machine Cognition – Knowledge Modeling Kit – version 5.04

O resultado do levantamento de termos determinou a **amplitude da pesquisa terminológica como média (contendo aproximadamente 700 termos - exatamente, 670)**.

O levantamento básico visa à constituição de um inventário dos termos essenciais da área ou da subárea, em oposição a um levantamento com propósito exaustivo, o qual tem como foco a constituição do inventário dos termos essenciais e dos termos acessórios; para este tipo de levantamento, Aubert estima um número aproximado de 2.500 termos para um determinado domínio ou subdomínio, número que pode atingir dezenas e até centenas de milhares, de acordo com a abrangência dos níveis hierárquicos de área e de subárea. (AUBERT, 2001, p. 61).

Nossa pesquisa visa sim à **exaustividade**, dentro das categorias temáticas abarcadas e dentro do alcance documental e referencial de nosso *corpus*. Entretanto, adquirimos o conhecimento pragmático sobre a área profissional necessário para saber que à Educação do Campo poderiam ser associados muitos outros termos, que não constam de nosso *corpus* de análise – por isso **classificamos a amplitude de nossa descrição terminológica como média, pois não analisamos todos os termos da área: analisamos todos os termos**

**selecionados de nosso corpus, de acordo com os critérios de seleção e de inclusão de unidades terminológicas neológicas** (conforme subitem 5.1.6).

Assim, a exaustividade que caracteriza nosso trabalho refere-se aos conceitos e aos termos que estão representados em nossas fontes de pesquisa, considerando também o critério da neologicidade: não tivemos a pretensão de uma exaustividade global acerca da Educação do Campo, mas, sim, a de uma exaustividade específica, acerca de nosso *corpus*, que se constitui em uma amostra representativa e confiável do universo semântico-pragmático da área.

Caracterizamos nosso estudo terminológico como “tendente ao exaustivo”; nas palavras de Aubert: “a própria dinâmica da linguagem em geral, e das linguagens de especialidade em particular, tornam a exaustividade uma meta inalcançável na prática” (AUBERT, 2001, p. 61).

### 5.1.2 O mapa conceitual esquemático

Apresentamos o Mapa Conceitual Esquemático, que associa a Educação do Campo às categorias temáticas estabelecidas para os estudos conceituais e terminológicos (conforme o item 5.1.3 - As categorias temáticas: definição, caracterização e representação em submapas).

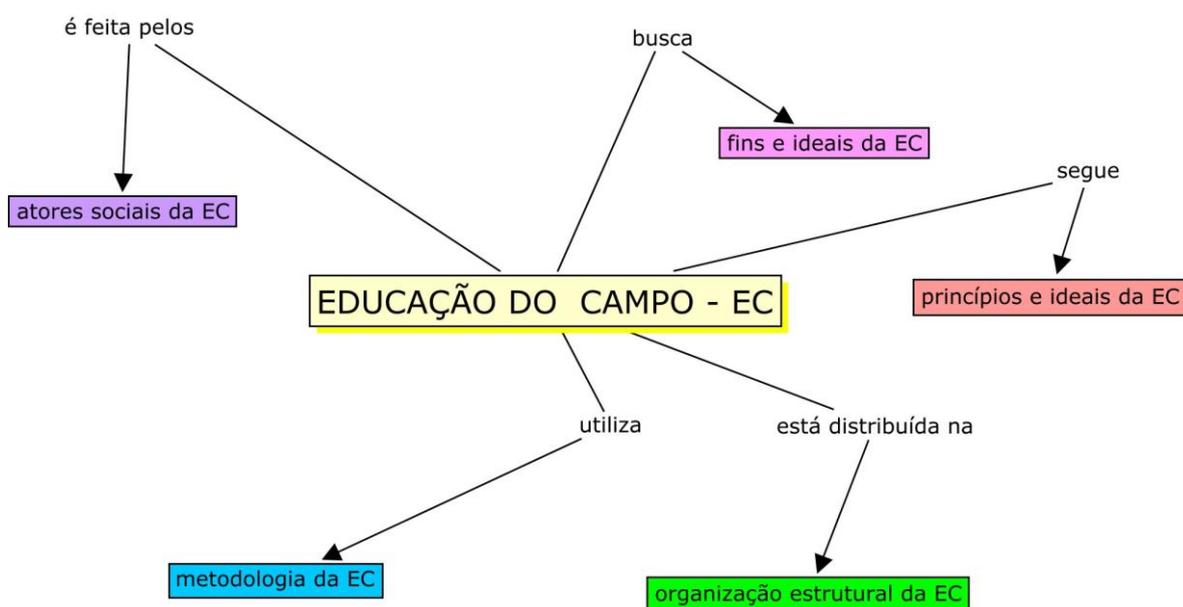


Figura 13 - Mapa conceitual esquemático da Educação do Campo: as categorias temáticas. Fonte: a autora, 2010

### 5.1.3 As categorias temáticas: definição, caracterização e representação em submapas

Estabelecemos cinco categorias temáticas a fim de classificar, agrupar e apresentar os conceitos (e respectivos termos) da Educação do Campo, conforme os itens seguintes.

#### 5.1.3.1 Princípios da Educação do Campo

Esta categoria temática apresenta os **aspectos sociais e políticos** da educação nas zonas rurais abarcadas por movimentos populares em prol das classes trabalhadoras. Como principais aspectos desse campo conceitual, podemos citar a **democratização da educação no campo**, a **liberdade de ensino**, o **combate ao analfabetismo**, o **direito à educação**, além das intenções políticas marcadas pelos movimentos populares citados (**parcialidade política**).

A categoria temática tem sua inclusão justificada pois se constitui realmente na base, no ponto de partida, na síntese da demanda por construção de escolas em assentamentos rurais de movimentos sociais populares – ela representa **a significação, a importância da escola para os trabalhadores do campo assentados** que, em suma, **é a potencialidade de transformação social**.

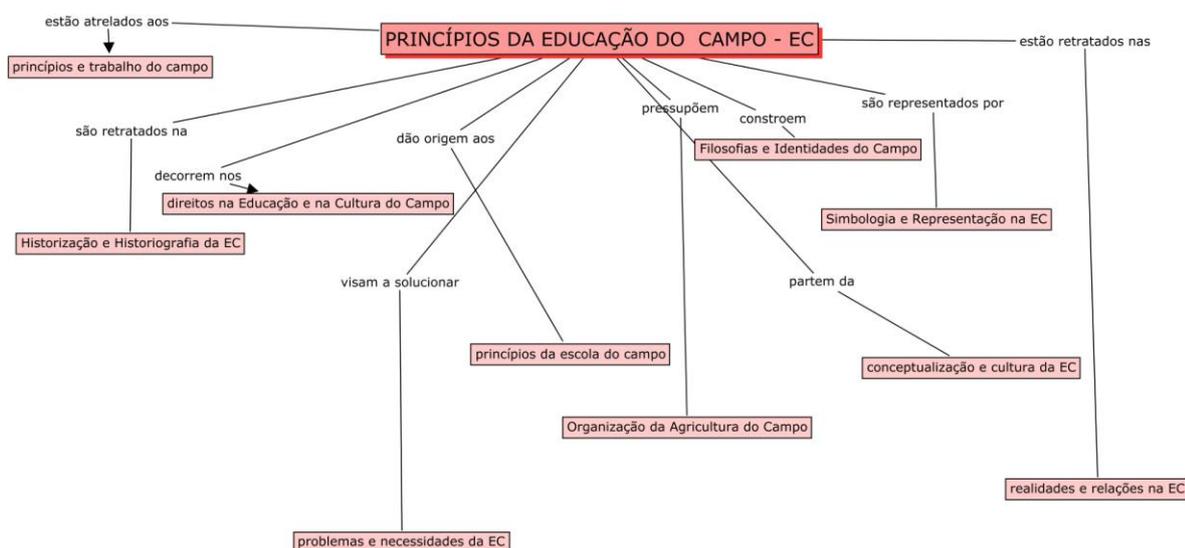


Figura 14 - Submapa - Princípios da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2010

### 5.1.3.2 Metodologia da Educação do Campo

Esta categoria temática apresenta **aspectos pedagógicos da educação do campo**, como a **adequação das práticas de ensino e dos currículos escolares ao contexto sociopolítico dos assentamentos rurais** e a **indispensável contextualização das práticas e dos saberes dos docentes**, os quais devem estar envolvidos nos movimentos sociais dos trabalhadores. Subjacentes a esses aspectos pedagógicos, como não poderia deixar de ser, encontram-se os **aspectos da política educacional** e de suas **formas de planejamento**.

Justifica-se a inclusão da categoria neste trabalho terminológico porque as especificidades do objeto ‘Educação do Campo’ demandam um planejamento escolar, uma estruturação curricular, uma elaboração de práticas de ensino e uma formação de professores voltados para os objetivos do projeto maior, que é a militância por igualdades sociais. Assim, as práticas metodológicas da Pedagogia canônica não são suficientes para descrever os termos e os conceitos da Educação do Campo.

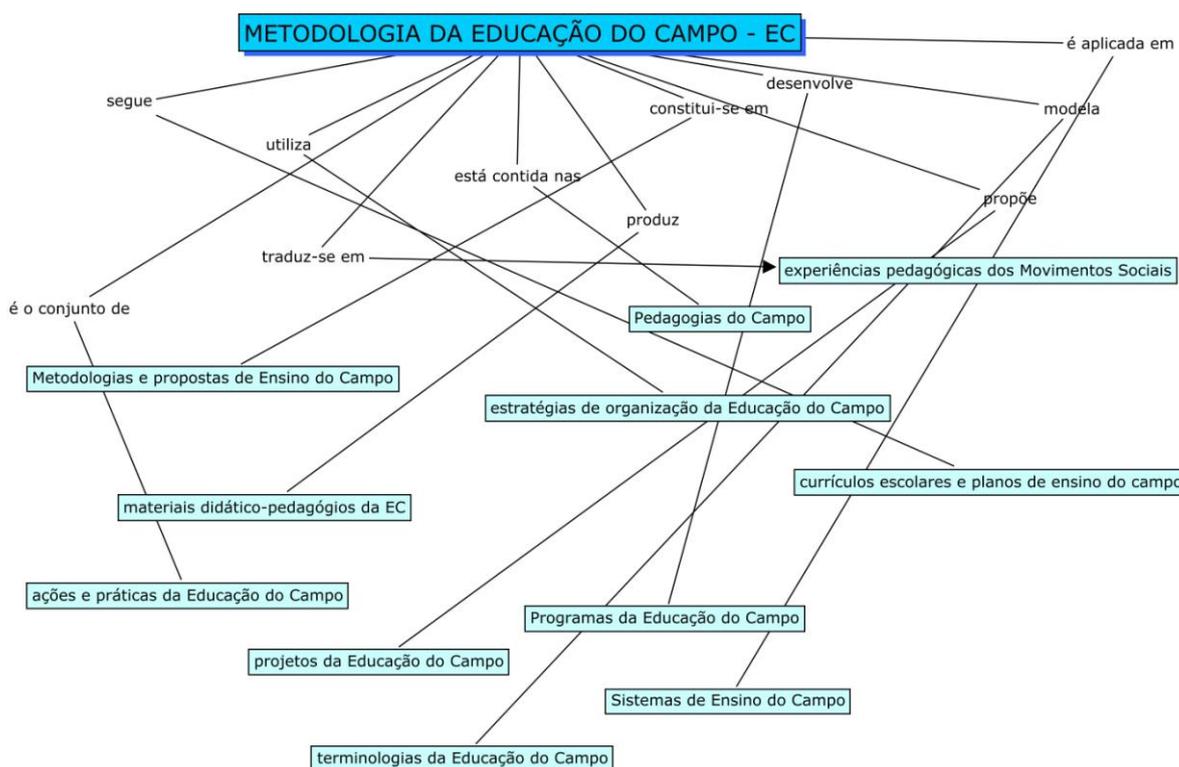


Figura 15 - Submapa - Metodologia da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2010.

### 5.1.3.3 Organização Estrutural da Educação do Campo

Esta categoria temática apresenta **aspectos organizacionais das escolas do campo** inseridas em assentamentos de movimentos sociais, bem como as **circunstâncias sociopolíticas e relacionais** desses movimentos **com o entorno social**.

A **configuração espaço-temporal** das escolas também é abordada – escolas eventuais/ escolas móveis/ escolas sazonais. Também são abarcados aspectos de **financiamentos públicos** eventualmente concedidos às escolas do campo.

A categoria temática tem sua inclusão justificada neste trabalho terminológico pois é notória a **importância social das escolas em geral nas comunidades-sede**. Tratando-se especificamente das escolas do campo, essa importância social é latente, pois os objetivos dessas escolas são voltados exclusivamente para o **bem-estar e para as conquistas sociais, como direito ao trabalho, à terra, à educação e à dignidade de todos**.

Assim, os aspectos das relações das escolas do campo com seu entorno são fundamentais em qualquer descrição que se faça a respeito, inclusive de cunho lexicográfico e terminológico, como é o caso deste trabalho. Também são de imprescindível presença as características práticas da configuração geográfica e temporal das escolas do campo, que são bastante peculiares devido às **condições dos assentamentos e da rotina de trabalho dos corpos docente e discente**.

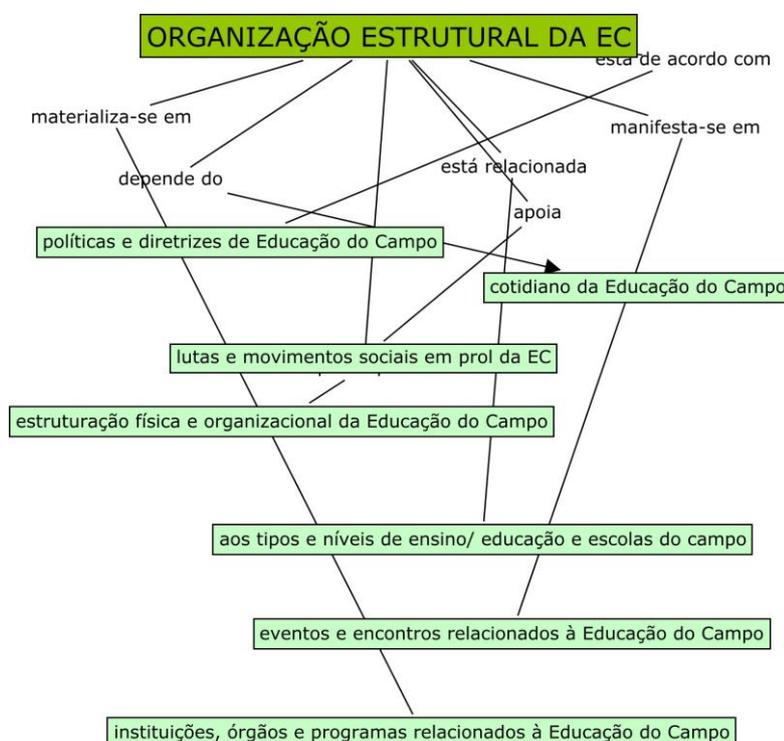


Figura 16 - Submapa - Organização Estrutural da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2010.

#### 5.1.3.4 Atores Sociais da Educação do Campo

Esta categoria temática apresenta **aspectos** que caracterizam os agentes da Educação do campo: professores militantes; alunos; homem do campo; mulher do campo; adolescência Sem Terra; trabalhadores do campo; povos do campo; povos da floresta, entre outros.

A categoria temática tem sua inclusão justificada no trabalho terminológico, de uma maneira autônoma, embora nas fases de projeto contássemos apenas com quatro categorias - a Categoria 5, Atores Sociais da Educação do Campo, estava contemplada na categoria 3, Organização Estrutural da Educação do Campo. Ao elaborarmos os mapas conceituais, observamos a necessidade de incluir essa categoria, pois os conceitos (e respectivos termos) relativos aos “atores sociais da EC” apresentaram-se bastante representativos, em termos quantitativos e em termos qualitativos.

Além do mais, os princípios são idealizados por pessoas; a metodologia é executada por pessoas, as quais também organizam-se estruturalmente, a fim de atender os fins e ideais da Educação do Campo.

Logo, as pessoas fazem parte de toda a rede conceitual (e terminológica da Educação do Campo) - e não poderíamos deixar de contemplar esta categoria temática: Atores Sociais da Educação do Campo.

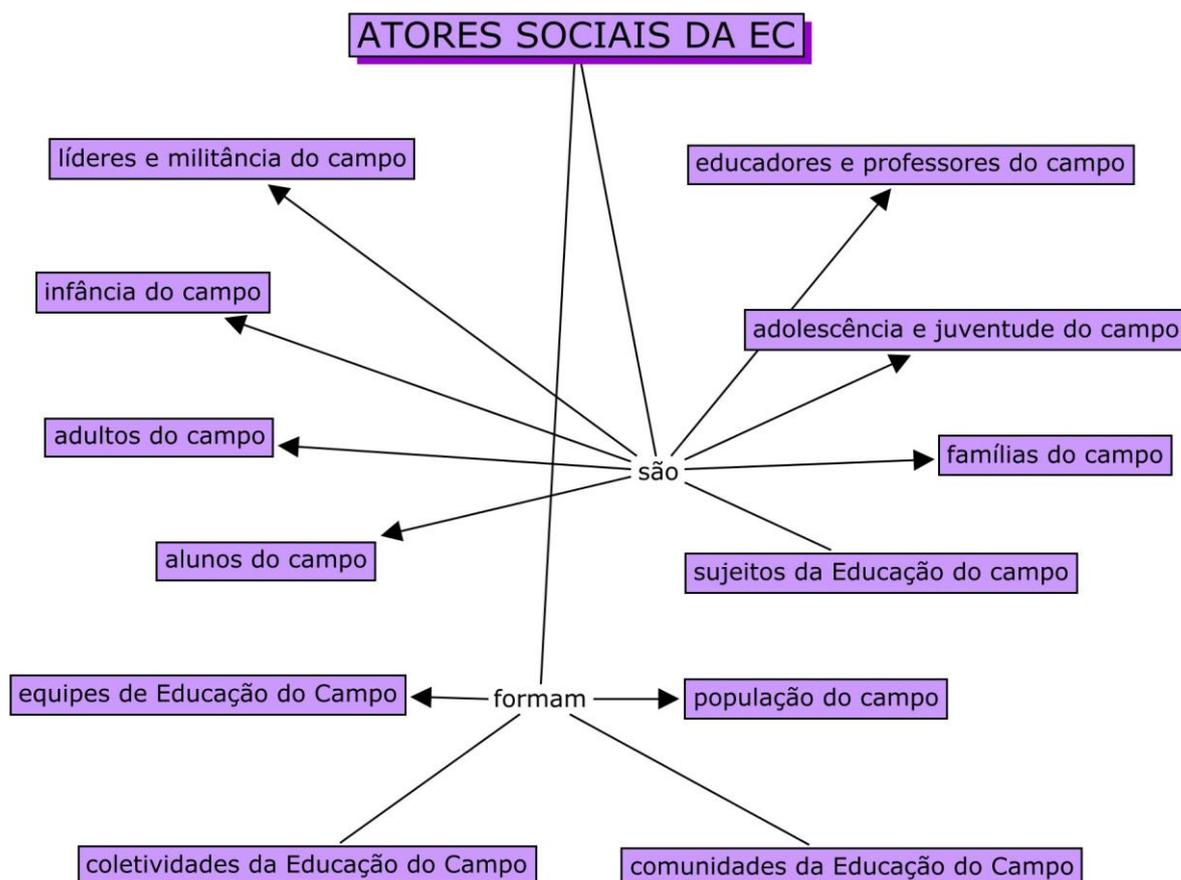


Figura 17 - Submapa - Atores Sociais da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2010.

#### 5.1.3.5 Fins e ideais da Educação do Campo

Esta categoria temática apresenta notadamente **aspectos ideológicos e axiológicos da Educação do Campo**, já que abarca os objetivos mais gerais e, por que não, mais “nobres” da área, como a integração social por intermédio da coletivização do saber, o desenvolvimento do interesse político e do espírito de comunidade, a acessibilidade a saberes científicos, técnicos e tecnológicos da tradição (saberes canônicos) e a propagação da mobilização social.

Obviamente esta categoria temática é de suma importância, pois se constitui na destinação do trabalho de desenvolver a Educação do Campo; esta categoria é a justificativa primordial das práticas da área, ao lado dos princípios.

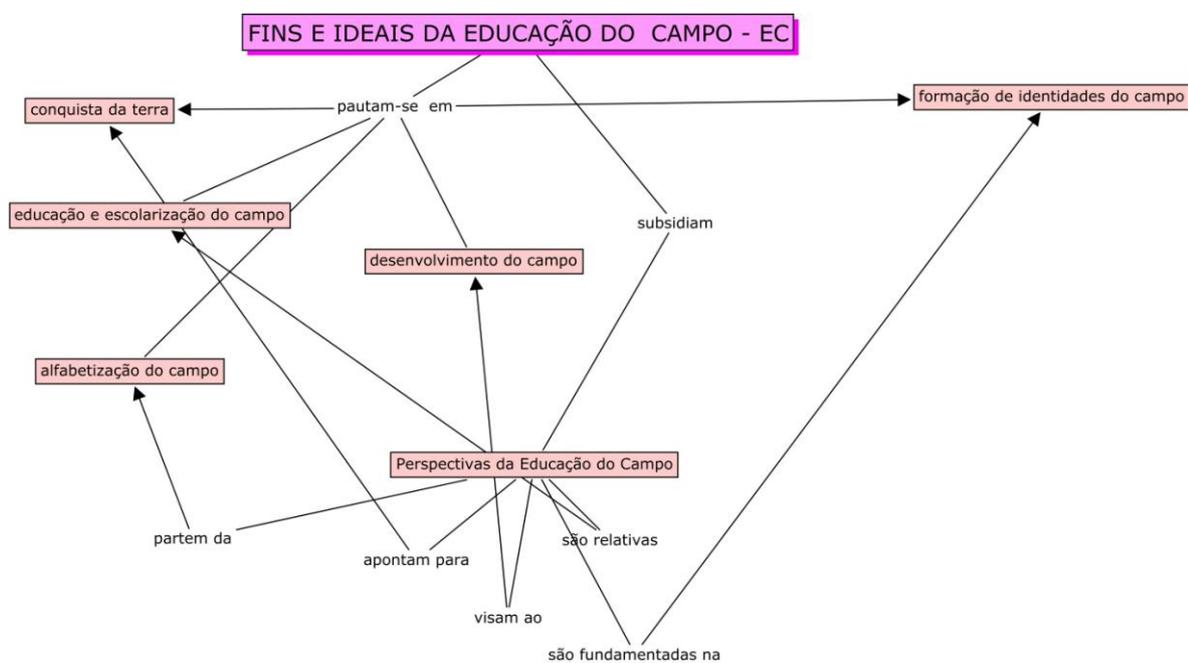


Figura 18 - Submapa - Fins e Ideais da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2010.

A categoria temática 5 fecha o círculo, mas, com uma imagem circular, como um conjunto de anéis imbricados, todas as categorias temáticas estarão fundidas, sendo impossível uma visão estritamente hierárquica:

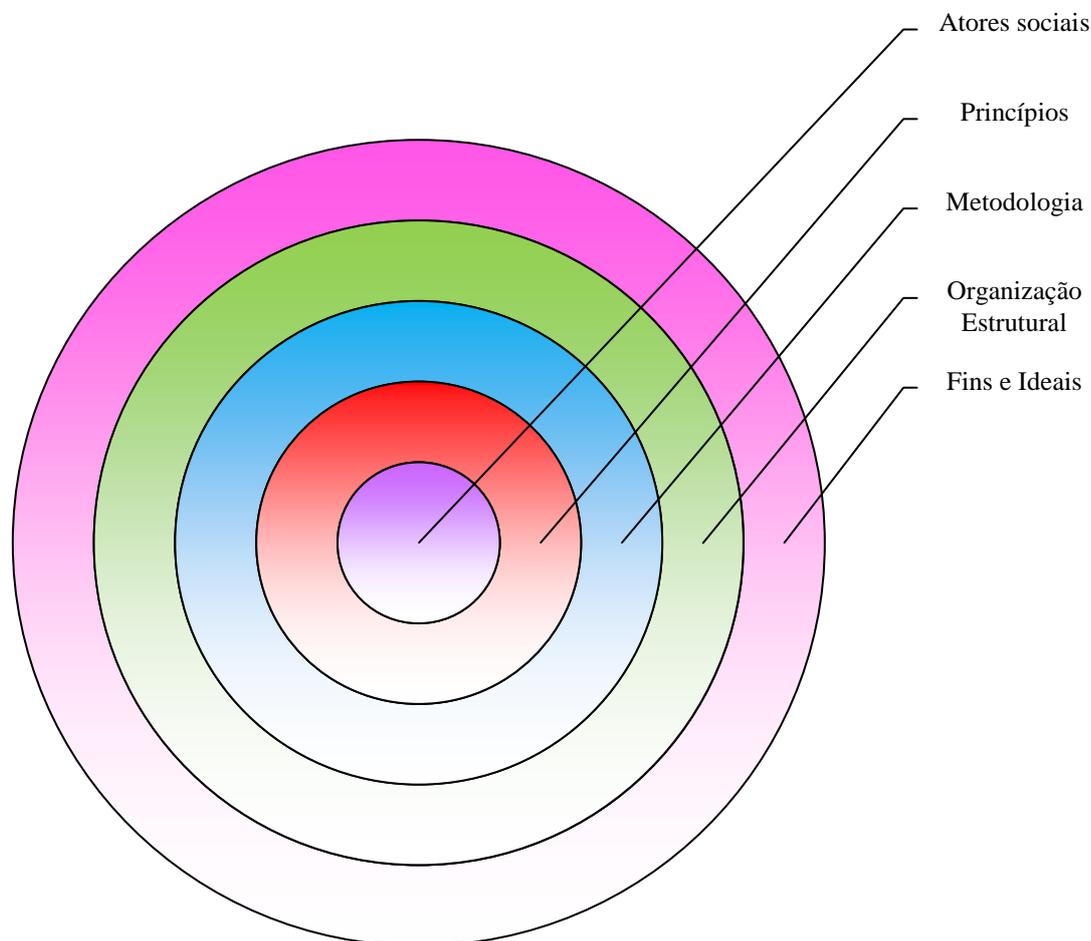


Figura 19 - Mapa circular da Educação do Campo e suas categorias temáticas  
Fonte: a autora, 2011

#### 5.1.4 Os mapas conceituais expandidos por categorias temáticas

Apresentamos uma amostra dos mapas conceituais expandidos por categorias temáticas.

Primeiramente, apresentamos a ordenação tradicional, estritamente hierárquica, na qual todos os conceitos são representados - logo, é uma organização que oferece o bônus da exaustividade. No entanto, as relações entre os conceitos não estão totalmente contempladas, sendo este o principal ônus desse tipo de representação. A única relação que é facilmente depreensível é a da pertença, ou seja, de inclusão de elementos em uma classe conceitual e a

inclusão de classes conceituais em categorias temáticas ou classes mais abrangentes, assim sucessivamente.

Por exemplo, a classe conceitual "Organização da Agricultura do Campo", número 1.1, contém os elementos conceituais 1.1.1 agricultura agroecológica, 1.1.2 agricultura camponesa, 1.1.3 agricultura capitalista, 1.1.4 agricultura familiar tradicional e 1.1.5 agricultura latifundiária, conforme a estrutura hierárquica.

**Da estrutura hierárquica podemos identificar também que as classes conceituais 1.1 Organização da Agricultura do Campo, 1.2 Conceptualização e Cultura da Educação do Campo, assim como as classes 1.3 Simbologia e Representação na Educação do Campo, 1.4, Direitos na Educação do Campo, 1.5 Historização e Historiografia da Educação do Campo, 1.6 Filosofias e Identidades do Campo, 1.7 Princípios da Escola do Campo, 1.8 Princípios e trabalho do campo, 1.9 Problemas e necessidades na Educação do Campo, 1.10 Realidades e relações na Educação do Campo e 1.11 Paradigmas sócio-históricos e políticos pertencem à categoria temática 1 PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, relação que ocorre igualmente entre as classes conceituais pertencentes às demais categorias temáticas.**

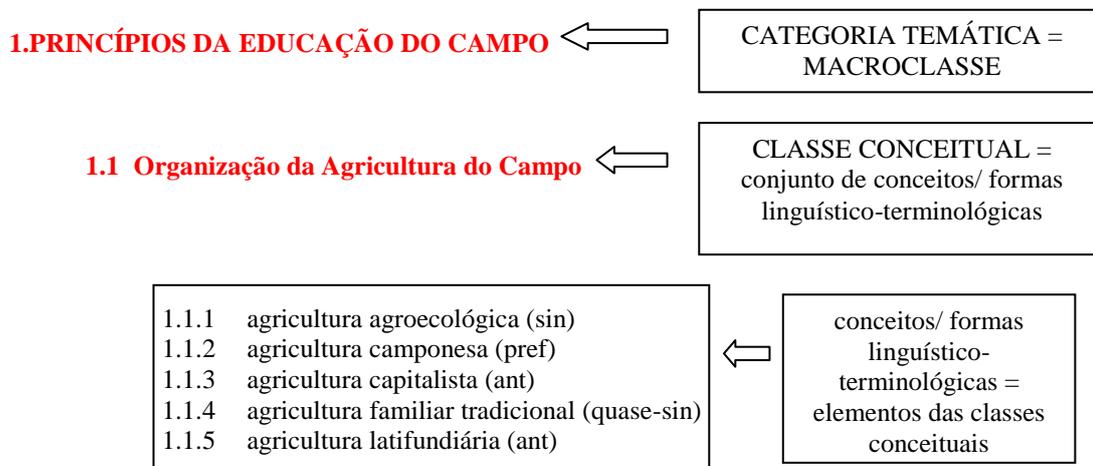
De igual forma, pode-se identificar que as categorias temáticas 1. PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 2. METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 3. ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO, 4. ATORES SOCIAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO e 5. FINS E IDEAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO são macroclasses que contêm as classes conceituais - 1.1..., 2.1..., 3.1..., 4.1..., 5.1..., as quais, por sua vez, compreendem os elementos desses conjuntos, que são os conceitos propriamente ditos, representados pelas respectivas estruturas linguístico-terminológicas, numerados sequencialmente 1.1.1..., 2.1.1..., 3.1.1..., 4.1.1..., 5.1.1....

As classes conceituais e as categorias temáticas (macroclasses) foram criadas para este modelo de análise conceitual e de descrição terminológica (autoria da pesquisadora).

Os conceitos e respectivas representações linguístico-terminológicas, que se constituem em termos neológicos ainda em fase de conceptualização e de lexicalização, não sofreram intervenção e são apresentados tal e qual ocorrem no *corpus* documental, de acordo com nossos critérios e procedimentos de extração e de seleção de termos.

Apresentamos um recorte do mapa conceitual hierárquico da Educação do Campo. Não o transcrevemos na íntegra, pois optamos por reconfigurar a pesquisa e elaborar mapas conceituais relacionais, conforme os próximos itens.

A primeira categoria temática ou macroclasse, "PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO" está legendada, a fim de facilitar a compreensão da organização, de modo visual. A lógica é a mesma para as demais categorias temáticas - 2, 3, 4 e 5.



### 1.2 Conceptualização e Cultura da Educação do Campo

- 1.2.1 compreensão do campo (pref)
- 1.2.2 conceito de Educação do Campo (pref)
- 1.2.3 concepção de campo (pref)
- 1.2.4 concepção de educação do MST (quase-sin)
- 1.2.5 cultura camponesa (sin)
- 1.2.6 cultura do campo (pref)
- 1.2.7 cultura dos povos do campo (sin)
- 1.2.8 cultura escolar cooperativa (quase-sin)
- 1.2.9 ideia de Educação do Campo (sin)
- 1.2.10 intencionalidade política e pedagógica (var)
- 1.2.11 intencionalidade política e pedagógica da Educação do Campo (pref)
- 1.2.12 interesses do campo (pref)
- 1.2.13 modelo de desenvolvimento do campo (pref)
- 1.2.14 modelo de desenvolvimento para o campo (ant)

### 1.3 Simbologia e Representação na Educação do Campo

- 1.3.1 bandeira do Movimento (var)
- 1.3.2 bandeira do Movimento Sem Terra (pref)
- 1.3.3 hino dos ST (sin)
- 1.3.4 latifúndio do analfabetismo (ant)
- 1.3.5 hino do MST (pref)
- 1.3.6 latifúndio do saber (pref)
- 1.3.7 mística da abertura(pref)
- 1.3.8 mística da luta (var)
- 1.3.9 mística da luta pela terra (pref)
- 1.3.10 mística da luta popular (quase-sin)
- 1.3.11 mística da militância (pref)
- 1.3.12 mística do militante (quase-sin)
- 1.3.13 mística do Movimento (pref)
- 1.3.14 Mística dos educadores (quase-sin)

### 1.4 Direitos na Educação do Campo

[...]

### 1.5 Historização e Historiografia da Educação do Campo

[...]

**1.6 Filosofias e Identidades do Campo**

[...]

**1.7 Princípios da Escola do Campo**

[...]

**1.8 Princípios e trabalho do campo**

[...]

**1.9 Problemas e necessidades na Educação do Campo**

[...]

**1.10 Realidades e relações na Educação do Campo**

[...]

**1.11 Paradigmas sócio-históricos e políticos****2. METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO****2.1 Ações e práticas da Educação do Campo**

- 2.1.1. ações do MST (pref)
- 2.1.2. criação da escola itinerante (pref)
- 2.1.3. cultivo da identidade Sem Terra (pref)
- 2.1.4. cultivo da mística (pref)
- 2.1.5. cultivo da mística da luta popular (var)
- 2.1.6. cultivo da mística do MST (quase-sin)
- 2.1.7. gênese do trabalho do MST (pref)
- 2.1.8. jornada da luta (pref)
- 2.1.9. mobilização das crianças sem-terra (pref)
- 2.1.10. mobilização infantil (sin)
- 2.1.11. ocupação da escola (var)
- 2.1.12. ocupação da escola pelo MST (pref)
- 2.1.13. operacionalização da FPR (pref)
- 2.1.14. operacionalização do processo de FPR (var)
- 2.1.15. prática do MST (pref)
- 2.1.16. práxis pedagógica dos Movimentos (var)
- 2.1.17. práxis pedagógica dos Movimentos Sociais (pref)

**2.2 Estratégias de organização da Educação do Campo**

- 2.2.1. auto-organização dos alunos (pref)
- 2.2.2. Tempo comunidade (pref)
- 2.2.3. tempo escola (pref)

**2.3 Materiais didático-políticos da Educação do Campo**

- 2.3.1. Caderno de Educação (pref)
- 2.3.2. Caderno de Formação do MST (pref)
- 2.3.3. jornal do MST (pref)
- 2.3.4. jornalzinho do assentamento (sin)
- 2.3.5. Revista Sem Terra (pref)

[...]

**3. Organização estrutural da EC****3.1 Estruturação física e organizacional da Educação do Campo**

- 3.1.1. acampamento do MST (pref)
- 3.1.2. área de assentamento de reforma agrária (pref)
- 3.1.3. áreas de assentamento (var)

- 3.1.4. áreas de reforma agrária (pref)
- 3.1.5. assentamento do Movimento Sem Terra (sin)
- 3.1.6. assentamento do MST (pref)
- 3.1.7. campo da agricultura camponesa (pref)
- 3.1.8. campo da educação do campo (pref)
- 3.1.9. campo do agronegócio (ant)
- 3.1.10. coordenação da Educação do Campo (pref)
- 3.1.11. coordenação do assentamento (pref)
- 3.1.12. dinâmica do campo (pref)
- 3.1.13. dinâmica social do campo (sin)
- 3.1.14. documentos do MST (pref)
- 3.1.15. farmácia comunitária do acampamento (pref)
- 3.1.16. funcionamento da cooperativa-escola (pref)
- 3.1.17. lona preta (pref)
- 3.1.18. núcleo de agricultores familiares não-assentados (sin)
- 3.1.19. núcleo de agricultores não-assentados (pref)
- 3.1.20. núcleo de reforma agrária (pref)
- 3.1.21. organicidade do Movimento (sin)
- 3.1.22. organicidade do MST (pref)
- 3.1.23. organização do assentamento (pref)
- 3.1.24. organização do coletivo do assentamento (var)
- 3.1.25. organização do MST (pref)
- 3.1.26. pré-assentamento (pref)

### **3.2 Cotidiano da Educação do Campo**

- 3.2.1. agenda do Movimento (pref)
- 3.2.2. cotidiano do Movimento (sin)
- 3.2.3. cotidiano do MST (pref)
- 3.2.4. dia-a-dia do assentamento (pref)
- 3.2.5. ocupação da terra (pref)
- 3.2.6. ocupação de terra (var)
- 3.2.7. ocupação pelos sem-terra (quase-sin)

### **3.3. Tipos e níveis de ensino/ educação e escolas do campo**

- 3.3.1. colégio agrícola (var)
- 3.3.2. colégio técnico agrícola (pref)
- 3.3.3. curso Magistério do MST (pref)
- 3.3.4. curso Técnico em Administração de Cooperativas (var)
- 3.3.5. curso Técnico em Administração de Cooperativas do MST (pref)
- 3.3.6. curso técnico em agropecuária (pref)
- 3.3.7. curso técnico na área agropecuária (var)
- 3.3.8. cursos do MST (pref)
- 3.3.9. EAF (sin)
- 3.3.10. educação agrícola (pref)
- 3.3.11. educação básica da área rural (sin)
- 3.3.12. educação básica das áreas de Reforma Agrária do MST (pref)
- 3.3.13. educação básica das áreas de Reforma Agrária do Movimento Sem Terra (sin)
- 3.3.14. Educação básica de nível médio nas áreas de reforma agrária (pref)
- 3.3.15. educação básica de nível médio para a juventude das áreas de reforma agrária (ant)
- 3.3.16. Educação Básica do Campo (pref)
- 3.3.17. educação básica do meio rural (sin)
- 3.3.18. educação básica nas áreas de reforma agrária do MST (sin)
- 3.3.19. educação básica nas escolas do campo (ant)
- 3.3.20. educação cooperatista (sin)
- 3.3.21. educação cooperativa (pref)
- 3.3.22. Educação do Campo (pref)
- 3.3.23. educação no assentamento (var)
- 3.3.24. educação no campo (ant)
- 3.3.25. educação no Movimento Sem Terra (pref)
- 3.3.26. educação nos acampamentos do MST (pref)
- 3.3.27. educação nos assentamentos do MST (pref)
- 3.3.28. educação para o meio rural (ant)
- 3.3.29. educação para os sujeitos do campo (ant)

- 3.3.30. educação rural (ant)
- 3.3.31. educação técnica agrícola (quase-sin)
- 3.3.32. educação urbana (ant)
- 3.3.33. EJA do MST (pref)
- 3.3.34. EJA no MST (var)
- 3.3.35. ensino agrícola (pref)
- 3.3.36. ensino agrícola no Centro Paula Souza (pref)
- 3.3.37. ensino agrícola no estado de São Paulo (pref)
- 3.3.38. ensino fundamental do campo (pref)
- 3.3.39. ensino fundamental na área rural (ant)
- 3.3.40. ensino médio das escolas do campo (sin)
- 3.3.41. ensino médio do campo (pref)
- 3.3.42. ensino médio integrado do campo (quase-sin)
- 3.3.43. ensino técnico agrícola (quase-sin)
- 3.3.44. ensino técnico agrícola no Brasil (quase-sin)
- 3.3.45. escola agrícola (pref)
- 3.3.46. escola agrotécnica (quase-sin)
- 3.3.47. escola agrotécnica federal (pref)
- 3.3.48. escola base (pref)
- 3.3.49. escola base das escolas itinerantes (sin)
- 3.3.50. escola base das itinerantes (sin)
- 3.3.51. escola cooperativa (pref)
- 3.3.52. escola de acampamento (var)
- 3.3.53. escola de acampamento do MST (pref)
- 3.3.54. escola de acampamento Sem Terra (sin)
- 3.3.55. escola de assentamento (var)
- 3.3.56. escola de assentamento do MST (pref)
- 3.3.57. escola de assentamento Sem Terra (sin)
- 3.3.58. escola de educação fundamental de acampamento (pref)
- 3.3.59. escola de educação fundamental de assentamento (pref)
- 3.3.60. escola do assentamento (var)
- 3.3.61. escola do campo (pref)
- 3.3.62. escola do meio rural (quase-sin)
- 3.3.63. escola do Movimento Sem Terra (sin)
- 3.3.64. escola do MST (pref)
- 3.3.65. Escola do Trabalho (pref)
- 3.3.66. escola em movimento (pref)
- 3.3.67. escola estadual de segundo grau agrícola (pref)
- 3.3.68. escola itinerante do acampamento (quase-sin)
- 3.3.69. escola itinerante do MST (pref)
- 3.3.70. escola na área rural (ant)
- 3.3.71. escola no assentamento (ant)
- 3.3.72. escola no campo (ant)
- 3.3.73. escola no MST (sin)
- 3.3.74. escola pública do campo (sin)
- 3.3.75. escola rural (ant)
- 3.3.76. escola rural regional (ant)
- 3.3.77. escola técnica agrícola (pref)
- 3.3.78. escola técnica agrícola do Centro Paula Souza (pref)
- 3.3.79. escola técnica agrícola estadual (sin)
- 3.3.80. escola técnica agrícola do Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (sin)
- 3.3.81. escola técnica de administração de cooperativas (pref)
- 3.3.82. Escola Técnica Estadual (pref)
- 3.3.83. escola urbana (ant)
- 3.3.84. escola-base (var)
- 3.3.85. escola-fazenda (pref)
- 3.3.86. escolas itinerantes no acampamento do MST (quase-sin)
- 3.3.87. Especialização em Educação do Campo (pref)
- 3.3.88. ETA (sin)
- 3.3.89. ETAE (sin)
- 3.3.90. ETE (sin)
- 3.3.91. ETE agrícola (sin)
- 3.3.92. licenciatura em Educação do Campo (pref)

- 3.3.93. TAC (sin)
- 3.3.94. TAC do MST (pref)

[...]

#### **4. Atores sociais da EC**

##### **4.1 Infância do Campo**

- 4.1.1. criança acampada (quase-sin)
- 4.1.2. criança assentada (quase-sin)
- 4.1.3. criança de assentamento (quase-sin)
- 4.1.4. criança Sem Terra (sin)
- 4.1.5. criança Sem Terrinha (var)
- 4.1.6. criança ST (sin)
- 4.1.7. infância do campo (pref)
- 4.1.8. infância no Movimento Sem Terra (sin)
- 4.1.9. infância Sem Terra (pref)
- 4.1.10. Sem Terrinha (pref)

##### **4.2 Adolescência e juventude do campo**

- 4.2.1. adolescência Sem Terra (pref)
- 4.2.2. categoria juventude rural (pref)
- 4.2.3. jovem da roça (quase-sin) (pej)
- 4.2.4. jovem no meio rural (pref)
- 4.2.5. jovem rural (sin)
- 4.2.6. jovem Sem Terra (pref)
- 4.2.7. jovens de acampamento (pref)
- 4.2.8. jovens do acampamento dos Sem Terra (quase-sin)
- 4.2.9. jovens dos assentamentos rurais do MST (quase-sin)
- 4.2.10. jovem de assentamento (quase-sin)
- 4.2.11. jovem no assentamento (quase-sin)
- 4.2.12. jovens de um acampamento (quase-sin)
- 4.2.13. jovens do assentamento (quase-sin)
- 4.2.14. juventude das áreas de reforma agrária (pref)
- 4.2.15. juventude do campo (pref)
- 4.2.16. juventude rural (sin)
- 4.2.17. juventude Sem Terra (quase-sin)
- 4.2.18. juventude urbana (ant)

##### **4.3 Adultos do campo**

- 4.3.1. homem da terra (sin)
- 4.3.2. homem do campo (pref)
- 4.3.3. mulher da terra (sin)
- 4.3.4. mulher do campo (pref)

[...]

#### **5. Fins e ideais da EDUCAÇÃO DO CAMPO**

##### **5.1 Alfabetização do Campo**

- 5.1.1. alfabetização de jovens e adultos em acampamentos (pref)
- 5.1.2. alfabetização de jovens e adultos em assentamentos (pref)

##### **5.2 Desenvolvimento do campo**

- 5.2.1. desenvolvimento cultural dos assentados (pref)
- 5.2.2. desenvolvimento do campo (pref)
- 5.2.3. desenvolvimento do meio rural (sin)

##### **5.3 Educação e escolarização do Campo**

- 5.3.1. Educação do Movimento Popular (pref)
- 5.3.2. Educação do Movimento Sem Terra (sin)
- 5.3.3. Educação do MST (pref)
- 5.3.4. Educação do povo (sin)
- 5.3.5. educação do povo do campo (pref)
- 5.3.6. educação dos camponeses (sin)

- 5.3.7. educação dos povos do campo (sin)
- 5.3.8. Educação dos Sem Terra (pref)
- 5.3.9. educação dos sem-terra (var)
- 5.3.10. Educação dos sem-terra do MST (var)
- 5.3.11. educação dos sujeitos do campo (sin)
- 5.3.12. Educação Infantil do Campo (pref)
- 5.3.13. educação infantil do MST (pref)
- 5.3.14. educação infantil no Movimento (sin)
- 5.3.15. Educação Infantil no Movimento Sem Terra (sin)
- 5.3.16. educação infantil no MST (sin)
- 5.3.17. educação nas áreas de assentamento (pref)
- 5.3.18. Educação para o trabalho e pelo trabalho (pref)
- 5.3.19. Educação Popular do Campo (sin)
- 5.3.20. EP (pref)
- 5.3.21. escolarização do campo no Brasil (quase-sin)
- 5.3.22. escolarização dos sujeitos do campo (quase-sin)
- 5.3.23. expansão de escolas do campo (pref)
- 5.3.24. expansão de escolas públicas do campo (var)

A metodologia dos mapas conceituais relacionais é interessante também porque não há uma obrigatoriedade na disposição dos conceitos; logo, essa metodologia, além de clara, acaba sendo moldável e praticável por qualquer pesquisador.

Temos certeza de que nossa proposta de análise conceitual e descrição terminológica para a terminologia neológica da Educação do Campo é válida, mas também podemos afirmar que outro pesquisador poderia, em um outro estudo descritivista, seguindo critérios rigorosos, com *corpora* similares (ou até com os mesmos), criar disposições conceituais diferentes, igualmente válidas.

A seguir, fazemos uma contraposição dos mapas conceituais relacionais com a metodologia dos mapas conceituais hierárquicos.

### 5.1.5 O mapa conceitual relacional e o mapa conceitual hierárquico: convergências e discrepâncias

O mapa conceitual é o esquema que estabelece e hierarquiza os termos de uma área nas respectivas classes semânticas e constitui-se no primeiro procedimento após a identificação e a segmentação dos termos, em decorrência da análise documental das obras dos *corpora*.

A nosso ver, as proposições de Braga (2005) definem a importância da organização de um sistema conceitual, de forma sintética, completa e precisa:

Os conceitos não estão isolados dentro de um campo, mesmo porque somente o fato de pertencerem à mesma área faz com que apresentem um núcleo comum que os relaciona. **Além disso, os conceitos não seriam capazes de sustentar e refletir o saber construído de uma área se não se relacionassem, formando uma estrutura.** Assim, um conceito adquire seu valor dentro de um conjunto e existe apenas em relação a esse conjunto. Por isso nos referimos sempre a um sistema de

conceitos. Neste, as “unidades de pensamento” são comparadas e diferenciadas conforme sua posição, ao mesmo tempo em que as relações que mantêm umas com as outras são elucidadas, o que permite que alguns de seus traços distintivos sejam delimitados. Cumpre observar que, **como os termos dão acesso aos conceitos, constituindo-se em sua manifestação no nível semiótico**, nós os utilizamos para representar o conceito em uma estrutura, fato que permite que o sistema terminológico corresponda ao conceitual. (BRAGA, 2005, p. 45, grifos nossos)

O mapa conceitual hierárquico é um instrumento válido e muito tradicional nos procedimentos terminológicos; no entanto, as relações entre os conceitos não ficam explícitas, na maioria das vezes sendo necessário adicionar legendas e demais explicações extramapas.

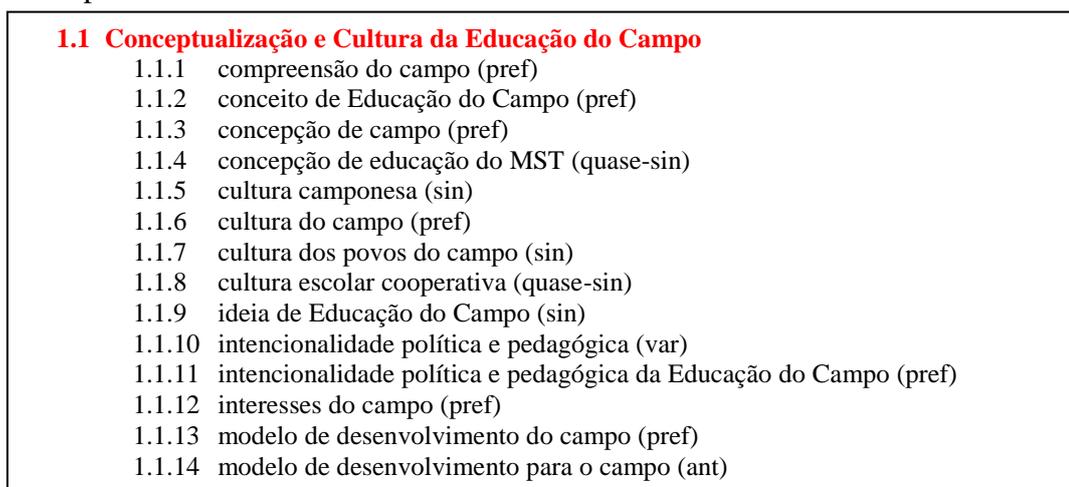


Figura 20 - Demonstração da metodologia dos mapas conceituais hierárquicos  
Fonte: a autora, 2011

O tipo de organização hierárquica pode gerar algumas dificuldades, inclusive em sua elaboração, pois fica quase impraticável repetir o mesmo conceito em várias partes do mapa, a não ser que sejam criados submapas. Além disso, o pesquisador-terminólogo pode encontrar dificuldades em determinar um grau muito restrito de hierarquização, pois as redes conceituais são muito complexas e as opiniões dos especialistas entrevistados, bem como as informações obtidas nos *corpora*, podem ser contraditórias entre si – ou ainda podem existir duas ou mais alternativas de hierarquização igualmente válidas, sendo difícil, e até mesmo errôneo, escolher entre uma delas.

A representação conceitual hierárquica também pode ser dificultadora no sentido de que, para o leitor leigo ou semileigo, a localização dos conceitos não é uma tarefa internalizada ou automática. Esse tipo de leitor certamente encontrará dificuldades e terá de gastar muito tempo para tentar apreender as relações conceituais implícitas – pode até mesmo não chegar à consecução desta tarefa.

Em suma: a estrutura puramente hierárquica apresenta muitas dificuldades de codificação e de decodificação.

Dessa forma, propomos e aplicamos nesta tese uma metodologia de elaboração de mapas conceituais relacionais, com base em diversos autores e nas potencialidades dos programas de computador acessados, conforme Referências, a fim de que fiquem explícitas as relações entre os conceitos e também visando a uma disposição conceitual mais clara e objetiva.

Os leitores serão direcionados por frases de ligação (conforme item 5.1.1- O mapa conceitual relacional: metodologia, ferramenta informatizada e elaboração) e estas frases são elaboradas em linguagem natural, linguagem verbal escrita, acessível aos leitores.

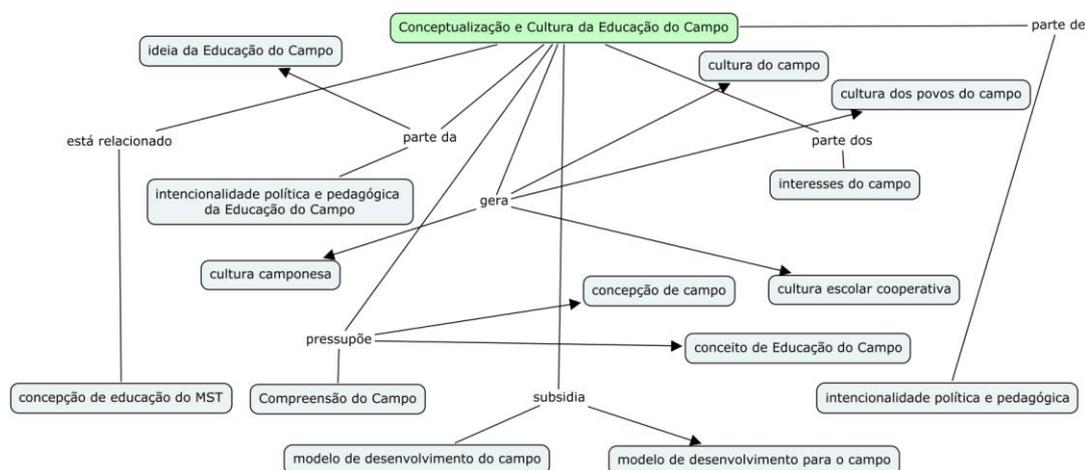


Figura 21 - Demonstração da metodologia dos mapas conceituais relacionais  
Fonte: a autora, 2011

Na estrutura puramente hierárquica, muitas vezes a utilização da linguagem verbal escrita é muito restrita, sendo mais utilizada a linguagem visual (linhas, quadros, cores, padrões gráficos) e esse tipo de linguagem é destinado a um leitor treinado para esse nível de interpretação. As frases de ligação, com a utilização da escrita natural, possibilitam uma maior inserção do leigo e do semileigo no universo conceitual da área em estudo.

Vivenciamos as duas experiências nesta tese: ao iniciarmos o percurso, sistematizamos e elaboramos o mapa conceitual hierárquico como diretriz primordial da pesquisa terminológica. Após contato com especialistas, professores, terminólogos etc., buscamos estudos que tratavam de metodologias alternativas para a representação conceitual de uma área de especialidade.

Elegemos o programa de computador Cmap Tools pelos motivos já elencados.

Passando efetivamente pelas duas metodologias, pudemos verificar que uma maior flexibilidade dos mapas conceituais é desejável e profícua, o que procuramos seguir nesta tese. No entanto, para alguns tipos de pesquisa, considerando a constituição de uma determinada terminologia, a representação hierárquica pode atender aos objetivos do pesquisador.

Propusemos, nesta tese, um modelo, e o aplicamos. Observamos resultados positivos, mas não na primeira tentativa, nem na segunda, nem na terceira. Foi preciso reelaborar o modelo continuamente, o que está previsto em sua descrição, no capítulo 3.

Logo, descrevemos uma diretriz, um percurso testado e aplicado, mas enfatizamos que cada pesquisa demandará uma metodologia, ou pelo menos, adaptações de metodologias existentes.

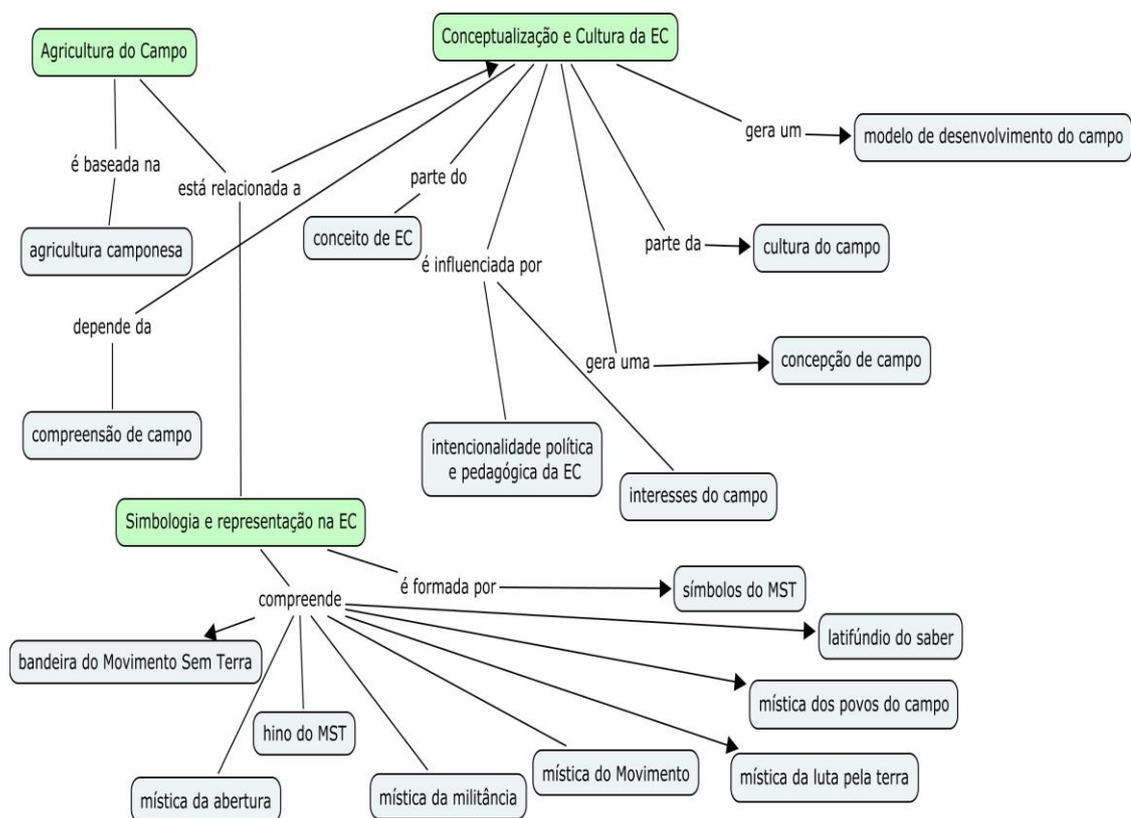
De qualquer forma, a representação e a apresentação da área cuja terminologia está em estudo são procedimentos indispensáveis ao trabalho de análise terminológica ou para a elaboração de produtos terminográficos. Devemos, pois, elaborar métodos e instrumentos de facilitação desses procedimentos, visando a uma abordagem terminológica que priorize a comunicabilidade e a inserção de diferentes tipos de público-alvo, valorizando as diversidades de interpretações e de interpretantes.

A seguir, apresentamos os mapas conceituais relacionais elaborados para o *corpus* de análise.

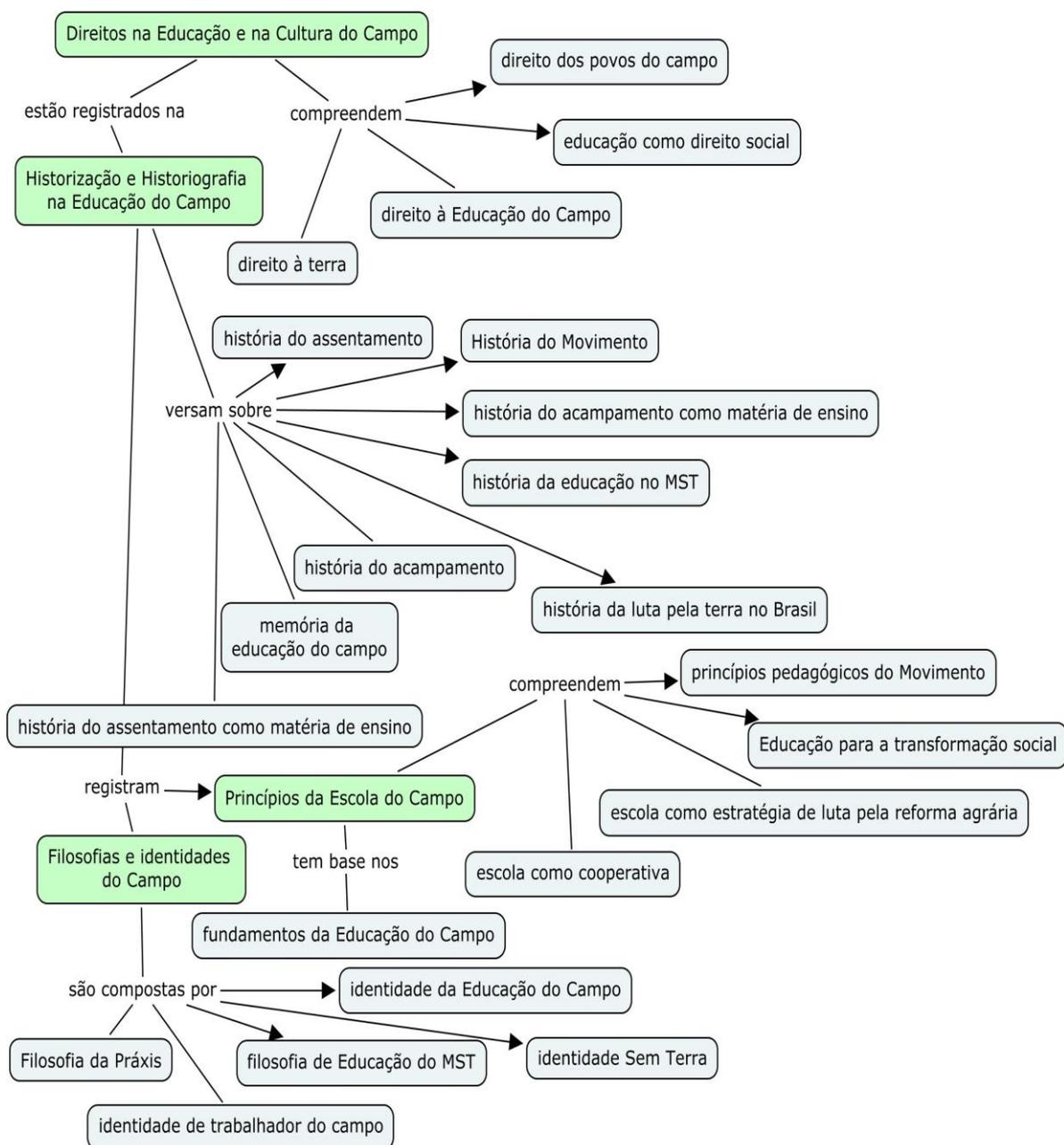
**Explicamos, para facilitar a interpretação dos mapas: as caixas de texto de cor verde são classes conceituais criadas especialmente para esta tese (autoria da pesquisadora), ao passo que as caixas de texto de cor azul contêm os conceitos, representados por sua manifestação linguística, os termos, da área de Educação do Campo.**

Dos mapas conceituais relacionais, constam apenas os termos preferenciais, assim classificados por apresentarem maior frequência e maior difusão em relação às formas variantes e às sinonímicas.

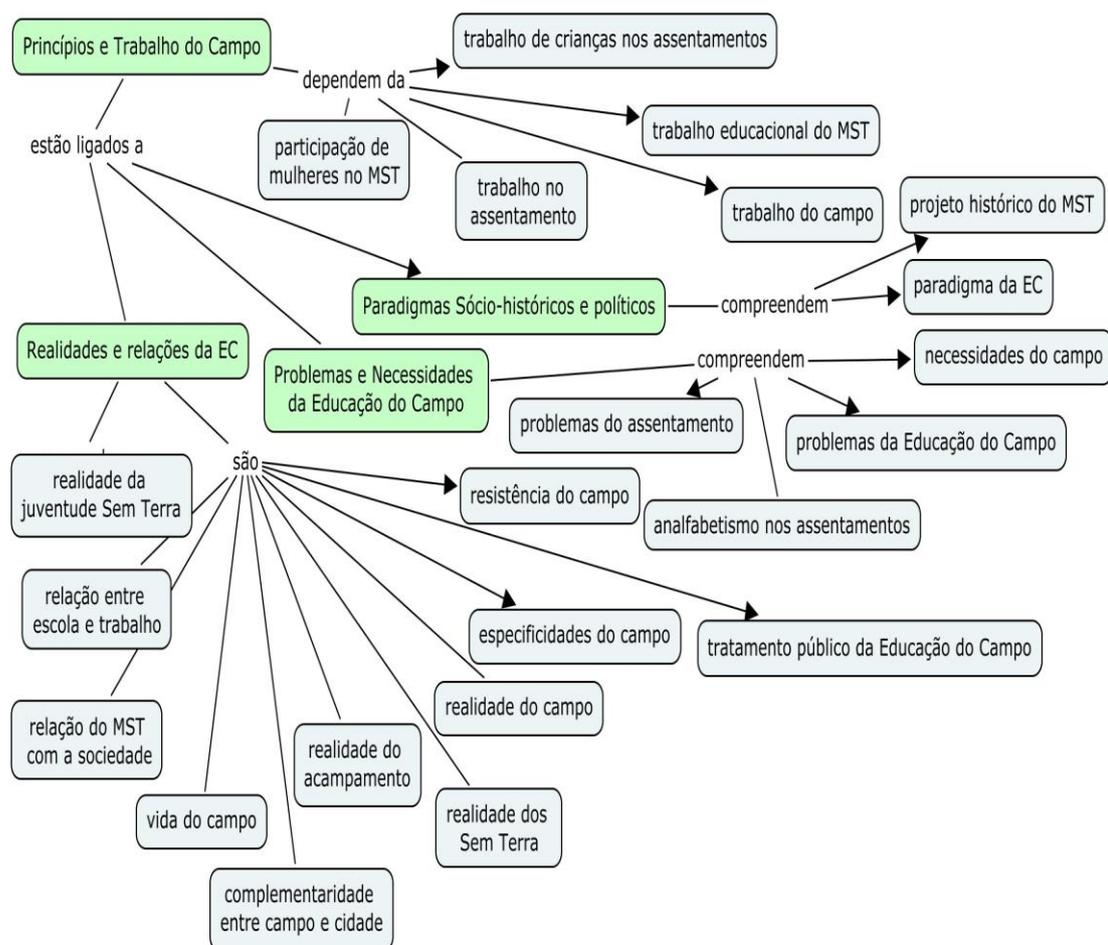
Coletamos termos sinônimos, quase-sinônimos (ou parassinônimos) e variantes (lexicais e gráficas), mas, como não foi nosso intuito elaborar uma tese sobre variação linguística/terminológica, não realizamos a análise desses fenômenos, nem representamos as formas variantes nos mapas conceituais relacionais, também por questões de limitações físicas da tese.



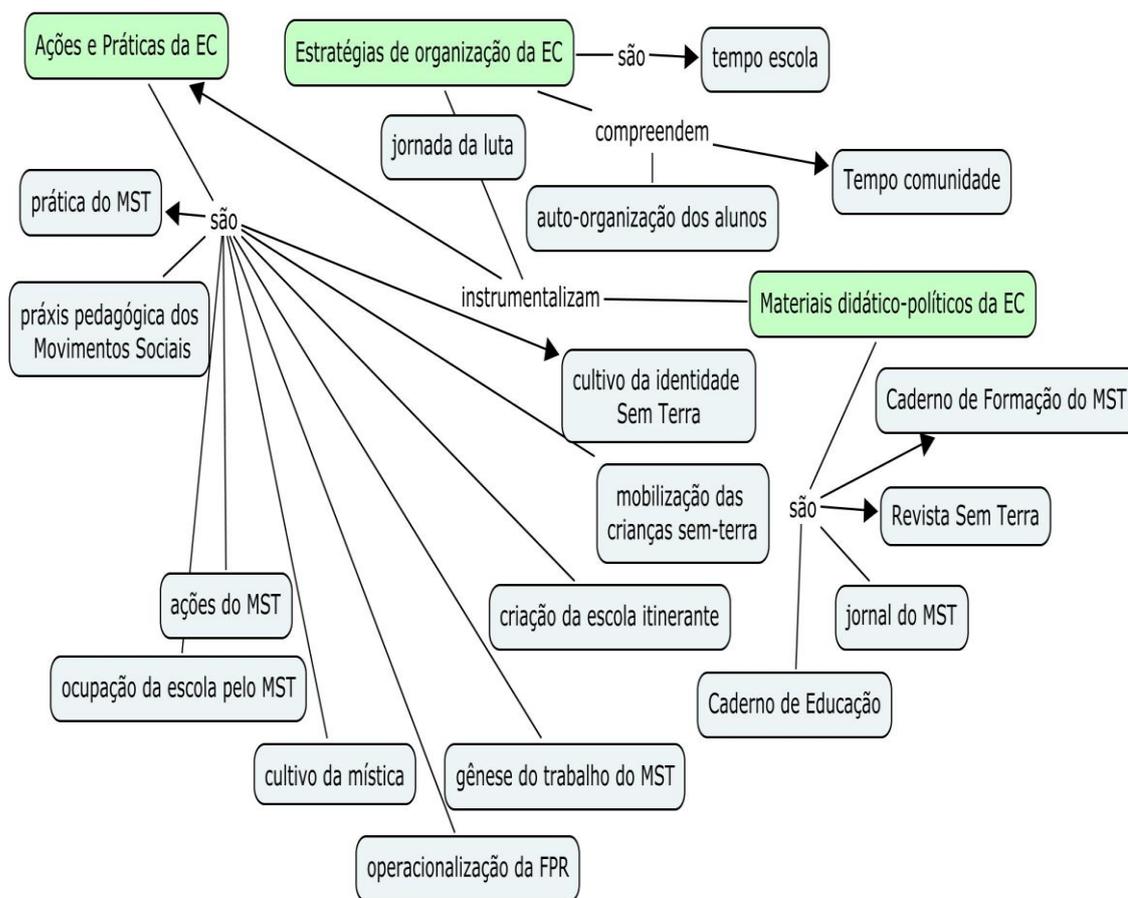
Mapa 1 - Princípios, conceptualização, cultura e símbolos da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



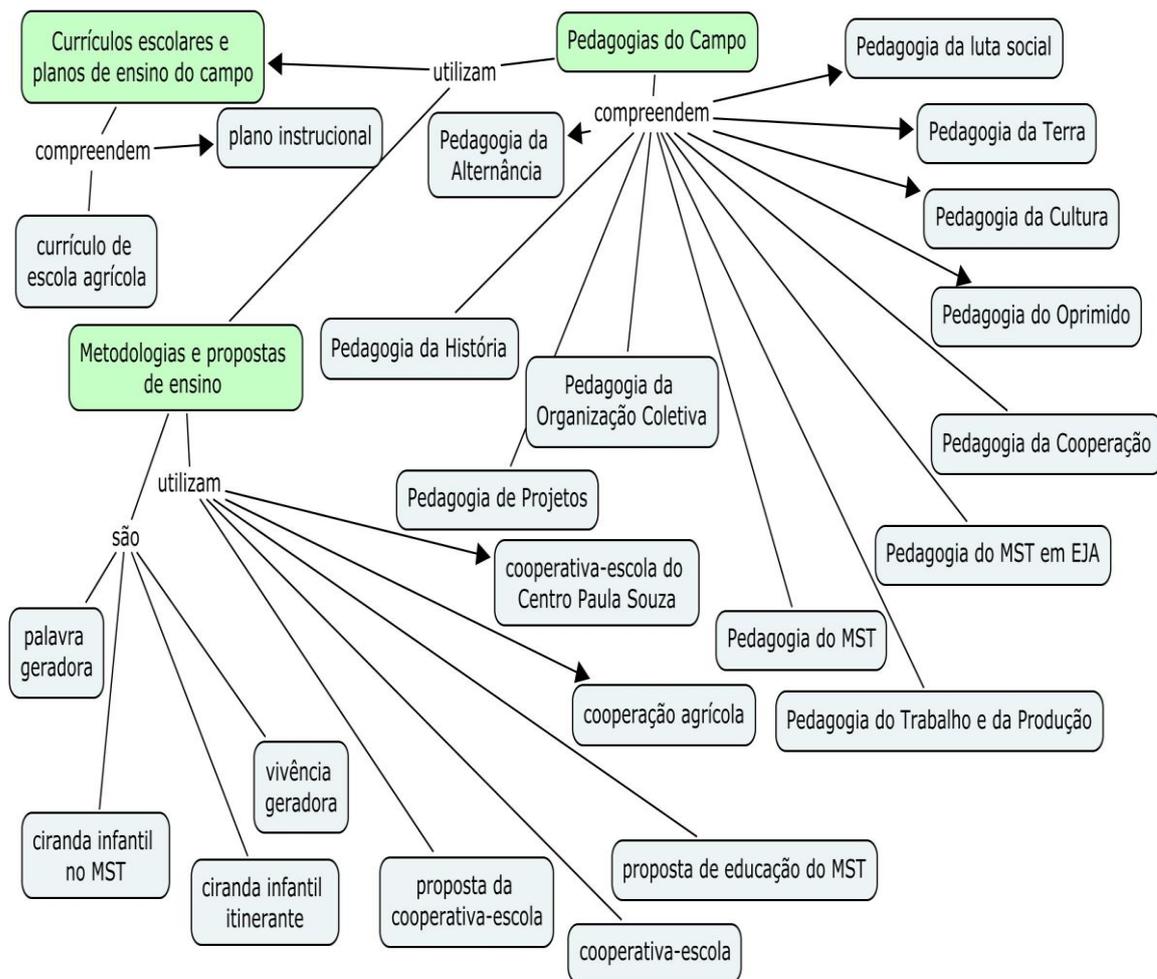
Mapa 2 - Direitos, historização, filosofias e trabalho na Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



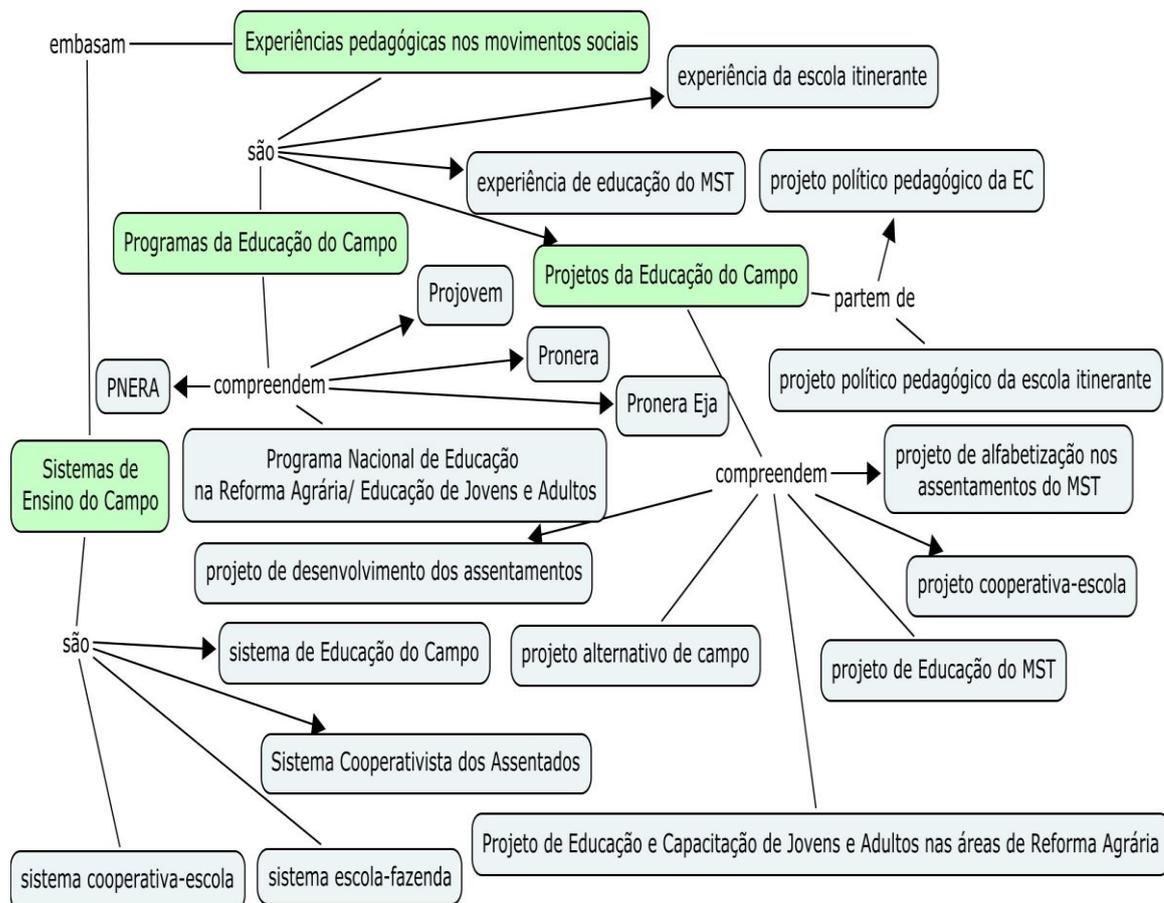
Mapa 3 - Princípios, problemas, realidades e paradigmas da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



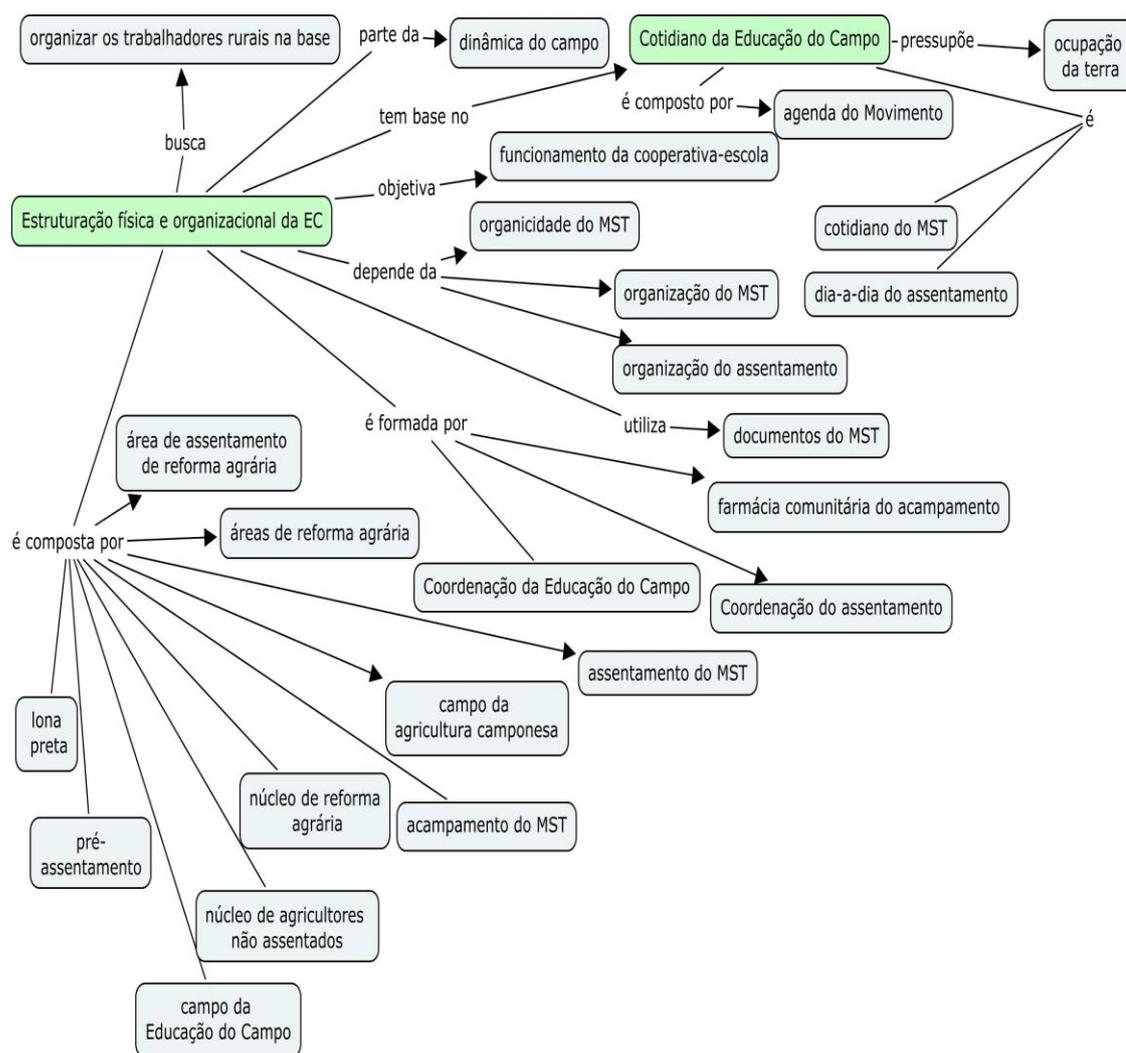
Mapa 4 - Ações, estratégias e materiais da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



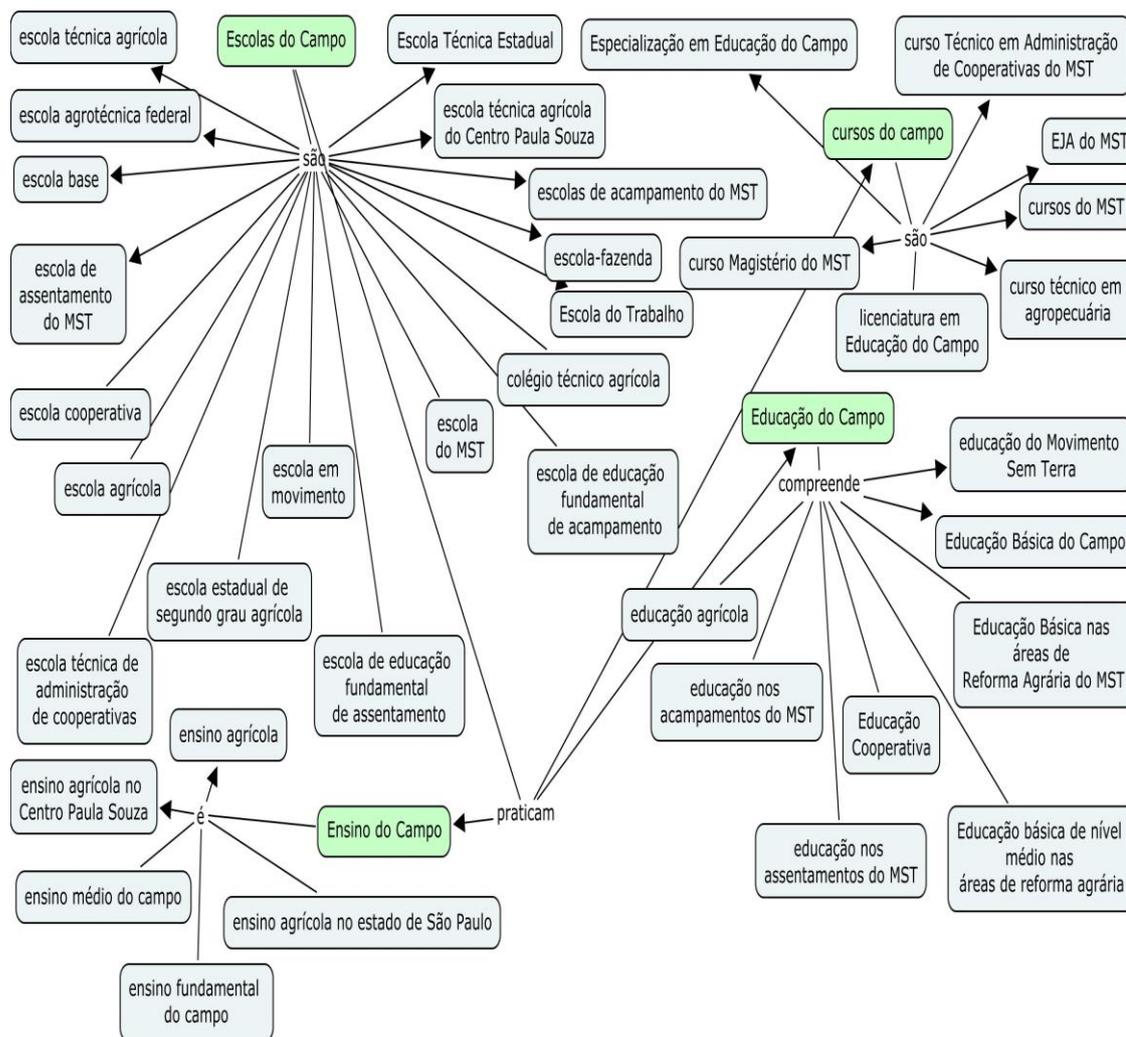
Mapa 5 - Currículos, pedagogias, metodologias e propostas de Ensino do Campo. Fonte: a autora, 2012.



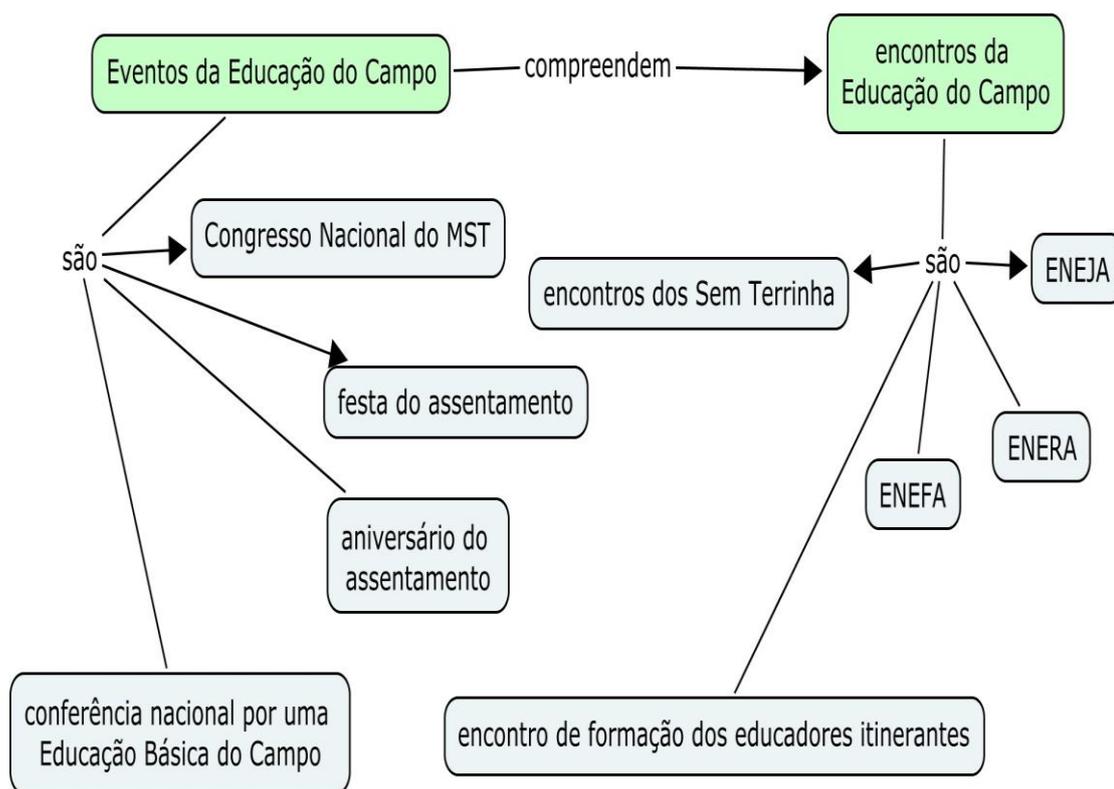
Mapa 6 - Experiências, programas, projetos e sistemas de ensino do campo. Fonte: a autora, 2012.



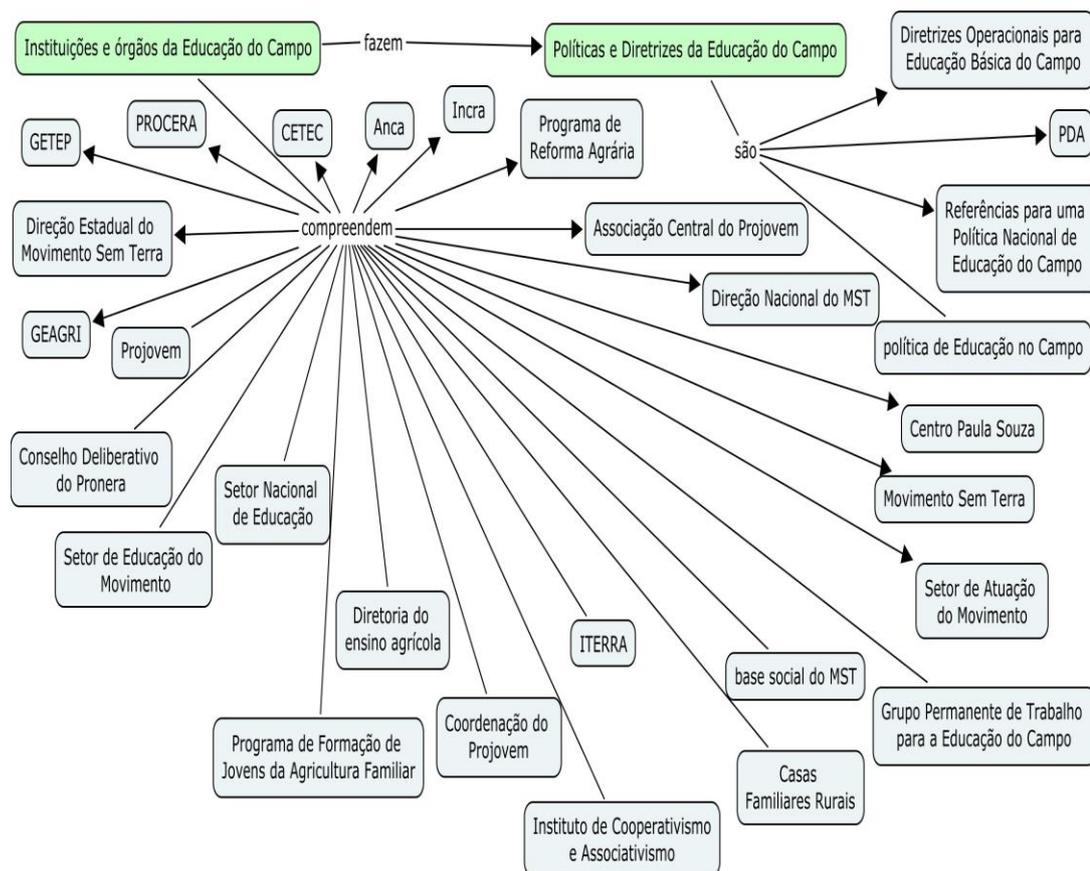
Mapa 7 - Estruturação física e cotidiano da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



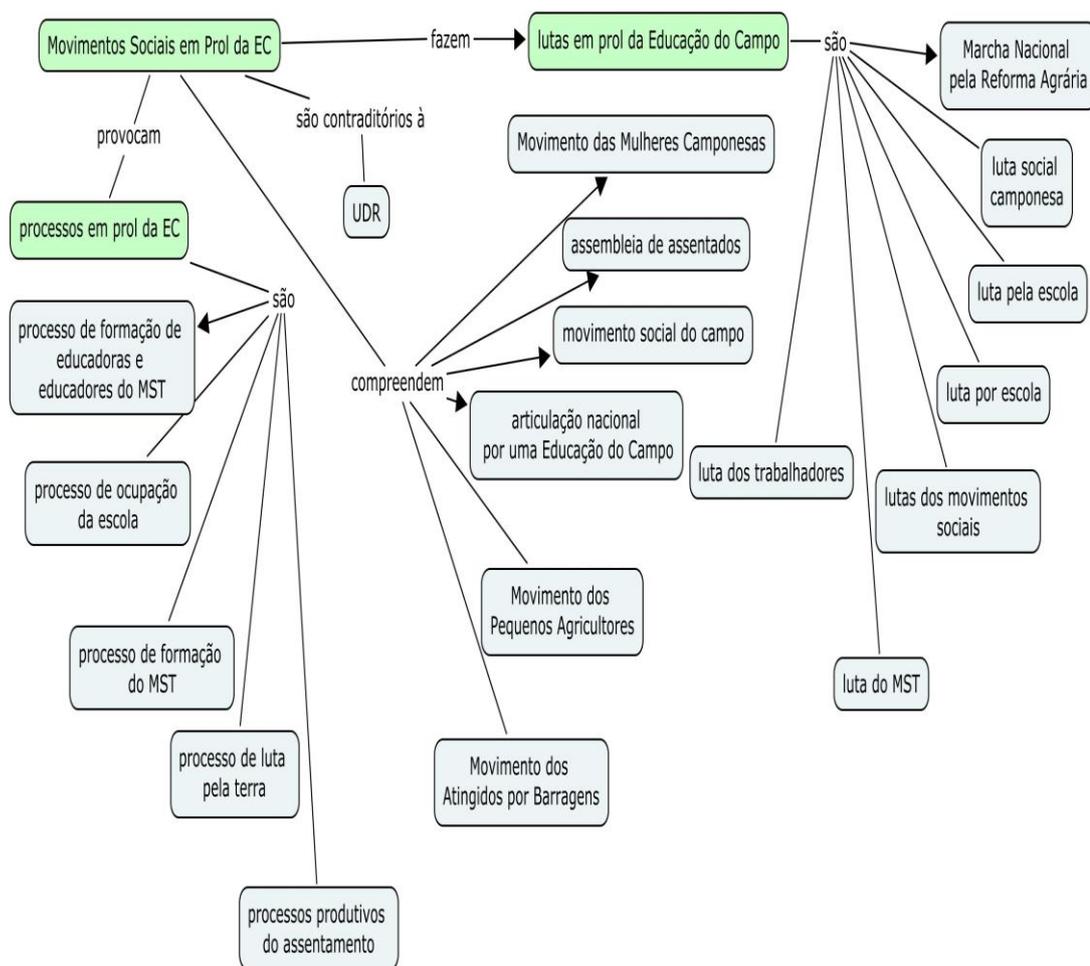
Mapa 8 - Tipos e níveis de ensino e escolas do campo. Fonte: a autora, 2012.



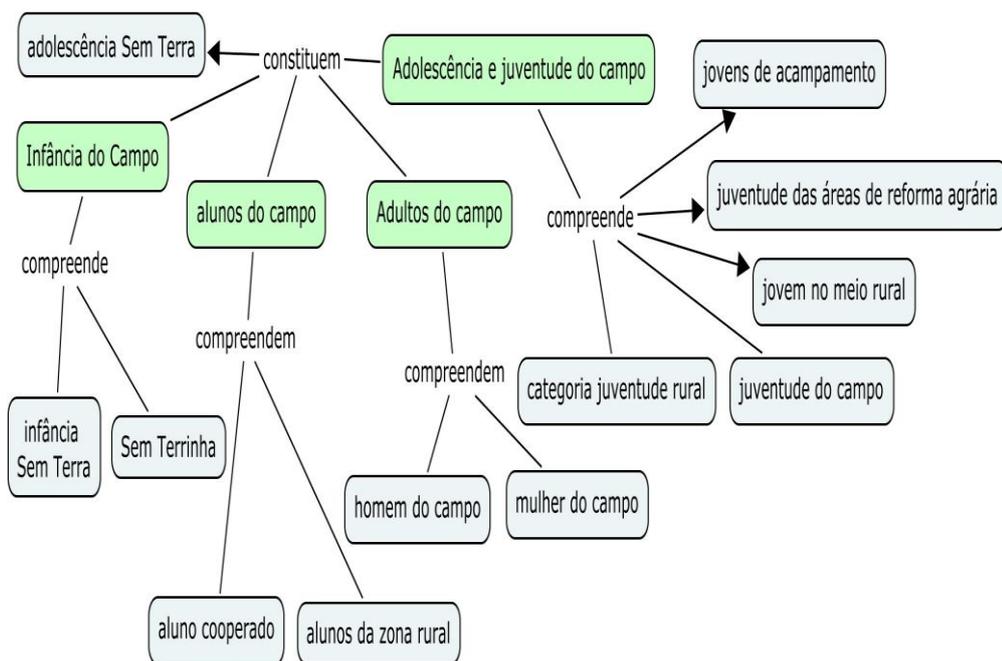
Mapa 9 - Eventos e encontros da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



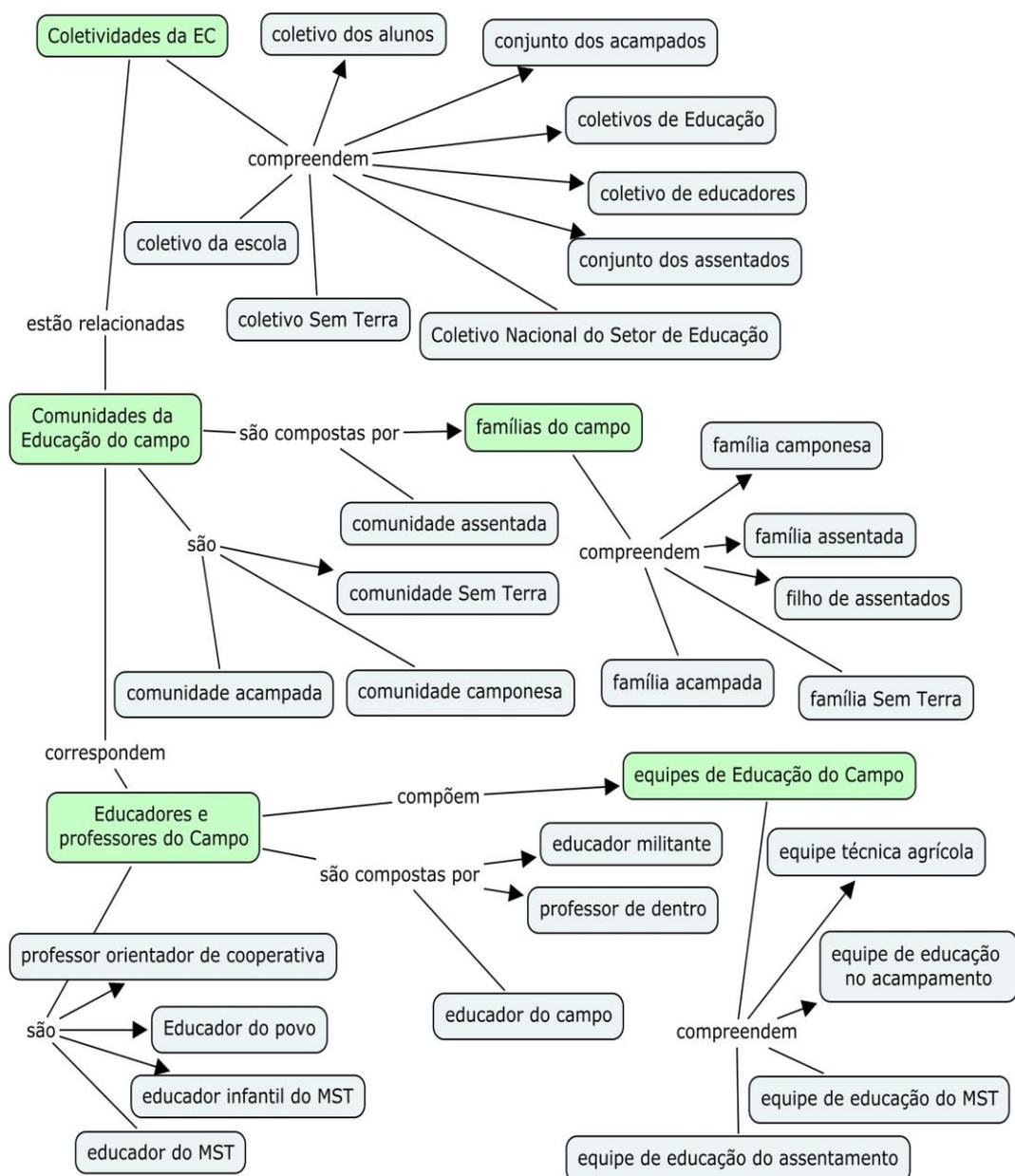
Mapa 10 - Políticas, diretrizes, instituições, órgãos e programas da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



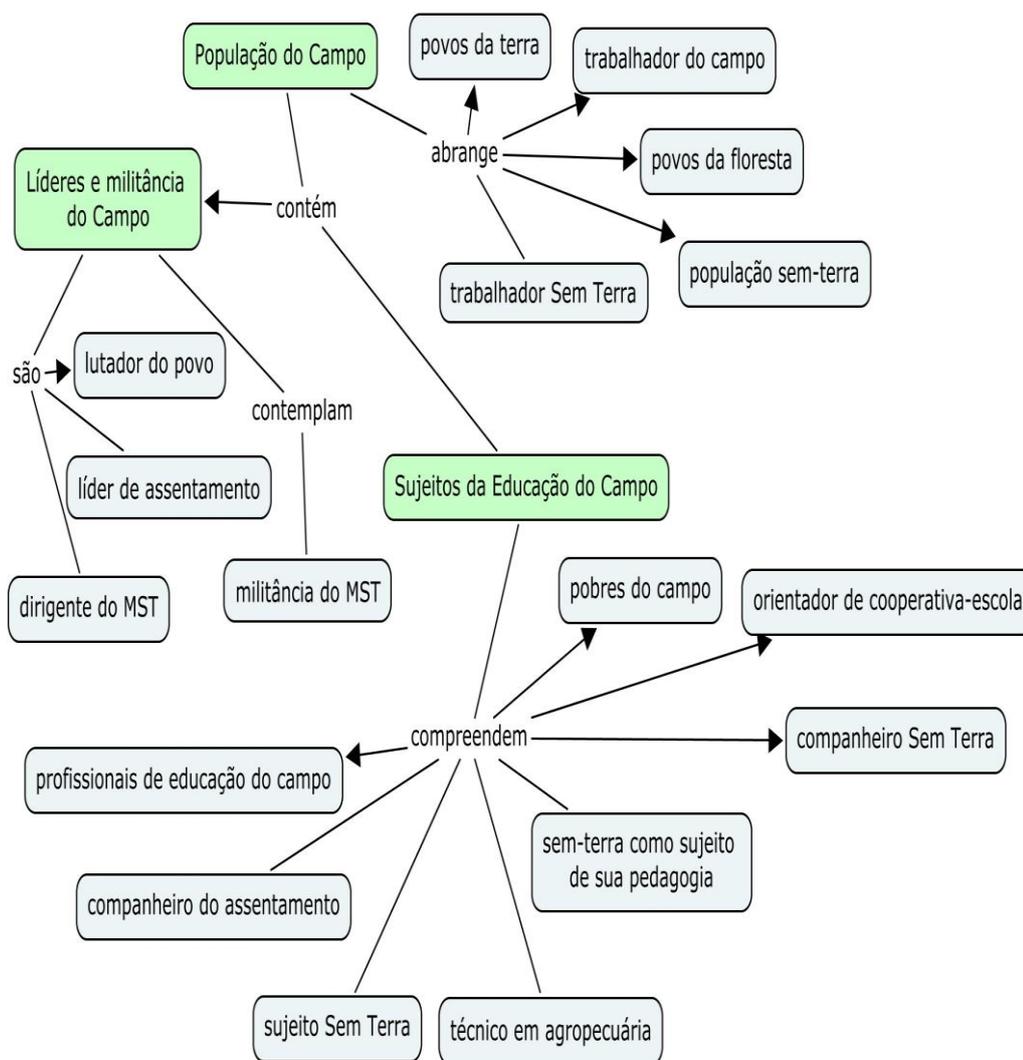
Mapa 11 - Lutas e movimentos sociais em prol da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



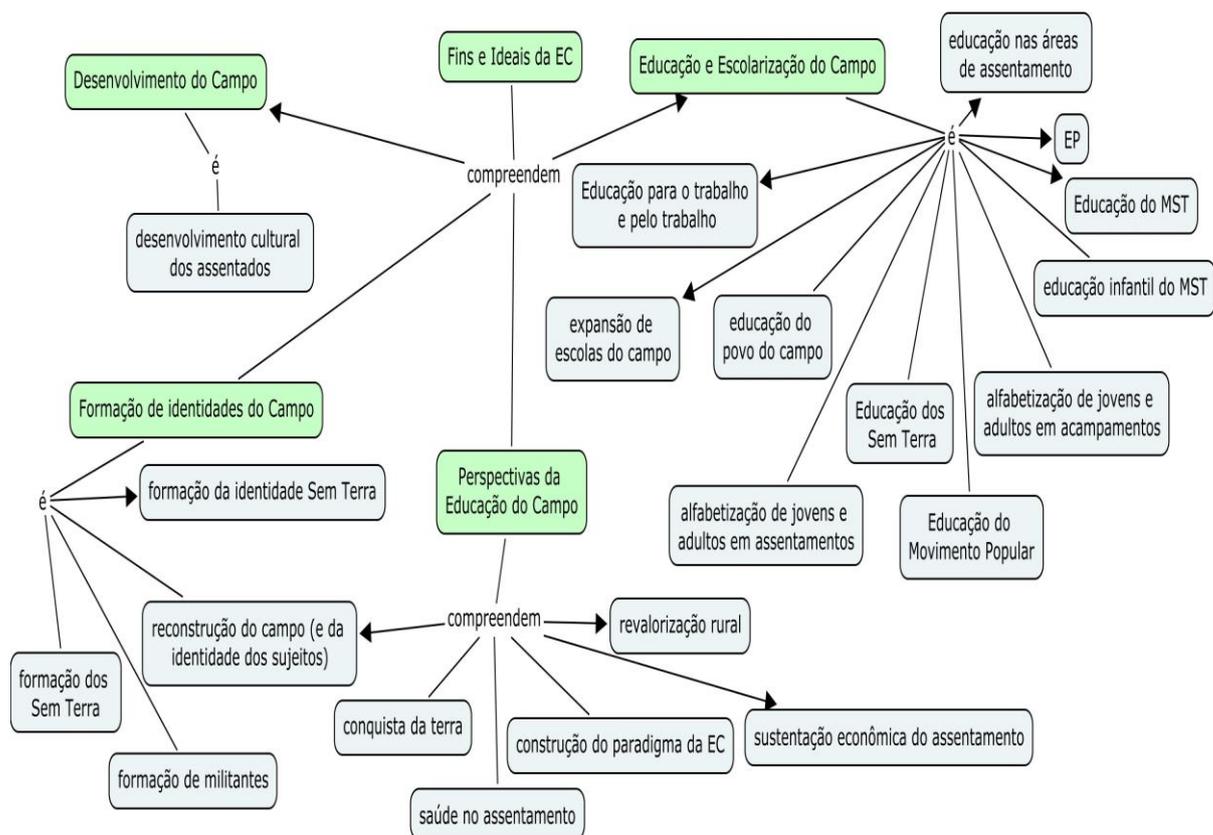
Mapa 12 - Alunos adultos, jovens e crianças da Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012.



Mapa 13 - Coletividades da Educação do Campo: comunidades e famílias. Fonte: a autora, 2012.



Mapa 14 - Liderança e militância: sujeitos e populações do campo: comunidades e famílias.  
 Fonte: a autora, 2012.



Mapa 15 - Fins, ideais e perspectivas da Educação do Campo: Educação e Desenvolvimento.  
 Fonte: a autora, 2012.

A seguir faremos considerações acerca dos principais aspectos desses mapas conceituais relacionais.

Alguns dos mapas apresentam **conceitos (caixas azuis)** relativos a mais de uma **classe conceitual (caixa verde)**. Associamos classes afins, pois, se os mapas conceituais são relacionais, não há sentido separá-los e sim representarmos o maior número de relações que for possível.

Os mapas conceituais relacionais abrangem todas as categorias temáticas:

1. Princípios da Educação do Campo;
2. Metodologia da Educação do Campo;
3. Organização Estrutural da Educação do Campo;
4. Atores Sociais da Educação do Campo;
5. Fins e Ideais da Educação do Campo.

**Na elaboração dos mapas conceituais relacionais, partimos das classes conceituais e não das 5 categorias temáticas**, pois estas são muito amplas e abrangentes, sendo que apenas sua denominação não esclareceria, a nosso ver, sua complexidade.

Assim, **as classes conceituais podem ser entendidas como partes das 5 categorias temáticas**.

Cada categoria temática contém várias classes conceituais.

Tanto as categorias temáticas como as classes conceituais, como já foi comentado, são constructos elaborados a partir da leitura e da análise dos *corpora* e são de autoria própria da pesquisadora, não se confundindo com os termos, extraídos fidedignamente do *corpus* de análise.

Foi a seguinte a relação estabelecida entre categoria temáticas e classes conceituais:

<b>Categoria Temática e mapas conceituais relacionais</b>	Classes conceituais relacionadas
<p><b>Categoria Temática:</b></p> <p><b>1. Princípios da Educação do Campo</b></p> <p><i>Mapas conceituais relacionais:</i></p> <p>1- Princípios, conceptualização, cultura e símbolos da Educação do Campo</p> <p>2 - Direitos, historização, filosofias e trabalho na Educação do Campo</p> <p>3 - Princípios, problemas, realidades e paradigmas da Educação do Campo</p>	<p>1.1 Conceptualização e cultura da Educação do Campo</p> <p>1.2 Agricultura do campo</p> <p>1.3 Simbologia e representação na Educação do Campo</p> <p>1.4 Direitos na Educação e na Cultura do Campo</p> <p>1.5 Historização e historiografia na Educação do Campo</p> <p>1.6 Princípios da escola do campo</p> <p>1.7 Filosofias e identidades do campo</p> <p>1.8 Princípios e trabalho do campo</p> <p>1.9 Realidades e relações na Educação do Campo</p> <p>1.10 Problemas e necessidades da Educação do Campo</p> <p>1.11 Paradigmas sócio-históricos e políticos</p>
<p><b>Categoria Temática:</b></p> <p><b>2. Metodologia da Educação do Campo</b></p> <p><i>Mapas conceituais relacionais:</i></p> <p>4 - Ações, estratégias e materiais da Educação do Campo</p> <p>5 - Currículos, pedagogias, metodologias e propostas de ensino do campo</p> <p>6 - Experiências, programas, projetos e sistemas de ensino do campo</p>	<p>2.1 Ações e práticas da Educação do Campo</p> <p>2.2 Estratégias de organização da Educação do Campo</p> <p>2.3 Materiais didático-políticos da Educação do Campo</p> <p>2.4 Currículos escolares e planos de ensino do campo</p> <p>2.5 Pedagogias do Campo</p> <p>2.6 Metodologias e propostas de ensino</p> <p>2.7 Experiências Pedagógicas nos movimentos sociais</p> <p>2.8 Programas da Educação do Campo</p> <p>2.9 Sistemas de Ensino do Campo</p> <p>2.10 Projetos da Educação do Campo</p>
<p><b>Categoria Temática:</b></p> <p><b>3. Organização Estrutural da Educação do Campo</b></p> <p><i>Mapas conceituais relacionais:</i></p> <p>7 - Estruturação física e cotidiano da Educação do Campo</p> <p>8 - Tipos e níveis de ensino e escolas do campo</p> <p>9 - Eventos e encontros da Educação do Campo</p> <p>10 - Políticas, diretrizes, instituições, órgãos e programas da Educação do Campo</p> <p>11 - Lutas e movimentos sociais em prol da Educação do Campo</p>	<p>3.1 Estruturação física e organizacional da Educação do Campo</p> <p>3.2 Cotidiano da Educação do Campo</p> <p>3.3 Escolas do campo</p> <p>3.4 Ensino do campo</p> <p>3.5 Cursos do campo</p> <p>3.6 Educação do campo</p> <p>3.7 Eventos da Educação do Campo</p> <p>3.8 Encontros da Educação do Campo</p> <p>3.9 Instituições e Órgãos da Educação do Campo</p> <p>3.10 Políticas e Diretrizes da Educação do Campo</p> <p>3.11 Movimentos sociais em prol da Educação do Campo</p> <p>3.12 Lutas em prol da Educação do Campo</p> <p>3.13 Processos em prol da Educação do Campo</p>
<p><b>Categoria Temática:</b></p> <p><b>4. Atores Sociais da Educação do Campo</b></p>	<p>4.1 Infância do campo</p> <p>4.2 Alunos do campo</p> <p>4.3 Adolescência e juventude do campo</p>

<p><i>Mapas conceituais relacionais:</i></p> <p>12 - <i>Alunos adultos, jovens e crianças da Educação do Campo</i></p> <p>13 - <i>Coletividades da Educação do Campo: comunidades e famílias</i></p> <p>14 - <i>Liderança e militância, sujeitos e populações do campo</i></p>	<p>4.4 Adultos do campo</p> <p>4.5 Coletividades da Educação do Campo</p> <p>4.6 Comunidades da Educação do Campo</p> <p>4.7 Famílias do campo</p> <p>4.8 Educadores e professores do campo</p> <p>4.9 Equipes de Educação do Campo</p> <p>4.10 População do campo</p> <p>4.11 Líderes e militância do campo</p> <p>4.12 Sujeitos da Educação do Campo</p>
<p><b>Categoria temática:</b></p> <p><b>5. Fins e Ideais da Educação do Campo</b></p> <p><i>Mapa conceitual relacional:</i></p> <p>15 - <i>Fins, ideais e perspectivas da Educação do Campo: Educação e Desenvolvimento</i></p>	<p>5.1 Desenvolvimento do campo</p> <p>5.2 Fins e ideais da Educação do Campo</p> <p>5.3 Educação e escolarização do campo</p> <p>5.4 Formação de identidades do campo</p> <p>5.5 Perspectivas da Educação do Campo</p>

Figura 22: Correlação entre as categorias temáticas e as classes conceituais nos mapas da área de Educação do Campo. Fonte: a autora, 2012

Na verdade, se não houvesse restrições gráficas e de espaço, os mapas deveriam aparecer em uma só página.

O **Mapa 1 - Princípios, conceptualização, cultura e símbolos da Educação do Campo** - reúne 3 classes conceituais (Agricultura do campo; Simbologia e representação na Educação do Campo; Conceptualização e cultura da Educação do Campo). Representa os princípios, os símbolos e a cultura da EC, ou seja: os aspectos primordiais da conceptualização relativa à área.

O **Mapa 2 - Direitos, historização, filosofias e trabalho na Educação do Campo** - reúne 4 classes conceituais (Direitos na Educação e na cultura do campo; Historização e Historiografia na Educação do Campo; Princípios da escola do campo; Filosofias e identidades do campo). Representa o desenvolvimento da EC, a partir da conceptualização inicial, ou seja: uma aproximação para o mais concreto, para a efetivação dos ideais.

O **Mapa 3 - Princípios, problemas, realidades e paradigmas da Educação do Campo** - reúne 4 classes conceituais (Princípios e trabalho do campo; Paradigmas sócio-históricos e políticos; Realidades e relações da Educação do Campo; Problemas e necessidades da Educação do Campo). Representa os problemas dentro da realidade do campo, a partir da efetivação dos ideais, demonstrando que existe uma tensão fundamental entre teoria e prática, ou seja, entre princípios e realidades.

O **Mapa 4 - Ações, estratégias e materiais da Educação do Campo** - reúne 3 classes conceituais (Ações e práticas na Educação do Campo; Estratégias de organização da Educação do Campo; Materiais didático-políticos da Educação do Campo). Representa as ações, a efetividade do trabalho para a aplicação dos princípios, tendo em vista as realidades e os problemas encontrados.

O **Mapa 5 - Currículos, pedagogias, metodologias e propostas de ensino do campo** reúne 3 classes conceituais (Currículos escolares e planos de ensino do campo; Pedagogias do Campo; Metodologias e propostas de ensino). Representa os principais instrumentos pedagógicos (currículos escolares, planos de ensino, tipos de Pedagogias) para o alcance dos objetivos pretendidos com a Educação do Campo. Os conceitos relacionados são mais concretos, são documentos e estratégias registradas e comprovadas. É o aparato prático das experiências na área.

O **Mapa 6 - Experiências, programas, projetos e sistemas de ensino do campo** - reúne 4 classes conceituais (Experiências pedagógicas nos movimentos sociais; Programas da Educação do Campo; Projetos da Educação do Campo; Sistemas de ensino do campo). Representa a experimentação dos princípios, com a utilização dos documentos, propostas e metodologias, ou seja: é o teste da união princípios + metodologia + instrumentos, de acordo com as realidades e subjetividades.

O **Mapa 7 - Estruturação física e cotidiano da Educação do Campo** - reúne 2 classes conceituais (Cotidiano da Educação do Campo; Estruturação física e organizacional da Educação do Campo). Representa a realidade da experimentação dos princípios, ou seja: a própria estrutura física e o desenrolar das ações e das relações na Educação do Campo. Pode ser sintetizado por: "*É o que se pode em relação ao que se quis*".

O **Mapa 8 - Tipos e níveis de ensino e escolas do campo** - reúne 4 classes conceituais (Escolas do Campo; Cursos do campo; Educação do Campo; Ensino do Campo). Representa a formalização dos princípios da Educação do Campo, tendo em vista que já existe uma tradição na Educação Geral de dividir e fragmentar o Ensino em níveis, ciclos, anos, séries, módulos, semestres, bimestres, entre outros. Esse mapa demonstra a necessária aproximação da configuração da EC ao *mundo real* das escolas públicas brasileiras. Sem essa aproximação, a EC teria muitas dificuldades em ser reconhecida, em obter recursos, certificação dos alunos, apoio de instituições e uma maior visibilidade e aceitação do público em geral e das famílias camponesas.

O **Mapa 9 - Eventos e encontros da Educação do Campo** - reúne 2 classes conceituais (Eventos da Educação do Campo; Encontros da Educação do Campo). Representa

a manifestação coletiva dos atores sociais do campo, em eventos e encontros que visam a: socialização, discussão das práticas e melhoria dos resultados.

**O Mapa 10 - Políticas, diretrizes, instituições, órgãos e programas da Educação do Campo** - reúne 2 classes conceituais (Instituições e órgãos da Educação do Campo; Políticas e Diretrizes da Educação do Campo). Representa a institucionalização da Educação do Campo, o que também se verifica no **Mapa 8**. Ainda mais no Mapa 10, a EC é formalizada, passando a carregar o bônus e o ônus da institucionalização, da departamentalização e da concorrência ideológica entre as instituições.

**O Mapa 11 - Lutas e movimentos sociais em prol da Educação do Campo** - reúne 3 classes conceituais (Processos em prol da Educação do Campo; Lutas em prol da Educação do Campo; Movimentos sociais em prol da Educação do Campo). Representa a continuidade da *luta*, ou seja: o aumento da mobilização social, a fim de estender o alcance e a abrangência da EC, juntamente com o alcance da Reforma Agrária, ideário existente na configuração da EC e dos movimentos sociais do campo. Trata-se de uma retomada da mobilização após a consecução de objetivos e uma certa estabilidade em algumas regiões.

**O Mapa 12 - Alunos adultos, jovens e crianças da Educação do Campo** - reúne 4 classes conceituais (Infância do campo; Adolescência e juventude do campo; Alunos do campo; Adultos do campo). Representa os sujeitos da Educação do Campo, com ênfase em suas características individuais, como faixa etária (crianças, adultos), fases da vida (infância, adolescência, juventude) e identidade campesina. Trata aspectos individuais, muitas vezes esquecidos ou ignorados em causas sociais.

**O Mapa 13 - Coletividades da Educação do Campo: comunidades e famílias** - reúne 5 classes conceituais (Coletividades da EC; Comunidades da Educação do Campo; Famílias do campo; Educadores e professores do campo; Equipes de Educação do Campo). Representa a dinâmica social, os agrupamentos familiares, as coletividades e comunidades, agrupadas no campo com objetivos bem definidos, sendo a Educação do Campo um deles. Neste mapa verifica-se então a retomada do *social* em detrimento do individual, conforme o **Mapa 12**.

**O Mapa 14 - Liderança e militância, sujeitos e populações do campo: comunidades e famílias** - reúne 3 classes conceituais (População do campo; Líderes e militância do campo; Sujeitos da Educação do Campo). Representa a ênfase da militância, da luta por objetivos bem definidos, relacionados às condições de trabalho e de vida do campo, à condição de Sem Terra, de trabalhador do campo, de pobre, de companheiro e também de sujeito de um processo social, que tem base num projeto educativo, a própria Educação do Campo.

**O Mapa 15 - Fins, ideais e perspectivas da Educação do Campo: Educação e Desenvolvimento** - reúne 5 classes conceituais (Desenvolvimento do Campo; Fins e Ideais da Educação do Campo; Educação e Escolarização do Campo; Formação de identidades do campo; Perspectivas da Educação do Campo). Representa o fechamento, ou o constante reinício, de um processo inacabado, pois a Educação do Campo ainda tem muitos objetivos, e muitas pessoas a atingir, a fim de manter, sustentar e potencializar os movimentos sociais do campo, por meio da alfabetização e do oferecimento de outros níveis de Educação e de Ensino.

Em suma, podemos enfatizar que os mapas conceituais relacionais demonstram um ciclo, que pode ser entendido como um *continuum* entre o mais abstrato (os princípios, os ideais, as subjetividades dos atores sociais envolvidos) para o mais concreto (as condições de infraestrutura, as condicionantes socioeconômicas, os interesses políticos e econômicos, ou seja: a própria realidade, contextualizada e determinada historicamente).

Esse ciclo não é uma reta: poderíamos imaginá-lo realmente como um círculo, em que o início e o fim não são discerníveis, e em que todas as partes têm igual importância para a forma alcançada.

### 5.1.6 Critérios e procedimentos de extração, de seleção e de inclusão de termos neológicos: tratamento qualitativo e tratamento quantitativo das unidades terminológicas

Quanto ao **campo qualitativo**, privilegamos o tipo de estudo dialético, porque este evidencia a contradição dinâmica dos fatos construídos pelos sujeitos discursivos e as ideias de "realidade" e de "objetividade", valorizando-se a oposição entre uma realidade dita "objetiva" *versus* uma realidade subjetiva ou várias realidades subjetivas.

Nas palavras de Gramsci,

Se a realidade é como nós a conhecemos, e se nosso conhecimento modifica-se continuamente, isto é, se **nenhuma filosofia é definitiva, mas sim historicamente determinada**, é difícil imaginar que a realidade se modifique objetivamente com a nossa modificação – e é difícil admiti-lo não apenas o senso comum, como o pensamento científico. (GRAMSCI, 1978, p. 53, grifos nossos).

Tomando como certo que, a cada texto dicionarístico subjaz um sistema de valores coletivos e que esses valores são manipulados e assimilados diversamente pelo dicionarista ou pela equipe lexicográfica, detentores, como todos os seres humanos, de uma ideologia e de sua construção de mundo, nos atemos - e procuramos evitar - possíveis (e prováveis) atitudes tendenciosas, taxativas ou deterministas, bem como procuraremos discernir valores, atitudes de nossos pares (informantes entrevistados, fontes escritas ou orais) possivelmente predeterminados, que são potencialmente destrutores das intenções de construção livre (considerando-se “liberdade” como o não condicionamento subserviente a imposições valorativas, em âmbito individual, social e político) que pautam este trabalho.

Contudo, não é nosso intuito adotar uma conduta de autodefesa renitente, obstinadamente alheia a ideias divergentes das nossas e a possibilidades de reconstrução de diretrizes, ao longo do percurso construtivo de nosso objeto.

Quanto ao campo quantitativo, justificamos o estudo dialético pela existência de discrepâncias quantitativas no universo sociocultural abordado: para um universo de demanda gigantesca, é designado um universo de ação concreta ínfimo - a quantidade de obras pedagógicas (entre elas, as dicionarísticas) é praticamente nula em relação à quantidade de potenciais beneficiários da atuação da área da Educação do Campo.

Especificamente em relação à extração e à seleção de unidades terminológicas, esclarecemos: **os termos foram selecionados após leitura de todos os corpora e extração semiautomatizada de termos, considerando que nem todos os textos em questão estavam disponíveis em formato eletrônico no início do percurso desta pesquisa.**

Após o procedimento de leitura, procuramos as versões digitais das obras dos *corpora* e também realizamos a digitalização de parte das obras disponíveis apenas em formato impresso.

Verificamos e validamos as unidades terminológicas coletadas manualmente e ampliamos em muito nossa extração de termos com a utilização do software WordSmith Tools (licença adquirida por meio de compra - *single user*).

Iniciamos com a versão gratuita do WordSmith Tools , disponível na internet para testes, e, após verificar a aplicabilidade desse programa de computador em nosso trabalho, adquirimos a licença da versão completa.

Obtivemos, como cortesia da Anca, Associação Nacional de Cooperação Agrícola, sede na cidade de São Paulo - SP -, a maioria do *corpus* documental, em formato impresso e também em formato eletrônico (versões eletrônicas cedidas pelas próprias editoras, para fins exclusivos de extração dos termos, para esta pesquisa acadêmica).

Faz parte do trabalho do pesquisador-terminólogo entrar em contato com associações, editoras, autores das obras do *corpus*, quando possível. Nesta tese, para o estabelecimento dos *corpora* da pesquisa, esse contato foi essencial, pois nem todas as obras são de fácil acesso e, quando são comercializadas, uma boa parte é veiculada somente em formato impresso.

Assim, conseguimos os respectivos arquivos eletrônicos diretamente com editoras, autores, associações e movimentos, unicamente para os fins acadêmicos desta tese (extração de termos).

Como a Educação do Campo é uma área que busca marcar-se positivamente na sociedade brasileira, obtivemos grande incentivo, colaboração, doação de documentos, livros e arquivos, orientações, consultorias técnicas e, acima de tudo, respeito e solidariedade por parte das pessoas e das instituições com as quais entramos em contato, anteriormente desconhecidas, mas agora parte fundamental deste trabalho.

Toda colaboração foi válida, até mesmo os materiais e opiniões que não entraram nesta tese são responsáveis pelo produto resultante, que apresentamos.

Em relação ao programa utilizado, o WordSmith Tools é um *software* de análise lexical desenvolvido por Mike Scott, da Universidade de Liverpool, e publicado pela Oxford University Press.

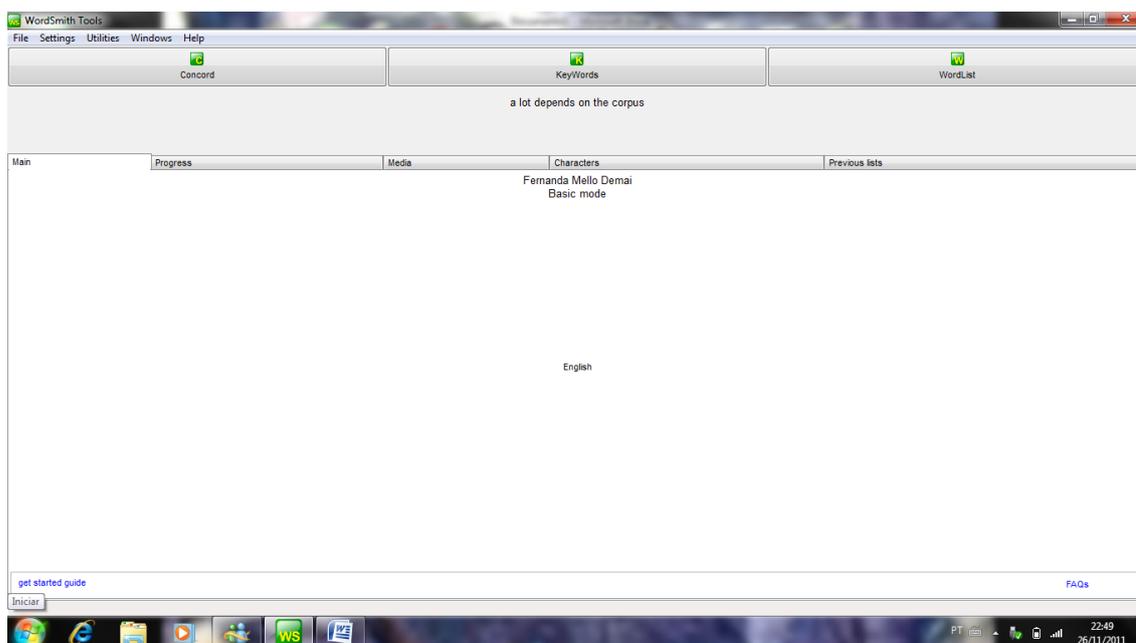


Figura 23 - Tela inicial do WordSmith Tools. Fonte: a autora, 2011, com base na visualização do programa.

De acordo com Berber Sardinha (1999) e também de acordo com nossas próprias experiências, bem como de outros pesquisadores, esse *software* teria sido desenvolvido há mais de 15 anos, o que é um bom referencial, pois, se um programa de computador se mantém no mercado por um longo período de tempo, obviamente com atualizações constantes, significa que é uma ferramenta potente e útil, que se sustenta na rede da constante criação e atualização da tecnologia humana.

O programa procura padrões em textos e é utilizado por estudantes da linguagem, professores e pesquisadores em geral, não só por linguistas mas também por profissionais das áreas: Literatura, Medicina, História, Política, Sociologia (WordSmit Tools Tutorial. Disponível em: <<http://www.lexically.net/LexicalAnalysisSoftware/index.html>>. Acesso em: 13 out. 2011).

O fato de o WordSmith Tools ser utilizado em pesquisas que tratam de universos de textos especializados e distintos, como as áreas citadas, já é um referencial para as pesquisas terminológicas, que são, essencialmente, multi e interdisciplinares.

É uma ferramenta realmente mais fácil de ser utilizada que a maioria; é executado por computadores do tipo PC, cujo sistema operacional, o Windows, é o mais difundido e de menor custo, sendo mais acessível à maioria das pessoas no Brasil. É possível trabalhar com o WordSmith Tools em outros sistemas operacionais, utilizando-se os recursos de *hardware* e de *software* adequados.

Segundo Berber Sardinha (1999), o WordSmith Tools, assim como outros programas de computador com as mesmas finalidades, é pautado em três princípios abstratos básicos:

- a. **ocorrência:** os itens devem constar do *corpus*.
- b. **recorrência:** os itens devem estar presentes pelo menos duas vezes. Itens com frequência 1, no entanto, não devem ser desconsiderados, pois podem ser relevantes à pesquisa. Esses termos de frequência 1 são denominados *hapax* e, como a frequência 1 é rara, devemos nos ater para analisar esses termos - e não descartá-los automaticamente.
- c. **co-ocorrência:** os itens devem ocorrer juntamente com outros.

Utilizamos, para esta tese, a versão 5.0 do WordSmith Tools - licença "single user", para um só usuário, de 2010. É uma versão completa que permite o uso de todas as ferramentas disponíveis. Utilizamos o sistema operacional Windows 7.

Começamos nossos estudos com a versão anterior, mas migramos os dados para a nova versão adquirida, a fim de utilizar a tecnologia mais recente.

Fromm (2004), já para a versão 4.0, apontava vantagens (e também desvantagens) importantes do WordSmith Tools em relação a outros programas de análise lexical.

Indicamos, de acordo com Fromm (2004), algumas vantagens sobre a versão 4.0, que permanecem na versão 5.0, conforme também pudemos verificar na manipulação do programa:

- a. **rapidez:** O WordSmith Tools constroi lista de palavras em alta velocidade: 3 milhões de palavras por minuto;
- b. **visualização:** o WordSmith Tools permite uma fácil visualização do processamento;
- c. **capacidade:** não há limite para a quantidade de textos a serem processados para a extração lexical;
- d. **utilidade:** apresenta um número relevante de ferramentas, maior que a maioria dos programas de análise lexical atuais;
- e. **abrangência:** as ferramentas do WordSmith Tools facilitam a análise lexical, porque, além de criar listas de palavras, é possível selecionar e apresentar os contextos e estatísticas básicas.

Fromm (2004) aponta, como desvantagens do WordSmith Tools:

a. "o balanceamento do *corpus* tem de ser feito previamente": para nossa pesquisa, isso não pôde ser considerado desvantagem, porque precisamos triar e ler os *corpora* previamente, pelas próprias características e necessidades de nossa pesquisa.

b. "o autor pouco trabalha com a metodologia estatística abordada pelo programa": isso não foi também um dificultador para nós, porque as estatísticas simples fornecidas pelo programa foram suficientes para nossas necessidades. Com a geração de planilhas em Excel, uma possibilidade posterior ao processamento do WordSmith Tools, pudemos executar o tratamento matemático a que nos propomos - gráficos, tabelas, percentuais etc.

c. "não há como pegar mais de uma linha de texto nas concordâncias, o que pode dificultar a identificação de contextos explicativos": para nossas necessidades, essa seria mesmo uma questão a ser pensada; seria melhor que fossem selecionados contextos com mais de uma linha, mas o programa WordSmith Tools não faz esse procedimento. Todavia, pesquisamos os contextos de outras formas, até mesmo com a ferramenta de localização de palavras do Word (Pacote Office 2007) e com nossas próprias fichas terminológicas.

d. "para trabalhar com a ferramenta Keywords, é necessário um *corpus* de exclusão, ou seja, significa gastar mais tempo preparando outro *corpus* (ou, no mínimo, tentando encontrar um *corpus* maior)". Para nós, isso não foi um complicador, pois tivemos mesmo que estruturar um *corpus* de partida, maior e que não se confunde com o *corpus* de análise ou *corpus* de estudo. Para nós, esse *corpus* de partida ou *corpus* parâmetro não se confunde com o *corpus* de exclusão, o qual, em Lexicologia, tem o sentido de filtrar itens neológicos. Também tivemos que estruturar esse *corpus* de exclusão, separadamente. A estruturação de vários *corpora* realmente demanda mais tempo de trabalho, mas é uma tarefa necessária a uma pesquisa terminológica.

Fazendo uma análise da utilização do programa, só tivemos vantagens, por ser de fácil manipulação e por fornecer rapidamente os resultados esperados. (Disponível em: <[http://www.lexically.net/wordsmith/step\\_by\\_step/?introduction.htm](http://www.lexically.net/wordsmith/step_by_step/?introduction.htm)>. Acesso em: out. 2011).

Utilizamos as três ferramentas básicas do *WordSmith Tools*, conforme os próximos subtítulos.

5.1.6.1 Ferramenta *WordList*: que gera lista de palavras, por ordem alfabética e também por frequência, apresentando inclusive um tratamento estatístico das informações.

Como demonstração, apresentamos uma parte da *WordList gerada* para nossa análise lexical dos *corpora* da Educação do Campo, já transformada para uma planilha eletrônica (opção do programa WordSmith Tools).

Retomando, as *WordLists* podem ser ordenadas e apresentadas por frequência, por ordem alfabética, nome dos arquivos e notas.

Esclarecendo o conteúdo das colunas:

- **coluna 1**: representa o número da linha ocupado pela palavra na lista de frequências;
- **coluna 2**: consta a palavra extraída
- **coluna3**: consta frequência da palavra
- **coluna4**: consta porcentagem da ocorrência da palavra
- **coluna5**: consta número de textos em que a palavra ocorre
- **coluna 6**: porcentagem relativa à quinta coluna

coluna 1	coluna 2	coluna 3	coluna 4	coluna 5	coluna 6
2611	ACAMPADAS	7		5	22,72727203
4530	ACAMPADOS	3		2	9,090909004
1280	ACAMPAMENTO	17		5	22,72727203
1022	ACAMPAMENTOS	23	0,0112	10	45,45454407
78	AGRÁRIA	247	0,1204	19	86,36363983
63	AGRÍCOLA	301	0,1467	11	50
159	AGRÍCOLAS	130	0,0634	9	40,90909195
8523	AGRICOLINO	1		1	4,545454502
8524	AGRICUL	1		1	4,545454502
8525	AGRICULTÁVEIS	1		1	4,545454502
8526	AGRICULTÁVEL	1		1	4,545454502
1282	AGRICULTOR	17		5	22,72727203
215	AGRICULTORES	105	0,0512	14	63,63636398
66	AGRICULTURA	283	0,138	12	54,54545593
1350	AGRICULTURAL	16		3	13,63636398
8527	AGRICULTURAS	1		1	4,545454502
2620	AGRICULTURE	7		1	4,545454502
8528	AGRIFAM	1		1	4,545454502
3758	AGRO	4		4	18,18181801
8529	AGROBUSINESS	1		1	4,545454502
8530	AGROECO	1		1	4,545454502
8531	AGROECOLO	1		1	4,545454502
617	AGROECOLOGIA	40	0,0195	4	18,18181801
8532	AGROECOLOGICA	1		1	4,545454502
570	AGRONEGÓCIO	43	0,021	11	50
1351	AGRONOMIA	16		6	27,27272797
5801	AGRONÔMICA	2		2	9,090909004

3252	AGRONÔMICO	5		1	4,545454502
3761	AGRÔNOMO	4		1	4,545454502
2885	AGRÔNOMOS	6		4	18,18181801
500	AGROPECUÁRIA	49	0,0239	5	22,72727203
2886	AGROPECUÁRIAS	6		3	13,63636398
952	AGROPECUÁRIO	25	0,0122	4	18,18181801
651	AGROPECUÁRIOS	38	0,0185	3	13,63636398
4556	AGROTÉCNICA	3		1	4,545454502
1097	AGROTÉCNICAS	21	0,0102	6	27,27272797
8538	AGROTÉCNICO	1		1	4,545454502
1511	ALFABETIZAÇÃO	14		6	27,27272797
353	ALUNO	71	0,0346	6	27,27272797
60	ALUNOS	326	0,1589	12	54,54545593
8626	ALUNOSCOOPERADOS	1		1	4,545454502
374	AMBIENTE	67	0,0327	15	68,1818161
502	APRENDIZADO	49	0,0239	9	40,90909195
1989	APRENDIZADOS	10		4	18,18181801
285	APRENDIZAGEM	85	0,0414	9	40,90909195
5882	APRENDIZAGENS	2		1	4,545454502
4597	APRENDIZES	3		3	13,63636398
2375	ASSENTADAS	8		5	22,72727203
2166	ASSENTADO	9		2	9,090909004
418	ASSENTADOS	60	0,0292	7	31,81818199
409	ASSENTAMENTO	61	0,0297	10	45,45454407
223	ASSENTAMENTOS	102	0,0497	18	81,8181839
494	ASSOCIAÇÃO	50	0,0244	7	31,81818199
752	ASSOCIAÇÕES	33	0,0161	7	31,81818199
1992	ASSOCIADA	10		4	18,18181801
2904	ASSOCIADAS	6		4	18,18181801
1221	ASSOCIADO	18		3	13,63636398
350	ASSOCIADOS	72	0,0351	5	22,72727203
8880	ASSOCIAM	1		1	4,545454502
2905	ASSOCIAR	6		1	4,545454502
8881	ASSOCIATION	1		1	4,545454502
4616	ASSOCIATIVA	3		2	9,090909004
8882	ASSOCIATIVAMENTE	1		1	4,545454502
3271	ASSOCIATIVAS	5		3	13,63636398
1719	ASSOCIATIVISMO	12		3	13,63636398
5931	ASSOCIATIVISTA	2		1	4,545454502
8883	ASSOCIATIVO	1		1	4,545454502
325	AVALIAÇÃO	77	0,0375	8	36,36363602
70	BRASIL	269	0,1311	16	72,72727203
1184	CAMPESINA	19		3	13,63636398
2920	CAMPESINATO	6		4	18,18181801
9130	CAMPINA	1		1	4,545454502
808	CAMPINAS	31	0,0151	7	31,81818199
20	CAMPO	1464	0,7137	20	90,90908813
1142	CAMPONÊS	20		10	45,45454407
504	CAMPONESA	49	0,0239	8	36,36363602
928	CAMPONESAS	26	0,0127	11	50
251	CAMPONESES	94	0,0458	10	45,45454407
693	CAPACITAÇÃO	36	0,0175	9	40,90909195
3291	CAPACITAÇÕES	5		1	4,545454502
9146	CAPACITADO	1		1	4,545454502

6066	CAPACITADOS	2		2	9,090909004
1524	CAPACITAR	14		5	22,72727203
4670	CAPATAZES	3		2	9,090909004
897	CAPAZ	27	0,0132	9	40,90909195
1100	CAPAZES	21	0,0102	8	36,36363602
9147	CAPILARIDADE	1		1	4,545454502
3843	CAPITA	4		2	9,090909004
6067	CAPITAIS	2		2	9,090909004
186	CAPITAL	118	0,0575	12	54,54545593
6068	CAPITALISM	2		2	9,090909004
483	CAPITALISMO	51	0,0249	11	50
555	CAPITALISTA	44	0,0214	11	50
224	COMUNIDADE	102	0,0497	9	40,90909195
448	COMUNIDADES	56	0,0273	12	54,54545593
9465	COMUNISMO	1		1	4,545454502
6197	COMUNISTA	2		2	9,090909004
9466	COMUNISTAS	1		1	4,545454502
4722	COMUNITÁRIA	3		3	13,63636398
2661	COMUNITÁRIAS	7		5	22,72727203
4725	CONCEPÇÃO	3		1	4,545454502
275	CONCEPÇÃO	88	0,0429	11	50
850	CONCEPÇÕES	29	0,0141	10	45,45454407
245	CONJUNTO	96	0,0468	14	63,63636398
426	CONTRADIÇÕES	59	0,0288	8	36,36363602
225	COOPERAÇÃO	102	0,0497	11	50
34	COOPERATIVA	563	0,2745	6	27,27272797
9733	COOPERATIVADA	1		1	4,545454502
9734	COOPERATIVADOS	1		1	4,545454502
9735	COOPERATIVAEMPRESA	1		1	4,545454502
4775	COOPERATIVAESCOLA	3		1	4,545454502
6309	COOPERATIVAMENTE	2		1	4,545454502
98	COOPERATIVAS	205	0,0999	6	27,27272797
6310	COOPERATIVASESCOLA	2		1	4,545454502
2673	COOPERATIVE	7		1	4,545454502
9736	COOPERATIVES	1		1	4,545454502
6311	COOPERATIVISM	2		1	4,545454502
204	COOPERATIVISMO	108	0,0526	3	13,63636398
378	COOPERATIVISTA	66	0,0322	3	13,63636398
2018	COOPERATIVISTAS	10		1	4,545454502
2674	COOPERATIVO	7		1	4,545454502
930	CURRICULAR	26	0,0127	4	18,18181801
874	CURRICULARES	28	0,0136	5	22,72727203
9840	CURRICULARMENTE	1		1	4,545454502
9841	CURRICULO	1		1	4,545454502
468	CURRÍCULO	53	0,0258	11	50
1885	CURRÍCULOS	11		7	31,81818199
6352	CURRICULOSEMFROTEIRAS	2		2	9,090909004
271	CURSO	89	0,0434	11	50
247	CURSOS	96	0,0468	11	50
435	DINÂMICA	58	0,0283	10	45,45454407
677	ENCONTRO	37	0,018	12	54,54545593
44	ENSINO	441	0,215	14	63,63636398
25	ESCOLA	1105	0,5387	19	86,36363983
6668	ESCOLANOVISMO	2		1	4,545454502

148	ESCOLAR	142	0,0692	12	54,54545593
326	ESCOLARES	77	0,0375	5	22,72727203
1380	ESCOLARIDADE	16		6	27,27272797
1033	ESCOLARIZAÇÃO	23	0,0112	9	40,90909195
6669	ESCOLARIZADA	2		2	9,090909004
195	ESTUDO	113	0,0551	13	59,09090805
319	ESTUDOS	78	0,038	11	50
392	FAMÍLIA	65	0,0317	9	40,90909195
4064	FAMILIALES	4		1	4,545454502
113	FAMILIAR	187	0,0912	11	50
234	FAMILIARES	100	0,0487	9	40,90909195
6816	FAMILIARIDADE	2		1	4,545454502
178	FAMÍLIAS	123	0,06	15	68,1818161
50	FORMAÇÃO	422	0,2057	17	77,27272797
253	FUNDAMENTAL	94	0,0458	13	59,09090805
184	HUMANO	119	0,058	12	54,54545593
411	HUMANOS	61	0,0297	12	54,54545593
2258	IDEIA	9		3	13,63636398
641	IDÉIA	39	0,019	8	36,36363602
1253	IDEIAS	18		2	9,090909004
855	IDÉIAS	29	0,0141	8	36,36363602
284	IDENTIDADE	86	0,0419	13	59,09090805
1156	IDENTIDADES	20		5	22,72727203
559	JUVENTUDE	44	0,0214	8	36,36363602
7189	LATIFUNDIÁRIAS	2		1	4,545454502
2274	LATIFUNDIÁRIOS	9		4	18,18181801
767	LATIFÚNDIO	33	0,0161	11	50
7190	LATIFUNDISTA	2		1	4,545454502
72	LUTA	268	0,1306	17	77,27272797
4206	LUTADOR	4		2	9,090909004
1467	LUTADORES	15		3	13,63636398
2081	LUTAM	10		7	31,81818199
3089	LUTAMOS	6		2	9,090909004
2277	LUTANDO	9		4	18,18181801
664	LUTAR	38	0,0185	10	45,45454407
187	LUTAS	117	0,057	14	63,63636398
7238	LUTOU	2		2	9,090909004
1924	MEMBRO	11		5	22,72727203
609	MEMBROS	41	0,02	8	36,36363602
591	MEMÓRIA	42	0,0205	8	36,36363602
7372	MOVIMENTAM	2		1	4,545454502
45	MOVIMENTO	431	0,2101	18	81,8181839
79	MOVIMENTOS	246	0,1199	17	77,27272797
560	MUDANÇA	44	0,0214	9	40,90909195
644	MUDANÇAS	39	0,019	10	45,45454407
970	MUDAR	25	0,0122	9	40,90909195
1681	NAÇÃO	13		4	18,18181801
1261	NACIONAIS	18		7	31,81818199
84	NACIONAL	231	0,1126	19	86,36363983

WordSmith  
Tools --  
24/12/2011

Figura 24 - WordList - amostra da análise lexical do *corpus* da Educação do Campo.  
Fonte: a autora, 2011.

Esta WordList é apenas um recorte, para fins de demonstração, pois seria inviável transpor a WordList da pesquisa na íntegra.

Todas as ferramentas do WordSmith Tools estão interligadas e podem ser utilizadas sem receios pelo pesquisador-terminólogo.

Esse recorte refere-se à planilha bruta, não tratada, não filtrada, e dele isoladamente ainda não temos como depreender as composições sintagmáticas, mas esse foi o passo inicial.

Com a WordList, podemos ter uma prévia das palavras-chave ou dos termos-chave do texto. Para a coleta mais acurada das palavras-chave, a próxima ferramenta é mais específica.

#### 5.1.6.2 Ferramenta *KeyWords*

É a ferramenta que gera a lista de palavras-chave a partir das listas geradas pela ferramenta WordList. Comparando-se o *corpus* de análise (ou o *corpus* de estudo, na terminologia de Berber Sardinha) e o *corpus* de partida (ou *corpus* parâmetro, ou ainda *corpus* de controle), são selecionadas as palavras-chave, pois essas palavras apresentam uma frequência diferenciada dos demais itens lexicais, possibilitando afirmar que são palavras-chave dos textos do *corpus* de análise. Por isso justamente o *corpus* parâmetro não deve ser confundido com o *corpus* de análise, pois é justamente o contraste entre eles que vai determinar a relevância e a frequência das palavras-chave, que se sobressaem e ocorrem mais do que a norma que se pode depreender do *corpus* parâmetro. Assim, as palavras-chave apresentam frequência anômala em relação à frequência do mesmo item no *corpus* parâmetro.

Como demonstração, apresentamos uma parte da lista das *Key Words geradas* para nossa análise lexical dos *corpora* da Educação do Campo:

número da linha	palavra-chave	frequência	porcentagem
17	CAMPO	1464	0,713683307
23	ESCOLA	1105	0,538674891
24	EDUCAÇÃO	1686	0,821905792
27	COOPERATIVA	563	0,274456084
34	ENSINO	441	0,21498248
39	TERRA	484	0,23594448
40	ALUNOS	326	0,158921286
42	ESCOLAS	397	0,193532974
44	AGRÍCOLA	301	0,146734074
51	AGRICULTURA	283	0,137959272

53	PROJETO	426	0,207670152
54	SOCIAL	426	0,207670152
56	POLÍTICA	334	0,162821189
57	RURAL	355	0,17305845
59	MOVIMENTO	431	0,210107595
62	COOPERATIVAS	205	0,099935167
63	AOS	268	0,130646944
64	BRASIL	269	0,131134436
66	MST	363	0,176958367
78	SOCIEDADE	280	0,136496812
83	TRABALHADORES	233	0,113584846
84	SUJEITOS	257	0,125284567
85	PROCESSO	318	0,155021369
86	DESENVOLVIMENTO	357	0,174033433
87	FAMILIAR	187	0,091160372
88	PROFESSORES	220	0,107247494
90	TÉCNICO	174	0,08482302
97	MOVIMENTOS	246	0,119922198
103	PAÍS	160	0,077998176
106	PROJOVEM	126	0,061423562
109	LUTA	268	0,130646944
110	FORAM	158	0,077023201
111	PESSOAS	181	0,088235438
112	REFORMA	235	0,114559822
114	SISTEMA	156	0,076048225
115	TEMPO	184	0,089697905
116	AGRÁRIA	247	0,120409682
118	PROGRAMA	204	0,099447675
120	VIDA	214	0,10432256
135	COOPERATIVISMO	108	0,052648768
138	AGRÍCOLAS	130	0,063373521
140	ESCOLAR	142	0,069223382
146	LUTAS	117	0,057036165
147	NACIONAL	231	0,112609871
148	GERAL	138	0,067273431
158	RURAIS	188	0,091647856
168	CAMPONESES	94	0,045823928
169	JOVENS	190	0,092622831
170	MERCADO	102	0,049723838
172	FAMÍLIAS	123	0,059961099
176	CULTURA	170	0,082873061
183	PROFESSOR	99	0,048261371
185	PAIS	88	0,042898998
186	POVO	126	0,061423562
187	PESQUISA	126	0,061423562
188	TÉCNICA	105	0,051186305
190	PROPRIEDADE	108	0,052648768
198	COOPERAÇÃO	102	0,049723838
200	PEDAGOGIA	189	0,092135347
215	EDUCADORES	130	0,063373521
224	EDUCACIONAL	111	0,054111235
226	FAZENDA	74	0,036074158
230	DIRETOR	69	0,033636715
241	PEDAGÓGICO	130	0,063373521

242	POPULAÇÃO	93	0,04533644
243	COMUNIDADE	102	0,049723838
244	ESPAÇO	100	0,048748862
245	ESTATUTO	66	0,032174248
248	CRÍTICA	96	0,046798907
252	ALUNO	71	0,034611691
253	TÉCNICAS	71	0,034611691
254	ETE	63	0,030711781
255	CURSOS	96	0,046798907
259	AGRICULTORES	105	0,051186305
260	CAPITAL	118	0,057523657
261	COOPERATIVISTA	66	0,032174248
262	ASSOCIADOS	72	0,035099179
271	MOMENTO	105	0,051186305
282	HISTÓRIA	119	0,058011144
292	TERRAS	76	0,037049133
297	GOVERNO	85	0,041436531
298	BRASILEIRO	83	0,040461555
313	ASSENTAMENTOS	102	0,049723838
316	FAMILIARES	100	0,048748862
320	APRENDIZAGEM	85	0,041436531
321	EDUCANDOS	59	0,028761828
332	PROCESSOS	117	0,057036165
333	DIREITOS	92	0,044848952
335	COLETIVO	76	0,037049133
348	PEDAGÓGICA	133	0,064835988
349	EDUCATIVO	107	0,05216128
350	PROGRAMAS	80	0,038999088
352	ESTUDOS	78	0,038024113
357	POBREZA	54	0,026324384
359	PAÍSES	56	0,027299361
362	CLASSE	75	0,036561646
363	TRABALHAR	58	0,028274339
368	CAMPONESA	49	0,023886941
369	APRENDIZADO	49	0,023886941
371	FAMÍLIA	65	0,03168676
385	DESIGUALDADE	48	0,023399454
386	SAÚDE	69	0,033636715
398	AGROPECUÁRIA	49	0,023886941
411	CONTRADIÇÕES	59	0,028761828
419	TECNOLOGIA	45	0,021936987
420	HISTÓRICA	67	0,032661736
422	AULA	47	0,022911964
424	COOPERADOS	40	0,019499544
429	CURRÍCULO	53	0,025836896
437	TEXTO	81	0,039486576
448	AGROPECUÁRIOS	38	0,018524567
459	METODOLOGIA	46	0,022424476
460	AULAS	46	0,022424476
466	CONVÊNIO	40	0,019499544
492	PROFISSIONAL	76	0,037049133

Figura 25 - KeyWords - amostra da análise lexical do *corpus* da Educação do Campo.

Fonte: a autora, 2011.

Recortamos, como demonstração, as quatro primeiras colunas e algumas linhas de nossa lista de palavras-chave. Realmente, com a análise dessa lista, é possível identificar a temática, a amplitude e alguns dos discursos subjacentes e ideologias que fundamentam o *corpus* de análise da Educação do Campo.

Mesmo se não tivéssemos lido os *corpora* na íntegra, esse procedimento informatizado subsidiaria uma análise inicial quase precisa a respeito dos textos dos quais extraímos os termos que compõem nossa pesquisa.

Em pesquisas futuras, poderemos primeiramente realizar o levantamento automático dos termos e, posteriormente, proceder à leitura dos *corpora* ou de partes dele, dependendo da abrangência e dos objetivos do trabalho.

### 5.1.6.3 Ferramenta *Concord*

É a ferramenta que gera listas de ocorrências e contextos das palavras buscadas. A ferramenta pode ser utilizada isoladamente ou em conjunto com as duas outras ferramentas já apresentadas, *WordList* e *KeyWords*.

Como demonstração, apresentamos uma parte das listas *Concord* geradas para nossa análise lexical dos *corpora* da Educação do Campo, no que se refere ao sintagma preposicionado "do campo":

1	tilhas para os alunos e alunas <b>do campo</b> numa perspectiva de
2	fora para dentro. E a educação <b>do campo</b> se traduz como "aqui
3	ucação para o campo e educação <b>do campo</b> ? Gaudêncio Frigotto:
4	trabalhadores e trabalhadoras <b>do campo</b> como se eles fossem
5	rar nesta singularidade do ser <b>do campo</b> . Ele é ponto de part
6	o movimento dos trabalhadores <b>do campo</b> . Tem um diálogo com
7	jeito do campo, do trabalhador <b>do campo</b> . Ele tem que ter ace
8	sua singularidade, de sujeito <b>do campo</b> , do trabalhador do c
9	Projeto de escola <b>do campo</b> é classificado para F
10	que tenha por base a realidade <b>do campo</b> e o projeto político
11	ica de educadoras e educadores <b>do campo</b> por meio de uma polí
12	ores que trabalham nas escolas <b>do campo</b> ; - Definição do perf
13	ítico e pedagógico da Educação <b>do Campo</b> ; - incentivos profis
14	um projeto de desenvolvimento <b>do campo</b> ; - inclusão do campo
15	das demandas de profissionais <b>do campo</b> ; - concessão de bols
16	ação e produção das populações <b>do campo</b> ; 3. Valorização e fo
17	olvimento do campo; - inclusão <b>do campo</b> na agenda de pesquis
18	da para os diferentes sujeitos <b>do campo</b> ; - uso social apropr
19	jovens e adultos trabalhadores <b>do campo</b> e que priorizem a fo
20	ificação vinculadas a educação <b>do campo</b> , junto às universida
21	trabalhadores e trabalhadoras <b>do campo</b> ; - fortalecimento da
22	dos profissionais da educação <b>do campo</b> ; - Garantia da const

23	perfil profissional do educador <b>do campo</b> ; - Garantia do piso
24	olítico-pedagógico das escolas <b>do campo</b> , vinculando essas re
25	trabalhadoras e trabalhadores <b>do campo</b> , para construção - r
26	ia de permanência da população <b>do campo</b> à Educação Superior
27	ão do significado da população <b>do campo</b> em nosso país, e tem
28	mas de produção e de vida no e <b>do campo</b> . Estamos especialmen
29	povo brasileiro que vive no e <b>do campo</b> . O direito à educaçã
30	ltural se alimenta a educação <b>do campo</b> que estamos construi
31	um projeto de desenvolvimento <b>do campo</b> onde a educação dese
32	de desenvolvimento sustentável <b>do campo</b> , que se contraponha
33	ico específico para a Educação <b>do Campo</b> . Nossas proposições
34	eitos que atuam com a Educação <b>do Campo</b> . E assim fizemos. Ne
35	; - construção de escolas no e <b>do campo</b> ; - acesso imediato à
36	leira que trabalha e vive no e <b>do campo</b> à Educação Básica de
37	identidade cultural dos povos <b>do campo</b> ; - acesso às ativida
38	tos (EJA) adequada à realidade <b>do campo</b> ; - políticas curricu
39	ância da inclusão da população <b>do campo</b> na política educacio
40	tamento específico da Educação <b>do Campo</b> com dois argumentos
41	projeto pedagógico da educação <b>do campo</b> . - Lutamos por direi
42	dos sujeitos humanos e sociais <b>do campo</b> e que precisam ser c
43	coletivamente com os sujeitos <b>do campo</b> , às equipes técnicas
44	aforma aqui indicada. EDUCAÇÃO DO CAMPO: DIREITO NOSSO, DEVE
45	ação das propostas de Educação <b>do Campo</b> em todos os níveis,
46	cional Por Uma Educação Básica <b>do Campo</b> , realizada em 1998,
47	o 04 Momento atual da Educação <b>do Campo</b> Roseli Salete Caldar
48	ara os educadores e educadoras <b>do Campo</b> , Centros Regionais d
49	tir a incorporação da Educação <b>do Campo</b> . 19. Investir na for
50	de Trabalho (GPT) de Educação <b>do Campo</b> do MEC, com particip
51	ar a Coordenadoria de Educação <b>do Campo</b> e o Grupo Permanente
52	as educadoras e os educadores <b>do campo</b> . Uma conquista recen
53	ação nacional Por Uma Educação <b>do Campo</b> , que seguiu nas mobi
54	a Educação Básica nas Escolas <b>do Campo</b> ” (Parecer no 36/2001
55	trabalhadores e trabalhadoras <b>do campo</b> , no âmbito da luta p
56	ferência os Movimentos Sociais <b>do Campo</b> inauguraram uma nova
57	leiro que trabalha e vive no e <b>do campo</b> . Através do processo
58	inada à população trabalhadora <b>do campo</b> . Discutimos proposta
59	mobilização popular: Educação <b>do Campo</b> e não mais educação
60	ica de educadoras e educadores <b>do campo</b> , pelas universidades
61	o diferenciado para a Educação <b>do Campo</b> , com definição de cu
62	Política Nacional de Educação <b>do Campo</b> , em parceria governo
63	ntantes dos movimentos sociais <b>do campo</b> na Comissão de discu
64	a educação, as especificidades <b>do campo</b> e de seus sujeitos.
65	o à especificidade da Educação <b>do Campo</b> e à diversidade de s
66	ação e produção das populações <b>do campo</b> . 5. Respeito à espec
67	ítico e pedagógico da Educação <b>do Campo</b> , como por exemplo, a
68	sujeitos. Além disso, os povos <b>do campo</b> também são diversos
69	olítico-pedagógico da Educação <b>do Campo</b> com a participação d
70	las. 12. Incorporar a Educação <b>do Campo</b> nos Planos Estaduais
71	ra Educação Básica das Escolas <b>do Campo</b> (DOEBEC). 17. Garant
72	rentes experiências educativas <b>do campo</b> . 16. Promover todos
73	do desenvolvimento sustentável <b>do campo</b> , priorizando os seus
74	cular uma política de Educação <b>do Campo</b> com as diferentes po
75	o para nele incluir a Educação <b>do Campo</b> . 11. Regulamentar, c
76	ticos específicos dos sujeitos <b>do campo</b> . 9. Mobilizar inicia

77	ado local no campo da educação <b>do campo</b> ; c) Plano Nacional e
78	ducação Básica para as Escolas <b>do Campo</b> nas estruturas munic
79	s sujeitos sociais da educação <b>do campo</b> , em particular do GP
80	alho no concernente à Educação <b>do Campo</b> , estando o processo
81	uação do Campo” (GPT Educação <b>do Campo</b> ), no âmbito da estru
82	anente de Trabalho de Educação <b>do Campo</b> ” (GPT Educação do Ca
83	minários estaduais de educação <b>do campo</b> , e além de significa
84	anizações e Movimentos Sociais <b>do campo</b> . De outro lado, os “
85	ra e funcionamento das escolas <b>do campo</b> , mormente para o ens
86	com a realidade e diversidades <b>do campo</b> , sejam as diversidad
87	minários estaduais de educação <b>do campo</b> sobre a experiência.
88	os para garantir às populações <b>do campo</b> seu direito à escola
89	comitês estaduais de educação <b>do campo</b> , para além de outras
90	em particular do GPT Educação <b>do Campo</b> . Já nos estados fede
91	orientação das demandas vindas <b>do campo</b> , um processo intenso
92	s sujeitos sociais da educação <b>do campo</b> deverão se fazer pre
93	íticos específicos da educação <b>do campo</b> no âmbito da estrutu
94	pública a questão da educação <b>do campo</b> como uma questão de
95	anos 90, os povos organizados <b>do campo</b> conseguem agendar na
96	imentos e organizações sociais <b>do campo</b> brasileiro. É criada
97	política nacional de educação <b>do campo</b> , que vem sendo const
98	) Por uma Política de Educação <b>do Campo</b> Na evolução do siste
99	um plano nacional de educação <b>do campo</b> (in <a href="http://www.mec.gov.br">www.mec.gov.br</a> )
100	e caráter espoliador dos povos <b>do campo</b> e do meio ambiente.
226	special dos Movimentos Sociais <b>do Campo</b> . Trata-se de uma mat
227	cia pedagógica para a Educação <b>do Campo</b> vem de uma reflexão
228	agogia que inventou a Educação <b>do Campo</b> , mas ela não se cons
229	poucos o conceito de Educação <b>do Campo</b> . Outro fundamento da
230	lidade particular dos sujeitos <b>do campo</b> ; também nos traz a d
231	integra o projeto da Educação <b>do Campo</b> . E o diálogo princip
232	s humanos. Ou seja, a Educação <b>do Campo</b> faz o diálogo com a
233	um sistema público de Educação <b>do Campo</b> . O desafio que se im
234	que o direito à escola pública <b>do campo</b> pela qual lutamos co
235	igem: o que é mesmo a Educação <b>do Campo</b> e quais são os seus
236	hoje aos sujeitos da Educação <b>do Campo</b> é o da práxis: avanç
237	trabalhadores e trabalhadoras <b>do campo</b> , o que vem pressiona
295	debate sobre a Educação Básica <b>do Campo</b> , e em especial sobre
296	1999. SEGUNDA PARTE: A Escola <b>do Campo</b> em Movimento Roseli
297	cional Por Uma Educação Básica <b>do Campo</b> . PRIMEIRA PARTE Um P
298	cional Por Uma Educação Básica <b>do Campo</b> . escola na dinâmica
299	m novo sentido para o trabalho <b>do campo</b> , novas relações de p
300	ito de fazer o desenvolvimento <b>do campo</b> . É o desafio permane
301	ências de escolas alternativas <b>do campo</b> e da cidade. Estas r
393	pedagogicamente pelos sujeitos <b>do campo</b> , conseguem ter o jei
394	formação dos sujeitos sociais <b>do campo</b> , que assumem e lutam

Figura 26 - Concord - amostra da análise lexical do *corpus* da Educação do Campo.

Fonte: a autora, 2011.

Por fim, a ferramenta *Concord* é uma das principais aliadas do pesquisador-terminólogo para a indicação de contextos e de compostos sintagmáticos.

Se os *corpora* já estivessem totalmente digitalizados e/ ou se fossem muito volumosos, não teria sido necessário e/ ou possível a extração manual de termos como procedimento inicial da pesquisa. O programa WordSmith Tools, com toda sua tradição, prova que, realmente, é eficaz e muito útil nas Ciências do Léxico, dentre elas, a Terminologia. Combinando-se as duas metodologias, a análise humana e a ferramenta informatizada, cremos que pode ser obtida uma metodologia realista e profícua.

Dias (2005), analisando as proposições de vários terminólogos, de uma forma clara e original, resume bem as ideias de Rondeau, Auger, Cabré, Rousseau e Drouin: mesmo com a utilização de tecnologias de extração automática, a leitura inicial dos *corpora*, a identificação manual de termos, sua organização em fichas terminológicas, seu procedimento de transcrição manual, a seleção de um número maior de termos e sua posterior triagem, como um procedimento de "peneira", são plenamente justificáveis, bem como a combinação dessas metodologias manuais com a utilização de tecnologias automáticas, conforme os trechos que seguem:

Para a coleta de termos, em documentos lexicográficos, Rondeau (1984, p. 77) [1984, *Introduction à la Terminologie*. Chicoutimi - Quebec, Gaëtan Morin] sugere o método mais empregado para sua apuração, qual seja, o de percorrer o texto uma vez, sublinhando as unidades terminológicas a extrair, o que exige certo conhecimento metodológico e elementar do campo de conhecimento (DIAS, 2005, p. 204).

Ao explicar sobre a metodologia de identificação automática dos sintagmas terminológicos, Drouin (1997) [*Une méthodologie d'identification automatique des syntagmes terminologiques: l'apport de la description du non-terme*. Meta - Lexicologie et Terminologie, numéro spécial, vol. 42, n. I, mars.] chama de **apuração o trabalho essencial de leitura e análise dos corpora, cuja etapa principal é a de identificação manual de termos à medida que se procede à leitura**. O autor trata das abordagens linguísticas, estatísticas e híbridas [...] (DIAS, 2005, p. 207, grifos nossos).

Iniciamos com a extração manual em nossa pesquisa, pois, habitualmente, quem lida com terminologias, fazendo sua descrição e sua metalinguagem já está condicionado a procurar e destacar candidatos a termos em suas leituras. Trata-se de uma habilidade já desenvolvida por pesquisadores e profissionais da Terminologia e da Lexicologia/ grafia.

Barros (2004) resume essa tensão trabalho manual *versus* trabalho automatizado:

A recolha de termos, por exemplo, pode ser feita manualmente ou eletronicamente. O trabalho manual pode parecer arcaico, mas ainda é muito praticado e não deixa de ter seu valor. Nem sempre o pesquisador tem à sua disposição material informático de ponta, o que não, obrigatoriamente, inviabiliza o trabalho [...]

Evidentemente o uso de computadores de última geração, *scanners* e programas adequados promove maior rapidez à pesquisa e garante maior facilidade na recuperação da informação [...]

Os programas informáticos são instrumentos preciosos para o estudo estatístico do léxico, para a pesquisa e extração de informações contidas em um texto. **Os conhecimentos linguísticos do pesquisador não serão, no entanto, jamais substituídos pela máquina.** (BARROS, 2004, p. 210, grifos nossos)

Concordamos plenamente que o conhecimento do pesquisador, sua capacidade de análise e a importância do componente humano na pesquisa são fatores determinantes, pois é o ser humano que cria e programa a máquina, para auxiliá-lo.

De toda forma, tendo em vista as tecnologias disponíveis, que buscam termos (mediante o comando humano, sem dúvida), fazem os cálculos estatísticos, buscam contextos, palavras-chave, concordâncias etc., faz-se necessário, e muito profícuo, buscar metodologias híbridas, ou até mesmo semiautomatizadas.

**Não seguimos o percurso baseado pelos conhecimentos da Linguística de Corpus, e sim da Lexicologia e da Terminologia, incluindo os domínios da Semântica, da Pragmática, da Morfossintaxe.** Entretanto, consideramos extremamente importante essa troca de conhecimentos e de recursos entre áreas correlatas, mesmo que não haja comunhão total de princípios, de objetivos e de abrangência.

Enfatizamos que cada pesquisador deve analisar muito bem suas possibilidades e suas necessidades de utilização de tecnologias - entre elas, as que se destinam aos procedimentos de extração automática de termos.

Foi realmente necessária a leitura de todos os *corpora*, devido às características extremamente ideológicas do sistema conceitual e da terminologia da Educação do Campo (conforme capítulo 4 - Os *Corpora* - coleta e sistematização de dados terminológicos).

Barbosa (2007) ressalta a importância do desenvolvimento intelectual do pesquisador, com a apropriação dos discursos e das linguagens de especialidade:

Ao assimilar uma metalinguagem técnico-científica, o pesquisador iniciante estará assimilando e construindo o saber e o saber-fazer específicos daquela ciência ou tecnologia, que lhes possibilitam entender, rediscursar e realimentar não só os modelos científicos ou tecnológicos, como também a própria 'visão de mundo', anterior, num processo de amadurecimento intelectual e pessoal. (BARBOSA, 2007, p. 443)

No percurso desta pesquisa, tivemos a necessidade de atingir um patamar conceitual mais profundo, antes de nos determos na seleção de termos, em sua segmentação e descrição, devido também à própria característica neológica do *corpus*.

Assimilar os conceitos de uma área não é fácil tarefa, ainda mais uma área ainda em sedimentação conceitual-terminológica, marcada de forma veemente por ideologias e por contraideologias (muitas vezes sendo muito custoso discernir entre os "prós" e os "contras").

Cada pesquisador deve medir o grau de sua própria capacidade de apreender os conceitos e respectivos termos da área em questão, e a real necessidade de se apropriar mais ou se apropriar menos profundamente do discurso da área.

Nesta pesquisa, não tivemos a escolha de não nos aprofundarmos.

Creemos que a extração automática deve vir sempre acompanhada e monitorada pela análise humana, a qual deve se manter altamente especializada e atenta, pois a nossa invenção, o computador, só obedece aos nossos comandos - mas o faz muito bem, com precisão, com o correto direcionamento e acompanhamento do ser humano - e precisamos aproveitar essas vantagens.

Uma extração automática às cegas pode trazer termos pouco relevantes, ou mal segmentados, ou impróprios, ou até errôneos.

Todas as terminologias são marcadas ideologicamente, mas como pretendíamos dar conta desses aspectos ideológicos, não somente dos componentes linguísticos, tivemos que nos ater e utilizar muito tempo com leituras e releituras.

Certamente os pesquisadores que se utilizam de extração automática de *corpus* conferem, reanalisam e leem muitos trechos. Consideramos que a leitura humana é única e não deve ser vista como um retrocesso, mas sim como o passo primordial das pesquisas - que são humanas, feitas por humanos e para humanos. Logicamente as tecnologias existem para nos auxiliar e dinamizar nosso trabalho.

Para os limites desta pesquisa, consideramos que os procedimentos descritos foram suficientes. Outros procedimentos serão necessários em outras pesquisas.

### 5.1.7 Critérios de seleção e de exclusão de termos e de textos do *corpus* de análise

Especificamente em relação aos critérios de seleção de termos e de exclusão de termos, comentamos nossos critérios nos parágrafos que seguem.

**Os termos foram selecionados (incluídos) de acordo com:**

1. a frequência (ocorreram 2 ou mais vezes);
2. a representatividade conceitual e pertinência ao tema e
3. o caráter neológico (não aparecem nos *corpora* de exclusão)

**Foram excluídos termos:**

1. não neológicos;
2. não representativos da área;
3. que ocorreram menos de 2 vezes na totalidade do *corpus*;
4. que ocorreram em apenas uma obra do *corpus*.

Inserimos em nosso *corpus* de análise itens de caráter enciclopédico, por julgarmos que esses elementos são indispensáveis para a configuração conceitual-terminológica da área de Educação do Campo. Citamos alguns exemplos: *MST; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra; Movimento; concepção de Educação do MST; Revista Sem Terra; jornal do MST; Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária (PNERA); Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária/ Educação de Jovens e Adultos (Pronera/ Eja) Projovem; Pronera; assentamento do Movimento Sem Terra; EJA do MST; Escola Técnica Estadual (ETE); Escola Técnica Agrícola (Etae); curso Técnico em Administração de Cooperativas do MST (TAC do MST); escola agrícola no Centro Paula Souza; Associação Central do Projeto; Associação Nacional de Cooperação Agrícola; Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza; Direção Estadual do Movimento Sem Terra; INCRA; PROCERA; Movimento das Mulheres Camponesas; Movimento dos Atingidos por Barragens; UDR*, entre outros.

Quanto a essa questão, apresentamos citação de Alves (2001a), que defende a necessidade de uma abrangência enciclopédica, em determinadas demandas terminológicas, a fim de dar conta de uma descrição terminológica o mais completa e eficiente possível:

Consideramos também oportuna a inclusão, em um trabalho que visa à explicação e à divulgação de uma terminologia, de termos referentes à denominação de índices, de fundos de aplicação, de programas governamentais, de planos de estabilização e mesmo de algumas instituições - Banco Central - ou associações, como o Mercosul. Nesses casos, os termos estão apresentados com as letras iniciais em maiúscula. Com essas inclusões, estamos conscientes de que o trabalho extrapola o caráter estritamente linguístico e incorpora elementos enciclopédicos que, no entanto, constituem uma das características da Terminologia da Economia e são necessários para a compreensão dos fatos econômicos brasileiros. (ALVES, 2001a, p. 11).

Alves (2001a) refere-se à necessidade de uma abordagem voltada à demanda terminológica da área da Economia.

Para cada estudo terminológico, a metodologia, a abrangência e os critérios devem ser reavaliados e adequados, a fim de apresentar uma descrição terminológica coerente, útil e necessária.

Para dar conta de um estudo terminológico eficiente de nossa área-objeto, foram realizados dois tipos de seleção: interinstitucional e intrainstitucional; mais que a categorização por instituição, foi feita a categorização semântica, e não houve parcialidade a fim de favorecer uma ou outra instituição, e sim os princípios filosóficos e as práticas da Educação do Campo.

**Foram descartados os textos que:**

1. não apresentaram termos neológicos;
2. não apresentaram termos representativos da área da Educação do Campo.

Assim, terminamos este item enfatizando a necessidade de direcionar uma metodologia de tratamento a cada tipo de *corpus*.

#### 5.1.8 Consultoria com especialistas da área: escolha final dos termos

A consultoria com especialistas pode ser feita com a utilização de entrevistas, questionários, fichas e/ ou formulários.

A entrevista é um tipo de instrumento para a coleta de fontes primárias para a investigação terminológica; foram coligidos, em nossa pesquisa, depoimentos orais dos especialistas da área técnica-objeto.

Não obstante “a medição do grau de confiabilidade das fontes constituir-se, admitidamente, uma operação não isenta de certa subjetividade” (AUBERT, 2001, p. 41), é imprescindível o estabelecimento de critérios para a seleção de dados fidedignos pertinentes à área técnica em questão, como a “representatividade em termos de formação, de anos de experiência, de setor e de instituição em que [os especialistas entrevistados] atuam” (AUBERT, 2001, p. 42).

Também é fundamental a análise do grau de atualidade e de rigor conceitual e formal das fontes escritas, as quais, muitas vezes, não são suficientes quantitativa e/ ou qualitativamente.

A formação e a confiabilidade de fontes orais (especialistas, por meio de entrevistas) também devem ser levadas em conta, para a validação dos termos.

Em nossa pesquisa, as entrevistas foram utilizadas para a solução de dúvidas pontuais de interpretação conceitual e de descrição semântico-terminológica, visto que nossa metodologia primordial é documental, ou seja, a pesquisa foi feita com base em fontes escritas.

Nem todas as entrevistas se deram na modalidade escrita: algumas foram feitas pessoalmente, ou por telefone, utilizando a modalidade verbal oral. A maioria das consultas por escrito foram feitas por meio do envio de mensagens eletrônicas.

Primeiramente, procuramos os endereços eletrônicos e páginas na internet, para estabelecer contato com profissionais (pesquisadores autônomos e representantes de instituições). Alguns especialistas já eram conhecidos, visto a experiência na área de Educação (conforme apresentação da pesquisadora).

As fichas de validação de termos foram utilizadas em pequena escala, assim como todos os outros procedimentos de consultoria com especialistas, mas foram muito úteis para a solução de impasses (conforme item - 5.2.3 Ficha de validação de termos)

#### 5.1.9 Pesquisa comparativa para detecção de falhas e confirmação de resultados

Sugerimos e seguimos em nossa metodologia de análise conceitual e de descrição terminológica o procedimento de pesquisa comparativa, para confirmação de resultados e detecção de falhas.

Quase inexitem dicionários terminológicos, ou vocabulários, ou glossários da Educação do Campo. Buscamos então trabalhos acadêmicos e técnicos que versam a respeito do tema.

Nosso *corpus* referencial (conforme capítulo 4 desta tese) serviu também a essas pesquisas comparativas, pois, com ele, verificamos coerência em nossa bibliografia e em nosso *corpus* documental, pois identificamos um "senso comum" dos autores frequentemente estudados na busca por informações sobre Educação do Campo.

Também comparamos nossos resultados a informações obtidas por buscas eletrônicas em sites, em legislações e em publicações técnicas da área de Educação do Campo, além de textos jornalísticos.

Como é impossível abarcar toda a produção de uma área em um trabalho terminológico, o pesquisador/ autor da pesquisa deve prestar atenção a publicações de outras pessoas

(anteriores, concomitantes - e até posteriores) sobre o assunto em questão, como uma autovalidação de seus resultados.

Um trabalho acadêmico, como uma tese de doutorado, é desenvolvido em anos, e a produção de uma área técnica e/ ou científica é constante (como não poderia deixar de ser). Obviamente os textos posteriores à delimitação do *corpus* devem ser levados em conta, na medida do possível, pelo menos na função de *corpus* referencial, tal qual entendemos nesta tese.

Chega um momento em que será necessário findar a busca e a extração terminológica, pois a pesquisa necessita ter um fim e um produto - assim gera-se uma tensão dialética entre a necessidade de conclusão e a necessidade de atualização. Todavia, todo trabalho intelectual equilibra-se entre tensões e somente o bom senso e a análise circunstancial de cada pesquisador embasarão suas práticas.

Em nossa pesquisa, com esse procedimento de pesquisa comparativa, validamos a bibliografia, os *corpora* (e, com eles, os termos) mais relevantes da Educação do Campo.

Essa estratégia é importante até mesmo para minimizar o sentimento de insegurança pelo qual o pesquisador-terminólogo pode passar.

Não é fácil descrever o cerne de uma área (seus conceitos e seus termos); é um trabalho difícil, metódico e passível de erros. Confirmar os resultados, utilizando como parâmetro fontes confiáveis, é sempre prudente e evidencia rigor metodológico do pesquisador.

#### 5.1.9.1 O Dicionário da Educação do Campo de Caldart et al. (2012)

Depois que esta pesquisa já estava em estágio avançado de desenvolvimento e de tempo-limite, foi lançado, em 2012, o *Dicionário da Educação do Campo*, organizado por Roseli Salete Caldart, Isabel Brasil Pereira, Paulo Alentejano, Gaudêncio Frigotto, cuja edição é de responsabilidade conjunta da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio e da Editora Expressão Popular.

É um dicionário composto por 113 verbetes e que envolveu 107 autores em sua produção. Esse dado de que houve quase 1 autor para cada verbete deve ser destacado.

Outro dado interessante é que o Dicionário não se quer inédito, ou seja, como exposto na própria introdução, os autores aproveitaram textos anteriores para a composição dos verbetes.

Essa obra de Caldart et al. (2012) tem um cunho totalmente enciclopédico, longe dos padrões definitórios, com enunciados terminográficos altamente precisos e concisos. Os verbetes apresentam sempre uma página inteira, ou várias páginas, de explicações históricas,

políticas e filosóficas acerca dos princípios da Educação do Campo, inclusive com uma bibliografia sugerida ao final de cada verbete. É colocado também o nome do(a) autor(a)/ (es), como em um artigo científico e o gênero desses artigos é dissertativo-argumentativo, incluindo citações bibliográficas e diversas referências extralinguísticas. Ou seja: trata-se de uma obra enciclopédica com nome de *dicionário*.

Segundo Nunes e Petter (2002):

a acumulação enciclopédica precede a elaboração dicionarística na tradição grecolatina e mantém sua especificidade ao longo da Idade Média e durante a Idade Moderna e Contemporânea, até os nossos dias, com intensificada emergência a partir do século XVIII. Todavia, as suas características paralexigráficas conduziram a uma certa convergência entre a produção dicionarística e a indexação enciclopédica, suscitando mesmo a publicação de dicionários enciclopédicos ou universais. (NUNES; PETTER, 2002, p. 24)

Ou seja, a tradição enciclopédica é muito antiga e permanece atual, mesmo sendo diferente da prática lexicográfica/ terminográfica.

O dicionário trará uma análise linguística, ao passo que a enciclopédia trará uma análise de mundo.

Welker (2004) compila vários aspectos e autores da Lexicografia e da Crítica Lexicográfica como área do saber. Citando Jackson e outros autores, resume bem algumas das diferenças entre dicionário e enciclopédia, como no excerto:

O dicionário é um livro de consulta sobre palavras. É um livro sobre uma língua. Seu primo mais próximo é a enciclopédia, mas essa é um livro sobre coisas, pessoas, lugares e ideias, um livro sobre o 'mundo real', não sobre a língua. Nem sempre é fácil distinguir entre dicionário e enciclopédia, e, muitas vezes elementos de um [desses tipos de livros] encontram-se também no outro. Porém, eles não têm a mesma lista de entradas [...] - e eles não fornecem a mesma informação sobre as entradas que têm em comum. (WELKER, 2004, p. 45)

Para nós, a obra de Caldart et al. (2012) foi classificada como *dicionário* pois essa denominação é melhor aceita por alguns públicos do que o termo *enciclopédia*. *Dicionário* traz uma ideia de um instrumento esclarecedor que carrega uma verdade sobre os conceitos de uma área, ou que carrega toda a verdade sobre uma área, que trará todos os termos, que explicará tudo de uma forma correta. *Enciclopédia* traz traços conceituais de uma leitura afastada do que é realmente prático ou imediatamente útil. Então, para o público em geral, conforme nossa experiência no trabalho e nos estudos lexicológicos e terminológicos/gráficos, o termo *dicionário* é atraente pois significa, para o senso comum, 'verdade' e 'solução' para dúvidas e problemas conceituais.

Essas são nossas hipóteses para que a obra de Caldart et al. (2012) seja classificada como *Dicionário*, pois, a nosso ver, ela é, na verdade, uma pequena enciclopédia temática, de muito boa qualidade.

Todavia, como este trabalho trata de terminologia, de uma área em especial, a Educação do Campo, não poderíamos nos omitir de comentar essa obra lançada com os termos da área em questão (uma amostra deles), de autoria e organização de autores/ pesquisadores/ profissionais renomados nesse campo do saber.

A obra de Caldart et al. (2012), segundo sua apresentação, valeu-se de "eixos organizadores" - 1. Campo; 2. Educação; 3. Políticas Públicas; 4. Direitos Humanos. Entretanto, a obra é organizada alfabeticamente, sendo que esses "eixos organizadores" não tiveram função realmente organizadora e sim conceitual, para que fossem eleitos os termos que encabeçaram os verbetes.

A obra de Caldart et al. (2012) não traz entradas lematizadas e nem informações linguísticas ou gramaticais, nem mesmo contextos de utilização em outras obras, ou informações sobre sinônimos (além da utilização de parênteses ao lado das formas por extenso de siglas/ acrônimos).

Algumas entradas como *agrotóxicos, idosos do campo, intelectuais coletivos de classe, Ocupações de terra, organizações da classe dominante no campo, quilombolas, quilombos, transgênicos* demonstram bem a diferença de entradas de cunho enciclopédico em relação às entradas de cunho dicionarístico. Assim o Dicionário de Caldart et al. (2012) é uma enciclopédia, na verdade.

Caldart et al. (2012) obviamente não tratam de termos exclusivamente neológicos, nem era esse o propósito - esse é um dos objetivos desta tese, da área de Letras/ Linguística.

O Dicionário de Caldart et al. (2012) objetiva tratar de temas sócio-históricos, políticos e filosóficos que circundam e fundamentam a Educação do Campo. Os autores exploraram todos os termos que julgaram mais importantes para os consulentes e inclusive classificaram os termos abordados como "palavras-chave" da área - ou seja, os termos mais representativos.

Em relação ao público-alvo desta tese, podemos sintetizá-lo: educadores do campo; educadores em geral; pesquisadores; jornalistas; cientistas sociais, estudantes de Educação/ Educação do Campo. Caldart et al. (2012) pensaram em um público-alvo semelhante, principalmente no que concerne a estudantes e educadores, além de todos os atores sociais do campo.

Caldart et al. (2012) apresentam alguns objetivos semelhantes aos nossos na elaboração desta pesquisa, principalmente a sistematização e a socialização de conceitos e de termos da

área de Educação do Campo, de acordo com a perspectiva dos ideólogos dos movimentos sociais do campo.

Quanto à coincidência dos verbetes, quantitativamente não existe equivalência: em nossa pesquisa, estamos lidando com quase 700 termos e o Dicionário de Caldart et al. trata de aproximadamente 100 termos.

Tratando de coincidência qualitativo-quantitativa, cerca de 40 termos do Dicionário de Caldart et al (2012) estão contemplados em nossa pesquisa, o que é interessante para reafirmar nossa própria segurança quanto à seleção de termos representativos da área de estudo.

Os outros 60 termos de Caldart et al. não constituem neologismos, por isso não constam do *corpus* de análise final desta tese. Todavia, esses termos foram estudados por nós em nosso *corpus* de partida e em nosso *corpus* referencial e certamente estariam em nosso *corpus* de análise se não tivéssemos a premissa da neologia.

Os termos relativos aos seguintes conceitos coincidem na obra de Caldart et. al em relação à nossa pesquisa - *acampamento, agricultura camponesa, ciranda infantil, conhecimento, cultura camponesa, Educação Básica do Campo, EJA, Educação do Campo, Educação Popular, Educação Rural, Escola do Campo, Escola Itinerante, Formação de Educadores do Campo, Juventude do Campo, Mística, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Ocupação de terra, Pedagogia do Movimento, Pedagogia do Oprimido, Políticas Públicas, Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronera), Reforma Agrária, Saúde no Campo, Terra, Trabalho como Princípio Educativo, Via Campesina*, entre outros.

Interessante observar que o caráter instável da configuração da terminologia neológica da Educação do Campo reflete a instabilidade dos conceitos da área, que ainda buscam consolidação e um relativo consenso, conforme as palavras dos organizadores: "[...] tratamos de questões complexas sobre as quais não há total consenso ou posições amadurecidas, mesmo a partir de um determinado campo político" (CALDART et al. 2012, p. 18).

Essa comparação foi muito produtiva, inclusive para confirmar nossas constatações terminológicas e conceituais (como as relações sinonímicas, antonímicas, os traços conceituais relevantes, entre outros), além da bibliografia consultada e fontes diversas.

Infelizmente essa importantíssima obra de Caldart et al. (2012) não foi lançada quando do início de nosso trabalho. Recomendamos sua leitura e estudo a todos os interessados pelo tema e pela Educação em Geral, pela excelência notória de seus autores, pela sua inegável qualidade, poder de esclarecimento, precisão e abrangência conceitual.

### 5.1.9.2 O estudo da produção de conhecimento referente à Educação e Movimentos Sociais do Campo de 1987 a 2007 - Souza (2010)

Em seu percurso epistemológico, Souza (2010) recolheu, sistematizou e analisou dados a respeito da produção do conhecimento sobre Educação e Movimentos Sociais do Campo/MST, de 1987 a 2007, incluindo também um adendo relativo ao período de 2008 a 2010.

Analisando os títulos das dissertações e teses, bem como as descrições de Souza (2010), pudemos verificar, em nossa pesquisa comparativa, para detecção de convergências e de falhas de nossa própria tese de doutorado que:

**1. Quanto à convergência de temas:** existe semelhança e equivalência entre os temas das pesquisas citadas e os conceitos e termos de nosso *corpus*, como: *escola do campo; formação de professores do MST; escola do MST; projeto político e pedagógico da escola do campo; projeto pedagógico do MST; acampamento de reforma agrária; formação de educadores do campo; educador Sem Terra; pedagogia do Movimento Sem Terra; ensino fundamental do campo; educação básica do campo; PRONERA (Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária); Educação de Jovens e Adultos; Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST); práticas educativas do campo; práticas educativas do MST; escola pública de assentamento da reforma agrária; educação de jovens e adultos (EJA) do campo; Escola Diferente; mística da luta do MST; história do assentamento do MST; mística Sem Terra; Curso Técnico em Administração de Cooperativas do MST; Educação e Reforma Agrária; Ideologia e Educação do Campo; Ocupação da Escola; crianças e jovens do campo; escola itinerante do MST; educação infantil no MST; ciranda infantil do MST; luta pela escolarização do MST; escola do movimento; luta pela terra; infância do Movimento Sem Terra; memória coletiva em assentamentos rurais; trabalho e Educação do Campo; movimentos sociais e diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo; Pedagogia da Alternância.*

**2. Quanto à convergência de autores estudados:** existe semelhança e equivalência entre os autores citados e estudados nas dissertações e teses sistematizadas por Souza (2010) e por nós nesta tese, como: Miguel Arroyo, Mônica Castagna Molina; Roseli Salette Caldart; Conceição Paludo; Bernardo Mançano Fernandes; Paulo Freire; Antonio Gramsci, Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

## 5.2 Organização dos termos

A organização dos termos é uma difícil tarefa, pois é necessário rigor técnico, atenção e objetividade.

Para a tarefa de organização dos termos, são tradicionalmente utilizadas fichas terminológicas como instrumentos.

Em nossa tese, utilizamos vários tipos de fichas terminológicas, conforme os itens seguintes.

### 5.2.1 As fichas terminológicas

As fichas terminológicas devem ser elaboradas pelos pesquisadores de acordo com as especificidades de cada trabalho terminológico.

Logicamente há uma tradição entre os teóricos da ciência terminológica, mas cada trabalho demanda uma ficha terminológica, ou várias.

Neste trabalho, ao desenvolvermos a pesquisa, criamos diferenciados tipos de fichas. Apenas uma ficha não daria conta de nossas necessidades e de nossos objetivos.

As fichas terminológicas são importantes para a sistematização das informações sobre os termos, de cunho linguístico e de cunho extralinguístico.

Para a elaboração de um dicionário terminológico, ou glossário, ou outros tipos de descrição, as fichas terminológicas são úteis, práticas - e consideramos que indispensáveis. Após a elaboração desses instrumentos, os termos e suas características podem ser recuperados, apresentados e utilizados da maneira desejada pelo autor do trabalho terminológico.

Geralmente um trabalho terminológico conta com um número razoável ou alto de termos - assim não é possível trabalhar de forma desorganizada.

O tempo para consecução dos trabalhos geralmente é restrito, e cada procedimento e/ou instrumento que possa dinamizar e garantir coerência nas atividades é válido e necessário.

A seguir, explicitamos nossas fichas terminológicas, que nos auxiliaram na apresentação e na análise dos termos da área de Educação do Campo.

### 5.2.2 Ficha terminológica individual

A ficha terminológica individual é instrumento com a função de sistematizar cada um dos termos do *corpus* de análise sob os aspectos morfossintático e semântico-pragmático.

Essa ficha terminológica individual somente foi utilizada como parâmetro para a ordenação das informações necessárias.

A inclusão propriamente dita de termos e de suas características foi feita em planilhas eletrônicas (conforme os itens seguintes), as quais foram elaboradas para esta tese de modo a permitir uma visualização mais abrangente da terminologia das instituições-fonte, bem como de uma série de classificações e fenômenos linguísticos analisados.

A seguir, demonstramos o protótipo da ficha de fontes individual:

Termo	<b>Educação do Campo</b>
Categoria gramatical	s.f.
Estrutura morfossintática	Subs +prep+subs
Categoria temática	3 (Organização Estrutural da Educação do Campo)
Sinônimo(s)	
Variante(s)	
Antônimo(s)	educação no campo; educação rural; escola como preparação para o mercado capitalista
Um contexto	<i>“[...] Uma educação [do campo] que se organiza, que seleciona conteúdos, que cria métodos na perspectiva de construir a hegemonia do projeto político das classes trabalhadoras”</i> (MST-CE13)
Referência(s) na ficha de fontes	CE11-21;25;26; CE13-6;Caldart-T3-309;GPET1-1;2;3;4;10;GPET-DS-5;7;12;32;33;34;35;37;38;SNERF1-7;8;11;12;26;CEI1-8;22;23;24;25;28;CE12-51;CE9-14;15;Arroyot1-125;126;128;130;Caldart-t5-141;143;144;148;SN1-152;PEC5-10;11;12;13;16;17;19;20;21;23;24;25;26;27;30;31;32;33;34-37;40;41;43;45;46;48;53;54;63;64;67;68;86;91;93;95;100;103-108;113-119;121;122;126;127;
Observações	

Figura 27 - A ficha de fontes individual

Fonte: a autora, 2010

### 5.2.3 Ficha de validação de termos (entrevista com especialista e/ ou pesquisa bibliográfica)

A ficha de validação de termos é um instrumento que visa a dirimir dúvidas em relação às formas preferenciais, sinônimos, variantes, antônimos, hiperônimos, hipônimos, co-hipônimos, segmentação e pertinência conceitual dos termos.

Essa ficha pode ser enviada aos especialistas por mensagens eletrônicas, ou por correio convencional, ou ainda podem ser entregues pessoalmente, por ocasião de entrevistas.

Em nossa pesquisa, utilizamos a ficha de validação de termos em alguns casos, mas não para todos os termos, considerando que nossa pesquisa teve como base *corpora* escritos.

A seguir, explicitamos uma aplicação da ficha de validação de termos:

Especialista	Eva Chow Belezia
Instituição	Centro Paula Souza
Termo	<b>Cooperativa-escola</b>
Categoria temática	Metodologia da Educação do Campo
Sinônimo(s)	Cooperativa-escolar
Variante(s)	Cooperativa-escola de alunos
Antônimo(s)	Não há
Referência(s) na ficha de fontes	Belezia-DM-8;10;11; 12-14;17-20; 21;32;33;52;53;62-66; 72;73;75-78;80;81;83;84;87;88;89;91-98;100; 101;105;107;109; 114-122;126;127;
Observações referentes à consulta	O especialista é autor da obra-fonte, o que possibilita precisão nos esclarecimentos conceituais e terminológicos.

Figura 28 - Ficha de validação de termos – amostra  
Fonte: a autora, 2010

#### 5.2.4 Fichas terminológicas institucionais: termos, número de ocorrências e localização no *corpus*

Para atender os objetivos de nossa pesquisa, elaboramos fichas terminológicas institucionais, para cada uma das três instituições que compõem nossos *corpora*.

Em etapa posterior, essas fichas foram unificadas em planilhas eletrônicas, mas mantivemos as fichas individuais, intrainstitucionais, como fonte para buscas mais refinadas, para o fornecimento de exemplos e abonações nos trabalhos terminológicos.

A seguir, demonstramos esses instrumentos terminológicos.

#### 5.2.5 Ficha terminológica institucional 1: CPS - Centro Paula Souza

Um dos primeiros procedimentos desta pesquisa foi a elaboração das fichas terminológicas institucionais.

Estas fichas constituem-se em planilhas eletrônicas, formadas por colunas e linhas, além de filtros que visam ao agrupamento de informações.

As planilhas eletrônicas tornaram-se úteis por sua possibilidade de realização de operações matemáticas, geração de gráficos, opção por filtros e outros recursos, além de que é um dos produtos gerados pelo programa de extração de termos WordSmith Tools, o que facilita a interface entre os aplicativos utilizados - não é necessário redigitar os dados e sim adaptá-los, reorganizá-los, acrescentar informações, subtrair, mas a base de dados eletrônica gerada facilita e dá segurança ao pesquisador, visto que o trabalho humano é muito mais lento e passível de falhas, ao serem copiados dados.

A ficha terminológica institucional 1 - CPS - Centro Paula Souza - é composta por 15 colunas e 254 linhas.

Fizemos um recorte (figura 29) a fim de demonstrar como esse instrumento foi elaborado. Colamos parte das planilhas em editor de texto e excluímos as colunas (número, categoria semântica, tipo de neologismo, variante, parassinônimos, empréstimo interno, antônimo, não neologismos e observações).

Logicamente nem todos os termos sistematizados nestas planilhas institucionais entraram para o *corpus* de análise final, mas esses documentos foram resguardados na íntegra, para possíveis novas pesquisas e constituição de *corpus*.

A seguir apresentamos esse recorte:

INSTITUIÇÃO	OBRA	TERMO	nº ocorrências	OBRA E PÁGINA
CPS	Delfini-DM	agente facilitador e orientador de aprendizado do jovem	1	Delfini-DM-19;
CPS	Delfini-DM	agricultor de assentamento rural	1	Delfini-DM-11;
CPS	Delfini-DM	agricultura familiar tradicional	2	Delfini-DM-3;10;
CPS	Belezia-DM	aluno cooperado	2	Belezia-DM-58;59;
CPS	Delfini-DM	áreas de assentamento	1	Delfini-DM-3;
CPS	Belezia-DM	áreas de assentamento de reforma agrária	1	Belezia-DM-32;
CPS	Belezia-DM	aspecto pedagógico do sistema cooperativa-escola	1	Belezia-DM-78;
CPS	Delfini-DM	aspirações profissionais no campo	1	Delfini-DM-29
CPS	Belezia-DM	assembleia geral de constituição da cooperativa-escola	1	Belezia-DM-73;
CPS	Delfini-DM	assentamentos de reforma agrária	2	Delfini-DM-3;10;
CPS	Belezia-DM	assistência técnica do ensino rural	1	Belezia-DM-30;
CPS	Delfini-DM	Associação Central do Projovem	2	Delfini-DM-6;12;
CPS	Belezia-DM	atividade produtiva agropecuária	1	Belezia-DM-51;

Figura 29 - Ficha terminológica institucional 1: CPS - Centro Paula Souza - Fonte: a autora, 2010

Conforme os critérios estabelecidos, foram excluídos os termos que ocorreram apenas uma vez.

Dentre os hápax (ocorrência 1), não houve casos de representatividade conceitual que justificassem inclusão no *corpus* de análise. Cada pesquisador, em cada pesquisa, deve

verificar a relevância dos hápax, pois, em alguns universos linguístico-terminológicos esse tipo de item lexical é importante para a conceptualização da área em estudo.

Posteriormente à análise quantitativa, foram agrupados os termos que ocorriam em mais de uma obra e em mais de uma instituição.

Houve convergência significativa entre os termos das diferentes instituições, o que evidencia que a terminologia da Educação do Campo está se consolidando.

#### 5.2.6 Ficha terminológica institucional 2: MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Conforme destacado no item anterior, as fichas terminológicas institucionais constituíram-se em um dos primeiros procedimentos deste trabalho terminológico.

Para a atual pesquisa, estes recursos foram indispensáveis e suficientes. Todavia, como já ressaltado em outros trechos, cada trabalho terminológico irá demandar um tipo de ficha ou um conjunto de fichas terminológicas.

Em relação à ficha terminológica institucional 2: MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-, esclarecemos que é uma planilha eletrônica composta por 1949 linhas - cada uma delas relativa a um termo e sua descrição. As colunas são as mesmas indicadas no item 5.2.5 (Ficha terminológica institucional 1: CPS - Centro Paula Souza).

A planilha referente aos termos do MST contém todos os termos coletados da instituição (todos são termos sintagmáticos), como também foi feito em relação aos termos pertinentes à instituição Centro Paula Souza.

Essas planilhas, na íntegra, foram devidamente arquivadas, como uma matéria-prima, ou produto bruto, para um refinamento posterior.

A seguir, explicitamos o recorte apenas das primeiras linhas deste instrumento:

INSTITUIÇÃO	OBRA	TERMO	nº ocorrências	OBRA E PÁGINA
MST	GPET1	abordagem solidária e coletiva dos problemas do campo	1	GPET1-11;
MST	CE11	acampamento como território livre do analfabetismo	1	CE11-40;
MST	CE12	acampamento do Movimento Sem Terra	1	CE12-42;
MST	CE13	acampamento do MST	5	CE13-5; Caldart-t3-235;298; CE11-13;22;
MST	Caldart-t3-	acampamento dos Sem Terra	1	Caldart-t3-300;
MST	BE8	acampamento sem escola	1	BE8-239

MST	CEI1	acampamento Sem Terra	1	CEI1-17;
MST	Caldart T3	acesso à escola como direito universal	1	Caldart T3-309;
MST	Castrot1	acesso à terra	1	Castrot1-121;
MST	GPET1	acesso e permanência da população do campo no ensino superior	1	GPET1-9;
MST	PEC5	acesso e permanência na terra	1	PEC5-63;
MST	CEI1	acesso público à educação e à escolarização no e do campo	1	CEI1-22;
MST	Caldart T3	ações da luta pela terra	1	Caldart T3-301;

Figura 30 - Ficha terminológica institucional 2: MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - Fonte: a autora, 2010

### 5.2.7 Ficha terminológica institucional 3: Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural

A ficha terminológica institucional 3: Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural - conta com 217 linhas e as mesmas 15 colunas que constam das planilhas das duas outras instituições - MST e Centro Paula Souza.

Os termos da instituição Senar, devido aos critérios adotados para a inserção e para a exclusão de termos (conforme capítulo 4 - Os *Corpora*), não entraram para nosso *corpus* de análise, mas foram coletados e arquivados na íntegra, da mesma forma como ocorreu com os termos das outras duas instituições.

A seguir, também apresentamos um sucinto recorte da planilha referente aos termos da instituição Senar:

INSTITUIÇÃO	OBRA	TERMO	CAT. GRAM.	nº ocorrências	OBRA E PÁGINA
senar	sm6	abrangência da formação profissional rural	s.f.	1	sm6-16
senar	sm6	ação de extensão rural	s.f.	1	sm6-13
senar	sm5	ação de Formação Profissional Rural	s.f.	50	sm5-16; sm6-7;10;14;15;16;22 sm7-6;7;25;34;41;45;46;47;48;49;55;56;57;58;59;60;63;64;68;69;72;73;74;75 sm8-7;15;sm9-12; sm10-7;32

senar	sm1;sm4	ação de FPR	s.f.	71	sm1-14 sm4-11;12;40 sm5-11;13;14 15;16;17;18;19; 21;22 sm6-7;8;10;11; 12;13;15;16;17;1 8;19;20;21 sm7- 9;39;60;62;67;68; 69;70;71 sm8- 11;14;17;19;sm1 0-9;12;13;27;28
senar	sm2	ação de promoção social	s.f.	5	sm2-9;sm4-42; sm8-7;sm10-30;
senar	sm10	ação educativa de Formação Profissional Rural	s.f.	1	sm10-11
senar	sm10	ação educativa de Promoção Social	s.f.	1	sm10-11
senar	sm8	ação finalística do Senar	s.f.	1	sm8-15
senar	sm6	ação móvel de FPR	s.f.	1	sm6-7
senar	sm1;sm2; sm4; sm5	ações de formação profissional rural	s.f.	13	sm1-13 sm2-9; sm-4;42 sm5-7;11; sm10-30;
senar	sm4	ações de PS	s.f.	3	sm4-11;12; sm10-12

Figura 31 - Ficha terminológica institucional 3: Senar – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural  
Fonte - a autora, 2010

Por economia linguística, as obras nas planilhas terminológicas foram referenciadas com a utilização das siglas, as quais foram explicitadas na ficha de fontes (conforme capítulo 4 - *Os corpora*).

Todos os instrumentos e procedimentos que compõem a metodologia de análise conceitual e de descrição terminológica que propomos estão interligados e não possuem relevância isoladamente. É necessário contextualizar suas condições de produção e sua destinação.

### 5.2.8 Ficha terminológica – *corpus* de análise final

A ficha terminológica relativa ao *corpus* de análise final é uma planilha eletrônica, composta por três planilhas unificadas, conforme os subitens: 5.2.9 Planilha unificada 1 - análise morfossintática e temática (categorias temáticas, categorias gramaticais e tipos de composição morfossintática); 5.2.10 Planilha unificada 2 - tipologia de neologismos (processo principal, processo complementar - tipos e subtipos) e 5.2.11 Planilha unificada 3 – Análise quantitativa e qualitativa (número de ocorrência e classificação em termos preferenciais, sinônimos, quase- sinônimos, antônimos e variantes).

Escolhemos essa metodologia de utilização de planilhas eletrônicas por ser de elaboração e de utilização relativamente fáceis.

Como o produto desta tese não se constitui em um glossário ou vocabulário, os filtros colocados na planilha foram suficientes para seleção e “recorte de informações”, para atender a cada item ou subitem da tese, de um ponto de vista macro, e, de uma perspectiva mais estrita, os filtros facilitaram selecionar exemplos, quantidades de ocorrências de um fenômeno, e até mesmo as categorizações e agrupamentos por categorias.

A quantidade de termos não é muito volumosa, então a utilização do software Microsoft Excel 2010 foi plenamente suficiente para nossos objetivos neste trabalho, assim como para a elaboração das demais planilhas eletrônicas citadas.

Na verdade, essa metodologia foi tomando forma com a necessidade de definir os objetivos da pesquisa que originou esta tese de doutorado. Essas planilhas eletrônicas serviram-nos como instrumentos de sistematização e de estudo das possibilidades dos *corpora*.

Como são totalizantes, permitem a visualização de muitas informações, o que foi de grande utilidade.

Nos próximos subitens, detalhamos as pastas dessa planilha eletrônica.

5.2.9 Planilha unificada 1 - análise morfossintática e temática (categorias temáticas, categorias gramaticais e tipos de composição morfossintática)

A seguir, explicitamos o conteúdo e a destinação de nossa Planilha unificada 1 - análise morfossintática e temática (categorias temáticas, categorias gramaticais e tipos de composição morfossintática).

<b>Pesquisa de doutorado - Fernanda Mello Demai - início do trabalho nov. 2009 última atualização:            30 de dezembro de 2010 – dia - CORPUS DE ANALISE FINAL            PLANILHA DE ANÁLISE MORFOSSINTÁTICA e SEMÂNTICA            PÓS REUNIÃO COM PROFA. IEDA DE 30-11-10</b>					
Nº	TERMO	CATEGORIA TEMÁTICA 1-princípios 2- metodologia 3- organização estrutural 4-atores sociais 5-fins e ideais	CAT. GRAM. sf sing sf pl sm sing sm pl subs 2g adj 2g	TS (termos simples) TC (termos compostos) TCX (termos complexos) SIGLAS	Estrutura morfossintática (composição sintagmática)
1	acampamento do MST	1	sm sing	TCX	subs + prep + sigla
2	ações do MST	2	sf pl	TCX	subs + prep + sigla
3	adolescência Sem Terra	4	sf sing	TCX	subs + adj
4	agenda do Movimento	2	sf sing	TCX	subs + prep + subs
5	agricultura agroecológica	1	sf sing	TCX	subs + adj
6	agricultura camponesa	1	sf sing	TCX	subs + adj
7	agricultura capitalista	1	sf sing	TCX	subs + adj
8	agricultura familiar tradicional	1	sf sing	TCX	subs + adj + adj
9	agricultura latifundiária	1	sf sing	TCX	subs+adj
10	alfabetização de jovens e adultos em acampamentos	5	sf sing	TCX	subs + prep + subs +conj + subs + prep + subs
11	alfabetização de jovens e adultos em assentamentos	5	sf sing	TCX	subs + prep + subs + conj + subs + prep + subs
	aluno cooperado	4	sm sing	TCX	subs + adj
12	alunos residentes em área rural	4	sm pl	TCX	subs + adj + prep + subs + adj
13	alunos residentes na área rural	4	sm pl	TCX	subs + adj + prep + subs + adj
14	analfabetismo nos assentamentos	1	sm sing	TCX	subs + prep + subs
15	ANCA	3	sf sing	SIGLA	sigla

16	aniversário do assentamento	3	sm sing	TCX	subs + prep + subs
17	área de assentamento de reforma agrária	3	sf sing	TCX	subs + prep + subs + prep + subs + adj
18	áreas de assentamento	3	sf pl	TCX	subs + prep + subs
19	áreas de reforma agrária	3	sf pl	TCX	subs + prep + subs

Figura 32 - Planilha unificada 1 - análise morfossintática e temática (categorias temáticas, categorias gramaticais e tipos de composição morfossintática). Fonte: a autora, 2010.

Essa *Planilha unificada 1* refere-se ao *corpus* de análise já definido, de acordo com os critérios de inclusão e de exclusão dos termos. Denominamos “planilha 1” porque é a primeira pasta da planilha maior e “unificada” pois, aqui, já não temos uma abordagem intrainstitucional, conforme as planilhas anteriormente apresentadas, mas sim uma abordagem interinstitucional – a unificação dos termos das duas instituições – Centro Paula Souza e Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

Cada linha da planilha é dedicada à análise de um termo e de suas características. Nesta Planilha Unificada 1 classificamos os termos nas categorias temáticas propostas, bem como nas categorias gramaticais (substantivo feminino, substantivo masculino, singular e plural), além da estrutura morfossintática das composições sintagmáticas.

Deixamos nesta planilha alguns termos destacados em cores diferentes, assim como fizemos questão de incluir as datas de finalização dos documentos (última atualização) e até mesmo as datas de reunião com a Profa. Dra. Ieda Maria Alves, orientadora desta pesquisa, após as quais foram tomados importantes rumos e decisões no trabalho.

Fizemos questão absoluta de marcar nossa personalidade nesta tese, não obstante seu caráter científico.

Creemos que seja importante, em uma proposta de metodologia, não omitir que o pesquisador passará por momentos críticos de decisão e por dificuldades.

O trabalho terminológico é gratificante porque justamente mudamos nossas concepções intelectuais e apreendemos novos conhecimentos.

Obviamente uma planilha dessa natureza consome algum tempo de trabalho, não é elaborada, muito menos preenchida, em um só dia e, se houver confusões com as versões dos documentos eletrônicos, muitos dados e esforços podem ser perdidos.

Dessa forma, priorizamos a todo momento a inserção de datas e de informações adicionais às fichas e planilhas terminológicas, a fim de organizar, dinamizar e facilitar o trabalho.

5.2.10 Planilha unificada 2 - tipologia de neologismos (processo principal, processo complementar - tipos e subtipos)

A seguir, explicitamos o conteúdo e a destinação de nossa Planilha unificada 2 - tipologia de neologismos (processo principal, processo complementar - tipos e subtipos):

<b>Doutorado - Fernanda Demai - início nov. 2009</b> atualização: 22 de janeiro de 2011 - noite CORPUS DE ANÁLISE FINAL - Tipologia de neologismos PÓS REUNIÃO COM PROFA. IEDA DE 30-11-10				
<b>Nº</b>	<b>TERMO</b>	<b>NEOLOGIA (Processo principal)/ combinatórias entre tipos de neologismos</b>	<b>subtipo neologia principal</b>	<b>NEOLOGIA processo Comple- mentar</b>
1	acampamento do MST	2;4	CS;interno	1;3
2	ações do MST	2;3;4	CS;metonimia;interno	1;3
3	adolescência Sem Terra	2;3;4	CS;metonimia;interno	1;3
4	agenda do Movimento	2;3;4	CS;metonimia;interno	1;3
5	agricultura agroecológica	2;4	CS;interno	1;3
6	agricultura camponesa	2;4	CS;interno	1;3
7	agricultura capitalista	2;4	CS;interno	1;3
8	agricultura familiar tradicional	2;4	CS;interno	1;3
9	agricultura latifundiária	2;4	CS;interno	1;3
10	analfabetismo nos assentamentos	2;3	CS;metonimia	1;3
11	aniversário do assentamento	2;4	CS;interno	1;3
12	área de assentamento de reforma agrária	2;4	CS;interno	1;3
13	áreas de assentamento	2;4	CS;interno	1;3
14	áreas de reforma agrária	2;4	CS;interno	1;3
15	assembleia de assentados	2;4	CS;interno	1;3
16	assembleia do assentamento	2;3;4	CS;metonimia;interno	1;3
17	assentamento do Movimento Sem Terra	2;4	CS;interno	1;3
18	assentamento do MST	2;4	CS;interno	1;3

19	Associação Central do Projovem	2;4	CS;interno	1;3
20	Associação Nacional de Cooperação Agrícola	2;4	CS;interno	1;3
21	Atingidos por Barragens	2;4	CS;interno	1;3
22	bandeira do Movimento	2;3;4	CS;metonimia;interno	1;3
23	bandeira do Movimento Sem Terra	2;3;4	CS;metonimia;interno	1;3
24	campo da agricultura camponesa	2;3;4	CS;metafora;interno	1;3
25	campo da educação do campo	2;3	CS;metafora	1;3

Figura 33 - Planilha unificada 2 - tipologia de neologismos (processo principal, processo complementar - tipos e subtipos). Fonte: a autora, 2011

Já esta “Planilha unificada 2” foi elaborada a fim de classificar cada um dos termos do *corpus* de análise de acordo com a tipologia de neologismos adotada, bem como os processos de neologia principal, de neologia complementar e da neologia em combinatória.

A utilização de cores foi útil para uma melhor visualização e agrupamento de fenômenos.

No decorrer do trabalho, por vezes, também nos valem de cores diferenciadas, ou de notas, para marcar nossas dúvidas, ou ainda para marcações a respeito do andamento do trabalho, dos prazos a serem cumpridos e dos objetivos a serem alcançados.

Muitas dessas marcações desapareceram, quando as dúvidas foram dirimidas, e os prazos e objetivos cumpridos, mas essas anotações metodológicas são e foram muito úteis, pois o pesquisador não deve e não pode perder-se em sua metodologia e no andamento de seu trabalho.

### 5.2.11 Planilha unificada 3 – Análise quantitativa e qualitativa (número de ocorrências e classificação em termos preferenciais, sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes)

A seguir, explicitamos o conteúdo e a destinação de nossa Planilha unificada 3 – Análise quantitativa e qualitativa (número de ocorrências e classificação em termos preferenciais, sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes):

Pesquisa de doutorado - Fernanda Mello Demai - início do trabalho nov. 2009 - última atualização: 30 de maio de 2010 – noite - CORPUS DE ANALISE FINAL								
INSTITUIÇÃO	TERMO	nº ocorrências	OBRA E PÁGINA	QUASE-SINÔNIMO	VARIANTE	SINÔNIMO TERMINOLÓGICO	Preferencial ou sinônimo, quase-sinônimo, variante (em relação ao preferencial)	ANTÔNIMO
MST	acampamento do MST	5	CE13-5; Caldart-t3-235;298; CE11-13;22;				pref	
MST	ações do MST	5	BE8-236;241;243; Caldart-t3-298; SNERF1-3;				pref	
MST	adolescência Sem Terra	2	BE8-249;260				pref	
MST	agenda do Movimento	2	Caldart T3-294;307;				pref	
MST	agricultura agroecológica	2	CE13-43;72	agricultura alternativa			pref	
MST	agricultura alternativa	3	CE13-155;156; CE9-43;	agricultura agroecológica			quase-sin	
MST	agricultura camponesa	8	PEC5-71;73;74;80;84;	agricultura familiar tradicional			pref	agricultura capitalista; agronegócio; agricultura latifundiária
MST	agricultura capitalista	4	PEC5-71;74;	agronegócio			ant	agricultura camponesa; agricultura familiar tradicional

Figura 34 – Planilha unificada 3 - Análise quantitativa e qualitativa (número de ocorrência e classificação em termos preferenciais, sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes). Fonte: a autora, 2011.

Utilizamos esta planilha para subsidiar uma análise quantitativa e uma análise qualitativa dos termos considerados preferenciais, sinônimos, quase-sinônimos e variantes.

Na verdade, todas as fichas e planilhas terminológicas servem como subsídio às análises propostas.

Assim, este capítulo foi destinado a expor esses instrumentos, métodos e técnicas que fundamentaram a prática desta tese, demonstrando critérios e aplicações da metodologia proposta. O próximo capítulo traz as análises da aplicação da metodologia.

No capítulo 6, faremos então a análise propriamente dita, proposta neste trabalho de análise conceitual e de descrição terminológica.

**6. ANÁLISE DA NEOLOGIA E DE RELAÇÕES  
INTRALINGUÍSTICAS E EXTRALINGUÍSTICAS QUE  
CARACTERIZAM A TERMINOLOGIZAÇÃO E OS TERMOS DA  
ÁREA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO**

O estudo da neologia lexical de uma língua permite-nos analisar a evolução da sociedade que dela se utiliza, pois as transformações sociais e culturais refletem-se nitidamente no acervo léxico dessa comunidade. Por isso, o estudo sistemático da neologia no português brasileiro é, sob a perspectiva linguística, a análise dos processos de formação de novas palavras; do ponto de vista extralinguístico, constitui o estudo da evolução da sociedade brasileira.<sup>8</sup>

**(Ieda Maria Alves)**

---

<sup>8</sup> Neologismo: criação lexical. 2007, p. 87, grifos nossos.

### 6.1 Apresentação de resultados relativos a dados quantitativos, absolutos e percentuais das categorias temáticas

O presente capítulo enquadra-se no Eixo metodológico 4 - Aplicação da metodologia - manipulação prática (Passos: 14 - Análise e descrição linguístico-terminológica; 22 - Replanejamento a qualquer momento) e no Eixo metodológico 5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico (Passos: 19 - Contextualização do trabalho terminológico em relação a fatores históricos, sociais, culturais - identificação de relações entre ideologia e Terminologia; 20 - Análise do grau de aceitação e de difusão dos termos da área estudada - percurso da neologia à desneologização) - vide Capítulo 3, sobre os eixos metodológicos.

O objetivo do capítulo é apresentar os resultados obtidos com a pesquisa conceitual-terminológica da área de Educação do Campo, frutos da aplicação da metodologia explanada.

Pretendemos aqui também aprofundar a fundamentação, as escolhas e as proposições teóricas, visando a uma abordagem teórico-prática e também à aplicação do modelo de análise conceitual e de descrição terminológica (conforme capítulo 3 desta tese).

Apresentamos os percentuais que quantificam os termos de acordo com cada categoria temática estabelecida para nosso estudo.

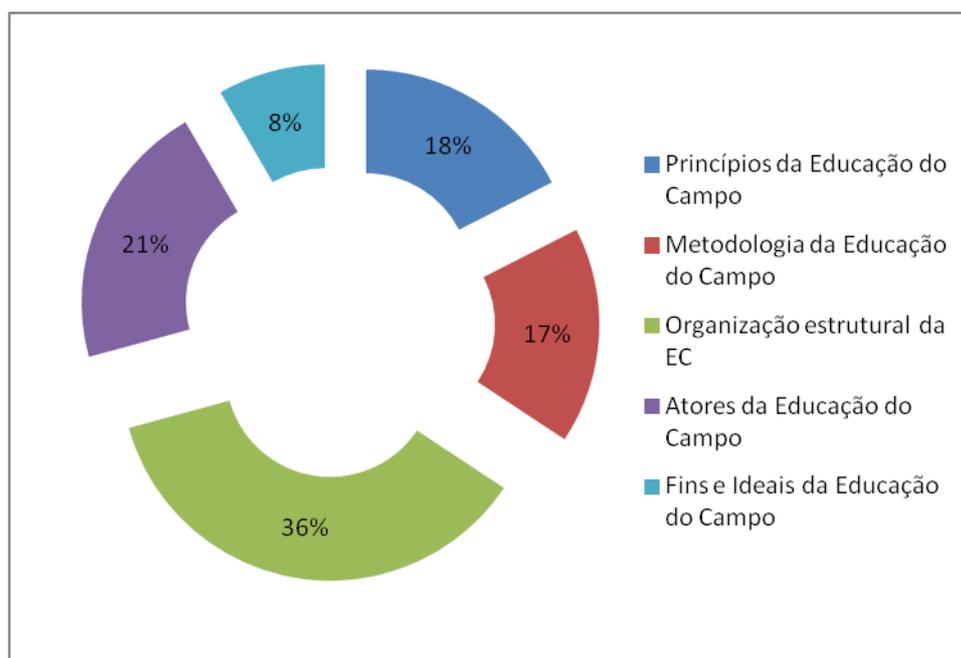


Gráfico 1 – Percentuais: a classificação do *corpus* da Educação do Campo em categorias temáticas  
Fonte: a autora, 2011

A categoria temática "Organização estrutural da Educação do Campo" é a mais representativa em termos numéricos: 36% do total de termos pertencem a essa categoria.

A segunda categoria temática mais representativa é "Atores da Educação do Campo", como 21% dos termos.

As categorias "Princípios da Educação do Campo" e "Metodologia da Educação do Campo" equivalem-se numericamente, com aproximadamente 17% do total dos termos cada uma.

A categoria temática menos representativa numericamente é "Fins e Ideais da Educação do Campo", com 8% da totalidade do *corpus* de análise.

Para este estudo, as análises quantitativas são um referencial, mas não os produtos primordiais almejados.

Todas as categorias temáticas são muito relevantes para a constituição da rede conceitual da Educação do Campo e foram especialmente criadas para este estudo, após a leitura atenta dos *corpora*.

Assim, esta tese tem uma base de análise mais qualitativa que quantitativa, mas não julgamos que os dados numéricos devam ser desprezados: consideramos que devem ser utilizados para fundamentar qualquer tipo de análise.

Considerando essa ênfase na análise qualitativa, citamos o MST (1999):

Alguns esclarecimentos sobre a grafia do nome *Sem Terra*: a condição (individual) de *sem (a) terra*, ou seja, a de trabalhador ou trabalhadora do campo que não possui sua terra de trabalho, é tão antiga quanto a existência da apropriação privada deste bem natural. No Brasil, a luta pela terra e, mais recentemente, a atuação do MST, acabaram criando na língua portuguesa o vocábulo *sem-terra*, com hífen, e com o uso do *s* na flexão do número ("os sem-terras"), indicando uma designação social para esta condição de ausência de propriedade ou da terra de trabalho, e projetando, então, uma identidade coletiva. O MST nunca utilizou em seu nome nem o hífen, nem o *s*, **o que, historicamente, acabou produzindo um nome próprio, *Sem Terra***, que é também sinal de uma identidade construída com autonomia. O uso **social do nome já alterou a norma** referente à flexão de número, sendo hoje já consagrada a expressão *os sem-terra*. Quanto ao hífen, fica como distintivo da relação entre esta identidade coletiva de trabalhadores e trabalhadoras da terra e o Movimento que a transformou em nome próprio, e a projeta para além de si mesma. (MST, 1999, grifos nossos)

Analisando a citação do Caderno de Educação nº 9 (MST, 1999), nota-se um conhecimento metalinguístico bem acima do mediano, considerando as noções de diacronia, de norma e de relação entre significado e significante, de ortografia, de dicionarização, da oposição linguística 'nome comum' e 'nome próprio', além das relações entre atuação político-social e a constituição de uma nova terminologia.

Maria Onice Payer deparou-se com a variedade ideológica da denominação de *homem do campo* por diferentes instituições brasileiras e respectivos textos e a expôs em um artigo

fundamentado na metodologia da Análise do Discurso, publicado em 1998 em anais do Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL).

Estudando as instituições **Emater** (Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural), o **Sindicato** dos Trabalhadores Rurais, o **MST** (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e a **Igreja**, a autora identificou cinco formas, que, em uma hipótese inicial do trabalho, considerou como sinônimas (PAYER, 1998, p. 310):

a. *homem do campo*;

b. *agricultor*;

c. *lavrador*;

d. *camponês*;

e. *trabalhador rural*.

A autora considerou como critérios de análise: "regularidade do nome", ("exclusividade de um nome no texto", "predominância do nome no texto"), "formas linguísticas associadas ao nome" ("construções sintáticas", "nomes determinados ou não", "forma gráfica do nome"); "as relações de hiponímia", a "exclusividade da nomeação em relação aos textos", "relações intra e interdiscursivas entre os enunciados" (PAYER, 1998, p. 310).

Payer (1998) identificou que, de acordo com a instituição, havia predomínio, exclusividade ou exclusão de determinados elementos, como o sema "ser proprietário de terra", ou "ser trabalhador rural".

No *corpus* desta tese, analisamos os textos e as respectivas terminologias de três instituições: Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza (CPS) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). De modo análogo ao constatado por Payer (1998), verificamos que existe recorrência e, por vezes, exclusividade de denominações, de acordo com a natureza de cada instituição. Assim, *Sem Terra* é um termo do MST, que pode ser mencionado nos textos de outras instituições, mas não será a denominação preferencial, assim como os textos do MST podem trazer termos carregados por semas relativos ao "agronegócio", como UDR (União Democrática Ruralista) mas, com certeza, não sob um enfoque positivo. Essas relações discursivas, intra-textos e inter-textos foram também identificadas por Payer (1998) em seu estudo.

Em relação aos termos sintagmáticos do MST, Payer (1998) também identificou, como fizemos em relação ao nosso próprio *corpus*, a regularidade dos determinantes "assentado", "do assentamento" nos termos, bem como a recorrência dos determinantes "do povo" e, posteriormente, uma brusca mudança e predominância de "camponês".

Essa regularidade de alguns determinantes na terminologia da Educação do Campo, que é de cunho ideológico, será retomada nesta tese.

Resumindo as conclusões de Payer (1998) e correlacionado seu trabalho à nossa tese, enfatizamos, mais uma vez, que os aspectos sociais e históricos determinam as terminologias e também a língua geral, pois a própria denominação "trabalhador rural" foi sendo construída historicamente pelo discurso do Partido Comunista do Brasil, a partir da década de 1950, conforme a definição do Estatuto da Terra, no âmbito da luta pela terra no Brasil (PAYER, 1998, p. 315).

Ainda de acordo com Payer (1998), a denominação "produtor rural" é exclusiva da instituição Emater, que é uma instituição mais comercial e não militante da luta pela terra no Brasil; nos textos da Igreja predomina a expressão mais generalizante "homem do campo", e "camponeses" é de uso exclusivo do MST.

Payer termina seu riquíssimo artigo enfatizando que a **escolha entre duas ou mais formas não se dá ao acaso** e que a produção de diferentes discursos tem uma função relacional, ou seja, as diferentes instituições não estão "falando sozinhas", sem conexão umas com as outras, e suas escolhas terminológicas determinam relações de poder e demarcação ideológica, política, social e histórica:

A "seleção" de uma nomeação por um sujeito, mesmo lhe parecendo aleatória, carrega uma configuração histórica, inscrita em determinadas formações discursivas. Tanto a "seleção" de uma nomeação dentre várias, quanto a organização enunciativa de um mesmo nome, exclusivo ou disperso entre outros no texto, vão configurando na enunciação diversas perspectivas que instituem distintos "objetos de referência" no discurso.

Também a relação intertextual significa na produção dos sentidos. As nomeações não trazem apenas memórias isoladas umas das outras, mas se configuram pelas relações entre os textos e as práticas discursivas das instituições mencionadas, umas com relação às outras. (PAYER, 1998, p. 315).

Constatamos finalmente que a terminologia da Educação do Campo ainda está em fase de constituição e que as relações de sinonímia não são renegadas pelos construtores dessa terminologia, os quais, cientes da existência do fenômeno, procuram utilizá-lo como instrumental de sua construção ideológica.

Destacamos também que, ao contrário do que se pode pensar sob uma visão do senso comum, a produção da literatura especializada da Educação do Campo é de qualidade linguística admirável, não se constituindo em "leitura de semianalfabetos", não obstante o fato de que há a tensão dialética entre o alto nível dos textos e a baixa ou inexistente escolarização do público-alvo principal: os atores da Educação do Campo (alunos, professores). Mas essas questões serão apenas enunciadas e não discutidas, pois nossa intenção é priorizar os estudos

linguísticos, utilizando a História, a Sociologia e a Política apenas como ciências complementares à abordagem socioterminológica.

## 6.2 Descrição e análise da neologia

Serão adotados os conceitos e as definições propostas no capítulo 3 – Fundamentação, Escolhas e Proposições Teórico-Metodológicas.

A neologia caracteriza todos os termos de nosso *corpus* de análise da Educação do Campo.

**É a neologia morfossintática/ sintagmática, a que se dá pela formação de um novo signo a partir da combinação de vários signos distintos já existentes na língua, a que mais se destaca quantitativamente e qualitativamente. É nosso foco nesta tese este tipo de neologia.** Aspectos semânticos serão abordados complementarmente à análise da neologia morfossintática/ sintagmática.

Os tipos de neologia apresentam-se, na maioria dos casos, interligados; separações são meramente didáticas e, por isso, podem parecer contraditórias ou desnecessárias, em alguns casos.

Neste trabalho, serão adotadas as distinções entre:

### **(a) neologia como processo principal**

(a1) neologia como processo principal isolado

(a2) neologia em combinatória

### **(b) neologia como processo complementar**

Com base nas proposições de Barbosa (1981, p. 175-202) para a distinção da neologia específica ou propriamente dita e a criação fonológica como processo complementar, quando a autora trata da neologia fonológica, consideramos, neste trabalho, os tipos de neologia: principal e complementar, conforme os itens que seguem.

#### 6.2.1 Neologia como processo principal

A neologia como processo principal, de acordo com os propósitos desta tese, pode ser descrita de acordo com os processos de criação lexical expostos no capítulo 3, Fundamentação, escolhas e proposições Teórico-metodológicas.

Assim, consideraremos como **neologia principal o processo de formação que primeiramente desencadeia o fenômeno da criação lexical.**

Como exemplos da área da Educação do Campo, podemos citar os tipos de neologia principal e alguns termos que podem ser agrupados em cada categoria:

**(a) Neologia morfossintática/ sintagmática**

- (1) alfabetização de jovens e adultos em assentamentos
- (2) alunos residentes na área rural
- (3) articulação nacional por uma Educação Básica do Campo
- (4) Caderno de Formação do MST
- (5) Coletivo nacional do Setor de Educação
- (6) desenvolvimento cultural dos assentados
- (7) direito à educação dos povos que vivem e trabalham no campo
- (8) direitos dos povos do campo ao conhecimento
- (9) educação básica nas áreas de reforma agrária do MST
- (10) Educação do Movimento Sem Terra
- (11) educação dos povos do campo
- (12) educação no campo
- (13) Educação Popular do Campo
- (14) ENEJA
- (15) escolarização dos sujeitos do campo
- (16) expansão de escolas do campo
- (17) formação da identidade Sem Terra
- (18) Grupo Executivo de Ensino Agrícola
- (19) identidade da Educação do Campo
- (20) licenciatura em Educação do Campo
- (21) luta pela escola
- (22) paradigma da educação do campo
- (23) Pedagogia da Educação Infantil no MST
- (24) pedagogia do Movimento Sem Terra

**(b) Neologia semântica**

- (1) Marcha
- (2) brigada

**(c) Neologia por empréstimo interno**

- (1) agricultura agroecológica
- (2) agenda do Movimento
- (3) ANCA
- (4) aniversário do assentamento
- (5) campo da agricultura camponesa
- (6) concepção de campo
- (7) conjunto da população do campo
- (8) criança Sem Terra
- (9) Direção Estadual do Movimento Sem Terra
- (10) Direção Nacional do MST
- (11) direito à terra
- (12) Filosofia da Práxis
- (13) hino do MST
- (14) história do acampamento
- (15) INCRA
- (16) ITERRA
- (17) jovem rural
- (18) lutador do povo
- (19) povos que vivem no campo
- (20) PROCERA
- (21) realidade da juventude Sem Terra
- (22) Sem Terrinha

## 6.2.2 Neologia como processo complementar

Consideramos neologia complementar o processo de formação desencadeado por outro fenômeno de criação lexical, ou seja, uma consequência de uma causa.

Exemplificando, Barbosa (1981) comenta um dos casos da neologia fonológica como processo complementar:

Pode ocorrer que, na composição ou derivação, alguns elementos fonológicos sejam suprimidos ou acrescentados ou transformados. Nesse caso, a mutação fonológica é consequência de um outro processo de neologismo. Primeiramente, houve composição ou derivação e, em seguida, dá-se a mutação fonológica, isto é, a modificação do significante. A mutação fonológica é, então, um epifenômeno. Veja-se, por exemplo, *Fantaíva*. Uma vez que se deriva uma palavra de outra, ou se compõe uma terceira palavra decorrente da justaposição ou aglutinação de duas outras, cria-se um novo significante – uma sequência fonológica inédita –, mas que é consequência e não causa, que é produto e não processo. (BARBOSA, 1981, p. 185-186).

Alves (2007a), em relação à neologia sintagmática e à neologia semântica, também estabelece um caráter de complementaridade:

Nota-se [...] que a criatividade lexical de caráter semântico produz também um novo sintagma neológico. Os segmentos frasais *surfista ferroviário* e *troça carnavalesca* desempenham função significativa em parte estabelecida pelos seus semas integrantes e em parte resultante de uma convenção, o que caracteriza toda unidade sintagmática neológica. Em toda criação sintagmática, portanto, está também implícita uma criação semântica. (ALVES, 2007a, p. 63-64).

Assim, as duas autoras explanam suas considerações acerca da neologia complementar de um outro tipo de neologia primordial.

Em nosso *corpus* de análise da área da Educação do Campo, encontramos dois tipos de neologia como processo complementar:

### (a) **Neologia fonológica e neologia semântica como processos complementares da criação no eixo sintagmático**

A **neologia morfossintagmática**, ora proposta por nós nesta tese, está intimamente ligada aos processos de criação fonológica e de criação semântica. Ao serem organizadas sequências sintáticas inéditas, há, como processos complementares, uma nova sequência fonológica (em alguns casos, como em decorrência da formação de acrônimos) e uma nova carga semântica, que dão o suporte necessário à configuração, à transmissão e à

(re)interpretação do novo signo linguístico criado por qualquer uma das manifestações da neologia sintagmática.

**Os processos de neologia fonológica e neologia semântica são complementares, pois decorrem da forma principal, no caso, a neologia morfossintagmática; primeiro há a organização inédita no nível morfológico (de lexia) e no nível sintático (de frase), decorrendo dessa nova forma a neologia complementar.** Tendo em vista a **natureza do signo linguístico** que levamos em conta nesta tese - expressão (significante) e conteúdo (significado) são indissociáveis-, e qualquer alteração em um plano gera alteração no outro.

Como exemplos de nosso *corpus* de análise, que são representantes desses tipos de neologia como processos complementares, ao mesmo tempo, podemos citar alguns de nossos acrônimos:

- (1) MAB
- (2) ANCA
- (3) ITERRA
- (4) TAC
- (5) ENEFA
- (6) ENEJA
- (7) GETEP

Uma análise mais detalhada da neologia fonológica como processo complementar é apresentada nos itens 3.5.1 Neologismos terminológicos fonológicos e gráficos e 6.2.2.1 Neologismos fonológicos e gráficos.

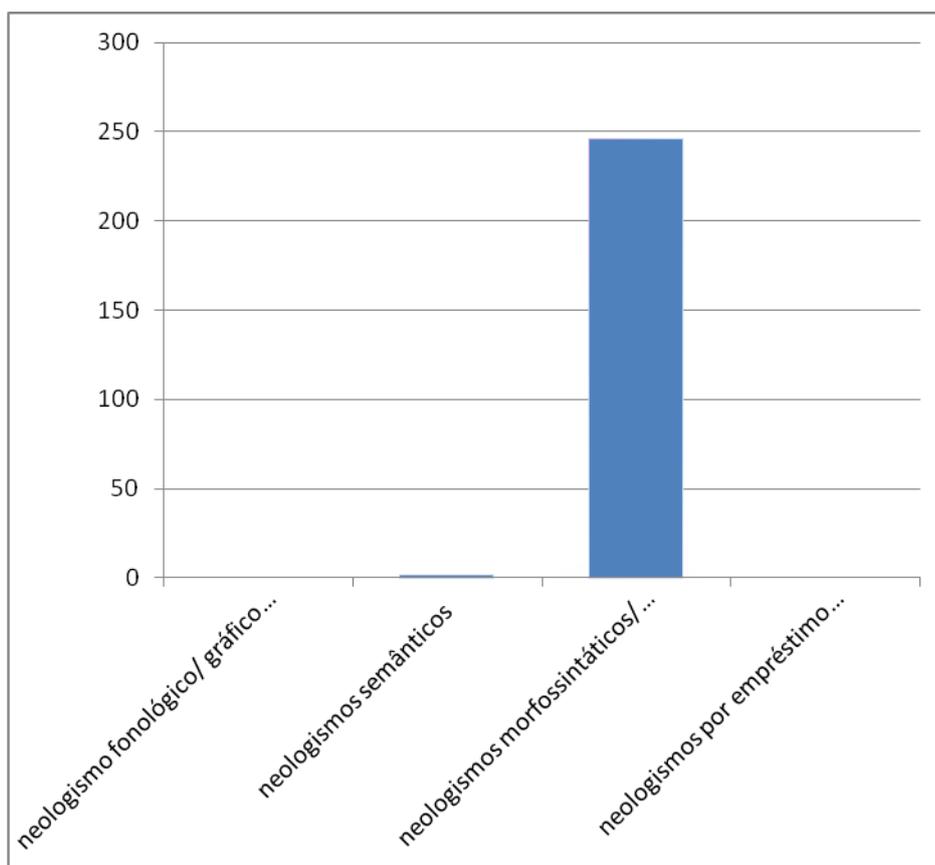


Gráfico 2 - Distribuição entre os tipos de neologia: fonológica/ gráfica, morfossintática/ sintagmática, semântica e por empréstimo - como processo principal e isolado. Fonte: autora, 2011

**A neologia morfossintagmática é o tipo mais expressivo quantitativamente, considerando-se a neologia como processo principal e de forma isolada** (ou seja: desconsiderando-se a neologia como processo combinatório e a neologia como processo complementar), apenas para fins didático-metodológicos.

Na realidade, todas essas distinções são didáticas, pois os tipos de neologia estão intimamente imbricados na maioria dos casos, o que se verifica também no *corpus* de análise desta tese, formado por compostos sintagmáticos – os limites da neologia como processo principal e da neologia como processo complementar são difíceis de distinguir.

**Qualitativamente**, a neologia sintagmática também é mais representativa, visto que este processo é o formador da maioria dos termos relativos aos princípios, à metodologia, à organização estrutural, aos atores sociais e aos fins e ideais da Educação do Campo.

Os tipos de neologia fonológica e semântica são mais expressivos como processo complementar ou em combinação com outras formas de criação, no caso a própria neologia morfossintática/ sintagmática.

A neologia por empréstimo (empréstimo interno) é também fecunda em combinação com outros tipos de criação, conforme gráfico 3.

Nos itens seguintes serão analisados os principais tipos de neologia, responsáveis pela formação dos termos da área de Educação do Campo.

#### 6.2.2.1 Neologismos fonológicos e gráficos

A neologia fonológica, a formação de palavras com base em modificações fonológicas, motivadas ou não por um referente, não é representativa no *corpus* deste trabalho como processo principal: todos os termos tiveram sua formação com base em lexias ou sintagmas existentes, não havendo criação de sequências fonológicas "do nada".

Podemos citar ocorrências de neologia fonológica como processo complementar do processo de neologia morfossintagmática o processo de siglação (acronímia): *ENEJA*, *ENEFA*, *GETEP*, *TAC*, *ETE*, entre outros que, em decorrência de uma nova formação sintagmática, constituem-se em novas cadeias fonológicas, inéditas em nosso sistema linguístico, com novos conteúdos - o que gera também, complementarmente, a contrapartida semântica: o processo de neologia semântica complementar, que será discutido posteriormente.

Para a análise dos processos de formação de neologismos, partimos do ponto de vista do processo principal, desencadeador da neologia e também da análise dos processos dele decorrentes, os secundários ou complementares.

Especificamente no caso da neologia fonológica como processo complementar, pode-se afirmar que sempre está relacionada à neologia morfossintagmática/ morfossintática, pois as mudanças no eixo sintagmático podem ocasionar uma nova sequência fonológica, produto do processo de criação sintagmático.

##### 6.2.2.1.1 Neologismos fonológicos decorrentes de processos de siglação (acronímia)

O processo de siglação carrega, em caráter complementar, criações no plano fonológico.

As siglas, uma vez formadas, podem derivar outros termos, deixando de ser termos resultantes para tomarem o papel de novas bases - como será verificado mais detalhadamente no item 6.2.4, que trata da formação dos neologismos morfossintagmáticos.

Assim, termos acronímicos como *ENEFA*, *GEAGRI*, *PROJOVEM*, *GETEP*, *ETA*, *CEETEPS* vêm acompanhados de inovações no plano fonológico da língua, conforme nosso ponto de vista de análise de neologismos, transformando-se de combinatória livre para lexia fixa (composta) e, após, para lexia simples (a própria forma acronímica) e, por fim, ocorre a

transformação fonológica neológica (BARBOSA, 1981, p. 188), com a passagem de uma série de letras para uma palavra da língua.

Por exemplo: CEETEPEPS é uma nova sequência fonológica, ou melhor, uma nova sequência sintagmática que resultou em uma lexia simples, no caso o acrônimo Ceeteps, o qual ganhou autonomia, "vida própria", constituindo-se em um novo termo, de cunho enciclopédico, pois se trata do nome de uma instituição de ensino. "O Ceeteps" é utilizado com artigo definido masculino, faz concordância com os verbos das orações em que ocorre, como em "O novo Ceeteps foi inaugurado em maio de 2013, em São Paulo, com sede na Santa Ifigênia, São Paulo - SP".

Esses acrônimos podem, inclusive, dar origem a outras palavras/ termos. Exemplo: "Fatec" - (Faculdade de Tecnologia) - dá origem a "fatecano", que pode carregar marcas de plural, de feminino, entrar como elementos formantes em termos compostos, constituindo-se realmente em novas formas da língua, como pode ser atestado em: "Os *fatecanos* podem fazer provas de proficiência em língua inglesa com desconto [...]" ou "As *fatecanas* organizaram torneio esportivo feminino para toda a cidade de São Paulo", ou ainda "Os *fatecanos de Cristo* da Fatec São Paulo abrem as portas para os calouros de 2013 [...]", e assim por diante.

### 6.2.3 Neologia em combinatória

Além da neologia como processo principal e da neologia como processo complementar de outras formas de criação, propõe-se nesta tese a combinação de dois ou mais tipos de neologia como processo principal e não como forma secundária ou consequência de um processo anterior.

Essa proposição da neologia em combinatória tem a pretensão de contribuir para os estudos da criação lexical, assunto já bastante estudado e discutido, conforme conceitos expostos no capítulo 3, Fundamentação, escolhas e proposições teórico-metodológicas.

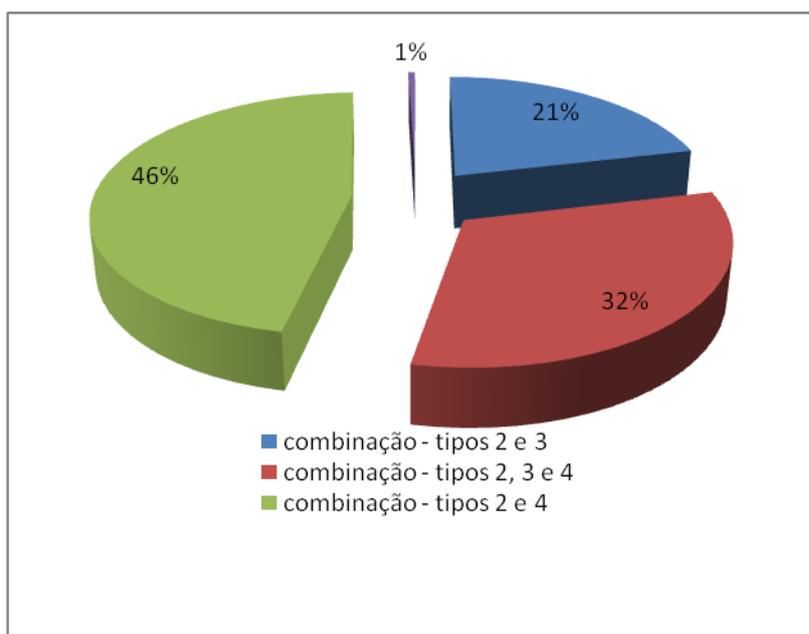


Gráfico 3 - Combinações entre os tipos de neologia: 1. fonológica/ gráfica, 2. morfossintática/ sintagmática, 3. semântica e 4. por empréstimo - como processo principal, em combinatória. Fonte: autora, 2011.

Fizemos questão de destacar os neologismos formados por empréstimos internos (mesmo sistema linguístico, mas outras áreas do saber) para demonstrar o caráter altamente ideológico dos termos e a intersecção com outras áreas do conhecimento.

O maior número de ocorrências é a combinação dos tipos 2 e 4: **neologismos morfossintagmáticos** e **neologismo por empréstimo interno**, com quase 50% das ocorrências.

A combinação dos tipos 2,3 e 4 perfaz cerca de 30% das ocorrências. Essa combinação refere-se aos tipos de neologismos: **morfossintagmáticos**, **semânticos** e **por empréstimo interno**.

Também é muito representativa a combinação dos tipos de neologia 2 e 3, neologismos morfossintagmáticos e semânticos, respectivamente, com cerca de 20% das ocorrências.

**Propomos uma diferenciação entre a neologia semântica como processo complementar e a neologia semântica em combinatória** - não representa apenas um novo significado decorrente de uma nova combinatória no eixo sintagmático (neologia como processo complementar), mas um novo significado e ainda metafórico, daí o caráter combinatório proposto nesta tese – ou seja: houve uma intencionalidade em se criar um novo significado, que tem a mesma importância da criação no eixo sintagmático – por isso propomos neologia em combinação e não, nesse caso, como processo complementar.

**Em relação aos tipos de neologismo associados ao empréstimo interno**, trata-se de combinatória e não de complementaridade, pois os termos foram formados por diversos processos em suas áreas de origem, como o processo morfossintático e sintagmático (o mais

expressivo) e depois formam transportados para a área que deles se apropriou (Educação do Campo) e lhes conferiu novo significado (daí sim a neologia semântica como processo complementar).

**A neologia complementar (ou secundária) é consequência de um outro tipo de neologia, que é a causa (a principal).**

**A neologia em combinatória proposta nesta tese não é consequência, mas sim afirmamos que ocorrem, paralelamente, em planos discursivos diversos** (como em diferentes vocabulários de linguagens de especialidade que permutam termos) **com o mesmo grau de importância, dois ou mais tipos de neologia.** Daí serem considerados os dois processos como principais (em combinação) e não como complementares (um principal e outro(s) secundário(s)).

Novamente é necessário ressaltar que os tipos de neologia são constructos teóricos para a representação de um fenômeno linguístico dinâmico - como tudo que está relacionado à língua e à linguagem. Dessa forma, as proposições mais generalizantes acabam insuficientes para todas as especificidades da comunicação humana.

Com fins metodológicos e didáticos, serão utilizadas as classificações propostas como base para a descrição do fenômeno da neologia na terminologia da Educação do Campo, sem o intuito de esgotar o assunto da criação lexical, discutido há décadas pela Filologia e pela Linguística.

(a) **combinação - tipos 2 e 3 - neologismos morfossintagmáticos e semânticos = 91 ocorrências**

<b>termo</b>	<b>Subtipos de neologia em combinatória</b>
analfabetismo nos assentamentos	composição sintagmática e metonímia
campo da educação do campo	composição sintagmática e metáfora
Educação Básica do Campo	composição sintagmática e metonímia
Educação do Campo	composição sintagmática e metonímia
ocupação da escola	composição sintagmática e metáfora
projeto político da Educação do Campo	composição sintagmática e metonímia
realidade como base da produção do conhecimento	composição sintagmática e metáfora
sem-terra como sujeito de sua pedagogia	composição sintagmática e metonímia
memória da educação do campo	composição morfossintagmática e metonímia
Mística dos educadores	composição morfossintagmática e metáfora

Figura 35 – Subtipos da combinatória dos neologismos morfossintagmáticos e semânticos (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Toda combinatória inédita no eixo sintagmático gera inediticidade semêmica; contudo, **priorizamos enfatizar a combinatória entre os subtipos de neologia a composição**

**morfossintagmática e metáfora e metonímia, visto que não há apenas uma nova combinatória semântica, como também um acréscimo de semas conotativos.**

Assim, o termo *memória da educação do campo* carrega o significado metonímico da substituição do conceito abstrato da "capacidade mental de lembrar-se de algo" pelo conceito concreto de "relato historiográfico dos feitos de um povo".

**(b) combinação - tipos 2, 3 e 4 - neologismos morfossintagmáticos, semânticos e empréstimo interno = 136 ocorrências**

termo	Subtipos de neologia em combinatória
ações do MST	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
adolescência Sem Terra	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
comunidade camponesa	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
concepção de campo	composição sintagmática, metáfora, metonímia e empréstimo interno
juventude das áreas de reforma agrária	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
luta por terra	composição sintagmática, metonímia e empréstimo interno
mística da luta pela terra	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da abertura	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da luta	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da luta popular	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística da militância	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística do militante	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística do Movimento	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno
mística dos povos do campo	composição sintagmática, metáfora e empréstimo interno

Figura 36 – Subtipos da combinatória dos neologismos morfossintagmáticos, semânticos e empréstimo interno – (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

As composições sintagmáticas associam-se a metáforas, a metonímias e a empréstimos internos para a formação de termos complexos da área de Educação do Campo.

Neste subitem, temos a intenção de demonstrar algumas das possibilidades de combinação de vários subtipos na criação terminológica.

Assim, em *ações do MST*, temos o recurso da metonímia com a substituição dos integrantes pelo nome da instituição MST - são ações executadas pelas pessoas que compõem o MST - a instituição por si nada executa.

Em *adolescência Sem Terra*, temos a ocorrência da metonímia caracterizada pela nomeação de substantivos concretos, os *adolescentes Sem Terra*, pelo substantivo abstrato *adolescência Sem Terra*. O mesmo ocorre em *juventude das áreas de reforma agrária* - e também em *luta por terra*, em que *terra*, substantivo concreto, acaba designando substantivos abstratos como dignidade, justiça, oportunidades de trabalho etc.

Em *comunidade camponesa*, o processo da metonímia se dá pela substituição dos indivíduos (*camponeses*) pelo coletivo (*comunidade camponesa*).

Já na formação do termo *concepção de campo*, constatamos que *campo* substitui os sujeitos, as ações e todos os processos de luta pelos direitos dos habitantes de zonas rurais - daí temos a relação metonímica de lugar pelas pessoas ou acontecimentos. Ao lado dessa relação metonímica, encontra-se a metáfora da concepção no sentido de "gerar um novo significado ou uma interpretação" a um conceito. Nessa instância, *conceber* seria relacionado a um pensamento particular ou novo acerca de algo.

Já nos termos *mística da luta pela terra*, *mística da luta popular*, *mística da militância*, *mística do militante* e *mística dos povos do campo* há o emprego metafórico de *mística*, que significa "um conjunto de valores transcendentais", uma "força além dos limites do conhecido".

Além disso, todos os termos discutidos neste subitem caracterizam-se por serem também empréstimos internos de outras áreas, como a Reforma Agrária e os movimentos sociais que lutam por ela, nos campos da Política, da História e da Sociologia – e não a área da Educação.

**(c) combinação - tipos 2 e 4 - neologismos morfossintagmáticos e empréstimo interno = 198 ocorrências**

<b>termo</b>	<b>Subtipos de neologia em combinatória</b>
acampamento do MST	Composição sintagmática e empréstimo interno
ações do MST	Composição sintagmática e empréstimo interno
adolescência Sem Terra	Composição sintagmática e empréstimo interno
agricultura camponesa	Composição sintagmática e empréstimo interno
<i>Anca</i>	sigla e empréstimo interno
áreas de assentamento	Composição sintagmática e empréstimo interno
coletivo Sem Terra	Composição sintagmática e empréstimo interno
comunidade de acampamento	Composição sintagmática e empréstimo interno
conquista da terra	Composição sintagmática e empréstimo interno
criança Sem Terra	Composição sintagmática e empréstimo interno
cultura camponesa	Composição sintagmática e empréstimo interno
dia-a-dia do assentamento	Composição sintagmática e empréstimo interno
EP	Sigla e empréstimo interno
INCRA	sigla; empréstimo interno
ITERRA	sigla; empréstimo interno
pré-assentamento	derivação prefixal; empréstimo interno
PROCERA	sigla; empréstimo interno
relação campo-cidade	Composição sintagmática e empréstimo interno
Sem Terrinha	derivação sufixal; empréstimo interno
vida do campo	Composição sintagmática e empréstimo interno
vida no campo	Composição sintagmática e empréstimo interno
vivência geradora	Composição sintagmática e empréstimo interno

Figura 37 – Subtipos da combinatória dos neologismos morfossintagmáticos e empréstimo interno (amostragem). **Fonte: a autora**, 2011.

Os termos apresentados neste subitem são formados por composições propriamente ditas e por composições sintagmáticas associadas a empréstimos internos - apropriação de termos oriundos de outras áreas do saber, ligadas à Educação do Campo, tendo em vista suas relações socioeconômicas e culturais: Sociologia, História, Política, História dos Movimentos Sociais do Campo, Educação Geral (comum).

Dessa forma, esses termos, que têm um papel fundamental na rede conceitual da Educação do Campo, não são exclusivos e nem tiveram sua origem nesta área, mas são provenientes de outros domínios.

Quando da formação dos termos em questão, já houve os processos de composição, o que configura a neologia morfossintagmática, o que não pode ser ignorado em uma análise mais acurada da tipologia de neologismos subjacentes à formação de uma terminologia. Primeiro deu-se, então, a nova combinatória no eixo sintagmático e, depois, essas palavras técnico-científicas foram apropriadas pela Educação do Campo, mantendo em parte seu significado inicial e, em outra instância, um novo significado, complementar às formas de criação morfossintagmática e por empréstimo interno (neologia semântica como processo complementar).

#### 6.2.3.1 Tensão entre língua falada e língua escrita: a neologia decorrente de alterações gráficas

A oposição entre língua falada e língua escrita é uma fonte de neologia, bem como interferências da língua falada (fonéticas e fonológicas) na língua escrita (gráficas). (GUILBERT, 1975).

Alves (2007a, p. 12-13) aponta que, apesar de a neologia fonológica ser extremamente rara, algumas manipulações no significante são utilizadas para a criação de efeitos de sentido. A autora cita o exemplo de *tchurma* e *bebemorar*, que permitem rápida associação do ouvinte/leitor.

Quanto às alterações gráficas do significante, pertinentes unicamente à língua escrita, a autora cita o emprego da forma *xou*, como em *xou da Xuxa*.

No *corpus* de análise desta pesquisa, os neologismos gráficos têm natureza menos estilística que ideológica.

Podemos citar a ocorrência de *sem-terra* e de *Sem Terra*. Em certa instância, *sem-terra* é a forma preferencial, já dicionarizada nas obras lexicográficas da língua portuguesa:

**sem-terra.** *Adj. 2 g. e 2 n. S. 2 g. e 2 n.* Diz-se de, ou trabalhador rural que não possui, ou não dispõe de terreno no qual possa exercer sua atividade. (FERREIRA, 2004, p. 1827)

**sem-terra.** *S. 2 g. 2 n. e apos. (1970).* B relativo a ou indivíduo. Esp. Camponês ou trabalhador rural, que não tem a posse legal da terra em que vive ou trabalha ou que, por não possuir terra, serve de mão-de-obra agrícola (ger temporária) [...] (HOUAISS, 2001, p. 2544)

**sem-terra.** *Adj. s.2g.2n.* (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2009, p. 749).

Mas também ocorre *sem terra*, grafada sem o hífen e com iniciais minúsculas:

A expressão "sem terra" apareceu inicialmente na Constituinte de 1946, quando se colocou em pauta pela primeira vez a necessidade de uma reforma agrária no Brasil. Depois, integrou o nome do Master [Movimento dos Agricultores Sem Terra]. Mas foi a imprensa que cunhou definitivamente essa expressão a partir do final da década de 1970. (MORISAWA, 2001, p. 139).

*Sem Terra* seria, segundo uma concepção mais simplista ou direta, um neologismo meramente gráfico, uma variante gráfica de um termo já existente: *sem-terra* - este sim formado de acordo com a norma-padrão de nossa língua.

A forma *Sem Terra* teve origem como um neologismo gráfico, cuja inovação semântica está atrelada à ideologia da Educação do Campo - e ainda de uma área mais abrangente, a dos movimentos sociais do campo que lutam pela reforma agrária no Brasil.

Conforme já comentado, as distinções entre um e outro tipo de neologia têm caráter sobretudo metodológico, pois é difícil estabelecer limites claros entre as várias formas de criação lexical que caracterizam cada item da língua.

Assim, *Sem Terra*, forma que pode ser considerada um neologismo particularmente gráfico, adquire o aspecto de neologismo semântico, visto que veicula um significado diferenciado do conjunto de semas que caracterizam *sem-terra*.

**Pode-se afirmar, ainda, que as relações entre os sememas de *Sem Terra* e de *sem-terra*, em um nível de análise mais profundo, passaram de sinonímia para antonímia**, visto que *Sem Terra* foi criado deliberadamente pelos teóricos da Educação do Campo para substituir não somente a forma, mas o conteúdo dicionarizado de *sem-terra*, pois o significado de *sem-terra*, que passou para o senso comum e deste para os dicionários, não é o desejado pelos atores sociais da Educação do Campo.

Para os limites deste trabalho, desejamos enfatizar que uma variação gráfica, que origina um neologismo no âmbito do significante, representa uma ideologia, não representa apenas a troca de uma letra por outra.

Assim como o exemplo de *Sem Terra* versus *sem-terra*, os exemplos de Alves, *show* versus *xou* carregam uma carga ideológica bem marcada, pois *show* faria o papel de "qualquer evento", "qualquer apresentação", ao passo que *xou* referia-se exclusivamente à apresentadora da televisão brasileira Xuxa, nome de que se origina a grafia com "x" inicial no lugar das iniciais *sh* da língua inglesa; por sua vez, o termo original também é caracterizado pela forma de neologismo por empréstimo externo, de outra língua, corroborando a tese de que os tipos de neologia ocorrem em combinatória, além de complementarem os processos de formação uns dos outros.

#### 6.2.4 Neologismos morfossintáticos/ sintagmáticos: a proposição da neologia morfossintagmática

No plano da organização horizontal dos elementos na frase, temos a **neologia sintagmática**, cujo princípio é a formação de um novo signo a partir da combinação de vários signos distintos já existentes na língua (GUILBERT, 1975, p. 101).

Para os objetivos desta tese, faz-se necessário sistematizar as composições que apresentam um caráter sintagmático e também as peculiaridades morfológicas que caracterizam a terminologia da Educação do Campo. Dessa forma, propomos um neologismo, "neologia morfossintagmática", com base nos conceitos e respectivas expressões já existentes: "neologia sintática", "neologia sintagmática", "morfologia".

Na neologia morfossintagmática, há uma organização inédita no nível morfológico (de lexia) e no nível sintático (de frase) – assim utilizaremos o termo **neologia morfossintagmática** para enfatizar a criação em nível de lexia e que também possui um caráter frásico, a fim de **realçar a importância do sintagma como constituinte fundamental da terminologia da área de Educação do Campo.**

Este termo *morfossintagmático* será utilizado como sinônimo terminológico de *sintagmático* e de *morfossintático*, um sinônimo de ênfase, uma proposição e uma escolha nesta tese.

Os subtipos da neologia morfossintática são, tradicionalmente: derivação prefixal, derivação sufixal; composição sintagmática e composição propriamente dita. A neologia acronímica ou siglação é a formada pela redução do sintagma, com a formação de um novo composto, constituído pelas letras ou pelas sílabas iniciais de cada elemento, além de outras modalidades de formação.

### 6.2.4.1 Análise morfossintática das principais formações

Apresentamos as principais estruturas morfossintáticas que caracterizam os compostos sintagmáticos de nosso *corpus*:

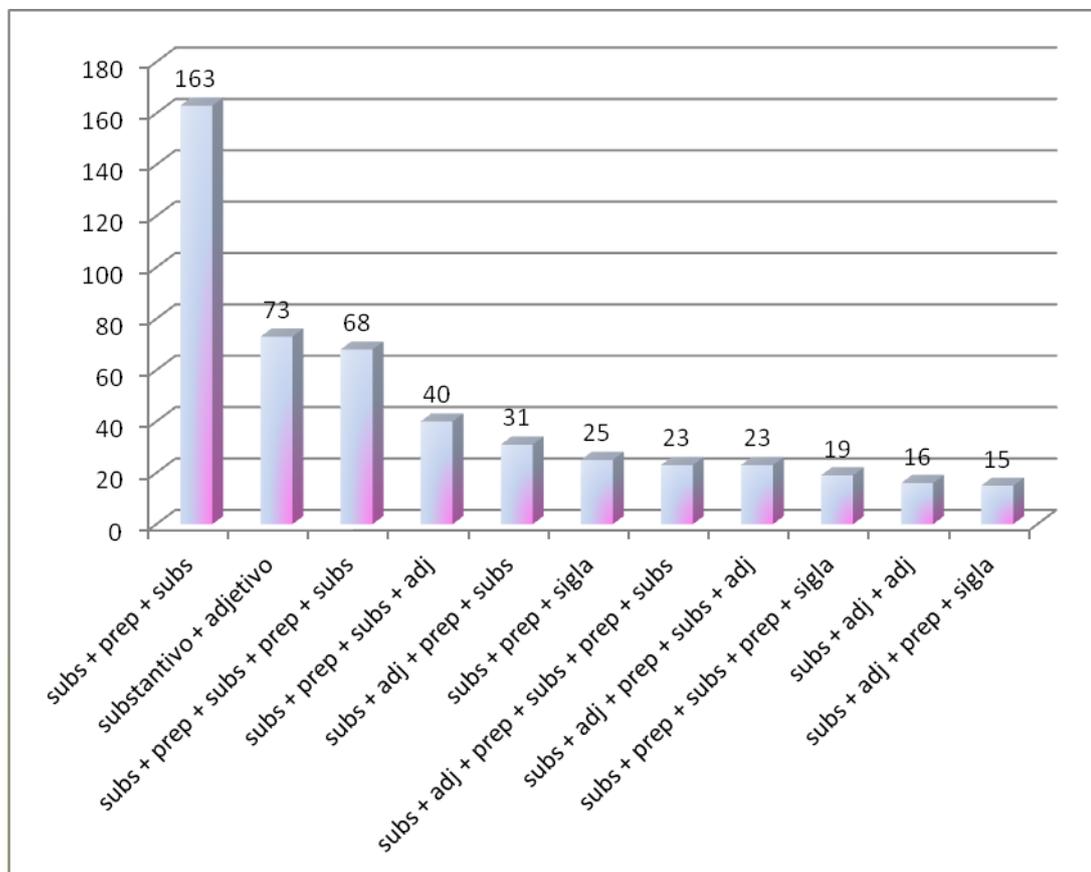


Gráfico 4 - Estrutura morfossintática das formas mais representativas (que possuem mais de 15 ocorrências)/ Total de termos: 670. Fonte: A autora, 2011.

**Note-se que a estrutura *substantivo + preposição + substantivo* é a mais produtiva.**

De nosso *corpus* da área de Educação do Campo, consta um percentual de aproximadamente 25% de termos compostos de acordo com a estrutura *substantivo + preposição + substantivo*.

É fundamental a análise da estrutura semântica para uma descrição mais abrangente das estruturas morfossintáticas - o que faremos de modo complementar, por não ser o foco desta tese a análise da neologia semântica.

São os exemplos de termos formados de acordo com a estrutura *substantivo + preposição + substantivo*:

<b>estrutura sintagmática:</b>	<b>substantivo + preposição + substantivo</b>	
<b>número absoluto:</b>	163	
<b>Percentual Aproximado:</b>	25%	
<b>exemplos:</b>		
1. agenda do Movimento	77.	jornalzinho do assentamento
2. analfabetismo nos assentamentos	78.	jovem da roça
3. aniversário do assentamento	79.	jovem de assentamento
4. áreas de assentamento	80.	jovem no assentamento
5. assembleia de assentados	81.	juvens de acampamento
6. assembleia do assentamento	82.	juvens do assentamento
7. Atingidos por Barragens	83.	juventude do campo
8. bandeira do Movimento	84.	latifúndio do analfabetismo
9. campo do agronegócio	85.	latifúndio do saber
10. coletivo da escola	86.	líder de assentamento
11. coletivo de educadores	87.	luta do assentamento
12. coletivo de professores	88.	luta dos trabalhadores
13. coletivo dos alunos	89.	luta pela escola
14. coletivos de Educação	90.	luta por escola
15. companheiro de luta	91.	luta por terra
16. companheiro do assentamento	92.	lutador do povo
17. compreensão do campo	93.	mística da abertura
18. comunidade de acampamento	94.	mística da luta
19. comunidade de assentamento	95.	mística da militância
20. concepção de campo	96.	mística do militante
21. conjunto do Movimento	97.	mística do Movimento
22. conjunto dos acampados	98.	Mística dos educadores
23. conjunto dos assentados	99.	movimentos do campo
24. conquista da terra	100.	mulher da terra
25. coordenação do assentamento	101.	mulher do campo
26. cotidiano do Movimento	102.	necessidades do campo
27. criança de assentamento	103.	ocupação da escola
28. cultivo da mística	104.	ocupação da terra
29. cultura do campo	105.	organicidade do Movimento
30. desenvolvimento do campo	106.	organização do assentamento
31. dinâmica do campo	107.	Pedagogia da Alternância
32. direito à educação	108.	Pedagogia da Cooperação
33. direito à escola	109.	Pedagogia da Cultura
34. direito à escolarização	110.	Pedagogia da História
35. direito à terra	111.	pedagogia da luta
36. direito ao conhecimento	112.	Pedagogia da Práxis
37. dirigente do Movimento	113.	Pedagogia da Terra
38. Educação do Campo	114.	Pedagogia de Alternância
39. educação dos camponeses	115.	Pedagogia de Projetos
40. Educação dos Sem Terra	116.	pedagogia do Movimento
41. educação dos sem-terra	117.	Pedagogia do Oprimido
42. educação no assentamento	118.	Pedagogia do trabalho
43. educação no campo	119.	pedagogo do povo
44. educador do campo	120.	permanência na terra
45. educador do MST	121.	pobres do campo
46. Educador do Povo	122.	população do campo
47. encontros dos Sem Terrinha	123.	população sem-terra
48. equipe de educação	124.	povo do campo
49. escola como cooperativa	125.	povos da floresta
50. escola de acampamento	126.	povos da terra
51. escola de assentamento	127.	povos do campo
52. escola do assentamento	128.	problemas do assentamento
53. escola do campo	129.	processo de formação do MST
54. Escola do Trabalho	130.	professor de assentamento

55. escola em movimento	131. professor de dentro
56. escola no campo	132. professor de fora
57. escola no assentamento	133. professora de assentamento
58. especificidades do campo	134. projeto de campo
59. família do assentamento	135. proposta da cooperativa escola
60. farmácia do acampamento	136. realidade do acampamento
61. festa do assentamento	137. realidade do campo
62. filho de assentados	138. realidade dos Sem Terra
63. Filosofia da Práxis	139. reconstrução do campo
64. formação de militantes	140. resistência no campo
65. formação dos Sem Terra	141. saúde no assentamento
66. hino dos ST	142. Setor de Educação
67. história da luta	143. sujeito da educação
68. história do acampamento	144. sujeito do campo
69. história do assentamento	145. sujeitos da escola
70. História do Movimento	146. técnico em agropecuária
71. homem da terra	147. trabalhador do campo
72. homem do campo	148. trabalho do campo
73. identidade de camponês	149. trabalho no assentamento
74. infância do campo	150. vida do campo
75. interesses do campo	151. vida no campo
76. jornada da luta	

Figura 38 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

A forma *substantivo + preposição + substantivo* (mais frequente em português) concorre com a estrutura *substantivo + substantivo* (de origem inglesa), segundo Alves (2001b, p. 59).

Apresentamos a seguir alguns contextos de utilização dos termos sintagmáticos, alguns com a estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, para ilustrar as ocorrências.

**Enfatizamos que todos os contextos apresentados nesta tese foram escolhidos, dentre muitos outros, para propiciar um alcance cognitivo dos conceitos que envolvem a Educação do Campo e os contextos políticos, socioeconômicos, históricos e culturais que a dimensionam, além de abonar as estruturas morfossintáticas selecionadas para nosso corpus.** Poderiam ter sido transcritos muitos outros contextos, mas, devido aos limites deste trabalho, foi necessário escolher, dentre um grande universo, as frases e parágrafos para validação da ocorrência e da pertinência dos termos sintagmáticos em nosso *corpus* de análise. Nem todos os termos constantes dos contextos selecionados entraram para o *corpus* de análise final, mas, como fazem parte do percurso epistemológico que fundamenta esta tese, os apresentamos.

**Esclarecemos que foram respeitadas a utilização de letras maiúsculas, de itálico, de negrito, de sublinhado, de acordo com os textos originais de nossos corpus.** Inserimos os caracteres < > para delimitar os termos. Essa foi nossa única intervenção nos contextos, além da inclusão das informações sobre as fontes entre os caracteres ( ), de acordo com nossas Fichas de Fontes e de acordo com nossas Referências Bibliográficas. Os caracteres [...]

demonstram a exclusão de trechos dos contextos, a fim de não tomar um espaço desmedido neste trabalho. Eventuais comentários ou complementações, a fim de dar sentido e elucidar os contextos, que são trechos, não textos inteiros, são feitas entre [ ]. **A grafia dos termos foi mantida, bem como a antiga ortografia, antes do mais recente Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa. Eventuais parênteses ( ) dentro dos contextos são originais dos autores dos enunciados.**

Seguem então os contextos:

A segunda referência para esta interlocução é a <Pedagogia do Oprimido> e toda a tradição pedagógica decorrente das experiências da <Educação Popular>, que incluem o diálogo com as matrizes pedagógicas da opressão (a dimensão educativa da própria condição de oprimido e da cultura (a cultura como formadora do ser humano), especialmente em Paulo Freire. A <Educação do Campo> talvez possa ser considerada uma das realizações da <Pedagogia do Oprimido>, à medida que afirma os <pobres do campo> como sujeitos legítimos de um processo emancipatório e, por isso mesmo, educativo. (MOLINA, JESUS, 2005, p. 21)

E a terceira referência pedagógica para a Educação do Campo vem de uma reflexão teórica mais recente, que estamos chamando de <Pedagogia do Movimento>, que também dialoga com as tradições anteriores, mas se produz desde as experiências educativas dos próprios <movimentos sociais do campo>. Trata-se de uma <matriz pedagógica> cuja constituição teórica se dá no mesmo tempo histórico < (MOLINA, JESUS, 2005, p. 21)

[...]

<Educação do Campo> é incompatível com o modelo de <agricultura capitalista> que combina hoje no Brasil <latifúndio> e <agronegócio> [...]. <Educação do Campo> combina com <Reforma Agrária>, com <agricultura camponesa>, com <agroecologia popular> [...](MOLINA, JESUS, 2005, p. 21)

<Educação do Campo> tem vínculo de origem com as <lutas sociais camponesas>. Pensa a Educação dos <sujeitos do campo> desde o vínculo com a luta pelos direitos das <mulheres camponesas>, com a <luta pela Reforma Agrária> e por um <projeto camponês de desenvolvimento do campo> [...](MOLINA, JESUS, 2005, p. 21)

De qualquer modo, o <lutador do povo> já está presente na <identidade sem-terra>, e a consciência de que é preciso lutar por uma cidadania plena passa a ser incorporada na formação das novas gerações (CALDART, 2004, p. 161)

Existem uma série de ações e ideias que colocam o <paradigma do rural tradicional> em questão. É justo pelas possibilidades de criarmos novos sistemas de ideias e valores que podemos vislumbrar oportunidades de gerar novos paradigmas. Elas vêm se desenvolvendo em um grande <movimento educativo> que está acontecendo no <campo>, atualmente realizado pelo conjunto de práticas pedagógicas desenvolvidas por diferentes <movimentos sociais>, que vão desde a educação básica até o ensino superior, realizadas através do <Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária (Pronea)>, bem como por meio de inúmeras experiências de educação não formal; de capacitação e também de dezenas de eventos e seminários protagonizados pela <Articulação Nacional Por uma Educação do Campo> (MOLINA, JESUS, 2005, p. 59)

Enquanto a <Educação do Campo> vem sendo criada pelos <povos do campo>, a <educação rural> é resultado de um projeto criado para a <população do campo>, de modo que os paradigmas projetam distintos territórios. Duas diferenças básicas desses paradigmas são os espaços onde são construídos e seus protagonistas (MOLINA, JESUS, 2005, p. 63)

Exercitar a <mística da luta> - Este é um dos desafios importantes que a <Escola de Assentamento> pode enfrentar na intenção de formar militantes. Não podemos ignorar que mesmo para os adultos a <militância> não é um processo somente racional e sim de consciência intelectual. Também uma crença profunda em valores e princípios que se traduzem naquilo que hoje chamamos de <mística> (MST, 2005, p. 47)

Em nossa trajetória de luta e organização dos <trabalhadores do campo> fomos construindo uma <concepção de educação>; mais do que inventar o que estamos fazendo é recuperar algumas matrizes pedagógicas desvalorizadas pela sociedade capitalista: <pedagogia do trabalho>; <pedagogia da terra>; <pedagogia da história>; <pedagogia da organização coletiva>, <pedagogia da luta social>. (MST, 2005, p. 233)

De modo geral, os <coletivos de educação> surgiram para dar conta de duas demandas: a de garantir com mais eficiência a mobilização pelo <direito à escola> (*ter um coletivo ajudaria a conquistar outras escolas*), e a de *trocar experiências* em relação a como desenvolver a tal <escola diferente> que todos queriam, mas ninguém sozinho sabia exatamente o que fazer. (CALDART, T-3, 2004, p. 243)

A formação *substantivo + preposição + substantivo* é realmente muito frequente, principalmente por se tratar de *corpus* neológico, que carrega, intrinsecamente, um grau de instabilidade dos termos. O sintagma preposicionado tem função adjetival e, a nosso ver, é o primeiro estágio de atribuição de características a um substantivo, sendo também o que tem poder de comunicação e "transparência" mais evidente. Esse tipo de sintagma é altamente explicativo, até mesmo autoexplicativo, fruto de um recurso muito comum e altamente profícuo da língua, que é a adjetivação, aprendida logo na infância, independentemente do grau de escolarização e da proficiência na linguagem.

As estruturas *substantivo + preposição + substantivo* e *substantivo + adjetivo* concorrem em nosso *corpus* de análise, mas a primeira é mais frequente, com uma diferença de mais de o dobro, o que é bastante relevante.

O próprio arquiconceito e arquitermo *Educação do Campo* foi formado pela estrutura *substantivo + sintagma preposicionado*, e não pela estrutura *substantivo + adjetivo*, como em *Educação Campesina/ Educação Camponesa*, se bem que esta estrutura *substantivo + adjetivo* é utilizada em contextos metalinguísticos e, algumas vezes, como sinônimo terminológico de *Educação do Campo*, notadamente para evitar repetições, como recurso estilístico, o que é bastante frequente na língua e na comunicação em geral.

Consideramos e apresentamos a hipótese de que, com a aceitação e com a difusão/desneologização dos termos da Educação do Campo, haverá um equilíbrio maior entre a distribuição das estruturas sintagmáticas *substantivo + preposição + substantivo* e *substantivo + adjetivo*, principalmente devido aos elementos em função adjetival *camponês, camponesa, Sem Terra, sem-terra, agrícola, rural, popular, acampado, acampada, assentado, assentada,*

*militante, infantil, cooperativa*, estarem ganhando força e apresentarem tendência de permanência no discurso da Educação do Campo, de acordo com análise em diacronia já realizada por nós e cujos resultados serão apresentados no decorrer desta tese (item 6.2.8 Os subprocessos da desneologização: incorporação, aceitação e difusão de termos neológicos em uma perspectiva diacrônica).

Entretanto, nossa hipótese é de que, mesmo com um maior equilíbrio, a estrutura *substantivo + preposição + substantivo* continuará sendo a mais frequente na terminologia da Educação do Campo, principalmente pela intencionalidade de enfatizar os termos *campo, terra, assentamento, acampamento, MST, Povo, Trabalho, Educação, Sem Terra, sem-terra* (na função de substantivo), intencionalidade marcada na construção do discurso e nos processos de terminologização da área de Educação do Campo.

**A formação substantivo + adjetivo é a segunda mais produtiva**, sendo muito representativa também em outras terminologias.

De acordo com Sandmann (1990), o critério semântico também é o mais importante na identificação dos compostos formados com a estrutura *substantivo + adjetivo*.

Esse tipo de composição apresenta a ordem não marcada: o substantivo determinado + o adjetivo determinante.

<b>estrutura sintagmática:</b>	<b>Substantivo + adjetivo</b>
<b>número absoluto:</b>	<b>73</b>
<b>Percentual Aproximado:</b>	<b>10%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. adolescência Sem Terra	37. escola rural
2. agricultura agroecológica	38. escola urbana
3. agricultura camponesa	39. família acampada
4. agricultura capitalista	40. família assentada
5. aluno cooperado	41. família camponesa
6. ciranda infantil	42. família sem terra
7. colégio agrícola	43. família Sem Terra
8. coletivo escolar	44. família sem-terra
9. Coletivo nacional	45. identidade Sem Terra
10. coletivo Sem Terra	46. infância Sem Terra
11. companheiro Sem Terra	47. jovem rural
12. comunidade acampada	48. jovem Sem Terra
13. comunidade assentada	49. juventude rural
14. comunidade camponesa	50. juventude Sem Terra
15. comunidade Sem Terra	51. juventude urbana
16. cooperação agrícola	52. lona preta
17. cooperativa escolar	53. mobilização infantil
18. criança acampada	54. movimentos camponeses
19. criança assentada	55. palavra geradora
20. criança Sem Terra	56. povo camponês
	57. povo sem-terra
	58. professor militante

21.	criança Sem Terrinha	59.	professora Sem Terra
22.	cultura camponesa	60.	professora sem-terra
23.	educação agrícola	61.	projeto cooperativa-escola
24.	educação cooperatista	62.	revalorização rural
25.	educação cooperativa	63.	Revista Sem Terra
26.	educação rural	64.	sistema cooperativa-escola
27.	educação urbana	65.	sistema escola-fazenda
28.	educador infantil	66.	sujeito pedagógico
29.	educador militante	67.	sujeito Sem Terra
30.	educador popular	68.	trabalhador Sem Terra
31.	educador Sem Terra	69.	trabalhador sem-terra
32.	ensino agrícola	70.	vivência geradora
33.	escola agrícola		
34.	escola agrotécnica		
35.	escola base		
36.	escola cooperativa		

Figura 39 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Seguem alguns contextos de utilização desses termos sintagmáticos, alguns com a estrutura *substantivo + adjetivo*:

Esse "o que estudar" vamos chamar de <TEMAS GERADORES>. Ou seja: <temas geradores são assuntos, questões ou problemas tirados da realidade das crianças e da sua comunidade. Eles permitem direcionar toda a aprendizagem para a construção de um conhecimento concreto e com sentido real, tanto para as crianças como para a comunidade (MST, 2005, p. 55)

Talvez um dos principais aprendizados da <Escola Itinerante> esteja sendo o de que é possível trocar saberes, ensinar e aprender coisas importantes, mesmo sem todas as condições de infraestrutura, mesmo numa escola *sem sala*, como dizem as crianças. Debaxo das árvores, num quarto de alojamento, em quadras de futebol, no meio da estrada, nos pavilhões dos parques de exposições as aulas acontecem; aulas de cidadania, de realidade, que produzem conhecimentos sobre a vida e como torná-la mais bonita, mais justa, mais humana (MST, 2005, p. 185)

O <Projeto Cooperativa-Escola>, ao ser apresentado, revelou-se interdisciplinar, onde aconteceria a prática contextualizando a teoria, o que logo chamou sua atenção. Já havia, na época, um levantamento do custo/aluno das <ETE>s e <ETAs>, e um estudo dos investimentos necessários para a melhoria da qualidade de ensino. Os estudos revelavam também o "mau uso dos bens públicos, inclusive por parte dos diretores, e os alunos eram considerados mão-de-obra. Poucas escolas eram bem gerenciadas e viáveis. E havia ainda, para complicar mais, o internato! Acreditava que a <Cooperativa-Escola>, por ser conduzida pelos alunos, poderia ajudar a controlar a gestão da escola. Foi elaborado pelo <Centro Paula Souza> um plano de recuperação gradativa das escolas. (BELEZIA, 2006, p. 65)

A partir de um certo número de <assentamentos> conquistados, o MST passou a estudar e a discutir propostas de organização da produção que, ao mesmo tempo tornassem viável a <economia assentada> e dessem continuidade à <luta do MST>, sendo coerentes com seus princípios políticos e com seu <projeto de sociedade>. Assim surgiram as discussões sobre a <Cooperação Agrícola> como base organizativa para constituir a nova <vida nos <assentamentos>>. (CALDART, T-3, 2004, p. 54-55)

Na base das propostas de <Cooperação Agrícola> estão as formas coletivas de <organização do trabalho> e da <produção agropecuária e agroindustrial> que gestam um tipo de <vida comunitária> capaz de romper com os modos mais tradicionais de <vida no campo>, seja aquela baseada nas relações de <assalariamento>, ou das relações estabelecidas pela <produção familiar>, ambas culturalmente vinculadas ao valor sagrado da propriedade e do <uso privado da

terra>, e a um certo isolamento social das famílias entre si (CALDART, T-3, 2004, p. 189)

A transferência das Escolas Técnicas da rede pública estadual, vinculadas à Secretaria da Ciência, Tecnologia, Desenvolvimento Econômico no ano de 1993 ao <Centro Paula Souza> provocou nesta instituição uma demanda de reestruturação física, humana e administrativa. Especificamente em relação às <escolas agrícolas>, a <Administração Central> reconheceu seu desconhecimento quanto a esta modalidade de ensino. Assim, realizou em março de 1994 o <I Seminário sobre o <Ensino Técnico Agrícola> paulista>, com a participação dos diretores e coordenadores de todas as escolas agrícolas. (BELEZIA, DM, 2006, p. 32)

Indagados sobre a possibilidade de ser a <Cooperativa-Escola> um <tema gerador> para <trabalhos interdisciplinares>, quatro declaram que já acontece na escola, 8 que acontece em algumas disciplinas e um considera que, em princípio, é possível mas exige conhecimentos específicos dos professores (BELEZIA, DM, 2006, p.88).

Essa <ausência do Estado> privou a <população do campo> do acesso às políticas e serviços públicos em geral, o que contribuiu em grande medida para o acelerado <processo de êxodo rural> registrado a partir da década de 50. Para suprir a <ausência do poder público>, as <comunidades rurais> tiveram que se organizar com o apoio de igrejas e de outras organizações e <movimentos sociais e sindicais> comprometidos com a <educação popular> – para criar <escolas do campo>. Assim, durante muitas décadas coube às iniciativas de particulares e das comunidades a construção e manutenção de <escolas nas áreas rurais>, grande parte delas funcionando precariamente, em espaços físicos inadequados e improvisados, e com docentes sem qualificação adequada. (BRASIL, MEC, GPET1-2005)

Entendemos por <Identidade Sem Terra> a capacidade do <MST>, rompendo com a <leitura da falta de terra e do fim da <agricultura familiar>>, produzir uma <identidade coletiva> que transformou os sujeitos de uma condição de falta (<sem-terra>) para uma condição de <lutadores do povo>, por justiça social e dignidade para todos (<Sem Terra>) e que conscientemente cultivam princípios e valores e os transmitem às novas gerações (<Sem Terrinha>). (MST, 2005, p. 185)

O terceiro lugar é o que está sendo construído ou conquistado pelas <crianças Sem Terra>, ou pelos <Sem Terrinha> como passaram a ser chamadas mais recentemente, nos últimos dois ou três anos, e que os identifica como <sujeitos Sem Terra> e parte efetiva da <dinâmica do MST> (CALDART, T-3, 2004, p. 302)

O <MST>, em sua história, produziu sujeitos capazes de fazê-lo enxergar-se como um <sujeito educativo>. Estou me referindo especialmente às <crianças Sem Terra> e às <Professoras Sem Terra>, mas também a traços de identidade que a tarefa da Educação acabou produzindo na <família Sem Terra> como um todo e no <ser <Sem Terra>>, assim deste jeito, com este nome próprio. (CALDART, T-3, 2004, p. 418)

As <escolas rurais> apresentam características físicas bastante diferenciadas das <escolas urbanas>. Em termos dos recursos disponíveis, a situação da <escola da área rural> ainda é bastante carente [...]. Considerando o número de salas de aula como um indicador do tamanho da escola, nas <escolas urbanas> 75% daquelas que oferecem o <ensino fundamental> têm mais de cinco salas de aula. Para aquelas localizadas na <zona rural> o perfil é diferente, ou seja, 94% das escolas têm menos do que cinco salas de aula. (BRASIL, MEC, GPET-DS, 2003, p. 23)

Esclarecemos que em *Sem Terra, sem terra e sem-terra*, em algumas composições sintagmáticas, têm função adjetival, funcionando como determinantes, especificadores nas formações sintagmáticas que aparecem, além de terem função substantival em outros termos.

Alves (2004) já sistematizou essa multifuncionalidade de "sem-terra", estudando *corpora* jornalísticos:

A unidade lexical sem-terra, empregada como substantivo - /.../ um grupo de sem-terra e posseiros do Portal do Paranapanema, /.../ (Estado de S. Paulo, 29-10-86; 4, c6), sobretudo, mas também com caráter adjetival - /.../ por 300 colonos sem-terra /.../ (Veja, 06-06-86: 39, c2) - torna-se muito frequente. (ALVES, 2004, p. 85)

De fato, a estrutura morfossintática *substantivo + adjetivo* é uma das mais recorrentes e frequentes na terminologia da Educação do Campo e temos a hipótese de que ganhará força e representatividade no discurso da área, tendo em vista o processo histórico de aceitação, de difusão e da conseqüente desneologização dos termos desse campo do saber.

**A formação substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo é a terceira mais representativa:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	<b>substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo</b>
<b>número absoluto:</b>	<b>68</b>
<b>Percentual Aproximado:</b>	<b>10%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. campo da educação do campo	33. Movimento dos Atingidos por Barragens
2. conceito de Educação do Campo	34. organização do coletivo do assentamento
3. conjunto dos povos do campo	35. paradigma da educação do campo
4. coordenação da Educação do Campo	36. participação das mulheres na militância
5. cultura dos povos do campo	37. participação de mulheres no Movimento
6. direito à educação do campo	38. perfil da educação do campo
7. direito do povo ao conhecimento	39. permanência dos jovens no campo
8. direito dos povos do campo	40. Plano de desenvolvimento dos Assentamentos
9. educação dos povos do campo	41. política de educação no campo
10. educação dos sujeitos do campo	42. problemas da educação do campo
11. educação nas áreas de assentamento	43. processo de formação do Sem Terra
12. equipe de educação do assentamento	44. processo de formação dos sem-terra
13. equipe de educação no acampamento	45. processo de luta pela terra
14. escolarização dos sujeitos do campo	46. processo de ocupação da escola
15. Especialização em Educação do Campo	47. professor de escola de assentamento
16. expansão de escolas do campo	48. profissionais de educação do campo
17. formação dos continuadores da luta	49. projeto de desenvolvimento do campo
18. formação dos sem-terra como trabalhadores	50. projeto de desenvolvimento dos assentamentos
19. fundamentos da educação do campo	51. projeto de educação do campo
20. história da conquista do assentamento	52. projeto de educação dos camponeses
21. ideia de Educação do Campo	53. proposta de educação do Movimento
22. identidade da Educação do Campo	54. recriação da identidade do campo
23. identidade de lutador do povo	55. recriação de sujeitos do campo
24. identidade de trabalhador do campo	56. Setor de atuação do Movimento
25. jovens do acampamento dos Sem Terra	57. Setor de Educação do Movimento
26. licenciatura em Educação do Campo	58. sistema de educação do campo
27. luta pela terra em família	59. sujeitos da educação do campo
28. luta pela terra no Brasil	60. sujeitos do processo de alfabetização
29. memória da educação do campo	61. sustentabilidade dos povos do campo
30. mística da luta pela terra	62. trabalho de crianças nos assentamentos
31. mística dos povos do campo	63. trabalho de educação nos acampamentos

32. modelo de desenvolvimento do campo	64. trabalho de educação nos assentamentos
	65. trabalho de mulheres no assentamento

Figura 40 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Apresentamos alguns contextos de utilização dos termos sintagmáticos, dentre os quais destacam-se a estrutura sintagmática *substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo*:

Este capítulo é específico sobre a <ocupação da escola> em seu sentido mais literal, tal como explicado no final do capítulo anterior. Ele busca atingir dois objetivos principais. Um deles é o de aprofundar a análise do sentido sociocultural e educativo dessa ação no <processo de formação dos sem-terra>, desde a materialidade específica em que ela se apresenta. (CALDART, 2004, p. 223)

Se estamos empenhados em construir um <Sistema de Educação do Campo> não podemos ir com esta visão hierárquica, excludente para esta construção, temos que superá-la. Como? Lutando por uma <educação básica> que tenha sentido em si mesma [...] (ARROYO, 2005, p. 127)

Quando defendemos o <direito dos povos do campo>, da juventude e da adolescência e da infância ao conhecimento e à ciência, temos que nos perguntar que ciência? que conhecimento? Do contrário possivelmente estaremos dando essa conotação excludente da ciência e do conhecimento a que os <povos do campo> têm direito. (ARROYO, 2005, p. 133)

Para garantir a organização destas escolas [escolas itinerantes] nos <acampamentos>, os <educadores> são escolhidos e indicados pela <comunidade acampada> e pelo <Setor de Educação do Movimento>. Mas, para tanto, há alguns critérios, tais como: ter condições e formação para exercer o magistério, ter um bom comportamento, ser <militante>, gostar de ser <educador>, ter uma boa relação com as crianças e adolescentes, além de ser <acampado>. (MST, 2008, p. 17)

No que diz respeito a sua formação para atuar nas <Escolas Itinerantes>, esses <educadores> passam por vários processos: <vivência organizativa no acampamento> (sendo esta sua primeira escola de <vida em movimento>), <cursos de formação continuada> propostos em parceria com o <Setor de Educação do MST>, <SEED> e <Escola Base>; encontros, seminários estaduais e nacionais de <Educadores nas Escolas Itinerantes> ; <cursos Normais de Nível Médio> no <Instituto de Educação Josué de Castro - IEJC>, em Veranópolis, e o <curso Superior Pedagogia da Terra>, em parceria com várias universidades do país. Entre os <educadores>, há os que cursam ou já cursaram pós-graduação - <Especialização em Educação do Campo> (MST, 2008, p. 17)

A produção deste projeto de escola no <campo da educação do campo> pauta-se em lutas combinadas: a garantia do direito e a ampliação do acesso público à educação e à <escolarização no e do campo> e a efetivação de um projeto educativo de emancipação humana (MST, 2008, p. 22)

A própria <diretriz operacional> já explicita a <identidade da escola do campo>, não circunscrita apenas a um espaço geográfico, mas vinculada aos <povos do campo>, seja os que vivem no <meio rural>, seja os que vivem nas sedes dos 4.485 municípios rurais do nosso país. Assim, a <identidade da escola do campo> é definida a partir dos <sujeitos sociais> a quem se destina: <agricultores/as familiares>, <assalariados/as>, <assentados/as>, <ribeirinhos>, <caiçaras>, <extrativistas>, <pescadores>, <índigenas>, <remanescentes de quilombos>, enfim, todos os <povos do campo> brasileiro.

Essa concepção está expressa no parecer das <Diretrizes> e tem sua identidade definida no art. 2º, § único das <Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo> (BRASIL/ MEC/ GPET, 2003, p. 35)

A estrutura *substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo* representa, a nosso ver, a importância da estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, com mais uma determinação formada por sintagma preposicionado, devido às necessidades de especificação cada vez maiores de todas as terminologias. Assim, *substantivo + preposição + substantivo* não deixa de manter sua força expressiva e comunicativa, apresentando mais uma determinação, nos mesmos moldes de sintagma preposicionado.

**A formação substantivo + preposição + substantivo + adjetivo é quarta mais representativa, conforme segue:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + preposição + substantivo + adjetivo
<b>número absoluto:</b>	<b>39</b>
<b>Percentual Aproximado:</b>	<b>6%</b>
<b>exemplos:</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. campo da agricultura camponesa</li> <li>2. criação da escola itinerante</li> <li>3. cultivo da identidade Sem Terra</li> <li>4. currículo de escola agrícola</li> <li>5. currículos das escolas rurais</li> <li>6. desenvolvimento do meio rural</li> <li>7. Diretoria do ensino agrícola</li> <li>8. Educação do Movimento Popular</li> <li>9. Educação do Movimento Sem Terra</li> <li>10. educação no Movimento Sem Terra</li> <li>11. educador da reforma agrária</li> <li>12. escola de acampamento Sem Terra</li> <li>13. escola de assentamento Sem Terra</li> <li>14. escola do meio rural</li> <li>15. escola na área rural</li> <li>16. experiência da escola itinerante</li> <li>17. família do meio rural</li> <li>18. formação da identidade Sem Terra</li> <li>19. formação dos sujeitos sem-terra</li> <li>20. jovem no meio rural</li> <li>21. lutador do povo brasileiro</li> <li>22. lutas dos movimentos sociais</li> <li>23. mística da luta popular</li> <li>24. mobilização das crianças sem-terra</li> <li>25. Movimento dos Trabalhadores Sem Terra</li> <li>26. multiplicação das cirandas infantis</li> <li>27. negação da identidade rural</li> <li>28. negação do mundo rural</li> <li>29. núcleo de agricultores não-assentados</li> <li>30. núcleo de reforma agrária</li> <li>31. paradigma da educação rural</li> <li>32. paradigma do rural tradicional</li> <li>33. Pedagogia da luta social</li> <li>34. Pedagogia da organização coletiva</li> <li>35. pedagogia do Movimento Sem Terra</li> <li>36. Programa de Reforma Agrária</li> <li>37. realidade da juventude Sem Terra</li> <li>38. revalorização do meio rural</li> <li>39. sujeito do processo pedagógico</li> </ol>

Figura 41 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo + adjetivo. Fonte: a autora, 2011.

Apresentamos alguns contextos de utilização dos termos sintagmáticos, dentre os quais destacam-se a estrutura morfossintática *substantivo + preposição + substantivo + adjetivo*:

Esta é a "<Pedagogia do Movimento Sem Terra>", cujo <sujeito educador> principal é o próprio <Movimento>, não apenas quando trabalha no campo específico da educação, mas também e principalmente quando sua dinâmica de luta e de organização intencionaliza um projeto de formação humana, que começa com o <enraizamento dos <sem-terra>> em uma <coletividade>, que não nega o seu passado e projeta um futuro que eles mesmos poderão ajudar a construir. (CALDART, T-5, 2005, p. 141)

<Educação do Movimento Popular> e não <para o Movimento Popular>: A <EJA> faz parte da <Educação Popular> compreendida como <Educação do Popular>. Nós entendemos que a educação só é popular quando produzida a serviço dos interesses reais das <classes populares> e, em nosso caso, de um <movimento popular>, o <MST>, e de uma <articulação dos movimentos populares> e outras <organizações do campo>, a <Via Campesina>. (MST, CE-11, 2003, p. 47)

Na tentativa de buscar um processo de formação humana é preciso criar novas necessidades nas escolas e nos <sujeitos do assentamento> e acampamentos do MST>>. Isto implica na ampliação do ambiente cultural e social, o que em nossa compreensão significa assumir na escola as seguintes <matrizes pedagógicas> para realizar a formação: <Pedagogia da Luta Social>, <Pedagogia da Organização Coletiva>, <Pedagogia da Terra>, <Pedagogia do Trabalho e da Produção>, <Pedagogia da Cultura>, <Pedagogia da História>, tornando-as práticas sociais e constituindo a <escola em movimento> (MST, 2008, p. 23)

Os dados do SAEB 2001 mostram que a remuneração dos <professores das áreas rurais> é bem inferior àquela de seus colegas que lecionam em <escolas urbanas>. Os professores que atuam na 4ª e 8ª séries do <ensino fundamental>, em exercício na <área rural>, recebem praticamente a metade do salário dos que atuam na <área urbana> (Tabela 27). (BRASIL/MEC, 2003, p. 28)

A estrutura *substantivo + preposição + substantivo + adjetivo* também representa a importância da estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, com mais uma determinação formada por adjetivo, e não por sintagma preposicionado com função adjetival. Assim, *substantivo + preposição + substantivo* continua a demonstrar sua primazia em relação às outras estruturas, com a inclusão de mais uma determinação adjetival.

**Ocorre também a formação *substantivo + adjetivo + preposição + substantivo*:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + adjetivo + preposição + substantivo
<b>número absoluto:</b>	<b>31</b>
<b>Percentual aproximado:</b>	<b>4,5%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. ciranda infantil do Movimento	20. população trabalhadora do campo
2. cooperação escolar de produção	21. práxis pedagógica dos Movimentos
3. cooperativa escolar de trabalho	22. princípios organizativos do Movimento
4. curso técnico em agropecuária	23. princípios pedagógicos do Movimento
5. desenvolvimento cultural dos assentados	24. processos produtivos do assentamento
6. dinâmica social do campo	25. professor orientador de cooperativa
7. Educação Básica do Campo	26. projeto alternativo de campo
8. Educação Infantil do Campo	27. projeto histórico do Movimento
9. educação infantil no Movimento	28. projeto político-pedagógico da escola
10. Educação Popular do Campo	29. Setor Nacional de Educação

11. ensino fundamental do campo	30. Sistema Cooperativista dos Assentados
12. ensino médio do campo	31. sustentação econômica do assentamento
13. escola base das itinerantes	
14. escola itinerante do acampamento	
15. escola pública do campo	
16. experiência educacional do Movimento	
17. luta social dos camponeses	
18. movimento social do campo	
19. movimentos sociais do campo	

Figura 42 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo. Fonte: a autora, 2011.

Exemplificamos com mais alguns contextos:

As organizações e os <movimentos sociais do campo> tiveram um papel decisivo na elaboração das <Diretrizes Orientadoras de uma <política pública de educação do campo>>. Articulados à sensibilidade presente no <Conselho Nacional de Educação do Campo> (<CNE>), essas articulações e movimentos garantiram a aprovação das <Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo> (Resolução CNE/CEB nº 01, de 03 de abril de 2002) (BRASIL, MEC, 2005).

Quer dizer, buscar compreender nesse processo de <formação do sujeito Sem Terra> a ação e a <intencionalidade pedagógica do Movimento>, o que somente é possível em um olhar de *movimento*. Porque o <MST> não existe em si mesmo; foi e continua sendo construído historicamente por pessoas concretas, <trabalhadores e trabalhadoras rurais sem-terra>. Os <Sem Terra> são o <MST>. (CALDART, 2004, p. 413)

[...] *Implementar em <EJA> a <Pedagogia do MST>, como uma <referência para o campo>*: o legado pedagógico forjado desde as nossas práticas e o estudo da prática de outros <educadores> tem nos colocado o desafio de qualificar o jeito de implementar em <EJA> a <pedagogia do MST>, mas também de constituir elementos que possam contribuir na construção de um processo amplo de <alfabetização> na base de todos os <Movimentos Sociais do Campo>. Por isso a nossa tarefa é contribuir com outras <organizações do campo> para que percebam a necessidade de alfabetizar (MST, 2004a, p. 40)

A estrutura *substantivo + adjetivo + preposição + substantivo* também representa a importância da estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, com mais uma determinação formada por adjetivo, antes do sintagma preposicionado com função adjetival. Assim, o substantivo é determinado duas vezes, uma por adjetivo e outra por sintagma preposicionado.

**Há também em nosso corpus de análise a estrutura *substantivo + preposição + sigla*:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + preposição + sigla:
<b>número absoluto:</b>	<b>25</b>
<b>Percentual aproximado:</b>	<b>3,5%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. ações do MST	12. identidade do MST
2. assentamento do MST	13. jornal do MST
3. cotidiano do MST	14. luta do MST
4. cursos do MST	15. luta no MST
5. dirigente do MST	16. militância do MST
6. documentos do MST	17. organicidade do MST
7. Educação do MST	18. organização do MST
8. educadora do MST	19. Pedagogia do MST
9. escola do MST	20. prática do MST
10. escola no MST	21. professor do MST
11. hino do MST	22. símbolos do MST
	23. trajetória do MST

Figura 43 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + sigla (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Seguem alguns contextos de ocorrência dessas estruturas:

Ao dizer <escola do MST> afirmamos a relação que a escola deve ter com a <luta pela Reforma Agrária, que vai além das questões localizadas em um <assentamento>. Ao dizer <escola do campo>, estamos assumindo um vínculo mais amplo, com o destino do conjunto dos <camponeses> ou dos <trabalhadores do campo>, o que exige da escola que também leve novas questões à comunidade, ajudando em seu engajamento a um projeto mais amplo, histórico, de futuro. Em qualquer das expressões, o *de* ou o *do* pretendem-se afirmativos de uma identidade construída. Não basta ter <escola no assentamento>; ela tem que ser uma <escola de assentamento>. Não basta ter <escola no campo>; tem que ser <escola do campo>, que assuma as causas e a cultura de quem ali vive e trabalha (MST, 2005, p. 234)

A <mística> é também um dos mais densos momentos de formação humana: ela cola o conhecimento à emoção, através da cultura. Nela expressamos vivências e conteúdos humanos fundamentais através da poesia, do teatro (encenação), da música, do canto, da dança, dos gestos, dos <símbolos do MST>, das ferramentas de trabalho, dos elementos da natureza, do resgate da <memória das lutas> e do exemplo de grandes lutadores e lutadoras da humanidade (MST, CE11, 2003, p. 49)

A estrutura *substantivo + preposição + sigla* também representa a importância da estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, pois a sigla representa um substantivo. Fizemos a distinção para fins metodológicos, mas, por exemplo, em *Símbolos do MST*, *MST* é substantivo, expresso pela forma siglada.

**Com a presença de siglas na formação sintagmática, temos ainda a formação: *substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla*:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla
<b>número absoluto:</b>	<b>18</b>
<b>Percentual aproximado:</b>	<b>2,5%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. Caderno de Formação do MST	10. experiência de educação do MST
2. concepção de educação do MST	11. gênese do trabalho do MST
3. cultivo da mística do MST	12. história da educação no MST
4. Educação dos sem-terra do MST	13. ocupação da escola pelo MST
5. educação nos acampamentos do MST	14. participação de mulheres no MST
6. educação nos assentamentos do MST	15. processo de formação no MST
7. equipe de educação do MST	16. projeto de educação do MST
8. escola de acampamento do MST	17. proposta de educação do MST
9. escola de assentamento do MST	<b>18.</b> trajetória da educação no MST

Figura 44 – Estrutura morfossintática: substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla.

Fonte: a autora, 2011.

Apresentamos alguns contextos, dos quais destacam-se estruturas sintagmáticas constituídas por *substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla*:

Em síntese, a reflexão formulada até aqui é a seguinte: não é possível compreender o sentido da <experiência de educação do MST> se o foco de nosso olhar permanecer fixo na <escola>. Somente quando passamos a olhar para o <conjunto do Movimento> e com a preocupação de enxergá-lo em sua dinâmica histórica (que inclui a escola) é que conseguimos compreender que *educação pode ser mais que educação*, e que *escola pode ser mais do que escola [...]*(CALDART, 2004, p. 222)

E a quarta tendência ou *pressentimento de futuro* deste terceiro momento aponta para a emergência de *novas ênfases na discussão pedagógica que integra a <proposta pedagógica do MST>*. (CALDART, 2004, p. 287)

Neste sentido, o que costuma ser identificado como sendo a experiência ou a <proposta de educação do MST> (centrada nos <processos de escolarização dos sem-terra>) não é mais do que *uma das pontas* do processo de formação humana que acontece no e através do <Movimento>. Sem compreender como se dá esse processo não me parece mais possível interpretar o sentido da <experiência educacional do MST> (CALDART, 2004, p. 409)

Dada esta conjuntura, o <Setor de Educação do MST> se viu obrigado e pressionado a buscar novas possibilidades de fazer escola, ou seja, uma forma de atender às <necessidades dos acampados>. A expectativa era ter uma escola que participasse da <vida do acampamento>, que respeitasse a sua realidade e que a tomasse como ponto de partida para as práticas pedagógicas. (MST, 2008, p. 13)

Também a estrutura *substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla* evidencia a relevância e a alta representatividade da estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, com mais uma determinação formada por sintagma preposicionado com função adjetival. Assim, *substantivo + preposição + substantivo* continua a demonstrar sua primazia

em relação às outras estruturas, com a inclusão de mais uma determinação por sintagma preposicionado.

De modo análogo, a estrutura complexa *substantivo + adjetivo + preposição + sigla* representa as possibilidades de expansão dos termos sintagmáticos: o substantivo é determinado uma vez, por adjetivo, e também por sintagma preposicionado siglado, sendo que a sigla tem função de substantivo. Dessa forma, não deixa de estar presente a estrutura substantivo (com uma determinação) + SP, que se constitui em outra determinação:

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + adjetivo + preposição + sigla
<b>número absoluto:</b>	<b>15</b>
<b>Percentual aproximado:</b>	<b>2%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. ciranda infantil no MST	6. escola itinerante do MST
2. Congresso Nacional do MST	7. experiência educacional do MST
3. Direção Nacional do MST	8. luta geral do MST
4. educação infantil do MST	9. princípios organizativos do MST
5. educação infantil no MST	10. projeto histórico do MST
	11. trabalho educacional do MST
	12. trajetória histórica do MST

Figura 45 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + sigla (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Transcrevemos alguns contextos de utilização de termos sintagmáticos, sendo alguns representantes da estrutura *substantivo + adjetivo + preposição + sigla*:

Na <educação infantil do MST> o importante é discutir, planejar coletivamente de que forma desenvolver pedagogicamente as atividades com as crianças de zero a seis anos nos <assentamentos e acampamentos da reforma agrária> (MST, 2004b, p. 48)

Como podemos ver, o ano de 2004 marca a expansão rápida e o aumento do número de <Escolas Itinerantes do MST> no Paraná. (MST, 2008, p. 13)

**Consta de nosso *corpus* de análise também a seguinte estrutura: *substantivo + adjetivo + adjetivo*:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + adjetivo + adjetivo
<b>número absoluto:</b>	<b>16</b>
<b>Percentual aproximado:</b>	<b>2,5%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. agricultura familiar tradicional	9. ensino técnico agrícola
2. Casas Familiares Rurais	10. equipe técnica agrícola
3. ciranda infantil itinerante	11. escola agrotécnica federal
4. ciranda infantil permanente	12. escola rural regional
5. colégio técnico agrícola	13. escola técnica agrícola
6. cooperativa escolar agrícola	14. Escola Técnica Estadual
7. cultura escolar cooperativa	15. luta social camponesa
8. educação técnica agrícola	16. movimento social rural

Figura 46 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + adjetivo. Fonte: a autora, 2011.

### Seguem contextos de ocorrência dessas estruturas:

Sendo a <escola> o local tradicionalmente determinado para a realização da <educação nos moldes coletivos> e sistematizados é necessário, efetivamente, contemplar a <educação cooperativista> de forma ampla e generalizada, não apenas entre os alunos, mas em toda a comunidade escolar, para que se construa uma real “<cultura escolar cooperativa>”. (BELEZIA, 2006, p. 122-123)

Apenas para ilustrar, no período de trinta anos (1963 até 1993), o <ensino técnico agrícola> esteve subordinado a oito “órgãos responsáveis” sediados em três Secretarias de Estado (Agricultura, Educação e Ciências, Tecnologia e Desenvolvimento Econômico) e uma autarquia de regime especial (<Centro Paula Souza>). Diante de tamanha mobilidade, é de se perguntar como foram traçadas e eventualmente implementadas as políticas específicas para o ensino técnico em geral e agrícola em especial. (BELEZIA, 2006, p. 12)

As conseqüências de tal medida foram especialmente nefastas para as <escolas técnicas agrícolas> paulistas, principalmente a partir do Decreto Estadual 7510/76 de 29/01/1.976, que implementou a reforma administrativa da <Secretaria da Educação>, extinguindo a <Coordenadoria do Ensino Técnico>. Isto significou, na prática, o fim do tratamento pedagógico, administrativo e financeiro diferenciado até então destinado às escolas técnicas, apesar de suas especificidades. (BELEZIA, 2006, p. 30)

A implementação de iniciativas como a <Escola Ativa> (<Fundescola>-<SEIF>/<MEC>), as <Escolas Famílias Agrícolas> e <Casas Familiares Rurais> (<Unefab> e <Arcafar>), assim como aquelas promovidas pelo <Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra> (<MST>), <Contag> e outras experiências tanto governamentais quanto da sociedade civil organizada, em parceria com o poder público, demonstram a existência de um acúmulo e uma diversidade de experiências que poderão auxiliar na discussão e estabelecimento de ações para a superação dos problemas relativos à <educação do campo>. (BRASIL, MEC, 2003, p. 34)

Essa configuração morfossintagmática *substantivo + adjetivo + adjetivo* representa a necessidade, cada vez maior, da determinação, que não é possível apenas com a utilização de um adjetivo - são necessários dois.

Essa necessidade de especificação aumenta com a densidade terminológica da área e com a própria criação de uma autonomia em relação a outras áreas correlatas, como a Educação Geral, ou a Educação Profissional. Assim, por exemplo, não é suficiente a expressão *Ensino Técnico* e sim se fez necessário o engendramento de *Ensino Técnico Agrícola*, para diferenciar o ensino técnico industrial, urbano, do ensino técnico rural, agropecuário.

**E também ocorrem estruturas muito expandidas à direita, como em: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo:**

<b>estrutura sintagmática:</b>	<b>substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo</b>
<b>número absoluto:</b>	<b>23</b>
<b>Percentual:</b>	<b>3,5%</b>
<b>exemplos:</b> 1. Coletivo nacional do Setor de Educação 2. curso Técnico em Administração de Cooperativas 3. educação básica nas escolas do campo 4. ensino médio das escolas do campo 5. escola técnica de administração de cooperativas	6. política nacional de educação do campo 7. política pública da educação do campo 8. políticas públicas de educação do campo 9. projeto camponês de desenvolvimento do campo 10. projeto político da Educação do Campo 11. projeto político-pedagógico da Educação do Campo 12. projeto político-pedagógico da escola do campo 13. resistência social da população do campo 14. tratamento público da Educação do Campo 15. trato público da educação do campo

Figura 47 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Seguem alguns contextos de utilização dos termos sintagmáticos, sendo alguns deles representantes da estrutura morfossintática: *substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo*:

Estava lembrando que aqui mesmo estivemos na 2 Conferência Nacional, onde assumimos o desafio da construção de uma <Política Pública de Educação do Campo>: colocar a <Educação do Campo> no plano da política e das <Políticas

Públicas>. Mas a pergunta que naquela época ficou é quem poderá assumir o comando na construção dessa <Política Pública da Educação do Campo> e hoje na <mística> acho que veio a resposta, são vocês educadoras e educadores, do <Movimento dos Trabalhadores Sem Terra>, da <Reforma Agrária> que terão que assumir esse comando junto com as <educadoras e educadores do campo> e do <conjunto dos movimentos do campo>. (ARROYO, 2005, p. 125)

A estrutura morfossintagmática *substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo* é uma das mais representativas do aumento da necessidade de especificação dos termos, à medida em que ganham a autonomia de uma área independente, como a Educação do Campo. Desse modo, são necessárias três determinações, um adjetivo e dois sintagmas preposicionados na sequência, como no termo *políticas públicas de educação do campo*, em que o substantivo *políticas* precisou ser amplamente determinado para a terminologização do novo conceito; *políticas públicas* já é um conceito e um termo canonizados na cultura das Ciências Políticas e Sociais. *Políticas Públicas de Educação* também já é um conceito e um termo existentes, já tradicionais, que foram expandidos para dar conta das especificidades da Educação do Campo, resultando em *Políticas públicas de Educação do Campo*. **Todo esse processo de terminologização está altamente ligado à ideologia**, pois, se a Educação do Campo se quer autônoma em relação à Educação Geral, o termo *Políticas Públicas de Educação* não seria suficiente para abarcar as necessidades da área, sendo necessária a terminologização de *Políticas Públicas de Educação do Campo*.

De igual forma, os termos *projeto político-pedagógico da Educação do Campo*, *projeto político-pedagógico da escola do campo*, *educação básica nas escolas do campo*, *ensino médio das escolas do campo*; *escola técnica de administração de cooperativas* evidenciam a necessidade de especificação para representar a identidade e a ideologia da Educação do Campo, pois todas as escolas têm um *projeto político-pedagógico*, e podem ser *do Ensino Médio* e da *Educação Básica*, ou podem ser *Escolas Técnicas*, mas não necessariamente do Campo ou de Cooperativas, e **essa especificação terminológica foi e é necessária para a própria validação da área de Educação do Campo como autônoma e digna de tratamento específico e diferenciado**.

E ainda temos a **estrutura substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo**, que também evidencia a necessidade de especificação linguístico-terminológica para dar conta de diferenciações conceituais:

<b>estrutura sintagmática:</b>	substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo
<b>número absoluto:</b>	<b>23</b>
<b>Percentual aproximado:</b>	<b>3,5%</b>
<b>exemplos:</b>	
1. alunos residentes em área rural	8. Grupo Executivo de Ensino Agrícola
2. alunos residentes na área rural	9. luta social dos movimentos camponeses
3. Associação Nacional de Cooperação Agrícola	10. Marcha Nacional pela Reforma Agrária
4. curso técnico na área agropecuária	11. políticas públicas de educação rural
5. educação básica da área rural	12. práxis pedagógica dos Movimentos Sociais
6. ensino fundamental na área rural	13. projeto alternativo de desenvolvimento rural
7. escola base das escolas itinerantes	14. projeto alternativo de vida social

Figura 48 – Estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo (amostragem). Fonte: a autora, 2011.

Seguem alguns contextos de utilização dos termos sintagmáticos, sendo alguns deles representantes da estrutura morfossintática: substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo:

O Colégio Estadual Iraci Salete Strozak é a primeira <Escola Base das Escolas Itinerantes>, responde por toda a vida legal e oficial das <Escolas Itinerantes> e de cada criança matriculada, transferida etc. Conforme artigo 10 do <Regimento Escolar>, o papel da <Escola Base>, articulado com a <Secretaria de Estado da Educação>, o <Núcleo Regional de Educação de Laranjeiras do Sul> e o <Setor de Educação do MST>, é o de acompanhar e dar suporte legal e pedagógico à <vida escolar> das <educandas>, dos <educandos>, das <educadoras> e dos <educadores nos acampamentos> (MST,2008, p. 22)

A percepção de que o <Ensino Profissionalizante> em geral, e o da <área agropecuária> em especial, tinha características que tornavam ineficiente e, mesmo, danosa em muitos aspectos, a administração igualizada pela <Secretaria da Educação> levou à criação de órgãos que pudessem dar conta dessas especificidades. Nesta linha, em 1979 foi criado o <Grupo Especial de Trabalho do Ensino Profissionalizante> - <GETEP>, em 1984 o <Grupo Executivo de Ensino Agrícola> - <GEAGRI> e, em e, em 1985, a <Divisão de Supervisão e Apoio às Escolas Técnicas Estaduais> - <DISAETE>. (BELEZIA, 2006, p. 31)

Desse modo, constatamos a primazia da estrutura *substantivo + preposição + substantivo* na configuração morfossintagmática dos termos da Educação do Campo.

Essa estrutura básica sofre expansões, com o acréscimo de outras determinações, de cunho adjetival (acrécimo de mais sintagma(s) preposicionado(s) e/ ou de adjetivo(s)).

A determinação exclusivamente adjetival concorre com a determinação de sintagma preposicionado, tendendo a ampliar sua representatividade, nos processos de aceitação, de difusão e de desneologização dos termos da Educação do Campo.

Verificamos que há a combinação dos tipos de determinação adjetival e sintagma preposicionado, de acordo com as especificidades da Educação do Campo e das áreas correlatas, como a Educação Geral, as Ciências Sociais e Políticas, a História, a Pedagogia, a Educação Profissional, das quais a Educação do Campo se apropriou para a terminologização de muitos de seus conceitos, na forma de empréstimo interno.

Com a base do empréstimo interno, os ideólogos e criadores da terminologia da Educação do Campo (movimentos sociais do campo, universidades, pesquisadores, governo federal do Brasil e governos estaduais, militantes e estudiosos autônomos) só poderiam recorrer à expansão sintagmática, com o acréscimo de determinações, para que a Educação do Campo assumisse sua identidade e sua autonomia.

Com a base da criação originária do discurso da própria Educação do Campo, esses ideólogos e criadores da terminologia da Educação do Campo também tiveram como recurso necessário e imprescindível a expansão sintagmática, pois o acréscimo de determinantes como *camponês, camponesa, Sem Terra, sem-terra, do campo, da Terra, do Movimento, do MST, do Povo, Popular*, foi responsável pela neologia que caracteriza os termos da área, com a criação de novas expressões, ou de novas combinatórias, para novos conceitos.

**Essa expansão sintagmática e as diferentes estruturas morfossintagmáticas representam a terminologização da Educação do Campo**, como seu principal processo de criação de termos, ao lado dos empréstimos internos de outras áreas do saber.

A manipulação terminológico-ideológica é nítida na Educação do Campo, evidenciando as relações entre Terminologia, Cultura, História e Sociedade.

Toda a intencionalidade nos processos de terminologização da área de Educação do Campo é altamente identificável, um dos motivos de interesse pelo tema e por esta pesquisa. De modo análogo, outros pesquisadores, em outras pesquisas, certamente encontrarão os instrumentos e as intencionalidades de terminologização de novas áreas e de áreas já tradicionais do conhecimento humano.

#### 6.2.4.1.1 Termos: simples, compostos, complexos e siglas

De acordo com Barros (2007), **termos simples** são "unidades terminológicas constituídas por um único lexema, independente do processo de formação deste"; os **termos compostos** são "unidades terminológicas formadas por dois ou mais lexemas que se encontram em situação de não-autonomia representada graficamente pela utilização do hífen"; já os **termos complexos** são "unidades formadas por composição sintagmática, ou seja, por um grupo de lexemas e morfemas gramaticais (palavras nocionais e gramaticais) não ligadas por hífen, também independentes dos processos de formação dos termos" (BARROS, 2007, p. 399).

Sablayrolles (2000), retomando a tipologia de Pottier, bem resume as proposições: **lexias simples:** formadas por uma palavra; **lexias compostas:** representam a integração semântica manifestada formalmente; **lexias complexas:** são sequências em via de lexicalização, em diferentes gradações. (SABLAYROLLES, 2000, p. 148).

Na metalinguagem da ciência Terminologia, temos uma multiplicidade de denominações, o que se justifica por diferentes teorias e pontos de vista.

Escolhemos a denominação *termos simples* nesta tese, os quais podem também ser denominados *termos lexemáticos* ou *termos-palavras*. Utilizaremos também a denominação *termos complexos*, a qual concorre, muitas vezes, com *termos sintagmáticos*, *termos-sintagmas* ou *sintagmas terminológicos* (BARROS, 2004, p. 101).

Diretamente em Pottier (1972), temos a definição de lexia: "unidade lexical memorizada". O autor diferencia essas unidades armazenadas em uma memória lexical das combinações momentâneas, elaboradas "no momento da fala" (POTTIER, 1972, p. 16).

As unidades lexicalizadas "supõem uma combinação frequentemente realizada no discurso" (POTTIER, 1972, p. 17).

Em nossa tese, as lexicalizações de construções discursivas em recortes sintagmáticos é a grande fonte de neologia terminológica, em combinação com processos semânticos e pragmáticos, como ocorre em outros fenômenos da linguagem.

Alves (2001a), acerca do "Glossário de termos neológicos da Economia", ressalta:

Do ponto de vista da formação, os termos deste glossário constituem, na maior parte dos casos, **sintagmas nominais que classificamos como substantivos nas referências gramaticais**. Esse fato reitera observações já feitas por estudiosos de várias línguas que têm observado que, em uma terminologia, **um número considerável de termos é formado por constituintes de frases que vão se cristalizando e gerando novas unidades**. De maneira análoga ao que se verifica em outras terminologias, **a maioria dos sintagmas é constituída por um substantivo e um adjetivo** (*dívida externa, economia globalizada*), **ou por um substantivo seguido de uma preposição e de outro substantivo** (*meios de pagamento, nicho de*

*mercado*). Outras estruturas sintagmáticas, embora menos frequentes, são também observadas: *crédito direto ao consumidor, longo prazo, moeda única europeia, plano de previdência privada*) (ALVES, 2001a, p. 11, grifos nossos)

Assim como os termos neológicos referenciados, da área de Economia, os termos da área de Educação do Campo são formados por sintagmas lexicalizados (ou terminologizados), pois um único elemento vocabular parece não ser suficiente para a criação de termos no processo de terminologização da área. Para novos conceitos, os termos devem ser novos, neológicos, e, para a área de Educação do Campo, à semelhança de outras áreas, conforme enfatizou, com muita propriedade, Alves (2001a), existe a necessidade de especificação de um termo genérico, com a expansão cada vez mais e mais presente nas terminologias. Esse é o processo mais produtivo na neologia da área de Educação do Campo: não a criação de uma nova sequência fonológica, não a atribuição de novos significados a significantes já existentes, mas sim novas combinatórias de elementos lexicais já existentes, com a atribuição de novo significado, totalmente novo e que não se confunde com o significado isolado das partes, mas que é um significado composicional, que só existe *na e pela* composição, mais especificamente pela composição sintagmática.

Dessa forma, termos como *aluno cooperado, agricultura camponesa, agenda do Movimento*, entre muitos outros da área de Educação do Campo, só puderam ser configurados com a combinação de elementos lexicais já existentes, que não são obscuros para as pessoas que possuem um conhecimento de mundo e um conhecimento linguístico razoáveis. Entretanto, os novos significados, oriundos de novos conceitos e das novas combinatórias, podem ser obscuros sem uma necessária contextualização, uma certa apropriação conceitual e pragmática dos princípios e objetivos da área em questão. Assim, *agricultura camponesa*, apenas para destacarmos um termo/ conceito, não é apenas um tipo de agricultura que se dá no campo, ou que é praticada por camponeses (o que pode parecer óbvio e até redundante para quem ainda não teve contato com os conceitos da área); *agricultura camponesa* é um tipo de agricultura exercida de acordo com determinados princípios e objetivos dos movimentos sociais do campo que participam e promovem uma redistribuição de terras, de renda e de trabalho, de modo diferenciado, nas regiões rurais. Não haveria termo simples, uma única unidade vocabular capaz de representar esse novo conceito. Daí a riqueza do recurso neológico do processo sintagmático no macroprocesso da terminologização.

Em nossa análise dos termos da Educação do Campo, consideramos **termos simples** aqueles constituídos de uma única unidade vocabular. Esse tipo de formação não é representativo no *corpus* da Educação do Campo.

Os **termos compostos "propriamente ditos" ou compostos** são aqueles constituídos por mais de um elemento vocabular, não separáveis e não intercambiáveis, formando um sentido único apenas com a formação cristalizada, já de consenso na comunidade sócio-linguístico-cultural (ligados ou não por hífen).

Já os **termos complexos**, também formados por mais de um elemento vocabular, não ligados por hífen, devem passar pelos testes da inseparabilidade, da irreversibilidade dos elementos para garantir seu estatuto de unidade de sentido. Este tipo de formação vocabular conta também, em muitos casos, com a inserção de letras ou de números isolados, além de siglas, em sua construção.

As formações sigladas e acronímicas serão discutidas no item 6.2.4.6 Composição acronímica e siglação.

**Destacamos as siglas e os acrônimos em categoria à parte**, visto que são produtos da redução dos termos sintagmáticos, configurados de maneira peculiar, mas também manifestações da neologia morfossintagmática.

**Mantivemos essas quatro categorias - termos simples, termos compostos, termos complexos e siglas/ acrônimos para fins metodológicos**, mas, na prática, nosso *corpus* de análise da área de Educação do Campo pode ser caracterizado como formado por **termos complexos - composições sintagmáticas**.

**É o processo sintagmático o que mais se destaca na terminologização da área em estudo** e será aprofundado em nossa análise, devido à sua representatividade e à sua produtividade.

Analisando a classe lexical e a categoria gramatical, verificamos que a classe nominal (substantivo) é a mais representativa, sendo aproximadamente 60% substantivos femininos e 40% substantivos masculinos, quase todos termos complexos (compostos sintagmáticos).

Consideramos substantivos os sintagmas nominais, como *Educação do Campo*, *dinâmica do campo*, *conquista da terra*, *professor de fora*, entre outros muitos.

Na Educação do Campo, é a seguinte a distribuição entre termos simples, compostos propriamente ditos, termos complexos (compostos sintagmáticos) e siglas/ acrônimos:

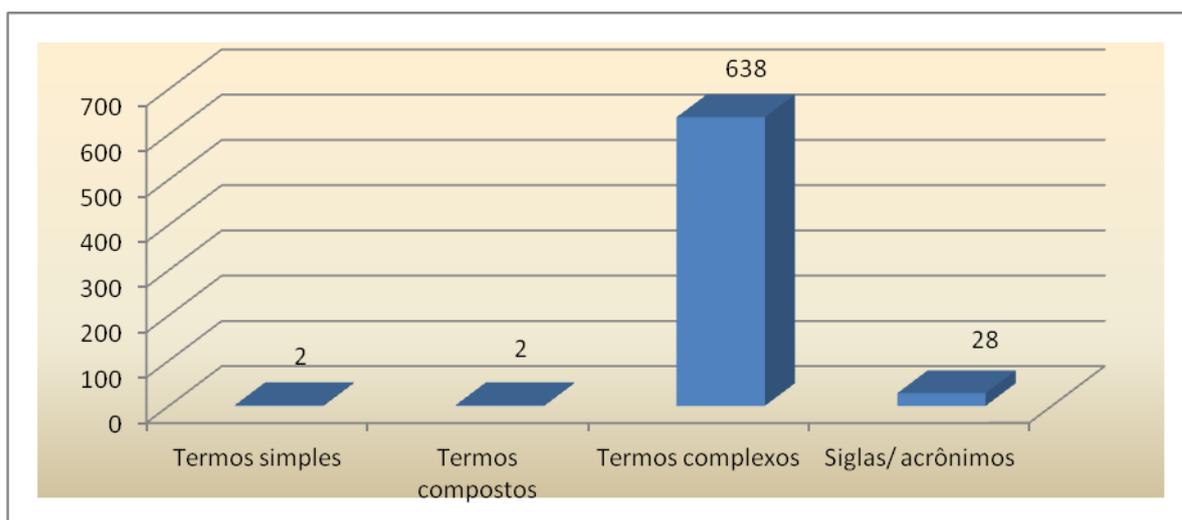


Gráfico 5 - Termos simples, compostos, complexos e siglas/acrônimos. Fonte: a autora, 2011.

Os termos simples e as composições propriamente ditas não são representativos quantitativamente.

Como termos simples, temos apenas duas ocorrências: *brigada* e *Marcha*.

Os termos compostos propriamente ditos são apenas dois: *cooperativa-escola* e *escola-fazenda*, os quais serão analisados no item 6.2.4.4 Composição propriamente dita e composição sintagmática - item no qual faremos um aprofundamento da oposição entre composição propriamente dita e composição sintagmática, de acordo com nossa fundamentação teórica.

Como termos complexos, temos quase a totalidade do *corpus* de análise, cerca de 95%.

A seguir, listamos algumas dessas formações sintagmáticas, para exemplificar:

- (01) acampamento do MST
- (02) ações do MST
- (03) agenda do Movimento
- (04) alfabetização de jovens e adultos em acampamentos
- (05) alfabetização de jovens e adultos em assentamentos
- (06) cooperação escolar de produção
- (07) cooperativa do colégio técnico agrícola
- (08) cooperativa escolar de produção e serviço
- (09) cooperativa escolar de trabalho
- (10) cultivo da mística do MST
- (11) cultura do campo
- (12) cultura dos povos do campo
- (13) currículo de escola agrícola
- (14) currículos das escolas rurais
- (15) curso Magistério do MST
- (16) curso técnico em agropecuária
- (17) curso Técnico em Administração de Cooperativas
- (18) dia-a-dia do assentamento
- (19) dinâmica do campo
- (20) dinâmica social do campo
- (21) Direção Estadual do Movimento Sem Terra
- (22) Direção Nacional do MST
- (23) direito à educação
- (24) direito à educação do campo

- (25) diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo
- (26) Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica do Campo
- (27) dirigente do Movimento
- (28) dirigente do MST
- (29) documentos do MST
- (30) educação básica da área rural
- (31) escola de acampamento do MST
- (32) escola de acampamento Sem Terra
- (33) escola de assentamento
- (34) escola de assentamento do MST
- (35) escola de assentamento Sem Terra
- (36) escola de educação fundamental de acampamento
- (37) formação da identidade Sem Terra
- (38) formação de militantes
- (39) formação de novos militantes
- (40) formação dos continuadores da luta
- (41) formação dos militantes dos Movimentos Sociais
- (42) formação dos Sem Terra
- (43) formação dos sem-terra
- (44) hino do MST
- (45) hino dos ST
- (46) história da conquista do assentamento
- (47) história da educação escolar no MST
- (48) história da educação no MST
- (49) história da luta
- (50) história da luta pela terra no Brasil
- (51) história do acampamento
- (52) história do acampamento como matéria de ensino
- (53) juventude das áreas de reforma agrária
- (54) juventude do campo
- (55) latifúndio do analfabetismo
- (56) latifúndio do saber
- (57) licenciatura em Educação do Campo
- (58) líder de assentamento
- (59) luta do assentamento
- (60) luta do MST
- (61) luta dos trabalhadores
- (62) luta geral do MST
- (63) luta no MST
- (64) luta pela escola
- (65) luta pela Reforma Agrária no Brasil

**Enfim, os termos complexos (considerados os compostos - com mais de um elemento vocabular, com inserção de preposições, siglas, números, ou seja, os compostos sintagmáticos, que mobilizam os planos morfológico e o frástico) são a quase totalidade do corpus.**

Segundo Alves (2001c):

**No que diz respeito à formação, tanto na língua geral como nos tecnoletos, os mesmos processos presidem à criação de novos elementos:** derivação, composição, transferência semântica, truncação, **formação sintagmática** e por siglas, empréstimos oriundos de outros sistemas linguísticos. Caracterizam-se os neologismos tecnoletais, no entanto, por apresentarem alguns traços que os particularizam.

Desse modo, observamos que, **enquanto na língua geral predomina a formação de unidades lexicais simples**, constituídas com um único elemento, **nos tecnoletos são mais constantes as formações sintagmáticas**, compostas por dois ou mais

elementos que integram uma **unidade complexa e correspondem a um único conceito.** (ALVES, 2001c, p. 28, grifos nossos)

Como nosso *corpus* de análise é relativo a uma terminologia e é essencialmente neológico, é perfeitamente natural a predominância da composição sintagmática na formação dos termos, pois este tipo de processo evidencia que o processo de lexicalização (ou de terminologização) dos encadeamentos vocabulares está incompleto – ou seja, esses termos ainda estão em vias de se constituírem termos compostos propriamente ditos.

Valendo-nos das asserções de Alves (2007a), quanto ao fato de que "a lexicalização de um sintagma frasal é muitas vezes acompanhada de um outro processo sintático, a expansão, que reflete a especialização nas áreas de especialidade" (ALVES, 2007a, p. 84), enfatizamos que os termos da Educação do Campo, quase que na totalidade, são expandidos, a fim de marcar e realmente especificar os sentidos da área, distanciando-os das significações polissêmicas da língua geral. Essas noções são importantes para caracterizar o conjunto vocabular estudado como realmente uma terminologia.

Conforme já discutido, os estudos neológicos são, metaforicamente, a fotografia de um fenômeno dinâmico, que é a linguagem e a comunicação humana.

Estudos em épocas vindouras sobre o mesmo tema, sobre a mesma terminologia da Educação do Campo, poderão certamente evidenciar que a configuração morfossintática, bem como as estruturas semânticas estarão mais cristalizadas ou menos cristalizadas, ou até mesmo termos podem desaparecer de um *corpus* de análise coletado posteriormente, com critérios semelhantes.

Para os limites deste item, julgamos importante detalhar a configuração morfossintática dos termos recolhidos para análise nesta tese.

#### 6.2.4.2 Derivação prefixal

De acordo com Alves(2007a)

a derivação prefixal é um processo extremamente produtivo no português contemporâneo. Ao unir-se a uma base, o prefixo exerce a função de acrescentar-lhe variados significados, 'grandeza', 'exagero', 'oposição', 'pequenez', 'repetição'... Como não há unanimidade, na língua portuguesa, quanto ao número e à natureza dos morfemas prefixais, trataremos como prefixos as partículas independentes ou não-independentes que, antepostas a uma palavra-base, atribuem-lhe uma ideia acessória e manifestam-se **de maneira recorrente, em formações em série.** (ALVES, 2007a, p. 14-15, grifos nossos)

Há apenas uma ocorrência de prefixação:

- (1) pré-assentamento (derivação prefixal e empréstimo interno)

O prefixo *pré-* confere à base substantiva *assentamento* o caráter de "temporalidade anterior" (ALVES, 2007a, p. 21).

Assim, *pré-assentamento* é uma etapa anterior, uma *preparação* para o assentamento propriamente dito.

O termo também constitui-se em um exemplo de empréstimo interno, pois *pré-assentamento* não é especificamente um termo criado na área de Educação do Campo e sim uma unidade conceitual e terminológica que condiz às realidades políticas, sociológicas e ideológicas que permeiam a atuação dos agentes da Educação do Campo.

#### 6.2.4.3 Derivação sufixal

De acordo com Alves (2007a), "por meio da derivação sufixal, o sufixo, elemento de caráter não-autônomo e **recorrente**, atribui à palavra-base a que se associa uma ideia acessória e, com frequência, **altera-lhe a classe gramatical**" (ALVES, 2007a, p. 29, grifos nossos).

“Sem Terrinha” é o único caso de derivação sufixal propriamente dita. Além de se formar com a utilização do sufixo *-inha*, o termo é metonímico e constitui-se em empréstimo interno.

#### 6.2.4.4 Composição propriamente dita e composição sintagmática

Neste item, faremos um aprofundamento da diferenciação das composições propriamente ditas das composições sintagmáticas, no que concerne aos objetivos e aos limites deste trabalho, sem o propósito de esgotar aqui o assunto.

As composições sintagmáticas são a quase totalidade do *corpus*, como ocorre nas terminologias de diversas áreas de especialidade.

Guilbert (1975) destaca a importância e as peculiaridades da composição sintagmática (classificada pelo autor como derivação sintagmática), no âmbito da neologia sintática:

A la néologie syntaxique, nous rattachons un type de formation non-décrit dans la présentation traditionnelle de la composition et que nous appelons **dérivation syntagmatique**. Il s'agit de formations caractérisées par une **transposition directe de la séquence syntagmatique de phrase en unité lexicale sans aucune marque extérieure de la transformation qui s'opère essentiellement sur le plan du signifié**. Les termes ne sont pas réunis par un trait d'union (sécurité sociale [...]). Les éléments fonctionnels de la syntaxe de la phrase y sont maintenus ([...]). A cette catégorie on peut rattacher les divers types de locutions, verbale [...], adverbiale [...], prepositionnelle [...]. (GUILBERT, 1975, p. 21, grifos nossos)

Ainda mais interessante nas considerações de Guilbert (1975) é que o autor constata, de forma brilhante, que não há "marca exterior da transformação que se opera essencialmente no plano do significado"; dessa forma, o novo significado surge do contexto e da contextualização, de acordo com o nível de cognição de quem tem acesso ao discurso da área. Ou seja: há a "transposição direta da sequência sintagmática da frase em unidade lexical" e nenhum "aviso" ou marca (como poderia ser o traço de união ou hífen) de que aquele sintagma carrega um isolamento semântico, um novo significado, e que aquela sequência tornara-se um bloco de forma e conteúdo conjuntamente, independentemente do significado das partes, ou seja, das lexias simples.

As formações sintagmáticas (GUILBERT, 1975, p. 101) são o foco deste subitem e destacam-se na tese por serem o tipo de neologismo mais frequente em nosso *corpus*.

Nas composições sintagmáticas, a repetição da estrutura lexicalizada, com a mesma configuração formal e semântica, pode dar indícios de que se trata de uma unidade, mesmo que composta por mais de uma palavra.

Existe dificuldade de distinção (segmentação) das composições sintagmáticas, principalmente em terminologias e em vocabulários neológicos, que pode ser resultante do desconhecimento dos conceitos da área de especialidade. Para amenizar esse efeito negativo, é necessário atingir um patamar cognitivo da área cuja terminologia se pretende estudar, descrever, analisar.

Sob um outro ponto de vista, as formações sintagmáticas podem servir a esclarecer, de um modo quase didático, os conceitos da área em questão, pela sua transparência, visto que são transposições do discurso, em linguagem muitas vezes próxima à da fala, de acordo com a área e de acordo com o texto, se +/- técnico/ científico, se +/- banalizado. Nas palavras de Alves (2001b):

As formações sintagmáticas, que constituem termos de significado preponderantemente transparente, facilmente interpretável pelo usuário, reiteram a feição comunicativa da terminologia, que procura proporcionar uma comunicação mais eficaz entre os usuários de uma certa área de especialidade. Em muitas dessas formações, o recurso metafórico é também empregado, o que permite proporcionar ao usuário, pelo método comparativo, uma compreensão do significado do termo. (ALVES, 2001b, p. 64)

Essas composições sintagmáticas são extremamente ricas para análises linguísticas, visto que apresentam recorrência de elementos, bem como combinam-se com a linguagem figurada, com recursos metafóricos e metonímicos.

De acordo com Alves (2001b), os neologismos sintagmáticos são muito frequentes nas terminologias das áreas de especialidade, fato atestado no *corpus* de nossa pesquisa: dos 670 termos, 638 são compostos sintagmáticos – quase a totalidade do *corpus* de análise.

[Um tipo de] **formação que caracteriza todos os neologismos terminológicos é a formação sintagmática**, processo pelo qual um termo, elemento determinado, é expandido e forma outros termos, mais comumente por meio de uma expansão de caráter adjetival ou sob forma de um sintagma preposicionado (ALVES, 2001b, p. 61, grifos nossos).

As considerações de Krieger (2001) confirmam também a importância das composições sintagmáticas nas terminologias:

Coexistem nos textos especializados unidades lexicais simples e complexas. [...]. Há vários estudos que comprovam a **prevalência nas terminologias instituídas ao modo de sintagmas**, num percentual que se situa em torno de 70% das ocorrências terminológicas (KRIEGER, 2001, p. 130, grifos nossos).

Ná área de Educação do Campo, em nossa pesquisa, como estamos lidando apenas com *corpus* neológico (que tende a apresentar termos em vias de lexicalização), temos mais de 90% de termos sintagmáticos ou complexos.

As composições são conjuntos de palavras que formam uma nova unidade de sentido, diferente do sentido que esses elementos possuem isoladamente. Camara Jr. ressalta esse caráter de formação de um novo sentido com a utilização de estruturas já existentes, o que, conforme já comentado, é uma das principais formas de manifestação da neologia; nas palavras desse autor, a composição é a “formação de uma palavra pela reunião de outras, cujas significações se complementam para formar uma significação nova” (CAMARA JR, 2009[1977], p. 92).

Essas afirmações de Mattoso Câmara Jr. corroboram a indissociabilidade que existe entre forma e conteúdo: a nova organização no eixo sintagmático acarreta necessariamente uma nova significação, diferenciada na língua e na cultura em que se instaura.

Vilela (1994) define composição como "processo formativo que resulta da combinação de (pelo menos) dois morfemas"; este autor também chama atenção para o fato de que

o composto constitui uma unidade sob o ponto de vista significativo, pois o seu significado global abrange mais do que (ou diferente de) o significado das partes constituintes e é uma unidade morfossintática: os seus constituintes não são passíveis de mudança de posição, sem se alterar a identidade da unidade (*social-democrata* e *democrata-social* não são a mesma unidade [...]) e não é possível a inserção de qualquer determinação entre os membros do composto (caminho de ferro e \*caminho lindo de ferro) e há mesmo a impossibilidade de determinar o segundo elemento composto (\*certidão de minha idade) e, no caso de um dos

elementos do composto ser um adjetivo, não há possibilidade de o graduar ou qualificar (sangue frio ≠ sangue muito frio) etc. (VILELA, 1994, p. 62)

Assim, a composição é um processo cujo produto é uma nova unidade da língua, formada de acordo com os critérios fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos de um sistema linguístico.

Nesta tese, como tratamos de um modelo de descrição terminológica da área da Educação do Campo, analisaremos os compostos de nosso *corpus*, que são compostos sintagmáticos.

Alves (2007a) caracteriza a composição sintagmática, no âmbito das terminologias:

1. o termo ainda não está internalizado pelos falantes - fase de transição do discurso para a língua (sentimento de lexicalização incompleto);
2. geralmente não há a utilização do hífen unindo os membros do sintagma;
3. sempre há a relação subordinativa - na ordem fixa: determinado + determinante (com ou sem preposição);
4. a formação sintagmática não admite a inserção ou a substituição de elementos;
5. a formação sintagmática deve apresentar frequência constante - mesma apresentação formal e significado constante (ALVES, 2007a, p. 41-59).

Em contrapartida, ainda de acordo com as proposições de Alves (2007a, p. 41-59), as composições sintagmáticas propriamente ditas são itens já lexicalizados/ dicionarizados ou já constantes do repertório do leitor especializado ou medianamente especializado (sentimento de lexicalização completo). Esse critério, todavia, não deixa de ser conflitante com o critério da neologia, pois os termos neológicos justamente não são percebidos pelos falantes/ leitores como já lexicalizados, como *normais* (pertencentes à norma).

De acordo com Barros (2004),

a lexicalização se caracteriza como um processo que vai da sintaxe ao léxico, no qual **uma sequência de unidades lexicais transforma-se em uma única unidade léxico-semântica**. Os sintagmas lexicalizados podem ser identificados por algumas de suas características, como:

- a) **não-autonomia de um componente em relação aos outros** que compõem a unidade léxico-semântica sem que haja modificação de sentido;
- b) **impossibilidade de comutação de um componente** sem acarretar mudança de sentido;
- c) **não separabilidade dos componentes**;
- d) particularidade da estrutura interna (exemplo: ausência de determinação significa integração dos elementos constitutivos;)

[...]

- existência de uma definição especializada para o sintagma analisado (**a sequência sintagmática em questão designa um conceito particular?**)

- produtividade do sintagma em textos especializados;

- **imprevisibilidade semântica** (o significado da composição sintagmática não pode ser previsto conhecendo-se apenas o significado isolado de seus constituintes)

- recorrência

- **frequência de ocorrências**

- estabilidade

- memorização
- estreita relação entre determinado e determinante, não sendo possível alterar o determinante sem causar mudanças de significado
- possibilidade de substituir o termo sintagmático por um termo simples (por exemplo: *estrada de ferro* pode ser substituído por *ferrovia*)
- uso do termo sintagmático
- memorização por parte dos usuários (BARROS, 2004, p. 102, 103, 104 e 105, grifos nossos)

De acordo com a análise do *corpus* da Educação do Campo, os termos estão em processo de lexicalização, sendo alguns mais lexicalizados e outros menos.

Nessa área, neológica, em que há muita instabilidade (devido particularmente ao caráter altamente ideológico dos conceitos representados pela terminologia em questão), consideramos que o processo de lexicalização está avançado, não nos esquecendo de que nossas fontes são escritas e não orais (não podemos verificar as variantes da oralidade, por exemplo, ou de situações formais e situações informais, ou a variação linguística geográfica, ou a diacrônica ou o estilo dos falantes).

Nossa proposição é de fazer um estudo descritivista da terminologia da área de Educação do Campo e, de acordo com os *corpora*, podemos afirmar que os termos classificados por nós como sintagmáticos realmente o são - e as dúvidas foram dirimidas junto a especialistas e na pesquisa comparativa com outros trabalhos.

Quanto à **estrutura sintática e à forte ligação léxico-semântica entre os constituintes**, podemos afirmar que todos os termos coletados e apresentados são termos sintagmáticos, pois seus constituintes não podem ser alterados (suprimidos, substituídos, trocados de ordem, determinados, separados) sem que seja alterado o significado. Exemplos: *Pedagogia da Práxis, Pedagogia Terra, Pedagogia da Alternância, Pedagogia da Cultura, Pedagogia da História, Pedagogia da Luta, Pedagogia do Movimento, Pedagogia do Oprimido, Pedagogia do Trabalho* - nitidamente, se trocados os determinantes, serão outros os significados.

Em relação ao **isolamento semântico, ou imprevisibilidade semântica**, podemos afirmar que os termos selecionados representam significado autônomo e diferenciado do significado das partes, que carrega as especificidades da conceptualização da área de Educação do Campo. O significado composicional é diferenciado e não pode ser depreendido sem um determinado nível cognitivo em relação à área. Muitos desses significados são também metafóricos e/ou metonímicos, o que será brevemente abordado, tendo em vista a combinatória dos tipos de neologia morfossintagmática e semântica.

Todos os termos classificados como sintagmáticos estão ligados a um conceito em particular, sendo significante e significado indissociáveis nesses signos terminológicos da área de Educação do Campo. Exemplos: *concepção de campo, cultura de campo, interesses do*

*campo, latifúndio do saber, mística da luta pela terra, memória da Educação do Campo*, como muitos outros termos de nosso *corpus* de análise, **designam um conceito particular, um novo conceito, para o qual foram necessários processos de terminologização para colocar-se em termo um novo conceito.** Dessa forma, dentre os termos citados, sem um conhecimento prévio do discurso e dos significados da Educação do Campo, nenhum receptor teria condições de interpretar o *campo* como "espaço de identidade própria, com valorização positiva de sua cultura, de sua tradição e de suas características", muito menos o termo *mística* seria compreendido corretamente como "crença na possibilidade de conquista da terra por meio da implantação da Reforma Agrária". Apenas esses poucos conceitos e respectivos termos demonstram o isolamento e a imprevisibilidade semânticos, sendo possível constatar que são termos sintagmáticos, com significante e significado próprios e indissociáveis.

A discussão entre relação do significado das partes com o significado resultante da união das partes (de um termo composto ou de um termo derivado) não é nova, nem simples.

Maroneze (2011, p. 49) faz uma importante discussão sobre um “*significado composicional*, passível de ser ‘calculado’ em função dos significados de seus elementos formadores” e o que pode ser chamado de “*significado lexical*, idiossincrático, decorrente de fatores variados, tanto linguísticos como extralinguísticos”, ao analisar o significado de neologismos formados por derivação.

Nesta tese, tratamos de neologismos formados por composição sintagmática.

A despeito de várias abordagens do tema, tomamos nesta tese o significado da composição sintagmática como diferenciado do significado do que seria a “soma das partes”.

Correlacionando significado dito *composicional* ao significado dito *lexical*, Maroneze (2011, p. 49) ressalta: “embora distintos, esses dois níveis são, sem dúvida, relacionados entre si”.

Escolhemos neste trabalho adotar as denominações *isolamento semântico* e *imprevisibilidade semântica* para enfatizar os novos significados das composições sintagmáticas, que não são a união do significado das partes, necessariamente. Os significados parciais podem sim possuir alguns semas ativados na composição (os quais são previsíveis, devido às virtualidades do sistema da língua), mas, na terminologia da Educação do Campo, a especificação de significados, própria das linguagens de especialidade, ao lado dos fatores extralinguísticos, ideológicos e pragmáticos, bem como o processo de lexicalização dos termos (em diferentes gradações), são determinantes inquestionáveis do nível semântico, fazendo-o diferenciado em seu engendramento.

Nesta tese, quando recorrermos à denominação “significado composicional” já estamos, automaticamente, nos referindo a um significado inédito (próprio da neologia), a partir de

uma nova combinatória no eixo sintagmático (outra propriedade da neologia). O significado composicional, para nós, é sempre imprevisível (imprevisibilidade semântica), havendo um isolamento semântico (novo sentido, que pode ou não ser metafórico ou metonímico) a partir de um isolamento morfossintagmático (composição associada à lexicalização).

Em relação ao **componente pragmático**, os termos são realmente utilizados em muitos textos, portais, materiais impressos (didáticos, de divulgação, manifestos), trabalhos acadêmicos (teses de doutorado, dissertações de mestrado, leis federais e estaduais, documentos governamentais, como diretrizes curriculares nacionais - além de denominarem órgãos do governo e grupos de trabalho - Secretaria de Educação do Campo, Grupo de Trabalho em Educação do Campo - e também de denominarem os movimentos sociais do campo e outros movimentos sociais). Além dos termos da Educação do Campo, configurados especialmente a partir de seu processo de terminologização, existem termos advindos de outras áreas, o que classificamos como a combinatória dos tipos de neologia morfossintagmática e empréstimo interno. Podemos afirmar que os termos realmente existem, são recorrentes e frequentes, com significante e significado estáveis. Esses termos são produtivos nos discursos da área, dando origem a outros termos derivados. Os termos sintagmáticos possuem sinônimos e antônimos, alguns possuem a respectiva forma acronímica ou siglada, o que demonstra a estabilidade conceitual e a lexicalização, em gradações, obviamente, visto que se trata de uma terminologia neológica, não sendo possível que todos os termos já estejam plenamente lexicalizados e memorizados pelos falantes, inclusive já sentidos como "imotivados" - isso seria totalmente incoerente com o estudo da neologia. Como exemplos podemos citar os termos *movimento social do campo*, *infância do campo*, *infância Sem Terra*, *Sem Terrinha*, *adolescência Sem Terra*, *juventude do campo*, para os quais podem ser estabelecidas redes sinonímicas, que apresentam relações metonímicas como em *infância e adolescência* e também metafóricas, como a metáfora do *movimento*. Estes são alguns exemplos do componente pragmático que, na verdade, está presente em todos os termos da Educação do Campo, conforme os **Quadros de Análise do Grau de Lexicalização e Delimitação de Sintagmas** - (ainda neste capítulo)

De nosso *corpus* de análise, de acordo com os critérios adotados, constam apenas duas composições propriamente ditas: *cooperativa-escola* e *escola-fazenda*.

São composições formadas pelo mesmo elemento, 'escola'; em 'cooperativa-escola', este elemento é que delimita e especifica o sentido do determinado 'cooperativa'; já em 'escola-fazenda', é o determinado, especificado por "fazenda".

Assim, é interessante notar que o elemento ‘escola’ é realmente muito produtivo, pois é o principal local onde se dá a Educação do Campo, não obstante o fato de que essa escola pode funcionar em lugares diferenciados em relação ao que ocorre com a escola tradicional.

Essas duas únicas composições do tipo propriamente dito apresentam hífen unindo os elementos, ficando claro que os referidos termos já passaram por um processo de lexicalização, o qual resultou em duas novas unidades da língua portuguesa e também em termos da Educação.

Se os elementos compostos são caracterizados por não terem mais sua lexicalização questionada pelos usuários da língua e da respectiva linguagem de especialidade, a lógica é que uma terminologia neológica não seja constituída por compostos propriamente ditos e sim por compostos sintagmáticos, em diferentes graus de lexicalização, ainda não dicionarizados, nem mesmo como subentradas de dicionários, ou vocabulários ou glossários. É difícil determinar o grau de lexicalização desses compostos sintagmáticos.

Barros (2004), com suas considerações, oferece uma alternativa à análise, que, para nós, significa a possibilidade de rever critérios e paradigmas sempre que necessário - não existindo, pois, critérios cem por cento eficazes e aplicáveis em todos os contextos:

Cumpre, no entanto, ressaltar que a experiência no campo da Terminologia descritiva, em uma abordagem comunicativa (a qual adotamos) leva-nos a nos defrontar com situações em que o fato de um termo não resistir aos critérios propostos coloca não apenas o estatuto de termo da unidade sintagmática em questão, mas também os próprios critérios de identificação do mesmo. (BARROS, 2004, p. 102)

Essas asserções não deixam de trazer uma segurança à pesquisa em Terminologia, ao mesmo tempo em que trazem uma necessária insegurança ao pesquisador. Se houvesse apenas um tipo de critério, infalível, aplicável a todas as análises, não seria mais necessário pesquisar - seria apenas a aplicação de uma metodologia perfeita.

Para este trabalho, os critérios, os procedimentos e os instrumentos adotados foram suficientes, a nosso ver, para atender os objetivos a que nos propomos. Certamente, em outros momentos, poderemos melhorar e incrementar nossa metodologia e nossas concepções de pesquisa, mantendo sempre um posicionamento antipositivista em relação aos nossos próprios postulados e práticas.

Quanto às composições sintagmáticas, podemos citar mais alguns exemplos:

- (01) assembleia do assentamento
- (02) auto-organização dos alunos
- (03) Caderno de Formação do MST
- (04) ciranda infantil
- (05) colégio agrícola
- (06) coletivo Sem Terra

- (07) comunidade Sem Terra
- (08) cooperativa-escola de alunos
- (09) cultivo da mística
- (10) dinâmica do campo
- (11) direito ao conhecimento
- (12) educação básica das áreas de Reforma Agrária do Movimento Sem Terra
- (13) educador do MST
- (14)** ensino fundamental na área rural
- (15) hino do MST
- (16)** jovem no assentamento
- (17) modelo de desenvolvimento para o campo
- (18) orientador de cooperativa-escola
- (19) Pedagogia do MST
- (20) política de educação no campo
- (21) problemas da educação do campo
- (22) realidade dos Sem Terra
- (23) reconstrução do campo
- (24) Setor de Educação
- (25) símbolos do MST
- (26) técnico em agropecuária
- (27) trabalhador Sem Terra
- (28) trabalhador sem-terra
- (29) trajetória do MST
- (30) vida do campo
- (31) vivência geradora

Todos esses exemplos são termos neológicos, conforme os propósitos desta tese.

Conforme já mencionado, os neologismos de nosso *corpus* são primordialmente compostos sintagmáticos.

Cabré (1993) enfatiza a importância da composição sintagmática na formação de termos:

La sintagmación, como recurso formal de obtención de unidades léxicas, se basa en la formación de una nueva unidad a partir de una combinación sintáctica jerarquizada de palabras. Las nuevas unidades así obtenidas respetan las reglas combinatorias del sistema lingüístico al que pertenecen, e incluyen muy frecuentemente conectores gramaticales (CABRÉ, 1993, p. 189)

Interessante notar que alguns termos, para o público em geral, são totalmente desconhecidos, ou, talvez, nem se "pareçam com termos", como *assembleia do assentamento*, *Caderno de Formação do MST*, *cultivo da mística*, *vivência geradora*, entre outros.

Esse possível "estranhamento" se dá ao fato de que, justamente, os compostos sintagmáticos estão em um nível mais próximo do discurso do que da língua - visto que não se encontram, justamente, nos chamados "dicionários de língua".

Alguns termos sintagmáticos estão em transição, passando do nível discursivo para o gramatical, ou + gramatical, considerando-se um *continuum* linguístico.

Assim, uma recepção, um público que não esteja habituado a essa terminologia, certamente nem "sentirá" cada uma dessas composições como pertinentes a uma língua de

especialidade, assim como os que desconhecem certos neologismos da língua comum provavelmente pensarão ou dirão que "não são palavras de sua língua materna", ou que são "palavras inexistentes".

A neologia é um processo pautado pela criatividade linguística, o que pode ser considerado *inovação* ou *transformação*, mas sempre de acordo com as regras da língua em que o neologismo é criado ou adaptado, no caso de empréstimo de outras línguas.

No entanto, não é o tipo de "invenção" de uma forma "sem significado", algo aleatório e/ ou sem sentido e sim uma criação perfeitamente aceitável em nível do sistema da língua - o que ocorre é uma novidade em relação à norma linguística predominante no grupo.

Tratando-se então de uma diferença entre uma norma e outra, o que pode ser determinado inclusive por processos de variação linguístico-terminológica, não se pode levar em conta somente o critério do "sentimento de lexicalização" ou do "sentimento de neologicidade" por parte de falantes nativos, pois cada indivíduo, de cada comunidade linguístico-cultural, "percebe" os termos, capta e transmite os conjuntos das palavras comuns e os conjuntos terminológicos de uma maneira sincrônica e atualizada de acordo com seu nível de escolaridade, sua condição socioeconômica, sua faixa etária, seus interesses, sua profissão, seu local de nascimento e/ ou de moradia etc., conforme as variações diassistemáticas que atravessam qualquer sistema linguístico e moldam suas unidades de diferentes maneiras.

Assim, para a determinação dos compostos sintagmáticos que compõem o *corpus* de análise, foi necessário recorrer aos textos técnicos da área de especialidade e, a partir desse *corpus* inicial, foi necessário ainda executar um refinamento dos textos e dos termos mais relevantes, que mais ocorreram, que foram recorrentes com uma determinada apresentação e ordem dos elementos.

Apontamos essas questões, nesta parte do trabalho, para enfatizar a importância da identificação e da análise dos compostos sintagmáticos em um conjunto terminológico.

Foi realmente nosso intuito retratar o processo de terminologização relativo à área de Educação do Campo.

O caráter sintagmático dos termos representa, por um lado, transição, rumo à renovação, que é o cerne dos estudos neológicos. Por outro lado, o caráter sintagmático dos termos demonstra fixação, por meio da lexicalização de estruturas morfossintáticas e semântico-pragmáticas. Os conceitos e os termos da área estão começando a fazer parte, de forma mais consistente, do contexto sociopolítico e cultural do Brasil.

Como este é um estudo descritivo, não manipulamos ou "maquiamos" os elementos dos sintagmas que são nossas unidades terminológicas sob análise.

A língua, mutável e mutante, está retratada neste trabalho, representada por apenas um de seus conjuntos terminológicos.

Certamente os termos da área de Educação do Campo que, neste estágio da língua e da cultura apresentam-se como mais instáveis, podem desaparecer, mas podem também atingir a completa lexicalização, passando pelos processos de difusão, de aceitação e de incorporação, perdendo seu caráter neológico em sincronias futuras. Então esses termos não mais serão neológicos e sim termos já consolidados, ou ainda podem voltar ao caráter de neologicidade, por um possível processo de reneologização ou reterminologização.

Fizemos absoluta questão de retratar as composições sintagmáticas, com frequência comprovada, pois, na presente sincronia, sua configuração morfossintática e semântico-pragmática é uma, a qual mudará ou desaparecerá, tendo em vista o dinamismo da língua e das situações extralinguísticas que a condicionam.

Alves (2007b) cita o exemplo do termo *aquisição do conhecimento*, pertinente à área de Inteligência Artificial,

que, antes de lexicalizar-se sob essa forma, conheceu outras denominações [...] os sintagmas frasais *aquisição de novos conhecimentos*, *aquisição de conhecimento necessário*, *aquisição do conhecimento* [essas formas anteriores] **revelam não ainda o termo, mas a fase em que a denominação desse termo não estava consolidada.** (ALVES, 2007b, p. 83, grifos nossos)

Desse modo, não omitimos as composições sintagmáticas, as quais encontram-se em processo de lexicalização, do mais para o menos completo.

Procuramos preservar a história dos termos, mantendo também as fontes e as características de sua transformação no eixo temporal.

Do *corpus* de análise da área de Educação do Campo, podemos citar o termo *MST* e o termo *Sem Terra*, que passaram por mudanças no plano morfossintático, até a configuração atual.

Ainda em relação à configuração dos termos sintagmáticos, há a constante necessidade de, cada vez mais, especificar o termo, ou, tratando-se de uma análise morfossintática, de acrescentar determinantes ao termo determinado, de base substantiva, na maioria de nossos casos.

Alves (2007a), analisando a expansão de formações sintagmáticas, sublinha a importância da formação "a partir de um termo genérico, que se expande por meio de sintagmas adjetivais e de sintagmas preposicionais" (ALVES, 2007a, p. 84).

Em obra anterior, Alves, estudando as formações sintagmáticas neológicas da área de Inteligência Artificial, cita o exemplo do termo *algoritmo*, que, por expansão/ determinação

(adjetival ou sintagma preposicionado), deu origem a vários neologismos terminológicos na área em questão: *algoritmo genético*, *algoritmo paralelo*, *algoritmo de busca*, *algoritmo de retropropagação*. (ALVES, 2001b, p. 61).

Essa expansão sintagmática ocorre com alta frequência na terminologia da Educação do Campo, conforme a análise dos processos de determinação que seguem.

O sintagma preposicionado, a exemplo de “*do campo*” em “*vida do campo*”, representa uma possibilidade de adjetivação do termo, visto que “*do campo*” equivale a campestre, campesino.

" Do campo" é recorrente em função adjetival na terminologia da Educação do Campo.

A adjetivação é importante em qualquer terminologia, e as denominações da Educação do Campo não são diferentes.

Nas terminologias, a classe predominante geralmente é a dos substantivos; os adjetivos, por sua vez, são muito relevantes e indispensáveis a uma maior especificação dos termos compostos e dos termos complexos - logo, consideramos que os adjetivos dão a nuance das terminologias e da Terminologia, conferindo-lhes especificidade e especialização.

Na Educação do Campo, o determinante sintagma preposicionado é, muitas vezes, o preferencial em relação ao determinante adjetival. Isso ocorre, a nosso ver, por se tratar de uma terminologia neológica, em fase de consolidação morfosintática e semântico-pragmática e também pelo fato de o constructo "do campo" ser a tônica da terminologia da Educação do Campo, servindo como um arquiconceito e como um arquitermo e como arquiiformante, por conseguinte.

Sablaylorles (2000), tratando de estudo dos processos de neologia, também propõe uma combinação de critérios para a diferenciação entre construções ocasionais das construções em vias de lexicalização, como a "criação formal", ou "critério morfológico", ao lado de critérios sintáticos, como a impossibilidade de pronominalização como determinantes dos elementos da formação sintagmática, ao lado das rupturas paradigmáticas (no campo semântico-pragmático), bem como rupturas de paradigmas linguísticos (no campo da morfologia, sintaxe, como a variação de plural obrigatória em frases ocasionais, que não se dá nas formações sintagmáticas em vias de ou já lexicalizadas). O autor também nos chama a atenção para os fatores semânticos determinantes dos processos de criação lexical, tratando-se de formações sintagmáticas, como a polissemia *versus* restrição de sentidos e a modificação de semas que, de uma forma particular, acarreta seleção/ restrição semântica e, com isso, neologia sintagmática associada a neologia semântica.

Sablaylorles (2000) não nos deixa esquecer dos critérios tipográficos para a seleção de formações sintagmáticas, como o destaque dos elementos (negrito, itálico, sublinhado,

ocorrência em títulos/ subtítulos) que formam um bloco significante/ significado (SABLAYROLLES, 2000, p. 158-160).

Priorizaremos nesta tese a distinção feita pelos critérios semânticos e morfossintáticos, bem como a combinação entre esses fatores, tendo em vista que nosso foco é a relação entre os tipos de neologia morfossintagmática e semântica.

Para o estudo da terminologia da área da Educação do Campo, esses critérios sintáticos são fundamentais, pois quase a totalidade de termos são compostos sintagmáticos, não compostos propriamente ditos.

#### 6.2.4.4.1 Funções dos termos sintagmáticos na terminologia da área de Educação do Campo

Com a análise dos termos da área de Educação do Campo, estabelecemos algumas **funções dos compostos sintagmáticos**, próprias de sua organização no eixo sintagmático e decorrentes de suas relações com o eixo paradigmático.

**1. Cognitiva:** esta função refere-se às formas de apreensão e de organização do conhecimento, da "realidade"/ experiência do mundo físico/ biológico.

Os termos sintagmáticos são formas de manifestação da cognição humana por serem alternativas de organizar o conhecimento, com a utilização do aparato linguístico, em íntima relação com o nível conceptual.

No *corpus* da Educação do Campo, os sintagmas terminológicos, associados à metáfora e à metonímia conceitual, por exemplo, são manifestações das formas de cognição direcionada à terminologia.

No processo de terminologização, ou seja, na transposição do conceito para o termo, não podemos deixar de observar os recursos cognitivos, de organização própria de uma determinada área de conhecimento, como a Educação do Campo.

Assim, por exemplo, os termos metonímicos e metafóricos *mística da luta*, *concepção de campo*, *memória da Educação do Campo*, *adolescência Sem Terra*, *juventude do campo*, *Sem Terra*, entre muitos outros, manifestam as formas de categorização do conhecimento, com a utilização de referências de experiências anteriores, mesmo que de outro domínio. Em *memória*, a experiência de recordar-se de algo, de pensar em algo que ficou no passado, é transposta e recategorizada para o domínio do concreto, um relato, com a utilização de aparato linguístico, na modalidade oral ou na modalidade escrita. Mesmo em *Sem Terra*, a experiência de falta do bem gerou uma nova categoria, *Sem Terra* como sujeito ativo, com uma identidade não necessariamente disfórica, como a condição de falta.

Dessa forma, os termos sintagmáticos possuem uma função cognitiva e favorecem os processos cognitivos, visto que, com a complexidade dos novos conceitos, em decorrência de novas tecnologias, novas ciências, novas técnicas e novas ideologias, as formas de expressão linguística mais simples, ou unitárias, acabam ficando mais restritas e não são suficientes para manifestar toda a especificidade, cada vez maior, das terminologias - exceto em casos de neologia semântica em termos simples, mas esse não é o que ocorre no *corpus* da Educação do Campo, nosso foco nesta tese.

**2. Expressiva:** esta função refere-se às marcas ideológicas e axiológicas das terminologias, as quais são favorecidas pela estrutura sintagmática, que oferece múltiplas possibilidades de combinação de elementos já existentes para a criação de um termo novo, com significante e significado indissociáveis. A função expressiva da linguagem reflete o ponto de vista subjetivo, juntamente com a liberdade que essa subjetividade traz. Termos como *Sem Terrinha, companheiro de luta, professor de fora, professor de dentro, jornada da luta, vida do campo, homem da terra*, entre outros, marcam um discurso mais afetivo, no sentido de proximidade entre conceito e expressão e mundo real, em uma perspectiva emotiva. Por exemplo, existindo também a forma *Criança Sem Terra*, a forma *Sem Terrinha* foi criada sobretudo para ser um sustentáculo dos traços afetivos do que para representar o conceito em si. Ou seja: a função dos termos sintagmáticos não é apenas referencial, "objetiva", mas também subjetiva. Os outros termos utilizados como exemplos neste parágrafo, como muitos outros nesta tese, carregam mais essa função expressiva que qualquer outra.

**3. Comunicativa:** esta função refere-se à capacidade dos termos de difundirem conhecimentos, princípios, práticas, ideologias. A função comunicativa é favorecida nas composições sintagmáticas por serem estas altamente explicativas, mesmo que o significado resultante seja inesperado e não depreensível do significado das partes. Uma das características positivas dos termos sintagmáticos é justamente essa capacidade de comunicação, já que a união de elementos no eixo sintagmático tende a ser mais eficaz para propósitos comunicativos que a atribuição de um novo significado, por exemplo, a um significante já conhecido. Como exemplos, citamos *escola itinerante do campo, Sistema Cooperativista dos Assentados, coordenação do Projovem, Pedagogia do MST*. Estes termos, dentre muitos outros, demonstram o caráter comunicativo dos termos sintagmáticos, pois difundem conceitos e conhecimento da área estudada, ao mesmo tempo que são explicativos.

**4. Associativa:** esta função refere-se à capacidade dos termos sintagmáticos de estabelecerem relações conceituais e linguísticas entre si, na mesma área de conhecimento, e também com outras terminologias. Por exemplo, os termos *família acampada, família*

*assentada, família camponesa, família Sem Terra*, criam uma relação associativa, privilegiada pela extensão sintagmática, que permite que o mesmo elemento determinado tenha vários determinantes diferentes, dentre outros casos. Os termos associam-se em campos lexicais e em campos conceituais, sendo possível identificar essas relações. Podemos citar também os termos *professor militante, professora Sem Terra, educador infantil, educador Sem Terra, educador popular, educador militante* que estão associados conceitual e formalmente, levando o usuário da terminologia a apreender significados, realizando a associação de um termo já conhecido a um termo que acaba de conhecer. Dessa forma, esse caráter associativo dos termos sintagmáticos permite uma melhor cognição dos conceitos de uma área, no percurso que o leitor/ ouvinte vai percorrendo ao se apropriar de uma terminologia, em várias gradações cognitivas.

**5. Ideológico-persuasiva:** esta função refere-se à capacidade dos termos de marcarem sua ideologia e seu fazer-persuasivo, de modo explícito ou de modo implícito. Todos os termos e palavras carregam uma ideologia, que é atualizada discursivamente e imposta aos interlocutores (persuasão). Essa função ideológico-persuasiva é favorecida pela estrutura sintagmática, visto que a possibilidade de agregar determinantes e expandir o termo linguisticamente permite uma maior inserção de traços que podem ser atualizados de modo persuasivo em discurso. Como exemplos, podemos citar os termos sintagmáticos (*Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, em que *trabalhadores* carrega traços positivos, persuasivos em discurso, em favor do Movimento – acrescentamos que *trabalhadores* é omitido no discurso da mídia brasileira, para fins também persuasivos, mas visando a um efeito contrário, de negar ou omitir o fato de que o Movimento é composto por trabalhadores). Do mesmo modo, termos como *mística da abertura, escola em movimento, cooperativa escolar, Pedagogia do Trabalho*, dentre muitos outros, têm a função, em discurso, de manipular o interlocutor, a fim de que receba os termos e respectivos conceitos de modo positivo.

**6. Estilística:** esta função refere-se à capacidade dos termos de representar as escolhas feitas na sua própria configuração, principalmente por se tratarem de termos neológicos. O estilo pode ser entendido como manifestação individual, ou marca de um grupo. No caso, são os ideólogos da Educação do Campo os criadores do estilo, que marca toda a terminologia da área. Assim, todas as instituições estudadas colocam sua marca nos termos, a fim de diferenciar-se e chamar a atenção para seus princípios e para seu trabalho. Os termos *Pedagogia do MST, Associação Central do Projovem, agente de FPR, instrutor do Senar, EJA do MST, evento de FPR, Conselho Deliberativo do Pronera, Associação Nacional de Cooperação Agrícola, ação de Formação Profissional Rural, Escola Técnica Estadual*

demonstram a marca institucional, o *estilo* de cada instituição, ao denominar seus conceitos. O estilo também pode ser relacionado à repetição de segmentos de termos, geralmente os determinantes das composições sintagmáticas, como *camponês, da terra, do assentamento, do campo, do Movimento Sem Terra, do MST, Sem Terra*. Os termos formados com esses segmentos são facilmente identificáveis e relacionáveis ao contexto da área de Educação do Campo, o que também é relativo à função associativa dos termos sintagmáticos. O caráter de inediticidade das marcas de estilo pode ser verificável na combinatória dos tipos de neologia morfossintagmática e semântica, visto que os significados metafóricos e metonímicos trazem uma imprevisibilidade semântica, uma surpresa em relação às expectativas da recepção, uma ruptura de isotopias, as bases do estilo.

**7. Discursiva:** esta função refere-se à capacidade dos termos de se manifestarem na comunicação, atualizados, contextualizados, e servindo aos diferentes propósitos de cada interlocutor em cada ato comunicativo. Os termos sintagmáticos desempenham sua função discursiva de maneira inegável, pois, como são altamente explicativos, pela sua própria expansão e expansividade sintagmáticas, facilitam a contextualização e evitam ambiguidade de significados, visto que, na língua, no sistema, todas as unidades lexicais são polissêmicas, sendo que os significados são selecionados discursivamente pelos interlocutores. Na terminologia da área de Educação do Campo essa função discursiva dos termos é altamente privilegiada. Somente no discurso, nos contextos, é possível apreender o significado da maioria dos termos. Por exemplo, os termos sintagmáticos: *bandeira do Movimento, Caderno de Educação, TAC, escola base, tempo escola, lona preta, povos da terra, povos da floresta*, dentre muitos outros, são totalmente inalcançáveis cognitivamente para quem não teve acesso à terminologia em questão. Somente o discurso pode fornecer um aparato para a seleção e atribuição dos significados corretos em cada manifestação, oral ou escrita.

Assim como as funções da linguagem, esta **proposta de tipologia de funções para os termos sintagmáticos da área de Educação do Campo** tem um intuito explicativo de algumas características dos **processos de conceptualização e de respectiva representação linguística - terminologização**. Na verdade, todas essas funções podem ser verificadas na configuração de todos os vocábulos/ termos, atualizadas nas situações discursivas em que se manifestarem. É o discurso que determinará qual ou quais funções são as mais proeminentes e que mais determinam a significação, considerando-se também o gênero discursivo, os interlocutores/ público-alvo, os padrões de mais ou menos formalidade, entre diversos fatores.

Este tópico, nesta tese, é apenas uma tentativa de ressaltar a ideia de que os termos sintagmáticos possuem funções bem delimitadas, advindas de suas características morfossintáticas e semântico-pragmáticas.

#### 6.2.4.4.2 Tipologia dos termos sintagmáticos da área de Educação do Campo

A partir da análise do *corpus* da área de Educação do Campo, estabelecemos uma tipologia para os compostos sintagmáticos, de acordo com sua configuração conceitual-terminológica.

Essa tipologia traz dois aspectos: um é o formal, o outro é o semântico-pragmático. Esses dois pontos de vista apresentados têm o intuito de demonstrar etapas do processo de terminologização da área em questão, como a criação no plano da expressão (neologia morfossintagmática) e a respectiva criação no plano do conteúdo (neologia semântica, a qual depende de aspectos pragmáticos).

Fizemos separações em etapas, de forma metodológica, para fins explanativos, mas é impossível separar o aparato formal do semântico-pragmático.

De todo modo, segue nossa análise.

### **A. DO PONTO DE VISTA FORMAL, SÃO VERIFICADAS AS ESTRUTURAS:**

#### **1. determinado + determinante, em relação de subordinação**

##### **1.1 Estruturas mais frequentes**

1.1.1 substantivo + preposição + substantivo

1.1.2 substantivo + adjetivo

1.1.3 substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo

1.1.4 substantivo + preposição + substantivo + adjetivo

1.1.5 substantivo + adjetivo + preposição + substantivo

1.1.6 substantivo + preposição + sigla

1.1.7 substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo

1.1.8 substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo

1.1.9 substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla

1.1.10 substantivo + adjetivo + adjetivo

1.1.11 substantivo + adjetivo + preposição + sigla

Nessas estruturas, podemos notar que:

a) **as siglas têm função de substantivo nos sintagmas preposicionados** - exemplo: *luta do MST* (*MST* é o substantivo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)

b) **os sintagmas preposicionados têm função adjetival** - exemplo: *Educação do Campo* (*do campo*, sintagma preposicionado, representa o adjetivo *campesino*)

c) **dois adjetivos podem ser necessários para especificar um substantivo** - *escola técnica agrícola* (*técnica* e *agrícola* são dois adjetivos necessários à formação do determinante do termo *escola*; apenas um adjetivo não daria conta de terminologizar o conceito).

d) **dois sintagmas preposicionados podem ser necessários para especificar um substantivo** - exemplo: *escola de assentamento do MST* (*de assentamento* é um especificador sintagma preposicionado, mas foi necessário também, no processo de terminologização, acrescentar outro sintagma preposicionado, *do MST*, pois nem toda escola de assentamento pertence ao MST).

e) **um sintagma preposicionado e um adjetivo podem ser necessários para especificar um substantivo** - exemplo: *mística da luta popular* (o sintagma preposicionado *da luta* precisa ser acompanhado do adjetivo *popular*, pois o conceito refere-se a um determinado tipo de luta, não sendo possível omitir essa determinação).

f) **um adjetivo e dois sintagmas preposicionados podem ser necessários para especificar um substantivo** - exemplo: *política pública da educação do campo* (o adjetivo *pública* é imprescindível no processo de terminologização do conceito "política pública de educação", mas o outro determinante, sintagma preposicionado *do campo* também é imprescindível, pois não se trata de nenhum outro tipo de política pública de Educação a não ser da Educação do Campo, com todas as suas especificidades).

g) **dois adjetivos e um sintagma preposicionado podem ser necessários para especificar um substantivo** - exemplo: *Grupo Executivo de Ensino Agrícola* (o adjetivo *executivo* é indispensável à terminologização do conceito já existente em outras áreas, "Grupo Executivo", um órgão diretor, que promove ações importantes em relação a algum assunto. No caso, o assunto é Ensino, e não apenas Ensino e sim Ensino Agrícola. Logo, dois adjetivos e um sintagma preposicionado foram necessários para a configuração desse termo).

h) **os empréstimos de outras áreas já carregam as respectivas estruturas morfossintáticas complexas**- exemplo: Associação Nacional de Cooperação Agrícola (um empréstimo interno, o nome de uma instituição, que já carrega a estrutura sintagmática complexa, como vemos nos termos criados na própria área de Educação do Campo).

Existem três tipos de estruturas morfossintagmáticas com uma determinação:

a) **substantivo + preposição + substantivo**

Como exemplo, citamos o termo: *povos da floresta*. O sintagma preposicionado *da floresta* é um determinante imprescindível na terminologização do conceito "povos que vivem, trabalham e tiram seu sustento dos recursos de áreas florestais e outras áreas naturais,

em seu próprio território". Existe apenas uma determinação SP nesse termo. A estrutura pode ser reduzida a **Subs + SP**.

b) **substantivo + adjetivo**

Como exemplo, citamos o termo: *educação cooperativa*. O determinante adjetival é imprescindível para a terminologização do conceito "Educação que segue os princípios do Cooperativismo". A estrutura pode ser reduzida a **Subs + Adj**.

c) **substantivo + preposição + sigla**

Como exemplo, citamos o termo: *Jornal do MST*. O determinante sintagma preposicionado é imprescindível à terminologização do conceito "Meio de comunicação em forma de jornal elaborado e distribuído pela instituição MST". A estrutura pode ser reduzida a **Subs + SP**.

Existem seis tipos de estruturas morfossintagmáticas com duas determinações:

a) **substantivo + adjetivo + adjetivo**

Como exemplo, citamos o termo: *ensino técnico agrícola*. O determinante adjetival *técnico* é imprescindível à terminologização do conceito "tipo de ensino voltado à formação profissional em uma determinada área produtiva". No caso, a área produtiva é a agrícola, sendo também imprescindível outro determinante, *agrícola*. A estrutura pode ser reduzida a **Subs + Adj + Adj**.

b) **substantivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo**

Como exemplo, citamos o termo: *Movimento dos Atingidos por Barragens*. São necessários dois sintagmas preposicionados para especificar o termo, que é realmente bem específico e relativo ao conceito "Organização, em prol de seus próprios direitos, dos habitantes de territórios destruídos ou prejudicados pela construção de barragens".

A estrutura pode ser reduzida a **Subs + SP + SP**.

c) **substantivo + preposição + substantivo + adjetivo**

Como exemplo, citamos o termo: *Diretoria do Ensino Agrícola*. São necessários dois determinantes, um sintagma preposicionado, para especificar que não se trata de qualquer diretoria e sim de uma "diretoria de ensino, um órgão oficial que regulamenta e supervisiona o Ensino", e também torna-se necessário o determinante adjetival para a perfeita terminologização do conceito, pois é de um determinado tipo de ensino que cuida essa diretoria, o ensino agrícola - tornando-se o adjetivo também indispensável.

A estrutura pode ser reduzida a **Subs + SP + Adj**.

d) **substantivo + adjetivo + preposição + substantivo**

Como exemplo, citamos o termo: *Educação Básica do Campo*. É necessário o determinante adjetival *Básica* pois se trata de um tipo/ nível de Educação, que compreende o

Ensino Fundamental e o Ensino de Nível Médio. O conceito de Educação Básica é muito amplo, sendo que a Educação Básica deve ocorrer em qualquer área, rural ou urbana, independentemente de qualquer fator social, econômico, político. Então, para uma correta e precisa terminologização do conceito "Educação Básica promovida pelas e para as populações camponesas" foi necessária também mais uma determinação, pelo sintagma preposicionado *do campo*. A estrutura pode ser reduzida a **Subs + Adj + SP**

e) **substantivo + preposição + substantivo + preposição + sigla**

Como exemplo, citamos o termo: *escola de assentamento do MST*. O determinante sintagma preposicionado *de assentamento* é imprescindível à terminologização do conceito "escola fundada e mantida por e para habitantes de assentamentos rurais". Entretanto, outra determinação foi necessária para a precisão do termo, em relação ao conceito, outro sintagma preposicionado, *do MST*, pois se trata de um determinado tipo de assentamento rural, organizado pela instituição MST - e nenhum outro. A estrutura pode ser reduzida a **Subs + SP + SP**.

f) **substantivo + adjetivo + preposição + sigla**

Como exemplo, citamos o termo: *Associação Central do Projovem*. O determinante adjetival *Central* compõe a especificação do conceito "Organização responsável por uma instituição ou programa". No caso, o Programa é o Projovem, sendo necessário, então, o determinante sintagma preposicionado em mais uma determinação. A estrutura pode ser reduzida a **Subs + Adj + SP**.

Existem dois tipos de estruturas morfossintagmáticas com três determinações:

a) **substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + preposição + substantivo**

Como exemplo, citamos o termo: *política nacional de educação do campo*. Nessa complexa rede de determinações, todas são imprescindíveis à precisa terminologização do conceito "conjunto de ações governamentais, em nível federal, para o planejamento e implantação da Educação do Campo". O determinante adjetival *nacional* já é tradicional na composição do termo *política nacional*, que é utilizado em várias áreas – logo, de grande abrangência. Justamente por ser um termo amplo, houve a necessidade de outra determinação, com dois sintagmas preposicionados: *de educação*, pois é a isso que se refere a política nacional, à educação, mas não à Educação Geral ou qualquer outro tipo, mas sim à Educação do Campo - fazendo-se necessário também esse sintagma preposicionado. A estrutura pode ser reduzida a **Subs + Adj + SP + SP**.

b) **substantivo + adjetivo + preposição + substantivo + adjetivo**

Como exemplo, citamos o termo: *políticas públicas de educação rural*. O conceito "conjunto de ações governamentais para o planejamento e oferecimento da Educação Rural"

demandou três determinações, no plano morfossintagmático, para expressar toda sua especificidade. *Política pública* já é um termo canônico de outras áreas - logo o determinante adjetival *públicas* não é uma criação da área em estudo. *Políticas públicas de Educação* também não é um termo específico de nossa área-alvo, pois pode se referir a qualquer tipo de Educação. Foi então necessária a adjetivação, mais um determinante, *rural*, para representar linguisticamente toda a complexidade do conceito.

A estrutura pode ser reduzida a **Subs + Adj + SP + Adj**.

De um total de 11 tipos de estruturas morfossintáticas mais representativas, reduzindo-se a um fator comum, obtivemos sua representação funcional:

#### **termo sintagmático da EC =**

{ elemento linguístico em função substantival + elemento ou conjunto linguístico em função adjetival }

visto que:

- a) sintagma preposicionado e adjetivo = função adjetival
- b) substantivo e sigla = função substantival

Podemos também constatar que, no processo de terminologização da Educação do Campo (EC), a função adjetival com a utilização de sintagmas preposicionados é mais representativa do que a função adjetival com a utilização exclusivamente de adjetivos, o que não deixa de representar o caráter neológico dos termos, em vias de lexicalização. As estruturas exclusivamente adjetivais podem apresentar a tendência a uma linguagem mais elaborada, e até artificiosa, como em "população campesina" x "população do campo". As duas formas coexistem em nosso *corpus*, mas existe sim a predominância dos determinantes SP em detrimento dos determinantes adjetivais.

Entretanto, como todo conjunto linguístico neológico, a terminologia da EC está em um percurso no *continuum* do - lexicalizado para o + lexicalizado, e podemos notar também a combinatória dos adjetivos com os sintagmas preposicionados na expressão da função adjetival nos termos sintagmáticos da área em questão:

- a) função adjetival somente representada por SP: 2 arquétipos de composição sintagmática - subs + SP; subs + SP + SP;
- b) função adjetival somente representada por adjetivo simples: 2 arquétipos de composição sintagmática - subs + adj; subs + adj + adj

c) função adjetival representada por SP e por adjetivo simples, com primazia de SP: 1 arquétipo de composição sintagmática - subs + adj + SP + SP

d) função adjetival representada por SP e por adjetivo simples, com primazia de adjetivo: 1 arquétipo de composição sintagmática - subs + adj + SP + adj

e) função adjetival representada por SP e por adjetivo simples, com igualdade: 2 arquétipos de composição sintagmática - subs + SP + adj; subs + adj + SP.

Desse modo configuram-se, do ponto de vista formal, tendo em vista o significante, os termos sintagmáticos da área de Educação do Campo.

Nos próximos parágrafos faremos uma análise do ponto de vista semântico-pragmático, estabelecendo também uma tipologia, com vistas ao significado.

## **B. DO PONTO DE VISTA SEMÂNTICO-PRAGMÁTICO**

1) composições sintagmáticas em combinatória com metáforas

2) composições sintagmáticas em combinatória com metonímias

3) composições sintagmáticas sinônimas

4) composições sintagmáticas em combinatória com empréstimos de outras áreas

5) composições sintagmáticas em contexto ideológico

Nessas estruturas, podemos notar que:

**Quanto aos itens 1 e 2: as composições sintagmáticas em combinatória com metonímias são mais representativas e mais recorrentes que as composições sintagmáticas em combinatória com metáforas.** Julgamos que, como as metonímias representam relações mais concretas que as metáforas, a força metonímica nas terminologias tende a ser mais relevante em algumas áreas de especialidade, e a Educação do Campo é uma delas.

Por exemplo: são muito significativas expressões metonímicas como as que seguem, pois representam claramente a conceptualização da área de Educação do Campo e trazem à tona a "força" que os conceitos da área carregam na sociedade:

- (1) adolescência Sem Terra
- (2) analfabetismo nos assentamentos
- (3) conquista da terra
- (4) infância Sem Terra
- (5) luta por terra
- (6) revalorização rural

As metonímias da Educação do Campo, a nosso ver, terão, com a continuidade da transformação diacrônica dos termos da área, sempre uma supremacia em relação às metáforas, as quais, para serem depreendidas, necessitam de um conhecimento prévio maior do ouvinte/ leitor, enquanto que as metonímias terminológicas da Educação do Campo

permitem associações mais diretas e objetivas de um público leigo (e quase toda a sociedade brasileira é um público leigo em relação aos conceitos e aos termos da Educação do Campo).

Conforme segue, as metáforas da Educação do Campo, como metáforas de outras áreas de especialidade, bem como da língua geral, necessitam de uma maior "afinidade cultural" para sua interpretação; são mais abstratas as relações metafóricas.

Os termos metafóricos a seguir, por exemplo, constituem-se possivelmente em enigmas para o público leigo, que passará por eles sem alcançar cognitivamente seu verdadeiro significado com uma leitura imediatista e/ ou objetivista:

- (1) cultivo da Mística do MST
- (2) escola base
- (3) professor de fora
- (4) professor de dentro
- (5) processo de ocupação da escola
- (6) escola em movimento

esses termos metafóricos são mais herméticos, pois um leitor pouco ou nada familiarizado com a conceptualização e com a terminologização da Educação do Campo não terá como depreender o que é a "Mística do MST", muito menos o que seria seu cultivo, nem mesmo pelos contextos isolados - seria necessário pesquisar e ler atentamente um conjunto de obras, um *corpus* da Educação do Campo. Também esse leitor leigo teria várias dificuldades de saber que a "escola base" é base de uma escola itinerante do campo, bem como que existe uma tensão entre "professores de dentro" e "professores de fora" de um assentamento/acampamento de reforma agrária, e que a "ocupação na escola" não é uma "invasão" de uma escola que já existe e sim que é a construção de uma escola nos moldes e de acordo com os princípios da luta pela Reforma Agrária - e que essa construção é menos de tijolos e cimento que de valores ideológicos. Tampouco esse leitor, mesmo que insistentemente tentasse, não descobriria facilmente que a "escola em movimento" é a "escola diferente", voltada aos princípios e com a metodologia da Educação do Campo.

Já as metonímias, pela sua simples leitura, com uma contextualização mínima, permitem um maior poder de esclarecimento de termos na área de Educação do Campo, como nos exemplos que seguem:

- (1) analfabetismo nos assentamentos
- (2) juventude do campo
- (3) modelo de desenvolvimento do campo
- (4) relação campo-cidade
- (5) memória da Educação do Campo
- (6) cultura do Campo

Um leitor/ ouvinte medianamente inserido nos valores culturais relacionados consegue entender o que é o "analfabetismo nos assentamentos", e que existe um conjunto de pessoas jovens no campo, e que há uma "cultura do Campo", cuja "memória" é retratada de formas

específicas, que existe uma tensão e uma "relação entre campo e cidade", que se pensa em um "modelo de desenvolvimento do campo" etc., ou seja: com os termos metonímicos, os conceitos passam a ser de mais fácil compreensão, pelo menos na área em questão.

Constata-se, assim, que os ideólogos e criadores da terminologia da Educação do Campo deram preferência às formações metonímicas por uma necessidade urgente e emergente de compreensão e de divulgação dos conceitos e dos termos da área. Não que isso com certeza tenha sido pensado propositalmente, mas os recursos linguísticos estão à disposição de todos os falantes da língua portuguesa do Brasil, e podemos afirmar que alguns conceitos são mais fáceis de se explicar metonimicamente que metaforicamente.

**Quanto ao item 3: as composições sintagmáticas sinônimas** perfazem aproximadamente 25% do *corpus*, o que é bastante representativo, ao lado de aproximadamente 10% de quase-sinônimos, totalizando um arquiconjunto sinonímico que soma 35% do *corpus* de análise.

No processo de terminologização, ou seja, com a criação de termos (neologia) para representar novos conceitos, existem significantes diferentes para os quais podemos atribuir o mesmo significado, dentro de uma área de especialidade (formas sinônimas, então) e também são criadas formas para as quais podemos atribuir o mesmo significado, mas não em todos os contextos, nem mesmo no interior de uma área de especialidade (formas quase-sinônimas).

Não é nosso foco a análise de sinônimos nesta tese, mas traremos um exemplo dessa distinção:

cultura do campo (pref)  
 sin. **cultura camponesa; cultura dos povos do campo**  
 quase-sin. **cultura escolar cooperativa**

*Cultura do campo* é termo preferencial, com maior número de ocorrências, tendo como sinônimos terminológicos *cultura camponesa* e de *cultura dos povos do campo* (estes três termos são utilizados um pelo outro nos textos técnicos do universo de discurso, em todos os contextos delimitados na área de Educação do Campo); entretanto, *cultura do campo* não é intercambiável em todos os contextos com *cultura escolar cooperativa*, que somente é utilizado para fazer referências às escolas do campo que se utilizam da metodologia de *cooperativa-escola*. Logo, *cultura escolar cooperativa* é um quase-sinônimo de *cultura do campo*, podendo ser utilizado no lugar do termo preferencial em apenas alguns contextos, não em todos, mesmo no interior do mesmo universo de discurso.

**Quanto ao item 4, composições sintagmáticas em combinatória com empréstimos de outras áreas**, podemos citar os termos:

- (1) agricultura camponesa
- (2) Anca
- (3) Sem Terra

os quais foram apropriados pela Educação do Campo, mas que, originariamente, são nomes de instituições ou termos que dizem respeito a conceitos não ligados necessariamente à EC, conforme já explanado.

**Quanto ao item 5, composições sintagmáticas em contexto ideológico**, existe, como é sabido, a necessária contextualização, para que seja instaurado o sentido na comunicação, inclusive na comunicação terminológica. Na área de Educação do Campo a contextualização é altamente e marcadamente ideológica, sendo que todo o conjunto terminológico passa por coerções ideológicas, tanto dos emissores, quanto dos receptores, tanto do enunciador, como do enunciatário, como dos canais e dos meios de comunicação. Dessa forma, todo o processo de criação de termos da EC, bem como sua difusão e aceitação/ não aceitação estão condicionados às ideologias subjacentes - não que isso não ocorra em outras terminologias, ou que a terminologia da EC seja especial nesse aspecto, mas sim porque em nossa área de estudo as ideologias aparecem de forma explícita, tanto em prol dos conceitos terminologizados, como contra eles. Em outras partes da tese essa questão ideológica já é ressaltada.

Em suma, quanto à análise semântico-pragmática das composições sintagmáticas que integram a terminologia da área de Educação do Campo, temos:

**termo sintagmático da EDUCAÇÃO DO CAMPO =**

{semas denotativos +/- semas conotativos + semas próprios +/- semas emprestados + contexto ideológico}

Tomando o processo de terminologização como um todo, considerando as faces significante e significado do signo terminológico, em relação a um conceito a ser representado linguisticamente, temos:

**termo sintagmático da EDUCAÇÃO DO CAMPO  
em contexto ideológico e em função semiótica:**

semas denotativos +/- semas conotativos + semas próprios +/- semas emprestados  
elemento linguístico em função substantival + elemento/ conjunto linguístico em função adjetival

#### 6.2.4.4.3 Síntese e aplicação dos principais critérios de delimitação e identificação do grau de lexicalização de termos sintagmáticos

De acordo com as proposições teórico-metodológicas das autoras Alves (2007a) e Barros (2004), e de acordo com nossa própria análise em relação ao *corpus* em estudo, elaboramos uma síntese dos critérios para identificação do grau de lexicalização de termos sintagmáticos, que, obviamente, não visa a esgotar o assunto, mas sim a atender aos objetivos desta tese.

Os critérios, na verdade, constituem-se em questões, para verificar a delimitação e o grau de lexicalização dos termos sintagmáticos:

O conjunto sintagmático (candidato a termo):

- 1) Designa um conceito em particular?
- 2) Tem ou pode ter uma definição especializada?
- 3) Possui sinônimo(s), quase-sinônimos, antônimos ou variantes lexicais ou gráficas?
- 4) Os constituintes do sintagma podem ser comutados, separados, trocados de ordem, determinados isoladamente sem que o significado seja alterado?
- 5) o termo tem forte relação com a realidade extralinguística, como a designação de objetos de mundo - instituições, documentos, organizações, títulos de obras, entre outros?
- 6) o sintagma pode ser substituído por termos simples equivalentes (se houver)?
- 7) o sintagma é produtivo na terminologia em questão, no todo ou em partes?
- 8) o sintagma é combinado com isolamento semântico metafórico ou metonímico?
- 9) o sintagma é frequente e recorrente sempre com o mesmo significado e significante?
- 10) o sintagma apresenta uma imprevisibilidade semântica (o significado composicional é diferente e independente do significado isolado dos constituintes do sintagma)?
- 11) O sintagma já é oriundo de outra área do conhecimento?
- 12) O grau de integração semântico-sintática indica que não se trata de combinatória eventual e sim de sintagma em vias de lexicalização?
- 13) O sintagma é memorizado pela comunidade sócio-linguístico-cultural? É utilizado nos meios de comunicação e/ ou em documentos governamentais?

A seguir apresentamos quadros que demonstram a aplicação desses critérios.

Partiremos dos termos preferenciais, sendo que as relações de sinonímia, de quase-sinonímia, de variação, de antonímia, assim como as metafóricas e metonímicas serão apenas citadas e não analisadas profundamente, tendo em vista que não fazem parte dos objetivos desta tese, nem caberiam em um único trabalho. Fizemos o levantamento desses fenômenos a

fim de subsidiar a análise do principal processo de terminologização da área de Educação do Campo - o sintagmático.

Os seguintes quadros de análise dos termos sintagmáticos estão relacionados aos eixos metodológicos e aos passos da pesquisa:

- Eixo metodológico 4 - Aplicação da Metodologia - Manipulação prática-

Passo 14 - análise e descrição linguístico-terminológica;

- Eixo metodológico 5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico

Passos

19 - contextualização do trabalho terminológico em relação a fatores históricos, sociais, culturais - identificação de relações entre ideologia e Terminologia;

20 - análise do grau de aceitação e de difusão dos termos da área estudada - percurso da neologia à desneologização.

Esclarecemos que os quadros apresentam uma amostragem de termos por categoria temática, e não todos os termos estudados e nem todos os termos selecionados para compor o *corpus* de análise.

Os termos apresentados como amostragem foram escolhidos por sua representatividade conceitual (sendo possível, com seu estudo, apreender de forma direta os principais conceitos da área de Educação do Campo, bem como o aspecto formal, morfossintagmático, das principais formações, além das principais questões semânticas e pragmáticas relacionadas).

Os termos não foram ordenados alfabeticamente no interior dos quadros. Priorizamos uma aproximação mais conceitual que linguística.

**Categoria Temática 1 - Princípios da Educação do Campo**

<b>Candidato a termo</b>	<b>Critério 1</b>	<b>Critério 2</b>	<b>Critério 3</b>	<b>Critério 4</b>	<b>Critério 5</b>
<b>Sintagma</b>	Designa conceito em particular?	o sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?	o sintagma é empréstimo de outra área de conhecimento?	o sintagma possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes?	o sintagma é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?
agricultura camponesa	Sim: agricultura desenvolvida pelos camponeses, de acordo com seus ideais e metodologias, caracterizada por não ser um negócio, com salários e com fins primordialmente lucrativos, como o agronegócio.	Sim. <i>Agricultura Camponesa</i> é uma forma de produção no campo, que se configura também em um modo de vida, que visa à sustentabilidade do campo e dos trabalhadores do campo. Há diversos artigos, trabalhos de pesquisa, movimentos sociais que utilizam o termo nessa configuração, com esse sentido fixo.	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.	<b>sin.</b> agricultura agroecológica; <b>quase-sin.</b> agricultura familiar tradicional; <b>ant.</b> agricultura capitalista; agricultura latifundiária	
concepção de campo	Sim: conceito de campo como espaço de identidade própria, com valorização positiva de sua cultura, de sua tradição e de suas características	Sim. O termo é utilizado nessa configuração em vários artigos, trabalhos acadêmicos, manifestos de movimentos sociais do campo, livros e outras modalidades de difusão do conhecimento, incluindo pesquisas autônomas não vinculadas a Movimentos, entidades ou instituições específicas, a fim de marcar e defender/questionar, afirmar/ refutar as ideologias dos Movimentos Sociais do Campo, principalmente as	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>sin.</b> conceituações sobre o meio rural <b>ant.</b> conceituações sobre o meio urbano	Sim: Metáfora. A concepção é a criação das ideias e dos conceitos de campo. Há transferência do plano concreto da concepção de um ser vivo, pela reprodução a partir do contato físico entre um macho e uma fêmea, para o plano abstrato de "criação de uma ideia, ou de um ideário"

		ligadas à conquista da terra/ Reforma Agrária.			
cultura do campo	Sim: conjunto de padrões, crenças, valores e costumes característicos do campo	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>sin.</b> cultura camponesa <b>quase-sin.</b> cultura escolar cooperativa	Sim: metonímia. A “cultura” é das pessoas que moram e atuam no campo; o campo em si não é culto e sim as pessoas que moram no campo, a população campesina é culta.
interesses do campo	Sim: Conjunto de anseios e expectativas, de acordo com as necessidades dos habitantes do campo	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	Sim: Metonímia. Os interesses são das pessoas que moram e atuam no campo e não do campo em si.
modelo de desenvolvimento do campo	Sim: conjunto de etapas e procedimentos para o alcance do objetivo de desenvolver as regiões campesinas de modo a favorecer os trabalhadores e moradores do campo.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>ant.</b> modelo de desenvolvimento para o campo	
hino do MST	Sim: Canto de celebração ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	Sim. O termo é utilizado nessa configuração dos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Sin.</b> hino dos ST	

		Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento, bastante difundida e recorrente.			
latifúndio do saber	Sim: metaforicamente, refere-se à grande extensão do conhecimento humano, a ser apreendido por todas as pessoas.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>hino do MST</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>Ant.</b> latifúndio do analfabetismo	Sim: metáfora. A ideia é de "domínio de grande extensão", ou ainda de "algo a ser conquistado". Estão associados, de maneira eufórica, os traços de "bem", "riqueza"
mística da luta pela terra	Sim: crença na possibilidade de conquista da terra por meio da implantação da Reforma Agrária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>hino do MST</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>Var.</b> mística da luta popular; <b>Quase-sin.</b> mística da luta popular; mística da abertura	Sim: metáfora. Essa <i>mística</i> carrega traços de "mistério", de "algo que transcende à realidade material do senso comum". É uma força-motriz que impulsiona os movimentos sociais do campo. Essa metáfora também é referente à ideologia de que é preciso acreditar na possibilidade de conquistas, como em um ato de fé.
mística da militância	Sim: crença na eficácia da participação ativa em ações e organizações em prol da Reforma Agrária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>hino do MST</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	Sim: metáfora. Ver explicação da metáfora da mística dada ao termo <i>mística da luta pela terra</i>
mística dos povos do campo	Sim: crença na eficácia das ações e do poder de alcance das realizações das populações camponesas	Ver análise do termo <i>hino do MST</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>Quase-sin.</b> mística dos educadores	Sim: metáfora. Ver explicação da metáfora da mística dada ao termo <i>mística da luta pela terra</i>
direito à	Sim:	Sim. O termo é utilizado		<b>Sin.</b> direito à educação dos	

educação do campo	prerrogativa legal do habitante do campo de ter acesso e condições de permanência em um sistema de educação voltado aos ideais e aos interesses do campesinato	nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as ideologias subjacentes.		povos que vivem e trabalham no campo; direito dos povos do campo à educação <b>Quase-sin.</b> direito à escola <b>Var.</b> direito à educação	
direito à terra	Sim: prerrogativa legal do habitante do campo de ter acesso e condições de permanência e de trabalho em terra produtiva, obtida por meio de Reforma Agrária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Direito à Educação do Campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	Sim: Metonímia. A <i>terra</i> é um bem que pode ser encarado de uma maneira mais concreta, como um campo com determinada metragem, para se cultivar ou criar animais, ou também pode ser um conceito mais abstrato, no caso de <i>direito à terra</i> , o bem concreto remete a valores intangíveis, como a dignidade humana obtida por meio do trabalho (no caso, com a terra, o trabalho rural).
história do acampamento	Sim: relatos orais e escritos dos acontecimentos relativos à conquista do assentamento de Reforma Agrária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Hino do MST</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	
história do Movimento	Sim: relatos orais e escritos dos	Ver análise do termo <i>Hino do MST</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Quase-sin.</b> trajetória do MST; trajetória histórica do MST	

	acontecimentos relativos ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e suas ações visando à Reforma Agrária no Brasil				
memória da Educação do Campo	Sim: relatos orais e escritos dos acontecimentos relativos à organização e à implantação da Educação do Campo, bem como os princípios e ideologias subjacentes	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Hino do MST</i>		<b>Quase-sin.</b> trajetória da educação no MST	Sim: metonímia. Há a transposição de abstrato para concreto, como em <i>memória da educação do campo</i> , que representa a "memória das pessoas responsáveis pelas ações da Educação do Campo". <i>Memória</i> é um conceito abstrato, pois representa a capacidade de recordar de algo, ou de armazenar alguma informação. <i>Memória da Educação do Campo</i> é um termo que faz a transposição metonímica entre <i>memória</i> (abstrato) e <i>registro historiográfico</i> (concreto).
princípios pedagógicos do Movimento	Sim: proposições que fundamentam a concepção de Educação e de Pedagogia no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Hino do MST</i>		-	

trabalho educacional do MST	Sim: ações e atividades relativas à implementação da Educação do Campo pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Hino do MST</i>		<b>Quase-sin.</b> trabalho de educação nos acampamentos; trabalho de educação nos assentamentos	
trabalho do campo	Sim: ações e atividades produtivas e econômicas desenvolvidas no campo, com as especificidades do modo de vida e dos meios de produção rurais	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	Sim Metonímia. O trabalho é das pessoas que moram e atuam no campo e não do campo em si.
necessidades do campo	Sim: conjunto de infraestrutura, recursos e condições socioeconômicas, culturais e de saúde a serem atendidos para uma vida e trabalho dignos nas regiões camponesas	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	Sim: Metonímia. As necessidades são das pessoas que moram e atuam no campo e não do campo em si.
Complementaridade entre campo e cidade	Sim: relação de igualdade de valorização das regiões camponesas e das regiões	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>Sin.</b> relação campo-cidade <b>Ant.</b> relação hierárquica entre campo e cidade	

	urbanas				
realidade do campo	Sim: conjunto de aspectos coletivos, de ordem socioeconômica, cultural e política que caracterizam as regiões campesinas	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	-	Sim: Metonímia. A realidade é das pessoas e não do campo em si, que é um espaço.
resistência no campo	Sim: reação e posicionamento de defesa quanto à submissão socioeconômica, cultural e política por parte dos povos do campo, em relação aos detentores das grandes extensões de terra e interesses políticos relacionados.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>Sin.</b> resistência social da população do campo	
vida do campo	Sim: conjunto de hábitos, atividades e ações desenvolvidos por trabalhadores do campo em suas relações profissionais, pessoais e sociais,	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>Agricultura camponesa</i>	<b>Var.</b> vida no campo	Sim: Metonímia. A vida é das pessoas do campo e não do campo em si, que apenas é um local, sem o sentido figurado.

	relacionados à cultura do campo e aos objetivos das coletividades do campo.				
paradigma da educação do campo	Sim: modelo de planejamento, organização e desenvolvimento da Educação do Campo, de acordo com princípios e ideologias subjacentes	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>		<b>Ant.</b> paradigma da educação rural; paradigma do rural tradicional	
projeto histórico do MST	Sim: conjunto de planos e propostas da instituição Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que versam principalmente acerca da Reforma Agrária no Brasil	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Hino do MST</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Sin.</b> projeto histórico do Movimento <b>Quase-sin.</b> Projeto Popular para o Brasil	Sim: Metonímia. O projeto histórico é das pessoas que integram o MST.

Avaliação da categoria temática 1 - Princípios da Educação do Campo em relação ao grau de lexicalização de seus termos

Tendo em vista a avaliação individual, item a item, e que:

1. os componentes dos sintagmas não podem ser comutados ou separados ou determinados isoladamente sem mudança no significado (exemplo: *agricultura camponesa* não poderia ter o determinante alterado, ou suprimido, pois *agricultura* somente não designa o mesmo conceito de *agricultura camponesa*, nem mesmo de *agricultura familiar*, assim como *direito à Educação do Campo* não seria o mesmo de *Direito à Educação*);

2. os sintagmas, ou suas partes, são produtivos na terminologia em questão (exemplos: os determinantes *camponê(as)*, *do campo*, *da(à)(pela) terra*, *do acampamento*, *do assentamento*, *do Movimento*, *do MST* são produtivos e recorrentes na terminologia estudada);
3. o grau de integração semântico-sintática indica que se tratam de sintagmas em vias de lexicalização e não de combinatórias eventuais (exemplos: o grau de integração pôde ser demonstrado pelos isolamentos semânticos, como os usos metafóricos e metonímicos, pois expressões como essas tem um terceiro ou quarto significado, diferente do significado das partes, ainda com o acréscimo de semas conotativos e de semas denotativos. Além disso, todos os termos designam um conceito em particular; estão intimamente ligados expressão e conteúdo pela função semiótica, nomeando inquestionavelmente a realidade extralinguística.). Além disso, a frequência é determinante também para a análise da lexicalização dos sintagmas. Como exemplo, citamos o sintagma *direito à terra*, que não pode ser confundido com uma combinatória eventual, pois a *terra* carrega uma relação metonímica, representando a transposição do mais concreto, a terra como propriedade rural mensurável, para o mais abstrato, significando a dignidade do trabalhador rural em trabalhar e sustentar-se e a sua família;
3. os sintagmas apresentam mesma configuração formal e semântica estáveis, inclusive sendo possível a identificação de termos sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes – ou seja: foi possível a identificação de termos preferenciais e de variações. A existência de sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes é um indício de que o conceito e respectivos termos estão em transição do + instável para o – instável, em diferentes gradações;
4. os sintagmas muitas vezes são originários de outras áreas do conhecimento, como História, Política, História dos Movimentos Sociais, Sociologia, Política, Filosofia, Educação Geral, Educação Popular, a exemplo de: *agricultura camponesa*, *modelo de desenvolvimento de campo*, *cultura do campo*, entre outros. Ou seja: esses sintagmas já foram lexicalizados na terminologia de outras áreas e apropriados na terminologia da área de Educação do Campo, o que evidencia ainda mais sua integração e sua configuração como unidade terminológica autônoma.

Avaliamos que todos os candidatos a termos são sintagmas terminológicos.

Figura 49 - Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática: 1 - Princípios da Educação do Campo (amostragem).

Fonte: a autora, 2013.

**Categoria Temática 2 - Metodologia da Educação do Campo**

<b>Candidato</b>	<b>Critério 1</b>	<b>Critério 2</b>	<b>Critério 3</b>	<b>Critério 4</b>	<b>Critério 5</b>
<b>Sintagma</b>	Designa conceito em particular?	o sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?	o sintagma é empréstimo de outra área de conhecimento?	o sintagma possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes?	o sintagma é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?
ações do MST	Sim: conjunto de práticas da instituição Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, objetivando a Reforma Agrária	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	-	Sim: metonímia. As ações são das pessoas e não do Movimento em si.
cultivo da identidade Sem Terra	Sim: autovalorização e valorização coletiva das características do povo, do trabalho e da cultura do campo	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>ações do MST</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	-	Sim: Metáfora. Valores, ideologias e esperanças/ motivações são “sementes” a serem plantadas e cuidadas, com perseverança, para resultar em bons frutos.
jornada da luta	Sim: conjunto de ações e práticas desenvolvidas em prol da luta pela terra	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>ações do MST</i>	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no	-	

			campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.		
tempo escola	Sim: período em que o aluno de escola do campo desenvolve suas atividades no espaço institucional da escola, considerando que existem outros espaços em que a Educação do Campo é desenvolvida	Sim. <i>Tempo escola</i> é um termo utilizado na Pedagogia da Alternância, vinculada à Educação do Campo.	Sim. Discurso da Pedagogia da Alternância.	-	
tempo comunidade	Sim: período em que o aluno de escola do campo desenvolve suas atividades na comunidade, considerando que existem outros espaços em que a Educação do Campo é desenvolvida	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>tempo escola</i>	Ver a análise do empréstimo de outras áreas do conhecimento relativa ao termo <i>tempo escola</i> .	-	
Caderno de Educação	Sim: documento com princípios, propostas e metodologias educacionais da instituição MST	Sim. <i>Caderno de Educação</i> é um termo que denomina um material didático do MST.	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	-	
Revista Sem Terra	Sim: periódico de divulgação de princípios, ideais, ações e	Sim. <i>Revista Sem Terra</i> é um termo que denomina um periódico do MST, termo citado em diversas	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	-	

	atividades do MST	referências bibliográficas de trabalhos relacionados.			
currículo de escola agrícola	Sim: conjunto de conteúdos escolares e relações institucionais e pessoais desenvolvidos em escolas agrícolas, direcionado às relações socioeconômicas e culturais do campo	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos sobre Educação e sobre Currículo Escolar, com foco no Ensino agrícola (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores vinculados ou não a Movimentos, instituições, organizações específicas, inclusive legislações e discursos pedagógicos em geral, como os encontrados em planos de ensino, projetos político-pedagógicos e nos próprios documentos, referenciais e diretrizes curriculares.		<b>Sim.</b> currículo de escola rural	
plano instrucional de FPR	Sim: conjunto de atividades propostas pela instituição SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – para o desenvolvimento de educação rural	Sim. O termo é utilizado nos discursos da instituição SENAR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural – para o desenvolvimento de educação rural. É uma expressão mais pontual da instituição.	Sim. Discurso do Senar. Serviço Nacional de Aprendizagem Rural.	-	
Pedagogia da Alternância	Sim: princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos em ambientes	Sim. O termo é utilizado nos discursos que tratam de tipos diferenciados de Pedagogias. É um termo muito difundido, pesquisado e utilizado em	Sim. Discurso da Pedagogia da Alternância.	<b>Var.</b> Pedagogia de Alternância	

	diversificados, tendo em vista vários aspectos da vida do educando, como trabalho e local de moradia	trabalhos acadêmicos e pesquisas em geral da área de Educação/ Metodologia, Cultura Escolar, Currículo Escolar.			
Pedagogia da Cooperação	Sim: princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos em prol do trabalho coletivo, com finalidades coletivas, visando a um bem comum.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Pedagogia da Alternância</i> .		-	
Pedagogia da Cultura	Sim. princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos com foco em aspectos culturais, os quais contextualizam escola e entorno.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Pedagogia da Alternância</i> .		-	
Pedagogia da História	Sim: princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos com foco em aspectos históricos, que contextualizam escola e entorno	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Pedagogia da Alternância</i> .		-	

Pedagogia da Práxis	Sim: princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos partindo-se da prática e da realidade.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Pedagogia da Alternância</i> .		<b>Sin.</b> Práxis social como princípio educativo	
Pedagogia da Terra	Sim: princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos partindo-se da contextualização entre escola e vida do campo.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Pedagogia da Alternância</i> .		-	
Pedagogia do Oprimido	Sim: princípios e metodologias de Educação e de Ensino desenvolvidos sob o ponto de vista das classes não detentoras dos meios de produção nem dos equipamentos culturais mais valorizados na sociedade.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Pedagogia da Alternância</i> .		-	
cooperação agrícola	Sim: sistema de trabalho e de produção que visa ao ganho igualitário de todas as partes envolvidas.	Sim. O termo é utilizado nos discursos sobre Cooperação Agrícola, Sistema Cooperativista no campo e outros relacionados, em artigos, pesquisas e demais meios de difusão	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de	<b>Sin.</b> cooperação escolar de produção	

		do conhecimento da área.	Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.		
vivência geradora	Sim: conjunto de experiências profissionais e pessoais que potencialmente podem dar origem a novas ações e experiências, servindo como motivação e incentivo, para o próprio indivíduo e para outrem.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>ações do MST</i>		-	
Palavra Geradora	Sim: expressão linguística que pode originar novas práticas e novas abordagens educativas, em tipos diferenciados de Educação, como a Educação do Campo	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>ações do MST</i>		-	
projeto alternativo de campo	Sim: conjunto de planos e propostas visando melhorias e otimização dos modos de produção e da vida social e	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>concepção de campo</i>	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos	<b>Sin.</b> projeto alternativo de desenvolvimento rural; projeto camponês de desenvolvimento do campo; projeto de desenvolvimento do campo	

	econômica dos trabalhadores do campo		camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais		
Sistema Cooperativista dos Assentados	Sim: conjunto de instituições e ações que recorrem à prática da cooperação em assentamentos rurais.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>cooperação agrícola</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>projeto alternativo de campo</i>	-	
Sistema de Educação do Campo	Sim: conjunto de práticas, instituições e atores sociais que se organizam a fim de desenvolver a Educação do Campo, de acordo com as ideologias subjacentes.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>direito à Educação do Campo</i>		-	
<p>Avaliação da categoria temática 2 - Metodologia da Educação do Campo em relação ao grau de lexicalização de seus termos</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>os componentes dos sintagmas não podem ser comutados ou separados ou determinados isoladamente sem mudança no significado (exemplo: <i>currículo de escola agrícola</i> não poderia ter o determinante alterado, ou suprimido, pois <i>currículo</i> somente não designa o mesmo conceito de <i>currículo de escola agrícola</i>, muito menos <i>currículo de escola urbana</i>, assim como <i>Pedagogia da Alternância</i> não seria o mesmo de <i>Pedagogia</i>);</li> <li>os sintagmas, ou suas partes, são produtivos na terminologia em questão (exemplos: os determinantes, <i>do Movimento</i>, <i>do MST</i>, <i>Sem Terra</i>, <i>de FPR</i>, entre outros são produtivos e recorrentes na terminologia estudada);</li> <li>o grau de integração semântico-sintática indica que se tratam de sintagmas em vias de lexicalização e não de combinatórias eventuais (exemplos: o grau de integração pôde ser demonstrado pelos isolamentos semânticos, como os usos metafóricos e metonímicos, pois expressões como essas têm um terceiro ou quarto significado, diferente do significado das partes, além do que com o acréscimo de semas conotativos e de semas denotativos. Além disso, todos os termos designam um conceito em particular; são intimamente ligados expressão e conteúdo pela função semiótica, nomeando inquestionavelmente a realidade extralinguística.). Como exemplo, citamos o sintagma <i>cultivo da identidade Sem Terra</i>, que não pode ser confundido com uma combinatória eventual, pois <i>cultivo</i> e <i>Identidade Sem Terra</i> carregam uma relação metafórica, representando a transposição do mais concreto, o cultivo, para o mais</li> </ol>					

abstrato, significando a formação de uma ideologia;

4. os sintagmas apresentam mesma configuração formal e semântica estáveis, inclusive sendo possível a identificação de termos sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes – ou seja: foi possível a identificação de termos preferenciais e de variações. A existência de sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes é um indício de que o conceito e respectivos termos estão em transição do + instável para o – instável, em diferentes graduações. Além disso, a frequência é determinante também para a análise da lexicalização dos sintagmas.
5. os sintagmas muitas vezes são originários de outras áreas do conhecimento, como História, Política, História dos Movimentos Sociais, Sociologia, Política, Filosofia, Educação Geral, Educação Popular, a exemplo de: *Caderno de Educação, Revista Sem Terra e Plano Instrucional de FPR*. Ou seja: esses sintagmas já foram lexicalizados na terminologia de outras áreas e apropriados na terminologia da área de Educação do Campo, o que evidencia ainda mais sua integração e sua configuração como unidade terminológica autônoma.

Avaliamos que todos os candidatos a termos são sintagmas terminológicos.

Figura 50 - Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática: 2 - Metodologia da Educação do Campo (amostragem).  
Fonte: a autora, 2013.

**Categoria Temática 3 - Organização Estrutural da Educação do Campo**

Candidato	Critério 1	Critério 2	Critério 3	Critério 4	Critério 5
<b>Sintagma</b>	Designa conceito em particular?	o sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?	o sintagma é empréstimo de outra área de conhecimento?	o sintagma possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes?	o sintagma é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?
áreas de reforma agrária	Sim: áreas rurais pleiteadas ou em que está ocorrendo a redistribuição de terras	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as ideologias subjacentes, principalmente no que concerne à execução de uma Reforma Agrária eficiente para os camponeses	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.	-	
campo da agricultura camponesa	Sim: domínio de atuação em que são aplicados os princípios e metodologias da agricultura	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>áreas de reforma agrária</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	<b>Ant.</b> campo do agronegócio	Sim: Metáfora. As áreas científicas, técnicas e profissionais são “campos” em que se produzem e “cultivam” saberes e práticas.

	camponesa				
campo da educação do campo	Sim: domínio de atuação em que são aplicados os princípios e metodologias da Educação do Campo	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo e da Educação do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar e discutir as ideologias subjacentes.		-	Sim Metáfora. As áreas científicas, técnicas e profissionais são “campos” em que se produzem e “cultivam” saberes e práticas.
coordenação da Educação do Campo	Sim: organização de pessoas e processos relativos ao desenvolvimento da Educação do Campo	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>campo da Educação do Campo</i>		-	
coordenação do assentamento	Sim: organização de pessoas e processos relativos ao funcionamento de assentamentos rurais	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>acampamento do MST</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	-	
dinâmica do campo	Sim: conjunto de procedimentos e eventos que caracterizam o funcionamento e	Sim. O termo é utilizado nessa configuração em vários artigos, trabalhos acadêmicos, manifestos de movimentos sociais do	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	<b>Sim.</b> dinâmica social do campo	Sim: Metáfora - A dinâmica é um estímulo para o desenvolvimento das ações do campo.

	as práticas de instituições e dos povos do campo	campo, livros e outras modalidades de difusão do conhecimento, incluindo pesquisas autônomas não vinculadas a Movimentos, entidades ou instituições específicas, a fim de marcar a ideologia dos Movimentos Sociais do Campo			Há transferência do significado concreto "parte da Mecânica que estuda o comportamento dos corpos em movimento" para o significado metafórico abstrato de "estímulo para a evolução de algo". Metonímia – a dinâmica é das pessoas que habitam e trabalham no campo e não no campo em si.
lona preta	Sim: tecido resistente, de cor preta, utilizado como telhado improvisado para acampamentos rurais	Sim. O termo é utilizado nessa configuração dos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento, bastante difundida e recorrente.	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	-	Sim: Metonímia. Um dos usos atestados de <i>lona preta</i> é metonímico, pois utiliza-se a expressão para designar o todo do acampamento, que é coberto por lona preta (uma parte).
núcleo de reforma agrária	Sim: conjunto de pessoas e de instituições que centralizam projetos de Reforma Agrária	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	-	Sim: Metáfora. A organização/os organizadores principais de uma ação, instituição ou plano são o núcleo, a parte central, principal.

		ideologias subjacentes, principalmente no que concerne à execução de uma Reforma Agrária eficiente para os camponeses			
organização do assentamento	Sim: conjunto de pessoas e procedimentos que garantem a sustentabilidade e a gestão dos assentamentos	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>núcleo de reforma agrária</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	<b>Var.</b> organização do coletivo do assentamento	
agenda do Movimento	Sim: conjunto de compromissos dos integrantes do Movimento Sem Terra	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>lona preta</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	-	Sim: Metonímia. A “agenda é relativa às pessoas que integram o Movimento (MST).
colégio técnico agrícola	Sim: tipo de escola que oferta Educação Profissional Agrícola	O termo é utilizado nos discursos da área de Educação, primordialmente na área de Educação Profissional, com foco no ensino agrícola, com bastante recorrência nos artigos, documentações, pesquisas, planos de ensino, projetos político-pedagógicos, currículos escolares, propostas e diretrizes curriculares e diversos meios de difusão da área de conhecimento.		<b>Var.</b> colégio agrícola	
curso Magistério do MST	Sim: curso voltado à formação de docentes, tendo	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>lona preta</i>		-	

	em vista a Pedagogia do MST				
curso Técnico em Agropecuária	Sim: modalidade de ensino que forma técnicos de nível médio com competências profissionais da área agrícola e da área pecuária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>colégio técnico agrícola</i> .		<b>Var.</b> curso técnico na área agropecuária	
educação agrícola	Sim: tipo de educação voltada ao desenvolvimento de competências profissionais e habilidades da área agrícola	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>colégio técnico agrícola</i> .		<b>Sin.</b> educação básica da área rural	
Educação Básica do Campo	Sim: nível de educação que compreende os níveis fundamental e médio, ofertado nas regiões campestres	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as ideologias subjacentes.		<b>Sin.</b> educação básica do meio rural	Sim: Metonímia. A Educação é das pessoas e não do campo em si.
educação cooperativa	Sim: tipo de Educação que aplica princípios da Cooperação	Sim. O termo é utilizado nos discursos sobre Cooperação Agrícola, Sistema		<b>Sin.</b> educação cooperatista	

	nos processos de ensino e de aprendizagem	Cooperativista no campo e sua relação direta com a Educação do Campo, em artigos, pesquisas e demais meios de difusão do conhecimento da área.			
Educação do Campo	Sim: processo direcionado por práticas e princípios sócio-históricos relacionados ao ensino e à aprendizagem nas zonas rurais, protagonizado por sujeitos políticos inseridos em movimentos sociais em prol das classes trabalhadoras.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Educação Básica do Campo</i>		<b>Ant.</b> educação no campo	Sim: Metonímia. A Educação é das pessoas e não do campo em si.
ensino agrícola	Sim: sistema utilizado para os processos de ensino e de aprendizagem voltados às práticas agrícolas	Sim. O termo é utilizado nos discursos da área de Educação, primordialmente na área de Educação Profissional Agrícola, recorrente nos artigos, documentações, pesquisas, planos de ensino, projetos político-pedagógicos, currículos escolares, propostas e diretrizes curriculares e diversos meios de difusão da área de conhecimento.		<b>Quase-sin.</b> ensino técnico agrícola; ensino técnico agrícola no Brasil	
ensino médio do campo	Sim: nível de ensino que se constitui na	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo		<b>Sin.</b> ensino médio das escolas do campo <b>Quase-sin.</b> ensino médio	Sim: Metonímia. O ensino médio é das pessoas do campo e não do

	etapa final da Educação Básica do Campo, planejada de acordo com os princípios e objetivos da Educação do Campo	<i>Educação Básica do Campo</i>		integrado do campo	campo em si.
escola agrícola	Sim: instituição de ensino que pratica o ensino contextualizado às práticas rurais	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>colégio técnico agrícola</i> .		-	
escola base	Sim: escola que serve de apoio aos processos de ensino e de aprendizagem, bem como às funções administrativas das escolas itinerantes do campo	O termo <i>escola base</i> é utilizado no discurso da Escola Itinerante do Campo, nos artigos, trabalhos acadêmicos e demais meios de divulgação do conhecimento humano.		<b>Sin.</b> escola base das escolas itinerantes; escola base das itinerantes <b>Var.</b> escola-base	<b>Sim:</b> Metáfora. A escola é o princípio, o que sustenta, um apoio, um alicerce dos movimentos sociais do campo. A escola é, ainda que metaforicamente, um "lugar" onde se assentam os princípios do campo e dos Movimentos Sociais do Campo. A escola base apoia a escola itinerante, daí a metáfora.
escola cooperativa	Sim: instituição pública de ensino que alia os princípios e práticas cooperativas ao processo de ensino e de aprendizagem	Sim. O termo é utilizado nos discursos sobre Cooperação Agrícola, Sistema Cooperativista no campo e sua relação com a Educação do Campo em artigos, pesquisas e demais meios de difusão do conhecimento da área.		-	
escola do campo	Sim: instituição pública localizada em	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos		<b>Sin.</b> escola pública do campo <b>Quase-sin.</b> escola do meio rural	

	assentamentos rurais em que se ministram coletivamente conhecimentos e técnicas referentes ao trabalho rural, à cooperação, à identidade das expressões culturais do campo, à militância e à luta popular.	Sociais do Campo e da Educação do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar e discutir as ideologias subjacentes).		<b>Ant.</b> escola na área rural; escola no campo; escola rural; escola rural regional; escola urbana <b>Var.</b> escola pública do campo	
escola em movimento	Sim: instituição pública de ensino que alia a busca por objetivos de melhoria de condições socioeconômicas e culturais aos processos de ensino e de aprendizagem	Sim. O termo é utilizado nessa configuração prioritariamente nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento e pesquisadores não vinculados)		-	Sim: Metáfora. Há transferência do concreto para o abstrato. O concreto é o ato de se deslocar no espaço, e o abstrato é a interação social em prol de uma causa, que é a reforma agrária no Brasil.
Escola Técnica Estadual	Sim: instituição pública de ensino que oferta Educação Profissional Técnica de Nível Médio, administrada pela instituição Centro Paula Souza	Sim. O termo é utilizado nessa configuração prioritariamente nos discursos do Centro Paula Souza (artigos, documentos oficiais da instituição, planos de curso, toda a documentação das unidades escolares do Centro Paula Souza)		<b>Sin.</b> ETE	
licenciatura em	Sim: curso de	Sim. O termo é utilizado		-	

Educação do Campo	preparação para docentes da Educação do Campo, de acordo com os princípios e objetivos desse tipo de educação	nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo e das instituições que oferecem cursos preparativos para os professores.			
luta social camponesa	Sim: conjunto de ações que objetivam melhores condições de trabalho no campo, para os camponeses.	O termo é utilizado nessa configuração em vários artigos, trabalhos acadêmicos, manifestos de movimentos sociais do campo, livros e outras modalidades de difusão do conhecimento, incluindo pesquisas autônomas não vinculadas a Movimentos, entidades ou instituições específicas.	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	<b>Sin.</b> luta social dos camponeses; luta social dos movimentos camponeses	
movimento social do campo	Sim: conjunto de ações de uma organização de militantes do campo que visam à melhoria de condições de vida e de trabalho nas áreas camponesas	O termo é utilizado nessa configuração em vários artigos, trabalhos acadêmicos, manifestos de Movimentos Sociais do campo	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>áreas de reforma agrária</i>	<b>Sin.</b> movimento social rural; movimentos camponeses; movimentos do campo <b>Var.</b> movimentos sociais do campo	Sim: Metonímia. A luta social é dos habitantes e trabalhadores do campo (camponeses) não do campo em si, que é um espaço.

Avaliação da categoria temática 3 - Organização Estrutural da Educação do Campo em relação ao grau de lexicalização de seus termos

1. os componentes dos sintagmas não podem ser comutados ou separados ou determinados isoladamente sem mudança no significado (exemplo: *áreas de reforma agrária* não poderia ter o determinante alterado, ou suprimido, pois *áreas de reforma* somente não designa o mesmo conceito de *áreas de reforma agrária*, muito menos *áreas de reforma urbana*, assim como *coordenação do assentamento* não seria o mesmo de *coordenação do acampamento*);

2. os sintagmas, ou suas partes, são produtivos na terminologia em questão (exemplos: os determinantes, *do campo, do assentamento, do movimento, agrícola, entre outros* são produtivos e recorrentes na terminologia estudada);
3. o grau de integração semântico-sintática indica que se tratam de sintagmas em vias de lexicalização e não de combinatórias eventuais (exemplos: o grau de integração pôde ser demonstrado pelos isolamentos semânticos, como os usos metafóricos e metonímicos, pois expressões como essas têm um terceiro ou quarto significado, diferente do significado das partes, além do que com o acréscimo de semas conotativos e de semas denotativos. Além disso, todos os termos designam um conceito em particular; são intimamente ligados expressão e conteúdo pela função semiótica, nomeando inquestionavelmente a realidade extralinguística.). Além disso, a frequência é determinante também para a análise da lexicalização dos sintagmas. Como exemplo, citamos o sintagma *escola base*, que não pode ser confundido com uma combinatória eventual, pois a *escola e base* carregam uma relação metafórica, representando a transposição do mais concreto, uma base fixa, para o mais abstrato, significando a apoio ao funcionamento da escola do campo;
4. os sintagmas apresentam mesma configuração formal e semântica estáveis, inclusive sendo possível a identificação de termos sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes – ou seja: foi possível a identificação de termos preferenciais e de variações. A existência de sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes é um indício de que o conceito e respectivos termos estão em transição do + instável para o – instável, em diferentes gradações;
5. os sintagmas muitas vezes são originários de outras áreas do conhecimento, como História, Política, História dos Movimentos Sociais, Sociologia, Política, Filosofia, Educação Geral, Educação Popular, a exemplo de: *Caderno de Educação, Revista Sem Terra e Plano Instrucional de FPR*. Ou seja: esses sintagmas já foram lexicalizados na terminologia de outras áreas e apropriados na terminologia da área de Educação do Campo, o que evidencia ainda mais sua integração e sua configuração como unidade terminológica autônoma.

Avaliamos que todos os candidatos a termos são sintagmas terminológicos.

Figura 51 - Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática: 3 - Organização Estrutural da Educação do Campo (amostragem).  
Fonte: a autora, janeiro de 2013.

**Categoria Temática 4 - Atores Sociais da Educação do Campo**

<b>Candidato</b>	<b>Critério 1</b>	<b>Critério 2</b>	<b>Critério 3</b>	<b>Critério 4</b>	<b>Critério 5</b>
<b>Sintagma</b>	Designa conceito em particular?	o sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?	o sintagma é empréstimo de outra área de conhecimento?	o sintagma possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes?	o sintagma é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?
infância do campo	Sim: etapa inicial da vida humana, até a adolescência, e, por extensão, conjunto de indivíduos que se encontram nessa etapa da vida e que residem no campo, participando de todo o contexto socioeconômico e cultural das regiões rurais.	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as ideologias subjacentes.	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.	-	Sim: Metonímia. O termo <i>infância</i> designa um conceito abstrato, é utilizado para designar os indivíduos caracterizados por esse conceito.
infância Sem Terra	Sim: etapa inicial da vida humana, até a adolescência, e, por extensão, conjunto de indivíduos que se encontram nessa etapa da vida e que participam, juntamente com suas famílias, do Movimento dos	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Sin.</b> infância no Movimento Sem Terra	Sim: Metonímia. Ver a análise da metonímia no item <i>infância do campo</i> .

	Trabalhadores Sem Terra				
Sem Terrinha	Sim: criança que habita acampamentos ou assentamentos rurais cuja família caracteriza-se pela condição de Sem Terra	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>infância Sem Terra</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Sin.</b> criança Sem Terra; criança ST <b>Quase-sin.</b> criança acampada; criança assentada; criança de assentamento <b>Var.</b> criança Sem Terrinha	Sim: Metonímia. “Sem Terrinha”, “sem-terra”, “Sem Terra”, “sem-terra brasileiro” são condições e não as pessoas que as portam. É um caso de metonímia que pode ser considerado também da parte pelo todo, pois é um aspecto de um ser integral, mas preferimos classificar esse caso metonímico como “condição pelo portador da condição”. Na verdade, os ideólogos da Educação do Campo propõem uma acepção que troca essa condição passiva de ser “sem-terra” para uma condição ativa de ser “Sem Terra”, mas não deixa de ser uma condição.
adolescência Sem Terra	Sim: etapa da vida humana de desenvolvimento e preparação para a vida adulta e, por extensão, conjunto de indivíduos que se encontram nessa etapa, cuja família caracteriza-se pela condição de sem terra	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>infância Sem Terra</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	-	Sim: Metonímia. O termo <i>adolescência</i> designa um conceito abstrato, é utilizado para designar os indivíduos caracterizados por esse conceito.
juventude do campo	Sim: etapa da vida humana que antecede o pleno	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos	<b>Sin.</b> juventude rural <b>Ant.</b> juventude urbana	Sim: Metonímia. O termo <i>juventude</i> designa um conceito abstrato, é

	desenvolvimento do ser humano e, por extensão, conjunto de pessoas que estão nessa fase da vida e que habitam regiões campesinas.	<i>infância do campo</i>	quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.		utilizado para designar os indivíduos caracterizados por esse conceito.
homem do campo	Sim: ser humano em idade adulta, do sexo masculino, que habita e trabalha no campo, participando de todo o contexto socioeconômico e cultural das regiões campesinas.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>infância do campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>juventude do campo</i>	<b>Sin.</b> homem da terra	Sim: Metonímia. Esse tipo de metonímia é bastante comum: há a referência do singular, pelo plural, ou ao contrário, do plural para o singular. Na terminologia da Educação do Campo, o <i>homem da terra</i> , a <i>mulher da terra</i> , a <i>mulher do campo</i> , o <i>homem do campo</i> , no singular, representam todas as mulheres e todos os homens da terra/ campo.
mulher do campo	Sim: ser humano em idade adulta, do sexo feminino, que habita e trabalha no campo, participando de todo o contexto socioeconômico e cultural das regiões campesinas.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>infância do campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>juventude do campo</i>	<b>Sin.</b> mulher da terra	Sim: Metonímia. Ver explicação da metonímia na análise do termo <i>homem do campo</i> .
aluno cooperado	Sim: estudante de escola agrícola/ escola do campo que participa dos	Sim. O termo é utilizado nos discursos sobre Cooperação Agrícola, Sistema Cooperativista no campo		-	

	processos de ensino relacionados ao Cooperativismo.	e sua relação com a Educação do Campo em artigos, pesquisas e demais meios de difusão do conhecimento da área.			
coletivo da escola	Sim: conjunto de atores sociais da escola do campo, como professores, alunos e outros funcionários, que trabalham com objetivos comuns	Sim. O termo é utilizado nos discursos sobre Educação do Campo		-	
coletivos de Educação	Sim: conjunto de atores sociais da Educação do Campo, como professores, alunos, funcionários, gestores e organizadores desse tipo de Educação.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>coletivo da escola</i>		<b>Sin.</b> coletivo escolar	
comunidade acampada	Sim: conjunto de indivíduos que participam de acampamentos rurais, fase inicial da mobilização da luta por Reforma Agrária	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	<b>Sin.</b> comunidade de acampamento	Sim: Metonímia. <i>Comunidade</i> representa as pessoas que fazem parte de uma coletividade; é um conceito abstrato, sendo sua concretização o conjunto de pessoas que habitam um local, compartilhando objetivos e trabalhando para um bem comum, no caso, um acampamento ou um assentamento Sem Terra. Logo,

					são às pessoas acampadas, assentadas, camponesas, de acampamento, de assentamento a que se referem termos como <i>comunidade acampada</i> , <i>comunidade assentada</i> , <i>comunidade Sem Terra</i> , entre outros. O termo <i>comunidade</i> fica em um plano mais abstrato, mais intangível, pois <i>comunidade</i> também representa os valores (abstratos) que unem os interesses das pessoas que a integram.
comunidade assentada	Sim: conjunto de indivíduos que participam de assentamentos rurais, fase de estabelecimento e de maior fixação dos militantes da luta por Reforma Agrária	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>comunidade acampada</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	<b>Sim.</b> comunidade de assentamento; comunidade do assentamento	Sim: Metonímia. Ver explicação da metonímia na análise do termo <i>comunidade acampada</i> .
comunidade camponesa	Sim: conjunto de habitantes do campo que exercem o trabalho rural de forma organizada e com objetivos comuns.	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>comunidade acampada</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	-	Sim: Metonímia. Ver explicação da metonímia na análise do termo <i>comunidade acampada</i> .
educador da reforma agrária	Sim: profissional da equipe de educação responsável pelas atividades	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos		-	Sim: Metonímia. O educador educa as pessoas que se organizam em prol da Reforma Agrária e não a Reforma Agrária em si, que é um conceito abstrato, relativo a

	pedagógicas da escola do campo, de acordo com os objetivos da luta por reforma agrária.	acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as ideologias subjacentes, principalmente no que concerne à execução de uma Reforma Agrária eficiente para os camponeses			um processo complexo.
educador do campo	Sim: profissional da equipe de educação responsável pela implementação do currículo escolar do campo e das demais atividades pedagógicas da escola do campo	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo e da Educação do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar e discutir as ideologias subjacentes.		-	Sim: Metonímia. O educador educa as pessoas que moram e trabalham no campo e não o campo em si.
Educador do Povo	Sim: profissional que atua em função docente na Educação Popular.	Sim. O termo é utilizado nos discursos da Educação Popular, (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses	Sim. Discurso da Educação Popular	<b>Sim.</b> educador popular; pedagogo do povo	

		Movimentos e também de pesquisadores de fora)			
professor de dentro	Sim: professor ligado aos ideais e/ ou residente em acampamentos ou assentamentos de Reforma Agrária	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.		<b>Ant.</b> professor de fora	Sim: Metáfora. O Movimento Sem Terra é uma organização social em que o elemento “professor” pode ser “de dentro”, ou seja, militante, assentado, acampado, ligado à realidade dos Sem Terra , ou pode ser “de fora”, se não fizer parte de algum movimento social do campo e/ ou não estiver inserido em seus valores. Nesse caso, ser “de dentro” carrega um traço eufórico; ser "de fora" traz uma carga disfórica no âmbito da área em estudo. O "ser de dentro" carrega traços semânticos de pertença, de ligação ao Movimento, mesmo se não for uma ligação física (residir em um assentamento ou acampamento do MST) e sim uma identificação ideológica com os princípios e objetivos dos movimentos sociais do campo.
professor orientador de cooperativa	Sim: professor que trabalha de acordo com os princípios e objetivos da Cooperação e orienta os processos de ensino e de aprendizagem ligados à cooperativa-	Sim. O termo é utilizado nos discursos sobre Cooperação Agrícola, Sistema Cooperativista no campo e sua relação com a Educação do Campo em artigos, pesquisas e demais meios de difusão do conhecimento da área.		-	

	escola				
família acampada	Sim: conjunto de pessoas da mesma família que residem em acampamentos rurais de Reforma Agrária	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	-	
família assentada	Sim: conjunto de pessoas da mesma família que residem em assentamentos rurais de Reforma Agrária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>família acampada</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	-	
família camponesa	Sim: conjunto de pessoas da mesma família que residem e trabalham em áreas camponesas	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>família acampada</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	<b>Sin.</b> família do meio rural	
família Sem Terra	Sim: conjunto de pessoas da mesma família que residem em acampamentos ou assentamentos do MST	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>família acampada</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Var.</b> família sem terra; família sem-terra	
lutador do povo	Sim: militante de causas sociais em prol de melhores condições de	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>família acampada</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	<b>Var.</b> lutador do povo brasileiro	Sim: Metáfora. A busca por justiça social/ Reforma Agrária é uma luta que, muitas vezes, pode ser realmente na acepção de

	vida, de trabalho e de educação.				“embate corpo a corpo”.
população do campo	Sim. conjunto de habitantes de zonas rurais que defendem e partilham dos interesses do campo.	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/ questionar, defender/ refutar as ideologias subjacentes.	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	<b>Sin.</b> conjunto dos povos do campo; população trabalhadora do campo; povo camponês; povo do campo; povos do campo <b>Var.</b> conjunto da população do campo	
população sem-terra	Sim: população do campo que se caracteriza pela condição de sem-terra	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>família acampada</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Sin.</b> povo sem-terra	
povos da floresta	Sim. Conjunto de habitantes e trabalhadores de regiões florestais.	Sim. O termo é utilizado nessa configuração em vários artigos, trabalhos acadêmicos, manifestos de movimentos sociais do campo, livros e outras modalidades de difusão do conhecimento, incluindo pesquisas autônomas não vinculadas a Movimentos, entidades ou instituições específicas, a fim de marcar a ideologia dos Movimentos Sociais do Campo	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	-	

povos da terra	Sim. Conjunto de habitantes e trabalhadores que desenvolvem atividades agrícolas no campo.	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>povos da floresta</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	-	
trabalhador do campo	Sim: profissional da área agrícola que desenvolve atividades produtivas no campo.	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>povos da floresta</i>	Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>infância do campo</i>	<b>Var.</b> trabalhador e trabalhadora do campo	

Avaliação da categoria temática 4 - Atores Sociais da Educação do Campo em relação ao grau de lexicalização de seus termos

1. os componentes dos sintagmas não podem ser comutados ou separados ou determinados isoladamente sem mudança no significado (exemplo: *comunidade acampada* não poderia ter o determinante alterado, ou suprimido, pois *comunidade* somente não designa o mesmo conceito de *comunidade acampada*, nem mesmo *comunidade assentada*, assim como *infância Sem Terra* não seria o mesmo de *adolescência Sem Terra*);
2. os sintagmas, ou suas partes, são produtivos na terminologia em questão (exemplos: os determinantes *do campo*, *Sem Terra*, *de Educação*, *entre outros* são produtivos e recorrentes na terminologia estudada);
3. o grau de integração semântico-sintática indica que se tratam de sintagmas em vias de lexicalização e não de combinatórias eventuais (exemplos: o grau de integração pôde ser demonstrado pelos isolamentos semânticos, como os usos metafóricos e metonímicos, pois expressões como essas têm um terceiro ou quarto significado, diferente do significado das partes, inclusive com o acréscimo de semas conotativos e denotativos. Além disso, todos os termos designam um conceito em particular; são intimamente ligados expressão e conteúdo pela função semiótica, nomeando inquestionavelmente a realidade extralinguística.) Além disso, a frequência é determinante também para a análise da lexicalização dos sintagmas. Como exemplo, citamos o sintagma *infância Sem Terra*, que não pode ser confundido com uma combinatória eventual, pois a *infância* e *Sem Terra* carregam uma relação metonímica, representando a transposição do abstrato, a infância, para o mais concreto, os seres humanos que estão nessa fase da vida, os sujeitos concretos que são caracterizados pela condição de Sem Terra;
4. os sintagmas apresentam mesma configuração formal e semântica estáveis, inclusive sendo possível a identificação de termos sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes – ou seja: foi possível a identificação de termos preferenciais e de variações. A existência de sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes é um indício de que o conceito e respectivos termos estão em transição do + instável para o – instável, em diferentes gradações;

5. os sintagmas muitas vezes são originários de outras áreas do conhecimento, como História, Política, História dos Movimentos Sociais, Sociologia, Política, Filosofia, Educação Geral, Educação Popular, a exemplo de: *agricultura camponesa, família acampada e lutador do povo*. Ou seja: esses sintagmas já foram lexicalizados na terminologia de outras áreas e apropriados na terminologia da área de Educação do Campo, o que evidencia ainda mais sua integração e sua configuração como unidade terminológica autônoma.

Avaliamos que todos os candidatos a termos são sintagmas terminológicos.

Figura 52 - Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática: 4 - Atores Sociais da Educação do Campo (amostragem).

Fonte: a autora, 2013.

**Categoria Temática 5 - Fins e Ideais da Educação do Campo**

<b>Candidato</b>	<b>Critério 1</b>	<b>Critério 2</b>	<b>Critério 3</b>	<b>Critério 4</b>	<b>Critério 5</b>
<b>Sintagma</b>	Designa conceito em particular?	o sintagma tem forte e comprovada relação com a realidade extralinguística?	o sintagma é empréstimo de outra área de conhecimento?	o sintagma possui sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes?	o sintagma é combinado com isolamento semântico metafórico e/ ou metonímico?
desenvolvimento do campo	Sim: processo de melhoria contínua e otimização dos recursos das áreas campesinas	Sim. O termo é utilizado nessa configuração em vários artigos, trabalhos acadêmicos, manifestos de movimentos sociais do campo, livros e outras modalidades de difusão do conhecimento, incluindo pesquisas autônomas não vinculadas a Movimentos, entidades ou instituições específicas, a fim de marcar a ideologia dos Movimentos Sociais do Campo.	Sim. Discurso da História, da Política e Discurso dos Movimentos Sociais do Campo não ligados à Educação, mas dos quais a Educação do Campo se apropria para constituir sua identidade, seus objetivos, suas metodologias e suas práticas, primordialmente caracterizados pelo objetivo de implantar o processo de Reforma Agrária de forma eficaz aos camponeses, que residem e trabalham no campo, em propriedades rurais, assentamentos e acampamentos rurais.	-	Sim: Metonímia. <i>o desenvolvimento do campo, o desenvolvimento do meio rural, o modelo de desenvolvimento do campo e o modelo de desenvolvimento para o campo</i> são termos que se referem ao “desenvolvimento” não do conceito concreto de campo como “espaço físico”, mas sim do conceito abstrato de “valores que compõem a formação ideológica pregada pelos movimentos sociais do campo”.
Educação do Movimento Popular	Sim: concepção e práticas de Educação voltadas aos interesses das classes trabalhadoras.	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo e da Educação do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas,	Sim. Discurso da Educação Popular/ Educação do Povo	<b>Sin.</b> Educação do Povo	Sim: Metonímia. A Educação é das pessoas que compõem os Movimentos, como é o caso do Movimento Popular.

		a fim de marcar e discutir as ideologias subjacentes.			
Educação do MST	Sim: concepção e práticas de Educação voltadas aos interesses da instituição MST	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.		<b>Sin.</b> Educação do Movimento Sem Terra	Sim Metonímia. a Educação é das pessoas que compõem os Movimentos, como o MST.
Educação do povo do campo	Sim: Tipo de Educação concebida e planejada para atender aos objetivos dos povos do campo, de acordo com sua contextualização	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo e da Educação do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar e discutir as ideologias subjacentes.		<b>Sin.</b> Educação dos Camponeses	
Educação Infantil do Campo	Sim. Tipo de Educação do Campo direcionado às crianças que residem, com suas famílias, em áreas campesinas.	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo e da Educação do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também		-	

		de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar e discutir as ideologias subjacentes).			
educação infantil do MST	Sim. Tipo de Educação do Campo direcionado às crianças que residem, com suas famílias, em acampamentos/ assentamentos de Reforma Agrária	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Educação do MST</i>		<b>Sin.</b> Educação Infantil do Movimento; Educação Infantil no Movimento Sem Terra; educação infantil no MST	
formação de militantes	Sim: processo de preparo de trabalhadores do campo para que possam engajar-se na luta pela Reforma Agrária	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Educação do MST</i>	Sim. Discurso do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST	<b>Quase-sin.</b> formação de novos militantes; formação dos continuadores da luta; formação dos militantes dos movimentos sociais	
conquista da terra	Sim: objetivo primordial dos movimentos sociais do campo em prol da Reforma Agrária: a obtenção da posse de terras produtivas para o trabalho agrícola	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos dos Movimentos Sociais do Campo (artigos, livros, manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores desses Movimentos e também de pesquisadores de fora, não vinculados a Movimentos, instituições, organizações específicas, a fim de marcar/questionar, defender/	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>desenvolvimento do campo</i>	-	Sim: Metonímia. A <i>terra</i> é um bem que pode ser encarado de uma maneira mais concreta, como um campo com determinada metragem, para se cultivar ou criar animais, ou também pode ser um conceito mais abstrato, no caso de <i>a conquista da terra</i> , o bem concreto remete a valores intangíveis, como a dignidade humana obtida por meio do trabalho (no caso, com a terra, o trabalho rural)

		refutar as ideologias subjacentes, principalmente no que concerne à execução de uma Reforma Agrária eficiente para os camponeses).			
perspectiva da educação do campo	Sim: conjunto de objetivos e metas pretendidos pelos organizadores da Educação do Campo	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Educação do povo do campo</i>		-	Sim: Metáfora. A perspectiva designa a opinião, o objetivo da Educação do Campo. A metonímia caracteriza-se porque a educação é dos sujeitos do campo e não do campo em si.
reconstrução do campo	Sim: reconstrução da ideia de campo, com valorização positiva de sua cultura e de suas características e potencialidades	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Educação do povo do campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>desenvolvimento do campo</i>	-	Sim: Metáfora, pois a reconstrução não é de alguma coisa física, como um edifício, mas sim conceitual, uma ideologia.
revalorização rural	Sim: reconstrução da ideia de rural e de ruralidades, de forma a valorizar positivamente a cultura e a história das regiões rurais	Sim. Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>Educação do povo do campo</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>desenvolvimento do campo</i>	<b>Sim.</b> revalorização do meio rural	
saúde no assentamento	Sim: objetivo dos movimentos sociais do campo relacionado à melhoria das condições de	Sim. O termo é utilizado nessa configuração nos discursos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST – (artigos, livros,	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>desenvolvimento do campo</i>	-	

	saúde, de higiene e de boas práticas nos assentamentos rurais.	manifestos, trabalhos acadêmicos de pesquisadores do próprio Movimento) – é uma expressão mais pontual do Movimento.			
sustentabilidade dos povos do campo	Sim: objetivo dos movimentos sociais do campo relacionado à capacidade produtiva dos povos do campo de sustentar-se economicamente, com o resultado de seu trabalho agrícola.	Ver análise da relação com a realidade extralinguística do termo <i>saúde no assentamento</i>	Sim. Ver análise do empréstimo de outra área do conhecimento relativa ao termo <i>desenvolvimento do campo</i>	-	

Avaliação da categoria temática 5 - Fins e ideais da Educação do Campo em relação ao grau de lexicalização de seus termos

1. os componentes dos sintagmas não podem ser comutados ou separados ou determinados isoladamente sem mudança no significado (exemplo: *saúde no assentamento* não poderia ter o determinante alterado, ou suprimido, pois *saúde* somente não designa o mesmo conceito de *saúde no assentamento*, muito menos *saúde na cidade*, assim como *Educação do Movimento Popular* não seria o mesmo de *Educação*);
2. os sintagmas, ou suas partes, são produtivos na terminologia em questão (exemplos: os determinantes *do campo*, *rural*, entre outros são produtivos e recorrentes na terminologia estudada);
3. o grau de integração semântico-sintática indica que se tratam de sintagmas em vias de lexicalização e não de combinatórias eventuais (exemplos: o grau de integração pôde ser demonstrado pelos isolamentos semânticos, como os usos metafóricos e metonímicos, pois expressões como essas têm um terceiro ou quarto significado, diferente do significado das partes, inclusive com o acréscimo de semas conotativos e de semas denotativos. Além disso, todos os termos designam um conceito em particular; são intimamente ligados expressão e conteúdo pela função semiótica, nomeando inquestionavelmente a realidade extralinguística.). Além disso, a frequência é determinante também para a análise da lexicalização dos sintagmas. Como exemplo, citamos o sintagma *desenvolvimento do campo*, que não pode ser confundido com uma combinatória eventual, pois *desenvolvimento* e *campo* carregam uma relação metonímica, representando a transposição do mais concreto, o campo como espaço físico, para o mais abstrato, representando a formação de uma ideologia e a revalorização de uma ideologia;
4. os sintagmas apresentam mesma configuração formal e semântica estáveis, inclusive sendo possível a identificação de termos sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes – ou seja: foi possível a identificação de termos preferenciais e de variações. A existência de sinônimos, quase-

sinônimos, antônimos e variantes é um indício de que o conceito e respectivos termos estão em transição do + instável para o – instável, em diferentes gradações;

5. os sintagmas muitas vezes são originários de outras áreas do conhecimento, como História, Política, História dos Movimentos Sociais, Sociologia, Política, Filosofia, Educação Geral, Educação Popular, a exemplo de: *conquista da terra, reconstrução do campo*. Ou seja: esses sintagmas já foram lexicalizados na terminologia de outras áreas e apropriados na terminologia da área de Educação do Campo, o que evidencia ainda mais sua integração e sua configuração como unidade terminológica autônoma.

Avaliamos que todos os candidatos a termos são sintagmas terminológicos.

Figura 53 - Quadro de análise do grau de lexicalização e da delimitação de sintagmas. Categoria temática: 5 - Fins e Ideais da Educação do Campo (amostragem).

Fonte: a autora, 2013.

#### 6.2.4.5 Recorrência de elementos em posição final: isolamento morfossintagmático

Na terminologia da Educação do Campo, sistematizada nesta tese, existe recorrência de elementos, como “blocos morfossintagmáticos”, como determinantes dos substantivos.

A separação entre os níveis morfossintagmático e semântico é puramente didática. Neste subitem, falaremos mais do primeiro.

As possibilidades de criatividade lexical, certamente, não vêm de outro lugar senão do que já houve em língua e na respectiva cultura, logicamente com nova "roupagem", novos significados, reorganização de significantes, mudança de categorias gramaticais, nominalizações, entre outros. Dessa forma, todo estudo linguístico tem uma ligação com os estágios anteriores de língua; todavia, é possível (e necessário, em alguns casos), o estabelecimento de um ponto de vista sincrônico como metodologia de trabalho, como "recorte" de um estágio da língua.

Os estudos linguísticos sincrônicos são como uma fotografia de um dado momento que passa instantaneamente, e que já não mais existe. É um risco que qualquer estudo linguístico tem: acabar defasado em relação às transformações que já aconteceram antes mesmo de sua publicação - em qualquer meio ou suporte essa defasagem pode ocorrer, seja meio impresso ou eletrônico. O meio eletrônico permite mutabilidade, que tende a promover uma dinamicidade na atualização das informações mas, com certeza, as estruturas linguísticas e/ ou terminológicas passam por mudanças inter- e intradiscursivas, de acordo com a natureza de cada universo de discurso, bem como de acordo com as possibilidades de variação.

Um estudo sobre termos ou palavras neológicas já estará desatualizado em relação ao momento da produção do texto metalinguístico e ao momento em que esse estudo for divulgado. Logo, não temos a vã pretensão de capturar ou prender a língua e descrever uma "realidade" e sim temos o intuito de analisar um estágio terminológico de uma área em ascensão de seus conceitos e respectivas denominações técnico-científicas. No item 6.2.8, que versa a respeito de desneologização, fizemos um panorama que também retoma aspectos de uma transformação diacrônica dos termos da Educação do Campo. Entretanto, nossa perspectiva primordial é a sincronia, uma longa sincronia, de dez anos, que esperamos ser válida a qualquer tempo em que for lida, como uma fotografia é válida e importante para referenciar um momento que já não mais existe.

Segundo Alves e outros autores, existe uma tendência de utilização de elementos recorrentes na determinação dos substantivos.

Esses elementos recorrentes, em nosso *corpus*, caracterizam-se por serem conjuntos de lexias, mais do que lexias simples.

Alves (2006) estuda a recorrência dos seguintes elementos como determinantes: – *base*; - *chave*; -*chefe*; -*fantasma*. A autora cita os exemplos: *equipe-base*, *núcleo-base*, *alimento-base*, *palavra-chave*, *fator-chave*, *ponto-chave*, *analista-chefe*, *categoria-chefe*, *cozinheiro-chefe*, *bairro fantasma*, *candidato-fantasma*; *cheque-fantasma*. (ALVES, 2006, p. 138).

Ainda com Alves, em estudo de 2010, acerca da neologia de 1990 a 2009, 19 anos em perspectiva, a autora destaca:

Dentre as diferentes modalidades de composição observadas, de caráter coordenativo (entre dois ou mais substantivos, entre dois ou mais adjetivos, entre dois ou mais verbos) ou de caráter subordinativo (entre substantivo e adjetivo, entre verbo e substantivo, entre base presa e substantivo...) ressaltamos um tipo de composição subordinativa nominal, entre dois substantivos, em que o segundo elemento, de cunho determinante, é empregado nessa posição em várias formações. Esse elemento, metafórico, perde parte de seu significado e **adquire um valor reiterativo** [...]. O substantivo chave, empregado na segunda posição, é o mais presente, assumindo o valor semântico de "o mais importante". Exemplificamos esse emprego com *peça-chave* e *entroncamento-chave*, que denotam, respectivamente, a "peça mais importante" e o "entroncamento mais importante". (ALVES, 2010, p. 76-77, grifos nossos).

Ou seja: o caráter reiterativo de elementos, um isolamento semântico, a aquisição de sentido metafórico/ metonímico, são responsáveis pela criação de novos elementos, com mudanças de significado.

**Na Educação do Campo, a função adjetival, dos próprios adjetivos e dos sintagmas preposicionados com função adjetival é recorrente**, em muitos casos, havendo isolamento semântico atribuído a segmento morfossintático da língua.

No processo de terminologização, os elementos recorrentes como *camponês/ camponesa*, *da terra*, *do assentamento*, *do campo*, entre outros, estão à disposição e são recorrentes para representar corretamente os conceitos subjacentes à Educação do Campo, são essas as construções utilizadas e recomendadas pelos ideólogos da área - são as construções divulgadas e repetidas e utilizadas na formação de novos termos que surgem constantemente.

A partir do constructo inicial "campo" e "do campo", foi sendo instaurada uma nova rede conceitual-terminológica, com a (re)criação de *camponês/ camponesa*, *homem/ mulher da terra*, *Sem Terra*, *assentamento*, *acampamento*, *Educação do Campo*, *luta pela reforma agrária* - que justamente deu origem à terminologia neológica da Educação do Campo, a partir das categorias temáticas principais, as quais sistematizamos em 1. Princípios da Educação do Campo; 2. Metodologia da Educação do Campo; 3. Organização Estrutural da Educação do Campo, 4. Atores Sociais da Educação do Campo, 5. Fins e Ideais da Educação do Campo - mas que poderiam ser representadas diferentemente, no patamar linguístico-terminológico por outro pesquisador. A nova rede conceitual e os novos termos, atestados em contextos, todavia, são fatos linguísticos, que devem ser descritos e não manipulados.

A Educação do Campo é uma área técnico-científica que se insere na cultura e na língua do Brasil, a língua portuguesa. Dessa maneira, suas inovações lexicais podem não ser compreendidas pela maioria das pessoas, inclusive pelos fatos elencados, como o de ser uma área relativamente nova aos olhos do público em geral - ou até mesmo totalmente desconhecida.

Todavia, julgamos que esse movimento de transformação linguístico-cultural acaba, mais cedo ou mais tarde, sendo incorporado pela língua geral, de uma forma mais representativa ou menos. Por exemplo, o elemento *-gate*, inesperadamente, tornou-se uma possibilidade da língua, devido à sua recorrência, após o escândalo sobre corrupção envolvendo o presidente Richard Nixon no caso "Watergate", em 1972 (ALVES, 2006, p. 138).

É muito interessante o fato de que um "pedaço", um segmento do nome de um Edifício, *Watergate*, tenha ganhado tanto destaque não em uma, mas em várias línguas, sempre com um significado fixo. Obviamente a força política dos Estados Unidos da América, e sua visibilidade mundial, contribuíram para essa propagação.

Realmente é impossível separar os fatos linguísticos dos fatos sociais, políticos, econômicos e culturais. Não haveria possibilidade de apreensão do significado do sufixo *-gate* por uma comunidade que não conhece o referido episódio histórico.

Alves (2006, p. 138) cita o exemplo de *livretogate*, ocorrência da Revista Veja (ALVES, 2006, p. 158). Além dessa formação, há muitas outras, como: *mensalãogate* e *caseirogate*, termos coletados e expostos no artigo Brito (2011) denominado: *Neologismos na imprensa escrita: a cobertura jornalística*, sendo que *-gate* sempre está ligado a algum ato ilegal, irregular, escandaloso e pernicioso à sociedade. O autor recolheu seu *corpus* do jornal *Folha de S. Paulo*, no ano de 2006.

Ainda em relação a *-gate*, Alves (2004) conclui:

O escândalo Watergate determina, assim, o emprego de *-gate* em formações às quais imprime o significado de "escândalo ligado a corrupção". [...] (ALVES, 2004, p. 83).

No mesmo trabalho, Alves analisa a "composição de direta (adjetivo em função substantival) e do advérbio já, que se lexicaliza e desencadeia o emprego substantival de diretas-já e, em alguns casos, de caráter adjetival - movimento diretas-já" (ALVES, 2004, p. 81). E complementa a autora: "[...] a partir de 1984, outros substantivos compostos com já atestam a produtividade das formações com esse elemento, a exemplo de renúncia-já, cassação-já, mudança-já" (ALVES, 2004, p. 82)

A língua está determinada histórica, social e culturalmente, nos mais variados discursos, como o jornalístico e também o da nossa área-tema, a Educação do Campo.

Consideramos fundamental esse papel dos meios de divulgação na apropriação e na transposição de significados e de funções de elementos linguísticos.

Com a gradual propagação do discurso da Educação do Campo e, com ele, seus termos e respectivos conceitos, consideramos que haverá uma distinção e um isolamento desses segmentos recorrentes, podendo ocorrer utilização dessas formas em expressões até mesmo jocosas ou irônicas, como, hipoteticamente, "chato do campo", a exemplo do que ocorre em "ecochoato" e construções semelhantes da mídia no Brasil.

Assim, a partir do discurso, haverá uma cristalização sintática e, a partir do isolamento e da recorrência no plano sintático, dar-se-á um isolamento semântico (que pode ter a contribuição de usos metafóricos e/ou metonímicos).

No âmbito dos textos epistemológicos da área da Pedagogia, julgamos que essa maior divulgação dos termos e de segmentos representativos da Educação do Campo irá contribuir para um necessário - e já retardatário - reconhecimento da importância da distinção da Educação do Campo como modalidade autônoma e relevante no contexto histórico-educacional do país, como já foi feito por meio de legislações e instrumentos legais do próprio MEC - Ministério da Educação.

Logicamente os fatores discursivos e pragmáticos serão abordados quando necessário, mas, em toda tese, é necessário eleger uma diretriz de análise, para que a pesquisa tenha uma linha condutora - o que esperamos alcançar. Outras pesquisas podem e devem ser desenvolvidas a respeito do tema "terminologia da área da Educação do Campo" e, dessa forma, propor outros pontos de vista e alternativas. Esperamos contribuir para esses percursos.

Na Educação do Campo, há a ocorrência reiterada de adjetivos ou de sintagmas preposicionados em função adjetival, na segunda posição. Esses adjetivos ou sintagmas preposicionados são os elementos determinantes das composições sintagmáticas, cada vez mais expandidas, a fim de atender os níveis de especificidade cada vez mais evidentes nas terminologias técnico-científicas.

A Educação do Campo busca firmar-se positivamente em sua ideologia - com muitas dificuldades, devido à contraideologia propagada pelos meios de comunicação brasileiros, que acabam por construir uma concepção disfórica da área. Some-se a isso o fato de que a Educação do Campo procurar sua autonomia em relação à Educação Geral, à Educação Tradicional e um distanciamento em direção oposta às concepções da Educação Rural, da Aprendizagem Rural e da Educação no Campo.

Assim, os teóricos da Educação do Campo, de forma proposital e assumidamente, sentindo a necessidade de marcar o discurso da área, fazem uso de segmentos de forma reiterada no processo de terminologização: como *camponês/ camponesa, de terra, da terra, do campo, do*

*Movimento Sem Terra, do Movimento, do MST, no MST, Sem Terra/ sem-terra/ Sem-Terra/ dos sem terra/ dos sujeitos Sem Terra*, que acabam fornecendo uma ideia acessória ao elemento determinado.

Essas ideias acessórias recorrentes são necessárias para que os termos da Educação do Campo sejam diferenciados dos termos das outras modalidades de Educação mencionadas.

Os segmentos que representam as ideias acessórias de "ser do campo", de ser do "MST" ou "ser do Movimento", de "pertencer à terra" acabam por adquirir um caráter de necessidade, ou seja: não são escolhas lexicais eventuais, mas sim obrigatórias na formação dos termos mais relevantes da área.

**No processo de terminologização acabaram sendo obedecidas essas regras na constante transposição dos conceitos para os termos.**

**303 de 670 termos são formados com recorrência dos elementos em posição final, o que é bastante representativo: 45% do *corpus*, o que evidencia uma preocupação de autoafirmação por parte dos teóricos e ideólogos da Educação do Campo.**

Na área de Meio Ambiente/ Educação Ambiental, destacam-se os termos: - monitoramento ambiental/ monitoração ambiental; controle ambiental; conservação ambiental; dimensão ambiental; ponto de vista ambiental; sustentabilidade ambiental; direito ambiental; fator ambiental; gestão ambiental; impacto ambiental; nível de sustentabilidade ambiental; legislação ambiental; atributo ambiental; qualidade ambiental; patrimônio ambiental; reserva particular do patrimônio ambiental; variação da umidade ambiental; sistema ambiental; desempenho ambiental; valoração ambiental; zoneamento ambiental; análise ambiental; administração ambiental; área de proteção ambiental (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE 2004).

Nota-se que o determinante *ambiental* torna-se obrigatório (e recorrente) na composição de termos da área de Meio Ambiente/ Educação Ambiental, o que reforça a convergência entre derivação e composição. Essa recorrência também faz parte da autoafirmação da área, de cunho ideológico, com material linguístico.

Qualquer estudo de *corpus* neológico traz essa dificuldade de sistematização de alguns fenômenos de cristalização de formas e de significados, justamente porque os próprios termos neológicos estão em fase de constituição e/ ou de difusão e/ ou de aceitação/ entendimento/ conscientização por parte da sociedade.

Na área dos Direitos Humanos da Mulher, configuram-se também uma grande quantidade de termos com a mesma repetição de determinantes bem marcados ideologicamente: *defesa dos direitos humanos da mulher; Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de*

*Discriminação Contra as Mulheres; Década das Nações Unidas para a Mulher; Década das Mulheres; Conceito dos Direitos Humanos da Mulher.* (VISUAL THESAURUS, 2011).

Inclusive, recentemente, foram adequadas algumas formas de marcar a linguagem e tentar amenizar preconceitos gramaticais intrínsecos, a exemplo do plural sempre no masculino, recorrendo-se a alternativas como a mudança de conjuntos lexicais - de "os chefes" para "a chefia", de "os diretores" para "a diretoria", de "os coordenadores" para "a coordenação", entre outros, em textos de diversos gêneros. Como vocativos, existe o direcionamento atual de dizer/ escrever "Senhoras e Senhores", "Funcionárias e Funcionários", "Boa noite a todas e a todos", entre outros. Ou seja: é um movimento que parte de uma contraideologia, liderada principalmente por organizações feministas, pois a gramática da língua portuguesa (e de outras línguas) reflete realmente toda a ideologia e todos os preconceitos da sociedade, como o preconceito contra as mulheres, determinadas etnias, classes sociais e outros. Com certeza, neste início de uma reação contra o preconceito, a maioria das pessoas não aceitará essas novas marcas gramaticais/ ideológicas, pensará ser uma imposição, pois mudar a ordem estabelecida é um processo demorado e marcado por resistência e conservadorismo. Na verdade, cremos que é sim uma imposição, assim como a repetição de elementos que acabam fixando novos significados, mas é uma imposição positiva, a fim de se quebrar as barreiras de preconceito, marcado por vias linguísticas.

Na área dos Direitos da Mulher, os elementos "Mulher(es)" ou "Direito da(s) Mulher(es)" são repetidos em posição final com o intuito de enfatizar os conceitos em questão e ressaltar a própria importância da mulher na sociedade.

Na área dos Direitos da Pessoa com Deficiência, destacam-se também termos formados com a repetição de determinantes que expressam, de forma marcada, a ideologia dos conceitos subjacentes: *pessoa com deficiência; direitos das pessoas com deficiência; Secretaria dos Direitos da Pessoa com Deficiência; Secretário dos Direitos da Pessoa com Deficiência; Observatório dos Direitos da Pessoa com Deficiência; inclusão de pessoas com deficiência;* (SÃO PAULO (Estado), 2008).

Em trabalho anterior, por ocasião de nossa pesquisa de mestrado, identificamos como termo preferencial "pessoa portadora de deficiência", sigla "PPD" (DEMAI, 2006), um conceito e um termo construídos ideologicamente a fim de dirimir o caráter pejorativo de "deficiente", termo que evidencia o traço da deficiência e não o fato de ser uma pessoa, o traço humano.

Tal foi nossa surpresa quando, anos depois, foi impetrado o termo "pessoa com deficiência", para substituir "pessoa portadora de deficiência", inclusive na legislação e nos textos dos órgãos oficiais do Brasil. Outro termo/ conceito construído. No caso, "com deficiência" foi preferido porque a pessoa não faz a opção por "ser portadora de deficiência" e

sim está com uma deficiência temporária ou tem uma deficiência permanente, conceito para o qual o sema "involuntário" está presente, e o sema "voluntário" está ausente. Ou seja: de acordo com as novas análises e políticas sociais, econômicas, culturais, os termos e conceitos são construídos, muitas vezes, de forma imposta, pois, atualmente, ano de 2014, falar "corretamente" é utilizar "pessoa com deficiência", forma preferencial. Falar "pessoa portadora de deficiência" denota desatualização ou falta de conscientização, não obstante o fato de este ser o termo preferencial em 2006, ano de conclusão do referido trabalho de mestrado.

Já em "Educação do Campo", o conceito e o termo foram historicamente construídos, bem como o arquiconceito/ arquitepo "campo" foi construído/ apropriado de outras culturas, da Europa, assim como as filosofias, valores e políticas.

Creemos que essas demonstrações de poder, por vias terminológicas, são uma das constatações mais caras em um trabalho linguístico-conceitual.

Para descrever essas relações, o recorte sincrônico muitas vezes não é suficiente; é necessário analisar um período maior e fazer a comparação entre sincronias distintas, o que procuraremos fazer nos próximos itens.

Essas áreas, como a Educação do Campo, têm que se marcar na sociedade por intermédio de sua terminologia, e a terminologia acaba por se constituir em um instrumento desse posicionamento que vai contra o discurso dominante, mais tradicionalizado e considerado como verdadeiro. E os grupos dominantes, bem como as pessoas leigas que se baseiam no senso comum, adotam uma atitude preconceituosa e negativista, mesmo desconhecendo totalmente as verdadeiras intencionalidades desses grupos que surgem como alternativas à ordem estabelecida.

Muitas vezes essas áreas apenas têm reconhecimento da população em geral (como áreas dignas de respeito e não com conotações pejorativas) devido a legislações, que, por sua vez, são instituídas por força de reivindicações dos grupos de cidadãos interessados, como os movimentos sociais do campo. Por isso também essas legislações são fontes de pesquisas terminológicas.

As imposições terminológicas são um caminho para o reconhecimento de uma área e para seu estabelecimento enquanto campo autônomo, mas podem também contribuir para o preconceito linguístico-terminológico, com a geração de uma "antipatia" por parte dos meios de comunicação e suas ideologias dominantes.

Reconhecemos que mudar uma ordem estabelecida não é fácil, nem prático, tampouco rápido, e que é alto o risco de causar uma certa repulsa às vistas da população em geral, como se essas imposições terminológicas fossem um procedimento para forçar a mudança de uma "ordem natural", principalmente quando se trata da imposição de uma terminologia inovadora e altamente ideológica como a da Educação do Campo.

No entanto, correr esse risco é válido na tentativa de sair do zero inicial do desconhecimento, da ignorância, ou ainda de um pseudoconhecimento, que impede os processos de cognição em relação aos conhecimentos de qualquer área, seus verdadeiros conceitos (e, com estes, as denominações terminológicas).

Propomos e justificamos, assim, um processo de isolamento morfossintagmático, de cunho ideológico, pois não é simplesmente uma repetição e sim uma imposição, por parte dos produtores dos discursos das respectivas áreas do saber. Não se trata, todavia, de uma imposição negativa, e sim de uma imposição eufórica, que tem a intenção de marcar, de propor e de modificar valores socioeconômicos e culturais.

A repetição de blocos morfossintagmáticos na determinação de termos compostos é uma das ferramentas da neologia, podendo ser considerado um subprocesso na neologia sintática, pois auxilia no processo de criação de novos significados para significantes existentes (associando-se, aqui, à neologia semântica).

De fato, os fenômenos linguísticos, como comprovam vários estudos, são sempre passíveis de gradações: não ocorrem mudanças bruscas, abruptas, repentinas e imprevisíveis. Com a associação dos estudos em nível sincrônico e em nível diacrônico, é possível a observação e a descrição das transformações, das criações e das recriações linguísticas: neologia, lexicalização, polissemia, sinonímia, antonímia, homonímia.

Admitindo-se o léxico e as terminologias como pertencentes a um *continuum* da língua, constata-se que esses conjuntos vocabulares não são produtos acabados.

À ideia de *continuum* da língua, Sablayrolles (2000) associa a "existência de um *continuum* no processo de criação lexical", o qual vai do mais gramatical, relativo à morfologia flexional, ao mais lexical, como as "sequências sintáticas". O autor afirma que unidades "inferiores" à palavra podem constituir-se em neologismos. (SABLAYROLLES, 2000, p. 152).

Dessa forma, é importante ressaltar que as estruturas linguísticas, as funções desempenhadas por palavras, por grupos sintáticos e por partes de palavras não são estanques: estão em pleno movimento.

Barbosa (2007) também nos lembra do "eixo *continuum*" em que uma 'unidade lexical' pode representar + ou - cientificidade ou + ou - banalização, pois no nível do sistema da língua "toda unidade lexical é plurifuncional e monofuncional no nível de uma norma ou do falar concreto" (BARBOSA, 2007, p. 439). Esse é mais um argumento contra a proposição de categorias estanques nos estudos da linguagem.

A aceitação dessa abertura da epistemologia linguística pode levar à quebra de muitos preconceitos criados pela gramática normativa e de seus subprodutos (como manuais do bem falar, do "escrever corretamente", do "falar corretamente") - se a língua está em constante

construção, não há como estabelecer padrões excludentes, pois um uso fora da norma-padrão pode vir a incorporar-se a ela. A clareza em relação a esses pressupostos só pode ser fundamentada por conhecimentos em nível diacrônico, o que não é característica de todo e qualquer usuário da língua. Esse desconhecimento do caráter mutante e relativo da língua facilita o estabelecimento do preconceito linguístico em relação a normas outras que não a padrão.

Consideramos produtivo, para essa análise da tensão *transformação e criação linguística* versus *resistência e preconceito sociolinguístico e socioterminológico*, estabelecer relações com o conceito de norma linguística. No mínimo, essas novas normas são consideradas “estranhas” pelo público em geral, quando representam um discurso tão marcado ideologicamente como é o caso da Educação do Campo ou ainda das áreas referenciadas a fim de ilustração: Meio Ambiente/ Educação Ambiental; Direitos da Mulher; Direitos da Pessoa com Deficiência.

Para um comentário sobre as normas linguísticas, não poderíamos deixar de nos embasar nas proposições de Eugenio Coseriu.

Nos deteremos um pouco na análise de algumas considerações de Coseriu acerca das noções de sistema, de normas e de falar, por acreditarmos que essa fundamentação é o principal caminho para o estudo de mudanças linguísticas em curso, como a neologia.

Em nosso trabalho, que tem um cunho certamente metalinguístico, por se tratar de uma análise linguística, a análise da configuração e do funcionamento do sistema da língua é necessária.

Para Coseriu (1987), a relação língua-fala não seria de oposição ou distanciamento, mas sim de complementaridade. Assim, o entrave na teoria de Saussure seria o ponto de vista dicotômico relativo à fala e à língua; estaria faltando o fator de ligação entre essas duas instâncias, visto que a língua é social e que a fala é individual.

Apresentamos um quadro sintético, conforme Barbosa (1995, p. 27), dessas proposições quanto aos níveis de atualização da língua (Coseriu) e sua relação com as unidades lexicais-padrão correspondentes a cada nível (Muller) e com as respectivas obras dicionarísticas:

<b>níveis</b>	<b>unidades-padrão</b>	<b>tipos de obra dicionarística</b>
sistema	lexema	dicionário de língua
norma(s)	termo/ vocábulo	vocabulário
falar	palavra	glossário

Figura 54 - Níveis de atualização, unidades-padrão e tipologia de obras dicionarísticas  
Fonte: BARBOSA, 1995, p. 27

Nesta tese não trataremos especificamente da elaboração de uma obra dicionarística, mas, se essa fosse nossa intenção, elaboraríamos um dicionário terminológico ou um vocabulário, ou ainda um glossário, descrevendo uma norma linguística de um universo discursivo técnico-profissional e seu conjunto de termos. Fazendo um estudo terminológico da área de Educação do Campo, estamos descrevendo uma norma. Essa norma está com certeza de acordo com o sistema da língua portuguesa, mas pode estar em desacordo com a norma-padrão e/ ou com a ideologia dominante no país.

Coseriu propõe a noção de “norma” como elemento que faz o intermédio entre esses patamares: língua e fala.

A norma, como “realização normal do sistema” (língua), constitui-se em padrão, em um aparato convencional.

O sistema é o todo de possibilidades; nele não há restrições; os vocábulos são polissemêmicos, as regras de afixação são menos restritivas, as combinações estilísticas são aceitáveis, bem como todas as possibilidades de neologia, de empréstimos de outras línguas e de outras áreas do conhecimento, entre outras.

A fala é um ato, uma atualização linguística, determinada por fatores também extralinguísticos, além de ser direcionada pela norma vigente no grupo sociolinguístico e cultural.

Nas palavras de Barbosa (2007):

Um universo de discurso estabelece e renova incessantemente uma rede de relações intertextuais entre os textos manifestados, enunciados, e uma rede de relações interdiscursivas, entre os processos discursivos de produção cristalizados. Esses textos e discursos apresentam, pois, certas características comuns e constantes, correspondentes a uma norma discursiva. A intersecção entre os diferentes textos pertencentes a um universo de discurso conduz à configuração de um arquiteito (Rastier); a intersecção entre os discursos (processos) envolvidos conduz, por sua vez, à configuração de um arquidiscorso. (BARBOSA, 2007, p. 435)

É interessante a abordagem das ciências do léxico (Lexicologia, Lexicografia, Terminologia) exposta por Coseriu: em relação ao léxico, “corresponde ao sistema a particular classificação conceitual do mundo que toda língua representa (função representativa) e, ao que concerne à norma, verificam-se as chamadas normas-padrão, nas palavras do autor, as “admitidas pelo sistema, tanto do ponto de vista significativo quanto do ponto de vista formal” e as consideradas “anormais” ou detentoras de um “valor estilístico” (COSERIU, 1987, p. 66-67).

Consideramos que a terminologia da Educação do Campo constitui-se em uma norma que está de acordo com o sistema da língua portuguesa, mas que se contrapõe conceptualmente a outras normas, como as da Educação Rural e da Educação *no* Campo.

Essas discrepâncias são de cunho linguístico aparentemente, com uma diferenciação dos determinantes *no campo/ para o campo e do campo, do campo e rural*, mas as divergências provêm de conceptualizações totalmente antagônicas ideologicamente, conforme explicitado no capítulo 2, em que traçamos um histórico e uma caracterização da área de Educação do Campo.

Julgamos de extrema importância o estudo dos conceitos de norma(s) linguística(s), tanto na língua geral, como nas terminologias, porque também constituem-se em demonstrações da mutabilidade de estruturas linguísticas em geral.

A neologia está intimamente relacionada com as normas linguísticas: a criatividade lexical pauta-se nas possibilidades do sistema e, muitas vezes, os neologismos contrapõem-se às normas estabelecidas. Quando esses neologismos finalmente são aceitos pela norma-padrão, conhecidos pelo público em geral, utilizados por um tempo pelos meios de divulgação e registrados em dicionários, passam por um processo de aceitação e de difusão, passando a ser itens incorporados no léxico de uma língua, perdendo seu caráter inusitado. Aprofundaremos essas considerações no item 6.2.8 Os subprocessos de desneologização: incorporação, aceitação e difusão de termos neológicos em uma perspectiva diacrônica.

Em relação à neologia, Alves (2007b) estabelece as relações entre a atualização textual-discursiva e os processos de criação lexical:

as relações da Neologia com o Texto podem ser claramente evidenciadas, uma vez que toda criação neológica insere-se em um enunciado [...] Comentários metalinguísticos mais próximos de um enunciado definitivo caracterizam também as relações entre Neologia e Texto [...] Do ponto de vista discursivo, esses comentários metalinguísticos de explicitação do novo criam determinados efeitos (ALVES, 2007b, p. 87-88).

Dessa forma, as atualizações discursivas permitem a criação deliberada de palavras/ termos, conhecida como neologia lexical, pois somente com as oportunidades da comunicação real os usuários do sistema podem modificá-lo ou especificá-lo. Somente em contexto temos as especificidades e o verdadeiro caminho para o percurso gerativo da enunciação de codificação e de decodificação (PAIS, 2002, p. 101 e seguintes).

Nesta tese, procuramos analisar os principais fenômenos que salientam o caráter social da língua, incluindo as coerções sociais, as ideologias e as relações de poder com base nas estratégias e teorias sobre a contextualização de todos os fenômenos linguísticos, seja a contextualização linguística, seja a pragmática.

Logicamente esta tese, um único trabalho, com tempo determinado para sua consecução, não dará conta de todas essas complicadas relações sociais. Por isso, enfatizamos ser válido o mote de um modelo, que deve ser enriquecido com o tempo e com estudos vindouros.

Todas as áreas de especialidade marcam-se de forma impositiva, de alguma maneira, em seu discurso e em suas terminologias, mas, algumas, devido ao fato de estarem subjugadas ideologicamente, têm de fazê-lo com mais veemência, como é o caso da Educação do Campo e das outras áreas referenciadas.

Com vistas à análise quantitativa da recorrência de elementos na determinação das composições sintagmáticas de nosso *corpus*, apresentaremos alguns desses isolamentos morfossintagmáticos, a partir do critério: o elemento deve aparecer, pelo menos, em 3 termos do *corpus* na segunda posição ou na posição final do sintagma. Com três ou mais ocorrências, verificamos uma passagem das combinatórias eventuais aos padrões terminológicos de uma língua de especialidade.

<b>ISOLAMENTO MORFOSSINTAGMÁTICO RECORRENTE</b>	exemplos de ocorrências	Nº de ocorrências
<b>camponês/ camponesa/ camponeses/ camponesas</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. campo da agricultura camponesa</li> <li>2. identidade de camponês</li> <li>3. povo camponês</li> <li>4. projeto camponês de desenvolvimento do campo</li> <li>5. educação dos camponeses</li> <li>6. luta social dos camponeses</li> <li>7. luta social dos movimentos camponeses</li> <li>8. movimentos camponeses</li> <li>9. projeto de educação dos camponeses</li> <li>10. projeto de educação para os camponeses</li> <li>11. comunidade camponesa</li> <li>12. cultura camponesa</li> <li>13. família camponesa</li> <li>14. luta social camponesa</li> <li>15. Movimento das Mulheres Camponesas</li> </ol>	15
<b>da terra/ de terra</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. conquista da terra</li> <li>2. homem da terra</li> <li>3. mulher da terra</li> <li>4. ocupação da terra</li> <li>5. ocupação de terra</li> <li>6. Pedagogia da terra</li> <li>7. povos da terra</li> </ol>	7
<b>do assentamento/ de assentamento</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. aniversário do assentamento</li> <li>2. área de assentamento de reforma agrária</li> <li>3. assembleia do assentamento</li> </ol>	3
<b>do campo</b>	<ol style="list-style-type: none"> <li>1. articulação nacional por uma Educação Básica do Campo</li> <li>2. compreensão do campo</li> <li>3. conceito de Educação do campo</li> <li>4. conferência nacional por uma Educação Básica do campo</li> <li>5. conjunto da população do campo</li> <li>6. conjunto dos povos do campo</li> <li>7. construção do paradigma de educação do campo</li> <li>8. cultura do campo</li> <li>9. cultura dos povos do campo</li> <li>10. dinâmica do campo</li> </ol>	102

	<ol style="list-style-type: none"> <li>11. dinâmica social do campo</li> <li>12. direito à educação do campo</li> <li>13. direito dos povos do campo</li> <li>14. direitos dos povos do campo ao conhecimento</li> <li>15. direitos dos povos do campo à educação</li> <li>16. diretrizes operacionais para a educação básica nas escolas do campo</li> <li>17. Diretrizes Operacionais para uma Educação Básica do campo</li> <li>18. Educação Básica do campo</li> <li>19. educação básica nas escolas do campo</li> <li>20. Educação do campo</li> <li>21. educação do povo do campo</li> <li>22. educação dos povos do campo</li> <li>23. educação dos sujeitos do campo</li> <li>24. Educação Infantil do campo</li> <li>25. educação para os sujeitos do campo</li> <li>26. Educação Popular do campo</li> <li>27. educador do campo</li> <li>28. ensino fundamental do campo</li> <li>29. ensino médio das escolas do campo</li> <li>30. ensino médio do campo</li> <li>31. ensino médio integrado do campo</li> <li>32. escola do campo</li> <li>33. escola pública do campo</li> <li>34. escolarização dos sujeitos do campo</li> <li>35. Especialização em Educação do campo</li> <li>36. especificidades do campo</li> <li>37. expansão de escolas públicas do campo</li> <li>38. expansão de escolas do campo</li> <li>39. fundamentos da educação do campo</li> <li>40. GPET- Educação do campo</li> <li>41. Grupo Permanente de Trabalho para a Educação do Campo</li> <li>42. Grupo Permanente para a Educação do Campo</li> <li>43. homem do campo</li> <li>44. ideia de Educação do Campo</li> <li>45. identidade da Educação do Campo</li> <li>46. infância do campo</li> <li>47. interesses do campo</li> <li>48. juventude do campo</li> <li>49. licenciatura em Educação do Campo</li> <li>50. memória da educação do campo</li> <li>51. mística dos povos do campo</li> <li>52. modelo de desenvolvimento do campo</li> <li>53. movimento social do campo</li> <li>54. movimentos do campo</li> <li>55. movimentos sociais do campo</li> <li>56. mulher do campo</li> <li>57. necessidades do campo</li> <li>58. paradigma da educação do campo</li> <li>59. perfil da educação do campo</li> <li>60. perspectiva da educação do campo</li> <li>61. pobres do campo</li> <li>62. política nacional de educação do campo</li> <li>63. política pública da educação do campo</li> <li>64. políticas públicas de educação do campo</li> <li>65. população do campo</li> <li>66. população trabalhadora do campo</li> <li>67. povo do campo</li> <li>68. povos do campo</li> <li>69. problemas da educação e da sustentabilidade dos povos do campo</li> </ol>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	<p>70. problemas da educação do campo  71. problemas da sustentabilidade de povos do campo  72. problemas da sustentabilidade dos povos do campo  73. profissionais de educação do campo  74. projeto camponês de desenvolvimento do campo  75. projeto da educação do campo  76. projeto de campo  77. projeto de desenvolvimento do campo  78. projeto de educação do campo  79. projeto de educação dos trabalhadores e trabalhadoras do campo  80. projeto político da Educação do Campo  81. projeto político e pedagógico da Educação do campo  82. projeto político e pedagógico de Educação do campo  83. projeto político-pedagógico da Educação do campo  84. projeto político-pedagógico da escola do campo  85. realidade do campo  86. reconstrução do campo  87. reconstrução do campo e da identidade dos sujeitos  88. recriação da identidade do campo  89. recriação de sujeitos do campo  90. Referências para uma Política Nacional de Educação do campo  91. resistência social da população do campo  92. sistema de educação do campo  93. sujeito do campo  94. sujeitos da educação do campo  95. sustentabilidade dos povos do campo  96. trabalhador do campo  97. trabalhador e trabalhadora do campo  98. trabalhadores e trabalhadoras do campo  99. trabalho do campo  100. trato público da educação do campo  101. trato realmente público da Educação do campo  102. vida do campo</p>	
<b>do Movimento Sem Terra/ do Movimento</b>	<p>1. agenda do Movimento  2. ciranda infantil do Movimento  3. bandeira do Movimento Sem Terra  4. assentamento do Movimento Sem Terra  5. conjunto do Movimento Sem Terra  6. cotidiano do Movimento Sem Terra  7. Direção Estadual do Movimento Sem Terra  8. escola do Movimento Sem Terra  9. dirigente do Movimento Sem Terra  10. escola do Movimento Sem Terra  11. experiência educacional do Movimento Sem Terra  12. História do Movimento Sem Terra  13. mística do Movimento Sem Terra  14. organicidade do Movimento Sem Terra  15. pedagogia do Movimento Sem Terra  16. Pedagogia do Movimento Sem Terra nos Movimentos Sociais  17. projeto histórico do Movimento Sem Terra  18. Setor de Educação do Movimento Sem Terra</p>	19
<b>do MST/ no MST</b>	<p>1. acampamento do MST  2. assentamento do MST  3. base social do MST  4. Caderno de Formação do MST  5. ciranda infantil no MST  6. concepção de educação do MST  7. Congresso Nacional do MST</p>	74

	<ol style="list-style-type: none"> <li>8. cotidiano do MST</li> <li>9. cultivo da mística do MST</li> <li>10. curso Magistério do MST</li> <li>11. cursos do MST</li> <li>12. Direção Nacional do MST</li> <li>13. dirigente do MST</li> <li>14. documentos do MST</li> <li>15. Educação básica das áreas de Reforma Agrária do MST</li> <li>16. Educação do MST</li> <li>17. Educação dos sem-terra do MST</li> <li>18. educação infantil do MST</li> <li>19. educação infantil no MST</li> <li>20. educação nos acampamentos do MST</li> <li>21. educação nos assentamentos do MST</li> <li>22. educador do MST</li> <li>23. educador infantil do MST</li> <li>24. educadora do MST</li> <li>25. EJA do MST</li> <li>26. EJA no MST</li> <li>27. equipe de educação do MST</li> <li>28. escola de acampamento do MST</li> <li>29. escola de assentamento do MST</li> <li>30. escola do MST</li> <li>31. escola itinerante do MST</li> <li>32. escola no MST</li> <li>33. escolas itinerantes no acampamento do MST</li> <li>34. experiência de educação do MST</li> <li>35. experiência educacional do MST</li> <li>36. filosofia de educação do MST</li> <li>37. formação dos sem-terra do MST</li> <li>38. gênese do trabalho do MST</li> <li>39. hino do MST</li> <li>40. história da educação escolar no MST</li> <li>41. história da educação no MST</li> <li>42. identidade de Sem Terra do MST</li> <li>43. identidade do MST</li> <li>44. jornal do MST</li> <li>45. jovens dos assentamentos rurais do MST</li> <li>46. luta do MST</li> <li>47. luta geral do MST</li> <li>48. luta no MST</li> <li>49. militância do MST</li> <li>50. organização do MST</li> <li>51. participação de mulheres no MST</li> <li>52. Pedagogia do MST</li> <li>53. Pedagogia do MST em EJA</li> <li>54. prática do MST</li> <li>55. princípios organizativos do MST</li> <li>56. processo de formação de educadoras e educadores do MST</li> <li>57. processo de formação de educadores e educadoras do MST</li> <li>58. processo de formação do MST</li> <li>59. processo de formação no MST</li> <li>60. professor de escola de assentamento do MST</li> <li>61. professor do MST</li> <li>62. projeto de alfabetização nos assentamentos do MST</li> <li>63. projeto de educação do MST</li> <li>64. projeto histórico do MST</li> <li>65. projeto político e pedagógico do MST</li> <li>66. proposta de educação do MST</li> <li>67. sem-terra do MST</li> <li>68. sem-terra que milita no MST</li> </ol>	
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

	69. símbolos do MST 70. TAC do MST 71. trabalho educacional do MST 72. trajetória da educação no MST 73. trajetória do MST 74. trajetória histórica do MST	
<b>no campo</b>	1. educação no campo 2. escola no campo 3. permanência dos jovens no campo 4. povos que vivem no campo 5. resistência no campo 6. vida no campo	6
<b>Sem Terra/ sem-terra/ Sem-Terra/ dos sem terra/ dos sujeitos Sem Terra</b>	1. adolescência Sem Terra 2. assentamento do Movimento Sem Terra 3. coletivo Sem Terra 4. companheiro Sem Terra 5. comunidade Sem Terra 6. conjunto do Movimento Sem Terra 7. criança Sem Terra 8. cultivo da identidade Sem Terra 9. educação básica das áreas de Reforma Agrária do Movimento Sem Terra 10. Educação do Movimento Sem Terra 11. Educação dos Sem Terra 12. educação dos sem-terra 13. educação dos Sem-Terra 14. Educação dos sem-terra do MST 15. Educação Infantil no Movimento Sem Terra 16. educador Sem Terra 17. escola de acampamento Sem Terra 18. escola de assentamento Sem Terra 19. escola do Movimento Sem Terra 20. família Sem Terra 21. família sem-terra 22. família Sem-Terra 23. formação da identidade dos Sem Terra 24. formação da identidade dos sujeitos Sem Terra 25. formação da identidade Sem Terra 26. formação dos Sem Terra 27. formação dos sem-terra 28. formação dos Sem-Terra 29. formação dos sem-terra como trabalhadores 30. formação dos sem-terra do MST 31. formação dos sujeitos sem-terra 32. formação dos sujeitos Sem-Terra 33. identidade de Sem Terra do MST 34. identidade dos sem-terra 35. identidade dos Sem-Terra 36. identidade Sem Terra 37. identidade social de Sem Terra 38. infância no Movimento Sem Terra 39. infância Sem Terra 40. jovens do acampamento dos Sem Terra 41. juventude Sem Terra 42. Marcha dos Sem Terra 43. mobilização das crianças Sem-Terra 44. Movimento dos Sem-terra 45. Movimento dos Sem-Terra 46. Movimento dos Trabalhadores Sem Terra 47. ocupação pelos sem-terra 48. ocupação pelos Sem-Terra	69

	49. Pedagogia do Movimento Sem Terra	
	50. população sem-terra	
	51. população Sem-Terra	
	52. povo sem-terra	
	53. povo Sem-Terra	
	54. processo de formação do Sem Terra	
	55. processo de formação do sem-terra brasileiro	
	56. processo de formação do sujeito Sem Terra	
	57. processo de formação dos sem-terra	
	58. processo de formação dos Sem-Terra	
	59. professora Sem Terra	
	60. professora sem-terra	
	61. professora Sem-Terra	
	62. projeto de Educação do Movimento Sem Terra	
	63. realidade da juventude Sem Terra	
	64. realidade dos Sem Terra	
	65. Revista Sem Terra	
	66. Setor de Educação do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra	
	67. trabalhador Sem Terra	
	68. trabalhador sem-terra	
	69. trabalhador Sem-Terra	

Figura 55 – Isolamentos morfossintagmáticos recorrentes na terminologia da Educação do Campo - distribuição e ocorrências. Fonte: a autora, 2011

A seguir, de forma gráfica, apresentamos a representatividade numérica dos elementos recorrentes em composições sintagmáticas de nosso *corpus*:

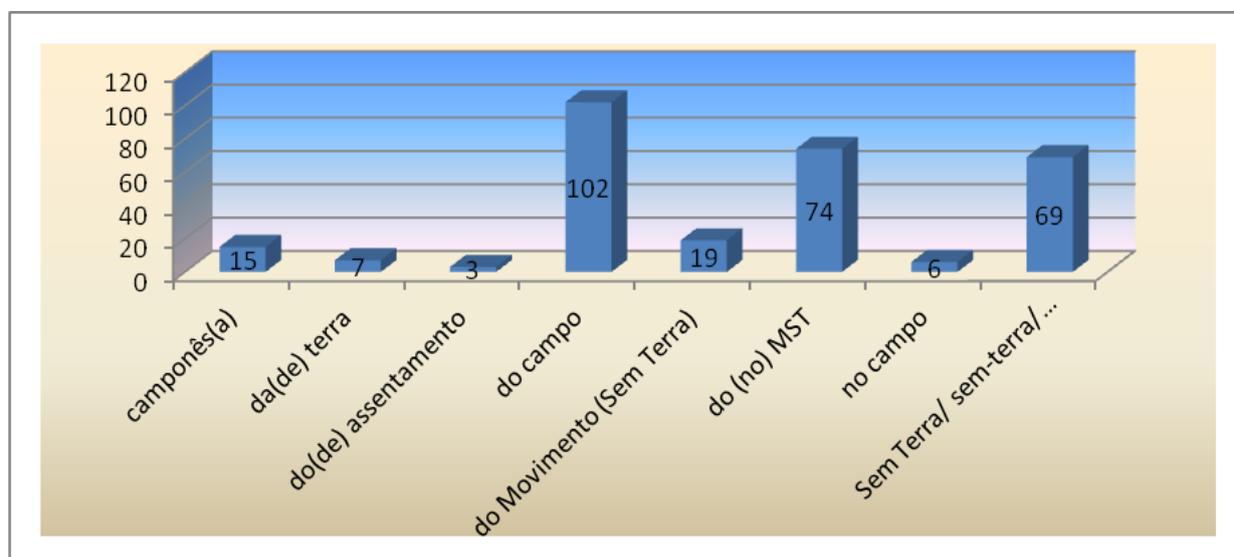


Gráfico 6 - Elementos recorrentes em composições sintagmáticas. Fonte: a autora, 2011.

Para os limites deste subitem e desta tese, cabe-nos enfatizar que as tensões entre termo e conceito, entre língua e ideologia, são universos profícuos de investigação linguística para diversas áreas do conhecimento.

Como muitíssimo bem enfatizado por Alves (2006, p. 131-144), o caráter da neologia lexical está intrinsecamente ligado à vida em sociedade e à História:

O neologismo, fortemente vinculado ao caráter social da linguagem, é sempre resultante de um fato social, que, em um determinado momento da história da sociedade, determina a criação de uma nova unidade lexical (ALVES, 2006, p. 132).

Assim, julgamos que cumpre ao estudioso das ciências do léxico a apreensão de certas informações ditas extralinguísticas, para, então, ser possível uma análise linguística mais abrangente e, até mesmo, mais verdadeira.

Há uma tensão entre fatos linguísticos e fatos extralinguísticos, pois os elementos externos à língua (acontecimentos, valores, objetivos e várias manipulações nas sociedades) acabam incorporados ao léxico e às terminologias, devendo ser considerados.

Os exemplos da Educação do Campo corroboram essas afirmações, pois nem existiria o termo *Educação do Campo* se não fosse todo um movimento social, com vários segmentos, que propusesse os conceitos e os princípios subjacentes a uma educação no meio rural que se quer totalmente diferenciada das iniciativas anteriores de Educação Rural. Também não existiriam termos como *MST*, *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*, nem *homem do campo* (pois já havia *trabalhador rural*, *lavrador*, com outras acepções...).

A linha central desta tese, como já evidenciado, é justamente propor uma análise linguístico-terminológica que leve à observação de diversos fatores que condicionam e impulsionam a criatividade lexical no âmbito das terminologias.

A área da Educação do Campo é bastante diferenciada por vários fatores, inclusive pela difusão de seus termos e pela abordagem da imprensa, mas julgamos que o presente modelo de análise pode contribuir, circunstancialmente, à análise da criação dos termos de outras áreas do saber humano.

#### 6.2.4.6 Composição acronímica e siglação

De acordo com Alves (2007a), a composição acronímica ou siglação é um tipo de composição sintagmática que se dá pela redução de um sintagma, "de modo a tornar-se mais simples e mais eficaz no processo da comunicação" (ALVES, 2007a, p. 56).

Diferenciando os dois tipos, Alves (2001b) define siglas como "termos formados pelas letras iniciais de um sintagma" e acrônimos como "termos formados pela redução do sintagma sob forma de sílabas, geralmente as iniciais, as quais são pronunciadas como uma palavra autônoma" (ALVES, 2001b, p. 63).

No *corpus* de análise são encontrados 28 acrônimos/ siglas autônomos, além daquela(les) que foram inseridas(dos) em composições sintagmáticas.

Dessas 28 siglas/ acrônimos, 15 são empréstimos internos, ou seja: têm origem em outras áreas do saber, constituindo-se em formas "emprestadas" pela Educação do Campo:

- (1) ANCA - Associação Nacional de Cooperação Agrícola
- (2) EP - Educação Profissional
- (3) ETE - Escola Técnica Estadual
- (4) ICA - Instituto de Cooperativismo e Associativismo
- (5) INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- (6) ITERRA - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária
- (7) MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens
- (8) MMC - Movimento das Mulheres Camponesas
- (9) PDA - Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos
- (10) PROCERA - Programa Especial de Crédito para a Reforma Agrária
- (11) UDR - União Democrática Ruralista
- (12) ST - Sem Terra
- (13) Ceeteps - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
- (14) CETEC - Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico
- (15) CPS - Centro Paula Souza

As outras 13 siglas/ acrônimos têm origem no discurso da Educação do Campo, não se constituindo em empréstimos internos de outras áreas:

- (1) CFR - Casas Familiares Rurais
- (2) EAF - escola agrotécnica federal
- (3) ENEFA – Encontro Nacional de Educadores de Ensino Fundamental
- (4) ENEJA - Encontro Nacional de Educadores de Educação de Jovens e Adultos
- (5) ENERA - Encontro Nacional de Educadores de Reforma Agrária
- (6) ETA - Escola Técnica Agrícola
- (7) ETAE - Escola Técnica Agrícola Estadual
- (8) GEAGRI - Grupo Executivo de Ensino Agrícola
- (9) GETEP - Grupo Especial de Trabalho do Ensino Profissionalizante
- (10) PNERA - Pesquisa Nacional de Educação na Reforma Agrária
- (11) PROJOVEM - Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais
- (12) PRONERA - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
- (13) TAC - curso Técnico em Administração de Cooperativas do MST

É possível diferenciar siglas de acrônimos, em termos fonético-fonológicos, tendo em vista que acrônimos são formados com base nos padrões da estrutura da sílaba do português do Brasil:

- a. consoante + vogal: como em "*mu*", de "*mulher*";
- b. vogal + consoante: como em "*es*" em "*escola*";
- c. consoante + vogal + consoante: "*cam*", de "*campo*";
- d. consoante + vogal + vogal: "*GEA*" de "*GEAGRI*";
- e. vogal + consoante + vogal: "*ETE*".

Muitas vezes ocorrem inserções arbitrárias de vogais em acrônimos, ou é tomada toda uma sílaba já existente em um dos elementos do composto, a fim de privilegiar a sonoridade da palavra/ termo ou o significado de um segmento.

Já as siglas tendem a ser formadas com a utilização das letras iniciais de cada elemento da composição sintagmática, não sendo possível, na maioria dos casos, pronunciá-las como uma

palavra usual de nossa língua – são junções de letras, bastante significativas, mas que são ditas como “letras isoladas”, como "ST", cuja forma expandida é "Sem Terra".

Os acrônimos chegam a ser tomados como palavras da língua, não sendo transparente, na maioria dos casos, seu processo de formação, para a maioria dos falantes/ escreventes/ ouvintes da língua. Os acrônimos são lidos como palavras da língua portuguesa e não como letras isoladas. São os acrônimos pertencentes ao nosso *corpus*:

(1) *ITERRA* - Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária – o acrônimo não contempla a inicial *C*, do elemento *Capacitação*, nem a letra *P*, de *Pesquisa*. Além disso, a consoante “r” intervocálica é dobrada, a fim de atender às regras gráficas da língua portuguesa. A forma *terra* tem um motivo de ser reiterada: a própria questão da reforma agrária. Assim, esse acrônimo é motivado pelo referente *reforma agrária*, o objetivo primordial das lutas das populações do campo.

(2) *PROCERA* - Programa Especial de Crédito para a Reforma Agrária - o acrônimo não contempla a inicial *E*, do elemento *especial*. Além disso, a sílaba *pro*, de *programa*, é reiterada em vários termos da área, inclusive pelo valor positivo de "pró", "em favor de", "em prol de".

(3) *Ceeteps* (sin) - Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza – neste acrônimo, houve apenas o acréscimo da vogal *e* após o *t*, que proporcionou uma sonoridade ao termo condizente aos padrões fonético-fonológicos da língua portuguesa.

(4) *CETEC* (pref) - Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico – neste acrônimo, a inicial *M* do elemento *Médio* não está contemplada, mas não por motivos de sonoridade e sim por razões históricas: anteriormente ao ano de 2008, esse setor denominava-se apenas *Coordenadoria de Ensino Técnico*, sendo a última consoante do acrônimo, *TEC*, referente ao ensino técnico, finalidade primordial da referida Coordenadoria. Atualmente há o termo e o conceito *Etec* (*Escola Técnica*) que substituíram as siglas e os respectivos conceitos: *ETE* (*Escola Técnica Estadual*; *ETA* - *Escola Técnica Agrícola*; *ETAÉ* - *Escola Técnica Agrícola Estadual*). Todavia, o composto acronímico superou as novas denominações, impostas por força de lei (Deliberação CEETEPS - 3, de 30-05-2008) e se manteve, de modo praticamente autônomo em relação à forma expandida. Um reforço para a autonomia da sigla *Cetec* é o fato de que esta lei alterou o determinado *Coordenadoria* para *Unidade*, estabelecendo-se *Unidade de Ensino Médio e Técnico*. Nem mesmo isto tirou a força de *Cetec*.

(5) *ENEFA* (pref) – Encontro Nacional de Educadores do Ensino Fundamental – neste acrônimo todas as iniciais das palavras foram contempladas, exceto o “E” de “Ensino” que sofreu crase com o “E” de Educadores e foi acrescida a vogal final “A”, a fim de proporcionar sonoridade à forma acronímica, procedimento motivado pela sonoridade de outros acrônimos do mesmo campo conceitual/ lexical, como “ENEJA”, “ENERA”.

(6) ENEJA (pref) - Encontro Nacional de Educadores de Educação de Jovens e Adultos – neste acrônimo privilegiou-se novamente a motivação em detrimento da regra geral de formação de siglas: um *E*, de *Educadores*, foi eliminado, ou sofreu o fenômeno da crase com o outro *E*, de *Educação*, que compõe o sintagma recorrente e importantíssimo *Educação de Jovens e Adultos*, inclusive constantes das legislações da Educação do Brasil, cuja sigla também é normalizada nas esferas legais: *EJA*, termo que hoje substituiu o termo e o respectivo conceito de cursos supletivos - refere-se à educação para as pessoas que não tiveram oportunidade de estudar a Educação Básica na idade considerada ideal.

(7) GEAGRI (pref) - Grupo Executivo de Ensino Agrícola – neste acrônimo foi privilegiada a sigla *AGRI*, que é recorrente e altamente motivada nas áreas da Agricultura e da Educação do Campo. *Agri* é também utilizado como elemento de valor prefixal, o que confirma que as categorias ou classes gramaticais/ lexicais não são estanques, ou seja, há mutação de acordo com a função do termo na significação de um texto.

(8) PROJOVEM (pref) - Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais – nesta formação novamente há a preferência pela motivação deliberada do termo, com a ênfase no elemento *jovem* e na sílaba *pro*, de *programa*, bastante recorrente. *Pro-* também possui a acepção de "em favor de", o que certamente é uma motivação positiva na criação de um acrônimo.

(9) PRONERA (pref) - Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – nesta formação há também a preferência pelo destaque da sílaba *pro*, de *programa*. O restante do acrônimo conta com as regras gerais de siglação, com as iniciais de todos os elementos.

São as siglas presentes em nossa tese, de acordo com o critério de somente serem consideradas como siglas as composições formadas pelas letras iniciais de cada elemento formador do termo composto, excetuando-se apenas preposições e conjunções, além do que as siglas são junções de letras, lidas isoladamente.

- (1) EP - Educação Profissional
- (2) MMC - Movimento das Mulheres Camponesas
- (3) PDA - Plano de Desenvolvimento dos Assentamentos
- (4) UDR - União Democrática Ruralista
- (5) ST - Sem Terra
- (6) CFR - Casas Familiares Rurais
- (7) CPS - Centro Paula Souza

As siglas são resultado da economia discursiva, mas, quando integradas ao sistema da língua, adquirem estatuto de lexias comuns, como as demais da língua geral, ao demonstrarem capacidade de formar palavras por derivação e de serem utilizadas como unidades autônomas, assumindo papéis gramaticais imprescindíveis à construção textual e discursiva, como sujeito, objeto direto, objeto indireto etc.

Assim, consideramos as siglas como unidades autônomas da linguagem de especialidade estudada; o fato de não se constituírem todas formas preferenciais deve-se apenas ao critério de frequência adotado e não ao fato de desconsiderarmos aprioristicamente tais unidades quando da seleção dos termos do *corpus*.

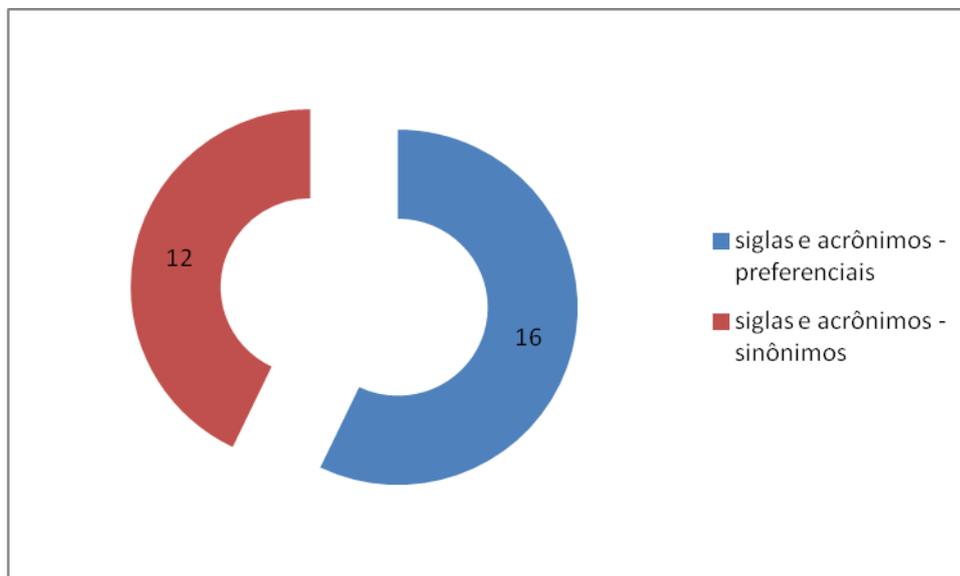


Gráfico 7 - Siglas e acrônimos em função de termo preferencial e em função de sinônimos. Fonte: a autora, 2011.

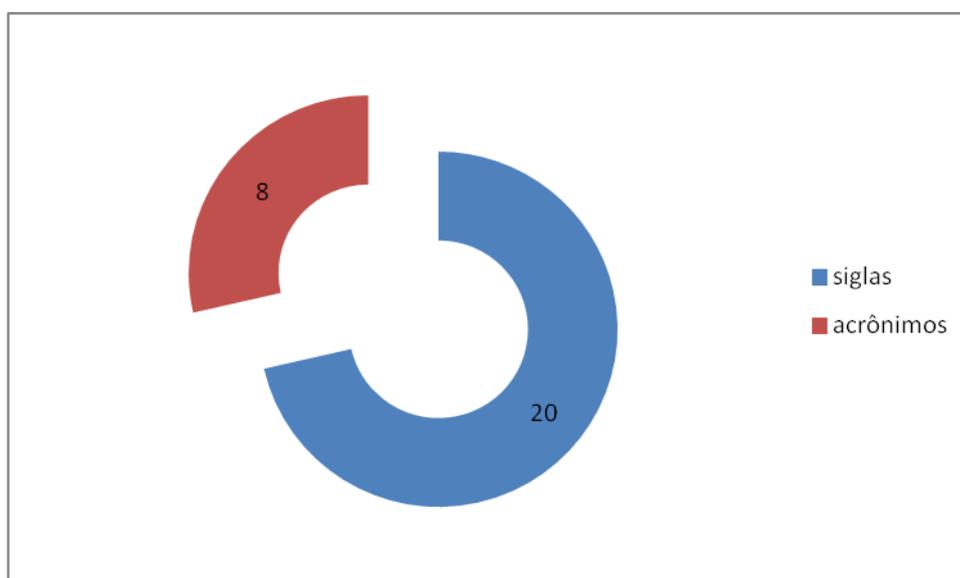


Gráfico 8 - Distribuição entre siglas e acrônimos. Fonte: a autora, 2011.

Rocha (2008) caracteriza a siglação como um processo de derivação, não diferenciando formações sigladas de acrônimos.

Apesar de nosso posicionamento de classificar a siglação como um processo de composição, concordamos com Rocha quando o autor expõe que

As derivações sigladas (ou formações acronímicas ou, simplesmente, siglas) funcionam, portanto, como palavras normais da língua. [...] sob o ponto de vista gramatical, as derivações sigladas são consideradas como palavras da língua [...]. Em primeiro lugar, elas são capazes de gerar novos itens lexicais, como *ibegeano* (de IBGE), *petista* (de PT), *celetista* (de CLT) [...] As siglas, sempre que for possível sob o ponto de vista semântico, também se enquadram nos mecanismos normais de flexão e de número, com o acréscimo de *-s*: OTNs, ONGs. [...] Em segundo lugar, os falantes muitas vezes desconhecem ou não conhecem totalmente o vocábulo composto do qual provém o derivado siglado [...] Em terceiro lugar, certos vocábulos acronímicos adquirem um caráter polissêmico e são usados em outros contextos, diferentes dos contextos usuais. [...] Em quarto lugar, há exemplos em que, uma vez produzida a sigla, esta passa a ter existência autônoma, independentemente da base de que foi gerada. **Em alguns casos, mesmo mudando-se a base, a sigla original permanece, em decorrência da força e da autonomia que ela adquire** – MEC – Ministério da Educação (outrora, Ministério da Educação e da Cultura); CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (outrora, Conselho Nacional de Pesquisa). [...] Finalmente, deve-se levar em consideração que **um derivado siglado ocupa o mesmo lugar que um substantivo na estrutura frasal**” (ROCHA, 2008, p. 173, grifos nossos)

Para comprovar o que propõe Rocha (2008), temos o já citado acrônimo *Cetec* em nosso *corpus*, que adquiriu estatuto de autonomia em relação às respectivas composições sintagmáticas expandidas: *Coordenadoria de Ensino Técnico, Unidade de Ensino Médio e Técnico*.

É necessário salientar uma sigla que não consta como item isolado de nosso *corpus de análise*: *MST* - o qual foi retirado devido aos critérios estabelecidos com a utilização do *corpus* de exclusão (*corpus* de exclusão específico, para sermos mais exatos).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é a principal instituição que trabalha com Educação do Campo no Brasil e que, inclusive, prioriza a pesquisa e as publicações na área.

Assim, *MST* acaba sendo uma sigla muito representativa, pois substitui, na maioria dos contextos, a forma *Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. Na verdade *MST* é uma forma reduzida, uma sigla que não contempla os elementos "trabalhadores rurais", pois não utiliza as iniciais dessas palavras na formação acronímica resultante.

Segundo Morisawa(2001), "a inclusão da expressão 'trabalhadores rurais' no nome foi feita no sentido de deixar explícito que se trata de um movimento de agricultores, de pessoas que trabalham na agricultura" (MORISAWA, 2001, p. 138), ou seja: trata-se de uma iniciativa do Movimento de se caracterizar como trabalhadores da terra.

Devido à visibilidade dada às ações do Movimento na sociedade de nosso país, todas as escolhas da mídia brasileira são relevantes, inclusive as escolhas linguísticas.

Na maioria das vezes, a mídia omite a expressão "trabalhadores rurais", quando utiliza a forma expandida que denomina o MST. É um caso em que a economia discursiva, ao lado de questões ideológicas, imperaram na formação e na difusão de um termo: foi dada ênfase ao fato de ser um *movimento*, ou seja, alguma coisa dinâmica, que produz resultados, e também foi ressaltado o fato da ausência, com o elemento *sem*, juntamente com seu complemento, *terra* - que é um bem fundamental e muito valorizado pela maioria das populações. O tratamento da

mídia brasileira oculta, no entanto, na maioria das publicações, que o referido Movimento é composto por *trabalhadores rurais*, o que, propositalmente ou não, demonstra somente o lado da ausência de terra e a luta por sua conquista, sem ênfase no fato de que essas pessoas que compõem o Movimento também trabalham na terra, ou seja, não estão lutando de modo alienado por algo que não lhes é de direito.

Este exemplo de *MST* é claro no que tange às ideologias subjacentes à configuração e à utilização da terminologia de uma área - ainda mais se tratando de uma área que gera polêmica na sociedade, nos âmbitos político, econômico, social e cultural.

Temas polêmicos sempre suscitam uma maior manipulação ideológica, inclusive na configuração dos termos que representam conceitos e atitudes de grande repercussão.

A sigla *MST* ocorre isoladamente em obras presentes no *corpus* de exclusão (e também está inserida em termos sintagmáticos), como nos exemplos:

- (01) acampamento do MST
- (02) assentamento do MST
- (03) base social do MST
- (04) Caderno de Formação do MST
- (05) ciranda infantil no MST
- (06) concepção de educação do MST
- (07) Congresso Nacional do MST
- (08) cotidiano do MST
- (09) cultivo da mística do MST
- (10) curso Magistério do MST
- (11) cursos do MST
- (12) Direção Nacional do MST
- (13) dirigente do MST
- (14) documentos do MST
- (15) Educação básica das áreas de Reforma Agrária do MST
- (16) Educação do MST
- (17) Educação dos sem-terra do MST
- (18) educação infantil do MST
- (19) educação infantil no MST
- (20) educação nos acampamentos do MST
- (21) educação nos assentamentos do MST
- (22) educador do MST
- (23) educador infantil do MST
- (24) educadora do MST
- (25) EJA do MST
- (26) EJA no MST
- (27) equipe de educação do MST
- (28) escola de acampamento do MST

Classificamos esse tipo de termo sintagmático, com acréscimo de siglas, na categoria dos termos complexos.

Além da evidente vantagem de facilitar a comunicação, com a redução do tamanho do termo formado por processos de siglação, existe uma função de representação motivada em siglas e em acrônimos.

Na criação dessas novas formas, sigladas ou acronímicas, há reconfigurações no eixo sintagmático, o que pode acarretar, em muitos casos, dificuldades na decodificação da palavra/ termo, inclusive por pessoas que conhecem a forma expandida.

Araújo (2006) faz uma importante discussão acerca dessas características dos termos siglados *versus* os respectivos termos sintagmáticos, tendo em vista a clareza ou transparência dessas unidades:

É necessário se dizer que as siglas cumprem um importante papel e funcionam muito bem nos textos, uma vez que agilizam sua redação e leitura, além de evitarem a repetição de termos sintagmáticos muito extensos, que poderiam até atrapalhar a compreensão textual. Entretanto, do ponto de vista semântico, especialmente quando se fala de texto especializado, os termos sintagmáticos, compostos pelo termo determinado e por seus determinantes especificadores, são mais transparentes, pois descrevem, de maneira menos ou mais clara, o conceito denominado. Com a formação das siglas, esses elementos descritores do conceito perdem-se, pois nem sempre o leitor ou interlocutor lembra-se dos elementos que atuaram na formação da sigla. Esse fato acentua-se quando as siglas não são formadas a partir do termo sintagmático vernáculo, mas sim a partir do termo sintagmático estrangeiro (ARAÚJO, 2006, p. 93)

Dessa maneira, existem dificuldades de interpretação de siglas e de acrônimos, em maior ou menor grau.

Uma das formas de atenuar essas dificuldades de interpretação de siglas e acrônimos, atualizando apenas a função de facilitar o entendimento - e não o inconveniente de produzir "ruídos" à comunicação - , é a manipulação das formações de modo que acabem por retomar conceitos já conhecidos, de preferência "positivos" ou "proativos".

Assim, na construção conceptual-terminológica da área em estudo, os terminólogos e ideólogos de uma área, ao priorizarem o reforço de elementos conhecidos, na formação de termos, estarão contribuindo para minimizar o custo de decodificação, principalmente das siglas e dos acrônimos.

Esse tipo de planejamento terminológico, que é mais um direcionamento, muitas vezes não é possível. No caso da Educação do Campo, verifica-se alto grau de intencionalidade ideológica na formação dos termos, sendo este tipo de planejamento verificado e atestado, tanto na formação dos termos sintagmáticos, como na formação de acrônimos e de siglas.

#### 6.2.4.7 Composição sintagmática e isolamento semântico

Considerando os isolamentos morfossintagmáticos recorrentes na determinação dos termos de nossa área em estudo, neste item faremos uma associação do processo sintagmático ao processo semântico, a fim de evidenciar a necessária ligação entre esses dois níveis de análise.

A seguir, apresentamos alguns exemplos de termos que possuem sentidos metafóricos ou sentidos metonímicos, combinados com isolamentos morfossintagmáticos recorrentes:

<b>Isolamentos morfossintagmáticos recorrentes</b>	<b>Sentidos metafóricos/ Exemplos</b>	<b>Sentidos metonímicos/ Exemplos</b>
<b>camponês/ camponesa/ camponeses/ camponesas</b>	1. campo da agricultura camponesa 2. identidade de camponês	1. comunidade camponesa
<b>da terra/ de terra</b>	3. ocupação de terra	1. conquista da terra 2. homem da terra 3. mulher da terra
<b>do assentamento/ de assentamento</b>	1. companheiro do assentamento	4. assembleia do assentamento
<b>do campo</b>	1. dinâmica do campo 2. dinâmica social do campo	1. cultura do campo 2. cultura dos povos do campo
<b>do Movimento Sem Terra/ do Movimento</b>	1. ciranda infantil do Movimento 2. mística do Movimento	1. Agenda do Movimento 2. Cotidiano do Movimento
<b>do MST/ no MST</b>	1. Base social do MST 2. Concepção de educação do MST	1. Ações do MST 2. Cotidiano do MST 3. Educador do MST
<b>no campo</b>		1. vida no campo
<b>Sem Terra/ sem-terra/ Sem-Terra/ dos sem terra/ dos sujeitos Sem Terra</b>	1. Marcha dos Sem Terra 2. Cultivo da identidade Sem Terra 3. Companheiro Sem Terra	1. Adolescência Sem Terra 2. Infância no Movimento Sem Terra 3. Juventude Sem Terra 4. Comunidade Sem Terra 5. Formação dos Sem Terra

Figura 56 – Isolamentos morfossintagmáticos com sentidos metafóricos ou metonímicos. Fonte: a autora, 2011.

Interessa-nos ressaltar os "isolamentos semânticos" decorrentes de usos metafóricos e de usos metonímicos, associados a isolamentos morfossintagmáticos. Dessa forma, vamos tratar os significados composicionais, que são diferentes dos significados das partes.

Muitos desses significados composicionais são metafóricos ou metonímicos, conforme a figura 56.

A recorrência de isolamentos morfossintagmáticos e suas funções semânticas foram sistematizadas por Louis Guilbert (1965), quando de seu estudo da formação do vocabulário da aviação.

O autor trata dos adjetivos recorrentes em composições sintagmáticas, ou *sintagmas de integração*, principalmente na transferência entre domínios de especialidade. Dessa forma, o isolamento morfossintagmático e a recorrência de um segundo elemento composicional carrega um componente semântico altamente motivado e com funções bem delimitadas.

Na obra de Guilbert (1965), podemos distinguir três funções para esses elementos recorrentes:

1. **Adjetivos de transferência de domínio** (de um domínio mais antigo para um mais novo, de acordo com novos conceitos, que precisam ser terminologizados). Guilbert analisa o exemplo de *aérien, -ienne* (*aéreo, -a*), enfatizando que seu conteúdo semântico e sua oposição ao elemento “água” (*eau*) operam a transferência de significação dos signos ao qual é aplicado. A junção, para o autor, de *aéreo, -a* a um substantivo constitui uma “oposição significativa entre o primeiro elemento e o segundo elemento do sintagma: *vagão aéreo, estação aérea, locomotiva aérea, vias aéreas* (*wagon aérien, station aérienne, locomotive aérienne, vois aériennes*)”. Dessa forma, houve a transferência de domínio (dos transportes terrestres, como o ferroviário, ou ainda dos transportes navais), para um então novo domínio, do transporte aéreo, e um adjetivo recorrente teve esse papel de “principal instrumento linguístico de transferência”. Em um estágio anterior de língua, cultura e tecnologia havia *vagão* (*wagon*), de um trem, por exemplo; com a transformação tecnológica, novas áreas surgiram, como a Aviação, a qual não poderia utilizar somente *vagão* (*wagon aérien*), que se referia a um domínio mais antigo; houve então o engendramento do termo *vagão aéreo*, para atender à necessidade de terminologização de um novo conceito.
  
2. **Adjetivos de especificação de domínio** (para especificação de um conceito muito abrangente, há necessidade de determinação). O adjetivo recorrente *aéreo, -a* foi analisado por Guilbert como altamente produtivo também nessa função, a exemplo de: *equilíbrio aéreo, direção aérea, suspensão aérea* (*équilibre aérien, direction aérienne, suspension aérienne*). Nessa função, conceitos e respectivos termos muito amplos, utilizados em várias terminologias, precisam ser especificados para atender às novas necessidades terminológicas de delimitação de um significado, bem como de sua precisão. Os conceitos citados, *equilíbrio, direção* e *suspensão* (*équilibre, direction, suspension*), podem e são utilizados em muitas outras áreas (*equilíbrio emocional, equilíbrio ambiental, direção segura, direção preventiva, suspensão compulsória, suspensão fixa*). O adjetivo recorrente na área da Aviação, *aéreo-a*, vem atender à necessidade de especificação semântica na respectiva terminologia.
  
3. **Adjetivos de transposição da língua geral para a linguagem de especialidade** (passagem da língua geral para uma terminologia). Segundo Guilbert, o adjetivo *aéreo, -a*, recorrente na terminologia da Aviação, serve à especificação de

palavras da língua comum, como *exercício* ou *cena* (*exercice, scène*). Com o acréscimo do referido adjetivo, há possibilidade de terminologização, ou seja, da colocação de um conceito em termo: *exercícios aéreos, cenas aéreas* (*exercices aériens, scènes aériennes*).

Na terminologia da área de Educação do Campo, há recorrência tanto de adjetivos, como de sintagmas preposicionados, na determinação dos compostos.

Com a **função 1, de transferência de domínio**, podemos citar o próprio arquiconceito e arquitermo *Educação do Campo*, que foi engendrado a partir de uma nova concepção de Educação, concebida e desenvolvida para e por integrantes de movimentos sociais do campo. O isolamento morfossintagmático recorrente *do campo* é utilizado para a transposição de um domínio “antigo”, Educação Geral *no campo* (ou ainda Educação Rural), para o então novo domínio, Educação do Campo, engendrado para se opor ao domínio “antigo” da Educação Tradicional. O mesmo se dá com *agricultura camponesa, Educador do MST*, cujos determinantes são motivados ideologicamente (por vias linguísticas), com o intuito de fundamentar um domínio novo e autônomo, oposto ao anterior.

Com a **função 2, de especificação de um domínio**, podemos citar os determinantes *do Movimento, do Movimento Sem Terra, do MST, do campo*, que determinam o primeiro elemento em várias composições sintagmáticas. Os elementos determinados *cultura, mística, dinâmica e Base Social* são muito abrangentes e utilizados em outros campos do saber. Com a determinação por esses sintagmas preposicionados, há uma especificação semântica, que faz parte da rede conceptual-terminológica da área em estudo, a exemplo de: *mística do movimento, mística do Movimento Sem Terra, Base Social do MST, cultura do campo, dinâmica do campo, dinâmica social do campo*.

Com a **função 3, de transposição da língua geral para a linguagem de especialidade**, podemos citar os determinantes *da terra, do assentamento, de camponês, camponês(a), do Movimento, Sem Terra*, que, em formações sintagmáticas com determinados da língua comum, contribuem para o processo de terminologização, a exemplo de: *conquista da terra, homem da terra, mulher da terra, companheiro do assentamento, assembleia do assentamento, identidade de camponês, comunidade camponesa, agenda do Movimento, cotidiano do Movimento, adolescência Sem Terra, Juventude Sem Terra, Comunidade Sem Terra*. Somente *homem*, por exemplo, não estaria na função de termo na Educação do Campo, mas com a determinação *da terra*, foi obtido novo termo, *homem da terra*, que apresenta um isolamento semântico, um significado diferenciado e específico da área de Educação do Campo.

Fizemos referência a alguns termos, para fins de exemplificação, mas não podemos deixar de comentar que a recorrência de formações sintagmáticas e de adjetivos, com fins de especificação semântica, é um recurso de engendramento conceptual-terminológico verificado em quase metade de nosso *corpus*, o que, sem dúvida, é muito significativo.

Com Guilbert e outros autores estudados e referenciados, pudemos observar que a riqueza do recurso da determinação em termos compostos vai além do eixo sintagmático, fazendo parte de todo um complexo processo semântico – e também pragmático e ideológico – que representa a criação e a criatividade lexical no âmbito das sociedades e das culturas.

### 6.2.5 Motivação na terminologia da Educação do Campo

A motivação é característica de muitas terminologias, dentre elas a da Educação do Campo – siglas, acrônimos, metáforas, metonímias, composições, entre outros processos- representam a motivação terminológica.

A motivação é intrinsecamente ligada à neologia, pois as novas unidades, tanto da língua geral, como das linguagens de especialidade, têm base em formas ou em significados já existentes.

A motivação terminológica está presente em todas as formações estudadas em nosso *corpus*: composições sintagmáticas, metáforas e metonímias.

Destacamos também a composição acronímica e a siglação como processos notadamente representativos da motivação terminológica, pois essas formações são totalmente intencionais e remetem a outros conceitos e a outras significações.

Julgamos que a criação de unidades lexicais (e terminológicas) é motivada e remete a realidades e significações existentes até mesmo para garantir a eficácia da comunicação e também sua agilidade - se os conceitos e termos fossem criados do nada a todo tempo, a comunicação não poderia ter base em associações e reflexões acerca dos conhecimentos já construídos e memorizados.

Ao nos comunicarmos, lembramos, quase que automaticamente, de nossas experiências e utilizamos nossos conhecimentos prévios, construídos cultural e ideologicamente. Em condição ativa, de construção das terminologias, as pessoas buscam bases conceituais e linguísticas já estabelecidas, até mesmo para facilitar a interpretação das unidades de comunicação.

Assim, na construção conceitual e linguística da Educação do Campo, seus idealizadores buscaram um lastro cultural, como, por exemplo, no termo metafórico *cultivo da mística*, ou *Mística do MST*, pois *mística* já existe culturalmente e constitui-se em um conceito de força ideológica em nossa sociedade; assim, os termos criados com esse elemento são altamente

motivados e houve a preocupação de fazer recorrência aos valores subjacentes, como a esperança, a fé, o acreditar em novas perspectivas, a superação de condições de opressão.

#### 6.2.6 Ideologia nas denominações da área de Educação do Campo – criação e transformação dos termos no eixo histórico

A questão ideológica na terminologia da Educação do Campo foi sendo abordada ao longo de toda esta tese.

No presente subitem, escolhemos, com Paulo Freire, enfatizar que "ensinar exige reconhecer que a educação é ideológica" (FREIRE, 2009 [1996], p. 125):

Saber igualmente fundamental à prática educativa do professor ou da professora é o que diz respeito à força, as vezes maior do que pensamos, da ideologia. É o que nos adverte de suas manhas, das armadilhas em que nos faz cair. É que a ideologia tem que ver diretamente com a ocultação da verdade dos fatos, com o uso da linguagem para penumbrar ou opacizar a realidade ao mesmo tempo em que nos torna "míopes" (FREIRE, 2009 [1996], p. 125, grifos nossos).

[...]

É exatamente por causa de tudo isso que, como professor, devo estar advertido do poder do discurso ideológico, começando pelo que proclama a *morte* das ideologias. Na verdade, só ideologicamente posso matar as ideologias, mas é possível que não perceba a natureza ideológica do discurso que fala de sua morte. No fundo, a ideologia tem um poder de persuasão indiscutível. (FREIRE, 2009 [1996], p. 132, grifos nossos).

Os teóricos da Educação do Campo têm clara essa concepção de que a Educação é altamente ideológica - e sua terminologia e outras escolhas linguísticas refletem marcadamente esse ideário. Por isso mesmo, os integrantes dos movimentos sociais do campo escolheram a Educação e o Ensino como veículos de sua ideologia, incluindo a alfabetização, a Educação para o Trabalho e todo o conjunto ideológico que sustenta as práticas desses movimentos.

A ideologia, como conjunto de ideias persuasivas, tem um caráter altamente manipulatório. Cada grupo pode criar uma ideologia que reforça sua conduta social - assim como a conduta social fortalece e mantém a ideologia.

Segundo o Dicionário de Filosofia de Abbagnano (1970),

[...]

Em geral, portanto, pode-se denominar I. [Ideologia] toda crença usada para o controle dos comportamentos coletivos, entendendo-se o termo *crença* (v.) em seu significado mais amplo, como noção empenhadora para a conduta, que pode ter validade objetiva. [...] O que torna I. uma crença não é de fato sua validade ou falta de validade, mas unicamente sua capacidade ao controle dos comportamentos em determinada situação. (ABBAGNANO, 1970, p. 508, grifos nossos).

Logo, a ideologia configura-se como um ideário que possibilita o controle, a persuasão e o poder.

Especificando a relação entre ideologia e linguagem, não podemos deixar de compreender que a segunda é o principal instrumento da primeira, assim como a primeira só existe pela segunda: a linguagem humana produz e sustenta as ideologias. Os vocabulários terminológicos, como conjuntos do sistema da língua, não deixam de carregar os traços ideológicos em sua configuração e em seus propósitos.

Vogt (1980), comparando diversos discursos de políticos preocupados com a linguagem (e de linguistas preocupados com a política) e correntes da Linguística, como o Estruturalismo de Saussure e o Transformacionalismo de base chomyskiana, sintetiza a linguagem a bases socioculturais, políticas e econômicas:

[...]

sob o disfarce da sociedade comunicante, ou sob a máscara do indivíduo ideal, modelarmente dotado deste bem comum a todos os indivíduos, que é a língua, esconde-se o talismã ideológico da mesma atitude intelectual que contribuindo para levar a burguesia ao poder, nele a conserva e a abençoa. (VOGT, 1980, p. 90)

Ou seja, de acordo com Vogt (1980), não é a corrente linguística que mais importa e sim o foco ideológico do uso da língua. Segundo o autor, tanto o Estruturalismo, com ênfase nos fatores sociais que condicionam a linguagem - concepção adotada por nós nesta tese e em toda nossa formação acadêmica - como o Transformacionalismo, com ênfase nas capacidades do indivíduo de utilizar uma gramática universal, prestam-se à produção e à manutenção da ideologia vigente em uma época, em um local, sustentada por diferentes atores sociais, para fins específicos de tomada e/ou conservação do poder político e econômico.

Concordamos com essas asserções de Vogt (1980) e, por isso, sustentamos em várias partes desta tese que a língua e as linguagens são essencialmente ideológicas e fazemos também nossas as palavras de Gramsci (1978),

[...]

Toda ciência é ligada às necessidades, à vida, à atividade do homem. Sem a atividade do homem, criadora de todos os valores, inclusive os científicos, o que seria a "objetividade"? Um caos, isto é, nada, o vazio, se é que é possível dizer assim, já que, realmente, se se imagina que o homem não existe, não se pode imaginar a língua e o pensamento.

[...]

não obstante todos os esforços dos cientistas, a ciência jamais se apresenta como nua noção objetiva; ela aparece sempre revestida por uma ideologia e, concretamente, **a ciência é a união do fato objetivo com uma hipótese, ou um sistema de hipóteses, que superam o mero fato objetivo.** (GRAMSCI, 1978, p. 70-71, grifos nossos)

Com Gramsci e outros autores, fundamentamos toda a pesquisa e o desenvolvimento desta tese na valorização das ideologias no âmbito das ciências e, no caso, das ciências da linguagem, como é o caso da Lexicologia e da Terminologia.

Se a Ciência cria suas hipóteses e transforma os fatos objetivos, (re)criando realidades, que já não são "a Realidade", seu instrumento é a língua geral e as línguas de especialidade, pois nenhum conceito existe sem expressão linguística e nenhum conhecimento técnico existe sem terminologia.

### 6.2.7 Processos de terminologização e relações com a neologia

Os processos de terminologização são profundamente ligados e dependentes da neologia, pois a terminologização diz respeito à colocação de um conceito na forma linguística de um termo, que precisa ser criado, de acordo com vários processos à disposição na língua, como o fonológico, o sintagmático, o semântico - na verdade, uma combinatória de todos esses processos, destacando-se um, como desencadeador da criação lexical-terminológica.

**Dentre os processos de terminologização, é o sintagmático o determinante na criação dos termos da área de Educação do Campo**, conforme itens anteriores.

A necessidade de criação de novos termos, para expressar novos conceitos, foi respondida pela neologia sintagmática.

Com a neologia morfossintagmática, deu-se a combinação com a neologia semântica (além da neologia semântica e da neologia fonológica como processos complementares) e também com a neologia por empréstimo interno.

Retomando, Barbosa (2007) denomina *processos de terminologização*, dentre outros, o processo fonológico, o processo sintagmático, o processo semântico e o empréstimo entre línguas de especialidade e entre as línguas de especialidade e a língua geral. A autora também ressalta a "instauração de uma nova grandeza sígnica, numa combinatória inédita", quando da "passagem do nível conceptual para o metalinguístico", o que nos interessa prioritariamente, nesta tese, que trata de neologia. (BARBOSA, 2007, p. 435-439).

Alves (2007a), estudando os *processos neológicos do português contemporâneo*, destaca os neologismos fonológicos, sintáticos (derivação, composição, composição sintagmática), semânticos e por empréstimo, entre outros, na formação de novas palavras/ termos do português brasileiro.

Em nossa tese, como já explanado, é o processo sintagmático o mais importante na criação de termos necessários para expressar os novos conceitos da Educação do Campo.

No **processo sintagmático - ou morfossintagmático-**, como denominamos, de forma sinônima, a fim de proporcionar ênfase tanto à morfologia, como à sintaxe e à formação de sintagmas, sobretudo - o subprocesso de terminologização que mais se destaca é a **composição sintagmática**, como em outras terminologias neológicas. Além da composição sintagmática, estão presentes em nosso *corpus* os processos de **composição acronímica** e **composição siglada ou siglação**, conforme o item **6.2 - Descrição e análise da neologia**.

O processo morfossintagmático de criação de termos foi necessário para a expressão de conceitos muito complexos, para os quais termos simples, com uma única unidade vocabular, não são produtivos, nem mesmo as composições propriamente ditas, por se tratar de uma terminologia neológica, altamente instável e ainda em vias de uma lexicalização completa, como qualquer conjunto neológico - conforme detalhado no item **6.2.4 - Neologismos morfossintáticos/ sintagmáticos: a proposição da neologia morfossintagmática**.

O **processo fonológico** como processo principal inexistente em nosso *corpus* de análise: não foram criadas novas sequências fonológicas e sim foram criadas novas combinatórias no eixo sintagmático, com a utilização de itens lexicais já existentes. Alves (2007a, p. 11), bem como outros autores já mencionados, ressalta que a "neologia essencialmente fonológica é extremamente rara", o que pudemos constatar na análise da neologia neste trabalho. A neologia fonológica, quando presente em nosso *corpus*, manifesta-se em caráter de complementaridade, é uma neologia secundária, desencadeada por um processo primário de criação. Os neologismos fonológicos secundários são prioritariamente decorrentes de processos de siglação e de acronímia em nosso *corpus* - **cf. o item 6.2.2 - Neologia como processo complementar**.

O **processo de empréstimo de outras áreas do conhecimento**, em combinatória com o processo morfossintagmático da criação de termos, também é profícuo na neologia que caracteriza os termos da área de Educação do Campo. Houve a necessidade, na terminologização da área em estudo, de apropriação de conceitos e dos respectivos termos de áreas como Educação Geral, História, Política, Filosofia, Ciências Sociais e outras - conforme detalhado no item **6.2.3 - Neologia em combinatória**.

O **processo semântico**, em combinatória com o processo morfossintagmático da criação de termos é representado pelos fenômenos da metáfora e da metonímia, os quais foram brevemente comentados, por não serem o foco desta tese. Na criação de termos, muitas vezes os semas denotativos não são suficientes, ou não são os mais eficazes ou favoráveis, sendo necessária a utilização de semas conotativos. Adotando um posicionamento teórico-metodológico mais cognitivista, podemos atribuir às metáforas e às metonímias um estatuto conceitual, e não puramente estilístico, artístico, ou seja: as metáforas e as metonímias são imprescindíveis ao próprio patamar conceitual, pré-linguístico, a fim da estruturação e organização do

conhecimento, por meio de comparação e de transferência de domínios e de experiências anteriores para novas conceptualizações - e não recursos linguísticos, considerados por muitos, como dispensáveis, apenas estéticos. Nesse ponto, as composições sintagmáticas e as metáforas e metonímias, ao se combinarem, otimizam os recursos de terminologização, ao priorizarem a função cognitiva subjacente tanto ao processo sintagmático, como ao semântico.

Em relação à **motivação**, podemos afirmar que é totalmente ligada à terminologização, pois um termo pode ser + ou - motivado, ou a motivação pode não ser facilmente apreensível para certo público, mas existe em qualquer denominação, como ocorre nas denominações dos conceitos da área de Educação do Campo. Os termos neológicos são altamente motivados e, muitas vezes, essa característica facilita a compreensão do conceito. As composições sintagmáticas, que também possuem uma função explicativa apresentam, em nosso *corpus*, a tendência de exibir a motivação do termo, mesmo que, em alguns casos, a compreensão não seja automática, sendo necessária uma contextualização mais aprofundada - **cf. item 6.2.5 - Motivação na terminologia da Educação do Campo: neologismos morfossintáticos e semânticos.**

Em relação à **ideologia**, ou às ideologias, sempre subjacentes às terminologias, à língua geral e a qualquer e toda manifestação humana, em nossa tese, podemos afirmar que é a primordial desencadeadora da neologia, pois foram necessários novos termos para colocar-se em forma linguística (terminologização) novos conceitos, que representam novas ideias, novas práticas, novas formas de organização humana, novas funções para atores sociais ressignificados em comunidade - **cf. item 6.2.6 - Ideologia nas denominações da área de Educação do Campo: criação e transformação dos termos no eixo histórico.**

Como já afirmamos em vários pontos da tese: todas as terminologias são motivadas e ideológicas, mas, em relação à Educação do Campo, o fator ideológico é o desencadeador da criação linguística, de forma explícita, inegável, quase chocante. Essa é a maior riqueza, ao nosso ver, nessa terminologia, um dos principais motivos pelos quais tornou-se irrecusável o projeto de descrevê-la.

### 6.2.8 Os subprocessos de desneologização: incorporação, aceitação e difusão de termos neológicos em uma perspectiva diacrônica

**La décision d'acceptation ou de refus du néologisme ne se situe pas au niveau du système linguistique**, qui détermine seulement sa création. L'usage n'est pas une fonction immanente à une langue. Il est le résultat d'un ensemble de conventions: ses règles varient selon le modèle socio-culturel de la société et elles s'imposent aux sujets parlants qui en prennent plus ou moins conscience selon leur degré de culture. [...] Le modèle socio-culturel implique une certaine définition de l'usage de la langue par rapport à une élite cultivée, dont les contours varient selon les époques et les sociétés. (GUILBERT, 1975, p. 27-28)

Consideramos a desneologização terminológica como um dos processos decorrentes da aceitação dos termos de uma determinada área de especialidade – termos esses que, em uma determinada época, quando de seu surgimento, contrapunham-se à norma vigente sob algum ponto de vista.

Tomamos como subprocessos da desneologização: a aceitação, a incorporação e a difusão de termos de uma determinada área do conhecimento.

Para estudar os subprocessos de desneologização, analisaremos os termos que foram excluídos em decorrência da utilização do *corpus* de exclusão específico.

Além de nosso *corpus* de análise, neológico, de acordo com os critérios estabelecidos nesta tese, estruturamos um *corpus* mais antigo, nos mesmos padrões em que foi sistematizado nosso *corpus* de análise, e esse *corpus* mais antigo serviu como referência para um estudo sobre a criação e a transformação de termos no eixo histórico.

Devido aos limites deste trabalho e nossas propostas, não estamos trabalhando com *corpora* muito extensos.

Nosso *corpus* inicial era de 886 termos (após toda a análise, extração e seleção), e tínhamos textos que datavam de 1990. Nosso estudo teve início em 2010, logo estávamos com textos de 20 anos.

Retiramos, de acordo com nosso critério de historicidade/ diacronia, esses textos mais antigos, e respectivos termos. Ao todo, foram excluídos 216 termos, ficando o *corpus* de análise neológico com termos pertencentes a obras de um intervalo de 10 anos, perfazendo um total de 670 termos, representativos e específicos da Educação do Campo, ou ainda que se constituem em empréstimos internos de outras áreas de especialidade, mas que compõem e são indispensáveis para a rede conceitual da área.

Foram excluídos do *corpus* de análise os termos de acordo com os critérios (conforme capítulo 4 – Os *corpora*):

- 1) historicidade/ diacronia - para a determinação de um *corpus* neológico: Obras no intervalo de 1990-1999 referentes à Educação do Campo;

- 2) representatividade na área - os termos e os textos de instituições antagônicas, que têm foco na Educação Rural e não na Educação do Campo não entraram para o corpus documental, por isso também servem de *corpus* de exclusão.

Neste item elaboramos uma análise diacrônica a respeito da transformação e da incorporação dos termos da área – processo de desneologização.

Comparamos os dois *corpora*: de 20 anos (*corpus* de exclusão - 1990-1999) e o de análise (10 anos - 2000-2010), considerando a natureza dos textos que compõem esses *corpora* e a sistemática da mudança de termos (análise morfossintática e semântico-pragmática da mudança).

De acordo com a combinatória dos critérios de historicidade/ diacronia e de representatividade na área, foram excluídos todos os textos do Senar (e respectivos termos):

SENAR	1995	<i>Série Metodológica 2 Estrutura Ocupacional do Meio Rural. 28p. ISSN 0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM2
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 3 Descrição das ocupações do meio rural. 177p.ISSN 0104-32</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM3
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 4 Processo de Formação Profissional Rural e de Promoção Social. 46 p. ISSN 0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM4
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 5 Programação das Ações da Formação Profissional Rural. 25p. ISSN 0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM5
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 6 Terminologia da Formação Profissional Rural e da Promoção Social. 23p.ISSN0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM6
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 7 Metodologia do Ensino de Formação Profissional Rural. 78p. ISSN 0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM7
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 8 Processo de Supervisão. 25p. ISSN 0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM8
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 9 Orientação para produção de recursos instrucionais impressos.42p. ISSN 0104-3226.</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM9
SENAR	1995	<i>Série Metodológica 10 Normas para a certificação no Senar. 38p. ISSN 0104-3226</i>	SENAR Brasília	SENAR- SM10
PRONERA/ INCRA/	1998	<i>Projeto de Educação e Capacitação de Jovens e Adultos nas áreas de Reforma Agrária. 59p.</i>	Ministério Extraordinário de Política Fundiária – MEPF/ Programa Nacional	PRONERA/I NCRA-1

			de Educação na Reforma Agrária – Pronera/ Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – Incra/ Brasília	
--	--	--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--

De acordo com o critério de historicidade/ diacronia, foram excluídos os textos do MST (e respectivos termos):

MST/ CALDART Roseli S; SCHWAAB	1990	<i>Cartilha Fundep</i>	DER/MST/RS	MST- Cartilha1
MST	1991	<i>Documento Básico do MST.</i>	Piracicaba	MST-D1
MST	1991	<i>Caderno de Formação nº 18.</i>	Setores de Educação e Formação do MST	MST-CF18
MST	1992	<i>Como fazer a escola que queremos.</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE1
MST	1992	<i>Boletim de Educação nº 1</i>	Setores de Educação e Formação do MST	MST-BE1
MST	1992	<i>Alfabetização.</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE2
MST	1994	<i>Alfabetização de jovens e adultos: como organizar.</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE3
MST	1994	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos: didática da linguagem.</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE4
MST/ CALDART Roseli S.	1994	<i>Boletim de Educação nº 4 “Escola, trabalho e cooperação”</i>	Itterra – São Paulo	MST-BE4
MST	1994	<i>Alfabetização de Jovens e Adultos: educação matemática.</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE5
MST	1995	<i>Como fazer a escola que queremos: o planejamento</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE6
MST	1996	<i>Princípios da educação no MST</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE8
MST	1998	<i>Escola itinerante em acampamentos do MST</i>	Coleção Fazendo Escola nº 1	MST-CFE1
MST	1999	<i>Como fazemos a escola de educação fundamental.</i>	Itterra – São Paulo	MST-CE9

De acordo com o critério de historicidade/ diacronia, foram excluídos os textos do Centro Paula Souza:

Centro Paula Souza	1995-1999	<i>Planos de curso da área de Agropecuária: Agricultura, Pecuária, Agropecuária</i>	Centro Paula Souza - São Paulo	CPS - PC
--------------------	-----------	-------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------	----------

Constatamos que o *corpus* de análise neológico (últimos 10 anos) e o *corpus* excluído (20 anos) apresentam em torno da metade dos termos na função de “termos preferenciais”, em relação às formas sinonímicas, quase-sinonímicas, antonímicas e variantes.

Em relação à estrutura morfossintática, eram mais representativas:

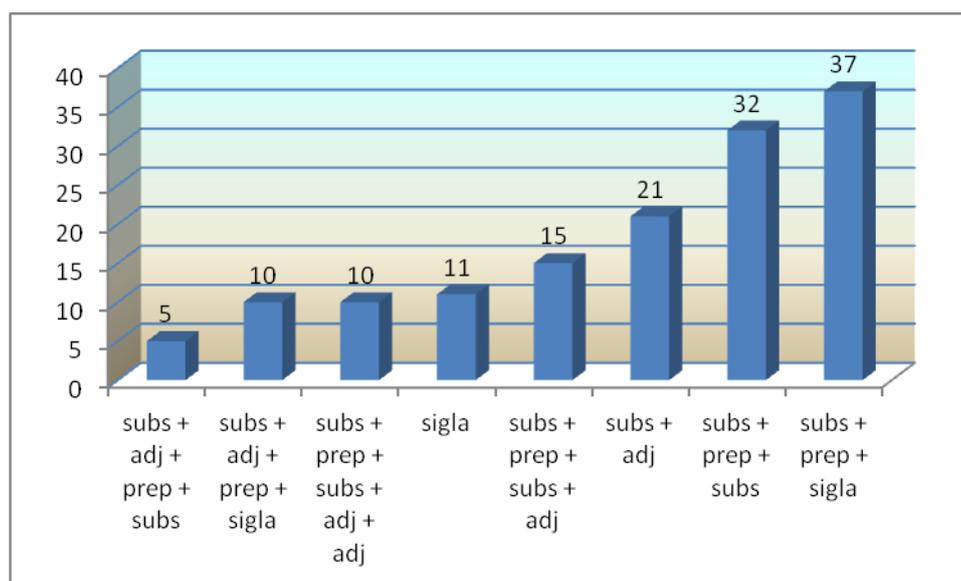


Gráfico 9- Termos excluídos – *Corpus* mais antigo – 20 anos - estruturas morfossintáticas mais representativas - (que possuem 5 ou mais ocorrências)/total – 216 termos. Fonte: a autora, 2011.

Proporcionalmente, 5 ocorrências no *corpus* de termos excluídos (total de 216 termos) representam o mesmo que 15 ocorrências no *corpus* de análise (total de 670 termos): aproximadamente 2%.

A estrutura morfossintática mais representativa no *corpus* mais antigo é constituída por *substantivo + preposição + sigla* (17%), ficando *substantivo + preposição + substantivo* em segundo lugar, como a forma mais representativa numericamente (15%).

Como exemplos da formação *substantivo + preposição + sigla* do *corpus* mais antigo, que não entraram para o *corpus* de análise, citamos:

- (1) Bandeira do MST
- (2) evento de FPR
- (3) evento de PS
- (4) necessidade de FPR
- (5) princípios do MST
- (6) terminologia da FPR

Com a formação *substantivo + preposição + substantivo*, podemos citar os exemplos, retirados do *corpus* de exclusão específico da Educação do Campo:

- (1) Boletim de Educação
- (2) conjunto do assentamento
- (3) núcleo de assentamento
- (4) Pedagogia da Escolha
- (5) produção no assentamento
- (6) realidade do assentamento

Na transformação diacrônica da terminologia da Educação do Campo, a estrutura *substantivo + preposição + substantivo* aumentou sua representatividade de 15% para 24%, enquanto que *substantivo + preposição + sigla* ficou com 4%.

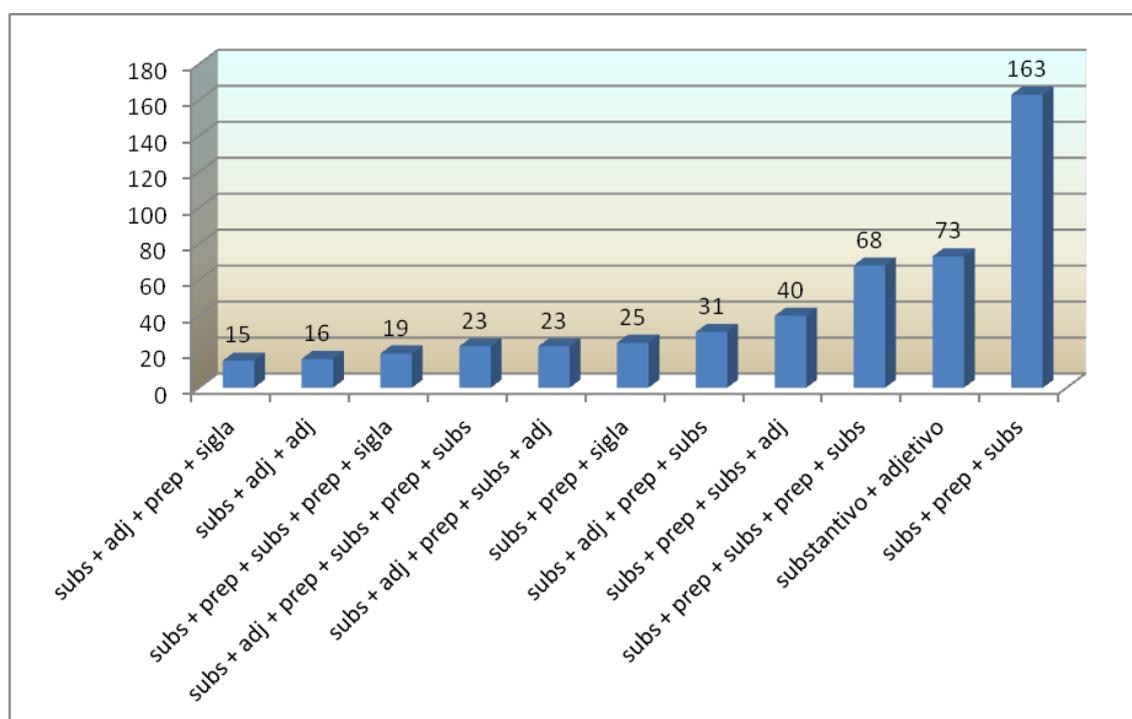


Gráfico 10 - *Corpus* de estudo - neológico - Estrutura morfosintática das formas mais representativas (que possuem mais de 15 ocorrências)/ Total de termos: 670. Fonte: A autora, 2011.

Como exemplos do *corpus* de análise (*corpus* mais atual, considerado neológico), com a estrutura *substantivo + preposição + substantivo*, citamos:

- (1) agenda do Movimento
- (2) Atingidos por Barragens
- (3) concepção de campo
- (4) conquista da terra
- (5) direito à terra
- (6) educador do campo

Já com a estrutura *substantivo + preposição + sigla*, que sofreu queda de representatividade diacronicamente, citamos os exemplos:

- (1) Coordenação do Projovem
- (2) jornal do MST

- (3) luta do MST
- (4) militância do MST
- (5) Pedagogia do MST
- (6) prática do MST

Conforme o exposto, o número de composições com a intercalação de siglas diminuiu, o que geralmente ocorre com uma maior consolidação e fixação dos termos de uma área de especialidade (processo de desneologização), em determinadas terminologias.

Ao todo, as composições com a intercalação de siglas não chegam a 9% do *corpus* de análise, enquanto que, no estágio anterior estudado, chegavam a 22%.

Isso permite concluir que a intercalação de siglas nos termos sintagmáticos é um recurso que, com a transformação histórica dos termos da Educação do Campo e sua consolidação, pode diminuir.

As composições com intercalação de siglas são encontradas nas terminologias de várias áreas, inclusive áreas cujo processo de lexicalização já está em estágio mais avançado em relação aos termos sintagmáticos da área de Educação do Campo.

Barros (2007) classifica as composições sintagmáticas como "termos parcialmente reduzidos, ou seja, termos formados por uma sigla ou por um acrônimo e por uma parte expandida, um lexema. (BARROS, 2007, p. 404).

Essa intercalação de siglas denota as diferentes gradações de lexicalização em que podem se encontrar os termos sintagmáticos, considerando o *continuum* do + lexicalizado para o - lexicalizado e vice-versa.

A representatividade das siglas isoladamente não sofreu alterações consideráveis: de 5%, no *corpus* mais antigo, agora com 4%, no *corpus* mais atual. Isso permite constatar que a função das siglas tende a ser mantida ao passo que as terminologias sofrem o processo de neologização e de desneologização, bem como uma possível reneologização ou ressignificação.

A formação sintagmática é uma constante na terminologia da Educação do Campo, tanto considerando o *corpus* mais antigo, de 20 anos, como o *corpus* mais novo, de 10 anos. Os termos simples, com uma só unidade vocabular, não são representativos.

Os tipos de neologia encontrados como processo principal e isolado no *corpus* mais antigo não são representativos. Diacronicamente, era muito mais representativa a neologia em combinatória.

No *corpus* mais atual, ou seja, o *corpus* de análise da Educação do Campo, a neologia morfossintagmática ganhou mais vulto como processo principal e isolado, representando aproximadamente 36% do *corpus*.

No *corpus* excluído, a neologia morfossintagmática era a mais produtiva: em combinatória com outros tipos de neologia, representava 96% do *corpus* da Educação do Campo.

Dessas combinatórias da neologia morfossintagmática no *corpus* mais antigo, a mais representativa era com a neologia por empréstimo interno, com 58% das ocorrências. As composições sintagmáticas, nesse tipo de combinatória, caracterizam-se por serem termos de outras áreas de conhecimento, afins à Educação do Campo, mas não são termos “nascidos” na rede conceitual específica da Educação do Campo. Esses termos foram emprestados pela Educação do Campo e constituem sua terminologia, mas merecem destaque por serem fruto de neologia por empréstimo interno:

São exemplos desses termos:

- (1) Educação popular
- (2) MST estadual
- (3) produção do assentamento
- (4) militância do MST
- (5) agente de FPR
- (6) instrutor do Senar

Ainda analisando o *corpus* excluído, o segundo tipo de neologia mais produtivo era a combinatória entre neologia morfossintagmática, semântica e empréstimo interno, com 24% das ocorrências, como os exemplos:

- (1) companheiro acampado
- (2) núcleo de assentamento
- (3) Sem Terra alfabetizado
- (4) ações do Senar
- (5) objetivos do SENAR
- (6) princípios e diretrizes do Senar

Conforme o item anterior, muitos termos da Educação do Campo constituem-se em empréstimos internos; ao lado dessa característica, evidenciam-se a neologia morfossintagmática e a neologia semântica, em combinatória.

Também foi representativa a combinatória entre neologia morfossintagmática e semântica, com 14% das ocorrências, das quais podemos exemplificar:

- (1) Bandeira do MST
- (2) hora educativa
- (3) Mística do trabalho
- (4) objeto gerador
- (5) pedaço de terra
- (6) proposta pedagógica do MST

A combinatória entre neologia semântica e empréstimo interno foi pouco representativa na formação desse *corpus* mais antigo: 4%. Podemos exemplificar esse tipo de combinatória:

- (1) momento educativo
- (2) Sem Terra
- (3) tempo aula
- (4) vida do assentamento
- (5) metodologia de ensino de Formação Profissional Rural
- (6) princípios e diretrizes do Senar

Fazendo-se uma análise comparativa diacrônica, podemos afirmar que, na terminologia da Educação do Campo, os processos de neologia em combinatória permaneceram representativos, sendo observado que:

a) a combinação entre os tipos de neologia morfossintagmática e empréstimo interno (tipos 2 e 4), que possuía uma alta representatividade (58%) no *corpus* mais antigo, decresceu para aproximadamente 46% (considerando o *corpus* de análise mais atual). Na verdade, a composição sintagmática continuou representativa, mas muitos termos deixaram de ser considerados empréstimos internos e passaram a compor a terminologia da Educação do Campo, como:

- (1) Conselho Deliberativo do Pronera
- (2) cooperação escolar de produção
- (3) cooperativa escolar
- (4) Coordenadoria de Ensino Médio e Técnico
- (5) currículo de escola agrícola
- (6) formação da identidade Sem Terra

b) Os tipos de combinação entre neologia morfossintagmática, neologia semântica e neologia por empréstimo interno (tipos 2, 3 e 4) e entre neologia morfossintagmática e neologia semântica (tipos 2 e 3) tiveram aumento percentual de representatividade ao longo desses 20 anos de terminologia da Educação do Campo: aproximadamente 8 pontos percentuais, respectivamente.

São exemplos da combinatória dos tipos de neologia 2, 3 e 4:

- (1) adolescência Sem Terra
- (2) comunidade do assentamento
- (3) cultivo da mística
- (4) mística da abertura
- (5) movimento social do campo
- (6) relação campo-cidade
- (7) Sem-Terra

São exemplos do tipo de combinatória dos tipos de neologia 2 e 3:

- (1) Educação do Campo
- (2) EJA do MST
- (3) escola-base
- (4) projeto político-pedagógico da Educação do Campo
- (5) perfil da educação do campo
- (6) latifúndio do analfabetismo
- (7) ensino fundamental do campo
- (8) Educação Popular do Campo

c) A combinação entre os tipos de neologia semântica (como processo isolado) e empréstimo interno (tipos 3 e 4) diminuiu sua representatividade, que já era baixa, 4%, para 1%.

São as ocorrências desse tipo de combinatória que permaneceram em nosso *corpus* de análise, entre os termos mais atuais da Educação do Campo:

- (1) Marcha

(2) brigada

Como as terminologias caracterizam-se por, cada vez mais, serem formadas por composições sintagmáticas, essas são as únicas duas formações que permaneceram como termos simples, agregando apenas os subtipos de neologia: semântica e empréstimo interno.

A tendência, a nosso ver, é que os termos simples (com uma única unidade vocabular) desapareçam por completo da terminologia da Educação do Campo, restando apenas composições sintagmáticas, às quais combinar-se-ão outras formas de neologia: como a semântica, e por empréstimo interno.

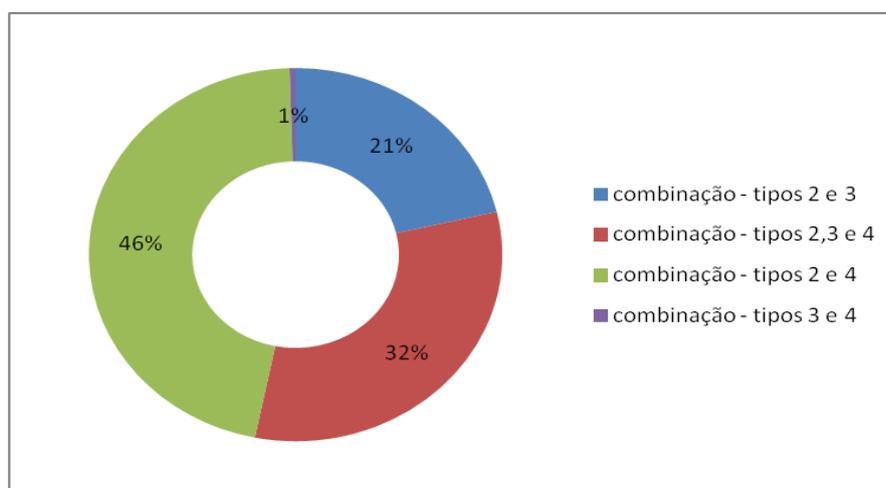


Gráfico 11: Combinações entre os tipos de neologia: 2. morfossintática/ sintagmática, 3. semântica e 4. por empréstimo interno - como processo principal, em combinatória - *Corpus* de análise - 670 termos  
Fonte: autora, 2011.

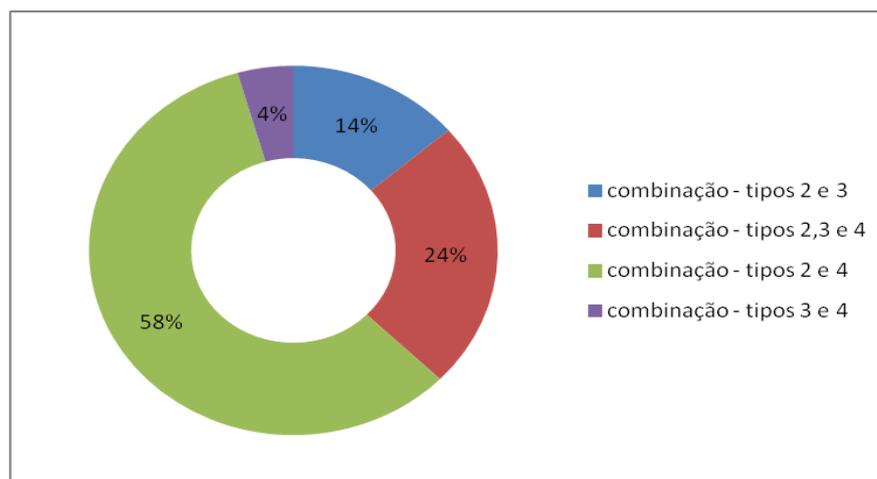


Gráfico 12: Combinações entre os tipos de neologia: 2. morfossintática/ sintagmática, 3. semântica e 4. por empréstimo interno - como processo principal, em combinatória - *Corpus* excluído - 216 termos  
Fonte: a autora, 2011.

Em termos qualitativos, podemos descrever a transformação e a reconfiguração de alguns termos sintagmáticos nessa análise diacrônica de 20 anos (*corpus* de análise neológico *versus corpus* de exclusão específico mais antigo).

Em última instância, podemos afirmar que a aceitação e a incorporação dos neologismos dá-se quando da aceitação dos respectivos conceitos.

Para uma área, como a Educação do Campo, que busca afirmar-se, resistindo a uma poderosa contraideologia, será uma grande conquista a difusão de seus conceitos e de seus termos, tanto os neológicos, como os que já estão em uso há mais de 10, 20 anos, mas que são rechaçados e evitados por uma parcela da sociedade brasileira, ou, até mesmo, desconhecidos, confinados a um estigma muitas vezes fruto da ignorância.

Neste subitem, pretendemos demonstrar a transformação dos termos da área, em uma perspectiva diacrônica, estabelecendo hipóteses e configurações dessa terminologia - o que, inevitavelmente, está atrelado às questões ideológicas.

Finalizamos então o capítulo de análise dos termos e da terminologização da área de Educação do Campo, sob o enfoque da neologia.

O próximo capítulo fecha este ciclo, mas não o assunto e suas potencialidades.

## 7. A FIM DE CONCLUIR O CICLO

Um dia, coração, descansarás.  
 Já exalado o último suspiro,  
 Descansarás na doce paz  
 profunda  
 Do sono derradeiro.

O último porto  
 De ti se esconde às vezes,  
 E outras o vêes perto.  
 Ali há de chegar  
 Singrando o mar  
 De borrasca em borrasca  
 O teu frágil batel.

Por enquanto, corre-te o sangue  
 Nas veias. Ages. Sonhas.  
 E tu, ó coração,  
 Ardes de vida.

Suspensos na árvore do mundo  
 O fruto e a serpente  
 Procuram seduzir-te,  
 Com a cobiça e a fome,  
 O pecado e o prazer.

Perturba-te, emociona-te  
 O canto da sereia  
 O amor te arrebatava  
 E enreda na floresta dos desejos.  
 Embriagado, hesitas  
 Entre seres animal  
 Ou seres como Deus.

Envolve-te a arte  
 Nas redes da magia.  
 Pinta teu véu de cores  
 Sobre a face da morte ou da dor.  
 Delas tira o prazer.  
 Reduz o caos à harmonia.

O Espírito te eleva.  
 Ergue-te até às estrelas.  
 E fazes de ti centro do universo.  
 Subjuga tudo à ordem e  
 disciplina.  
 Separa-te do lodo  
 E da esfera animal.  
 E faz de ti o alvo da natureza  
 E o seu ponto final.

Depois, abre-te as portas.  
 E ensina-te a domar  
 Os sonhos, as paixões e os  
 instintos  
 Ao jugo férreo da lei moral.  
 O Eterno tudo fez.

Moldou o mundo inteiro à sua  
 imagem.  
 E é só amado porque nele  
 habitas,  
 Síntese que és de Deus e do  
 Universo.

Mesmo depois das culpas mais  
 horrendas,  
 Aberto permanece-te o caminho,  
 Onde a alegria medra no sofrer,  
 E o amor na morte.  
 Irmanam-se o pecado e a  
 loucura.  
 Nada separa realidade e sonho.

Percorres tu esses caminhos  
 todos,  
 E vives esses sonhos.  
 A cada um, porém, como verás,  
 Outro caminho se sucederá.

Belo é o ouro. Belo é o dinheiro.  
 Belo é também renunciar a eles.  
 Belo é morrer-se pobre.  
 Belo é também ceder à voz do  
 mundo.

Quer suba a Deus, quer desça ao  
 mais profundo,  
 Cada pessoa busca ser feliz.  
 Sejas homem, ou fera, ou sejas  
 árvore,  
 O mundo é sempre sonho  
 colorido.  
 Todas as portas se abrem para ti.  
 E o coro da vida a todos chama.  
 A ventura, que é sempre fugidia,  
 A todos nos fascina e nos atrai.

Renuncia, porém, se tu tens  
 medo.  
 Sobe bem alto ou desce ao  
 fundo abismo!  
 Por toda parte és hóspede,  
 No prazer e na dor, e até na  
 morte!  
 Um dia descerás  
 À corrente de onde se renasce.

Mas um caminho existe  
 Bem difícil, por certo, de se  
 achar.  
 Um caminho que corre o mundo  
 inteiro  
 E não ilude e sempre leva ao  
 fim:

O que tens no íntimo de ti  
 mesmo  
 É teu somente. Não o tira a  
 morte,  
 E nem o mundo inteiro.

Peregrino, não vias o caminho.  
 E entretanto ele a teu lado  
 estava.  
 Como ficaste cego tanto tempo?  
 E não o vias antes, com teus  
 olhos?

Agora é findo o sonho...  
 E, já desperto,  
 Ouves os coros entoarem os  
 hinos.  
 Fitos os olhos no íntimo de ti  
 mesmo,  
 É a ti que vêes...

Descansa, então,  
 Pois já a morte não existe mais.  
 E no seio da paz que ora te  
 abriga,  
 Dorme profundamente o sono  
 eterno.<sup>9</sup>

(Hermann Hesse)

<sup>9</sup> "Coração, um dia  
 repousarás...". Título original:  
 "Eirmal, Herz, wirst Duruhn".  
 In: *Obstinação* ["Eigensinn"].  
 Tradução: Bélchior Cornelio da  
 Silva. Rio de Janeiro: Record,  
 1971 [1919].

Este capítulo destina-se a retomar e apresentar algumas conclusões a respeito do aparato teórico e da aplicação da metodologia de análise conceitual e de descrição terminológica sistematizada neste trabalho.

Esta última parte da tese está intrinsecamente relacionada às demais, principalmente em relação ao eixo metodológico 1 - Metodologia geral - manipulação teórica (Passo 6 - Critérios e tipologias de classificação e análise), ao eixo metodológico 4 - Aplicação da metodologia - manipulação prática (Passos 14 - Análise e descrição linguístico-terminológica; 21 - Organização final da apresentação da pesquisa e 22 - Replanejamento a qualquer momento) e ao eixo metodológico 5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico (Passos 19 - Contextualização do trabalho terminológico em relação a fatores históricos, sociais, culturais - identificação de relações entre ideologia e Terminologia e 20 - Análise do grau de aceitação e de difusão dos termos da área estudada - percurso da neologia à desneologização).

Em relação ao desenvolvimento da tese, estritamente, de acordo com os objetivos elencados, podemos apresentar algumas **considerações e conclusões acerca das etapas já concluídas.**

1. No que diz respeito aos princípios da Sociolinguística e da Socioterminologia, procuramos segui-los, de forma a apresentar um estudo terminológico de cunho descritivo e não prescritivo, que desse conta dos fenômenos de variação e que fosse capaz de subsidiar as principais relações entre Terminologia e Sociedade.

2. Procuramos analisar e correlacionar fenômenos morfossintáticos e aspectos semânticos e pragmáticos, afastando-nos de uma análise linguística/ terminológica com fim em si mesma, sem conexão com os contextos socioculturais, históricos e políticos.

3. Observamos que a motivação é característica de muitas terminologias, entre elas a da Educação do Campo – siglas, acrônimos, metáforas, metonímias, composições evidenciaram a motivação terminológica - e procuramos investigar e caracterizar essas ocorrências e sua representatividade.

4. Confirmamos a hipótese de que a neologia está intrinsecamente ligada aos processos socioculturais e políticos, interligados pela ideologia das sociedades.

5. Confirmamos que a Educação do Campo é uma área cuja terminologia está em constituição, assim como a difusão de seus conhecimentos da sociedade brasileira, pois os conceitos estão restritos aos meios de produção acadêmica e aos movimentos sociais do campo – os conceitos são difundidos por meios de comunicação de uma forma “marcada negativamente”, preconceituosa - logo os verdadeiros valores da Educação do Campo, e respectivos termos, ainda são novidade para o público em geral.

6. Os dois critérios foram levados em conta: o quantitativo e o qualitativo; a frequência é um critério que deve ser adotado como referência, ao lado da análise conceitual.

7. Utilizamos elementos "tecnológicos", como a Informática, ao lado das Ciências ditas Exatas, como elementos de Matemática e de Estatística, como ferramentas auxiliares da análise humana, as quais foram necessárias a uma maior precisão da coleta de dados, que instrumentaliza a análise linguístico-terminológica. A rapidez proporcionada pela tecnologia só tem a contribuir com a potência do cérebro humano que é, inegavelmente, insubstituível. Foi necessário conferir os dados e comparar os diferentes *corpora*, após a extração semiautomatizada dos termos, mas o uso de tecnologias nos deu segurança e possibilitou a análise mais abrangente de uma quantidade maior de textos.

A ideologia nas relações entre denominação e significação é presente em todos os campos do saber, em todas as culturas, em toda manifestação humana – a Educação do Campo é somente um exemplo dessa propagação de valores ideológicos e axiológicos.

Creemos que a Terminologia e a Linguística não podem adotar um tratamento superficial em relação a aspectos ideológicos, visto que são ciências sociais e considerando que esses valores ideológicos interferem na constituição linguístico-terminológica e na semântica de termos e de palavras. Não seria, assim, uma questão de escolha, mas uma obrigação científica, a busca por um patamar cognitivo ideológico de cada área estudada.

Nosso *corpus* foi selecionado de acordo com critérios bem definidos; o *corpus* documental foi filtrado de um *corpus* maior, que serviu como *corpus* de partida. Desse *corpus* inicial, altamente representativo da Educação do Campo, mas ainda em estado bruto, foram então retirados o *corpus* documental (destinado à extração de termos) e o *corpus* referencial (destinado à extração de conceitos), bem como o *corpus* de exclusão específico (destinado à determinação da neologicidade de termos). Esse *corpus* de partida ficou disponível como parâmetro para a comparação dos conjuntos de termos, para evitar discrepâncias e detectar falhas na extração de termos, principalmente dos compostos sintagmáticos.

A abrangência dos saberes lexicológico e terminológico e dos fazeres lexicográfico e terminográfico não se restringe apenas ao campo da normalização das práticas profissionais, como também configura-se como instrumento pedagógico de longo alcance, notadamente quando a pesquisa é inédita em determinada forma de concepção e de construção, como objetiva este trabalho – sendo assim, procuramos, na execução de nossos propósitos, fornecer subsídios fidedignos conceitualmente (e fiéis a determinada teorização) tanto a profissionais quanto a estudantes da área social em foco, fruto de estruturação de conhecimento humano.

Em relação às teorias "da" Terminologia e "sobre" a Terminologia, concluímos que foram úteis e aplicados vários fundamentos e metodologias, como os que seguem:

- **Socioterminologia:** em nosso trabalho, os fundamentos dessa teoria da Terminologia - que pode ser caracterizada mais apropriadamente como um "manifesto" - foram de suma importância, principalmente no que concerne ao preceito de se estudar terminologia (conjunto de termos) e conceber a Terminologia (ciência) a partir de um **contexto social** - daí a **aproximação entre Sociolinguística, Sociologia e Terminologia**. No estudo da terminologia da área de Educação do Campo, essa intersecção socioterminológica é imprescindível, pois a terminologia de nossa área-foco é de base totalmente social, inclusive fundada por movimentos sociais. O **caráter prospectivo da Socioterminologia** também é de grande relevância para nosso estudo - porque a língua e as linguagens de especialidade (a nosso ver e com os autores citados no decorrer da tese) estão em um *continuum*, que se transforma ao longo do tempo. Por isso, estudamos as estruturas conceituais e terminologias de uma sincronia e estabelecemos algumas diretrizes e hipóteses que podem servir a uma "previsão" de algumas características das próximas etapas desse *continuum*. Da Socioterminologia resgatamos também a **valorização da história**, por isso apresentamos um breve histórico da Educação do Campo no Brasil e dos estudos a respeito. Cremos que, em nenhuma ciência, devemos nos esquecer da História. Não foi nosso foco um estudo de variação e de sinonímia, mas consideramos que esses fenômenos são de extrema importância nos fenômenos terminológicos. Só não nos aprofundamos devido ao recorte da tese.

- **Teoria Comunicativa da Terminologia (TCT):** da TCT aproveitamos principalmente a valorização dos estudos semânticos, pragmáticos e morfossintáticos, sob um enfoque descritivista e não prescritivista, no qual as linguagens de especialidade são estudadas como uma parte da língua geral, situada em um momento socio-histórico e cultural (e não como um sistema artificial). Da TCT nos valem também da concepção de termo como unidade de função comunicativa e discursiva.

- **Teoria Sociocognitiva da Terminologia (TST):** desta teoria, aproveitamos também a ênfase nas **funções comunicativa e cognitiva dos termos**. Na TST, os conceitos são tidos como categorias mais abrangentes - o que para nosso trabalho foi de grande valia, pois trabalhamos com **categorias temáticas** (que são categorias conceituais abrangentes) e respectivos termos. A TST destaca que é importante estudar-se os conceitos de um **ponto de vista intracategorial e também de um ponto de vista intercategorial**, com o estabelecimento de relações entre os termos de diferentes categorias. Da TST também nos apropriamos da necessidade de estabelecer um **estudo terminológico a partir do discurso**, que é o uso, a colocação da língua, ou da linguagem de especialidade em prática, no mundo real. Dessa forma, em nosso trabalho, toda nossa contextualização é efetuada no nível dos discurso da área estudada. Da TST também buscamos a importância dada à **motivação dos processos de lexicalização**, como as metáforas e

metonímias, ao estudo diacrônico e do estudo da unidade linguística considerando-a como signo **linguístico composto de duas faces indissociáveis, significante e significado.**

- **Sociossemiótica:** como estudo dos discursos sociais não literários, os fundamentos da Sociossemiótica foram utilizados em nosso trabalho na medida em que valorizamos o caráter científico dos termos e sua função na comunicação e na estruturação da sociedade. A Semiótica é uma área muito abrangente, que se relaciona também com os estudos de Terminologia, principalmente sob o enfoque de uma Terminologia Social - ou Socioterminologia.

- **Terminologia Técnico-científica:** como estudo dos discursos das línguas de especialidade, nos apropriamos dessa teoria, pois consideramos a terminologia da Educação do Campo pertencente aos discursos técnico-científicos, com identidade, autonomia e representatividade perante outras ciências afins, como a Educação Geral, por exemplo.

- **Terminologia Aplicada:** como estudo da difusão do conhecimento científico, os princípios da Terminologia Aplicada são de grande valia à nossa tese, pois buscamos, entre outros objetivos, pôr em circulação informações fidedignas a respeito dos princípios, dos métodos, das práticas e dos atores da Educação do Campo.

Como síntese, de todas essas teorias, princípios e postulados, destacamos como fundamental em Terminologia: **CONTEXTUALIZAÇÃO SÓCIO-HISTÓRICA, EPISTEMOLÓGICA E DISCURSIVA, COM A UTILIZAÇÃO DE PRÁTICA DESCRITIVISTA, SINCRÔNICA E DIACRONICAMENTE, VALORIZANDO A COGNICÃO E A COMUNICAÇÃO, EM PERSPECTIVA ONOMASIOLÓGICA E SEMASIOLÓGICA, COM A UNIFICAÇÃO ENTRE MORFOSSINTAXE, SEMÂNTICA, PRAGMÁTICA, EM PROL DA DIFUSÃO DE CONHECIMENTO E DE IDEOLOGIA.**

Quanto à aplicação da metodologia de análise conceitual e de descrição terminológica, analisamos a aplicação e a eficácia de cada um dos passos.

A nosso ver, a metodologia foi satisfatória, conforme a avaliação passo a passo que segue.

1) **Decisão do objetivo geral da pesquisa e elaboração da justificativa para o projeto de pesquisa terminológica (eixo metodológico 1):** o objetivo e a justificativa da pesquisa foram decididos e escritos de modo a fundamentar seu planejamento. Sabíamos que teríamos de apresentar o projeto a comissões e bancas julgadoras, bem como a profissionais das áreas de Linguística e de Terminologia e deveríamos ter uma justificativa bem -fundamentada, bem como a definição da linha condutora da tese. A decisão dessas etapas é importante para o pesquisador julgar e provar a importância de seu trabalho a outrem, mas, principalmente, para si, como ponto de partida e como diretriz de sua pesquisa. Lembrar-se constantemente de seus objetivos e de que sua pesquisa é relevante fortalece a vontade do pesquisador de continuar o trabalho.

2) **Estabelecimento da área profissional** cujos conceitos e termos serão descritos, bem como das áreas afins, que podem emprestar conceitos e termos para a área-alvo do trabalho terminológico (**eixo metodológico 2**): a área profissional foi definida como a Educação do Campo, relacionada à Educação Popular e à Educação Geral, bem como à História, à Sociologia, à Economia e à Política.

3) **Organização e representação dos conceitos da área escolhida (eixo metodológico 2)**, em estrutura gráfica que permita a apreensão das relações entre os conceitos e dos graus de hierarquização: conforme explicitamos em nosso modelo, seguimos a diretriz de estabelecermos categorias temáticas ou campos conceituais, a fim de agrupar os conceitos de uma maneira sistemática. Esse modo de agrupamento permitiu a priorização do patamar cognitivo e não unicamente o sistema linguístico, como ocorre com a ordenação simplesmente alfabética.

A metodologia de criação de mapas conceituais relacionais permitiu a exposição dos conceitos e de suas relações, sem a obrigatoriedade de uma hierarquia rígida e imutável. Assim, um conceito é multirrelacionado e não aparece uma única vez no sistema conceitual.

4) **Estabelecimento do público-alvo e dos objetivos específicos da análise conceitual e da descrição terminológica (eixo metodológico 1)**.

O público-alvo é o medianamente especializado. Foi importante estabelecer o público-alvo para, a cada termo coletado, pensarmos: "este termo será procurado por quem"? "quem teria interesse em saber sobre este termo da Educação do Campo"? "Este termo é sinônimo de qual termo?", entre outras questões.

Conforme nossa exposição, quase que inexistente, no Brasil, um público especializado que entenda perfeitamente os conceitos da Educação do Campo. Os criadores da terminologia da EC são justamente profissionais (pesquisadores e docentes) da área, que trabalham em universidades, escolas de educação fundamental e média e escolas dos movimentos sociais do campo. Uma pequena gama de jornalistas e profissionais da área de Comunicação em geral, e uma pequena gama de profissionais da Educação em geral constituem o público especializado da Educação do Campo. Dessa forma, não poderíamos mesmo tentar atingir apenas esse público tão restrito. Por isso, tivemos o intuito de atingir um público que pode ter algum nível de especialização na área mas que, em sua maioria, será semileigo.

5) **Escolha e análise do referencial teórico (eixo metodológico 1)** que serviu como parâmetro para a pesquisa, de acordo com os objetivos estabelecidos. Em nosso trabalho, o referencial teórico é pertinente aos domínios: Linguística; Filologia; Terminologia; Lexicologia; Semântica; Morfologia; Morfossintaxe; Neologia; *corpus* especializado (específico da área-alvo): fizemos essa escolha com base em estudos anteriores e concomitantes ao início da pesquisa. Foi necessária uma bibliografia muito mais extensa do que o conjunto das referências

bibliográficas. Construir um referencial teórico sólido e representativo foi uma tarefa trabalhosa, mas é necessária em qualquer pesquisa acadêmica, nos moldes em que a concebemos.

**6) Estabelecimento de critérios e tipologias de classificação e de análise, de acordo com um recorte do referencial teórico (eixo metodológico 1)**, como, por exemplo, tipologia de neologismos. Aplicamos o princípio que propomos de combinação entre critérios (como o quantitativo e o qualitativo) e a combinação entre os tipos de fenômenos estudados (como análise morfossintática, ou sintático-semântica, ou ainda semântico-pragmática)

**7) Pesquisa, análise e sistematização dos textos que formaram os *corpora* da pesquisa (eixo metodológico 2)**, de acordo com uma tipologia de *corpus*, que está também relacionada ao público-alvo e aos objetivos da pesquisa. Aplicamos nossas proposições de implementar análises interinstitucionais e intrainstitucionais, além de trabalhos de pesquisadores não vinculados a organizações predefinidas.

O *corpus* foi dividido da seguinte forma:

a) textos que serviram à extração de termos, datados de, no máximo, uma década. Esse tipo de *corpus* foi denominado **documental**.

b) textos que serviram à apreensão de conceitos, destinados a uma estruturação cognitiva dos conceitos da área, que o pesquisador deve alcançar antes do trabalho terminológico ou durante seu desenvolvimento. Esse tipo de *corpus* foi denominado **referencial**.

c) textos que serviram à determinação do caráter de neologicidade dos termos extraídos. Esse tipo de *corpus* foi denominado **de exclusão**. É tradicionalmente composto por obras dicionarísticas, como dicionários de língua geral, mas, além desse *corpus* de exclusão tradicional, também utilizamos os textos mais antigos da área de especialidade, que não entraram na periodicidade estabelecida pelo *corpus* documental neológico. Os termos que constam do *corpus* de exclusão não foram selecionados para a listagem de termos neológicos.

d) listagem de termos a serem descritos: chamada de ***corpus* de análise**. Foi organizada de forma sistemática, ou seja, por campo conceitual, e não por ordenação alfabética.

e) ***corpus* de partida ou *corpus* parâmetro**: para nossa pesquisa, foi o *corpus* inicial, antes da filtragem direcionada por critérios mais refinados. Esse *corpus* foi mantido como base de comparação - ou parâmetro - para detecção de falhas e confirmação de resultados relativos à extração de termos. Como nosso *corpus* de análise é formado quase que 100% por compostos sintagmáticos, trabalhar com mais de um conjunto de textos nos deu segurança também na delimitação de termos, a fim de não cometermos erros em sua segmentação e não confundirmos combinações eventuais com termos lexicalizados ou em vias de lexicalização.

**8) Elaboração de fichas terminológicas, planilhas e outros instrumentos que serviram à coleta e à sistematização de dados (eixo metodológico 4)**: essas fichas foram elaboradas em

planilhas eletrônicas, tendo como base arquivos gerados por programa de extração de termos - WordSmith Tools e pela coleta manual dos termos. Cada ficha foi elaborada de acordo com as necessidades a serem atendidas na pesquisa, de acordo com os objetivos definidos e com o replanejamento constante. Para os limites deste trabalho, essas fichas foram úteis e satisfatórias.

9) **Escolha e estudo da viabilidade de utilização de ferramentas informatizadas e de outras tecnologias (eixo metodológico 3)** - escolhemos ferramentas que auxiliaram os processos de coleta, de sistematização e de apresentação de dados. Recorremos às ferramentas mais tradicionais nos estudos do léxico, como WordSmith Tools e Cmap Tools. Este último é também muito utilizado na representação de conceitos na área de Educação, o que para nós é relevante, visto que nosso tema é a área de Educação, um determinado tipo autônomo de Educação.

10) **Coleta das unidades linguísticas consideradas termos**, de acordo com o recorte teórico adotado (**eixo metodológico 4**): foram coletadas todas as unidades linguísticas consideradas unidades terminológicas, ou unidades de conhecimento especializado. Após isso, os termos sofreram novas seleções, de acordo com o passo 11, considerando a combinação de critérios mais refinados.

11) **Seleção dos termos considerados neológicos**, de acordo com o recorte teórico adotado (**eixo metodológico 4**): para isso, foram utilizados os critérios e o *corpus* de exclusão já explicitados. Não é tarefa fácil depreender termos ou palavras neológicas. Os critérios devem ser bem definidos e aplicados sistematicamente. Mesmo assim, passamos por decisões difíceis, como as relacionadas à neologia semântica: novos significados, mas as formas já são consagradas. Procuramos contornar todos esses impasses, mas o trabalho de pesquisa sempre pode ser melhorado.

12) **Classificação dos termos em categorias temáticas ou campos conceituais definidos pelo pesquisador, de acordo com sua apreensão dos conceitos da área (eixo metodológico 4)**: elaboramos categorias temáticas, de acordo com o patamar cognitivo que alcançamos com a leitura dos *corpora*. Essas categorias foram reelaboradas, conforme a pesquisa avançava e tomava novos rumos. Em uma pesquisa, não é possível manter as categorias prévias, as quais recomendamos que sejam utilizadas como ponto de partida, para um direcionamento inicial do trabalho mas que, com certeza, sofrerão mudanças.

13) **Sistematização dos fenômenos linguístico-terminológicos descritos**, relacionados com os critérios e com as tipologias determinados pelo pesquisador (**eixo metodológico 1**).

14) **Análise e descrição dos termos**, de acordo com os fenômenos linguístico-terminológicos escolhidos para análise, como os processos e subprocessos de neologia e respectivos aspectos fonológicos, morfossintáticos, semânticos, pragmático-ideológicos (**eixo metodológico 4**).

- a. estrutura morfossintática dos termos (relações de determinação envolvendo substantivos, adjetivos, preposições, conjunções);
- b. processos de derivação (prefixal e sufixal) e composição (composição propriamente dita e composição sintagmática);
- c. configurações semânticas, metafóricas e/ ou metonímicas;
- d. relações pertinentes aos planos do conteúdo e da expressão, como sinonímia, antonímia, variação e polissemia;
- e. neologia como processo principal;
- f. neologia como processo complementar;
- g. neologia em combinatória (combinação de subprocessos de neologia, como composições sintagmáticas e configurações metafóricas ou metonímicas, entre outras possibilidades).

**15) Correlação dos resultados** da análise com propostas de outros autores (**eixo metodológico 4**): foram pesquisados, com o decorrer da pesquisa, trabalhos de outros autores, com o objetivo de verificar a coerência de nossa análise.

**16) Entrevistas e checagem de resultados** com especialistas da área (**eixo metodológico 4**). O *corpus* de nossa pesquisa é necessariamente documental, mas entrevistas com especialistas da área foram fundamentais para dirimir dúvidas e também para replanejar os rumos do trabalho, tendo em vista que, no início, e até mesmo antes do término da leitura do *corpus*, cometemos erros de interpretação em relação aos conceitos da área. Esses equívocos, se não fossem apontados e corrigidos por especialistas, teriam arruinado o trabalho, visto que teríamos recolhido erroneamente sinônimos, antônimos, variantes, bem como teríamos estabelecido categorias temáticas não condizentes com a realidade, ou ainda não teríamos como analisar os processos metafóricos e metonímicos, ou ainda os aspectos morfossintáticos apresentados. Poderíamos ter analisado o fenômeno da neologia de modo impreciso, tornando o trabalho sem fins úteis na sociedade e nas áreas de Filologia e de Linguística. No entanto, como tivemos a oportunidade de recorrer a especialistas, que são teóricos, professores, gestores e pessoas que trabalham e entendem a realidade da Educação do Campo no Brasil, conseguimos evitar essas perspectivas negativas e obtivemos, a nosso ver, um alto grau de rigor e de fidedignidade conceitual. Consideramos os resultados bastante positivos neste item.

**17) Checagem da neologicidade dos termos** em *corpora* informatizados ou não, eventualmente elaborados por outros pesquisadores para estudos a respeito da mesma área (**eixo metodológico 4**). Não encontramos *corpus* de Educação do Campo organizados por outros pesquisadores ou instituições, ou ainda por observatórios linguísticos. Procedemos então à organização de nosso próprio *corpus* de exclusão específico, com textos selecionados conforme os critérios explicitados em nossa explanação sobre o *corpus* da pesquisa. Tivemos então que

reunir os textos, digitalizar os que estavam disponíveis apenas em meio impresso e utilizar as ferramentas informatizadas eleitas para o trabalho. Os termos considerados não neológicos foram excluídos e não constam do *corpus* de análise.

**18) Checagem das definições** propostas para os conceitos da área (**eixo metodológico 4**). Em nosso trabalho, não nos propusemos a elaborar uma obra de cunho terminográfico. No entanto, os estudos acerca de termos considerados preferenciais, sinônimos, quase-sinônimos, antônimos e variantes, bem como a organização em categorias temáticas, pode fundamentar um trabalho futuro de elaboração de um dicionário terminológico da área de Educação do Campo. Como não existem obras que descrevam a terminologia da Educação do Campo, seria um importante feito, para que esse conjunto de termos tenha um tratamento adequado linguisticamente e com aplicações sociais, visto que as denominações técnico-científicas da área em questão devem ser socializadas, divulgadas e difundidas ao maior número de pessoas possível em nosso país. Caso esse trabalho seja efetivado, seguiremos (ou assim sugerimos a outros pesquisadores) os contextos definitórios encontrados nos *corpora*, para então comparar nossas próprias definições. Esses contextos definitórios são abundantes nos *corpora* organizados por nós. Cremos que, na ausência de glossários, vocabulários e dicionários terminológicos, reconhecida pelos teóricos da área, houve uma preocupação, por parte destes, de criar contextos definitórios, de citar dicionários de língua geral, de opor os conceitos e termos da língua geral ao que se entende no âmbito da Educação do Campo, de discutir a grafia e a variação dos termos, assim como a sinonímia, a antonímia, a utilização de termos de outras áreas e a importância da correta utilização de termos, zelando para que os compostos sintagmáticos não sejam manipulados de maneira disfórica com fins de distorção ideológica, principalmente por parte da imprensa e dos meios de divulgação em geral. Nesta tese, fizemos a checagem desses contextos definitórios não para elaborar definições, mas sim para procedermos à análise conceitual e à descrição terminológica que compõem nossos objetivos.

**19) Contextualização do trabalho terminológico** em relação aos fatores históricos, sociais, culturais, econômicos que unem a terminologia à ideologia, dentro dos limites propostos, com base nas informações metalinguísticas e epistemológicas extraídas dos *corpora* (**eixo metodológico 5**): tivemos a pretensão, neste trabalho, de correlacionar a terminologia da Educação do Campo às condições de sua produção, tendo em vista as principais conjecturas históricas, sociais e políticas. Obviamente que não se trata de uma tese de Sociologia, nem de História, nem de Pedagogia - nem de Educação do Campo; é uma tese de análise linguística e não pudemos ir além de nossos objetivos nem de nossa capacidade, tendo em vista nossa formação na área de Letras - Linguística e Língua Portuguesa. Todavia, procuramos estudar e dissertar a respeito de alguns fatores socio-históricos e ideológicos, os quais são determinantes

da terminologia em questão. Se esses fatores não existissem, a própria Educação do Campo não existiria, nem seus termos, nem seus conceitos. Dessa forma, esses termos só foram criados para servirem de resposta a uma demanda social - logo a análise dessa terminologia (e de outras predominantemente ideológicas) precisa ser pautada na descrição, mesmo que breve, de fatores extralinguísticos. Se não existisse a problemática da distribuição das terras e das riquezas; se não houvesse movimentos sociais do campo que buscassem resolver e se situar ativamente em meio a essa problemática, a fim de exigir seus direitos garantidos por lei; se esses movimentos não fossem compostos por pessoas que precisam de escolarização e de educação; se os mentores desses movimentos não tivessem detectado a necessidade de elaborar e aplicar os princípios, as metodologias e as formas de organização de uma educação específica e diferenciada, da qual devem se apropriar os próprios atores sociais do campo, sem nada disso, esta tese teria outro tema, pois nosso assunto em pauta seria inexistente na sociedade brasileira. Assim, defendemos como altamente relevante a contextualização da produção, da difusão e da transformação de uma dada terminologia, pois nenhum produto humano pode ser apartado de suas condições de produção, em uma análise rigorosa.

**20) Análise do grau de aceitação e de difusão dos conceitos e dos termos da área estudada (eixo metodológico 5).**

Procedemos a uma análise diacrônica da transformação dos termos da área; recorreremos aos textos mais antigos da área, que não entraram para o *corpus* documental, para a constituição do *corpus* de exclusão específico, objetivando descrever o percurso da neologia para a desneologização. Uma parte dos termos deixou de ser utilizada; outra parte continuou a ser utilizada, mas não foi considerada neológica, pois os termos que constam do *corpus* mais antigo foram automaticamente subtraídos do *corpus* documental. Constatamos que o grau de aceitação e de difusão dos termos da área de Educação do Campo não teve aumento significativo nos últimos 20 anos. Essa terminologia continua circunscrita a meios acadêmicos muito específicos que estudam pedagogias diferenciadas, bem como é tratado nos movimentos sociais do campo, mas a imprensa, o senso comum e o público em geral ainda continuam com os mesmos conceitos, pré-concebidos e difundidos de maneira muito alienada, que não dá conta das dialéticas subjacentes a qualquer forma de Educação, de cultura e de sociedade. Ou seja: a terminologia da Educação do Campo e sua imbricada rede conceitual ainda estão longe de pertencer ao domínio da população do Brasil, mesmo as parcelas dessa população que se preocupam com questões educacionais e sociais. Ainda há muito que se fazer para divulgar os verdadeiros princípios e objetivos da Educação do Campo. Esta tese pretende apenas ser uma contribuição.

**21) Organização final das descrições e análises propostas**, na forma de tese (**eixo metodológico 4**). Na tese versou-se sobre a fundamentação teórica e a metodologia, além da descrição da aplicação da metodologia e dos resultados alcançados. Todo o trabalho da tese demandou 4,5 anos (termo formal), além de 4 anos de pesquisas anteriores sobre Educação do Campo.

**22) Replanejamento das atividades**, da metodologia e dos objetos da análise, a qualquer momento, sempre que considerado necessário (**eixos metodológicos 1, 2, 3 e 4**). Fizemos um planejamento inicial, mas tivemos que replanejar todas as etapas do trabalho - algumas etapas foram replanejadas mais de uma vez. Em certos casos, o replanejamento é uma mudança radical de rumos; em outros, o replanejamento é um refinamento das propostas iniciais; ou ainda o replanejamento pode ser necessário para recorrermos a outros referenciais teóricos, a outras metodologias, a outras ferramentas de trabalho, pois os objetivos podem mudar ou tornar-se mais específicos ou mais genéricos, sendo necessárias outras fundamentações ou outras práticas. Nesta pesquisa, o replanejamento foi necessário a cada nova descoberta conceitual relevante, a fim de tentarmos não perder toda a riqueza e diversidade terminológica e conceitual da área de Educação do Campo.

Esses passos foram numerados, mas, certamente, foram desenvolvidos concomitantemente.

Procuramos aplicar a metodologia proposta da melhor forma possível. Cremos que obtivemos resultados positivos nessa aplicação, não obstante as dificuldades encontradas.

Na figura a seguir, expomos nossos resultados e graus de dificuldade em cada conjunto de passos de nosso modelo de análise conceitual e de descrição terminológica.

<b>Eixo metodológico</b>	<b>Passos da pesquisa de análise conceitual e descrição terminológica de <i>corpus</i> neológico (resumo)</b>	<b>Avaliação dos resultados e graus de dificuldade na execução dos passos</b>
1 - Metodologia geral - Manipulação teórica	1 - proposição de justificativa e objetivos; 4 - determinação do público-alvo; 5 - escolha do referencial teórico; 6 - critérios e tipologias de classificação e análise; 13 - sistematização dos fenômenos linguístico-terminológicos; 22 - replanejamento a qualquer momento.	Esses passos são muito trabalhosos, todos eles, mas julgamos que o item 6, "critérios e tipologias de classificação e análise" foi o que mais gerou dificuldades e demandou tempo e replanejamento, pois, para estabelecer critérios e tipologias, é necessário recorrer a vasta fundamentação teórica, bem como testar as possibilidades com exemplos reais do próprio <i>corpus</i> .
2 - Metodologia Específica - Manipulação teórica	2 - escolha da área-tema; 3 - organização e representação dos conceitos da área-tema; 7 - composição dos <i>corpora</i> ; 22 - replanejamento a qualquer momento.	Desses passos, o que trouxe maior dificuldade foi o de número 7, "composição dos <i>corpora</i> ", pois selecionar conjuntos de textos representativos da Educação do Campo, de seus verdadeiros conceitos e termos, foi tarefa demorada, que exigiu vários níveis de planejamento e de replanejamento. Em segundo lugar de dificuldade, destacamos o item 3, "organização e representação dos conceitos da área-tema", pois depreender as imbricadas relações conceituais da Educação do Campo não foi tarefa simples nem automática.
3 - Tecnologias de apoio à análise humana	9 - Estudo da viabilidade de utilização de tecnologias; 22 - replanejamento a qualquer momento.	Esses passos não geraram um alto grau de dificuldade, pois utilizamos tecnologias para as quais existem livros, tutoriais, artigos científicos explicativos e manuais didáticos. Houve uma natural dificuldade inicial, mas a troca de experiência com outros usuários dessas tecnologias, bem como consulta a sites, dirimiu as dúvidas. Utilizamos o Pacote Office do Windows, o Programa Cmap Tools (gratuito) e adquirimos a Licença para o Programa WordSmith Tools (Single User). São programas acessíveis e cujas ferramentas básicas são fáceis de utilizar.
4 - Aplicação da Metodologia - Manipulação prática	8 - Elaboração de fichas terminológicas, planilhas e outros; 10 - coleta dos termos; 11 - seleção dos termos considerados neológicos; 12 - classificação dos termos em categorias temáticas; 14 - análise e descrição linguístico-terminológica; 15 - correlação dos resultados com outras pesquisas; 16 - checagem de resultados - entrevistas; 17 - checagem da neologicidade dos	Desse conjunto de passos, cremos que o item 14, "análise e descrição linguístico-terminológica" é o que melhor resume a aplicação prática da nossa metodologia, pois a análise em si é o macroprocesso que mobiliza os demais: elaboração de fichas terminológicas e planilhas, aplicação de critérios de seleção, checagem e organização de dados, entre outros. A análise em si é somente o último dos procedimentos, mas frequentemente demanda replanejamento das outras atividades. Destacamos que a análise

	termos; 18 - checagem das definições propostas para os conceitos; 21 - organização final da apresentação da pesquisa; 22 - replanejamento a qualquer momento.	dos dados é o fim de qualquer pesquisa.
5 - Contextualização extralinguística do trabalho terminológico	19 - contextualização do trabalho terminológico em relação a fatores históricos, sociais, culturais - identificação de relações entre ideologia e Terminologia; 20 - análise do grau de aceitação e de difusão dos termos da área estudada - percurso da neologia à desneologização.	Os passos 19 e 20, que se prestam a evidenciar a necessidade de se correlacionar o trabalho terminológico às condições sócio-históricas nas quais foram produzidas as terminologias-alvo, só puderam ser desenvolvidos em plenitude com a análise minuciosa de todos os textos que compõem os <i>corpora</i> , bem como com o alcance cognitivo que a análise desses textos nos proporcionou.

Figura 57 - Resultados e graus de dificuldade / execução de passos de uma pesquisa de análise conceitual e descrição terminológica de *corpus* neológico. Fonte: a autora, 2013.

As terminologias possuem o claro poder de moldar o pensamento de um povo, ou de um grupo, de modo que favoreçam ou que criem obstáculos, com a instituição de preconceitos.

No caso da Educação do Campo, há a tensão entre dois grupos de terminologias: uma que tenta difundir os conceitos de uma educação autônoma, pautada em diretrizes reais, com objetivos e ideologia bem marcados, e que faz parte de uma "luta maior", que é justa, de acordo com algumas leituras da História; o segundo grupo de terminologias, antagônico em relação ao primeiro, constrói discursivamente a Educação do Campo como um dos produtos de uma prática usurpadora e maléfica à sociedade brasileira - como também ocorre em outros países.

Barbosa sintetiza essa relação entre discurso político e neologia, fazendo a necessária ligação com a(s) norma(s) vocabulares:

No discurso político, nota-se, por exemplo, que se instala uma *dia-norma* vocabular, que seria a intersecção de vocabulário usado na campanha dos vários grupos políticos, em nível nacional. Cada grupo procura impor seus próprios significados aos significantes que fazem parte do vocabulário político comum e combater a mesma tentativa do adversário, procurando, ao mesmo tempo, impedir, com isso, que esses signos usados pelos adversários se tornem norma. É um movimento dialético de projeção de normas. (BARBOSA, 1981, p. 155, grifos da autora).

A riqueza da terminologia da Educação do Campo está intrinsecamente ligada a esse embate ideológico e político, bastante divulgado por nossa imprensa. Em relação à citação imediatamente anterior de Barbosa, os próprios termos "acampamento", "assentamento", "ocupação", "Reforma Agrária", "socialismo", "agronegócio", "agricultura familiar", "UDR (União Democrática Ruralista)", "MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)", "Sem Terra", entre muitos outros, são utilizados, no discurso da Educação do Campo, de modo

diverso e antagônico em relação aos seus significados no discurso da mídia e do discurso de outros grupos, como o grupo de empresários, ou de latifundiários, ou da população em geral, que possui uma grande parcela que "compra" o senso comum sem tensão crítica, mesmo não sendo beneficiada pela classe dominante economicamente, de modo totalmente apartado de uma reflexão e da busca de fontes alternativas de informações.

Defendemos que análises linguístico-terminológicas não devem se abster de levar em consideração as principais facetas ideológicas da configuração das palavras e dos termos pertinentes a uma língua e a uma cultura, pois a língua é um instrumento social, nenhum indivíduo vive e constrói sua língua sozinho, nem para si mesmo.

Ferraz (2007) ressalta a importância do reconhecimento da diversidade linguística e cultural do Brasil, país que não é, de modo algum, monolíngue ou monocultural – as terminologias apresentam variação, assim como a língua geral. Tomamos para nós as palavras de do Prof. Ferraz:

[...] a imagem romântica de um país supostamente monolíngue, perspectivada pelo senso comum, se contrapõe a uma realidade bem diferente, no centro da qual se encontra o multilinguismo brasileiro. Como um país pluricultural, pluriétnico e plurilíngue, o Brasil conta com mais de duzentas línguas diferentes, faladas em comunidades étnico-culturalmente diferenciadas e situadas por todo o território nacional, compostas de brasileiros que têm por língua materna uma língua indígena (autóctone), ou uma língua de imigração (alóctone), ou ainda falares afro-brasileiros praticados em muitos quilombos que existiram no país, além das populações bilíngues que dominam o português e uma língua indígena, ou português/ alemão, português/ italiano, português/ polonês, português/ japonês etc. À visão de um país supostamente monolíngue, acrescente-se ainda ao imaginário de unidade do senso comum, o mito de que a língua portuguesa falada em nosso país apresenta uma unidade monolítica, isto é, sem variação diatópica significativa, não se reconhecendo que a diversidade linguística no Brasil compreende também a pluralidade de usos do português brasileiro. (FERRAZ, 2007, p. 70)

São muito importantes as considerações em relação ao estabelecimento de norma(s) linguística(s), tendo em vista algumas abordagens sociolinguísticas e de linguística descritiva, pois muitas normas (as populares, executadas pelos estratos de menor renda e de prestígio social reduzido) são repudiadas pela sociedade dita “cultura”, a qual possui sua “norma culta”, sua “norma-padrão”.

A existência e a defesa de normas é aceitável, desejável e até indispensável para a vida em sociedade, visto a impossibilidade de lidar com a linguagem unilateralmente em nível de sistema ou em nível do falar.

O que se torna pernicioso nas sociedades, no entanto, é o preconceito linguístico atestado, verificado e continuado em relação às normas sem prestígio social, sociais, regionais, relativas a faixas etárias, aos gêneros e a grupos socioculturais marginalizados, tidos como revolucionários, como é o caso dos movimentos sociais.

Além do nível do léxico, outras estruturas, como a morfossintática, também carregam a marca normativa: ou da norma-padrão, ou das normas excluídas.

A escolha do padrão de prestígio, apesar de hierárquica socialmente, mantém dois sentidos: dos mais poderosos para os menos poderosos, e vice-versa; assim, cada grupo irá defender sua norma, praticá-la e perpetuá-la, até que lhe seja conveniente e necessário.

As normas também prestam-se ao controle do acesso a informações: quem não domina uma norma não tem o alcance relativo aos conhecimentos que lhe são subjacentes; quem tem acesso a uma norma, consegue prestígio social e cultural, podendo alcançar padrões desejados na vida comunitária; quem domina mais de uma norma tende a ter mais controle e maior possibilidade de atuação sociolinguística, pode adotar um estilo próprio, o qual não se configura em criação, mas sim em apropriação deliberada de vários níveis e registros de linguagem, um valioso instrumental da vida em sociedade.

Coseriu demonstra uma equação fundamental: a utilização das línguas em comunidades reais, bem como ilustra as possíveis consequências dessa prática, como a exclusão cultural.

Com o reconhecimento dessas relativizações no campo linguístico, foi nossa pretensão nesta tese, de cunho descritivista, indicar os caminhos de mobilização dos membros de comunidades linguísticas, incitando-os a compreender e a superar alguns processos de coerção social instaurados por vias linguísticas.

Neste ciclo epistemológico, permeado de tensões, tivemos nossos próprios preconceitos abrandados - e muitos de nossos postulados alterados.

Creemos que a mudança, primeiramente do próprio pesquisador, depois do entorno e da área estudada, é uma das principais metas do trabalho científico e também do acadêmico.

Aceitar um caminho desconhecido, aceitar outras opiniões e ter seus próprios resultados e postulados questionados e alterados é o maior ganho pessoal do pesquisador; o ganho coletivo, a nosso ver, é a divulgação e a difusão conceitual-terminológica da área estudada; como combate ao preconceito linguístico, ao preconceito terminológico, ao preconceito social, ao preconceito cultural, somente a informação, a ideologia e a contraideologia podem ser armas eficazes, para utilizarmos mais uma metáfora.

## REFERÊNCIAS<sup>101112</sup>

As únicas informações são as precisas.  
Preciso ter informações precisas, a fim de adaptar meus movimentos e formular meu plano.

**(Napoleão Bonaparte)<sup>13</sup>**

---

<sup>10</sup> As Referências estão divididas sistematicamente da seguinte forma: 1. Ciências da Linguagem e do Léxico e Língua Portuguesa; 2. Dicionários de língua geral; 3. Programas de computador; 4. Educação do Campo, Educação Geral e Legislação; 5. Páginas da Internet 6. Ciências Sociais e Políticas e Filosofia; 7. Metodologia e Normas Técnicas

<sup>11</sup> As obras dos *corpora* não estão repetidas nas Referências, a menos que sejam citadas especificamente nos capítulos-parte da tese. Para consultar as obras dos *corpora*, vide capítulo 4 da tese.

<sup>12</sup> De acordo com a Associação Brasileira de Normas Técnicas. NBR 6023.

<sup>13</sup> "Les seules informations sont l'exactes.

J'ai besoin d'avoir des informations précises afin d'adapter mes mouvements et de formuler mon plan. "  
[Carta de Napoleão I a Eugène de Beauharnais, Príncipe Eugène, 24 de março de 1806].

## 1. Ciências da Linguagem e do Léxico e Língua Portuguesa

ALTMAN, Maria Cristina Fernandes Salles. **A pesquisa linguística no Brasil (1968-1988)**. São Paulo: Humanitas, 1998. 317 p.

ALVES, Ieda Maria. Aspectos da composição nominal no português contemporâneo. **Revista Alfa**, ILCSE/ UNESP, São Paulo, v. 30, n.1, p.55-63,1986/1987.

\_\_\_\_\_. **Um estudo sobre a neologia lexical: os microssistemas prefixais do português contemporâneo**. São Paulo, 2000. 380f. Tese (Livre-Docência - Letras Clássicas e Vernáculas) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

\_\_\_\_\_. (Coord.). **Glossário de termos neológicos da Economia**. Reimp. São Paulo: Humanitas, 2001a. 270 p. (Cadernos de Terminologia, 3)

\_\_\_\_\_. Terminologia e Neologia. **TRADTerm: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia**. São Paulo: Humanitas, n. 7, p. 53-70, 2001b.

\_\_\_\_\_. Neologia e tecnoletos. In: OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. 2. ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001c. p. 25-31.

\_\_\_\_\_. A unidade lexical neológica: do histórico-social ao morfológico. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.). **As Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 2. Campo Grande: Ed. UFMS, 2004. p. 77-87.

\_\_\_\_\_. A observação sistemática da neologia lexical: subsídios para o estudo do léxico. **Revista Alfa**. São Paulo: ILCSE/ UNESP. v. 50, n. 2., p. 131-144, 2006.

\_\_\_\_\_. **Neologismo: criação lexical**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007a. 93p. (Princípios, 191).

\_\_\_\_\_. Neologia e níveis de análise linguística. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; \_\_\_\_\_(org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007b, p. 77-91

\_\_\_\_\_. A neologia do português brasileiro de 1990 a 2009: tradição e mudança. In: **Neologia e neologismos em diferentes perspectivas**. In: \_\_\_\_\_ (org.). São Paulo: Paulistana, 2010. p. 63-82.

ARNTZ, Reiner; PICHT, Heribert. **Introducción a la terminología**. Tradução: Amelia de Trazazábal *et al.* Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez; Pirâmide, 1995. 384 p.

AUBERT, Francis Henrik. **Introdução à metodologia da pesquisa terminológica bilíngue**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001. 104 p. (Cadernos de Terminologia, 2).

BARBOSA, Maria Aparecida. **Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo**. São Paulo: Global, 1981. 323 p.

\_\_\_\_\_. Da microestrutura dos vocábulos técnico-científicos. In: IV ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL. Recife, 1989. **Anais...**Recife: ANPOLL, 1989.

\_\_\_\_\_. Lexicologia, lexicografia, terminologia, terminografia: identidade científica, objeto, métodos, campos de atuação”. In: II SIMPÓSIO LATINO-AMERICANO DE TERMINOLOGIA: I Encontro brasileiro de terminologia técnico-científica. Brasília. **Anais...**Brasília: União Latina; CNPq; IBICT, 1990.

\_\_\_\_\_. Contribuição ao estudo de aspectos da tipologia de obras lexicográficas. **Revista brasileira de linguística da SBPL** . São Paulo, v. 8., n. 1, p. 15-30, 1995.

\_\_\_\_\_. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de aplicação. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 433-445.

BARROS, Lídia Almeida. **Curso Básico de Terminologia**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004. 285 p. (Coleção Acadêmica, 54).

\_\_\_\_\_. O discurso terminográfico na obra *De Medicina Brasiliensi (1648)*, de Guilherme Piso. In: **TRADTerm**: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo: Humanitas, n. 11, p. 255-307, 2005.

\_\_\_\_\_. Estruturas morfossintáticas e léxico-semânticas dos termos da Dermatologia. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (org.). **As Ciências do Léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 397-407.

ARAÚJO, Mariângela de. **A elaboração de um dicionário terminológico da Economia**: aspectos da sinonímia nos discursos especializados. 2006. 136 f. Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

BERBER SARDINHA, Tony. **Usando WordSmith Tools na pesquisa linguística**. DIRECT Papers 40. São Paulo e Liverpool, 1999 (Working Paper).

\_\_\_\_\_. **Pesquisa em Linguística de Corpus com WordSmith Tools**. Campinas: Mercado das Letras, 2009. 272 p. (As Faces da Linguística Aplicada).

BOULANGER, Jean-Claude. **Une lecture socio-culturelle de la Terminologie**. Université de Rouen. v. 18, p. 13-30, 1991. (Cahiers de Linguistique Sociale, Terminologie et Linguistique).

BRAGA, Rosiane Cristina Gonçalves. **Vocabulário sistemático do subprojeto Ecovale**. 2005. 357f. Tese (Doutorado em Linguística - Semiótica e Linguística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

BRITO, Clebson Luiz de. Neologismos na imprensa escrita: a cobertura jornalística. **Revista Travessias - Educação, Cultura, Linguagem e Artes**, n. 4. Disponível em: <<http://www.unioeste.br>>. Acesso em: 13 mar. 2011.

CABRÉ, Maria Teresa. **La terminología**: teoría, metodología, aplicaciones. Barcelona: Editorial Antártida/ Empúries, 1993. 529 p.

\_\_\_\_\_. **La terminología: representación y comunicación: elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1999. 369 p.

CÂMARA JR, Joaquim Mattoso. **Dicionário de Linguística e Gramática**: referente à língua portuguesa. 27. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009 [1977].

COSERIU, Eugenio. **Teoria da linguagem e linguística geral**: cinco estudos. Tradução: Agostinho Dias Carneiro. Revisão técnica: Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1987 (Coleção Linguagem, 3). 239 p.

DEMAI, Fernanda Mello. **Um dicionário terminológico da área de Ortopedia Técnica**: descrição e análise. 2006. 390f. Dissertação (Mestrado em Linguística - Semiótica e Linguística Geral) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

DIAS, Marieta Prata de Lima. Organização de critérios para registro de termos. In: **TRAD Term**: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo: Humanitas, n. 11, p. 201-218, 2005.

DUBOIS, Jean et al. **Dicionário de linguística**. Tradução: Frederico Pessoa de Barros et al. São Paulo: Cultrix, 1997-1998 [1973]. 653 p.

DUBOIS, Jean; DUBOIS, Claude. **Introduction à la lexicographie**: le dictionnaire. Paris: Librairie Larousse, 1971. 217 p.

FAULSTICH, Enilde. A função social da terminologia. In: RODRIGUES; ALVES, GOLDSTEIN. **I Seminário de filologia e língua portuguesa**. São Paulo: Humanitas, 1999. p. 167-183.

FERRAZ, Aderlande Pereira. O panorama lingüístico brasileiro: a coexistência de línguas minoritárias com o português. **Filologia e Lingüística Portuguesa**, v. 9, p. 43-73, 2007.

FROMM, Guilherme. Ferramentas de análise lexical computadorizadas: uma aplicação prática. **Revista Factus**, Taboão da Serra, v. 1, n. 3, p. 153-164, 2004.

GAMBIER, Yves. **Pressupposés de la terminologie: vers une remise en cause**. Université de Rouen. v. 18, p. 31-58, 1991. (Cahiers de Linguistique Sociale, Terminologie et Linguistique).

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÈS, Joseph. **Dicionário de Semiótica**. Vários tradutores. São Paulo: Cultrix, 2008 [1979].

GUILBERT, Louis. **La formation du vocabulaire de l'aviation**. Paris: Librairie Larousse, 1965.

\_\_\_\_\_. Théorie du néologisme. In: Cahiers de l'Association internationale des études françaises, 1973, n° 25. pp. 9-29. doi : 10.3406/caief.1973.1020. Disponível em: <[http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief\\_0571-5865\\_1973\\_num\\_25\\_1\\_1020](http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/caief_0571-5865_1973_num_25_1_1020)>. Acesso em: 5 maio 2014.

\_\_\_\_\_. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975. 285 p. (Langue et Société).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Vocabulário básico de Recursos Naturais e Meio Ambiente**. 2. ed. Rio de Janeiro: 2004. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/vocabulario.pdf>>. Acesso em: 3 abr. 2011.

KRIEGER, Maria da Graça. O termo: questionamentos e configurações. **TRADTerm**: Revista do Centro Interdepartamental de Tradução e Terminologia. São Paulo: Humanitas, n. 7, p.111-140, 2001.

KRIEGER, Maria da Graça.; MACIEL, Anna Maria Becker (Org). **Temas de terminologia**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS; São Paulo: Humanitas/ USP, 2001. 454 p.

LEROY, Maurice. **As grandes correntes da Linguística moderna**. 2. ed. Tradução: Izidoro Blikstein; José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1971. 193 p.

MARONEZE, Bruno Oliveira. **Um estudo da mudança de classe gramatical em unidades lexicais neológicas**. 2011. 201 f. Tese (Doutorado em Letras – Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

MOUNIN, Georges. **Histoire de la linguistique : des origines au XX<sup>e</sup> siècle**. Paris: Presses Universitaires de France, 1967. (Collection Sup- Le Linguistique).

NUNES, José Horta; PETTER, Margarida. **História do saber lexical e constituição de um léxico brasileiro**. São Paulo: Humanitas; Pontes, 2002. 253 p.

PAIS, Cidmar Teodoro. Conceptualização, interdiscursividade, arquiteyto, arquidiscuro. **Revista Philologus**. Rio de Janeiro, CIEFIL/ UERJ/ ABF, v. 8, n. 23, p. 101-111, 2002. Disponível em: <[http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7\(23\)05.htm](http://www.filologia.org.br/revista/artigo/7(23)05.htm)> Acesso em: 22 fev. 2012.

PAYER, Maria Onice. A nomeação do homem do campo: aspectos discursivos. In: XXVII SEMINÁRIO DO GRUPO DE ESTUDOS LINGÜÍSTICOS DO ESTADO DE SÃO PAULO, 27, 1998, São José do Rio Preto. **Anais...** São José do Rio Preto: Ibilce, 1998, p. 310-317.

POTTIER, Bernard. **Grammaire de l'espagnol**. Paris: Presses Universitaires de France, 1972 (Coleção Que Sais-je?)

REY-DEBOVE, Josette. 1971. **Étude linguistique et sémiotique des dictionnaires français contemporains**. Paris: The Hague Mouton, 1971.

ROBIN, Régine. **História e Linguística**. Tradução: Adélia Bolle, Marilda Pereira. São Paulo: Cultrix, 1977. 327 p.

ROBINS, Robert Henry. **Linguística geral**. Tradução: Elizabeth Corbetta A. da Cunha e outros. Porto Alegre: Globo, 1977. 395 p.

ROCHA, Luís Carlos de Assis. **Estruturas morfológicas do português**. 2. ed. São Paulo: WFM Martins Fontes, 2008. 236 p.

SABLAYROLLES, Jean-François. **La néologie en français contemporain: examen du concept et analyse de productions néologiques récentes**. 2<sup>e</sup> éd. Paris: Honoré Champion, 2000. 595 p. (Lexica - Mots et Dictionnaires, 4).

\_\_\_\_\_. Études néologiques en français de France. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; ALVES, Ieda Maria (Org.). **As Ciências do Léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**, v. 3. Campo Grande: Ed. UFMS; São Paulo: Humanitas, 2007. p. 15-21.

SANDMANN, Antônio José. O que é um composto?. **D.E.L.T.A**, Curitiba, Universidade Federal do Paraná, vol. 6, n.1, 1990, p. 1-18.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 1969 [1916]. 279 p.

TEMMERMAN, Rita. Sociocognitive Terminology Theory. In: **Terminología y cognición**. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada / Universitat Pompeu Fabra, 2001.

VILELA, Mário. **Estudos de Lexicologia do Português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994. 206 p.

\_\_\_\_\_. **Léxico e Gramática**, Coimbra: Almedina, 1995. 287p.

VISUAL THESAURUS. **Feminism vocabulary (for international women's day)**. Disponível em: <<http://www.visualthesaurus.com/wordlists/40460>>. Acesso em 4 abr. 2011.

VOGT, Carlos. **Linguagem, pragmática e ideologia**. São Paulo: HUCITEC/ FUNCAMP-Fundação de Desenvolvimento da Unicamp, 1980. 169 p. (Coleção Linguagem).

WARTBURG, Walther von; ULLMANN, Stephen. **Problemas e métodos da linguística**. Tradução: Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difiel, 1975. 230 p.

WELKER, Herbert Andreas. **Dicionários: uma pequena introdução à Lexicografia**. 2. ed. Brasília: Thesaurus, 2004. 299 p.

WÜSTER, Eugen. **Introducción a la Teoría General de la Terminología y a la Lexicografía Terminológica**. Tradução: A. Nokerman. Barcelona: Institut Universitari de Lingüística Aplicada/ Universitat Pompeu Fabra, 1998 [1979]. 227 p.

## 2. Dicionários de língua geral

ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Vocabulário ortográfico da língua portuguesa**. São Paulo: Global, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

HOUAISS, Antonio, VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva. 2001.

## 3. Programas de Computador

CMAP TOOLS. Disponível em: <<http://www.baixaki.com.br/download/Cmaptools.htm>>. Acesso em: 6 maio 2010.

INSTITUTE FOR HUMAN AND MACHINE COGNITION - IHMC. **Cmap Tools**. Knowledge Modeling Kit – version 5.04.

MICROSOFT. **Pacote Office 2007.**

SCOTT, Mike. **WordSmith Tools.** Oxford University. Versão 4.0.

SCOTT, Mike. **WordSmith Tools.** Oxford University. Versão 5.0.

WORDSMITH TOOLS: Software de Análise Lexical. Disponível em: <<http://www.lexically.net/LexicalAnalysisSoftware/index.html>>. Acesso em: 13 nov. 2011.

WORDSMITH TOOLS. **Tutorial.** Disponível em: [http://www.lexically.net/wordsmith/step\\_by\\_step/?introduction.htm](http://www.lexically.net/wordsmith/step_by_step/?introduction.htm). Acesso em: out. 2011.

#### 4. Educação do Campo, Educação Geral e Legislação

ARROYO, Miguel G. Que educação básica para os povos do campo? In: SEMINÁRIO NACIONAL “EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ÁREAS DE REFORMA AGRÁRIA DO MST”, 12 a 16-9-2005, Luziânia / GO. **Transcrição de Palestra.** Palestra revisada pelo autor. Luziânia / GO, 2005. Disponível em: <[http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Que\\_educacao\\_basica\\_para\\_os\\_povos\\_do\\_campo.pdf](http://www.nre.seed.pr.gov.br/cascavel/arquivos/File/Que_educacao_basica_para_os_povos_do_campo.pdf)>. Acesso em: 10 jan. 2010.>

BELEZIA, Eva Chow. **Cooperativa-Escola: metodologia para a construção de uma cultura escolar cooperativa.** 2006. 172 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro Universitário Nove de Julho, São Paulo. 2006.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado, 1988. Título VIII, Capítulo IV, Artigo 218, Parágrafos 1º, 2º e 3º. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm)>. Acesso em: nov. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. GPET. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. **Referências para uma política nacional de Educação do Campo.** (Caderno de Subsídios). 2003. Brasília. MEC. Disponível em: <<http://www.gepec.ufscar.br/...educacao-do-campo/referencias-para-uma-politica-nacional-de-educacao-do-campo....>> Acesso em: maio 2010.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Agrário. Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável. **Resolução nº 41, de 5 de abril de 2004.** Modifica a composição do Grupo Temático de Educação do Campo criado pela Resolução nº 41 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável - CONDRAF, do Ministério do Desenvolvimento Agrário. Diário Oficial da União de 7/4/2004, Seção 1, p. 106-107. Disponível em: <[http://portal.mda.gov.br/portal/condraf/arquivos/view/resolu-es-condraf/43.%20Modifica%C3%A7%C3%A3o%20Composi%C3%A7%C3%A3op%20do%20GT%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo%202004.%20\(formato%20pdf\).pdf](http://portal.mda.gov.br/portal/condraf/arquivos/view/resolu-es-condraf/43.%20Modifica%C3%A7%C3%A3o%20Composi%C3%A7%C3%A3op%20do%20GT%20Educa%C3%A7%C3%A3o%20do%20Campo%202004.%20(formato%20pdf).pdf)>. Acesso em: 20 nov. 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. GPET. Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo. **Proposta do Grupo Permanente de Trabalho de Educação do Campo (GPET/MEC) para o Plano Nacional de Educação.** Brasília: MEC. 2005. Disponível em: <[http://www.contag.org.br/.../f304Plano\\_Nacional\\_%20de\\_Educacao\\_%20do\\_campo](http://www.contag.org.br/.../f304Plano_Nacional_%20de_Educacao_%20do_campo)>. Acesso em: jul. 2010.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CEB nº 7/2010. **Diretrizes curriculares nacionais gerais para a Educação Básica**. Aprovado em 7.4.2010. Diário Oficial da União de 9/7/2010, Seção 1, p. 10. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br>>. Acesso em: abr. 2010.

CALDART, Roseli Salete. **Pedagogia do Movimento Sem Terra**. 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2004. 440 p.

\_\_\_\_\_. **Teses sobre a pedagogia do Movimento**. Texto elaborado a partir de notas e diálogos com estudantes dos cursos de Pedagogia da Terra da Via Campesina e de Especialização em Educação do Campo. Iterra-UnB. Fev 2003-mar. 2005.

CALDART, Roseli Salete et al. **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio; Expressão Popular, 2012, 788 p.

CENTRO PAULA SOUZA. Unidade de Ensino Médio e Técnico. Grupo de Formulação e Análises Curriculares. **Planos de curso da área de Agropecuária: Agricultura, Agricultura familiar, Agroindústria, Agropecuária, Agroecologia, Gestão da empresa rural, Zootecnia**. Centro Paula Souza. Disponível em: <<http://labcurriculo.educacao.ws/>>. São Paulo. 1995-1999.

DEMAI, Fernanda Mello. **Livro das competências profissionais**: a síntese dos 90 cursos técnicos e das 115 qualificações oferecidas pelo Centro Paula Souza. nº 2. Centro Paula Souza; i9, 2009. 280 p.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **Delimitação conceitual de campesinato**. Presidente Prudente: 2004. (Não Publicado)

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 40. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009 [1996].

HEBETTE, Jean. O campesinato paraense. In: VIA CAMPESINA BRASIL. **Um referencial para o campesinato do Brasil**. Versão preliminar. Disponível em: <<http://www.coptec.org.br>>. Acesso em: 1 jun. 2013.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Relatório da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2011/>>. Acesso em: 2011.

INSTITUTO PAULO MONTENEGRO. Ação Social do Ibope. Ação Educativa. **INAF Brasil 2011/ Indicador de alfabetismo funcional/ principais resultados**. Disponível em: <[http://www.ipm.org.br/download/informe\\_resultados\\_inaf2011\\_versao%20final\\_12072012b.pdf](http://www.ipm.org.br/download/informe_resultados_inaf2011_versao%20final_12072012b.pdf)>. Acesso em: 2011.

MOLINA, Mônica Castagna; JESUS, Sônia Meire Santos Azevedo de. (Orgs.) **Contribuições para a construção de um projeto de Educação do Campo**. Articulação Nacional por uma Educação do Campo, 2005. 130 p. (Por uma Educação do Campo, 5).

MORISSAWA, Mitsue. **A História da luta pela terra e o MST**. São Paulo: Expressão Popular, 2001. 256 p.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA - MST. **Cartilha FUNDEP/DER/ MST RS**. julho de 1990.

\_\_\_\_\_. **Documento Básico do MST**. Piracicaba: MST, 1991.

\_\_\_\_\_. **Como deve ser a escola de assentamento?** São Paulo: Iterra, 1992. (Boletim de Educação, 1)

\_\_\_\_\_. **Princípios da educação no MST**. São Paulo: Iterra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Como fazemos a escola de educação fundamental?** São Paulo: Iterra, 1999. 48p. (Caderno de Educação, 9).

\_\_\_\_\_. **Educação de jovens e adultos: sempre é tempo de aprender**. São Paulo: Iterra, 2004a. (Caderno de Educação, 11).

\_\_\_\_\_. **Educação Infantil: movimento da vida, dança do aprender**. São Paulo: Iterra, 2004b. 56 p.

\_\_\_\_\_. **Dossiê escola: documentos de estudos 1990-2001**. São Paulo: Iterra, 2005. (Caderno de Educação, 13)

\_\_\_\_\_. **Escola Itinerante do MST: história, projeto e experiências**. Curitiba: Setor de Educação do MST; Secretaria de Estado da Educação do Paraná, 2008. 86p. (Cadernos da Escola Itinerante, 1)

PALUDO, Conceição. Da raiz/ herança da educação popular à pedagogia do movimento e a educação no e do campo: um olhar para a trajetória da educação do MST. In: 29 REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Educação, cultura e conhecimento na contemporaneidade: desafios e compromissos. Caxambu, 15 a 18 de outubro de 2006. **Anais...** Caxambu, 2006.

SÃO PAULO (Estado). **Lei complementar n. 1.038, de 06 de março de 2008**. Cria a Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, e dá providências correlatas. Disponível em: <http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/portal.php/legislacao>. Acesso em: 4 abr. 2011.

SOUZA, Maria Antônia. **Educação e Movimentos Sociais do Campo: a produção do conhecimento no período de 1987 a 2007**. Curitiba: Ed. UFPR, 2010. 328 p. (Pesquisa, 162)

## 5. Páginas da Internet

BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 2010-2012.

CENTRO PAULA SOUZA. Disponível em: <<http://www.centropaulasouza.sp.gov.br>>. Acesso em: 2010-2012.

CENTRO PAULA SOUZA. Unidade de Ensino Médio e Técnico (CETEC). Disponível em: <<http://www.cpscetec.com.br>>. Acesso em: 2010-2012.

CENTRO PAULA SOUZA. Unidade de Ensino Médio e Técnico (CETEC). Grupo de Formulação e Análises Curriculares (Gfac). Planos de curso das habilitações profissionais

técnicas de nível médio. Disponível em: <<http://labcurriculo.educacao.ws/>>. Acesso em: 2010-2013.

CONSCIENCIA.NET. Questão agrária: Educação do Campo. Disponível em <<http://www.consciencia.net/arquivo/agraria-edu.html>>. Acesso em: 2010-2012.

COOPERATIVA DE PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS TÉCNICOS (Coptec). Disponível em: <<http://www.coptec.org.br/>>. Acesso em: maio 2013.

INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA (INCRA). Disponível em: <<http://www.incra.gov.br/portal/>> Acesso em: 2010-2012.

MÓBILE ESTÚDIO. Estúdio de Design. João Batista de Macedo Júnior. Disponível em: <<http://mobileestudio.com.br>>. Acesso em: 23 maio 2014.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA (MST). Disponível em: <<http://www.mst.org.br>>. Acesso em: 2010-2013.

PORTAL ODM. Acompanhamento Municipal dos Objetivos de Desenvolvimento do Milênio. Disponível em: <<http://www.portalodm.com.br/analfabetismo-no-brasil-supera-media-da-america-latina--n--496.html>>. Acesso em: 3 ago. 2013.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM RURAL (SENAR). Disponível em: <<http://www.faespsenar.com.br>>. Acesso em: 2010-2013.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). **Projeto TermNeo:** Observatório de Neologismos do Português Brasileiro Contemporâneo. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/>>. Acesso em: 2010-2013.

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH). Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV). Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/dlcv/neo/index.php>>. Acesso em: 2011.

VIA CAMPESINA. Organização internacional de camponeses. Disponível em: <<http://viacampesina.org/en/>>. Acesso em 2013.

## 6. Ciências Sociais e Políticas e Filosofia

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de Filosofia**. 1. ed. em português. Tradução coordenada e revista por: Alfredo Bosi. Vários tradutores. São Paulo: Mestre Jou, 1970. 976 p.

GRAMSCI, Antonio. **Los intelectuales y la organización de la cultura**. Tradução: Raúl Sciarreta. Argentina: Lautaro, 1960.

\_\_\_\_\_. **Concepção dialética da História**. 2. ed. Tradução: Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. 341 p.

## 7. Metodologia e Normas Técnicas

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS (ABNT). **NBR 13789:** Terminologia: Princípios e métodos: elaboração e apresentação de normas de terminologia. Rio de Janeiro, 1997. 17 p.

\_\_\_\_\_. **NBR 6023:** informação e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002, 24 p.

CLASSIFICAÇÃO DECIMAL UNIVERSAL (CDU). Edição média em língua portuguesa/ FID. 2. ed. Brasília: Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT), 1987.

INTERNATIONAL ORGANIZATION FOR STANDARDIZATION (ISO). **ISO 704:** Principles and methods of terminology, 1987.

\_\_\_\_\_. **ISO 704.** Terminology work: Principles and methods. 2.ed. Geneva, 2000.

\_\_\_\_\_. **ISO 1087:** Terminology vocabulary. Geneva, 1989.

## **APÊNDICES**

## APÊNDICE A - Proposta de redação de verbetes para uma futura obra terminográfica relativa à área de Educação do Campo

### AP.A.1. Estruturação e organização do glossário

#### AP.A.1.1 Macroestrutura

Nossa proposta de organização para o glossário, no que tange à organização vertical dos verbetes, denominada macroestrutura - nas palavras de Rey-Debove “l’ensemble des entrées ordonnées, toujours soumise à une lecture verticale partielle lors du repérage de l’objet du message” (REY-DEBOVE, 1971) - é a de **organização sistemática, por campo conceitual, que privilegia o eixo sintagmático ou relacional**. Esse modo de ordenação opõe-se à ordenação alfabética, a qual privilegia o eixo paradigmático ou descontínuo, de acordo com Greimas (1979).

Optamos pela organização sistemática pelo fato desta facilitar a (re) construção e a identificação das redes conceituais subjacentes que relacionam cada conceito e cada termo na macroestrutura da obra dicionarística.

#### AP.A.1.2 Microestrutura: os paradigmas informacional, definicional, pragmático e relacional

Para a *microestrutura*, a organização horizontal dos artigos/ verbetes, elaboramos a seguinte ordenação, de acordo com as proposições teóricas de Barbosa (1989), feitas à luz de modelos teórico-práticos de Rey-Debove:

**ARTIGO/ VERBETE = {ENTRADA + PI<sup>1</sup> + PD ± PP ± PI<sup>2</sup> ± notas}**

**enunciado lexicográfico (e.n.)**

em que:

<b>artigo/ verbeta</b>	conjunto formado por entrada + enunciado lexicográfico	= {ENTRADA + PI <sup>1</sup> + PD ± PP ± PI <sup>2</sup> ± notas}
<b>entrada</b>	termo definido	= {termo simples/ composição sintagmática}
<b>PI<sup>1</sup></b>	= Paradigma I <sup>1</sup> (informacional 1) = {PI <sup>1</sup> <sub>1</sub> , PI <sup>1</sup> <sub>2</sub> , ..., PI <sup>1</sup> <sub>n</sub> }	= {categoria + gênero}
<b>e.n.</b>	= enunciado lexicográfico	= {informações semânticas e/ ou pragmáticas sobre a entrada}
<b>PD</b>	= Paradigma D (definicional) = {PD <sub>1</sub> , PD <sub>2</sub> , ..., PD <sub>n</sub> }	= {sema <sub>1</sub> , sema <sub>2</sub> ,... sema <sub>n</sub> }
<b>PP</b>	= Paradigma P (pragmático) = {PP <sub>1</sub> , PP <sub>2</sub> , ..., PP <sub>n</sub> }	= {classe contextual <sub>1</sub> , classe contextual <sub>2</sub> ,... classe contextual <sub>n</sub> }
<b>PI<sup>2</sup></b>	= Paradigma I <sup>2</sup> (informacional 2) = {PI <sup>2</sup> <sub>1</sub> , PI <sup>2</sup> <sub>2</sub> , ..., PI <sup>2</sup> <sub>n</sub> }	= {sinônimos e/ ou variantes, e/ ou siglas}
<b>notas</b>	= notas = {notas <sub>1</sub> , notas <sub>2</sub> , ..., notas <sub>n</sub> }	= {informação complementar <sub>1</sub> , informação complementar <sub>2</sub> , ..., informação complementar <sub>n</sub> }
<b>+</b>	indica que o paradigma seguinte é obrigatório	= {PI <sup>1</sup> + PD}
<b>±</b>	indica que o paradigma seguinte é facultativo	= {PP ± PI <sup>2</sup> ± notas}

A seguir, detalhamos os termos constantes do esquema da microestrutura:

- a. **artigo ou verbete:** conjunto composto pela entrada e pelo enunciado lexicográfico a respeito da entrada;
- b. **entrada:** termo definido; apresentada em negrito e em minúsculas (salvo casos de nomes de pessoas ou de ciências) e em forma lematizada;
- c. **paradigma informacional<sup>1</sup>:** serão apresentados a categoria gramatical, em itálico, em minúsculas e de forma abreviada;
- d. **paradigma definicional:** será apresentada a definição propriamente dita, em letras minúsculas, salvo casos de nomes de pessoas ou de ciências. Adotaremos o tipo de **definição por compreensão ou analítica**, que apresenta um **descriptor genérico** comum a uma classe semântica e traços específicos que diferenciam os conceitos e, em decorrência, os termos. Optamos por esse tipo de definição por sua característica de permitir a associação dos conceitos às classes semânticas a que pertencem, facilitando a (re) construção do sistema conceptual subjacente. Procuraremos abranger as seguintes características em cada uma das definições: **descriptor genérico + princípio científico-filosófico + características procedimentais + aplicação**. Salientamos que, provavelmente, não será possível manter uma homogeneidade severa em todas as estruturas definicionais, devido às especificidades de cada campo semântico e da área de estudo;

e. **paradigma pragmático**: serão apresentados, na maioria dos verbetes, contextos em que os termos aparecem em textos da área, em formato itálico. A principal função do paradigma pragmático será a de complementar semântica e pragmaticamente a definição;

f. **paradigma informacional<sup>2</sup>**: serão apresentados os sinônimos, as variantes e as siglas, quando houver;

g. **Nota(s)**: serão apresentadas notas de caráter enciclopédico e/ ou linguístico, quando necessário.

Serão utilizadas as seguintes formas abreviadas:

<b>s.m.:</b>	<b>substantivo masculino</b>
<b>s.f.:</b>	<b>substantivo feminino</b>
<b>adj.:</b>	<b>adjetivo</b>
<b>Var.:</b>	<b>variante</b>
<b>sin.:</b>	<b>sinônimo</b>
<b>Cf. :</b>	<b>conferir/ conforme</b>
<b>p.:</b>	<b>página</b>

A rede de relações inter-verbetes, o sistema de remissivas, será marcada por meio da inserção do caracter (\*), que sucederá imediatamente os termos que constituírem-se em outras entradas do dicionário.

As relações hiperonímicas e hiponímicas entre os termos serão representadas pela forma abreviada “Cf.”: os hipônimos serão remetidos aos respectivos hiperônimos por meio deste recurso.

As variantes e os sinônimos serão remetidos para a forma preferencial por meio do marcador “Ver”.

AP.A.1.3 Amostra de um glossário de termos neológicos da área de Educação do Campo: apresentação de alguns verbetes

Eis uma amostra de alguns termos que poderiam compor um glossário ou dicionário terminológico da área de Educação do Campo.

Esclarecemos que essa amostra faz parte de um trabalho inicial que desenvolvemos em relação aos termos da área em questão, na fase de projeto da pesquisa, o qual não coincide exatamente com os termos que formam o *corpus* de análise nem com os objetivos selecionados para esta tese.

Este Apêndice A tem caráter meramente ilustrativo das possibilidades de um trabalho terminográfico posterior que represente a área de Educação do Campo.

## PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

### **combate ao analfabetismo** *s.m.*

processo político-pedagógico destinado à identificação e à solução de falhas sociais relativas à alfabetização da população do campo.

### **democratização da educação** *s.f.*

processo pelo qual o acesso à educação do campo\* deve ser ampliado e compartilhado igualmente à população do campo\*.

### **direito à educação** *s.m.*

prerrogativa que garante à população acesso à educação do campo\*.

*Passou-se por muitas dificuldades na continuidade da alfabetização, mas não se recuou na luta para tornar real o direito à educação para os trabalhadores da reforma agrária.* (MST-CE11, 2004, p. 14)

### **educação do campo** *s.f.*

processo direcionado por práticas e princípios sócio-históricos relacionados ao ensino e à aprendizagem nas zonas rurais, protagonizado por sujeitos políticos inseridos em movimentos sociais em prol das classes trabalhadoras.

*A Educação do Campo se constitui a partir de uma contradição que é a própria contradição de classe no campo: existe uma incompatibilidade de origem entre a agricultura capitalista e a Educação do Campo, exatamente porque a primeira sobrevive da exclusão e morte dos camponeses, que são os sujeitos principais da segunda.* (PEC, 2005, p. 19)

### **educação tradicional** *s.m.*

processo pelo qual são transmitidos conhecimentos sociais, científicos e filosóficos da cultura economicamente dominante.

*A gente estava acostumada a dar aquela educação tradicional, chegar em sala de aula e só falar, despejar matéria em cima dos alunos, não permitindo que eles contassem a vida deles, não questionando nada.* (MST-CE13, 2005, p. 19)

### **liberdade de ensino** *s.f.*

princípio pelo qual a escola do campo\* é garantido o direito de ministrar os conhecimentos relacionados à sua axiologia e à sua ideologia, independentemente do ensino tradicional\*.

### **parcialidade política** *s.f.*

posicionamento político que leva à escolha por uma ideologia marcada no contexto sócio-histórico.

## METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

### **currículo escolar do campo** *s.m.*

sistematização dos conteúdos educativos planejados para um curso ou disciplina<sup>1</sup> de acordo com as filosofias subjacentes à educação do campo\* e aos responsáveis pela programação e de acordo com as diretrizes legais, estaduais e federais.

*O currículo escolar do campo tem conteúdo. Mas não é só isso. É um conjunto de práticas que são desenvolvidas de forma planejada pelo coletivo da escola.* (MST-CE13, p. 52)

**Nota: 1** - também denominados *matéria, tema* ou *componente curricular*

### **equipe de educação do campo** *s.f.*

conjunto multidisciplinar de profissionais que atuam nas escolas do campo\* em tarefas docentes e administrativas.

*A constituição de equipes de educação do campo compostas pelas professoras e pessoas da comunidade acampada ou assentada mais sensíveis a esta questão, a reflexão do método das aulas a partir das contribuições da educação popular.* (MST-CE11, 2004, p. 7)

*Equipe de educação do campo é o grupo ou comissão de pessoas escolhidas pelo assentamento para tratar das*

*condições de educação e representar a comunidade na direção da escola.* (MST-CE13, 2005, p. 110)

### **escola do campo** *s.f.*

instituição pública localizada em assentamentos rurais em que se ministram coletivamente conhecimentos e técnicas referentes ao trabalho rural, à cooperação, à identidade das expressões culturais do campo, à militância e à luta popular.

*A escola do MST é uma Escola do Campo, vinculada a um movimento de luta social pela Reforma Agrária no Brasil. Ela é uma escola pública, com participação da comunidade na sua gestão e orientada pela Pedagogia do Movimento, que, como vimos, é na verdade o movimento de diversas pedagogias.* (MST-CE13, 2005, p. 205)

### **planejamento escolar** *s.m.*

processo pedagógico destinado à projeção e à previsão das atividades docentes, discentes e administrativas à escola do campo\*

*Há limites no planejamento escolar: ele às vezes é feito e não executado. Na hora da elaboração são impostas ideias sem levar em conta a realidade e o que o monitor pensa sobre isso.* (MST-CE11, 2004, p. 19)

## ORGANIZAÇÃO ESTRUTURAL DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

### **acampamento rural** *s.m.*

fase inicial da formação que dá origem a um ou mais assentamentos rurais\*.

*Além das crianças, também os adultos dos acampamentos rurais sentiam a necessidade da educação. Quando tinham que assinar documentos, muitos não sabiam escrever o próprio nome. Com isso viram, que, além de serem excluídos da terra, também eram excluídos de alguns saberes, também importantes.* (MST-CE13, 2005, p. 187)

### **aluno militante** *s.m.*

membro da equipe de educação do campo \* a quem são destinados os ensinamentos e as demais atividades pedagógicas da escola do campo\*.

*Todos os princípios que sustentam nossa proposta de educação deve devem desembocar num aluno militante.* (MST-CE13, 2005, p. 47)

### **assentado rural** *s.m.*

indivíduo que habita, trabalha e participa de militância em prol da reforma agrária em assentamentos rurais\*.

*São condições básicas para desenvolvimento cultural [...] o estímulo e a valorização coletiva das expressões culturais dos assentados rurais: poemas, canções, artesanatos, festas, talentos ou habilidades pessoais que devem ser desenvolvidas em todas as idades como formas de expressar a história e o conhecimento acumulado pelo grupo.* (MST-CE13, 2005, p. 35)

### **assentamento rural** *s.m.*

organização popular que se estabelece em zonas rurais com o objetivo de militância em prol da reforma agrária.

*É importante que o trabalho e a organização das crianças na escola tenham ligação com a vida do assentamento rural. [...] Ao mesmo tempo o assentamento todo, e não só os pais dos alunos, devem discutir sempre os rumos da escola.* (MST-CE13, 2005, p. 35)

### **criança do campo** *s.f.*

ser humano residente em assentamentos\* ou acampamentos rurais\* que se encontra na fase da infância, que vai do nascimento à puberdade.

*A própria organização das crianças do campo pode puxar certas iniciativas como, por exemplo, o incentivo à leitura*

*através da montagem da biblioteca do assentamento, a participação em brigadas de alfabetização de adultos, a organização da festa de aniversário do assentamento etc.* (MST-CE13, 2005, p. 35)

### **criança sem terra** *s.f.*

var. criança ST

criança que habita acampamentos ou assentamentos rurais\* cuja família caracteriza-se pela condição de sem terra\*.

*As crianças sem terra e o direito à educação: a escola é uma luta antiga. No meu acampamento em 1989, em Cruz Alta, a gente escrevia na areia. Hoje a coisa evoluiu, já tem materiais didáticos, lonas, cadernos. Hoje já tem lona pra fazer o barraco e pra fazer a escola. E ainda a escola é legalizada (Nina).* (MST-CE13, 2005, p. 187)

### **criança ST** *s.f.*

(var)

#### **Ver criança sem terra**

*Inspiradas por essas ideias, exigidas pela realidade do acampamento e depois do assentamento, e promovendo reuniões sistemáticas com os pais, iniciaram [as professoras] uma experiência, ainda que solitária, de “escola diferente” para as crianças ST.* (MST-CE13, 2005, p. 13)

### **povo do campo** *s.m.*

conjunto de habitantes de zonas rurais.

*A Educação do Campo faz o diálogo com a teoria pedagógica desde a realidade particular dos camponeses, mas preocupada com a educação do conjunto da população trabalhadora do campo e, mais amplamente, com a formação humana. E, sobretudo, trata de construir uma educação do povo do campo e não apenas com ele, nem muito menos para ele.* (PEC, 2005, p. 18)

### **professor militante** *s.m.*

profissional da equipe de educação\* responsável pela implementação do currículo escolar do campo\* e das demais atividades pedagógicas da escola do campo\*.

*Professor (a)militante: não é qualquer professor(a) que consegue assumir o desafio da prática desta proposta. É preciso ser militante, ou seja, uma pessoa comprometida com a luta popular e disposta a trabalhar, não apenas por um salário, mas também por um projeto educativo e político.* (MST-CE13, 2005, p. 143)

## FINS E IDEAIS DA EDUCAÇÃO DO CAMPO

### **atualização docente** *s.f.*

processo pelo qual idealmente os professores-militantes\* teriam acesso a conhecimentos canônicos do mundo acadêmico e também a proposições de novas ideologias e metodologias de ensino ligadas aos contextos das lutas sociais no campo.

### **conscientização política** *s.f.*

processo pelo qual idealmente os participantes de movimentos sociais rurais terão acesso a conceitos de ordem socioeconômica, política e histórica que determinam diretamente a distribuição das terras e da renda agrícola.

### **construção do novo** *s.f.*

conjunto de conceitos, práticas e objetivos relativos a uma nova construção ideológica de conhecimentos técnicos, científicos e filosóficos, visando às peculiaridades do mundo agrícola.

### **democratização do conhecimento** *s.f.*

processo pelo qual idealmente os saberes técnicos, científicos e sociopolíticos seriam disseminados de maneira igualitária entre as diversas camadas sociais.

### **formação de militantes** *s.m.*

processo da educação do campo\* que visa à formação ideológica e proativa de professores-militantes\*, alunos do campo\* e de todos os membros de comunidades rurais que participam de movimentos sociais do campo em prol da reforma agrária e da construção do novo\*.

*Um dos grandes objetivos de uma escola organicamente ligada a um movimento social é a **formação de militantes**. É isso que garante a continuidade e o avanço da luta popular.* (MST-CE13, 2005, p. 47)

### **formação de parcerias** *s.f.*

processo pelo qual idealmente as comunidades participantes de movimentos sociais do campo buscarão e conseguirão aliados em comunidades vizinhas e no entorno social a fim de fortalecer sua luta e sua militância pela construção do novo\*.

### **integração da comunidade** *s.f.*

processo pelo qual idealmente os participantes de movimentos sociais rurais promoverão a colaboração mútua a todos os seus membros e atividades coletivas, visando ao alcance dos objetivos comuns.

### **projeto alternativo de vida social** *s.m.*

conjunto de conceitos, práticas e objetivos relativos a reforma agrária e consequente transformação política e socioeconômica.

*Escola e educação devem construir um **projeto alternativo de vida social**, com uma metodologia baseada na concepção dialética do conhecimento.* (MST-CE11, 2004, p. 9)

## APÊNDICE B. Comentário analítico de verbete do Dicionário da Educação do Campo de Caldart et al. (2012)

Para exemplificar a distinção entre definição terminológica e definição enciclopédica, apresentamos o seguinte comentário comparativo:

### a. Definição terminológica (proposta)

#### **escola do campo** *s.f.*

instituição pública de ensino localizada em assentamentos rurais em que se ministram coletivamente conhecimentos e técnicas referentes ao trabalho rural, à cooperação, à identidade das expressões culturais do campo, à militância e à luta popular.

*A escola do MST é uma **Escola do Campo**, vinculada a um movimento de luta social pela Reforma Agrária no Brasil. Ela é uma escola pública, com participação da comunidade na sua gestão e orientada pela Pedagogia do Movimento, que, como vimos, é na verdade o movimento de diversas*

*pedagogias.* (MST- Movimento dos Trabalhadores Rurais do Campo. Caderno de Educação número 13, 2005, p. 205).

Nota: As escolas do campo podem também ter uma versão itinerante, a chamada *escola itinerante do campo*. Nos casos em que ainda não houve a fixação em assentamentos rurais/ de reforma agrária, a escola do campo acompanha a dinâmica dos acampamentos e não se constitui em uma instituição física, com muros, paredes, salas de aula e lousas e carteiras, mas sim em um conjunto de atores e suas práticas educacionais, que se misturam às práticas e ao cotidiano do assentamento rural/ de reforma agrária, integrando os processos produtivos do campo, a luta pela terra e os demais objetivos libertários dos movimentos sociais camponeses.

[definição nossa]

Este tipo de definição, que caracterizamos como terminológica, tem base nos fundamentos da Lexicologia e da Lexicografia.

É uma definição que parte de um descritor genérico (*instituição pública de ensino*) e aprofunda-se, a seguir, nas especificidades que particularizam o conceito (exemplo: *localizada em assentamentos rurais*). É feita a representação dos semas considerados imprescindíveis para a caracterização do conceito, priorizando-se a objetividade, a clareza e a representação de todos os semas pertinentes. Explicações à parte do que é considerado *necessário* para especificar o conceito são colocadas em forma de "notas". Esta é uma das formas de se estruturar uma definição terminológica, encontrada em várias obras terminológicas/ terminográficas.

Também há a preocupação em se atribuir a categoria gramatical correspondente, como, por exemplo, *s.f.* (substantivo feminino). Como um dicionário tem a diretriz de ser um referencial para o uso da língua, essas informações gramaticais são necessárias e pertinentes, bem como os contextos de utilização (em itálico), que demonstram a ocorrência do termo em frases reais, atestadas, abonadas.

Pode-se fazer escolha por representar itens de caráter enciclopédico nas definições terminológicas (informações de mundo, nomes de pessoas, instituições, movimentos, teorias, entre outros). É um forte ponto de intersecção entre dicionários e enciclopédias.

## b. Definição enciclopédica

### ESCOLA DO CAMPO

Mônica Castagna Molina (1)

Lais Mourão Sá

A concepção de escola do campo nasce e se desenvolve no bojo do movimento da EDUCAÇÃO DO CAMPO, a partir das experiências de formação humana desenvolvidas no contexto de luta dos movimentos sociais camponeses por terra e educação. Trata-se, portanto, de uma concepção que emerge das contradições da luta social e das práticas de educação dos trabalhadores do e no campo.

Sendo assim, ela se coloca numa relação de antagonismo às concepções de escola hegemônicas e ao projeto de educação proposto para a classe trabalhadora pelo sistema do capital. O movimento histórico de construção da concepção de escola do campo faz parte do mesmo movimento de construção de um projeto de campo e de sociedade pelas forças sociais da classe trabalhadora, mobilizadas no momento atual na disputa contra-hegemônica.

Assim, a concepção de escola do campo a ser tratada aqui se enraíza no processo histórico da luta da classe trabalhadora pela superação do sistema do capital. O acesso ao conhecimento e a garantia do direito à escolarização para os sujeitos do campo fazem parte desta luta. A especificidade desta inserção se manifesta nas condições concretas em que ocorre a luta de classes no campo brasileiro, tendo em vista o modo de expansão do AGRONEGÓCIO e suas determinações sobre a luta pela terra e a identidade de classe dos sujeitos coletivos do campo.

[...] Uma das importantes vitórias conquistadas na luta dos movimentos sociais pela construção desta concepção de escola do campo foi o seu reconhecimento em marcos legais, o que se deu somente após muitos anos de experiências e práticas concretas de Educação do Campo. O primeiro destes marcos a reconhecer e utilizar a expressão escola do campo, como figura jurídica legalmente reconhecida, portanto demarcando uma diferenciação em relação à expressão escola rural (5), foram as "Diretrizes operacionais para educação básica das escolas do campo", de abril de 2002 (Brasil, 2002), expedidas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE). O fato de esta denominação ser incorporada na agenda político-jurídica configura avanço e vitória dos que reafirmam a imprescindibilidade do campo na construção de um modelo novo de desenvolvimento.

Consoante com esta interpretação, consideramos relevante destacar a definição conquistada naquelas diretrizes sobre a identidade das escolas do campo, como acontece no parágrafo único do artigo 2:

[...] a identidade das escolas do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na

sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva do país (Brasil, 2002) (2)

[...] Podemos destacar, então, quais são as principais questões que devem ser alteradas na escola do campo, para que possa atuar de acordo com os princípios da Educação do Campo. Antes de mais nada, é preciso compreender que não se pode pensar em transformação da escola, sem pensar na questão da transformação das finalidades educativas e na revisão do projeto de formação do ser humano que fundamenta essas finalidades. Qualquer prática educativa se fundamenta numa concepção de ser humano, numa visão de mundo e num modo de pensar os processos de humanização e formação do ser humano (Caldart, 2010) (3)

Para que a escola do campo contribua no fortalecimento das lutas de resistência dos camponeses, é imprescindível garantir articulação político-pedagógica entre a escola e a comunidade por meio da democratização do acesso ao conhecimento científico. As estratégias adequadas ao cultivo desta participação devem promover a construção de espaços coletivos de decisão sobre os trabalhos a serem executados e sobre as prioridades da comunidade nas quais a escola pode vir a ter contribuições.

Outra dimensão significativa nas escolas do campo é a lógica do trabalho e da organização coletiva.

[...] Outro aspecto central a ser transformado na escola do campo é o fato de seus processos de ensino e aprendizagem não se desenvolverem apartados da realidade de seus educandos.

[...] Retomando as colocações iniciais sobre as potencialidades de construção desta escola do campo, em que se afirmou que uma das suas possibilidades é contribuir para a formação de intelectuais orgânicos do campo, explicita-se a importância da mudança deste padrão de relacionamento das escolas do campo com a produção do conhecimento, e as contribuições que daí podem advir, para melhorar as possibilidades de resistência dos sujeitos do campo aos processos de desterritorialização que lhes têm sido impostos pelo voraz aumento das estratégias de acumulação de capital desenvolvidas pelo agronegócio.

#### Para saber mais (4)

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO (MEC). CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CNE). Resolução CNE/ CEB n 1, de 3 de abril de 2002: institui diretrizes operacionais para a educação básica das escolas do campo. *Diário Oficial da União*, 9 abr. 2002. [...]

Fizemos um recorte do verbete *Escola do Campo*, que é bastante extenso. O verbete, que classificamos como enciclopédico ocupa oito páginas (de duas colunas cada) do Dicionário de Caldart et al (2012, p. 324-331).

Destacamos nota (1) um aspecto que chama a atenção logo no início do verbete: a autoria. Em dicionários terminológicos, a autoria ou a organização não costumam vir em cada um dos verbetes, mas sim separadamente.

Em (2) e (3), apontamos citações, direta (transcrição) e indireta (paráfrase), o que não costuma ser verificado em definições terminológicas, a não ser em forma de contexto (abonação).

O gênero desse verbete enciclopédico, dissertativo-argumentativo (igualmente verificado para os outros verbetes), permite esse tipo de recurso (citações), para a fundamentação e defesa dos argumentos e da exposição.

De igual modo, a colocação de uma bibliografia, nota (4), "**Para saber mais**", também não é usual em um dicionário terminológico. Geralmente, a bibliografia e/ ou a lista de obras consultadas e referências constam do final do dicionário terminológico, como ocorre em dicionários de língua geral.

Não se verifica nessa definição terminológica a priorização de semas pertinentes, mas sim toda uma caracterização histórica, com utilização exclusivamente de informações de cunho enciclopédico.

No entanto, destaca-se a informação metalinguística da diferença de denominação, que representa uma diferença conceitual (terminologia), entre os termos *Escola do Campo* e *Escola Rural*, nota (5).

Dessa forma, existe intersecção entre dicionário terminológico e dicionário enciclopédico, seja pela inclusão de informações enciclopédicas no primeiro, seja pela inclusão de informações metalinguísticas no segundo.

Constatamos que a imposição de limites rígidos entre dicionário e enciclopédica não é possível (nem necessária).

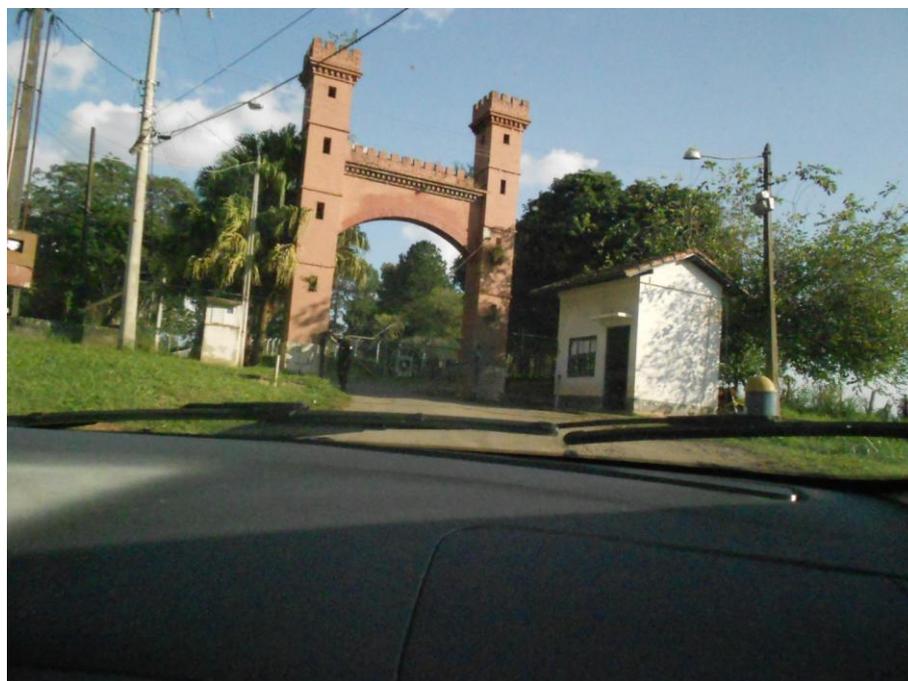
Verificamos que existe complementaridade entre os dois tipos de instrumento do saber, pois cada um tem seus objetivos e seu alcance. Existem, pois, obras enciclopédicas, e obras que priorizam uma descrição terminológica mais objetiva e pontual.

Cada gênero e cada obra atende a uma função e tem seu valor na sociedade e na cultura em que estão inseridos. É importante explorar as potencialidades de cada um(a), de acordo também com os objetivos dos usuários desses dicionários e dessas enciclopédias, pois o consulente é o ponto de chegada e também o ponto de partida da difusão do conhecimento.

## **APÊNDICE C. FOTOGRAFIAS - VISITA A ESCOLA DA FAZENDA IPANEMA - IPERÓ - SP - ABRIL DE 2013**

Fizemos contatos e uma viagem a Iperó - SP -, para conhecer uma Escola Municipal próxima a assentamento de Reforma Agrária denominada: Escola Municipal Dona Gláucia Aparecida Andrade Nogueira, em 19 de abril de 2013 - Fazenda Ipanema.

Inserimos algumas fotos, inclusive uma com a pesquisadora - Fotografia 2. Não apresentamos as fotografias dos alunos por serem menores de idade - não conseguimos autorização de cessão de imagens, pois os pais e responsáveis não estavam presentes.



Fotografia 1 - Entrada da escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013.  
Crédito: Fernanda Mello Demai



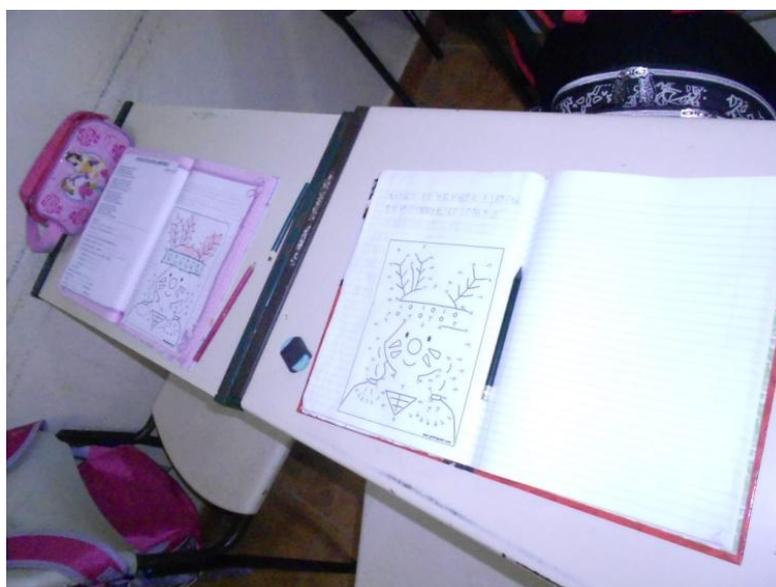
Fotografia 2 - A pesquisadora - Fernanda Mello Demai - Escola da Fazenda Ipanema.  
Iperó, SP, 19 abr. 2013.  
Crédito: Divanil Antunes Urbano



Fotografia 3 - Uma sala de aula - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013.  
Crédito: Fernanda Mello Demai



Fotografia 4 - Mural dos alunos - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP, 19 abr. 2013.  
Crédito: Divanil Antunes Urbano



Fotografia 5 - Carteiras e Cadernos dos alunos - Escola da Fazenda Ipanema. Iperó, SP,  
19 abr. 2013.  
Crédito: Fernanda Mello Demai

Na verdade, a Escola da Fazenda Ipanema é uma Escola NO Campo e não uma Escola DO Campo. Os filhos de assentados rurais estudam na Escola, mas as práticas do assentamento e suas ideologias não são utilizadas e sim o material do SESI, comprado pela Prefeitura.

Já tivemos acesso à configurações da Escola DO Campo e fizemos referências na tese.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1 - Fotografias - Escolas do MST

Fotos de escolas e estudantes de assentamentos e de acampamentos rurais pelo Brasil, extraídas do site do MST, quando do início desta pesquisa, o que corroborou o interesse pelo tema



Fonte: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA.  
Disponível em: <<http://www.mst.org.br/mst>>. Acesso em: 28 abr. 2008.



Fonte: MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA.  
Disponível em: <<http://www.mst.org.br/mst>>. Acesso em: 28 abr. 2008.

## ANEXO 2 - Entrega de escolas em assentamentos rurais em áreas indígenas Mato Grosso



Fonte: SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO DO MATO GROSSO.  
“Fotos da entrega de escolas de assentamentos rurais em áreas indígenas”. Disponível em:  
<[http://www2.seduc.mt.gov.br/fundescola\\_assentamentos.htm](http://www2.seduc.mt.gov.br/fundescola_assentamentos.htm)>. Acesso em: 28 abr. 2008.

## ANEXO 3 - Imagens de escolas rurais na Amazônia



Fonte: AMAZÔNIA EM DADOS. Disponível em: <<http://www.amazonianet.org.br>>  
Acesso em: 28 abr. 2008.

São Paulo, 29 de junho de 2014.

Fernanda Mello Demai